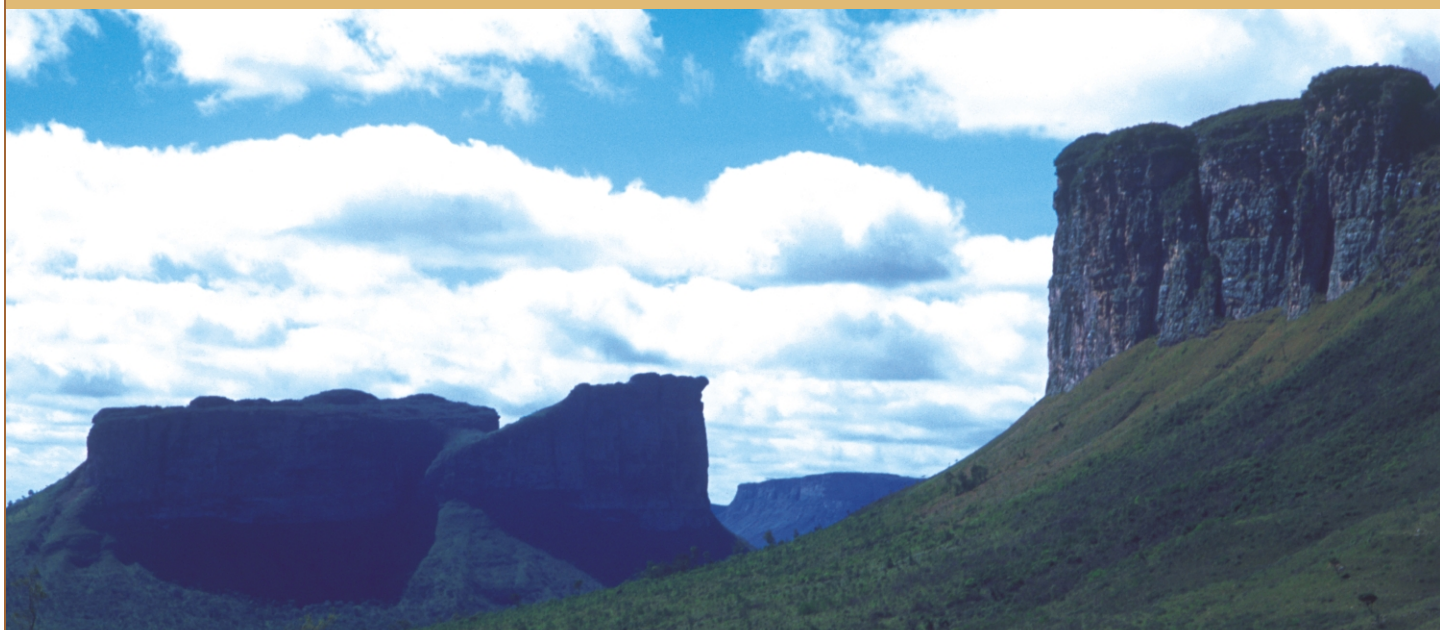




PDITS

**Plano de Desenvolvimento
Integrado do Turismo Sustentável**

Abril/04



Pólo Chapada Diamantina

Bahia - Brasil



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Paulo Ganem Souto

Governador

Secretaria da Cultura e Turismo - SCT

Paulo Renato Dantas Gaudenzi

Secretário

Superintendência de Investimento em Pólos Turísticos – SUINVEST

Érico Pina Mendonça Júnior

Superintendente

Equipe Técnica

FGV – Fundação Getúlio Vargas

Silvio Barros – Diretor Técnico

Alexandre Curvelo de Almeida Prado - Consultor

Danilo Nobre Kulaif – Consultor

Gleice Regina Guerra – Consultora

Ana Carolina Guimarães - Estagiária

SUINVEST – Superintendência de Investimentos em Pólos Turísticos

Superintendente: Érico Pina Mendonça Júnior

Diretora de Investimentos: Maria do Socorro Mendonça Vasconcelos

Diretor de Projetos: Antônio Fernando Andrade Lima

Coordenação Técnica do Projeto: Inez Maria Dantas Amor Garrido

Equipe Técnica: Ana Lúcia de Araújo Freire

Andréia Ferreira Brandão

Arthur Nemrod Menezes Guimarães

Dalva Garcia Sant'Ana

Délio Ferraz Pinheiro

Domira Fernandes Araújo

Jorge Antonio Santos Silva

Heloisa Helena Soares

Luciano Diniz Borges

Marcelo Gonçalves Carvalho

Maria das Graças Borja Gondim dos Santos Pereira

Maria Teresa Chenaud Sá de Oliveira

Mariana Pinho Cerqueira

Reinaldo Moreira Dantas

Roberta Andrade Carvalho

Wolfgang Reiber

Estagiários:

Angélia Amélia Soares Faddoul

Lia Mota Carvalho

Liane Santos de Miranda

Sheila Ferraz Gondim

CONSULTORES INDEPENDENTES

Rui Barbosa da Rocha – Engenheiro Florestal

Maria do Carmo Bicudo Barbosa – Arquiteta

Luis Augusto Biazzi – Economista

Adriana Fonseca Braga – Geógrafa

Madalena Gonçalves de Almeida – Arquiteta

Marcelo Antônio da Costa Silva - Publicitário, Especialista em sistema de informação geográfica – SIG

DWG – Mapas e Cartografia

ÍNDICE

1. RESUMO EXECUTIVO	1
2. AVALIAÇÃO DO PRODETUR / NE I.....	16
2.1. Avaliação dos Projetos de Transportes	17
2.2. Avaliação dos Projetos de Meio Ambiente	18
2.3. Indicadores de Desenvolvimento do Turismo	18
2.4. Outros Investimentos Públicos	19
2.5. Conclusão	20
3. DIAGNÓSTICO DA ÁREA DE PLANEJAMENTO.....	21
3.1. Área de Planejamento - Definição.....	23
3.1.1. Circuito Chapada Norte	25
3.1.2. Circuito do Diamante.....	26
3.1.3. Circuito do Ouro	27
3.1.4. Especialização dos diversos aspectos da Área de Planejamento	28
3.2. Dinâmica Socioeconômica.....	29
3.2.1. Análise da Dinâmica Econômica	30
3.2.1.1. Evolução Econômica Recente.....	30
3.2.1.2. Perfil Econômico Setorial da Área.....	35
3.2.1.3. Perfil Econômico Espacial da Área.....	40
3.2.1.4. O Setor Produtivo do Turismo	45
3.2.2. Análise Social	46
3.2.2.1. População	47
3.2.2.2. Condições de Vida.....	59
3.3. Infra-estrutura.....	77
3.3.1. Saneamento Básico – água e esgoto	78
3.3.1.1. Aspectos Gerais.....	78
3.3.1.2. O Pólo Turístico Chapada Diamantina.....	82
3.3.1.2.1. O Circuito Chapada Norte	84
3.3.1.2.2. O Circuito do Diamante	88
3.3.1.2.3. O Circuito do Ouro	92
3.3.1.3. Análise da Empresa Concessionária.....	95
3.3.1.4. Conclusão	98
3.3.2. Saneamento Básico – coleta e disposição de resíduos sólidos	100
3.3.2.1. Aspectos Gerais.....	100

3.3.2.2. O Pólo Turístico Chapada Diamantina.....	101
3.3.2.2.1. O Circuito Chapada Norte	103
3.3.2.2.2. O Circuito do Diamante	105
3.3.2.2.3. O Circuito do Ouro	107
3.3.2.4. Conclusão	108
3.3.3. Transporte	111
3.3.3.1. Transporte Rodoviário	111
3.3.3.1.1. O Pólo Turístico Chapada Diamantina.....	114
3.3.3.1.1.1. O Circuito Chapada Norte	116
3.3.3.1.1.2. O Circuito do Diamante	120
3.3.3.1.1.3. O Circuito do Ouro	122
3.3.3.2. Transporte Aéreo	124
3.3.3.2.1. O Pólo Turístico Chapada Diamantina.....	125
3.3.3.2.1.1. O Circuito Chapada Norte	127
3.3.3.2.1.2. O Circuito do Diamante	127
3.3.3.2.1.3. O Circuito do Ouro	127
3.3.3.3. Análise da Empresa Concessionária.....	128
3.3.3.3.1. Área Operacional e Custos	129
3.3.3.3.2. Área de Tecnologia.....	130
3.3.3.4. Conclusão	131
3.4. Patrimônio Histórico e Cultural	133
3.4.1. Diagnóstico do Patrimônio Histórico e Cultural	134
3.4.1.1. O Pólo Turístico Chapada Diamantina.....	135
3.4.1.1.1. Circuito Chapada Norte.....	140
3.4.1.1.2. Circuito do Diamante	142
3.4.1.1.3. Circuito do Ouro	146
3.4.2. Projetos e Programas	148
3.4.3. Conclusão	149
3.5. Aspectos Sócio - Ambientais	151
3.5.1. Aspectos Históricos da Ocupação	151
3.5.2. Circuito Chapada Norte	153
3.5.2.1. Caracterização Geral.....	153
3.5.2.2. Uso do Solo	154
3.5.2.3. Unidades de Conservação	154
3.5.2.4. Bacias Hidrográficas	155
3.5.2.5. Potencialidades Turísticas	156

3.5.3. Circuito do Diamante	157
3.5.3.1. Caracterização Geral	157
3.5.3.2. Uso do Solo	158
3.5.3.3. Unidades de Conservação	159
3.5.3.4. Bacias Hidrográficas	161
3.5.3.5. Potencialidades Turísticas	162
3.5.4. Circuito do Ouro	163
3.5.4.1. Caracterização Geral	163
3.5.4.2. Uso do Solo	164
3.5.4.3. Unidades de Conservação	164
3.5.4.4. Bacias Hidrográficas	166
3.5.4.5. Potencialidades Turísticas	167
3.5.5. Conclusão	168
3.6. Capacidade Institucional - Municipal	170
3.6.1. Capacidade de Planejamento e Implementação de Políticas	170
3.6.2. Capacidade de Administração e Gestão dos Municípios	174
3.6.2.1. Fontes de Receita e os Itens de Despesa	174
3.6.2.2. Nível de Participação dos Recursos na Receita Total	182
3.6.2.3. Composição das Receitas Constitucionais	183
3.6.2.4. Participação das Despesas com Pessoal	187
3.6.3. Capacidade de Gestão das Atividades Turísticas	189
3.6.3.1. Base Legal	189
3.6.3.2. Instrumentos de Gestão e Sistema de Informação	191
3.6.4. Conclusão	193
3.7. Capacitação do Setor Privado no Turismo	196
3.7.1. Investimentos do Setor Privado	196
3.7.1.1. Pólo Turístico Chapada Diamantina	197
3.7.1.1.1. Circuito Chapada Norte	199
3.7.1.1.2. Circuito do Diamante	201
3.7.1.1.3. Circuito do Ouro	205
3.7.2. Perfil do Setor Privado	206
3.7.2.1. Perfil do Setor Privado	206
3.7.2.1.1. Circuito Chapada Norte	207
3.7.2.1.2. Circuito do Diamante	207
3.7.2.1.3. Circuito do Ouro	208
3.7.2.2. Sistemas de Qualidade e Controle	209

3.7.2.3. Fornecedores do Setor Empresarial	210
3.7.2.4. Clientes do Setor Empresarial	213
3.7.3. Associativismo Empresarial	215
3.7.3.1. Pólo Turístico Chapada Diamantina	215
3.7.3.1.1. Circuito Chapada Norte	217
3.7.3.1.2. Circuito do Diamante	219
3.7.3.1.3. Circuito do Ouro	220
3.7.4. Relação Setor Público e Empresários	221
3.7.4.1. Poder Público Municipal	221
3.7.4.2. Problemática Empresarial	226
3.7.4.2.1. Circuito Chapada Norte	227
3.7.4.2.2. Circuito do Diamante	229
3.7.4.2.3. Circuito do Ouro	230
3.7.5. Considerações Finais	230
3.8. Produtos Turísticos e Atrativos	232
3.8.1. Inventário dos Atrativos	234
3.8.1.1. O Pólo Turístico Chapada Diamantina	236
3.8.1.1.1. Circuito Chapada Norte	242
3.8.1.1.2. Circuito do Diamante	248
3.8.1.1.3. Circuito do Ouro	258
3.8.1.2. As Trilhas da Chapada Diamantina	264
3.8.2. Competitividade	265
3.8.2.1. Relação Qualidade / Preço	266
3.8.2.2. Complementariedade	268
3.9. Qualidade e Oferta de Alojamento e Outros Equipamentos Turísticos	270
3.9.1. Alojamento Hoteleiro e Extra-hoteleiro	270
3.9.1.1. O Pólo Turístico Chapada Diamantina	270
3.9.1.1.1. Circuito Chapada Norte	272
3.9.1.1.2. Circuito do Diamante	275
3.9.1.1.3. Circuito do Ouro	281
3.9.2. Restaurantes Turísticos	283
3.9.2.1. Circuito Chapada do Norte	283
3.9.2.2. Circuito do Diamante	284
3.9.2.3. Circuito do Ouro	286
3.9.3. Agências de Viagens e Operadoras	287
3.9.4. Locadoras de Carros e Transportadoras	289

3.9.5. Animação e Entretenimento	291
3.9.6. Artesanato	292
3.9.7. Considerações Finais	294
3.10. Capacitação da População para o Turismo	296
3.10.1. Capacitação do Profissional para o Turismo	296
3.10.1.1. Empregos no Setor Turístico	297
3.10.1.2. Empregos nas Empresas Hoteleiras e Extra-hoteleiras	300
3.10.1.3. Empregos nas Empresas de Alimentação	302
3.10.1.4. Empregos em Agências de Receptivo	303
3.10.1.5. Empregos nas Demais Empresas	304
3.10.1.6. Instituições de Capacitação e Treinamento	307
3.10.1.7. Conclusão	311
3.11. Perfil do Turista	313
3.11.1. Evolução	313
3.11.2. Procedência	315
3.11.3. Meios de Transporte	316
3.11.4. Tipo de Alojamento	317
3.11.5. Forma de Organização da Viagem	318
3.11.6. Características Socioeconômicas	318
3.11.7. Marco de Motivação	321
3.11.8. Estadia Média	321
3.11.9. Gasto Médio	322
3.11.10. Percepção do Destino	322
3.11.11. Conclusão	327
3.12. Gastos Turísticos	328
3.12.1. Volume e Procedência	328
3.12.2. Distribuição dos Gastos	336
3.12.3. Conclusão	340
3.13. Investimentos Futuros do Setor Privado	343
3.13.1. Investimentos Realizados	344
3.13.2. Investimentos Previstos	345
3.13.3. Conclusão	346
3.14. Demanda Atual e Potencial	347
3.14.1. Demanda Atual	347
3.14.2. Demanda Potencial para 2010, 2015 e 2020	351

4. ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO	353
4.1. Análise Matriz Swot	355
4.2. Estratégias de Desenvolvimento Turístico	374
4.2.1. Vertentes, Visão e Missão	375
4.2.1.1. Visão	376
4.2.1.2. Missão	376
4.3. Áreas Estratégicas	377
4.3.1. Estratégia Estadual	377
4.3.1.1. Estrutura Pública	378
4.3.1.2. Gestão Municipal	379
4.3.1.3. Sócio-Educação	380
4.3.1.4. Integração	381
4.3.1.5. Produto Turístico	382
4.3.1.6. Conclusão	390
4.3.2. Ações e Projetos	392
4.3.2.1. Estratégias de Estrutura Pública	392
4.3.2.2. Estratégias de Gestão Municipal	398
4.3.2.3. Estratégias de Socioeducação	400
4.3.2.4. Estratégias de Integração	401
4.3.2.5. Estratégias de Produto Turístico	402
5. QUADROS PROSPECTIVOS	404
5.1. Impacto Quantitativo	407
5.1.1. Caracterização da Demanda	409
5.1.2. Distribuição do Fluxo por Períodos	411
5.1.3. Projeção Populacional	412
5.2. Conclusão	414
6. PLANO DE AÇÃO	415
6.1. Ações Propostas - PRODETUR/NE II	417
6.1.1. Prioridade A	419
6.1.1.1. Componente 1 – Fortalecimento da Capacidade Municipal para a gestão do município	420
6.1.1.2. Componente 2 – Planejamento Estratégico, Treinamento e infra-estrutura para o crescimento turístico	426
6.1.1.3. Componente 3 – Promoção de Investimentos do Setor Privado	435
6.1.2. Prioridade B	437

6.1.2.1. Componente 1 – Fortalecimento da Capacidade Municipal para a gestão do município	437
6.1.2.2. Componente 2 – Planejamento Estratégico, Treinamento e infra-estrutura para o crescimento turístico	442
6.1.3. Ações por Componente e Prioridade.....	447
6.1.3.1 Prioridade A.....	448
6.1.3.2 Prioridade B	451
6.2.Ações Não-Financiáveis	454
7. PARTICIPAÇÃO PÚBLICA E VALIDAÇÃO DO PDITS	456
7.1. O Planejamento Participativo.....	457
7.2. Resultados das Reuniões	459
7.2.1. Reuniões de Diagnóstico.....	461
7.2.2. Reuniões de Estratégia	462
7.3. Utilização das Informações da Comunidade.....	464
7.4. Conclusão	464

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 2.1. Projetos de transportes financiados pelo Prodetur
Tabela 2.2. Indicadores de crescimento do turismo
Tabela 3.1.1. Municípios da área de planejamento
Tabela 3.1.2. Municípios do Circuito Chapada Norte
Tabela 3.1.3. Municípios do Circuito do Diamante
Tabela 3.1.4. Municípios do Circuito do Ouro
Tabela 3.2.1. Produtos municipais e participação no PIB baiano / 1998
Tabela 3.2.2. Produto Interno Bruto Municipal - 1970-1996
Tabela 3.2.3. Composição percentual do PIB a preço de mercado corrente
Tabela 3.2.4. Estrutura setorial do PIB- Bahia
Tabela 3.2.5. Evolução percentual do PIB por setores – Bahia
Tabela 3.2.6. Principais atividades agroextrativistas da Chapada Norte
Tabela 3.2.7. Principais atividades agroextrativistas do Circuito do Diamante
Tabela 3.2.8. Principais atividades agroextrativistas do Circuito do Ouro
Tabela 3.2.9. Total da produção de animais – 2000
Tabela 3.2.10. Investimentos privados em Turismo 1991-2012
Tabela 3.2.11. Evolução da população – Pólo Turístico Chapada Diamantina
Tabela 3.2.12. Evolução da população por situação na Chapada Diamantina
Tabela 3.2.13. Distribuição etária da população – Circuito Chapada Norte
Tabela 3.2.14. Distribuição etária da população – Circuito do Diamante
Tabela 3.2.15. Distribuição etária da população – Circuito do Ouro
Tabela 3.2.16. Distribuição da população por gênero na Chapada Diamantina
Tabela 3.2.17. Evolução da expectativa de vida ao nascer BA/NE/Brasil
Tabela 3.2.18. Crescimento populacional por faixas Etárias 2000 - 2020
Tabela 3.2.19. Taxas populacionais projetadas – Bahia 2000 / 2020
Tabela 3.2.20. Densidade Demográfica e área dos municípios do Pólo
Tabela 3.2.21. Índice de desenvolvimento social dos municípios - 1998
Tabela 3.2.22. Evolução dos indicadores sociais municipais
Tabela 3.1.23. Evolução do coeficiente de mortalidade infantil por ano
Tabela 3.2.24. População estimada e PIB <i>per capita</i> dos municípios / 1998
Tabela 3.2.25. Índice de cobertura de abastecimento de água
Tabela 3.2.26. Índice de cobertura da coleta de lixo
Tabela 3.2.27. Índice de cobertura de esgoto
Tabela 3.2.28. Evolução da população alfabetizada

Tabela 3.2.29. Anos de estudo – Circuito Chapada Norte

Tabela 3.2.30. Anos de estudo – Circuito do Diamante

Tabela 3.2.31. Anos de estudo – Circuito do Ouro

Tabela 3.2.32. Anos de estudo da pessoa responsável pelo domicílio – Bahia

Tabela 3.2.33. Número de hospitais, leito e servidores de saúde

Tabela 3.3.1. Domicílios atendidos pelo sistema de abastecimento de água (%)

Tabela 3.3.2. População atendida por água (%)

Tabela 3.3.3. Domicílios atendidos pelo sistema de esgotamento sanitário

Tabela 3.3.4. Projetos de SAA concluídos a partir de 1990

Tabela 3.3.5. Projetos de SES concluídos a partir de 1990

Tabela 3.3.6. Domicílios atendidos pelo SAA (%) no Circuito Chapada Norte

Tabela 3.3.7. População atendida por água (%) no Circuito Chapada Norte

Tabela 3.3.8. Sistema de Abastecimento de Água no Circuito Chapada Norte

Tabela 3.3.9. Domicílios atendidos pelo SES no Circuito Chapada Norte

Tabela 3.3.10. Projetos de SAA concluídos a partir de 1990 no Circuito Chapada Norte

Tabela 3.3.11. Projetos de SES concluídos a partir de 1990 no Circuito Chapada Norte

Tabela 3.3.12. Domicílios atendidos pelo SAA (%) no Circuito do Diamante

Tabela 3.3.13. População atendida por água (%) no Circuito do Diamante

Tabela 3.3.14. Sistema de Abastecimento de Água no Circuito do Diamante

Tabela 3.3.15. Domicílios atendidos pelo SES no Circuito do Diamante

Tabela 3.3.16. Projetos de SAA concluídos a partir de 1990 no Circuito do Diamante

Tabela 3.3.17. Projetos de SES concluídos a partir de 1990 no Circuito do Diamante

Tabela 3.3.18. Domicílios atendidos pelo SAA (%) no Circuito do Ouro

Tabela 3.3.19. População atendida por água (%) no Circuito do Ouro

Tabela 3.3.20. Sistema de Abastecimento de Água no Circuito do Ouro

Tabela 3.3.21. Domicílios atendidos pelo SES no Circuito do Ouro

Tabela 3.3.22. Projetos de SAA concluídos a partir de 1990 no Circuito do Ouro

Tabela 3.3.23. Projetos de SES concluídos a partir de 1990 no Circuito do Ouro

Tabela 3.3.24. Contratos de concessão em vigor com a EMBASA

Tabela 3.3.25. Comparativo do destino do lixo

Tabela 3.3.26. Comparativo do destino do lixo na Chapada Norte

Tabela 3.3.27. Comparativo Percentual do destino do lixo na Chapada Norte

Tabela 3.3.28. Comparativo do destino do lixo no Circuito do Diamante

Tabela 3.3.29. Comparativo percentual do destino do lixo no Circuito do Diamante

Tabela 3.3.30. Comparativo do destino do lixo no Circuito do Ouro

Tabela 3.3.31. Comparativo percentual do destino do lixo no Circuito do Ouro

- Tabela 3.3.32. Rodovias no Circuito Chapada Norte
- Tabela 3.3.33. Linhas de transporte intermunicipal na Chapada Norte
- Tabela 3.3.34. Projetos realizados pela CONDER na Chapada Norte
- Tabela 3.3.35. Projetos realizados pela CAR na Chapada Norte
- Tabela 3.3.36. Rodovias no Circuito do Diamante
- Tabela 3.3.37. Linhas de transporte intermunicipal no Circuito do Diamante
- Tabela 3.3.38. Projetos de transporte rodoviário no Circuito do Diamante
- Tabela 3.3.39. Rodovias no Circuito do Ouro
- Tabela 3.3.40. Linhas de transporte intermunicipal no Circuito do Ouro
- Tabela 3.3.41. Projetos de transporte rodoviário no Circuito do Ouro
- Tabela 3.3.42. Projetos realizados pela CAR no Circuito do Ouro
- Tabela 3.3.43. Movimento de passageiros no Aeroporto de Lençóis
- Tabela 3.3.44. Aeroportos no Circuito Chapada Norte
- Tabela 3.3.45. Aeroportos no Circuito do Diamante
- Tabela 3.3.46. Aeroportos no Circuito do Ouro
- Tabela 3.4.1. Patrimônio histórico do Pólo Turístico Chapada Diamantina
- Tabela 3.4.2. Sítios arqueológicos no Pólo Turística Chapada Diamantina
- Tabela 3.4.3. Patrimônio histórico do Circuito Chapada Norte
- Tabela 3.4.4. Sítios arqueológicos no Circuito Chapada Norte
- Tabela 3.4.5. Patrimônio histórico do Circuito do Diamante
- Tabela 3.4.6. Sítios arqueológicos no Circuito do Diamante
- Tabela 3.4.7. Patrimônio histórico do Circuito do Ouro
- Tabela 3.5.1. Principais atrativos turísticos Circuito do Diamante
- Tabela 3.5.2. Locais de conjunto arquitetônico relevante
- Tabela 3.6.1. Ferramentas de gestão implementadas
- Tabela 3.6.2. Municípios por faixas de ferramentas de gestão
- Tabela 3.6.3. Receitas e despesas municipais nos Circuitos Turísticos
- Tabela 3.6.4. Receitas e despesas municipais no Circuito Chapada Norte
- Tabela 3.6.5. Receitas e despesas municipais no Circuito do Diamante
- Tabela 3.6.6. Receitas e despesas municipais no Circuito do Ouro
- Tabela 3.6.7. Composição das receitas constitucionais nos Circuitos Turísticos
- Tabela 3.6.8. Composição das receitas constitucionais na Chapada Norte
- Tabela 3.6.9. Composição das receitas constitucionais no Circuito Diamante
- Tabela 3.6.10. Composição das receitas constitucionais no Circuito do Ouro
- Tabela 3.6.11. Participação das despesas em obediência à Lei 82/95
- Tabela 3.6.12. Conselhos de Turismo e Meio Ambiente

Tabela 3.6.13. Ferramentas de gestão do turismo na Chapada Diamantina

Tabela 3.7.1. Investimentos privados na Chapada Diamantina

Tabela 3.7.2. Outros investimentos privados na Chapada Norte

Tabela 3.7.3. Outros investimentos privados no Circuito do Diamante

Tabela 3.7.4. Outros investimentos privados no Circuito do Ouro

Tabela 3.7.5. Formas de comercialização do produto

Tabela 3.7.6. Agências emissivas para a Chapada Diamantina

Tabela 3.7.7. Associações Comerciais e Industriais da Chapada Diamantina

Tabela 3.7.8. ACV Municipais da Chapada Diamantina

Tabela 3.7.9. Associações com atuação na atividade turística - Circuito Chapada Norte

Tabela 3.7.10. Associações com atuação na atividade turística- Circuito do Diamante

Tabela 3.7.11. Associações com atuação na atividade turística – Circuito do Ouro

Tabela 3.7.12. Órgãos municipais responsáveis pela atividade turística

Tabela 3.7.13. Atividades dos órgãos municipais responsáveis pelo turismo

Tabela 3.7.14. Conselhos Municipais de Turismo

Tabela 3.7.15. Problemática do setor privado – Circuito Chapada Norte

Tabela 3.7.16. Problemática do setor privado – Circuito do Diamante

Tabela 3.7.17. Problemática do setor privado – Circuito do Ouro

Tabela 3.8.1. Parâmetro de avaliação

Tabela 3.8.2. Peso dos quesitos de avaliação

Tabela 3.8.3. Atrativos totais nos Circuitos e na Chapada Diamantina

Tabela 3.8.4. Atrativos turísticos no Circuito Chapada Norte

Tabela 3.8.5. Atrativos turísticos no Circuito do Diamante

Tabela 3.8.6. Atrativos turísticos no Circuito do Ouro

Tabela 3.8.7. Trilhas na Chapada Diamantina

Tabela 3.8.8. Pacotes turísticos para a Chapada Diamantina

Tabela 3.8.9. Descrição de produtos turísticos concorrentes

Tabela 3.9.1. Número de UH e leitos de meios de hospedagem - Chapada Norte

Tabela 3.9.2. Instalações, equipamentos e serviços - Chapada Norte

Tabela 3.9.3. Outros meios de hospedagem - Chapada Norte

Tabela 3.9.4. Número de UH e leitos de meios de hospedagem – Circuito do Diamante

Tabela 3.9.5. Instalações, equipamentos e serviços - Circuito do Diamante

Tabela 3.9.6. Outros meios de hospedagem - Circuito do Diamante

Tabela 3.9.7. Número de UH e leitos de meios de hospedagem - Circuito do Ouro

Tabela 3.9.8. Instalações, equipamentos e serviços - Circuito do Ouro

Tabela 3.9.9. Outros meios de hospedagem - Circuito do Ouro

Tabela 3.9.10. Empreendimentos de alimentação do Circuito Chapada Norte

Tabela 3.9.11. Empreendimentos de alimentação do Circuito do Diamante

Tabela 3.9.12. Empreendimentos de alimentação do Circuito do Ouro

Tabela 3.9.13. Agências de turismo da Chapada Diamantina

Tabela 3.9.14. Agências de receptivo em implantação na Chapada

Tabela 3.9.15. Locadoras de carros da Chapada Diamantina

Tabela 3.9.16. Serviços informais de locação de veículos

Tabela 3.9.17. Serviços informais de transporte local

Tabela 3.9.18. Investimentos privados de animação e entretenimento

Tabela 3.9.19. Tipo de artesanato por município

Tabela 3.10.1. Estimativa de postos de trabalho em Turismo na Chapada

Tabela 3.10.2. Proporção de empregos no setor de turismo gerados na Bahia

Tabela 3.10.3. Total de empregos no setor de turismo – Bahia e Chapada

Tabela 3.10.4. Empregos diretos na hotelaria, segundo regiões turísticas

Tabela 3.10.5. Empregos gerados pelo turismo por ramo de atividade

Tabela 3.10.6. Taxa de alfabetização na Chapada Diamantina

Tabela 3.10.7. Principais ocupações em hotéis e pousadas

Tabela 3.10.8. Principais ocupações em bares e restaurantes

Tabela 3.10.9. Principais ocupações em agência de viagem

Tabela 3.10.10. Principais ocupações em lazer e entretenimento

Tabela 3.10.11. Principais ocupações em transportes

Tabela 3.10.12. Instituições de ensino no Brasil – Cursos de Turismo

Tabela 3.10.13. Cursos oferecidos pelo SEBRAE para a atividade turística

Tabela 3.10.14. Cursos de capacitação no Turismo por município

Tabela 3.11.1. Evolução da demanda turística em Lençóis (em mil *pax*)

Tabela 3.11.2. Procedência da demanda turística

Tabela 3.11.3. Procedência da demanda turística - Lençóis

Tabela 3.11.4. Meios de transporte utilizados pela demanda turística

Tabela 3.11.5. Tipo de alojamento

Tabela 3.11.6. Forma da organização da viagem em 2000

Tabela 3.11.7. Sexo dos visitantes em 2000

Tabela 3.11.8. Faixa etária dos visitantes em 2000

Tabela 3.11.9. Ocupação principal dos visitantes em 2000

Tabela 3.11.10. Renda dos visitantes de Lençóis

Tabela 3.11.11. Marco de motivação dos visitantes em 2000

Tabela 3.11.12. Estadia média

Tabela 3.11.13. Gasto médio diário individual
Tabela 3.11.14. Avaliação quanto ao nível dos preços
Tabela 3.11.15. Avaliação quanto à infra-estrutura urbana
Tabela 3.11.16. Avaliação quanto à comunicação
Tabela 3.11.17. . Avaliação quanto aos atrativos
Tabela 3.11.18. Avaliação quanto aos equipamentos e serviços
Tabela 3.11.19. O que mais agradou
Tabela 3.11.20. O que menos agradou
Tabela 3.12.1. Participação dos mercados emissores nos gastos turísticos
Tabela 3.12.2. GMDI dos turistas segundo a residência permanente
Tabela 3.12.3. Permanência média segundo a procedência dos turistas
Tabela 3.12.4 Comparação do GMDI dos mercados de Lençóis e do Brasil
Tabela 3.12.5. Despesa e receita do turismo doméstico no Brasil por região
Tabela 3.12.6. Distribuição de gastos segundo procedência dos turistas
Tabela 3.12.7. Gastos do turista brasileiro por forma de org. da viagem
Tabela 3.12.8. Total dos gastos turísticos por categoria
Tabela 3.12.9. Impacto fiscal dos gastos turísticos por categoria
Tabela 3.12.10. Total dos gastos turísticos por categoria
Tabela 3.12.11. Síntese do impacto econômico dos gastos turísticos
Tabela 3.13.1. Tipo de empreendimento pretendido na Bahia
Tabela 3.13.2. Investimentos privados realizados na Chapada Diamantina
Tabela 3.13.3. Investimentos privados previstos na Chapada Diamantina
Tabela 3.14.1. Evolução da receita turística em Lençóis
Tabela 3.14.2. Gasto médio diário individual
Tabela 3.14.3. Fluxo de passageiros no Aeroporto de Lençóis
Tabela 3.14.4. Projeção da demanda turística em Lençóis
Tabela 4.1. Áreas de interesse turístico
Tabela 4.2. Estruturas de apoio turístico
Tabela 4.3. Circuitos turísticos e produtos
Tabela 4.4. Grau de atratividade e/ou conservação dos atrativos
Tabela 4.5. Qualidade da gestão pública
Tabela 4.6. Preços turísticos e competitividade
Tabela 4.7. Promoção turística
Tabela 4.8. Planejamento
Tabela 4.9. Organização e capacidade empresarial do setor turístico
Tabela 4.10. Mercados emergentes

Tabela 4.11. Gastronomia e artesanato

Tabela 4.12. Condições de acessibilidade

Tabela 4.13. Condições de saneamento básico

Tabela 4.14. Segurança pública

Tabela 4.15. Áreas Estratégicas e Atores Executores

Tabela 4.16. Principais diferenciais do Pólo e respectivos Circuitos

Tabela 5.1. Taxas de crescimento anual para o fluxo e receita turística - 2003/2020

Tabela 5.2. Quadro-Resumo do Pólo Chapada Diamantina

Tabela 5.3. Projeção de fluxo turístico por características - cenário moderado

Tabela 5.4. Projeção de fluxo turístico por meses - cenário moderado

Tabela 5.5. Projeção de turistas por período e necessidade de uhs

Tabela 5.6. Projeção populacional (2000 - 2020) – Bahia

Tabela 6.1. Componente 1 - Fortalecimento da Gestão Municipal para a Gestão do Turismo

Tabela 6.2. Componente 2 - Planejamento Estratégico, Treinamento e Infra-estrutura para o Crescimento Turístico

Tabela 6.3. Componente 3 - Promoção de Investimentos do Setor Privado

Tabela 6.4. Projetos e ações não-financeáveis

Tabela 7.1. Reuniões com a comunidade - PDITS do Pólo Turístico Chapada Diamantina

ÍNDICE DE GRÁFICOS

- Gráfico 3.2.1. Evolução percentual do PIB por setores – Bahia
- Gráfico 3.2.2. Evolução da população – Pólo Chapada Diamantina
- Gráfico 3.2.3. Pirâmides etárias – Circuito Chapada Norte
- Gráfico 3.2.4. Pirâmides etárias – Circuito do Diamante
- Gráfico 3.2.5. Pirâmides etárias – Circuito do Ouro
- Gráfico 3.2.6. Evolução da expectativa de vida ao nascer – BA/NE/Brasil
- Gráfico 3.2.7. Evolução dos anos de estudo – Bahia
- Gráfico 3.3.1. Comparativo do Destino do Lixo
- Gráfico 3.3.2. Movimento de Passageiros no Aeroporto de Lençóis (%)
- Gráfico 3.4.1. Porcentagem de monumentos na Chapada Diamantina
- Gráfico 3.4.2. Grau de Proteção Indicado (%)
- Gráfico 3.4.3. Porcentagem de Sítios Arqueológicos nos Circuitos
- Gráfico 3.6.1. Média de ferramentas de gestão nos municípios dos Circuitos
- Gráfico 3.6.2. Ferramentas de gestão nos Circuitos
- Gráfico 3.6.3. Comparativo entre Receitas e Despesas nos Circuitos
- Gráfico 3.6.4. Evolução das receitas e despesas nos municípios
- Gráfico 3.6.5. Participação das fontes de receita na receita total
- Gráfico 3.6.6. Participação das despesas na Chapada Diamantina
- Gráfico 3.7.1. Grau de escolaridade dos empresários na Chapada Diamantina
- Gráfico 3.7.2. Grau de capacitação dos empresários na Chapada Diamantina
- Gráfico 3.7.3. Grau de escolaridade dos empresários no Circuito Chapada Norte
- Gráfico 3.7.4. Grau de capacitação dos empresários no Circuito Chapada Norte
- Gráfico 3.7.5. Grau de escolaridade dos empresários no Circuito do Diamante
- Gráfico 3.7.6. Grau de capacitação dos empresários no Circuito do Diamante
- Gráfico 3.7.7. Grau de escolaridade dos empresários no Circuito do Ouro
- Gráfico 3.7.8. Grau de capacitação dos empresários no Circuito do Ouro
- Gráfico 3.7.9. Fornecedores de hortifrutigranjeiros
- Gráfico 3.7.10. Fornecedores de hortifrutigranjeiros fora da Chapada
- Gráfico 3.7.11. Fornecedores de carnes
- Gráfico 3.7.12. Fornecedores de carnes fora da Chapada Diamantina
- Gráfico 3.7.13. Fornecedores de suprimentos
- Gráfico 3.7.14. Fornecedores de suprimentos fora da Chapada Diamantina
- Gráfico 3.7.15. Fornecedores de enxoval e equipamentos
- Gráfico 3.7.16. Empreendimentos com mão-de-obra com capacitação no Circuito do Diamante

- Gráfico 3.8.1. Atrativos por Circuitos Turísticos e por localização
- Gráfico 3.8.2. Categoria dos atrativos na Chapada Diamantina
- Gráfico 3.8.3. Avaliação dos atrativos na Chapada Diamantina
- Gráfico 3.8.4. Demanda nos atrativos turísticos da Chapada Diamantina
- Gráfico 3.8.5. Sazonalidade nos atrativos da Chapada Diamantina
- Gráfico 3.8.6. Distribuição dos atrativos na Chapada Norte
- Gráfico 3.8.7. Atrativos no Circuito Chapada Norte
- Gráfico 3.8.8. Categoria dos atrativos no Circuito Chapada Norte
- Gráfico 3.8.9. Avaliação dos atrativos no Circuito Chapada Norte
- Gráfico 3.8.10. Demanda nos atrativos turísticos da Chapada Norte
- Gráfico 3.8.11. Sazonalidade nos atrativos da Circuito Chapada Norte
- Gráfico 3.8.12. Distribuição dos atrativos no Circuito do Diamante
- Gráfico 3.8.13. Atrativos no Circuito do Diamante
- Gráfico 3.8.14. Categoria dos atrativos no Circuito do Diamante
- Gráfico 3.8.15. Avaliação dos atrativos no Circuito do Diamante
- Gráfico 3.8.16. Demanda nos atrativos turísticos do Circuito do Diamante
- Gráfico 3.8.17. Sazonalidade nos atrativos do Circuito do Diamante
- Gráfico 3.8.18. Distribuição dos atrativos no Circuito do Ouro
- Gráfico 3.8.19. Atrativos no Circuito do Ouro
- Gráfico 3.8.20. Categoria dos atrativos no Circuito do Ouro
- Gráfico 3.8.21. Avaliação dos atrativos no Circuito do Ouro
- Gráfico 3.8.22. Demanda nos atrativos turísticos do Circuito do Ouro
- Gráfico 3.8.23. Sazonalidade nos atrativos do Circuito do Ouro
- Gráfico 3.10.1. N^o de empregados no turismo e em hospedagem
- Gráfico 3.10.2. N^o de empregados nas atividades de alimentação
- Gráfico 3.10.3. N^o de empregados nas agências de receptivo
- Gráfico 3.10.4. N^o de empregados em turismo e lazer
- Gráfico 3.10.5. N^o de empregados no setor de transporte e turismo
- Gráfico 3.11.1. Evolução da demanda turística em Lençóis (em mil *pax*)
- Gráfico 3.11.2. Procedência da demanda turística em Lençóis
- Gráfico 3.11.3. Meios de transporte utilizados pela demanda turística
- Gráfico 3.11.4. Faixa etária dos visitantes em 2000
- Gráfico 3.11.5 Renda dos visitantes de Lençóis
- Gráfico 3.11.6. Marco de motivação dos visitantes em 2000
- Gráfico 3.11.7. Avaliação quanto ao nível dos preços –Lençóis 2001
- Gráfico 3.11.8. O que mais agradou

Gráfico 3.11.9. O que menos agradou

Gráfico 3.12.1. Participação dos mercados emissores nos gastos turísticos

Gráfico 3.12.2. GMDI dos turistas segundo a residência permanente

Gráfico 3.12.3. Permanência média segundo a procedência dos turistas

Gráfico 3.12.4. Despesa e receita do turismo doméstico por região

Gráfico 3.12.5. Estrutura de gastos dos turistas – Lençóis 2001 (%)

Gráfico 3.12.6. Gastos do turista brasileiro por forma de org. da viagem

Gráfico 3.12.7. Comparação os gastos turísticos

Gráfico 3.14.1. Gasto médio diário Individual GMDI – Lençóis

Gráfico 3.14.2. Fluxo de passageiros no Aeroporto de Lençóis

Gráfico 7.1. Participantes das reuniões de diagnóstico por setor

Gráfico 7.2. Participantes das reuniões de estratégia por setor

ÍNDICE DE CARTOGRAMAS

Cartograma 3.1.1. Área de planejamento do Pólo Chapada Diamantina
Cartograma 3.1.2. Área do Circuito Chapada Norte
Cartograma 3.1.3. Área do Circuito do Diamante
Cartograma 3.1.4. Área do Circuito do Ouro
Cartograma 3.2.1. PIB municipal no Pólo Chapada Diamantina (1998)
Cartograma 3.2.2. Produção agroextrativista e pecuária
Cartograma 3.2.3. Percentual da população urbana – Chapada Diamantina
Cartograma 3.2.4. População alfabetizada – Chapada Diamantina
Cartograma 3.3.1. Rodovias no Estado da Bahia
Cartograma 3.3.2. Rodovias no Pólo Turístico Chapada Diamantina
Cartograma 3.3.3. Rodovias no Circuito Chapada Norte
Cartograma 3.3.4. Rodovias no Circuito do Diamante
Cartograma 3.3.5. Rodovias no Circuito do Ouro
Cartograma 3.3.6. Organograma da DERBA
Cartograma 3.8.1. Situação dos atrativos na Chapada Diamantina
Cartograma 3.8.2. Tipologia dos atrativos na Chapada Diamantina
Cartograma 3.8.3. Algumas trilhas na Chapada Diamantina
Cartograma 3.9.1. Oferta técnica de meios de hospedagem e agências
Cartograma 3.9.2. Oferta técnica de restaurantes e locadoras
Cartograma 4.1. Categorias principais de turismo no Circuito Chapada Norte
Cartograma 4.2. Categorias principais de turismo no Circuito do Diamante
Cartograma 4.3. Categorias principais de turismo no Circuito do Ouro

ÍNDICE DE MAPAS

Áreas Frágeis e Potenciais/Atrações e Produtos Turísticos – Circuito Chapada Norte
Áreas Frágeis e Potenciais/Atrações e Produtos Turísticos – Circuito do Diamante
Áreas Frágeis e Potenciais/Atrações e Produtos Turísticos – Circuito do Ouro
Investimentos Públicos e Privados – Circuito Chapada Norte
Investimentos Públicos e Privados – Circuito do Diamante
Investimentos Públicos e Privados – Circuito do Ouro

ÍNDICE DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- **APA** - Área de Proteção Ambiental
- **ARIE** – Área de relevante interesse ecológico
- **BAHIATURSA** – Empresa de Turismo da Bahia S. A
- **COELBA** – Companhia de Eletricidade da Bahia
- **CRA** – Centro de Recursos Ambientais do Estado da Bahia
- **DERBA** – Departamento de Estradas de Rodagem da Bahia.
- **DOU** – Diário Oficial da União
- **EIA/RIMA** – Estudo de Impacto Ambiental / Relatório de Impacto Ambiental
- **EMBASA** – Empresa Baiana de Águas e Saneamento S. A
- **EMBRATUR** – Instituto Brasileiro de Turismo
- **IBAMA** – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
- **IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- **IPAC** – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural
- **IPHAN** - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- **OMT** – Organização Mundial do Turismo
- **ONG** – Organização Não Governamental
- **PARNA** – Parque Nacional
- **PDITS** - Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável
- **PRODETUR** – Programa de Desenvolvimento do Turismo
- **RPPN** – Reserva Particular de Patrimônio Natural
- **SAA** – Sistema de abastecimento de água
- **SCT** – Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia
- **SEI** – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
- **SES** – Sistema de esgotamento sanitário
- **SWOT** – Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats (Pontos Fortes, Pontos Fracos, Oportunidades e Riscos)
- **TR** – Termo de Referência
- **UH** - Unidade Habitacional
- **UNESCO** – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

1. RESUMO EXECUTIVO



1. Resumo Executivo

O presente capítulo tem por objetivo fornecer um panorama geral das análises e considerações apresentadas nos itens subsequentes do Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – PDITS no Pólo Turístico Chapada Diamantina, que foi realizado no âmbito do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste do Brasil PRODETUR/NE II. A primeira fase do referido programa ocorreu entre os anos de 1994 e 2000.

Em relação aos investimentos específicos do PRODETUR/NE I na área objeto de estudo, é necessário salientar que grande parte das intervenções propostas, quando de sua elaboração, não foram de fato implementadas. Neste sentido, haviam sido previstos investimentos na ordem de US\$ 53,5 milhões, entretanto, apenas US\$ 7.538.635,88 foram efetivamente investidos. Entre os projetos propostos para o setor de transportes, foi realizado 100% da construção do Aeroporto Horácio de Mattos, em Lençóis, que foi inaugurado no 2º semestre de 1998, com um investimento total de US\$ 7.469.000,000. Em relação aos projetos na área de meio ambiente, foram realizados os Planos de Manejo da Área de Proteção Ambiental de Marimbus/Iraquara e da Área de Proteção Ambiental da Serra do Barbado, com investimento total de US\$ 69.635,88.

Apesar de poucas intervenções terem sido de fato implementadas no Pólo Turístico Chapada Diamantina no âmbito do PRODETUR/NE I, outros investimentos públicos do Governo do Estado da Bahia foram realizados na área objeto de estudo a partir do ano de 1991. Do total de investimentos previstos para o período entre os anos de 1991 e 2005 (US\$ 170.619.000,00), 55,2% correspondem a obras já concluídas, 43,7% a obras em fase de elaboração de projetos e 1,2% encontram-se atualmente em execução. Desta forma, foram alocados recursos públicos, desde o ano de 1991, em projetos no setor de transportes, obras de energia elétrica, saneamento, entre outras áreas. Todavia, destaca-se que os projetos nas áreas de preservação ambiental, recuperação urbanística e do patrimônio histórico receberam um percentual reduzido de recursos (cerca de 1,1% dos projetos concluídos), o que reforça a importância de novos investimentos nestas áreas.

Quanto aos indicadores demonstrativos de resultados do desenvolvimento do turismo referentes aos investimentos realizados pelo PRODETUR/NE I, entende-se que foram diminutos devido à sua abrangência e significância – relacionados unicamente ao Aeroporto de Lençóis.

A área de planejamento do Pólo Turístico Chapada Diamantina é composta por 28 municípios da região central do Estado da Bahia, abrangendo uma área total de

40.246,2 km², situados a cerca de 400 km de Salvador, 1100 km de Brasília e 1.800 km de São Paulo, que atualmente são os maiores pólos emissores de turistas para a região. Para facilitar o processo de planejamento deixando-o mais sistêmico, os municípios foram agrupados em três circuitos distribuídos latitudinalmente, quais sejam: (i) **Circuito Chapada Norte**, composto pelos municípios de Bonito, Caém, Campo Formoso, Jacobina, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Ouro-lândia, Piritiba, Saúde, Utinga e Wagner; (ii) **Circuito do Diamante**, abrangendo Andaraí, Ibicoara, Iraquara, Itaetê, Lençóis, Mucugê, Nova Redenção, Palmeiras e Seabra; e (iii) **Circuito do Ouro**, composto por Abaíra, Érico Cardoso, Jussiape, Livramento de Nossa Senhora, Paramirim, Piatã, Rio de Contas e Rio do Pires.

A área objeto de estudo tem sua história relacionada a momentos importantes da história nacional, como o de exploração do garimpo nos séculos XVII, XVIII e XIX, e a Coluna Prestes no início do século XX. No entanto, chega ao início do século XXI com sua economia baseada na agricultura, na pecuária e no turismo, que começou a se desenvolver principalmente a partir da década de 1990. Neste sentido, a atividade turística encontra na região um rico e diversificado cenário paisagístico, caracterizado por formações rochosas singulares, bem como pela existência de inúmeras cachoeiras, poços, cavernas, lagoas etc. Ao mesmo tempo, seu desenvolvimento já causa efeitos positivos e impactos negativos relacionados às comunidades e ao meio ambiente.

A evolução socioeconômica nos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina seguiu o padrão dos ciclos econômicos ocorridos no interior baiano, tendo seu início com a introdução da pecuária extensiva na região no século XVI. Posteriormente, durante o século XVIII, se instalou no interior baiano a cultura algodoeira, criando novas perspectivas de emprego e causando um significativo fluxo migratório para a região. No entanto, o ciclo econômico mais relevante para a região da Chapada Diamantina iniciou-se somente por volta dos anos 1817 e 1818, quando ocorreu a descoberta de diamante na região da Serra do Sincorá, o que deu início ao Ciclo do Garimpo. Com o começo da derrocada da produção diamantífera na Chapada em 1866, outro tipo de atividade mineradora surgiu como opção econômica, a extração de carbonato, que perdurou até a década de 1940. A partir de então, a região atravessou uma forte estagnação econômica observando-se, inclusive, um grande êxodo populacional, só melhorando sua situação na década de 1990, com o desenvolvimento de uma agricultura de ponta e da atividade turística, ainda que de forma desordenada do ponto de vista do planejamento estratégico do turismo.

A estrutura setorial do produto interno bruto baiano modificou-se substancialmente a partir do ano de 1975. O setor primário passou a ser responsável por um menor percentual do PIB e os setores secundário e terciário passaram a ter maior peso na economia. Observa-se, todavia, uma retomada do crescimento do setor primário na economia baiana entre 1999 e 2000, que é fruto de uma maior utilização de tecnologias no plantio e beneficiamento de gêneros agrícolas.

Nos municípios da região objeto de estudo, tal fenômeno ocorreu de forma mais moderada, o que reflete a grande importância do setor agropecuário nas economias destes municípios. Assim, são muitos os municípios em que a agropecuária participa em mais de 50% na formação do produto. Por outro lado, verifica-se que no total do PIB do pólo em 2000, cerca de um terço provém da agropecuária. Dentre os municípios que mais participam da geração desse PIB primário, tem-se Ibicoara, Livramento de Nossa Senhora, Campo Formoso e Bonito. A indústria de transformação aparece com alguma importância na formação do PIB de Jacobina, Abaíra e Lençóis e, a de construção civil em Campo Formoso e Jacobina, que possuem empresas que atendem à região. Em relação ao setor terciário, verifica-se que vários municípios do pólo não apresentam um setor de comércio bem desenvolvido no que se refere à sua participação na estrutura produtiva interna do município.

Em termos de volume, o Circuito Chapada Norte corresponde à maior economia do pólo - aproximadamente 52% em termos de PIB municipal no ano de 2000. Já o Circuito do Diamante representa 23% e o Circuito do Ouro 22%. Destaca-se que a representatividade econômica dos municípios da região perante o Estado da Bahia cresceu substancialmente entre 1996 e 2000, passando de 1,2% em 1996, para 2,5% em 2000. Desta forma, a economia do pólo apresentou um crescimento anual de 30,2%, o que corresponde a um crescimento econômico bastante superior ao observado em Salvador e em todo o Estado da Bahia, que foram, respectivamente, de -4,5% e 8,9%. Nota-se que em muitos municípios da área objeto de estudo, como Rio de Contas e Lençóis, o turismo vem sendo o responsável por este crescimento econômico.

Os municípios do pólo têm, portanto, uma base econômica primária com certo desenvolvimento e importância econômica, tendo alguns municípios também uma atividade secundária e terciária de expressão, que, em maior ou menor extensão, atendem às necessidades de demanda regional. Deste modo, as atividades turísticas em desenvolvimento nestes municípios se acrescentam a tal base econômica prevalecente, fortalecendo e dinamizando suas economias.

O Pólo Turístico Chapada Diamantina possui, segundo o Censo Demográfico de 2000, uma população de mais de 570 mil habitantes, correspondendo a 4,36% da população baiana. Quantitativamente, o Circuito Chapada Norte representa aproximadamente 53% da população do pólo, o Circuito do Diamante cerca de 24%, e o Circuito do Ouro em torno de 23%. A maior parte desse contingente populacional vive no campo, com a região apresentando um movimento populacional em direção aos centros urbanos dos municípios menor do que o observado no Estado da Bahia e no Brasil entre as duas últimas décadas.

A população da Chapada Diamantina é predominantemente jovem, aproximadamente 70% dos habitantes possui menos de 34 anos e apenas 6,7% tem mais de 65 anos. Observa-se, contudo, que a expectativa de vida nos municípios do pólo, apesar de estar ainda situada em patamares inferiores a do Brasil, vem apresentando uma melhora de forma geral. O adensamento populacional no pólo é considerado baixo, aproximadamente 16 hab/km².

Analisando-se a evolução do Índice de Desenvolvimento Humano – IDH entre os anos de 1991 e 2000 no Brasil, observa-se que o componente educação foi responsável por 60,78% do aumento do IDH-M no país. Já a renda contribuiu com 25,78% e a longevidade com 13,44% no crescimento do índice. Em todos os estados, a educação foi o componente que mais influenciou no aumento do IDH-M, sendo que em 21 deles, sua participação foi maior que 50% do acréscimo. Em comparação com os outros estados da federação, o Estado da Bahia apresentou uma melhora de 15,3% de seu IDH, passando da 22ª para a 20ª posição no Brasil. Comparando-se os dados relativos ao IDH do Estado da Bahia e do Brasil com os dos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina, observa-se que estes apresentam indicadores de condições de vida relativamente baixos.

Dos três circuitos que compõem o Pólo Turístico Chapada Diamantina, o que apresenta a melhor situação em relação ao IDH é o Circuito do Ouro, com um índice médio de 0,657 no ano de 2000. Neste circuito, destaca-se positivamente a evolução do índice entre 1991 e 2000 nos municípios de Abaíra (melhora de 15,2% e o 43º IDH do estado) e Paramirim, cuja melhora no índice foi de 22,7%, ocupando a 45ª posição no Estado. O pior índice é o de Rio do Pires (0,635 em 2000, o 161º município do estado). Já no Circuito Chapada Norte, o IDH médio dos municípios foi de 0,608 no ano de 2000 (22,4% de melhora em relação a 1991). Destaca-se no circuito a melhora do indicador no município de Campo Formoso, que é o segundo município mais populoso de todo o pólo, passando de 0,474 em 1991 para 0,613 em 2000, o que fez com que o município saltasse da 327ª posição para a 245ª no Estado da Bahia. Já em Ourolândia, apesar da melhora significativa do índice de 31,6% entre 1991 e 2000, o município ainda ocupa as últimas colocações no âmbito estadual (408ª posição). No Circuito do Diamante, o município de Lençóis apresentou uma melhora de 20,5% de seu IDH, entretanto, saiu da 219ª posição para a 240ª dentro do Estado. A média do circuito melhorou cerca de 21,1% entre 1991 e 2000, todavia, seu IDH médio ficou abaixo do índice baiano.

Quanto ao abastecimento de água nos domicílios do Estado da Bahia, percebe-se que ao longo da década de 90 estes experimentaram um crescimento na cobertura do abastecimento de água, em razão de investimentos em implantação de novos sistemas ou da extensão dos serviços em rede: em 2000, 69,5% das moradias estavam ligadas à rede geral, contra 52,2% delas, em 1991. Trata-se de uma tendência verificada tanto nas cidades como no campo. Com efeito, entre os domicílios baianos urbanos, aqueles servidos por rede geral saltaram de 79,4%, em 1991, para 89,4%, em 2000. No universo rural, o avanço dos serviços em rede é marcante, atingindo 24,0% das residências em 2000, contra 9,3%, em 1991.

Neste sentido, quanto ao abastecimento de água nos domicílios da área objeto de estudo, pode-se perceber que este acompanhou a mesma forma de desenvolvimento ocorrida no Estado da Bahia. Dos 28 municípios que compõem o Pólo Turístico Chapada Diamantina, 12 registraram proporções de domicílios urbanos abastecidos por rede superiores à média baiana (89,4%), variando entre 99,1% e 90,1%. Dentre estes destacam-se cinco municípios integrantes do Circuito do Ouro (Abaíra, Piatã, Rio de Contas, Rio do Pires e Jussiape) e mais sete compreendidos entre os Circuitos Chapada Norte e Diamante (Mucugê, Campo

Formoso, Iraquara, Piritiba, Utinga, Miguel Calmon e Lençóis). É importante notar-se que entre estes últimos concentram-se os municípios de maiores contingentes populacionais urbanos e de maior fluxo turístico da região. Os demais municípios (16), com percentuais inferiores à média estadual, apresentam uma proporção de domicílios urbanos ligados à rede de abastecimento de água que varia entre 89,1% (Seabra) e 59,3% (Bonito).

Assim, ao longo da década de 1990, este sistema experimentou uma melhoria na cobertura do abastecimento de água às custas, basicamente, da extensão dos serviços em rede: em 2000, 69,5% das moradias estavam ligadas à rede geral, contra 52,2% delas, em 1991. Ou seja, os investimentos concentraram-se mais na ampliação do existente do que na implantação de novos.

Com relação ao esgotamento sanitário, a década de 1990 no Pólo Turístico Chapada Diamantina não apresentou significativa mudança de forma geral. No entanto, é possível notar que alguns municípios apresentaram uma melhoria significativa, como Jacobina e Lençóis que saíram de um percentual em esgotamento sanitário írisório em 1991 para alcançarem quase 40% de domicílios ligados à rede em 2001. Isto se deve à implantação do sistema de esgotamento sanitário de Lençóis e de Jacobina em 1999.

Entende-se que o item de saneamento básico relativo a água e esgoto no Pólo Turístico Chapada Diamantina necessita de maiores investimentos visando, sobretudo, a viabilidade do turismo, salubridade ambiental e a melhoria da qualidade de vida da população local. Neste sentido, e já destacado anteriormente quando da elaboração do relatório do PRODETUR/NE I, já haviam sido recomendados a construção e/ou a ampliação dos sistemas de abastecimento e esgotamento sanitário para a região.

A questão da coleta e destino dos resíduos sólidos para a sociedade brasileira pode ser considerada como uma das mais críticas. Tal fato decorre não só da reduzida capacidade do setor público na gestão da coleta e disposição dos resíduos, como também da ausência de consciência social sobre o problema. Assim, enquanto já existe um certo amadurecimento relacionado à necessidade de sistemas eficientes de abastecimento de água, o mesmo não ocorre na questão do esgotamento sanitário e do lixo urbano.

No Estado da Bahia, ao longo da década de 1990, verificou-se o aumento da cobertura dos serviços de coleta de lixo doméstico, graças, fundamentalmente, ao melhor desempenho da coleta direta: a proporção de domicílios atendidos por coleta salta de 41,1%, em 1991, para 61,7% em 2000. Como seria de esperar, pela própria natureza de tais serviços, esta evolução é ditada pelos domicílios urbanos dos quais 65,2%, em 1991 e 85,6%, em 2000, tinham o lixo coletado (direta ou indiretamente) e graças à melhoria da cobertura da coleta direta, que atinge a 70% das moradias urbanas em 2000 (contra 46,1% em 1991), evidenciando a estruturação mais eficaz das municipalidades quanto à limpeza urbana.

Neste sentido, no Pólo Turístico Chapada Diamantina, identifica-se que apesar da região como um todo ter apresentado uma melhoria significativa no sistema de coleta de lixo, praticamente dobrando o volume percentual de domicílios

atendidos, este ainda se encontra aquém do esperado e desejável para uma região que pretende desenvolver o ecoturismo. Nota-se que entre os três circuitos o que mais evoluiu na década passada, em termos de coleta domiciliar, foi o do Diamante, que passou de aproximadamente 9% de domicílios com coleta de lixo em 1990, para cerca de 34% em 2000. Nesse sentido, ainda existem questões relacionadas à coleta que precisam ser resolvidas junto com a solução para destino final. Desta forma, apesar da melhora da coleta de lixo, a inadequação da destinação dada a esses resíduos coletados ainda representa uma realidade muito distante daquela considerada ideal para uma região com reconhecido potencial para o ecoturismo, no qual as atividades turísticas devem, via de regra, desenvolver-se sob parâmetros sócio-ambientais sustentáveis.

O panorama dos transportes no Estado da Bahia caracteriza-se pela predominância, quase absoluta, do modo rodoviário, em detrimento dos modos ferroviário, hidroviário e aeroportuário, sendo que atualmente, a situação do sistema de transportes da Bahia é bastante deficiente. Observa-se neste sistema o obsolescimento da infra-estrutura ferroviária e a ineficiência e/ou inoperância da navegação marítima ou de cabotagem.

O Pólo Turístico Chapada Diamantina apresenta um panorama similar ao do Estado da Bahia, destacando-se entre os eixos rodoviários, as rodovias BR-242, que liga a região de Salvador ao Centro-Oeste brasileiro e a BR-324, que serve como via de acesso para o Circuito da Chapada Norte, direcionando o fluxo de veículos entre Salvador e o Noroeste da Bahia, notadamente Juazeiro, e os estados do Piauí e Maranhão.

Em relação às intervenções realizadas pelo Governo do Estado, destacam-se aquelas implementadas em decorrência do Programa Corredores do Estado da Bahia, objeto de acordo firmado entre o Estado da Bahia e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Por meio deste programa, o estado captou recursos para um amplo pacote de ações e projetos que visaram à melhoria na integração física entre as diversas regiões do Estado. Foram também realizadas outras ações com finalidades de apoio, estas de cunho institucional, que permitiram a melhoria da estrutura e dos serviços do DERBA, gerando repercussões em todo o Estado. O total de investimentos foi da ordem de US\$ 300 milhões, sendo 49% proveniente do BID e 51% de contrapartida estadual. Entre os resultados do Programa estão o aumento da arrecadação fiscal, a melhoria considerável dos indicadores econômicos nas áreas de atuação, a diminuição dos custos de transporte e passagens, o aumento do volume de tráfego e a melhoria da segurança operacional.

No que tange o sistema aeroviário, destaca-se a existência do Aeroporto de Lençóis, que tem capacidade para receber aeronaves de grande porte e possui um fluxo consolidado de pousos e decolagens. De forma geral, compreende-se que relativo aos transportes, há urgência de investimentos na melhoria dos acessos rodoviários (i) entre os municípios dos circuitos, (ii) entre as sedes municipais e as comunidades rurais e (iii) para os recursos e atrativos turísticos, visando a uma melhor integração entre os três circuitos pertencentes à área objeto de estudo. Tais intervenções visam, primeiramente, a integração entre os três circuitos

pertencentes à área objeto de estudo, possibilitando que o desenvolvimento da atividade turística ocorra de forma mais igualitária e sustentada. Da mesma forma, objetivam dinamizar a economia local e regional com uma maior comunicação entre os prestadores de serviços turísticos e potenciais fornecedores, principalmente aqueles do setor primário, beneficiando as comunidades com uma cadeia produtiva turística fortalecida.

Conforme mencionado anteriormente, a atividade mineradora teve grande relevância no processo de formação histórica da Chapada Diamantina, havendo nestes municípios atualmente, um patrimônio histórico e cultural edificado de suma importância artístico-arquitetônica, com influências ora do estilo Neo-Clássico ora do Neo-Gótico. A civilização da mineração na Chapada Diamantina foi eminentemente urbana, com os novos assentamentos humanos surgindo da noite para o dia em zonas anteriormente desertas. Por não terem lançado suas raízes no campo, estes aglomerados se converteram em cidades fantasmas, no início do século XX, quando se esgotaram suas lavras.

O urbanismo destes núcleos, como é comum nas regiões mineiras de todo o mundo, é espontâneo com uma trama irregular de ruas estreitas e enlameadas. Apenas uma cidade foge a este padrão, Rio de Contas, verdadeira “new town”, transferida para um novo sítio após vinte anos de criada como Vila. Ali, ruas, praças e lotes urbanos são amplos e de traçado razoavelmente regular. Há também nos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina, municípios com uma arquitetura vernácula da região e registros de sítios arqueológicos com arte rupestre. Atualmente, parte significativa do notável acervo arquitetônico da Chapada Diamantina está desprotegido e muitos edifícios já ruíram por abandono.

Salienta-se a importância da proteção dos recursos sócio-culturais para que o turismo se desenvolva de forma sustentável, o que significa, do ponto de vista mercadológico e operacional, a existência de produtos turísticos mais completos e diversificados. Neste sentido, caber destacar as ações implementadas pelo Governo do Estado da Bahia, como por exemplo, a recuperação de fachadas de prédios históricos de Lençóis e a recuperação do patrimônio histórico de Andaraí, Mucugê, Lençóis e Palmeiras. Destaca-se também o Programa Monumenta, uma parceria entre União, Governo Estadual e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que visa à recuperação sustentável do patrimônio histórico urbano sob tutela federal e que na área objeto de estudo está restrito ao Centro Histórico de Lençóis.

Referente aos aspectos sócio-ambientais do Pólo Turístico Chapada Diamantina, destaca-se que a região apresenta notada riqueza e diversidade de ecossistemas. O Circuito Chapada Norte constitui-se num cinturão com extensão aproximada de 250 Km, alinhado segundo a direção norte-sul, em cuja área estão incluídas terras altas da Serra da Jacobina e Borda Leste da Chapada Diamantina. As unidades de conservação existentes no Circuito Chapada Norte são a APA Gruta dos Brejões Veredas do Romão Gramacho, o Parque Estadual de Morro do Chapéu, com área de 46.000 hectares e o Monumento Natural da Cachoeira do Ferro Doido.

Já o Circuito do Diamante, alinha-se segundo a direção noroeste-sudeste,

incluindo nesta poligonal as terras altas da Serra do Sincorá e as planícies carbonáticas da região de Iraquara e Itaetê. Neste circuito destacam-se o Parque Nacional da Chapada Diamantina, a Área de Proteção Ambiental Marimbus - Iraquara e o Parque Municipal de Mucugê.

O Circuito do Ouro configura-se com uma poligonal irregular, apresenta largura aproximada de 100 Km e inclui os pontos de maior elevação do Estado da Bahia inseridos nas serras da Tromba, do Barbado, da Mesa, da Itubira, de Rio de Contas, das Crioulas e da Curiroba, onde se registra o maior número de garimpos e minas de ouro de pequeno porte do Estado da Bahia. A unidade de conservação existente na região é a APA de Serra do Barbado, com uma área de 636 Km² e um perímetro de 123 Km, englobando toda terra situada acima da cota 1.400 metros.

Em relação à capacidade institucional dos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina em gerir o PRODETUR/NE II, observa-se de forma geral: (i) a ausência de instrumentos normativos para a ação (Leis de Uso do Solo, Planos Diretores, Códigos de Obras e de Posturas e Planta de Valores Imobiliários); (ii) a deficiência quantitativa de recursos humanos aptos para agir a partir deste conjunto de informações; (iii) a falta de equipamentos para realizar uma fiscalização sistemática; e (iv) a falta de recursos orçamentários alocados para a intervenção, comprometem as ações municipais na gestão do turismo e dos impactos decorrentes de seu desenvolvimento.

É importante destacar que o perfil das gestões municipais existentes no Pólo Turístico Chapada Diamantina não difere da realidade do país, aonde os governos locais durante longas décadas foram prisioneiros de um federalismo extremamente centralizado que limitou o aperfeiçoamento do aparelho de planejamento local. Assim, o recente processo de descentralização deparou-se com administrações municipais arcaicas, improdutivas, ainda que por vezes inchadas em número de funcionários, e contaminadas pela inércia e por práticas políticas não democráticas. Tudo isso se dá em um cenário também de pobreza material da maioria dos municípios, o que reduz drasticamente a capacidade de investimento a partir de recursos locais. Ou seja, urge nestes municípios a implantação de programas de ajuste fiscal; de sistemas de informação, que possibilitem a construção de indicadores para avaliação das gestões públicas; elaboração de políticas de gerenciamento dos recursos humanos nas administrações municipais; adequação estrutural, com a aquisição de equipamentos e de programas operacionais para melhoria do atendimento ao cidadão; e elaboração ou complementação dos Planos Diretores Municipais; entre outras medidas.

Os investimentos privados em turismo na Chapada Diamantina começaram a se elevar em 1991 e apresentaram maior ritmo de crescimento durante os anos de implantação do PRODETUR/NE I (1994 – 2000), chegando a um montante de US\$17.260.500, entre 1994 e 2002.

Em relação ao perfil e à capacidade de gestão dos empresários do setor turístico da Chapada Diamantina, observa-se que o Circuito do Diamante apresenta uma situação bastante distinta dos outros dois circuitos. Em Lençóis, principal município deste circuito, o nível de escolaridade dos empreendedores é mais

elevado e há maior preocupação dos empreendedores em modernizar gradativamente seus estabelecimentos, haja vista que cerca de 44% já participaram de algum tipo de treinamento voltado ao turismo ou a hotelaria. É também no Circuito do Diamante que o associativismo empresarial está mais desenvolvido e existe maior representatividade das associações específicas do setor turístico. Contudo, de forma geral, constata-se na região do pólo uma baixa profissionalização da gestão empresarial, uma baixa qualificação dos gestores públicos ligados ao turismo nos municípios e, conseqüentemente, uma articulação deficiente entre os setores público e privado, o que prejudica o estabelecimento de objetivos e metas comuns aos dois setores.

A grande maioria dos estabelecimentos não utiliza micro-computadores no atendimento ao cliente - ainda que vários empresários acreditem ser a informatização uma necessidade de modernização operacional - o que também indica a baixa utilização de mecanismos de controle na administração dos empreendimentos. Somente em Lençóis foram identificados hotéis que possuem softwares hoteleiros. A capacitação profissional dos empresários e dos funcionários nos empreendimentos hoteleiros do Pólo Turístico Chapada Diamantina deve preceder a implantação de sistemas de qualidade e de controle mais sofisticados. Todavia, destaca-se que a capacitação de recursos humanos na região do pólo não deve suprimir características positivas da hospitalidade regional, haja vista que estes aspectos são bastante valorizados pelos turistas.

Em relação aos produtos e atrativos turísticos da região objeto de estudo, foram identificados 374 atrativos, dos quais 238 (64%) considerados como efetivos e 136 (36%) como potenciais. O Circuito do Diamante contém quase 50% dos atrativos do pólo, sendo que grande parte deles situados no Parque Nacional da Chapada Diamantina e em seu entorno rural. A maioria dos atrativos da região (62%) estão categorizados como "Natural", o que corrobora o foco de desenvolvimento do ecoturismo na área objeto de estudo. Destaca-se também, a existência de diversos elementos históricos e culturais na região, apontados em 36% dos atrativos levantados.

Os três circuitos que formam o Pólo Turístico Chapada Diamantina, apesar de relativamente próximos geograficamente e semelhantes no que se refere à potencialidade do ecoturismo, apresentam algumas diferenças em termos mercadológicos. Neste sentido, o Circuito do Diamante, alicerçado principalmente pelos municípios de Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras, é um produto já consolidado em nível nacional; o Circuito do Ouro, baseado sobretudo em Rio de Contas, está vivenciando o processo de crescimento e de estruturação para a recepção de turistas, enquanto o Circuito Chapada Norte ainda está na fase inicial deste processo, com um grande número de atrativos potenciais para o desenvolvimento de atividades ecoturísticas. Desta forma, o Pólo Turístico Chapada Diamantina possui um alto nível de atratividade devido ao conjunto formado pelos seus atrativos naturais e suas características histórico-culturais, apresentando uma oferta de produtos turísticos mais completa e diferenciada frente aos destinos concorrentes.

Atualmente, no conjunto dos serviços turísticos ofertados na Chapada

Diamantina, prevalecem estabelecimentos comerciais de pequeno porte que, em parte, buscam gradativamente modernizar-se, sobretudo no município de Lençóis, aonde existem serviços turísticos mais qualificados. As taxas de ocupação dos meios de hospedagem possuem elevada variação sazonal, concentrando-se nos meses de férias escolares.

Os restaurantes, assim como os meios de hospedagem, necessitam aprimorar suas instalações e serviços, que frequentemente demonstram-se insuficientes aos padrões de exigência da demanda. Destaca-se, todavia, que os aspectos positivos do caráter familiar dos empreendimentos da região devem ser mantidos, tendo em vista que podem constituir um fator de atratividade para os praticantes do ecoturismo. Para que este processo de modernização se intensifique e seja de fato ampliado para todo o pólo, faz-se necessárias linhas de financiamento com juros mais atrativos, prazos mais longos e com pouca burocracia.

Apesar do número reduzido de agências de receptivo na região, este número já está se ampliando, uma vez que foram constatados futuros empreendimentos nos municípios de Ibicoara e Andaraí. Como há uma concentração do número de agências em Lençóis, deve ser estimulada a abertura de novos estabelecimentos de agenciamento e operação receptivos nos outros municípios, a fim de incrementar o fluxo turístico nos municípios de menor procura.

Referente às locadoras e transportadoras, há também uma tendência à abertura de novos empreendimentos, levando em consideração os serviços informais prestados pelos moradores locais. Por isso, devem ser implementados controles visando a organização da operação destes serviços.

Em muitos municípios, a produção artesanal ainda não se mostrou voltada para o turismo, situação que foi identificada nos municípios de menor fluxo turístico. O processo de conscientização da população em relação aos benefícios do turismo irá refletir em uma produção mais voltada à comercialização dos produtos criados, podendo incrementar a renda da população ligada à produção artesanal.

Em relação à capacitação da população para turismo, considerando-se dados nacionais e estaduais, o Estado da Bahia é um dos estados brasileiros com o maior número de instituições de ensino que se dedicam à capacitação profissional para a área de turismo (27 estabelecimentos na Bahia, 362 no Brasil). Entretanto, dentre os oito estados com maior número de instituições, é o que possui o menor índice de unidades de ensino no interior, sendo que possui apenas duas instituições de ensino localizadas na Área de Planejamento (Sebrae e UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana).

Esta baixa oferta de cursos de capacitação para o turismo destinados à população local causa reflexos diretos nos níveis de empregos na região. A respeito dos empregos gerados pelos meios de hospedagem e pelo turismo em geral, destaca-se que em Lençóis, apesar de a maioria dos hotéis e pousadas terem sido implantados por pequenos empresários de outras regiões, a atividade não é necessariamente excludente em relação aos nativos. Todavia, por razões econômicas (disponibilidade de capital) ou culturais (conhecimento mínimo de serviços de hotelaria), a participação dos nativos na economia turística local se dá,

evidentemente, como mão-de-obra barata. Desta forma, torna-se clara a necessidade de cursos técnicos em maior número e, principalmente, de cursos de idioma, haja vista a grande poder de atração de demanda estrangeira que o pólo possui.

Entende-se também que deve ser aproveitado com grande ênfase o potencial natural da hospitalidade do povo baiano, por meio de um treinamento adequado que, acima de tudo, preservasse e valorizasse a cultura do povo e fizesse com que ele se orgulhasse de ser baiano.

O turismo na Chapada Diamantina tem como marco inicial o tombamento do patrimônio histórico-arquitetônico de Lençóis, em 1973, com uma visitação principalmente regional. Desde então a região passou a ter cada vez mais evidência no cenário nacional, com a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina em 1985. O crescimento apresentado nos últimos nove anos foi de 51,28%, passando de pouco mais de 49,12 mil turistas em 1993 para 75,06 mil em 2001.

Os turistas que viajam para a Chapada Diamantina são em sua grande maioria de origem nacional, possuem entre 18 e 50 anos, e apresentaram uma renda média de US\$ 1.101,00 no ano de 2001. O meio de transporte mais utilizado pelos turistas é o ônibus e predominam as viagens espontâneas, aquelas que não são organizadas por agências de viagens e turismo. Os turistas permanecem em média 5,2 dias no destino e avaliam de forma bastante positiva a qualidade dos atrativos naturais da região e a hospitalidade do povo anfitrião. Para os próximos anos, projeta-se um aumento do número de visitantes nacionais, com destaque para São Paulo e Rio de Janeiro, e internacionais, com destaque para Alemanha, França e Itália.

O volume de gastos efetuados pelos turistas no município de Lençóis gerou uma receita turística de aproximadamente US\$10,7 milhões no ano de 2000 e de US\$9,13 milhões em 2001. O Gasto Médio Diário Individual dos turistas – GMDI foi de US\$ 26,00 no ano de 2000, decaindo para US\$ 21,10 em 2001, o que não significa necessariamente uma redução do gasto médio em termos reais, mas sim, um reflexo da elevação da cotação da moeda norte-americana no Brasil. Destaca-se que, o turista brasileiro que viaja até Lençóis apresenta um GMDI aproximadamente 118% superior ao valor gasto pelo brasileiro médio em um período de um ano. O serviço de hospedagem corresponde à maior parcela dos gastos efetuados pelos turistas, seguido dos valores relativos à alimentação. Estima-se que a Taxa de Captura do total de gastos efetuados pelos turistas nos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina, excetuando-se os impostos é de 68%.

Dentre as áreas do Estado da Bahia que individualmente despertam maior interesse para novos investimentos, mantém-se na liderança a Baía de Todos os Santos, incluindo Salvador e o Pólo Turístico Costa dos Coqueiros. A terceira colocada desde 1998 é a Chapada Diamantina, que anteriormente ocupava a quinta posição, acreditando-se ser reflexo dos investimentos públicos realizados naquela região, a exemplo do Aeroporto de Lençóis, bem como do potencial ecoturístico da região.

Quanto aos investimentos futuros do setor privado na área objeto de estudo, destacam-se os direcionados à implantação e expansão da rede hoteleira do pólo, como o Parque de Lençóis, um investimento previsto de US\$ 115 milhões em 150 UH's. É importante se destacar que o montante de investimento privado total, somando-se os já realizados e os previstos, que é de US\$ 132 milhões, em 980 UH's ao custo médio de US\$134 mil por UH, corresponde a 16 vezes o valor aplicado pelo PRODETUR/NE I na região, que foi de cerca de US\$ 8 milhões até 2001.

Assim, espera-se que com os investimentos futuros do setor privado, ocorra uma melhoria na qualidade da oferta técnica de hospedagem da área objeto de estudo, desenvolvendo novos produtos turísticos e consolidando ainda mais os já existentes.

As estratégias de desenvolvimento turístico apresentadas neste Plano são resultados de um abrangente processo de planejamento, participativo e estratégico. De acordo com os objetivos do PRODETUR/NE II e com a política de turismo a ser adotada pelo Estado da Bahia, foram identificadas três vertentes de desenvolvimento, quais sejam: valorização das pessoas, da natureza e dos produtos turísticos. Desta forma, estabeleceu-se as Estratégias Sub-Regionais com base nas Macro-estratégias Estaduais, que são: Estrutura Pública, Gestão Municipal, Sócio-Educação, Integração e Produto Turístico.

A Macro Estratégia Estadual de Produto Turístico relaciona as estratégias que visam melhorar constantemente a oferta de produtos turísticos da área de estudo, gerando ao turista maior satisfação pelo serviço prestado e, à região da Chapada Diamantina, a opção pela seleção de um perfil de turista cada vez mais exigente e com maior poder de gasto nos destinos. Atende, assim, diretamente a necessidade de mais opções de emprego e renda. Para tanto, dentre outras ações, estimula a atividade turística a partir do fortalecimento de municípios com maior estrutura e atratividade turística, classificando-os em Âncoras e Mini-âncoras. Os primeiros são aqueles municípios com maior estrutura turística e maior atratividade captando fluxo para hospedagem (traem o turista para a região) que são, na área de estudo, Jacobina e Morro do Chapéu (Circuito Chapada Norte), Lençóis (Circuito do Diamante) e Rio de Contas (Circuito do Ouro). Já Mini-âncoras (Mucugê, Andaraí e Palmeiras) são as destinações que possuem uma estrutura turística mais restrita, mas que contam com atrativos relevantes para captar fluxo diário e num primeiro momento acabam por manter o turista na região.

Deve-se destacar que as estratégias aqui propostas visam delimitar os parâmetros para o crescimento da atividade turística na Bahia, tendo como base conceitual a noção de desenvolvimento sustentável. Contemplam-se, desta forma, projetos e ações em diversas áreas, partindo do diagnóstico preparado e da análise SWOT.

Nota-se que a matriz SWOT é uma ferramenta muito difundida para efetuar diagnósticos estratégicos sendo um instrumental analítico que objetiva definir as relações existentes entre os fatores internos (pontos fortes e fracos) e os fatores externos (oportunidades e ameaças) do sistema de turismo o que resulta, em síntese, numa análise notadamente sucinta, objetiva e eficiente da área objeto de estudo. Para o Pólo Chapada Diamantina analisaram-se os seguintes aspectos: Áreas de Interesse Turístico, Estruturas de Apoio Turístico, Circuitos Turísticos e

Produtos, Grau de Atratividade e/ou Conservação dos Atrativos, Qualidade da Gestão Pública, Preços Turísticos e Competitividade, Promoção Turística, Planejamento, Organização e Capacidade Empresarial do Setor Turístico, Mercados Emergentes, Gastronomia e Artesanato, Condições de Acessibilidade, Condições de Saneamento Básico, Aspectos Ambientais, Aspectos Sócio-Culturais e Segurança Pública.

Em relação ao cenário futuro do turismo no Pólo Chapada Diamantina, destaca-se que a atividade turística deverá crescer substancialmente ao longo dos próximos anos, fruto da maior propensão mundial e nacional às viagens e dos esforços dos envolvidos com o turismo no Estado da Bahia. O crescimento mais substancial será na receita turística, através da priorização de segmentos de mercado com maior propensão a gasto, da diferenciação e da maior diversidade na oferta de produtos turísticos. Sobre o aumento do fluxo internacional, vale ressaltar que ele se dá a taxas plausíveis (5,7% ao ano, no cenário moderado), respeitando as características de viagens de longa distância detectadas pela OMT, onde nota-se que em torno de 80% do fluxo turístico internacional é realizado através de percursos de curta distância. Dado que o potencial emissor dos países próximos ao Brasil é restrito e que o fluxo doméstico é extremamente representativo, o Pólo Chapada Diamantina deve atrair mais turistas estrangeiros que a média nacional, ainda que respeitando as limitações mercadológicas.

Para que os objetivos deste PDITS realmente se efetivem de forma satisfatória, apresenta-se o Plano de Ação, abrangendo uma série de intervenções propostas para que as estratégias delineadas para o Pólo sejam atendidas. As ações financiáveis pelo PRODETUR/NE II subdividem-se em 3 componentes, quais sejam: Fortalecimento da Gestão Municipal para a Gestão do Turismo, Planejamento Estratégico, Treinamento e Infra-estrutura para o Desenvolvimento Sustentável do Turismo e Promoção de Investimentos do Setor Privado, onde pretende-se a aplicação do seguinte volume de recursos financeiros (em US\$).

	Prioridade A	Prioridade B	Total
Componente 1	9.833.000,00	7.140.000,00	16.973.000,00
Componente 2	101.360.000,00	21.853.000,00	123.213.000,00
Componente 3	2.350.000,00	-	2.350.000,00
Total	113.543.000,00	28.993.000,00	142.536.000,00

Determinou-se, também, a área de abrangência das intervenções propostas podendo ser divididas em Ações Globais que abrangem todo o Pólo Chapada Diamantina, intervenções somente nos Circuitos (Chapada Norte, Diamante e Ouro) e intervenções direcionadas a um município específico.

	Prioridade A	Prioridade B	Total Global
Ações Globais	7.393.000,00	-	7.393.000,00
Circuito Chapada Norte	23.129.000,00	22.560.000,00	45.689.000,00
Circuito do Diamante	55.726.000,00	4.776.000,00	60.502.000,00
Circuito do Ouro	27.295.000,00	1.657.000,00	28.952.000,00
Total	113.543.000,00	28.993.000,00	142.536.000,00

Neste sentido, destaca-se que há também ações propostas para o Pólo e que não são contempladas pelos componentes do referido programa, entretanto, possuem igual importância para que os objetivos propostos sejam atingidos. Grande parte das intervenções propostas são relativas, entre outras ações, à infra-estrutura dos municípios, à capacidade institucional local, ações de capacitação da população local e estruturação de produtos turísticos. Vale salientar que os projetos foram priorizados segundo sua urgência de implantação, sendo consideradas como prioridade A as ações que devem ser concluídas até o ano de 2008, e como prioridade B as ações com prazo de conclusão previsto para o ano de 2020.

O planejamento participativo adotado neste PDITS procurou utilizar a colaboração da comunidade ao longo de todo o processo de planejamento e, dada a complexidade inerente a um processo desta natureza, julgou-se conveniente que as interações entre a comunidade e a equipe técnica fossem pontuais, realizadas através de reuniões focais e distribuídas durante três momentos distintos, a reunião de diagnóstico, das estratégias e da validação. A primeira consistiu na apresentação do PRODETUR/NE-II, da equipe e das etapas do trabalho, aproveitando-se esse momento para identificação dos pontos fortes e fracos do turismo em cada município. Já a segunda, ocorreu após a consolidação do diagnóstico e serviu para embasar as estratégias adotadas pelo Plano. Por fim, com as estratégias e ações priorizadas, finalizou-se o PDITS na terceira reunião de trabalho. Esta última reunião procurou avaliar o plano como um todo, solicitando ao Conselho Gestor do Pólo Turístico Chapada Diamantina a sua validação. Desta forma, com o processo de planejamento participativo adotado neste PDITS, buscou-se por meio da intervenção comunitária, consubstanciar o processo decisório e, assim, contribuir para a construção de um turismo sustentável e promissor para todos os atores sociais envolvidos direta ou indiretamente com a atividade.

2. AVALIAÇÃO DO PRODETUR/NE I



2. Avaliação do PRODETUR/NE I

Este capítulo visa analisar os resultados do desenvolvimento do turismo do Pólo Turístico Chapada Diamantina, no período de 1994-2000, considerando-se de um lado os investimentos por componentes do PRODETUR/NE I e outros investimentos similares que o próprio Estado/Municípios realizaram no mesmo período, e de outro, os indicadores demonstrativos de resultados do desenvolvimento do turismo na área.

Em relação aos investimentos específicos do PRODETUR/NE I na área objeto de estudo, é necessário se destacar que grande parte das intervenções propostas quando de sua elaboração não foram de fato implementadas. Neste sentido, haviam sido previstos investimentos na ordem de US\$ 53,5 milhões (valores da época), dos quais US\$ 44,4 milhões em custos diretos do projeto¹. Destes, 70% (US\$ 31 milhões) seriam destinados a transportes, 9,5% em saneamento e em projetos de infra-estrutura de apoio turístico (US\$ 4,2 milhões cada), 5% (US\$ 2,3 milhões) relacionados ao meio ambiente, 3,5% (US\$ 1,5 milhões) em urbanização e equipamentos urbanos, 2% (US\$ 1 milhão) em energia elétrica e 0,5% (US\$ 230 mil) em telecomunicações. No entanto, como dito, pouco do montante previsto foi de fato alocado, como poderá ser visualizado a seguir.

2.1. Avaliação dos Projetos de Transportes

Em relação aos projetos de transportes, foi realizado 100% da construção do Aeroporto de Lençóis, inaugurado no 2º semestre de 1998.

Tabela 2.1. Projetos de transportes financiados pelo Prodetur no Pólo Turístico Chapada Diamantina

Projetos	Valor do Investimento (em US\$)	Unidade	Quantidade	Realizado (%)
Aeroporto de Lençóis	7.469.000,00	ud	1	100

Fonte: SCT / Suinvest, 2003

Situado a 20 Km da sede municipal, o aeroporto possui a dimensão de 2080 x 30 metros, totalmente pavimentados, com capacidade para receber aeronaves do tipo Boeing 737 - 300. Além da pista, foram construídos um pátio de estacionamento com dimensões de 150 x 84 metros e um terminal de passageiros com área de 1.100m².

¹ BAHIAATURSA. Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia: Chapada Diamantina – Relatório Final. Salvador: 1992.

Vale ressaltar que tal investimento visou adequar a região da Chapada Diamantina para a recepção de um fluxo de visitantes crescente, desempenhando uma vital importância não só para os visitantes – pois possibilitou um acesso aéreo extremamente eficaz de grandes centros emissores de turistas como Salvador, Brasília e São Paulo, como para a população residente até então limitada às vias rodoviárias.

2.2. Avaliação dos Projetos de Meio Ambiente

Em relação aos projetos na área de meio ambiente, foram realizados os Planos de Manejo da Área de Proteção Ambiental de Marimbus/Iraquara – que abrange área dos municípios de Lençóis, Iraquara, Palmeiras e Seabra – e da Área de Proteção Ambiental da Serra do Barbado – que abrange área dos municípios de Abaíra, Piatã, Rio de Contas, Rio do Pires e Érico Cardoso. O total de investimentos aplicados nos dois Planos de Manejo como contrapartida do Governo do Estado da Bahia foi de US\$ 69.635,88.

A elaboração dos Planos de Manejo das APAs de Marimbus/Iraquara e da Serra do Barbado visa preparar a região da Chapada Diamantina para o incremento do ecoturismo, direcionando o fluxo de visitantes de uma forma coerente frente às exigências do desenvolvimento sustentável da atividade. Neste sentido, pretende-se, com a execução dos Planos, reduzir os impactos negativos condizendo-os com a capacidade de carga local, bem como otimizar os efeitos positivos via investimentos que possibilitem a melhoria da qualidade de vida para a população com a conservação ambiental.

2.3. Indicadores de Desenvolvimento do Turismo

Quanto aos indicadores demonstrativos de resultados do desenvolvimento do turismo referentes aos investimentos realizados pelo PRODETUR/NE I, entende-se que foram diminutos devido à sua abrangência e significância – relacionados unicamente ao Aeroporto de Lençóis. Entende-se que apesar desta intervenção ser de suma importância para qualquer projeto que se pretenda desenvolver na área objeto de estudo – afinal, sem acesso não há turismo; por si só não é capaz de fomentar o crescimento da atividade turística como um todo. Neste sentido, vale ressaltar-se que a não realização dos investimentos previstos - principalmente em acesso e estruturação dos atrativos, restringiu sobremaneira o incremento da oferta técnica regional.

Assim, entendeu-se que para uma avaliação coerente dos indicadores de crescimento do turismo devem ser analisados os dados relacionados com o término da construção do aeroporto, em Julho de 1998.

Tabela 2.2. Indicadores de crescimento do turismo no Pólo Turístico Chapada Diamantina

Indicador	1998	1999	2000	2001	2002
(i) Fluxo Turístico em Lençóis (em mil pax)	75,06	80,74	83,00	86,32*	89,77*
(ii) Número de Leitos	1.359	1.416	1.448	1.448**	1.598**
(iii) Número de Investimentos Privados	93	97	99	99**	100**
(iv) Receita Turística (em US\$ milhões)	12,16	10,63	10,71	11,35*	12,03*

* Os dados referentes a 2001 e 2002 foram estimados a partir do crescimento médio esperado para o turismo no Estado da Bahia, de 4% ao ano para a demanda e de 6% a.a. para a receita turística.

** Estimativa.

Fonte: Bahiatursa, 2002 e SCT / Suinvest, 2003

Como pode ser visualizado na tabela acima, entre 1998 e 1999 o fluxo de visitantes à região objeto de estudo apresentou um crescimento de 7,57%, compatível, portanto, com a média apresentada no Estado da Bahia. Em relação ao número de leitos, pode-se averiguar que a oferta cresceu cerca de 4,2% entre 1998 e 1999. Já a receita turística (em dólares) apresentou uma queda de 12,58% entre 1998 e 1999, por conta, entre outros fatores, da crise cambial ocorrida no Brasil em janeiro de 1999.

2.4. Outros Investimentos Públicos

Conforme mencionado anteriormente, grande parte do montante de investimentos previstos para serem alocados no Pólo Turístico Chapada Diamantina à época da elaboração do PRODETUR/NE I não foram de fato efetivados, entretanto, outros investimentos públicos foram realizados em diversas áreas, como mostra a tabela apresentada a seguir.

Tabela 2.3. Investimentos públicos no Pólo Turístico Chapada Diamantina (em US\$1.000,00)

Setor	Situação			Total	(%)
	Em Projeto	Em Execução	Concluído		
Transportes	49.475,00	-	39.047,00	88.522,00	51,9%
Saneamento	14.849,00	1.343,00	30.057,00	46.249,00	27,1%
Energia elétrica	958,00	-	15.697,00	16.655,00	9,8%
Sist. aeroportuários*	-	-	7.469,00	7.469,00	4,4%
Recup. urbanística	3.300,00	620,00	94,00	4.014,00	2,4%
Rec. do pat. Histórico	2.350,00	-	914,00	3.264,00	1,9%
Preserv. Ambiental	2.417,00	-	-	2.417,00	1,4%
Outros	1.160,00	-	869,00	2.029,00	1,2%
Total	74.509,00	1.963,00	94.147,00	170.619,00	100,0%

* Investimento realizado com recursos do PRODETUR/NE I referente à construção do Aeroporto de Lençóis.

Fonte: Suinvest, 2003

Os investimentos públicos em projetos mostrados na tabela anterior são referentes ao período entre os anos de 1991 e 2005. Do total de investimentos previstos para o período (US\$ 170.619.000,00), 55,2% correspondem a obras já concluídas, 43,7% a obras em fase de elaboração de projetos e 1,2% encontram-se atualmente em execução.

Entre os projetos já concluídos, destaca-se que 41,5% destes referem-se a intervenções no setor de transportes, 31,9% em saneamento e 16,7% em obras de energia elétrica. Obviamente, as intervenções nestas áreas possuem um alto custo de implantação, como por exemplo, a construção/manutenção de rodovias, implantação de sistemas de esgotamento sanitário e abastecimentos de água. Entretanto, cabe salientar a importância dos investimentos nas áreas de preservação ambiental, recuperação urbanística e do patrimônio histórico, setores estes que receberam um percentual reduzido de recursos (cerca de 1,1% dos projetos concluídos). Desta forma, entende-se que seja necessário um aumento do montante financeiro destinado a estas áreas, objetivando-se o desenvolvimento da atividade turística em parâmetros sustentáveis.

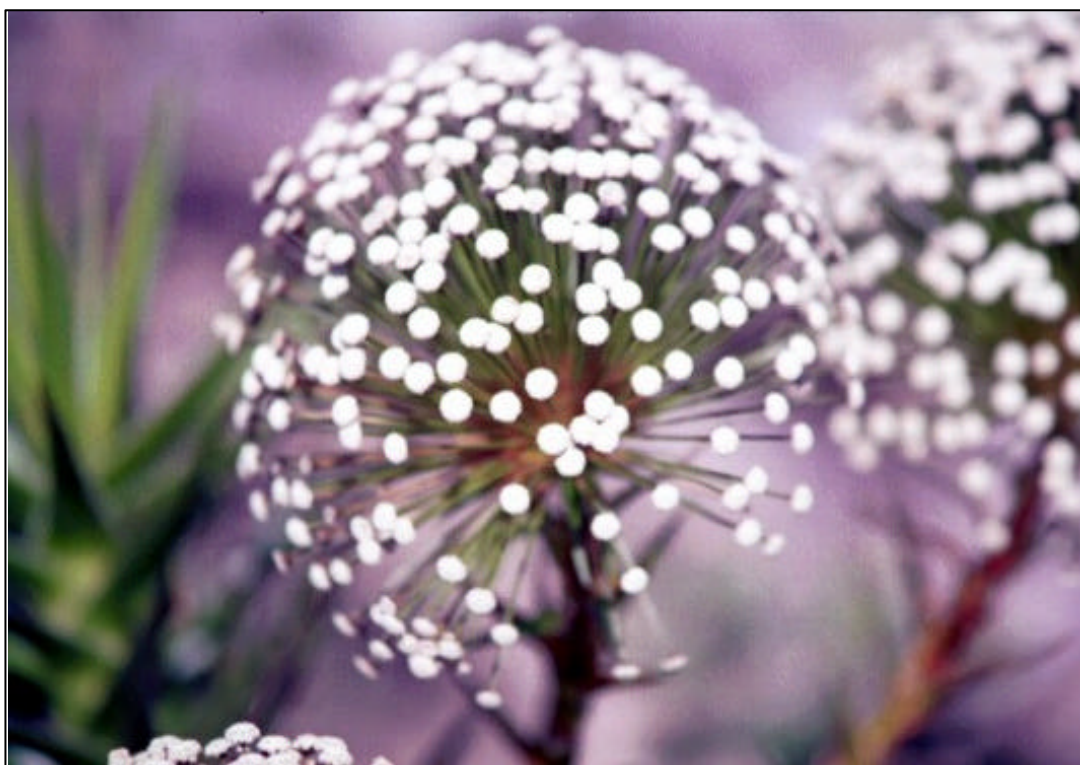
Em relação aos projetos ainda em fase de elaboração, sobressai o fato de que 86,3% destes investimentos são relativos a intervenções no setor de transportes (66,4%) e saneamento (19,9%). Já os projetos destinados à preservação ambiental, recuperação urbanística e do patrimônio histórico correspondem a 10,8% do total destes projetos.

2.5. Conclusão

Analisando-se, portanto, os impactos decorrentes dos investimentos realizados pelo PRODETUR/NE I no Pólo Turístico Chapada Diamantina, pode-se compreender que a amplitude desta primeira etapa ficou restrita aos projetos da construção do Aeroporto de Lençóis e a elaboração de dois Planos de Manejo. Neste sentido, destaca-se que o aeroporto em si pouco alterou a rotina regional, mas que o crescimento do turismo sem o devido investimento em infra-estrutura vem causando impactos significativos no ambiente natural e sócio-cultural da região objeto de estudo, fato que deverá ser avaliado nos itens 3.2. Dinâmica Socioeconômica, 3.3. Infra-estrutura e 3.5. Aspectos Sócio- Ambientais.

Desta forma, entende-se que as ações decorrentes do PRODETUR/NE II deverão ser capazes de mitigar os impactos decorrentes da não efetivação das intervenções propostas pelo PRODETUR/NE I e que são consideradas essenciais para o desenvolvimento do turismo na área objeto de estudo, de forma que este seja efetivamente um instrumento de progresso econômico com justiça social e respeito ao meio ambiente.

3. DIAGNÓSTICO DA ÁREA DE PLANEJAMENTO



Para se atingirem os objetivos propostos no Termo de Referência para a elaboração do Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável da Chapada Diamantina, e visando uma avaliação abrangente e em profundidade dos tópicos em estudo, foram realizadas pesquisas em fontes secundárias e de campo, esta última com ênfase na pesquisa qualitativa, além de reuniões com representantes do setor público e da sociedade civil.

A consulta bibliográfica foi realizada em textos, teses, projetos e publicações (nacionais e estrangeiras) sobre o tema pesquisado, principalmente em bibliotecas de universidades, mas também em outras acessíveis ao público em geral.

Ao mesmo tempo, efetuou-se uma busca nos principais órgãos de imprensa escrita do Estado da Bahia e dos mercados emissores, notadamente São Paulo e Rio de Janeiro. Além disso, foram consultadas publicações periódicas relacionadas ao turismo e de abrangência nacional, como a revista Os Caminhos da Terra e Viagens e Turismo.

Para a definição da pesquisa qualitativa, realizaram-se várias visitas ao local de estudo, visando uma melhor visualização do problema e das variáveis relacionadas com a busca de informações. A amostra foi do tipo Aleatória por Conveniência, sendo inventariados todos os municípios abrangidos pelo Pólo Turístico Chapada Diamantina.

Por fim, as visitas de campo ocorreram no primeiro semestre de 2002, quando foram visitados os recursos e atrativos turísticos, as comunidades e as prefeituras de todos os municípios da área de planejamento.

3.1. Área de Planejamento - Definição

Para definir-se o Pólo Turístico Chapada Diamantina, entendeu-se que a Área de Planejamento deve focalizar os municípios que já receberam recursos do PRODETUR/NE I e/ou que foram impactados pelo Programa necessitando-se, portanto, de novos investimentos que garantam a sustentabilidade da atividade turística. Assim, com base no item 2. Avaliação do PRODETUR/NE I, delimitou-se a área de planejamento com os seguintes municípios:

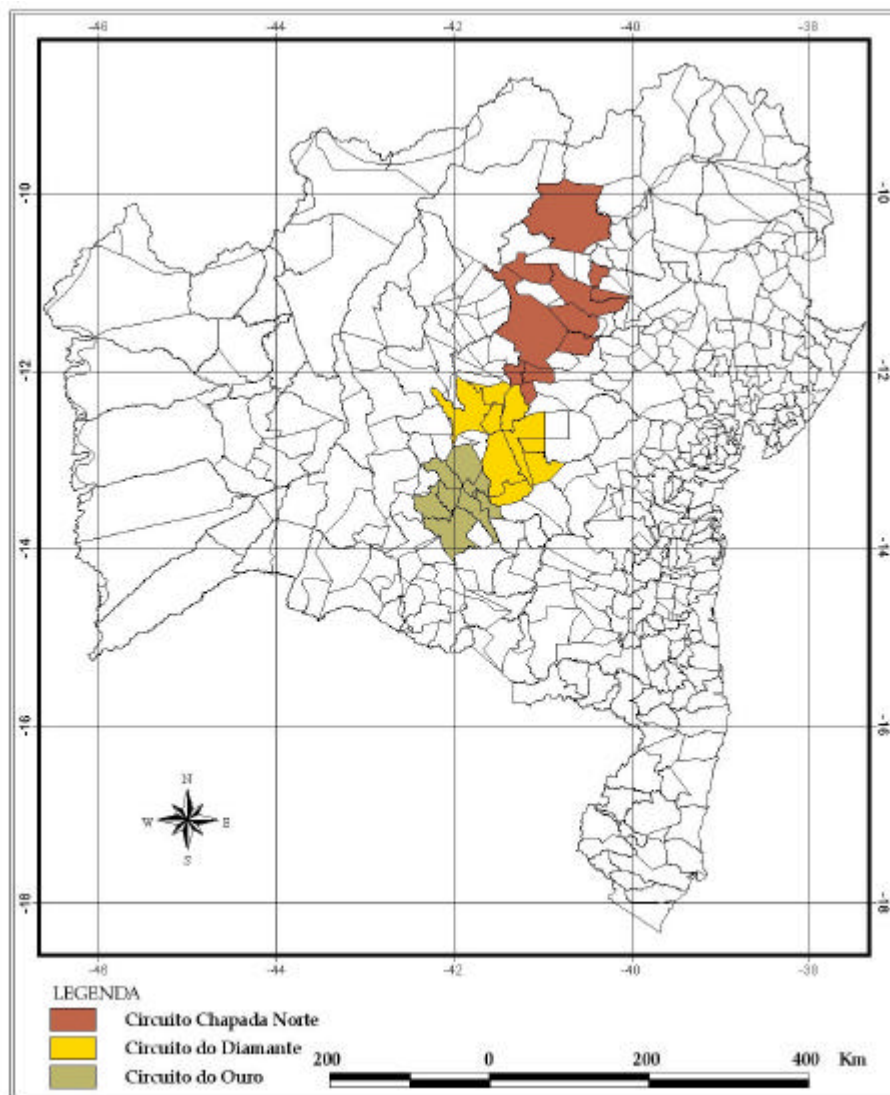
Tabela 3.1.1. Municípios da área de planejamento

Nº.	Município	Nº.	Município	Nº.	Município
1	Abaíra	11	Jussiape	20	Paramirim
2	Andaraí	12	Lençóis	21	Piatã
3	Bonito	13	Livramento de Nossa Senhora	22	Piritiba
4	Caém	14	Miguel Calmon	23	Rio de Contas
5	Campo Formoso	15	Morro do Chapéu	24	Rio do Pires
6	Érico Cardoso	16	Mucugê	25	Saúde
7	Ibicoara	17	Nova Redenção	26	Seabra
8	Iraquara	18	Ourolândia	27	Utinga
9	Itaetê	19	Palmeiras	28	Wagner
10	Jacobina				

Estes municípios, localizados na região central do Estado da Bahia, perfazem uma área total de 40.246,2 km², situando-se a cerca de 400 km de Salvador, 1100 km de Brasília e 1.800 km de São Paulo, que são os maiores pólos emissores de turistas para a região. Contando atualmente com cerca de 570.397 habitantes (IBGE, 2002), a área objeto de estudo tem sua história relacionada a momentos importantes da história nacional, como o de exploração do garimpo nos séculos XVII, XVIII e XIX, e a Coluna Prestes no início do século XX. No entanto, chega ao início do século XXI com sua economia baseada na agricultura, na pecuária e no turismo, que começou a se desenvolver principalmente a partir da década de 1990.

Neste sentido, a atividade turística encontra na região um rico e diversificado cenário paisagístico, caracterizado por formações rochosas singulares, bem como pela existência de inúmeras cachoeiras, poços, cavernas, lagoas etc. Ao mesmo tempo, seu desenvolvimento já causa efeitos positivos e impactos negativos relacionados às comunidades e ao meio ambiente.

Cartograma 3.1.1. Área de planejamento do Pólo Turístico Chapada Diamantina



Fonte: Base de Dados da ANEEL com Adaptação de Danilo Kulaif

Para a definição da Área de Planejamento do PRODETUR/NE II, entendeu-se como pertinente dar continuidade à divisão da área objeto de estudo realizada para o PRODETUR/NE I. Assim, para o primeiro programa, a região da Chapada Diamantina foi subdividida em Circuitos “(...) que foram delimitados após uma análise global do território abrangido, contemplando além dos atrativos naturais, os aspectos ecológicos, paisagísticos, históricos, pré-históricos, étnicos e outros que configuram áreas com potencial turístico significativo” (BAHIATURSA, 1992: 87), que são apresentados a seguir:

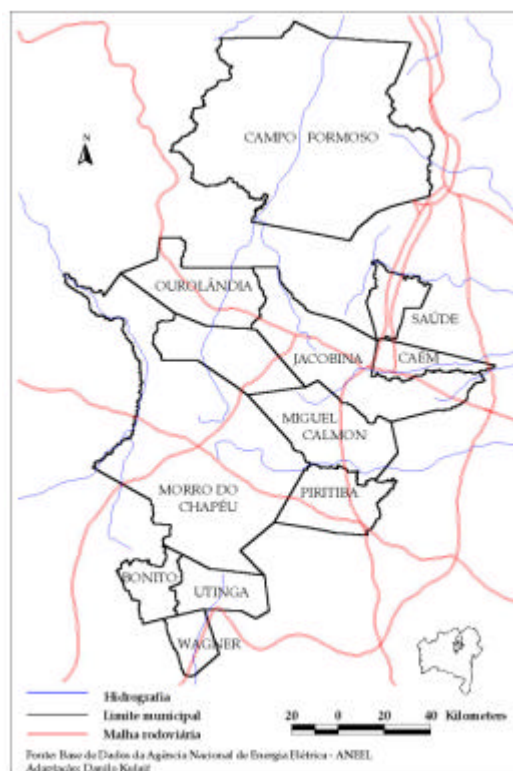
- Circuito Chapada Norte, cujo destino principal é Morro do Chapéu.
- Circuito do Diamante, compreendendo a região do Parque Nacional da Chapada Diamantina e entorno, cujo destino principal é Lençóis.
- Circuito do Ouro, que incorpora a região da APA Serra do Barbado e entorno, cujo destino principal é Rio de Contas.

3.1.1. Circuito Chapada Norte

Tabela 3.1.2. Municípios do Circuito Chapada Norte

Nº.	Município	Nº.	Município
1	Bonito	7	Ourolândia
2	Caém	8	Piritiba
3	Campo Formoso	9	Saúde
4	Jacobina	10	Utinga
5	Miguel Calmon	11	Wagner
6	Morro do Chapéu		

Cartograma 3.1.2. Área do Circuito Chapada Norte



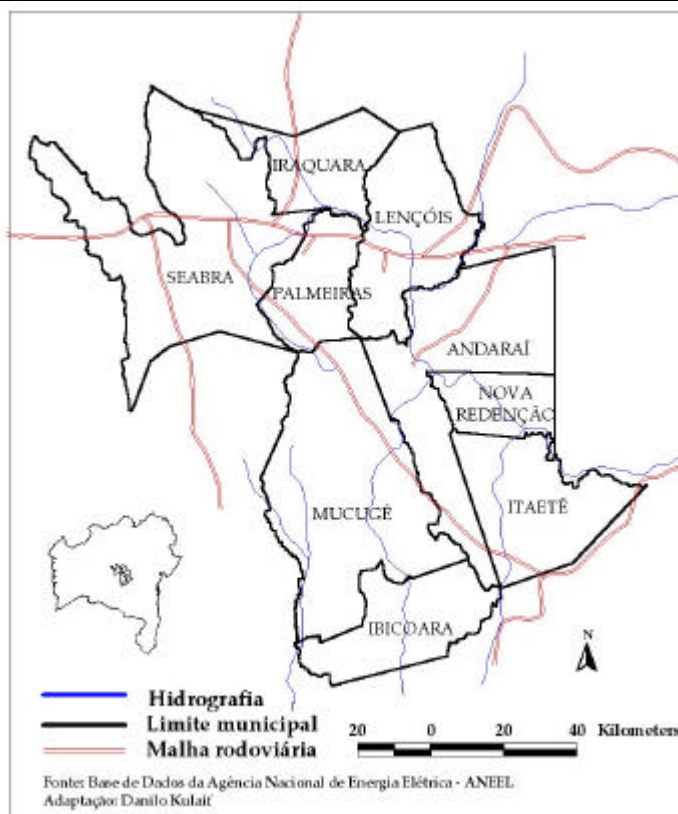
O Circuito Chapada Norte, composto por 11 municípios, é a maior sub-região turística da área objeto de estudo abrangendo uma área total de 21.017,4 km², contendo uma população de 298.406 habitantes (IBGE, 2000). Caracteriza-se por apresentar recursos turísticos – naturais e culturais, dispersos e isolados, dentre os quais destacam-se os situados nos municípios de Jacobina e Morro do Chapéu. Este último, aliás, está avaliado como o maior diferencial do circuito devido, sobretudo, à sua diversidade de atrativos relacionada a cachoeiras, povoados históricos e sítios rupestres, e à sua localização geográfica, próxima a Lençóis e as principais rodovias de acesso à Chapada Diamantina.

3.1.2. Circuito do Diamante

Tabela 3.1.3. Municípios do Circuito do Diamante

Nº.	Município	Nº.	Município
1	Andaraí	6	Mucugê
2	Ibicoara	7	Nova Redenção
3	Iraquara	8	Palmeiras
4	Itaetê	9	Seabra
5	Lençóis		

Cartograma 3.1.3. Área do Circuito do Diamante



O Circuito do Diamante é composto por 9 municípios que abrangem uma área total de 12.444,2 km² e uma população de 138.845 habitantes (IBGE, 2000). Compreendendo o Parque Nacional da Chapada Diamantina, este circuito se caracteriza por apresentar diversos recursos turísticos naturais e culturais de forma relativamente agrupada, configurando-o como um destino altamente competitivo. Dentre os municípios que o compõem destacam-se o de Andaraí, de Lençóis, de Mucugê e de Palmeiras, todos com recursos turísticos de elevada atratividade, como a Cachoeira da Fumaça, o Morro do Pai Inácio e o Patrimônio Histórico, responsáveis por uma parte significativa do fluxo turístico de outros estados e do exterior para a região.

3.1.3. Circuito do Ouro

Tabela 3.1.4. Municípios do Circuito do Ouro

Nº.	Município	Nº.	Município
1	Abaíra	5	Paramirim
2	Érico Cardoso	6	Piatã
3	Jussiape	7	Rio de Contas
4	Livramento de Nossa Senhora	8	Rio do Pires

Cartograma 3.1.4. Área do Circuito do Ouro



O Circuito do Ouro é composto por 8 municípios que abrangem uma área total de 6.784,6 km². Com uma população de 133.146 habitantes (IBGE, 2000), este circuito se destaca por incorporar elementos históricos, como o Centro Histórico de Rio de Contas, com aspectos naturais singulares, como os picos mais altos da região Nordeste. Tal singularidade se multiplica por toda a região, consolidando-a com uma identidade clara e forte relacionada a história do ciclo do ouro e ao relevo acentuado. Dentre os municípios que compõem o Circuito do Ouro vale ressaltar o de Rio de Contas que conta com recursos turísticos de elevada atratividade, como o Pico das Almas e o Patrimônio Histórico e Paisagístico, este último já tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e declarado com o um dos sítios históricos com melhor preservação no Brasil.

3.1.4. Espacialização dos diversos aspectos da Área de Planejamento

Os mapas, cujos títulos são apresentados a seguir, encontram-se ao final do Volume II do PDITS do Pólo Turístico Chapada Diamantina.

- Áreas Frágeis e Potenciais/Atrações e Produtos Turísticos – Circuito Chapada Norte
- Áreas Frágeis e Potenciais/Atrações e Produtos Turísticos – Circuito do Diamante
- Áreas Frágeis e Potenciais/Atrações e Produtos Turísticos – Circuito do Ouro
- Investimentos Públicos e Privados – Circuito Chapada Norte
- Investimentos Públicos e Privados – Circuito do Diamante
- Investimentos Públicos e Privados – Circuito do Ouro

3.2. Dinâmica Socioeconômica

O objetivo deste capítulo é analisar o marco socioeconômico no qual as atividades turísticas se desenvolvem, bem como a contribuição que estas atividades aportam a essas dimensões no âmbito do Pólo Turístico Chapada Diamantina, composto por 28 municípios, especificamente em relação à geração de renda e à melhoria da qualidade de vida da população fixa.

A evolução socioeconômica nos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina seguiu o padrão dos ciclos econômicos ocorridos no interior baiano, tendo seu início com a introdução da pecuária extensiva na região no século XVI. À época, a criação de gado era feita de modo rudimentar e necessitou, gradativamente, de porções maiores de terra para a criação, de modo a abastecer o mercado consumidor da zona litorânea açucareira. Dessa forma, uma larga faixa de terras foi povoada por um contingente populacional reduzido (SEABRA, 1998).

Posteriormente, durante o século XVIII, se instalou no interior baiano a cultura algodoeira, criando novas perspectivas de emprego e causando um significativo fluxo migratório para a região. O algodão era plantado intercaladamente com outras culturas como o milho, o feijão e a mandioca, o que contribuiu para a criação de uma nova classe de agricultores constituída de meeiros e terceiros (SEABRA, 1998).

No entanto, o ciclo econômico mais relevante para a região da Chapada Diamantina iniciou-se somente por volta dos anos 1817 e 1818, quando ocorreu a descoberta de diamante na região da Serra do Sincorá. Já por volta de 1844, importantes jazidas de diamante são descobertas na região de Mucugê iniciando, de fato, o ciclo econômico que causou as mudanças mais significativas na área objeto de estudo, o Ciclo da Mineração.

Tal surto de mineração provocou o surgimento de um grande número de assentamentos humanos, em consequência do crescente fluxo migratório para a região, sobretudo após a abertura da Estrada de Mucugê, pela qual se podia chegar aos povoados de Andaraí e Igatu. Ao contrário do ciclo aurífero baiano, que durou mais de cem anos, o ciclo diamantífero da Chapada Diamantina durou aproximadamente 25 anos, tendo entrado em declínio devido ao esgotamento das jazidas e à descoberta de novas jazidas no continente africano.

Com o início da derrocada da produção diamantífera na Chapada em 1866, outro tipo de atividade mineradora surge como opção econômica, a extração de carbonato, que perdurou até a década de 1940. A partir de então, a região atravessou por uma forte estagnação econômica observando-se, inclusive, um grande êxodo populacional (SEABRA, 1988), só melhorando na década de 1990, com a introdução de uma agricultura de ponta e da atividade turística.

3.2.1. Análise da Dinâmica Econômica

De acordo com o Termo de Referência para a elaboração do PDITS do Pólo Turístico Chapada Diamantina – destinado a prestar informações dos municípios que receberão os benefícios dos investimentos a serem realizados no âmbito do PRODETUR/NE II, neste item deve-se apresentar um quadro da dinâmica econômica, focalizando os três setores da economia, primário, secundário e terciário.

É importante destacar que a análise da evolução econômica recente (PIB) apresentada neste capítulo, para o Estado da Bahia e para os municípios do pólo, baseou-se em duas fontes de dados distintas devido à escassez de informações sociais e econômicas dos municípios da área objeto de estudo. Assim, para os valores relativos ao período mais recente (1996 a 2000), só foi possível utilizarem-se os dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI, única instituição que publicou estudos econômicos recentes dos municípios baianos. Já para os períodos anteriores, utilizou-se a série histórica editada pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA, que abrange o período entre os anos de 1970 a 1996. Cabe salientar que segundo a SEI, a metodologia de cálculo dos dois índices é diferente impedindo, portanto, uma análise comparativa dos valores.

3.2.1.1. Evolução Econômica Recente

Neste item, conforme o Termo de Referência, realizar-se-á uma análise do crescimento do PIB dos municípios da área no período recente, bem como do comportamento de sua participação relativa no PIB do Estado. O intuito é avaliar a evolução do PIB da área de planejamento nesse período, conhecendo-se sua trajetória de crescimento e, também, a sua importância no âmbito estadual, de maneira a se antecipar a sua evolução futura.

Assim, não se pode olvidar de que a história econômica da Região da Chapada Diamantina se iniciou nos séculos XVII e XVIII, quando a área começou a ser ocupada para a busca e exploração de minérios, principalmente o ouro e o diamante, tendo encontrado seu apogeu no século XIX. Neste período surgiram e cresceram diversas cidades e povoados, dentre as quais destacaram-se Lençóis, Mucugê, Igatu e Andaraí, pelo grau de desenvolvimento alcançado na lavra mineral. Após o apogeu do ciclo do ouro e do diamante, a partir do início do século XX, a região passou por um período de decadência no qual teve que reestruturar suas atividades econômicas, focando na agropecuária.

A agricultura extrativista foi, durante muitos anos, a forma possível de exploração da região sendo que somente poucos municípios conseguiram tornar a agropecuária num negócio rentável. Neste sentido, merecem destaque Ibicoara, Livramento de Nossa Senhora e Campo Formoso pela expressividade no desenvolvimento da cultura do café e na agroindústria como um todo.

De acordo com dados relativos aos produtos municipais, elaborados pela SEI, a economia dos vinte e oito municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina representou aproximadamente 2,5% da economia baiana no ano de 2000. O Circuito Chapada Norte é a maior economia do pólo, aproximadamente 52,1%. Já o Circuito do Ouro representa 23,2% e o Circuito do Diamante 24,7%. Os municípios de Campo Formoso, Jacobina e Livramento de Nossa Senhora são responsáveis por 36,7% de toda a riqueza produzida no Pólo Turístico Chapada Diamantina.

A representatividade econômica dos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina cresceu substancialmente entre 1996 e 2000. No ano de 1996 a região era responsável por apenas 1,2% da economia baiana, sendo que no ano de 2000, esse percentual mais que dobrou, passando a representar aproximadamente 2,5%. Destaca-se que a economia do pólo apresentou um crescimento anual de 30,2%, o que corresponde a um crescimento econômico bastante superior ao observado em Salvador e em todo o estado da Bahia, que foram, respectivamente, de -4,5% e 8,9%. Nota-se que em muitos municípios da área objeto de estudo, como Rio de Contas e Lençóis, o turismo vem sendo o responsável por este crescimento econômico.

Entre os municípios do Circuito Chapada Norte, a maior economia é a de Campo Formoso (28º economia do estado), que apresentou um crescimento anual de 37,0% entre 1996 e 2000. O município de Jacobina apresentou um crescimento anual de 3,4%, entretanto, apesar da baixa expansão, ainda representa a segunda economia do pólo e a 34ª economia do estado. Municípios como Ouro-lândia, Piritiba e Saúde possuem pouca representatividade em termos de PIB municipal, contudo, apresentaram taxas de crescimento anual superiores a 42%.

Já no Circuito do Diamante, o município melhor classificado em termos de produto municipal é Seabra, ocupando a 84ª posição entre os municípios baianos, com aproximadamente R\$ 55 milhões no ano de 2000 (0,1% do PIB baiano). O município com menor produto interno no Circuito do Diamante é Nova Redenção, com uma produção municipal estimada de R\$ 13 milhões no ano de 2000 (355ª economia do estado). O município apresentou também a maior taxa de crescimento anual entre 1996 e 2000 (79,9% a.a.). A economia de Lençóis cresceu 66,4 % a.a., o que o classifica com a 241ª economia municipal do estado da Bahia.

No Circuito do Ouro o município com maior destaque econômico é Livramento de Nossa Senhora, que representa 9,0% da economia de todo o pólo (44ª economia municipal do estado e aproximadamente 0,2% do PIB baiano). O município com a menor economia do circuito é Érico Cardoso com R\$ 15 milhões de produto no ano de 2000. O maior crescimento anual ocorreu em Jussiape 68,1%, seguido de Piatã com 65,4% e de Paramirim com 54,8%.

A tabela apresentada a seguir, mostra os valores relativos aos produtos municipais dos vinte e oito municípios do pólo em três momentos, 1996, 1998 e 2000, bem como o crescimento econômico anual ocorrido no período.

Tabela 3.2.1. Produtos municipais e participação no PIB baiano 1996 – 2000 (em R\$1.000,00)

		1996		1998		2000		Cresc.anual
Município		PIB	% BA	PIB	% BA	PIB	% BA	1996/2000
Circuito Chapada Norte	Bonito	9.306	0,03	15.191	0,04	30.444	0,07	34,5
	Caém	6.930	0,02	18.164	0,05	19.965	0,04	30,3
	Campo Formoso	46.919	0,15	126.912	0,33	165.457	0,37	37,0
	Jacobina	121.471	0,38	179.463	0,46	140.310	0,32	3,7
	Miguel Calmon	16.444	0,05	39.296	0,10	38.909	0,09	24,0
	Morro do Chapéu	14.775	0,05	50.591	0,13	60.770	0,14	42,4
	Ourolândia	5.753	0,02	25.658	0,07	28.814	0,06	49,6
	Piritiba	7.151	0,02	27.993	0,07	29.320	0,07	42,3
	Saúde	3.061	0,01	22.287	0,06	23.900	0,05	67,2
	Utinga	7.247	0,02	23.554	0,06	25.826	0,06	37,4
Wagner	3.813	0,01	12.412	0,03	11.967	0,03	33,1	
Circuito do Diamante	Andaraí	3.215	0,01	16.153	0,04	20.501	0,05	58,9
	Ibicoara	20.001	0,06	18.067	0,05	25.836	0,06	6,6
	Iraquara	3.893	0,01	20.899	0,05	29.812	0,07	66,4
	Itaetê	3.818	0,01	21.467	0,06	22.199	0,05	55,3
	Lençóis	3.417	0,01	15.733	0,04	23.431	0,05	61,8
	Mucugê	11.813	0,04	17.053	0,04	47.271	0,11	41,4
	Nova Redenção	1.325	0,00	8.502	0,02	13.868	0,03	79,9
	Palmeiras	2.392	0,01	14.870	0,04	18.461	0,04	66,7
	Seabra	18.066	0,06	38.945	0,10	55.019	0,12	32,1
Circuito do Ouro	Abaíra	9.107	0,03	21.076	0,05	19.637	0,04	21,2
	Érico Cardoso	9.600	0,03	19.740	0,05	15.456	0,03	12,6
	Jussiape	2.868	0,01	18.079	0,05	22.875	0,05	68,1
	Livramento de N. Sra.	28.118	0,09	75.962	0,20	99.065	0,22	37,0
	Paramirim	7.666	0,02	39.419	0,10	44.014	0,10	54,8
	Piatã	2.860	0,01	16.711	0,04	21.418	0,05	65,4
	Rio de Contas	6.760	0,02	26.441	0,07	29.998	0,07	45,1
	Rio do Pires	6.084	0,02	15.322	0,04	19.940	0,04	34,6
Totais	Circuito Chapada Norte	242.870	0,77	541.521	1,40	575.682	1,30	24,1
	Circuito do Diamante	67.942	0,21	171.688	0,44	256.399	0,58	39,4
	Circuito do Ouro	73.063	0,23	232.750	0,60	272.403	0,61	39,0
	Pólo Chapada Diamantina	383.874	1,21	945.959	2,44	1.104.484	2,49	30,2
	Salvador	11.980.565	37,89	8.942.980	23,09	9.947.306	22,41	-4,5
	Estado da Bahia	31.616.054	100,00	38.738.618	100,00	44.391.386	100,00	8,9

Fonte: SEI, 2002

A espacialização dos dados relativos aos produtos municipais dos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina para o ano de 2000 evidencia que a maior parte da riqueza produzida na região concentra-se ao norte do pólo, com maior destaque para Campo Formoso e Jacobina. A porção sul (Circuito do Ouro), de forma geral, concentra os municípios com menor produto municipal, como pode ser visualizado no cartograma abaixo.

Cartograma 3.2.1. PIB municipal no Pólo Turístico Chapada Diamantina (2000)

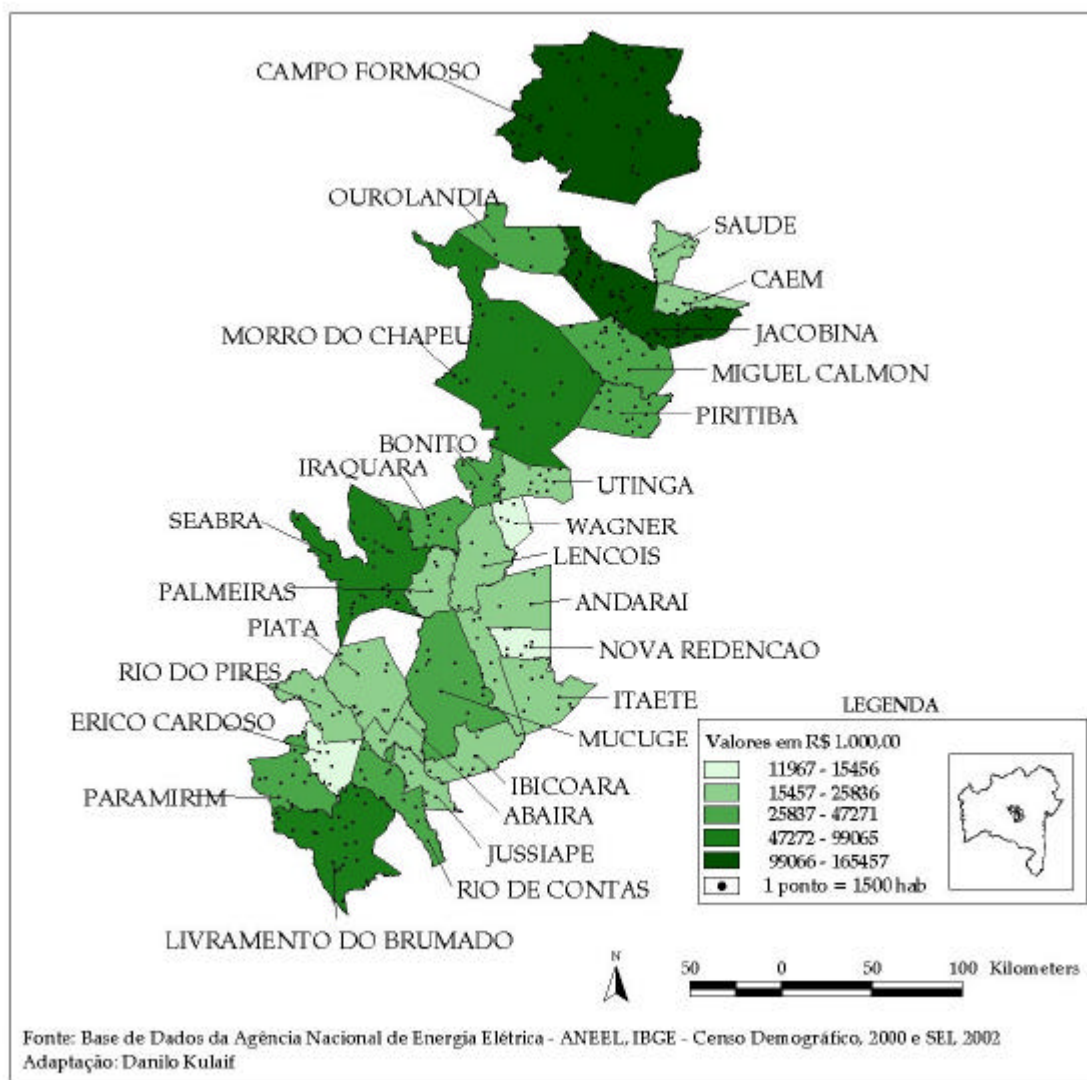


Tabela 3.2.2. Produto Interno Bruto Municipal - 1970-1996 (em US\$ de 1998)

Município	Ano						Cresc. 1970/1996	Crescimento anual	
	1970	1975	1980	1985	1990	1996		1970/198 5	1985/199 6
Bonito	-	-	-	3.722.427	8.747.787	12.509.092	-	-	11,65
Caém	4.569.916	6.543.396	8.260.693	10.518.795	8.031.321	6.700.183	46,62%	5,72	-4,02
Campo Formoso	26.329.717	55.132.240	173.578.570	246.071.947	145.728.617	149.720.266	468,64%	16,07	-4,42
Jacobina	65.683.769	93.371.350	163.511.347	207.337.300	250.151.217	199.658.051	203,97%	7,96	-0,34
Miguel Calmon	9.354.140	11.799.589	26.539.546	26.694.781	22.452.869	30.360.647	224,57%	7,24	1,18
Morro do Chapéu	20.788.639	16.938.874	44.352.927	47.648.750	22.426.666	24.699.054	18,81%	5,69	-5,80
Ouro-lândia	-	-	-	-	6.875.356	14.344.353	-	-	*13,04
Piritiba	9.067.473	16.189.143	20.947.056	15.649.085	18.057.190	16.196.020	78,62%	3,71	0,31
Saúde	5.460.774	6.585.385	7.671.854	7.297.686	5.862.032	15.994.309	192,89%	1,95	7,39
Utinga	5.586.421	6.777.314	17.037.383	19.467.460	14.002.700	16.611.247	197,35%	8,68	-1,43
Wagner	2.771.761	2.844.372	3.471.898	4.187.550	4.434.981	7.294.853	163,18%	2,79	5,18
Andaraí	15.608.331	13.270.379	24.360.098	24.435.222	6.634.248	11.968.904	-23,32%	3,03	-6,28
Ibicoara	2.026.544	3.655.562	3.157.380	7.683.942	6.870.763	21.562.541	964,01%	9,29	9,83
Iraquara	5.893.051	6.638.047	16.938.520	17.441.848	5.060.917	12.926.103	119,34%	7,50	-2,69
Itaetê	11.407.530	8.622.794	7.007.225	11.220.761	4.770.211	5.786.944	-49,27%	-0,11	-5,84
Lençóis	2.525.930	4.670.923	7.942.338	6.364.589	5.785.083	4.985.896	97,39%	6,35	-2,19
Mucugê	3.068.238	2.789.703	3.881.606	11.886.728	13.394.333	18.176.829	492,42%	9,45	3,94
Nova Redenção	-	-	-	-	2.600.480	2.724.804	-	-	*0,78
Palmeiras	4.871.386	3.604.286	7.447.099	5.819.539	4.823.083	7.106.324	45,88%	1,19	1,83
Seabra	8.288.105	13.739.476	25.829.838	30.812.631	16.990.191	34.044.687	310,77%	9,15	0,91
Abaíra	4.567.644	6.178.295	6.306.942	7.485.506	12.125.480	8.795.517	92,56%	3,35	1,48
Érico Cardoso	-	-	-	948.594	7.271.434	6.516.923	-	-	19,15
Jussiape	4.865.677	4.534.012	5.749.660	7.706.281	6.954.458	9.640.228	98,13%	3,11	2,06
Livramento de N. Sra.	13.769.466	17.914.146	23.708.082	21.292.731	38.092.983	34.944.807	153,78%	2,95	4,61
Paramirim	10.477.694	9.462.987	17.543.402	18.668.079	14.811.205	23.255.376	121,95%	3,93	2,02
Piatã	5.464.452	7.070.935	8.174.055	14.175.592	5.771.824	13.572.497	148,38%	6,56	-0,39
Rio de Contas	5.877.397	6.381.712	9.606.274	10.949.198	12.944.912	18.575.818	216,06%	4,23	4,92
Rio do Pires	3.971.514	4.186.019	8.416.875	9.458.008	8.141.526	12.190.174	206,94%	5,96	2,33
Bahia	9.378.856.216	14.737.834.291	24.485.614.295	30.961.364.904	27.682.668.210	32.205.896.383	243,39%	8,29	0,36

(*) crescimento entre 1990 e 1996

Fonte: IPEA, 2002

De acordo com os dados relativos à evolução dos produtos municipais fornecidos pelo IPEA, pode-se notar que os municípios que apresentaram maior crescimento anual durante o período analisado foram os de Ibicoara e Mucugê, com um índice de 964,0% e 492,4% respectivamente, entre 1970 e 1996. Fragmentando-se a análise em períodos menores, percebe-se que entre 1970 e 1985, Campo Formoso indicou um crescimento anual de 16,1%, extraordinário se comparado com a média baiana de 8,3%, ou mesmo com outros municípios da região, como Itaetê e Palmeiras (0,11% a.a. e 1,19% a.a., respectivamente). Já no segundo período analisado destacam-se Érico Cardoso, Ouro-lândia e Bonito, com um crescimento anual médio superior a 10,0%,

muito acima da média estadual que, segundo o IPEA, foi de 0,36% ao ano. Vale a pena ressaltar a surpreendente queda no crescimento anual indicado por Campo Formoso que no período anterior se destacou como um dos municípios com maior índice de crescimento anual, tendo apresentado entre 1985 1996, um decréscimo anual de 4,4%.

De acordo com os dados relativos aos produtos municipais fornecidos pelo IPEA, no Circuito Chapada Norte os municípios de Jacobina e Campo Formoso apresentam as duas maiores economias do pólo. Campo Formoso indicou um crescimento de seu PIB de aproximadamente 468,6% entre 1970 e 1996, com uma média anual de 16,07% entre 1970 e 1985. Já em Jacobina houve crescimento de aproximadamente 204,0% entre 1970 e 1996. Verificou-se um crescimento bastante reduzido em Morro do Chapéu, onde a economia cresceu 18,8% entre 1970 e 1996. O menor produto municipal do Circuito Chapada Norte no ano de 1996 foi o de Caém (aproximadamente US\$6.700.000).

No Circuito do Diamante a maior economia é a de Seabra, com um produto municipal de US\$ 34.044.687 no ano de 1996, sendo que o município apresentou um crescimento de mais de 310,8% entre 1970 e 1996. O município que teve o maior crescimento econômico no circuito foi Iraquara (aproximadamente 960,0% de crescimento entre 1970 e 1996), representando a segunda economia do circuito em 1996. Assim como nos dados fornecidos pela SEI, Nova Redenção possui o menor produto municipal do circuito (US\$ 2.724.804 em 1996).

Já no Circuito do Ouro destaca-se a economia de Livramento de Nossa Senhora, que obteve um produto municipal de US\$ 34.944.807 no ano de 1996 (crescimento de 153,8% entre 1970 e 1996). Em Rio de Contas o crescimento foi de 216,1% no mesmo período e o município apresentou um produto municipal de US\$ 18.575.818 em 1996. Destaca-se também a economia de Paramirim, a segunda do circuito (US\$ 23.255.376 em 1996).

3.2.1.2. Perfil Econômico Setorial da Área

O Termo de Referência indica para este item a necessidade de se conhecer e analisar, a partir dos dados de valor adicionado abertos pelos grandes setores da economia – agropecuária, indústria, comércio e demais serviços, a evolução do perfil setorial da área de planejamento.

Assim, a tabela apresentada a seguir mostra a evolução econômica dos nove estados do nordeste, sua participação no PIB da região e a representatividade do PIB nordestino perante a economia brasileira. Nota-se que a economia baiana corresponde a aproximadamente um terço do PIB da região nordeste (32,9% no ano de 1999). A segunda economia da região é a do Estado de Pernambuco, que representa aproximadamente 20% do PIB nordestino.

Tabela 3.2.3.- Composição percentual do PIB nordestino a preço de mercado corrente e relação NE/BR
Participação (%)

Ano	Bahia	Sergipe	Alagoas	Pernambuco	Paraíba	Rio G. do Norte	Ceará	Piauí	Maranhão	NE/BR
1985	37,9	6,5	6,1	18,6	5,1	5,5	12,2	2,8	5,3	14,1
1986	36,6	6,0	5,6	20,1	5,4	5,2	12,4	3,0	5,7	14,1
1987	35,8	5,1	6,3	21,1	5,5	5,5	12,2	3,0	5,5	13,1
1988	37,3	4,9	5,3	20,3	5,4	5,3	12,6	2,9	6,0	12,8
1989	36,7	4,4	4,7	20,6	5,6	6,1	12,5	3,0	6,3	12,3
1990	34,9	4,5	5,5	20,7	6,6	5,6	12,6	3,5	6,2	12,9
1991	32,9	4,8	5,3	21,6	6,3	5,9	13,7	3,4	6,1	13,4
1992	34,0	4,9	5,6	20,6	5,7	5,6	14,2	3,2	6,2	12,9
1993	33,8	5,1	5,2	20,1	5,9	6,1	14,2	3,5	6,1	12,8
1994	33,3	4,5	5,3	20,1	6,3	5,8	14,7	3,6	6,4	12,9
1995	32,4	4,3	4,9	21,1	6,5	5,7	15,1	3,9	6,1	12,8
1996	32,2	4,2	4,9	20,9	6,4	5,7	15,3	3,8	6,7	13,2
1997	32,5	4,3	5,1	20,6	6,1	5,9	15,4	3,7	6,5	13,1
1998	32,5	4,2	5,2	20,8	6,1	5,7	15,8	3,7	6,1	13,1
1999	32,9	4,3	5,0	20,4	6,2	6,0	15,3	3,7	6,2	13,1

Fonte: SEI, 2002

Observa-se que, de forma geral, a participação de cada estado no total de riquezas da região nordeste variou de forma bem reduzida, sobretudo entre os anos de 1994 e 1999. Isso mostra que as economias dos estados atingiram taxas de crescimento bastante próximas. A participação da economia nordestina no PIB brasileiro diminuiu de 14,1% em 1985 para 13,1% em 1999, entretanto, observa-se que a partir de 1993, a economia nordestina passou a apresentar um crescimento anual ligeiramente superior ao da economia brasileira.

A estrutura setorial do PIB baiano modificou-se substancialmente a partir do ano de 1975. O setor primário passou a ser responsável por um menor percentual do PIB e os setores secundário e terciário passaram a ter maior peso na economia. Observa-se, todavia, uma retomada do crescimento do setor primário na economia baiana entre 1999 e 2000, que é fruto de uma maior utilização de tecnologias no plantio e beneficiamento de gêneros agrícolas.

A participação do setor secundário aumentou em aproximadamente 50%, enquanto que a agricultura diminuiu em aproximadamente 67% sua participação. O setor de serviços aumentou em 16,5% sua participação na economia baiana entre 1975 e 2000, sendo que no ano de 1998, o setor foi responsável por mais da metade do PIB do estado (52,6%).

Tabela 3.2.4. Estrutura setorial do PIB- Bahia (1975 – 2000)

Setor	Anos					
	1975	1985	1995	1998	1999	2000
Primário	30,7	18,7	13,6	9,7	8,7	10,1
Secundário	27,5	42,3	35,2	37,7	40,5	41,2
Terciário	41,8	39	51,2	52,6	50,8	48,7

Fonte: SEI, 2002

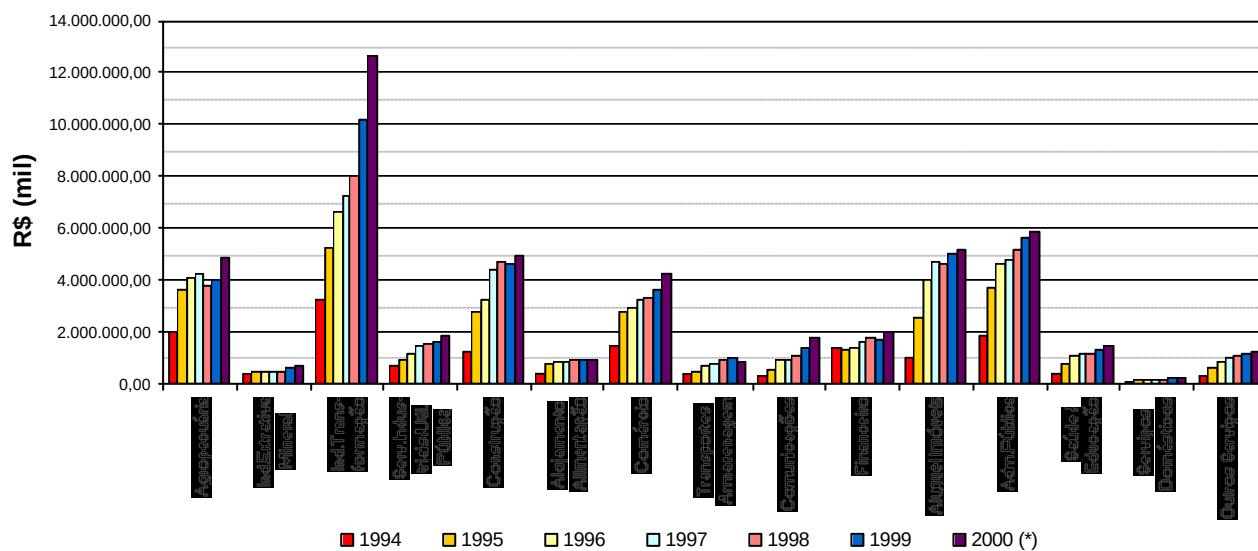
No ano de 2000, aproximadamente 89,9% da economia do estado provém de atividades relacionadas ao setor secundário e terciário. A tabela apresentada a seguir mostra a participação percentual de cada setor na composição do PIB baiano, no período entre 1994 e 2000. Evidencia-se a grande participação da indústria de transformação no PIB baiano, com maior ênfase na metalurgia, produtos alimentares e nas indústrias do Pólo Petroquímico de Camaçari. O setor de comunicações e o da construção apresentaram grande crescimento na participação o PIB baiano.

Tabela 3.2.5. Evolução percentual do PIB por setores – Bahia (1994/2000)

Ano	Agropecuária	Ind Extrativa Mineral	Ind Transformação	Serv. Industriais/Util. Pública	Construção	Alojamento Alimentação	Comércio	Transportes Armazenagem	Comunicações	Financeiro	Aluguel Imóveis	Adm Pública	Saúde/Educação	Serviços Domésticos	Outros Serviços
1994	13,4	2,4	21,6	4,4	8,5	2,9	9,6	2,2	1,8	9,1	7,0	12,2	2,7	0,4	1,8
1995	13,6	1,9	19,5	3,4	10,4	2,7	10,3	1,8	2,1	5,0	9,7	14,0	2,9	0,5	2,3
1996	12,4	1,5	20,1	3,5	9,8	2,5	8,8	2,0	2,8	4,2	12,2	14,0	3,3	0,4	2,5
1997	11,5	1,4	19,5	3,9	11,9	2,2	8,8	2,0	2,5	4,3	12,7	12,9	3,2	0,4	2,7
1998	9,7	1,3	20,6	3,9	12,1	2,4	8,5	2,3	2,8	4,7	11,9	13,4	3,1	0,4	2,8
1999	9,4	1,4	23,7	3,7	10,8	2,1	8,5	2,2	3,3	4,0	11,7	13,1	3,0	0,5	2,7
2000(*)	10,0	1,4	25,8	3,8	10,1	1,8	8,8	1,7	3,7	4,1	10,6	12,0	2,9	0,4	2,5

Fonte: SEI, (*) Dados sujeitos a retificação, depois de consolidados os resultados de todas as UF's (Projeto de Contas Regionais - SEI/IBGE)

Gráfico 3.2.1. Evolução percentual do PIB por setores – Bahia (1994/2000)



Fonte: SEI, 2002

A tabela apresentada a seguir mostra a estrutura setorial dos PIBs municipais da área objeto de estudo, abertos pelos principais setores econômicos, destacando-se a participação de cada um no total do PIB municipal, segundo informações da FIPE para o ano de 2000.

Tabela 3.2.6. Estrutura setorial dos PIB dos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina – 2000

Município	Agropecuária		Indústria de transf.		S.I.U.P.		Construção		Comércio		Inst.financeiras		Adm. pública		Outros serviços		Total
	Valor	% total	Valor	% total	Valor	% total	Valor	% total	Valor	% total	Valor	% total	Valor	% total	Valor	% total	
Bonito	16,09	97,6%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,04	0,3%	0,00	0,0%	0,29	1,7%	0,00	0,0%	0,06	0,4%	16,48
Caém	3,46	74,2%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,04	0,9%	0,00	0,0%	0,22	4,8%	0,66	14,0%	0,28	6,1%	4,67
Campo Formoso	17,03	26,2%	4,55	7,0%	1,54	2,4%	19,12	29,4%	0,82	1,3%	3,79	5,8%	7,86	12,1%	10,42	16,0%	65,12
Jacobina	11,36	5,9%	25,03	13,1%	6,76	3,5%	35,83	18,7%	15,95	8,3%	11,86	6,2%	47,16	24,6%	37,47	19,6%	191,41
Miguel Calmon	10,69	34,5%	0,25	0,8%	0,00	0,0%	3,03	9,8%	6,08	19,6%	1,46	4,7%	3,06	9,9%	6,39	20,6%	30,97
Morro do Chapéu	11,92	42,2%	0,51	1,8%	0,59	2,1%	1,09	3,9%	2,13	7,5%	0,95	3,4%	4,37	15,5%	6,68	23,6%	28,24
Ourolândia	7,35	44,3%	0,00	0,0%	0,83	5,0%	4,17	25,1%	3,83	23,1%	0,28	1,7%	0,00	0,0%	0,13	0,8%	16,57
Piritiba	5,99	32,4%	2,02	10,9%	1,42	7,7%	1,09	5,9%	3,06	16,5%	0,72	3,9%	3,49	18,9%	0,69	3,7%	18,50
Saúde	3,52	30,6%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,17	1,5%	5,90	51,3%	0,61	5,3%	0,44	3,8%	0,88	7,7%	11,52
Utinga	6,39	57,7%	0,51	4,6%	0,59	5,3%	0,72	6,5%	0,00	0,0%	1,12	10,1%	1,09	9,9%	0,66	6,0%	11,08
Wagner	5,40	72,7%	0,00	0,0%	0,71	9,6%	0,17	2,3%	0,00	0,0%	0,21	2,8%	0,44	5,9%	0,50	6,8%	7,44
Andaraí	5,49	79,6%	0,00	0,0%	0,47	6,9%	0,13	1,8%	0,57	8,3%	0,14	2,0%	0,00	0,0%	0,09	1,4%	6,89
Ibicoara	18,21	87,2%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,63	3,0%	1,21	5,8%	0,15	0,7%	0,66	3,1%	0,03	0,2%	20,89
Iraquara	5,77	58,3%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,84	8,5%	1,19	12,0%	0,38	3,8%	0,66	6,6%	1,07	10,8%	9,90
Itaetê	2,75	61,7%	0,00	0,0%	0,12	2,7%	0,00	0,0%	0,26	5,7%	0,36	8,1%	0,66	14,7%	0,31	7,1%	4,46
Lençóis	4,10	36,8%	1,01	9,1%	0,24	2,1%	0,38	3,4%	1,12	10,1%	0,39	3,5%	1,31	11,8%	2,58	23,2%	11,13
Mucugê	11,13	57,8%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	1,05	5,5%	2,38	12,4%	0,82	4,2%	2,62	13,6%	1,26	6,5%	19,26
Nova Redenção	2,05	96,2%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,08	3,8%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	2,13
Palmeiras	2,86	47,0%	0,00	0,0%	0,24	3,9%	0,84	13,8%	0,60	9,8%	0,31	5,0%	1,09	17,9%	0,16	2,6%	6,10
Seabra	9,42	22,1%	0,76	1,8%	1,19	2,8%	2,57	6,0%	0,05	0,1%	3,32	7,8%	9,61	22,5%	15,71	36,9%	42,63
Abaíra	2,59	36,9%	0,76	10,8%	0,71	10,1%	0,00	0,0%	1,81	25,8%	0,65	9,2%	0,00	0,0%	0,50	7,2%	7,02
Érico Cardoso	2,38	46,6%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,08	1,7%	1,54	30,3%	0,53	10,4%	0,00	0,0%	0,57	11,1%	5,10
Jussiape	3,95	61,8%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	1,35	21,2%	0,74	11,6%	0,00	0,0%	0,35	5,4%	6,39
Livramento de N. Sra	17,37	41,4%	1,26	3,0%	1,19	2,8%	1,68	4,0%	3,88	9,2%	3,06	7,3%	9,61	22,9%	3,90	9,3%	41,95
Paramirim	5,93	32,3%	0,76	4,1%	1,19	6,5%	1,18	6,4%	0,88	4,8%	1,54	8,4%	3,93	21,4%	2,96	16,1%	18,37
Piatã	6,95	72,2%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,08	0,9%	0,00	0,0%	0,37	3,8%	1,53	15,9%	0,69	7,2%	9,62
Rio de Contas	7,45	54,8%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,34	2,5%	1,79	13,1%	0,90	6,6%	2,62	19,3%	0,50	3,7%	13,60
Rio do Pires	4,06	47,4%	0,00	0,0%	0,00	0,0%	0,29	3,4%	2,45	28,6%	0,38	4,5%	0,87	10,2%	0,50	5,9%	8,56
Total Pólo	211,67	33,3%	37,41	5,9%	17,78	2,8%	75,58	11,9%	58,86	9,3%	35,61	5,6%	103,71	16,3%	95,38	15,0%	636,00
Bahia	4.004,46	9,2%	10.981,99	25,4%	1.634,21	3,8%	4.668,39	10,8%	3.723,44	8,6%	1.717,70	4,0%	5.675,09	13,1%	32.405,27	74,8%	43.305,03
%Pólo/Bahia	5,3%	-	0,3%	-	1,1%	-	1,6%	-	1,6%	-	2,1%	-	1,8%	-	0,3%	-	1,5%

Fonte: FIPE, 2000

Segundo os dados fornecidos pela FIPE para o ano de 2000, os municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina obtiveram um PIB da ordem de R\$ 636 milhões no ano 2000, o que correspondeu a 1,47% do PIB estadual baiano, sendo o município de Jacobina, o que concentra o maior PIB do Pólo, alcançou R\$ 191,41 milhões no ano 2000 e Nova Redenção, o menor, com apenas R\$ 2,13 milhões. Há um grupo intermediário, que convém ressaltar, Campo Formoso com R\$ 65,12 milhões, Seabra com R\$ 42,63 milhões e Livramento de Nossa Senhora com R\$ 41,95 milhões.

Tomando-se a agropecuária inicialmente, esta atividade tem relevância expressiva em muitas dessas economias municipais, o que caracteriza, conforme apontado anteriormente, o pólo ter uma base econômica essencialmente primária. Assim, são muitos os municípios em que a agropecuária participa em mais de 50% na formação do produto. Por outro lado, verifica-se que no total do PIB do pólo em 2000, cerca de um terço provém da agropecuária. Dentre os municípios que mais participam da geração desse PIB primário, tem-se Ibicoara, Livramento de Nossa Senhora, Campo Formoso e Bonito.

A indústria de transformação aparece com alguma importância na formação do PIB de Jacobina, Abaíra e Lençóis e, a de construção civil em Campo Formoso e Jacobina, que possuem empresas que atendem à região.

Os municípios do pólo tiveram um PIB comercial da ordem de R\$ 58 milhões, sendo Jacobina e Miguel Calmon aqueles com os maiores portes comerciais (R\$ 15,9 milhões e R\$ 6,1 milhões de PIB comercial respectivamente). Em relação ao setor terciário, verifica-se que vários municípios do pólo não apresentam um setor “comércio” bem desenvolvido no que se refere à sua participação na estrutura produtiva interna do município. Por fim, do mesmo que avaliado para o setor agropecuário e de comércio, verifica-se que o setor “outros serviços” com R\$ 95,4 milhões responde por cerca de um sexto da formação do PIB do pólo e, os municípios onde ele tem maior porte são: Jacobina (R\$ 37,4 milhões), Seabra (R\$ 15,7 milhões) e Campo Formoso (R\$ 10,4 milhões).

Os municípios do pólo têm, portanto, uma base econômica primária com certo desenvolvimento e importância econômica, tendo alguns municípios também uma atividade secundária e terciária de expressão, que, em maior ou menor extensão, atendem às necessidades de demanda regional.

Deste modo, as atividades turísticas em desenvolvimento nestes municípios se acrescentam a tal base econômica prevalecente, fortalecendo e dinamizando suas economias. Tal processo ocorre à mesma proporção do quanto o município é capaz de internalizar (produzir localmente) o conjunto de bens e serviços que a atividade turística demanda, desde os serviços de alojamento (hotéis, pousadas e camping), de transporte e alimentação (restaurantes e bares).

3.2.1.3. Perfil Econômico Espacial da Área

De acordo com o Termo de Referência e em continuidade ao sub-item anterior, busca-se aqui aprofundar quais são as atividades produtivas relevantes em cada setor e como estão distribuídas

espacialmente entre os municípios da área.

Adentra-se assim, a uma visão das economias municipais, no sentido de verificar quais são as principais atividades primárias (culturas permanentes e temporárias, criações etc.), secundárias (principais indústrias) e terciárias, com ênfase na contribuição do turismo, bem como qual sua importância econômica na área. Considerando-se a disponibilidade de dados sobre um importante sub-setor do terciário dessa área, onde turismo, objeto deste trabalho, deve-se aprofundar sua análise, visualizando-se seus encadeamentos com os demais setores produtivos e a dinâmica econômica a ele associada.

Assim, nota-se que o perfil econômico dos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina é essencialmente agropecuário, haja vista o reduzido número de ligações de energia elétrica para clientes industriais. Segundo dados da COELBA, aproximadamente 0,59% dos consumidores de energia elétrica da área de estudo são clientes industriais e os clientes residenciais correspondem a aproximadamente 86% de todos os consumidores. Tendo em vista o perfil econômico dos municípios e a escassez de dados relativos aos outros setores da economia (secundário e terciário) desagregadas por município, optou-se portanto, por utilizar os dados dos levantamentos do IBGE 2002, disponíveis para os municípios sobre o setor primário. Ressalta-se aqui a importância do setor agroextrativista na economia dos municípios em estudo.

Nos municípios do Circuito Chapada Norte, a principal atividade agrícola é o café, destacando-se a cafeicultura de Bonito, Morro do Chapéu e Utinga. Outro produto de grande importância para a região é a produção de sisal nos municípios de Campo Formoso, Jacobina, Morro do Chapéu e Ourolândia. As plantações de mandioca também possuem representatividade na agricultura deste circuito, sobretudo em Jacobina, Campo Formoso, Piritiba e Saúde.

Tabela 3.2.7. Principais atividades agroextrativistas do Circuito Chapada Norte – 2000

Município	Lavoura	Valor da Produção (mil reais / ano)
Bonito	Café	R\$ 20.500,00
	Banana	R\$ 1.476,00
	Laranja	R\$ 550,00
	Mandioca	R\$ 525,00
Caém	Mandioca	R\$ 2.016,00
	Banana	R\$ 528,00
	Feijão	R\$ 442,00
	Lenha	R\$ 171,00
Campo Formoso	Sisal ou agave	R\$ 9.362,00
	Mandioca	R\$ 5.088,00
	Mamona	R\$ 1.766,00
	Feijão	R\$ 1.766,00
Jacobina	Mandioca	R\$ 6.944,00

Município	Lavoura	Valor da Produção (mil reais / ano)
	Sisal ou agave	R\$ 3.003,00
	Feijão	R\$ 1.066,00
	Lenha	R\$ 463,00
Miguel Calmon	Mandioca	R\$ 2.240,00
	Banana	R\$ 647,00
	Lenha	R\$ 473,00
	Feijão	R\$ 461,00
Morro do Chapéu	Café	R\$ 12.960,00
	Sisal ou agave	R\$ 2.297,00
	Banana	R\$ 1.689,00
	Feijão	R\$ 1.200,00
Ourolândia	Sisal ou agave	R\$ 3.247,00
	Feijão	R\$ 1.260,00
	Mamona	R\$ 1.200,00
	Mandioca	R\$ 448,00
Piritiba	Mandioca	R\$ 2.520,00
	Feijão	R\$ 307,00
	Tomate	R\$ 279,00
	Café	R\$ 240,00
Saúde	Mandioca	R\$ 2.464,00
	Lenha	R\$ 1.286,00
	Feijão	R\$ 347,00
	Banana	R\$ 264,00
Utinga	Café	R\$ 3.344,00
	Tomate	R\$ 1.920,00
	Cana-de-açúcar	R\$ 675,00
	Banana	R\$ 567,00
Wagner	Mandioca	R\$ 900,00
	Lenha	R\$ 1.235,00
	Banana	R\$ 472,00
	Café	R\$ 375,00

Fonte: IBGE 2002

Entre os municípios do Circuito do Diamante, Mucugê apresenta a agricultura mais desenvolvida, possuindo uma moderna horticultura irrigada destacando-se, ainda, na produção de batata, alho e tomate. A cafeicultura também é bastante significativa no Circuito do Diamante, notadamente em Ibicoara, Mucugê, Lençóis e Seabra. Por fim, neste circuito destaca-se a cana-de-açúcar que é produzida e possui importância econômica para os municípios de Mucugê, Itaetê e Iraquara.

Tabela 3.2.8. Principais atividades agroextrativistas do Circuito do Diamante – 2000

Município	Lavoura	Valor da Produção (mil reais / ano)
Andaraí	Mandioca	R\$ 672,00
	Lenha	R\$ 473,00
	Feijão	R\$ 351,00
	Mamona	R\$ 173,00
Ibicoara	Café	R\$ 9.576,00
	Batata	R\$ 4.455,00
	Tomate	R\$ 2.512,00
	Alho	R\$ 1.350,00
Iraquara	Cana-de-açúcar	R\$ 1.728,00

Município	Lavoura	Valor da Produção (mil reais / ano)
Itaetê	Feijão	R\$ 1.260,00
	Mamona	R\$ 705,00
	Madeira em tora	R\$ 473,00
	Mandioca	R\$ 2.380,00
Lençóis	Lenha	R\$ 703,00
	Feijão	R\$ 398,00
	Cana-de-açúcar	R\$ 302,00
	Café	R\$ 1.303,00
Mucugê	Tomate	R\$ 456,00
	Madeira em tora	R\$ 440,00
	Mandioca	R\$ 367,00
	Batata	R\$ 11.445,00
Nova Redenção	Alho	R\$ 6.000,00
	Café	R\$ 4.800,00
	Tomate	R\$ 3.689,00
	Cana-de-açúcar	R\$ 1.080,00
Palmeiras	Feijão	R\$ 781,00
	Mamona	R\$ 497,00
	Café	R\$ 421,00
	Mandioca	R\$ 315,00
Seabra	Tomate	R\$ 462,00
	Café	R\$ 109,00
	Mandioca	R\$ 108,00
	Madeira em tora	R\$ 318,00
Seabra	Café	R\$ 2.160,00
	Tomate	R\$ 980,00
	Madeira em tora	R\$ 618,00
	Mandioca	R\$ 480,00

Fonte: IBGE 2002

O município de Livramento de Nossa Senhora possui a agricultura mais desenvolvida, em termos de valor da produção, no Circuito do Ouro, destacando-se a produção de manga, banana, maracujá e mandioca. A cultura canavieira possui representatividade em Abaíra, Jussiapé e Rio de Contas. O café é produzido também em Piatã e Rio de Contas. Em Rio do Pires, cabe salientar a produção de fumo e mandioca.

Tabela 3.2.9. Principais atividades agroextrativistas do Circuito do Ouro – 2000

Município	Lavoura	Valor da Produção (mil reais / ano)
Abaíra	Cana-de-açúcar	R\$ 5.400,00
	Mandioca	R\$ 299,00
	Café	R\$ 281,00
	Madeira em tora	R\$ 152,00
Érico Cardoso	Cana-de-açúcar	R\$ 540,00
	Mandioca	R\$ 138,00
	Lenha	R\$ 208,00
	Café	R\$ 138,00
Jussiapé	Cana-de-açúcar	R\$ 4.500,00
	Mandioca	R\$ 528,00
	Feijão	R\$ 151,00
	Lenha	R\$ 100,00
Livramento de Nossa Senhora	Manga	R\$ 19.200,00

Município	Lavoura	Valor da Produção (mil reais / ano)
	Mandioca	R\$ 5.940,00
	Banana	R\$ 2.570,00
	Maracujá	R\$ 2.912,00
Paramirim	Feijão	R\$ 1.512,00
	Mandioca	R\$ 552,00
	Manga	R\$ 200,00
	Cana-de-açúcar	R\$ 162,00
Piatã	Cana-de-açúcar	R\$ 2.250,00
	Café	R\$ 1.800,00
	Mandioca	R\$ 575,00
	Madeira em tora	R\$ 306,00
Rio de Contas	Cana-de-açúcar	R\$ 4.500,00
	Mandioca	R\$ 844,00
	Café	R\$ 540,00
	Manga	R\$ 336,00
Rio do Pires	Fumo	R\$ 1.003,00
	Mandioca	R\$ 528,00
	Milho	R\$ 248,00
	Cana-de-açúcar	R\$ 180,00

Fonte: IBGE 2002

A tabela apresentada a seguir mostra o total da produção de animais no Pólo Turístico Chapada Diamantina no ano de 2000. Destaca-se o rebanho bovino e suíno de Jacobina, Campo Formoso, Itaetê e Livramento de Nossa Senhora. A criação de caprinos ocorre com maior volume em Jacobina, Ouro-lândia e Miguel Calmon.

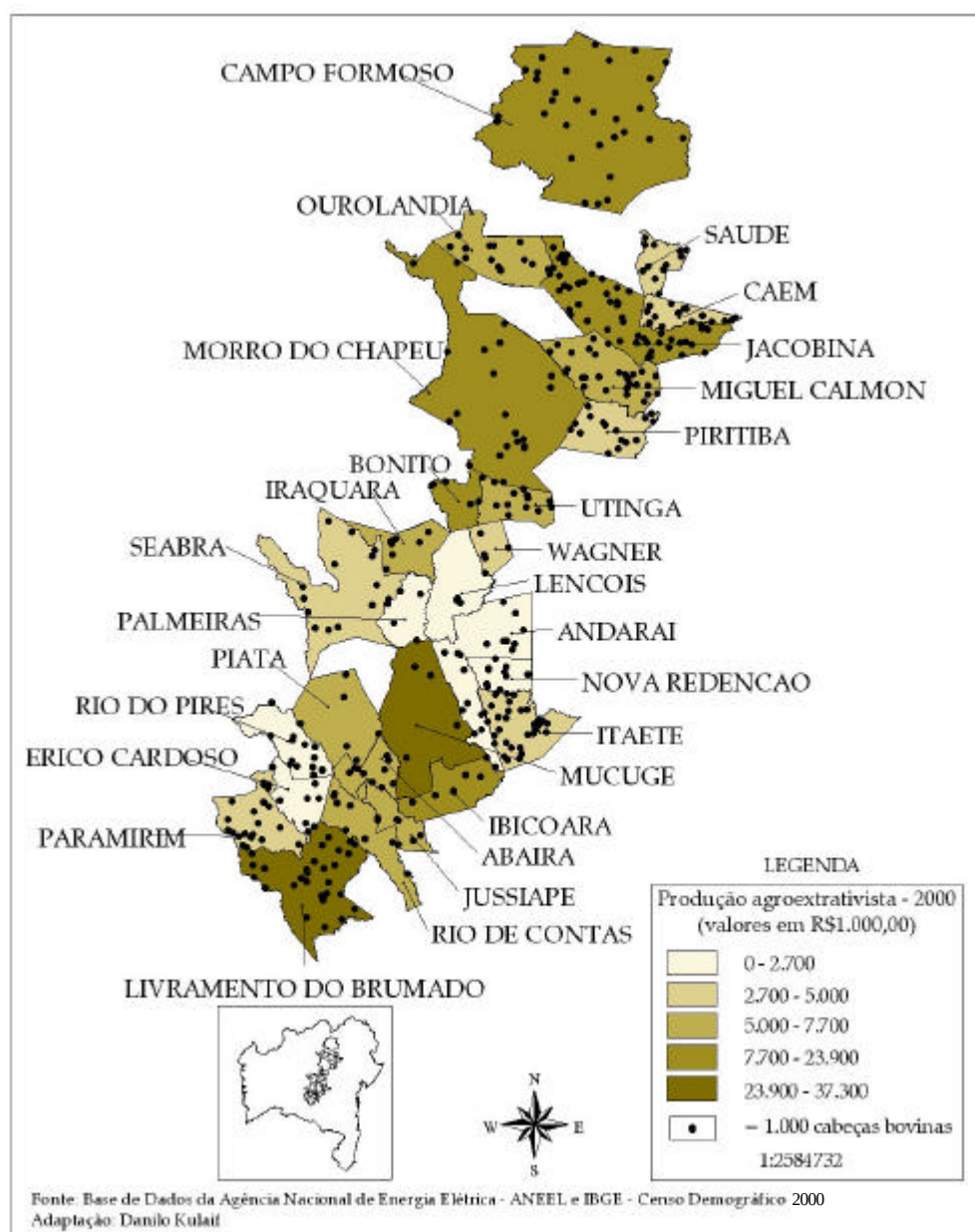
Tabela 3.2.10. Total da produção de animais - 2000

	Município	Bovino	Suíno	Eqüino	Asinino	Muar	Ovino	Galinhas	Caprino
Circuito Chapada Norte	Bonito	3.510	820	435	48	42	1.142	3.673	1.820
	Caém	15.097	2.492	1.038	1.249	516	3.292	17.585	2.171
	Campo Formoso	29.685	9.773	862	502	196	7.612	37.860	16.243
	Jacobina	55.240	6.696	5.269	6.390	1.047	25.740	50.873	37.840
	Miguel Calmon	27.798	5.728	3.022	6.191	694	10.705	36.802	21.750
	Morro do Chapéu	20.708	724	400	133	93	5.860	6.589	10.206
	Ouro-lândia	11.975	1.830	724	706	396	15.365	16.773	31.915
	Piritiba	16.145	645	610	403	269	920	2.230	648
	Saúde	11.883	2.096	2.943	2.014	542	2.262	14.044	1.302
	Utinga	13.662	1.160	680	115	145	230	4.010	565
	Wagner	5.376	900	735	373	199	751	8.798	259
Circuito do Diamante	Andaraí	19.720	1.450	985	730	480	360	4.850	975
	Ibicoara	6.444	1.281	1.136	1.640	1.437	524	10.113	670
	Iraquara	7.044	1.169	398	136	165	49	3.100	232
	Itaetê	33.164	6.193	2.058	2.601	1.219	1.496	21.278	4.612
	Lençóis	3.820	530	240	95	110	130	830	200
	Mucugê	4.320	350	860	120	100	710	1.740	170
	Nova Redenção	9.850	645	720	500	300	290	2.860	1.180
	Palmeiras	4.759	520	278	250	50	110	1.668	324

Município	Bovino	Suíno	Eqüino	Asinino	Muar	Ovino	Galinhas	Caprino
Seabra	15.476	1.028	1.254	787	191	398	10.200	1.684
Abaíra	7.927	1.145	460	650	730	2.280	4.833	1.935
Érico Cardoso	6.013	2.670	690	210	215	2.000	9.591	500
Jussiape	7.176	1.352	415	494	493	1.448	5.530	215
Livramento de N. Sra.	32.445	8.662	2.367	305	253	12.242	41.817	7.043
Paramirim	19.618	9.543	1.425	327	802	7.384	38.978	6.354
Piatã	6.959	5.281	625	720	635	2.359	14.320	1.150
Rio de Contas	8.655	5.330	458	500	430	2.081	13.935	3.150
Rio do Pires	13.953	5.950	1.205	1.133	775	6.883	11.971	9.502

Fonte: IBGE, 2002

Cartograma 3.2.2. Produção agroextrativista e pecuária no Pólo Turístico Chapada Diamantina (2000)



3.2.1.4. O Setor Produtivo do Turismo

Este sub-item procura aprofundar a análise do setor turístico, visualizando seus encadeamentos com os demais setores produtivos e a dinâmica econômica a ele associada. Destaca-se que uma

análise mais específica sobre o tema é realizada na conclusão do capítulo 3.12. Gastos Turísticos.

O desenvolvimento da atividade turística na Chapada Diamantina tem como um dos seus marcos o tombamento do patrimônio histórico e arquitetônico de Lençóis, no início dos anos de 1970 (para maiores detalhes ver sub-item 1. Evolução do capítulo 3.11. Perfil do Turista). A partir daí iniciou-se a estruturação do setor turístico – inclusive com o apoio do Estado que chegou a construir duas pousadas na região, com o surgimento de uma oferta técnica ainda incipiente formada, basicamente, por empreendedores que viam no turismo uma oportunidade econômica. Tal perfil setorial começou a apresentar alterações nos anos 1990 quando, segundo Léda (1995: 96)², ocorre uma “(...) transição entre uma fase inicial, improvisada e artesanal, feita por “pioneiros” (...) para uma atividade de características empresariais, com uma especialização cada vez maior dos serviços...”.

Foi também neste período que o Governo do Estado da Bahia, acreditando na indústria do turismo como agente de desenvolvimento econômico e na vocação da Chapada Diamantina para o ecoturismo, iniciou o Programa de Desenvolvimento do Turismo da Bahia – PRODETUR/BA com a proposição na implantação de infra-estrutura básica na região (para maiores detalhes ver item 2.4 Outros Investimentos Públicos). Em relação a estes investimentos públicos fora do PRODETUR/NE II, nota-se que US\$ 94.181.688,00 correspondem a intervenções já concluídas nas áreas de transportes, saneamento básico e energia elétrica, entre outras áreas.

Ressalta-se, entretanto, que o setor privado vem realizando diversos investimentos na região ao longo desse período, como pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 3.2.11. Investimentos privados em turismo na Chapada Diamantina 1991-2012 (em US\$ 1.000)

Zonas Turísticas	1991/2000	2001/2012		Total Geral
		Em Execução	Em Projeto	
Chapada Diamantina	17.061	200	115.000	132.261
Total Bahia	849.805	139.800	3.923.415	4.913.020
(%) Chapada	2,01%	0,14%	2,93%	2,69%

Fonte: SCT, 2002

Assim, denota-se que o investidor privado foi responsável, desde o início da década de 1990, pela aplicação de US\$ 17.061.000,00 na área objeto de estudo, totalizando cerca de 2% do total de investimento realizado no Estado –

² Léda, Renato L. M. *A Sedução da Paisagem: A Chapada Diamantina e o Turismo Ecológico*. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH da USP. São Paulo, 1995.

adequado ao volume da demanda regional que também é de 2% (para maiores detalhes ver capítulo 3.11. Perfil do Turista). realizados principalmente em equipamentos de hospedagem e de alimentação.

Apesar dos investimentos privados, do crescimento demanda e das receitas turísticas – que saltaram de US\$ 5,10 milhões em 1993 para estimados US\$ 12,03 milhões em 2002, e da própria evolução da atividade na região, a dinâmica associada ao turismo na Chapada Diamantina não foi explorada de forma eficiente. Neste sentido, Lundberg³ (1995: 136) identifica vários fatores que podem interferir no processo de perda de receita potencial turística e, dentre eles, destaca a propensão a importação, ou seja, a dependência de importar bens e serviços para o desenvolvimento de uma produção adequada.

Na área objeto de estudo tal fato é corroborado por Seabra⁴, quando afirma que “(...) nas feiras dos maiores centros urbanos, como Andaraí, Palmeiras e Lençóis, somente a carne é encontrada a preços acessíveis, enquanto os cereais e produtos horti-fruti-granjeiros cultivados extra-regionalmente são comercializados a preços exorbitantes”. Para o autor, como as áreas contíguas ao Parque Nacional da Chapada Diamantina são predominantemente pecuaristas, o desmatamento é incentivado e as lavouras de subsistência são impelidas ao recuo, o que diminui a produção local de gêneros alimentícios, aumentando os preços dos mesmos na economia local.

Entende-se, portanto, que os encadeamentos com os demais setores produtivos decorrentes da atividade turística estão restritos a relações negociais pontuais entre um hotel e/ou restaurante a um produtor específico, sem ocorrerem trocas comerciais intensas entre os setores primário, secundário e terciário.

3.2.2. Análise Social

Neste item, foram apresentados os dados relativos à população e suas condições de vida, trabalhando-se os dados da população total, urbana e rural, por município da área de planejamento, bem como suas projeções até 2020 tendo em vista que alguns desses indicadores serão objeto de monitoramento ao longo do tempo, para efeitos de avaliação dos resultados do PRODETUR/NE II.

Para a análise dos dados populacionais demonstrados no presente estudo baseou-se fundamentalmente nos levantamentos realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, através dos Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000, da Contagem da População de 1996, e de dados fornecidos pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI. Optou-se por trabalhar preferencialmente com os dados desagregados por município, sempre que disponíveis. Cabe salientar-se que um dos objetivos do PRODETUR/NE II é melhorar as condições de vida das populações locais, de

³ Lundberg, D., Stavenga, M. e Krishnamoorthy, M. *Tourism Economics*. John Wiley & Sons: New York, 1995.

⁴ Seabra, Giovanni. *Do Garimpo aos Ecos do Turismo: O Parque Nacional da Chapada Diamantina*. Tese de Doutorado apresentada à FFLCH da USP. São Paulo, 1998.

modo que conhecê-la mais detalhadamente ao nível municipal, apenas contribui com os propósitos do referido Programa.

O Pólo Turístico Chapada Diamantina possui, segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2000, uma população de mais de 570 mil habitantes, correspondendo a 4,36% da população baiana. A maior parte desse contingente populacional vive no campo, com a região apresentando um movimento populacional em direção aos centros urbanos dos municípios menor do que o observado no Estado da Bahia e no Brasil entre as duas últimas décadas.

A população da Chapada Diamantina é predominantemente jovem, aproximadamente 70% dos habitantes possui menos de 34 anos e apenas 6,73% tem mais de 65 anos. Observa-se, contudo, que a expectativa de vida nos municípios do pólo, apesar de estar ainda situada em patamares inferiores a do Brasil, vem apresentando uma melhora de forma geral. O adensamento populacional na região é considerado baixo, aproximadamente 16 habitantes por quilômetro quadrado.

3.2.2.1. População

A tabela seguinte apresenta a evolução populacional dos 28 municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina durante as últimas duas décadas. Nesse período, a representatividade populacional do pólo perante o Estado da Bahia decaiu de 5,16%, em 1980, para 4,36% no ano 2000. O Circuito Chapada Norte representa aproximadamente 52% da população do pólo, sendo Jacobina e Campo Formoso os municípios mais populosos. O Circuito do Diamante representa aproximadamente 24% da população do pólo e Seabra é o município com maior participação. Já os municípios do Circuito do Ouro contribuem com 23% da população do pólo, sendo Livramento de Nossa Senhora o maior deles.

Tabela 3.2.12. Evolução da população – Pólo Turístico Chapada Diamantina

Município	Ano			Crescimento anual 1980/1991	Crescimento anual 1991/2000	Crescimento 1980/2000
	1980	1991	2000			
Bonito	-	11.085	12.902	-	1,70%	-
Caem	9.683	17.116	12.563	5,31%	-3,38%	29,74%
Campo Formoso	56.692	62.104	61.942	0,83%	-0,03%	9,26%
Jacobina	103.967	76.518	76.492	-2,75%	-	-26,43%
Miguel Calmon	23.395	25.260	28.267	0,70%	1,26%	20,82%
Morro do Chapéu	31.824	31.766	34.494	-0,02%	0,92%	8,39%
Ourolândia	-	12.235	15.356	-	2,56%	-
Piritiba	16.301	24.176	19.037	3,65%	-2,62%	16,78%
Saúde	8.476	11.389	11.488	2,72%	0,10%	35,54%
Utinga	16.154	17.048	16.889	0,49%	-0,10%	4,55%
Wagner	5.351	7.834	8.976	3,53%	1,52%	67,74%
Circuito Chapada Norte	271.843	296.531	298.406	0,79%	0,07%	9,77%
Andaraí	22.010	14.285	13.884	-3,85%	-0,32%	-36,92%
Ibicoara	6.025	8.726	14.453	3,42%	5,77%	139,88%
Iraquara	14.359	17.006	18.334	1,55%	0,84%	27,68%

Município	Ano			Crescimento anual 1980/1991	Crescimento anual 1991/2000	Crescimento 1980/2000
	1980	1991	2000			
Itaetê	15.440	14.296	14.006	-0,70%	-0,23%	-9,29%
Lençóis	5.639	7.584	8.910	2,73%	1,81%	58,01%
Mucugê	6.545	10.334	13.682	4,24%	3,17%	109,05%
Nova Redenção	—	10.318	8.636	-	-1,96%	-
Palmeiras	6.621	7.142	7.518	0,69%	0,57%	13,55%
Seabra	23.238	37.859	39.422	4,54%	0,45%	69,64%
Circuito do Diamante	99.877	127.550	138.845	2,25%	0,95%	39,02%
Abaíra	8.977	8.754	9.067	-0,23%	0,39%	1,00%
Érico Cardoso	5.737	7.307	12.160	2,22%	5,82%	111,96%
Jussiape	8.771	10.229	10.051	1,41%	-0,19%	14,59%
Livramento de N. Sra.	29.283	34.345	38.025	1,46%	1,14%	29,85%
Paramirim	21.997	22.577	18.921	0,24%	-1,94%	-13,98%
Piatã	16.764	18.308	18.977	0,80%	0,40%	13,20%
Rio de Contas	13.628	14.068	13.935	0,29%	-0,11%	2,25%
Rio do Pires	10.637	12.101	12.010	1,18%	-0,08%	12,91%
Circuito do Ouro	115.794	127.689	133.146	0,89%	0,47%	14,99%
Chapada Diamantina	487.514	551.770	570.397	1,13%	0,37%	17,00%
Bahia	9.455.392	11.867.991	13.070.250	2,09%	1,08%	38,23%
Brasil	119.011.052	146.825.475	169.799.170	1,93%	1,63%	42,68%

Fonte: IBGE, 2002

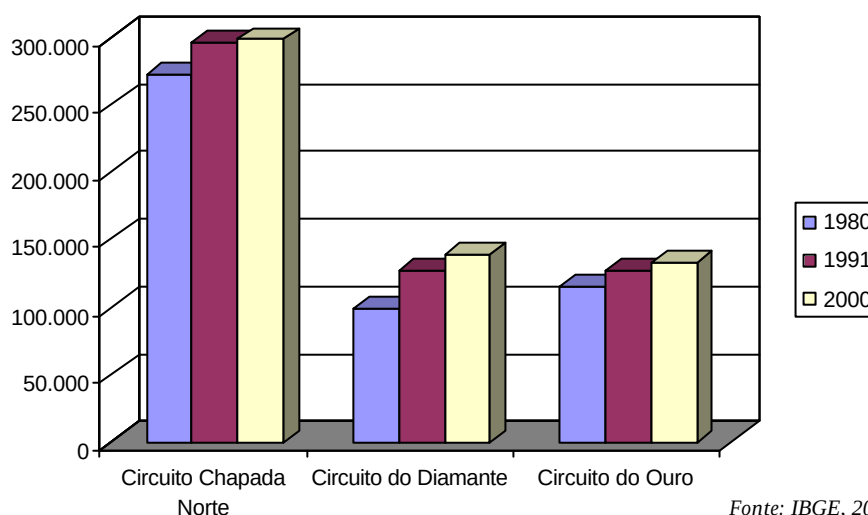
Entre os Censos de 1980 e 1991, Jacobina apresentou significativo decréscimo populacional, por conta do desmembramento de parte de sua área para a criação dos municípios de Ourolândia e Várzea Nova. Conforme demonstra a tabela anterior, o município de Wagner é o menor do Circuito Chapada Norte e também o que apresentou o maior crescimento populacional entre 1980 e 2000 (67,74%). Já Caém, apresentou a maior taxa de crescimento anual entre 1980 e 1991 (5,31%) e, curiosamente, a menor taxa durante o período posterior, entre 1991 e 2000 (-3,38%), crescendo nas duas décadas, 29,74%. Miguel Calmon e Morro do Chapéu cresceram 20,82% e 8,39% respectivamente, durante as duas décadas. De forma geral, a população do Circuito Chapada Norte cresceu a um ritmo bastante inferior ao apresentado pelo estado da Bahia, cujo crescimento anual foi de 2,09% no primeiro período e 1,08% no segundo. Entre 1980 e 2000, a população baiana cresceu 38,23%, enquanto os municípios da Chapada Norte cresceram apenas 9,77%.

No Circuito do Diamante, a localidade com população mais expressiva é o município de Seabra (39.422 habitantes no ano 2000) e também o que obteve maior crescimento populacional entre 1980 e 1991 (4,54% ao ano). Já o município de Andaraí apresentou decréscimo em sua população devido à diminuição de sua área para a criação do município de Nova Redenção em 1989. Em Ibicoara e Mucugê, a população mais que dobrou em duas décadas (139,88% na primeira e 109,05% na segunda). Em Lençóis, a população cresceu 2,73% entre 1980 e 1991. O crescimento populacional do Circuito do Diamante entre 1980 e 2000 (39,02%) ficou ligeiramente próximo ao apresentado pelo Estado da Bahia (38,23%) e inferior ao do Brasil (42,68%).

Livramento de Nossa Senhora possui a maior população do Circuito do Ouro (38.025 habitantes no ano 2000) e apresentou, entre 1980 e 2000, uma taxa de crescimento de 29,85%. O menor município do circuito é Abaíra, que cresceu apenas 1% nas últimas duas décadas. Érico Cardoso cresceu 111,96% entre 1980 e 2000 (5,82% ao ano na última década). Em Paramirim houve relativo decréscimo populacional, por conta da diminuição de sua área. De forma geral, os municípios do Circuito do Ouro cresceram a um ritmo bem menor do que o apresentado pelo Estado da Bahia (0,89% ao ano entre 1980 e 1991 e 0,47% ao ano entre 1991 e 2000).

O gráfico apresentado a seguir mostra a evolução da população do Pólo Turístico Chapada Diamantina em valores absolutos e, evidencia-se, a maior participação do Circuito Chapada Norte no contingente populacional do pólo.

Gráfico 3.2.2. Evolução da população – Pólo Turístico Chapada Diamantina



Fonte: IBGE, 2002

A tabela a seguir apresenta a população dos municípios e sua distribuição urbana e rural, demonstrando a presença marcante da população rural nos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina, evidenciando uma região de baixa urbanização. No ano 2000, a população urbana nos municípios do pólo representava 43,5%, da população total, um percentual inferior ao do Estado da Bahia, que foi de 67,12% e inferior também ao percentual brasileiro, que foi de 81,25% para o mesmo ano.

Dentre os municípios do Circuito Chapada Norte, os que apresentam maiores taxas de urbanização no ano 2000 são Jacobina (68,10%), Utinga (67,93%), Wagner (67,26%) e Piritiba (66,86%). Já Caém, apresentava apenas 26,88% de sua população habitando a zona urbana do município, o que denota a concentração das atividades econômicas no setor primário.

O Circuito do Diamante apresentou, no ano 2000, aproximadamente 41% de sua população vivendo nos centros urbanos dos municípios. Lençóis possuía 71,77% do contingente populacional na zona urbana. Já em Mucugê, esse contingente representava apenas 24,24% da população total.

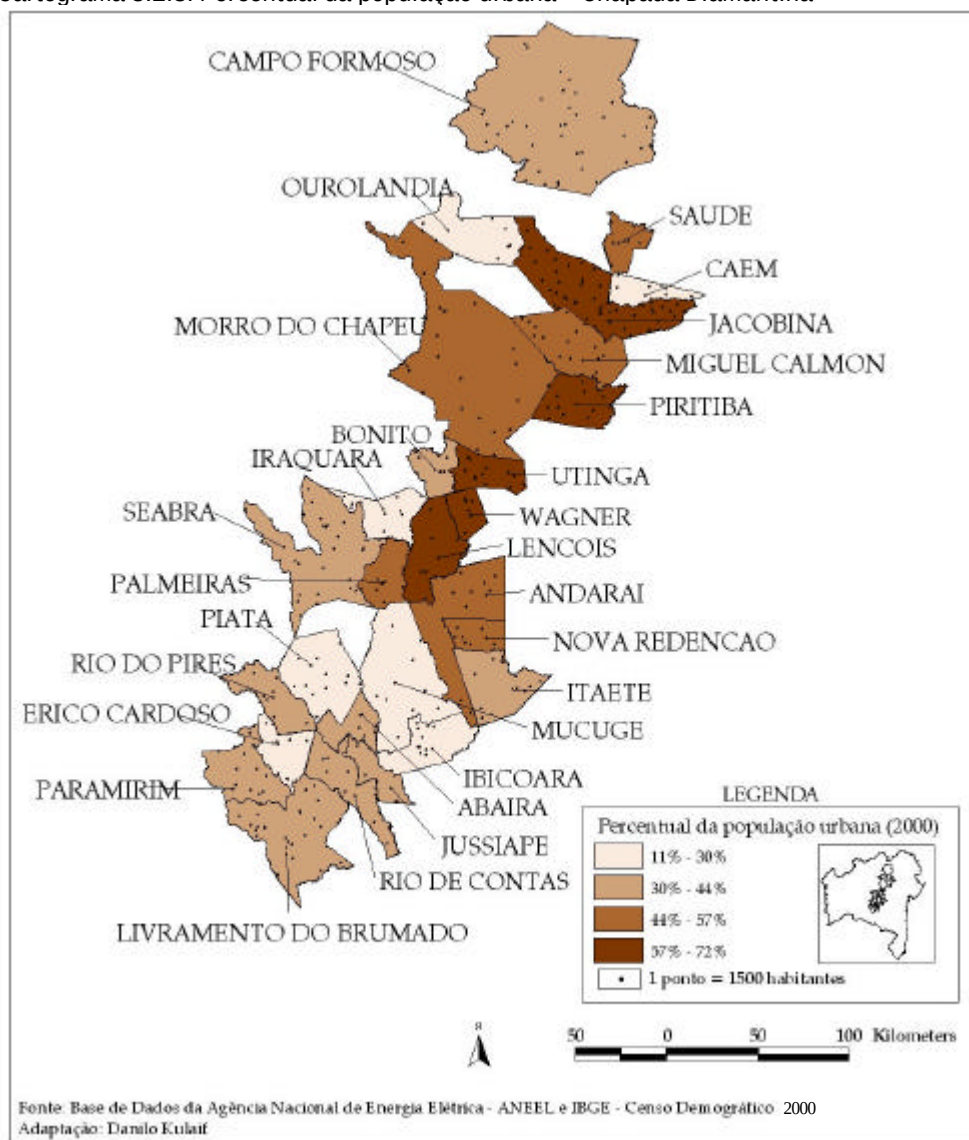
O Circuito do Ouro é o que possui os municípios com menor índice de população urbana do Pólo Turístico Chapada Diamantina, apenas 36,82%. Érico Cardoso possuía o menor contingente populacional na zona urbana no ano 2000 (10,87%), apesar de ter sofrido um aumento populacional de 111,96% entre 1980 e 2000.

Tabela 3.2.13. Evolução da população por situação – Pólo Turístico Chapada Diamantina

Município	1980			1991			2000		
	Urbana	Rural	Taxa de urbanização	Urbana	Rural	Taxa de urbanização	Urbana	Rural	Taxa de urbanização
Bonito	-	-	-	4.349	6.736	39,23%	5.501	7.401	42,64%
Caém	1.193	8.490	12,32%	3.824	13.292	22,34%	3.377	9.186	26,88%
Campo Formoso	11.126	45.566	19,63%	16.432	45.672	26,46%	21.003	40.939	33,91%
Jacobina	36.185	67.782	34,80%	50.009	26.509	65,36%	52.088	24.404	68,10%
Miguel Calmon	8.408	14.987	35,94%	11.969	13.291	47,38%	14.819	13.448	52,43%
Morro do Chapéu	9.674	22.150	30,40%	15.519	16.247	48,85%	19.793	14.701	57,38%
Ourolândia	-	-	-	2.356	9.879	19,26%	4.458	10.898	29,03%
Piritiba	6.536	9.765	40,10%	8.987	15.189	37,17%	12.728	6.309	66,86%
Saúde	2.647	5.829	31,23%	5.515	5.874	48,42%	5.991	5.497	52,15%
Utinga	3.998	12.156	24,75%	7.449	9.599	43,69%	11.472	5.417	67,93%
Wagner	2.622	2.729	49,00%	4.818	3.016	61,50%	6.037	2.939	67,26%
Circuito Chapada Norte	82.389	189.454	30,31%	131.227	165.304	44,25%	157.267	141.139	52,70%
Andaraí	4.167	17.843	18,93%	5.825	8.460	40,78%	7.166	6.718	51,61%
Ibicoara	452	5.573	7,50%	1.253	7.473	14,36%	4.016	10.437	27,79%
Iraquara	2.393	11.966	16,67%	4.093	12.913	24,07%	5.330	13.004	29,07%
Itaeté	3.408	12.032	22,07%	4.676	9.620	32,71%	5.454	8.552	38,94%
Lençóis	2.617	3.022	46,41%	3.481	4.103	45,90%	6.395	2.515	71,77%
Mucugê	1.321	5.224	20,18%	2.230	8.104	21,58%	3.317	10.365	24,24%
Nova Redenção	-	-	-	3.581	6.737	34,71%	4.492	4.144	52,01%
Palmeiras	2.656	3.965	40,11%	3.600	3.542	50,41%	3.999	3.519	53,19%
Seabra	5.759	17.479	24,78%	12.432	25.427	32,84%	16.749	22.673	42,49%
Circuito do Diamante	22.773	77.104	22,80%	41.171	86.379	32,28%	56.918	81.927	40,99%
Abaíra	2.277	6.700	25,36%	2.965	5.789	33,87%	3.559	5.508	39,25%
Érico Cardoso	913	4.824	15,91%	1.108	6.199	15,16%	1.322	10.838	10,87%
Jussiapé	2.564	6.207	29,23%	3.902	6.327	38,15%	3.766	6.285	37,47%
Livramento de N.Sra.	8.905	20.378	30,41%	13.200	21.145	38,43%	16.724	21.301	43,98%
Paramirim	3.552	18.445	16,15%	5.356	17.221	23,72%	7.883	11.038	41,66%
Piatã	2.030	14.734	12,11%	3.306	15.002	18,06%	5.771	13.206	30,41%
Rio de Contas	3.874	9.754	28,43%	4.539	9.529	32,26%	5.684	8.251	40,79%
Rio do Pires	1.889	8.748	17,76%	3.239	8.862	26,77%	4.310	7.700	35,89%
Circuito do Ouro	26.004	89.790	22,46%	37.615	90.074	29,46%	49.019	84.127	36,82%
Chapada Diamantina	131.166	356.348	26,91%	210.013	341.757	38,06%	263.204	307.193	46,14%
Bahia	4.660.499	4.794.893	49,29%	7.016.770	4.851.221	59,12%	8.772.348	4.297.902	67,12%
Brasil	80.437.327	38.573.725	67,59%	110.990.990	35.834.485	75,59%	137.953.959	31.845.211	81,25%

Fonte: IBGE, 2002

Cartograma 3.2.3. Percentual da população urbana – Chapada Diamantina



O cartograma acima espacializa a distribuição da população urbana pelo Pólo Turístico Chapada Diamantina e evidencia-se que o maior contingente de população urbana localiza-se na porção central do pólo. A região sul apresenta um contingente populacional urbano menor do que no restante do pólo.

A predominância de população rural nos municípios do pólo denota a base econômica dos municípios, com maior ênfase no setor primário do que no secundário e terciário. Há, entretanto, um movimento gradual do contingente populacional do campo em direção à cidade.

A seguir, são apresentadas tabelas com a distribuição da população por faixas etárias no ano de 2000 para os três circuitos. Juntamente, são mostradas as pirâmides etárias dos circuitos em três momentos, 1980 1991 e 2000.

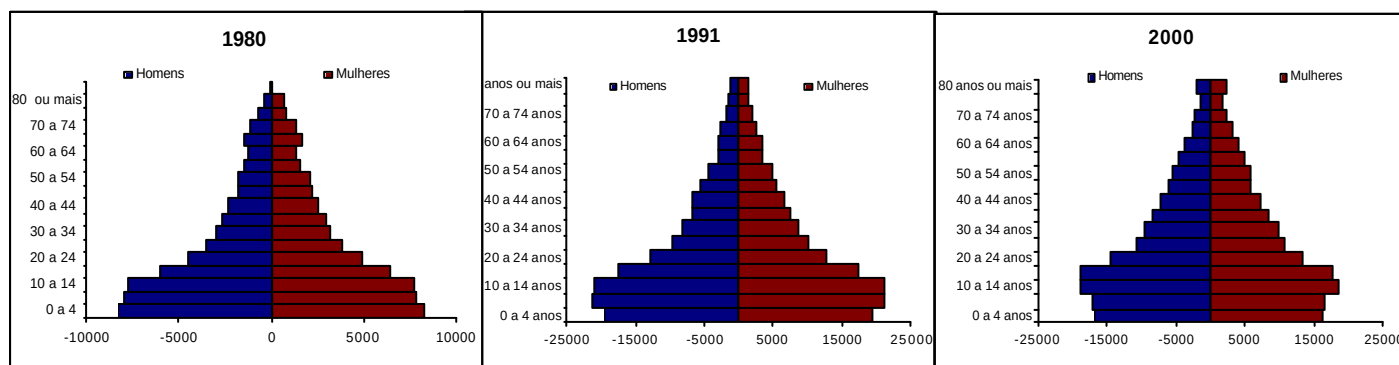
As pirâmides etárias são gráficos utilizados para representar a população de um dado lugar, segundo os grupos de idade e gênero. Por meio das pirâmides, pode-se avaliar a população em estudo segundo o seu desenvolvimento demográfico, ou seja, o formato da pirâmide indica o estágio de desenvolvimento socioeconômico de uma dada população. Nos países ricos, industrializados, chamados de primeiro mundo, a pirâmide se caracteriza por uma base mais estreita e um ápice mais largo, indicando a maior predominância de população idosa, o que significa uma maior longevidade da população em razão de sua melhor qualidade de vida. Contrapondo essa realidade, têm-se os países em desenvolvimento, onde as pirâmides se caracterizam por uma base larga e um ápice (ou cume) estreito, ou seja, são países com maiores índices de jovens na população.

Tabela 3.2.14. Distribuição etária da população – Circuito Chapada Norte 2000

	Bonito	Caém	Campo Formoso	Jacobina	Miguel Calmon	Morro do Chapéu	Ourolândia	Piritiba	Saúde	Utinga	Wagner
0 a 4 anos	1934	1231	7153	7409	2743	4147	1787	1954	1106	2250	1068
5 a 9 anos	1740	1406	7030	8000	3094	4154	1843	2157	1143	2025	1124
10 a 14 anos	1653	1559	7922	9050	3503	4430	2080	2411	1383	2092	1109
15 a 19 anos	1513	1511	7700	9178	3413	4040	2011	2412	1430	1962	1100
20 a 24 anos	1252	1217	6135	7306	2560	3009	1551	1628	1003	1610	815
25 a 29 anos	970	948	4442	5737	2019	2325	1181	1268	800	1221	615
30 a 34 anos	872	862	4007	5337	1838	2162	998	1069	698	1010	529
35 a 39 anos	690	663	3295	4572	1615	2007	804	1071	590	947	460
40 a 44 anos	558	553	2935	3976	1427	1721	684	861	578	786	410
45 a 49 anos	454	469	2488	3349	1153	1364	558	775	518	617	336
50 a 54 anos	354	456	2211	3158	1067	1223	525	767	486	528	325
55 a 59 anos	325	466	1824	2674	955	966	407	624	447	437	272
60 a 64 anos	199	376	1626	2009	798	873	320	549	351	393	228
65 a 69 anos	158	288	998	1466	655	649	209	452	273	343	203
70 anos ou mais	230	558	2176	3271	1427	1424	398	1039	682	668	382
Total	12902	12563	61942	76492	28267	34494	15356	19037	11488	16889	8976

Fonte: IBGE, 2002

Gráfico 3.2.3. Pirâmides etárias – Circuito Chapada Norte



Fonte: IBGE, 2002

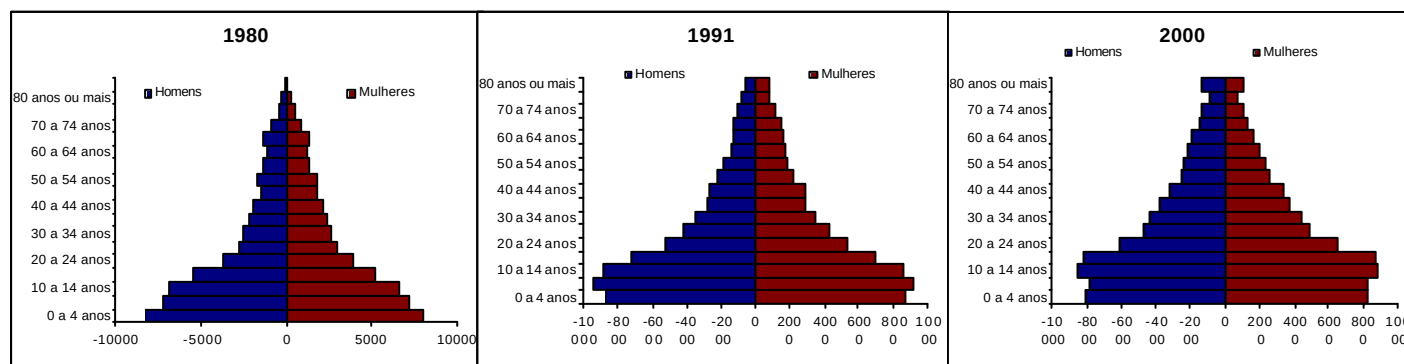
Nos municípios do Circuito Chapada Norte há predominância de população jovem, aproximadamente 70% dos habitantes possui idade entre 0 e 34 anos, segundo o último levantamento do IBGE entre 1980 e 2000. Houve, entretanto, um ligeiro envelhecimento da população em duas décadas; o percentual de idosos aumentou de 3,9%, em 1980, para aproximadamente 6% no ano 2000. As pirâmides etárias do Circuito Chapada Norte, para os anos de 1980, 1991 e 2000, apresentam um sensível alargamento de seu ápice, denotando um aumento da expectativa de vida nos municípios.

Tabela 3.2.15. Distribuição etária da população – Circuito do Diamante (2000)

	Andaraí	Ibicoara	Iraquara	Itaeté	Lençóis	Mucugê	Nova Redenção	Palmeiras	Seabra
0 a 4 anos	1797	1668	2249	1727	1160	1223	1075	875	4567
5 a 9 anos	1760	1609	2198	1775	1062	1541	982	835	4445
10 a 14 anos	1884	1730	2345	1897	1125	1661	1133	863	4694
15 a 19 anos	1798	1684	2164	1833	1069	1650	1139	816	4711
20 a 24 anos	1195	1473	1565	1139	821	1304	836	684	3638
25 a 29 anos	843	1210	1074	817	686	1083	529	543	2890
30 a 34 anos	758	1126	1116	689	567	948	500	492	2520
35 a 39 anos	682	865	1022	655	538	847	401	412	2201
40 a 44 anos	613	761	918	621	422	668	338	328	2007
45 a 49 anos	464	528	715	518	289	557	301	305	1454
50 a 54 anos	478	394	578	492	252	473	339	256	1437
55 a 59 anos	422	355	589	429	228	425	285	260	1196
60 a 64 anos	318	342	535	373	187	344	193	220	1050
65 a 69 anos	250	263	377	325	141	315	157	177	788
70 anos ou mais	622	445	889	716	363	643	428	452	1824

Fonte: IBGE, 2002

Gráfico 3.2.4. Pirâmides etárias – Circuito do Diamante



Fonte: IBGE, 2002

A população do Circuito do Diamante também apresenta uma população de jovens, que representam mais de 70% do total de habitantes. Cerca de 6,61% de

toda a população possuía mais de 65 anos, sendo que, no início da década de 1980, essa percentual era de 5,8%. Nos municípios do Circuito do Diamante, de maneira geral, há significativa melhora da expectativa de vida da população no ano 2000.

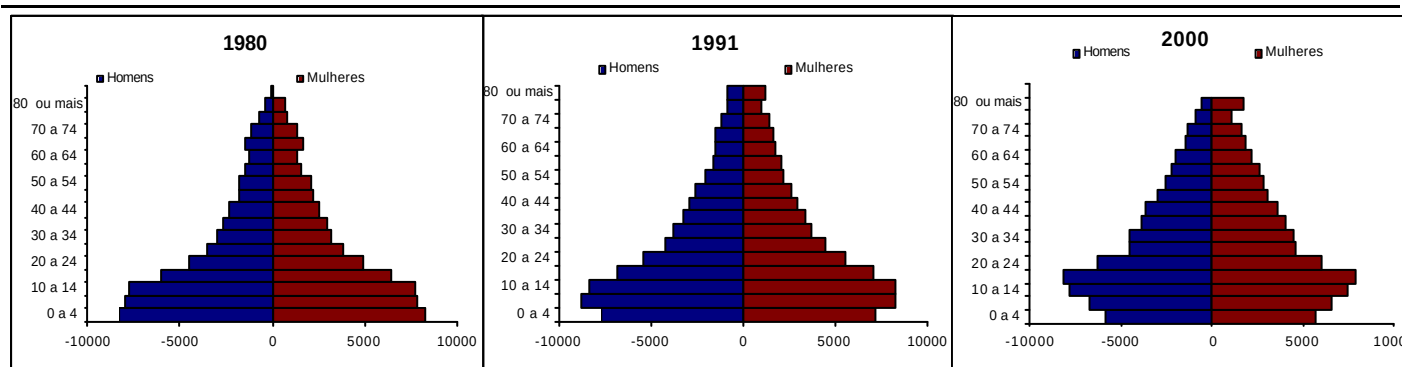
Tabela 3.2.16. Distribuição etária da população – Circuito do Ouro (200)

	Abaíra	Érico Cardoso	Jussiape	Livramento de Nossa Senhora	Paramirim	Piatã	Rio de Contas	Rio do Pires
0 a 4 anos	565	1191	608	3526	1594	1890	1161	1002
5 a 9 anos	773	1356	753	3860	1854	2024	1320	1234
10 a 14 anos	914	1419	957	4508	2112	2266	1554	1388
15 a 19 anos	1099	1445	1112	4730	2237	2311	1663	1478
20 a 24 anos	837	1044	1052	3610	1758	1657	1144	1173
25 a 29 anos	590	785	847	2813	1371	1162	889	731
30 a 34 anos	584	777	846	2700	1273	1054	935	752
35 a 39 anos	550	702	699	2288	1179	995	879	662
40 a 44 anos	530	603	617	1929	1034	1023	814	646
45 a 49 anos	490	495	486	1627	847	849	654	566
50 a 54 anos	393	496	404	1457	780	744	593	490
55 a 59 anos	345	450	368	1318	679	676	560	430
60 a 64 anos	340	411	337	1093	575	633	471	405
65 a 69 anos	312	330	263	775	481	488	390	321
70 anos ou mais	745	656	702	1791	1147	1205	908	732

Fonte: IBGE, 2002

Já o Circuito do Ouro apresenta uma evolução populacional por idade diferente da realidade dos outros dois circuitos do pólo. No ano 2000, a população jovem representava aproximadamente 60% do total, enquanto que no ano de 1980 era de 72%. Já a população idosa, aquela com mais de 65 anos, representava 8,4% do total no ano 2000. Cabe salientar, que houve uma evolução desigual da longevidade entre homens e mulheres nas últimas duas décadas, a população feminina idosa cresceu cerca de 12% a mais que a masculina.

Gráfico 3.2.5. Pirâmides etárias – Circuito do Ouro



Fonte: IBGE, 2002

A tabela seguinte apresenta a evolução populacional dos vinte e oito municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina distribuída por gênero e desagregada por município. É apresentada também, uma comparação entre os dados disponíveis para o Estado da Bahia, o Brasil e o percentual médio dos três circuitos do pólo. Nesses municípios, há equilíbrio entre os gêneros e os números apresentados pelos municípios possuem grande semelhança com a média brasileira.

Tabela 3.2.17. Distribuição da população por gênero – Pólo Turístico Chapada Diamantina

		1980		1991		1996		2000	
		Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Circuito Chapada Norte	Bonito	-	-	5.536	5.549	7.288	7.181	6.351	6.551
	Caem	4.827	4.856	8.539	8.577	8.542	8.578	6.224	6.339
	Campo Formoso	28.300	28.392	31.002	31.102	29.435	29.896	30.572	31.370
	Jacobina	52.311	51.656	39.405	37.113	44.239	41.317	39.070	37.422
	Miguel Calmon	11.755	11.640	12.677	12.583	16.131	16.017	14.045	14.222
	Morro do Chapéu	15.731	16.093	15.851	15.915	15.912	16.067	17.092	17.402
	Ourolândia	-	-	5.930	6.305	6.881	7.255	7.478	7.878
	Piritiba	8.300	8.001	12.180	11.996	9.603	9.879	9.537	9.500
	Saúde	4.289	4.187	5.756	5.633	8.835	8.545	5.763	5.725
	Utinga	7.824	8.330	8.495	8.553	9.057	8.918	8.443	8.446
Wagner	2.669	2.682	3.860	3.974	4.314	4.462	4.441	4.535	
Total		136.006	135.837	149.231	147.300	160.237	158.115	149.016	149.390
Percentual		50,03%	49,97%	50,33%	49,67%	50,33%	49,67%	49,94%	50,06%
Circuito do Diamante	Andaraí	10.787	11.223	7.075	7.210	7.943	8.112	6.805	7.079
	Ibicoara	3.057	2.968	4.393	4.333	4.602	4.545	7.071	7.382
	Iraquara	7.265	7.094	8.564	8.442	9.145	8.999	9.269	9.065
	Itaeté	7.747	7.693	7.154	7.142	7.153	7.272	6.904	7.102
	Lençóis	2.824	2.815	3.821	3.763	4.920	4.769	4.493	4.417
	Mucugê	3.403	3.142	5.314	5.020	6.596	6.441	6.777	6.905
	Nova Redenção	-	-	5.195	5.123	6.279	6.331	4.252	4.384
	Palmeiras	3.383	3.238	3.677	3.465	5.147	4.940	3.799	3.719
	Seabra	11.909	11.329	19.020	18.839	20.570	20.224	19.741	19.681
	Total	50.375	49.502	64.213	63.337	72.355	71.633	69.111	69.734
Percentual		50,44%	49,56%	50,34%	49,66%	50,25%	49,75%	49,78%	50,22%
Circuito do Ouro	Abaíra	4.630	4.347	4.499	4.255	6.521	6.208	4.569	4.498
	Érico Cardoso	2.983	2.754	3.681	3.626	5.148	4.952	6.082	6.078
	Jussiapé	4.634	4.137	5.269	4.960	5.833	5.420	5.204	4.847
	Livramento de N. Sra	14.806	14.477	17.137	17.208	17.534	17.475	18.823	19.202
	Paramirim	11.230	10.767	11.357	11.220	12.398	11.912	9.427	9.494
	Piatã	8.745	8.019	9.537	8.771	9.324	8.587	9.749	9.228
	Rio de Contas	7.075	6.553	7.281	6.787	6.936	6.335	7.238	6.697
	Rio do Pires	5.531	5.106	6.266	5.835	5.593	5.341	6.065	5.945
	Total	59.634	56.160	65.027	62.662	69.287	66.230	67.157	65.989
	Percentual		51,50%	48,50%	50,93%	49,07%	51,13%	48,87%	50,44%
Bahia (%)		50,62%	49,38%	50,64%	49,36%	50,70%	49,30%	50,56%	49,44%
Brasil (%)		50,30%	49,70%	50,63%	49,37%	50,70%	49,30%	50,78%	49,22%

Fonte: IBGE, 2002

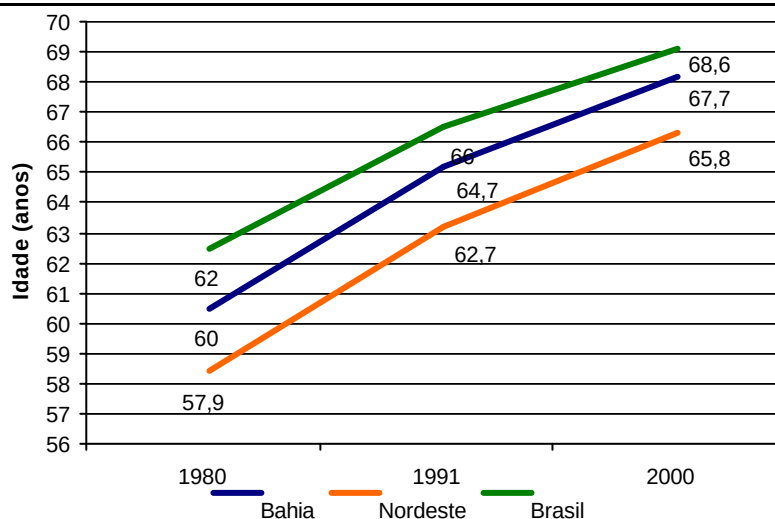
O envelhecimento da população, fenômeno observado anteriormente por meio das pirâmides etárias, ocorre em função de dois aspectos: a diminuição da natalidade e o aumento da expectativa de vida. A tabela seguinte apresenta os dados referentes à expectativa de vida para o Estado da Bahia, a Região Nordeste e o Brasil, e mostra a evolução do indicador nas últimas duas décadas. Nesse período, o Estado da Bahia apresentou média superior à da Região Nordeste e diminuiu sua diferença em relação ao restante do país (era de 3,3% em 1980 e caiu para 1,3% em 2000). Cabe salientar a maior longevidade da população feminina nos dados mostrados, acompanhando uma tendência natural desse fenômeno, que ocorre por conta de questões relativas ao mercado de trabalho e ao modo de vida da população masculina.

Tabela 3.2.18. Evolução da expectativa de vida ao nascer por gênero e total – BA/NE/Brasil

Região	Total	1980		Total	1991		Total	2000	
		Homens	Mulheres		Homens	Mulheres		Homens	Mulheres
Bahia	60	57,4	62,7	64,7	61,9	67,7	67,7	64,7	70,8
Nordeste	57,9	55,2	60,8	62,7	59,8	65,7	65,8	62,7	68,9
Brasil	62	59	65,4	66	62,6	69,8	68,6	64,8	72,5

Fonte: Projeto IBGE / Fundo de População das Nações Unidas, 2002

Gráfico 3.2.6. Evolução da expectativa de vida ao nascer – BA/NE/Brasil



Fonte: Projeto IBGE / Fundo de População das Nações Unidas, 2002

As próximas duas tabelas apresentam uma estimativa do crescimento populacional total e separada por faixas etárias para o Estado da Bahia. A projeção foi elaborada pela SEI e teve como base os dados levantados pela série histórica dos Censos Demográficos do IBGE.

A participação da faixa etária entre 0 e 14 anos cairá de 31,67% no ano 2000 para 23,2% em 2020, ou seja, diminuirá 36,5%. Já a população idosa sofrerá um incremento de aproximadamente 53% perante o total, passando de 4,77% no ano 2000 para 7,31% em 2020.

Tabela 3.2.19. Crescimento populacional por faixas Etárias 2000 - 2020

Grupos etários	População					
	2000	%	2010	%	2020	%
0 - 14 anos	4.146.411	31,67	3.891.678	27,17	3.481.667	23,2
15 - 64 anos	8.322.762	63,57	9.632.223	67,24	10.430.578	69,5
65 anos ou mais	624.070	4,77	801.783	5,6	1.096.499	7,31

Fonte: SEI, 2002

Num horizonte de 20 anos, estima-se que a população crescerá anualmente a um ritmo menor a cada ano. Em 2020, estima-se que ela crescerá 0,272 % ao ano, passando dos quinze milhões neste ano. Obviamente essa projeção não pondera as alterações populacionais advindas de possíveis movimentos migratórios, o que acaba por esvaziar ligeiramente o significado dos dados, haja vista que a região poderá receber grande aporte de investimentos por parte do Poder Público e da iniciativa privada, o que pode também acarretar um aumento populacional por conta de migração interna.

Tabela 3.2.20. Taxas populacionais projetadas – Bahia 2000 / 2020

Ano	População (em 1 de julho)	Natalidade (por mil)	Mortalidade (por mil)	Taxas de crescimento médio anual (%)
2000	13.093.243	22,19	6,81	1,019
2001	13.226.547	21,94	6,73	1,007
2002	13.359.797	21,75	6,69	0,998
2003	13.492.489	21,47	6,65	0,979
2004	13.623.763	21,17	6,61	0,958
2005	13.752.707	20,78	6,57	0,926
2006	13.877.765	20,27	6,53	0,884
2007	13.997.996	19,86	6,59	0,841
2008	14.113.363	19,48	6,66	0,8
2009	14.222.888	18,97	6,73	0,746
2010	14.325.684	18,5	6,81	0,695
2011	14.421.700	18,01	6,89	0,642
2012	14.511.034	17,59	6,97	0,594
2013	14.593.948	17,18	7,06	0,546
2014	14.670.425	16,79	7,16	0,499
2015	14.740.643	16,44	7,27	0,456
2016	14.805.156	16,16	7,39	0,418
2017	14.864.135	15,86	7,51	0,377
2018	14.917.489	15,6	7,65	0,339
2019	14.965.555	15,37	7,79	0,304
2020	15.008.744	15,19	7,93	0,272

Fonte: SEI, 2002

O adensamento populacional dos municípios do pólo é bem reduzido. Obviamente, é uma realidade bastante diferente daquela presente em cidades grandes como São Paulo (1.525,0 hab/km²) e Salvador (324,5 hab/km²).

No caso da Chapada Norte o maior adensamento populacional ocorre em Jacobina (32,95 hab/km²), seguida de Caém (25,25 hab/km²) e Bonito (24,01

hab/km²). Os três municípios pertencem ao Circuito Chapada Norte, que possui cerca de 19,66 hab/km²; aproximadamente o mesmo índice que o Brasil (19,92 hab/km²). Campo Formoso e Morro do Chapéu, como já mencionado, são os dois maiores municípios da região do pólo e juntos, representam 29,21% da área total do pólo, entretanto, a densidade demográfica nos dois municípios é bem reduzida (6,28hab/km² e 9,1 hab/km² respectivamente). A tabela a seguir mostra a área e a densidade demográfica dos municípios do pólo.

Tabela 3.2.21. Densidade Demográfica e área dos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina

Município	Área (km ²)	Densidade demográfica (hab/km ²)
Abaíra	578,40	15,69
Érico Cardoso	701,30	17,34
Jussiapé	523,50	19,20
Paramirim	1.115,70	16,96
Piatã	1.508,00	12,59
Rio de Contas	1.052,40	13,24
Rio do Pires	889,50	13,55
Wagner	415,80	21,54
Circuito do Ouro	6.784,60	16,26
Andaraí	1.895,10	7,30
Ibicoara	1.333,33	14,79
Iraquara	800,40	22,90
Itaeté	1.194,20	11,55
Lençóis	1.240,30	7,17
Mucugê	2.482,30	5,51
Nova Redenção	511,00	16,81
Palmeiras	695,80	10,08
Seabra	2.648,00	14,89
Circuito do Diamante	12.444,20	12,33
Bonito	537,50	24,01
Caém	497,60	25,25
Campo Formoso	6.806,00	9,10
Jacobina	2.319,70	32,95
Miguel Calmon	1.465,40	19,32
Morro do Chapéu	5.491,70	6,28
Ourolândia	1.276,00	12,03
Piritiba	990,60	19,19
Saúde	499,70	22,98
Utinga	717,40	23,64
Wagner	415,80	21,54
Circuito Chapada Norte	21.017,40	19,66
Pólo Turístico Chapada		
Diamantina	40.246,20	16,33
Bahia	564.273,00	23,16
Brasil	8.514.204,90	19,92

Fonte: IBGE, 2002

Os diferentes espaços regionais sofrem, em geral, dois movimentos: um decorrente de uma manutenção de uma estrutura primário-exportadora e outro em razão de ações comandadas pelo centro dominante nacional, via dominação dos mercados e do processo de acumulação de capital.

Transformações de ordem estrutural (como por exemplo políticas públicas do setor de transportes) com impacto na dinâmica populacional contribuem para as localidades passarem de um estágio primário-exportador para um estágio de caráter urbano-industrial, o que leva também a integrar as economias regionais locais, causando influência no contingente populacional. As desvantagens para as áreas que ficaram à margem de transformações seguem, em geral, a mesma lógica, porém ao inverso, com a falta de estímulo para as atividades produtivas superadas na concorrência com outras áreas e, por conseguinte, com fraca vida de relações, afetando negativamente o crescimento urbano.

Pelos dados apresentados neste capítulo, acerca da dinâmica populacional, sem obviamente o aprofundamento maior que merece uma análise demográfica específica, a região da Chapada Diamantina expressa sintomas de crise urbano-regional, com estagnação ou decréscimo (naqueles casos citados) de suas populações urbanas e mesmo rurais.

Outra questão a ser ponderada, quando de análises demográficas, refere-se a importância do peso das localizações das cidades situadas ao longo dos grandes eixos de circulação, de caráter estadual e nacional. Por exemplo, tal situação pode influir no crescimento de economias sub-regionais ou contribuir para um relativo isolamento, causando desestímulo às atividades produtivas.

3.2.2.2. Condições de Vida

Um dos objetivos do PRODETUR/NE II é beneficiar a população fixa e por meio de um conjunto de ações proporcionar uma melhoria de suas condições de vida, assim, o PDITS deve trabalhar os indicadores sociais que serão monitorados ao longo do tempo, para se avaliar o êxito deste Programa. Estas informações incluem a evolução de indicadores como IDH – Índice de Desenvolvimento Humano; IDS – Índice de Desenvolvimento Social; da renda (PIB per capita) e dos índices de cobertura e déficit de serviços públicos básicos.

Assim, entende-se que as condições de vida de um povo podem ser analisadas por uma série de indicadores, como por exemplo, as taxas de emprego e desemprego, níveis de cobertura e acesso a infra-estrutura e serviços básicos (saneamento, transporte, energia etc), condições de saúde e níveis de educação. A análise conjunta desses indicadores permite a delineação da qualidade de vida na região de planejamento e pode fornecer subsídios para definição de prioridades de investimento para o Poder Público.

Para essa análise, será utilizado o IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, elaborado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Índice de Desenvolvimento Social – IDS e o Índice de Desenvolvimento Econômico – IDE, desenvolvidos pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI. Cabe salientar, que pelo fato de o IDE e o IDS terem sido desenvolvidos apenas para o Estado da Bahia, não é possível a comparação dos dados com outros estados e com o Brasil, limitando ligeiramente a análise dos dados, o que não ocorre com o IDH.

Atualmente, o Índice de Desenvolvimento Humano da ONU é amplamente utilizado em projetos de planejamento e acompanhamento de políticas públicas em todo o mundo. Ele é obtido através da análise de três aspectos fundamentais: longevidade, educação e renda. Isso significa, que uma população com alta renda per capita pode ter baixos índices de desenvolvimento humano. Para efeito de classificação, considera-se IDH baixo aquele até 0,50, médio entre 0,50 e 0,80 e alto acima de 0,80.

O IDS é obtido a partir de variáveis passíveis de mensuração que determinam o desenvolvimento social da população, tais como: Índice do Nível de Saúde – INS, Índice do Nível de Educação – INE, Índice de Serviços Básicos – ISB e Índice de Renda Média dos Chefes de Família – IRMCH.

A análise dos dados relativos ao Índice de Desenvolvimento Social para os municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina demonstra que, na média, o Circuito Chapada Norte apresenta os melhores índices municipais, seguido do Circuito do Diamante e do Ouro respectivamente. De forma geral, os municípios que compõem o Pólo Turístico Chapada Diamantina apresentaram uma piora de seu IDS entre 1998 e 2000.

O município de Jacobina é o melhor classificado entre os municípios de seu circuito e do pólo todo (27º IDS do estado no ano de 2000). Alguns municípios deste circuito apresentaram uma piora em seu IDS entre os anos de 1998 e 2000, o que piorou sua classificação perante os outros municípios do estado, como por exemplo, Saúde (decaiu de 67º para 103º), Miguel Calmon (passou de 196º para 252) e Ourolândia (passou de 313º para 353º).

O pior IDS no Circuito do Diamante no ano de 2000 é o de Ibicoara (393º município da Bahia). Mucugê também apresenta IDS insatisfatório; entretanto, melhorou sua classificação, passando de 346º para 296º entre os municípios do Estado da Bahia. Lençóis é o destaque positivo do Circuito (61º IDS do Estado), ainda que tenha apresentado uma piora entre 1998 e 2000.

Nos municípios do sul do pólo (Circuito do Ouro), encontram-se os piores Índices de Desenvolvimento Social da região. Érico Cardoso e Piatã possuem a pior classificação, 379º e 392º em 2000 respectivamente. Livramento de Nossa Senhora apresenta o melhor IDS do circuito, sendo o 96º do Estado. De forma geral, os municípios do Circuito do Ouro apresentaram uma piora de seu IDS entre 1998 e 2000, excetuando -se apenas Érico Cardoso e Livramento de Nossa Senhora.

Tabela 3.2.22. Índice de desenvolvimento social dos municípios – 1998/2000

Tabela 5.2.22: Índice de desenvolvimento social dos municípios – 1998/2000					
Município		1998		2000	
		IDS	Class.	IDS	Class.
Circuito Chapada Norte	Bonito	4965,45	291°	4968,68	278°
	Caém	4971,25	272°	4979,88	233°
	Campo Formoso	4991,39	192°	4988,31	197°
	Jacobina	5116,16	25°	5110,92	27°
	Miguel Calmon	4989,62	196°	4975,08	252°
	Morro do Chapéu	5010,76	141°	5012,54	133°
	Ourolândia	4960,53	313°	4948,46	353°
	Piritiba	4988,76	197°	4994,66	178°
	Saúde	5046,27	67°	5022,64	103°
	Utinga	5005,31	155°	5001,67	159°
	Wagner	5034,77	87°	5033,81	84°
Circuito do Diamante	Andaraí	4971,73	270°	4977,62	241°
	Ibicoara	4925,38	395°	4927,94	393°
	Iraquara	4999,84	168°	4993,86	179°
	Itaetê	4970,65	274°	4964,04	295°
	Lençóis	5062,67	51°	5051,30	61°
	Mucugê	4951,15	346°	4963,92	296°
	Nova Redenção	4947,41	356°	4945,79	362°
	Palmeiras	5042,85	74°	5024,36	97°
	Seabra	5017,52	119°	5018,63	112°
Circuito do Ouro	Abaíra	4949,90	350°	4942,64	367°
	Érico Cardoso	4934,87	381°	4937,23	379°
	Jussiapé	4976,01	248°	4961,96	303°
	Livramento de N. Sra.	5023,26	106°	5026,24	96°
	Paramirim	5011,03	139°	5010,62	136°
	Piatã	4927,71	390°	4928,16	392°
	Rio de Contas	5001,09	165°	4989,95	189°
	Rio do Pires	4984,22	213°	4968,40	281°

Fonte: SEI, 2002

A tabela apresentada a seguir mostra a evolução do Índice de Desenvolvimento Humano nos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina e no Estado da Bahia.

Analisando-se a evolução do índice entre os anos de 1991 e 2000 no Brasil, observa-se que o componente educação foi responsável por 60,78% do aumento do IDH-M no país. Já a renda contribuiu com 25,78% e a longevidade com 13,44% no crescimento do índice. Em todos os estados, a educação foi o componente que mais influiu no aumento do IDH-M, sendo que em 21 deles, sua participação foi maior que 50% do acréscimo. Em comparação com os outros estados da federação, o Estado da Bahia apresentou uma melhora de 15,3% de seu IDH, passando da 22ª para a 20ª posição no Brasil.

Tabela 3.2.23. Evolução do Índice de Desenvolvimento Humano – IDH

Município	IDH-M		Cresc. %	Ranking BA	
	1991	2000		1991	2000
Circuito Chapada Norte	Bonito	0,501	0,591	18,16	250º 334º
	Caém	-	-	-	-
	Campo Formoso	0,474	0,613	29,33	327º 245º
	Jacobina	0,539	0,652	20,96	117º 103º
	Miguel Calmon	0,504	0,619	22,66	241º 219º
	Morro do Chapéu	0,506	0,605	19,60	237º 275º
	Ourolândia	0,412	0,542	31,58	406º 408º
	Piritiba	0,525	0,639	21,78	158º 142º
	Saúde	0,513	0,616	20,06	202º 230º
	Utinga	0,481	0,596	23,79	307º 317º
	Wagner	0,515	0,609	18,36	192º 254º
Média do Circuito		0,497	0,608	22,39	- -
Circuito do Diamante	Andaraí	0,476	0,569	19,45	320º 388º
	Ibicoara	0,509	0,632	24,06	220º 173º
	Iraquara	0,517	0,605	17,08	187º 279º
	Itaetê	0,450	0,582	29,49	386º 360º
	Lençóis	0,510	0,614	20,47	219º 240º
	Mucugê	0,509	0,621	22,03	222º 209º
	Nova Redenção	0,494	0,587	18,89	271º 346º
	Palmeiras	0,567	0,679	19,84	63º 44º
	Seabra	0,553	0,661	19,48	92º 74º
Média do Circuito		0,509	0,617	21,07	- -
Circuito do Ouro	Abaíra	0,591	0,681	15,19	37º 43º
	Érico Cardoso	-	-	-	-
	Jussiape	0,591	0,659	11,49	35º 76º
	Livramento de Nossa Sra.	0,572	0,654	14,27	53º 96º
	Paramirim	0,553	0,678	22,66	93º 45º
	Piatã	0,515	0,636	23,58	195º 155º
	Rio de Contas	0,551	0,653	18,64	95º 100º
	Rio do Pires	0,545	0,635	16,52	109º 161
Média do Circuito		0,560	0,657	17,32	- -
Média pólo		0,522	0,627	20,15	- -
Estado da Bahia		0,601	0,693	15,33	- -

Fonte: PNUD / Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2002

Dos três circuitos que compõem o Pólo turístico Chapada Diamantina, o que apresenta a melhor situação em relação ao IDH é o Circuito do Ouro, com um índice médio de 0,657 no ano de 2000. Neste circuito, destaca-se positivamente a evolução do índice entre 1991 e 2000 nos municípios de Abaíra (melhora de 15,2% e o 43º IDH do estado) e Paramirim, cuja melhora no índice foi de 22,7%, ocupando a 45º posição no estado. O pior índice é o de Rio do Pires (0,635 em 2000, o 161º município do estado).

Já no Circuito Chapada Norte, o IDH médio dos municípios foi de 0,608 no ano de 2000 (22,4% de melhora em relação a 1991). Destaca-se no circuito a melhora

do indicador no município de Campo Formoso, que é o segundo município mais populoso de todo o pólo, passando de 0,474 em 1991 para 0,613 em 2000, o que fez com que o município saltasse da 327ª posição para a 245ª no Estado da Bahia. Já em Ourolândia, apesar da melhora significativa do índice de 31,6% entre 1991 e 2000, o município ainda ocupa as ultimas colocações no âmbito estadual (408ª posição).

No Circuito do Diamante, o município de Lençóis apresentou uma melhora de 20,5% de seu IDH, entretanto, saiu da 219ª posição para a 240ª dentro do estado. A média do circuito melhorou cerca de 21,1% entre 1991 e 2000, todavia, seu IDH médio ficou abaixo do índice baiano.

A tabela seguinte apresenta o Coeficiente de Mortalidade Infantil, considerado um dos mais sensíveis indicadores de saúde pelo Ministério da Saúde. Ele é calculado dividindo-se o número de óbitos de crianças menores de 1 ano de idade, pelo total de nascidos vivos.

Tabela 3.2.24. Evolução do coeficiente de mortalidade infantil por ano (1989 – 1998)

Município	Anos			
	1989	1990	1994	1998
Bonito	72,16	69,96	63,55	60,35
Caém	87,92	84,65	75,84	72,1
Campo Formoso	86,05	79,47	70,72	70,05
Jacobina	87,92	84,65	75,84	72,1
Miguel Calmon	87,92	84,65	75,84	72,1
Morro do Chapéu	87,92	84,65	75,84	72,1
Ourolândia	87,92	84,65	75,84	72,1
Piritiba	87,92	84,65	75,84	72,1
Saúde	87,92	84,65	75,84	72,1
Utinga	72,16	69,96	63,55	60,35
Wagner	72,16	69,96	63,55	60,35
Andaraí	72,16	69,96	63,55	60,35
Ibicoara	72,16	69,96	63,55	60,35
Iraquara	89,74	86,02	76,66	73,35
Itaetê	72,16	69,96	63,55	60,35
Lençóis	72,16	69,96	63,55	60,35
Mucugê	72,16	69,96	63,55	60,35
Nova Redenção	72,16	69,96	63,55	60,35
Palmeiras	72,16	69,96	63,55	60,35
Seabra	72,16	69,96	63,55	60,35
Abaíra	72,16	69,96	63,55	60,35
Érico Cardoso	34,99	33,12	28,4	26,37
Jussiape	72,16	69,96	63,55	60,35
Livramento de Nossa Senhora	34,99	33,12	28,4	26,37
Paramirim	34,99	33,12	28,4	26,37
Piatã	72,16	69,96	63,55	60,35
Rio de Contas	72,16	69,96	63,55	60,35
Rio do Pires	34,99	33,12	28,4	26,37
Bahia	65,95	62,67	54,08	50,4

Fonte: Estimativa da Mortalidade Infantil por Microrregiões e Municípios – Ministério da Saúde, 2002

A análise dos dados da tabela anterior revela a existência de um padrão de manifestação da mortalidade infantil nos municípios do pólo. Cabe salientar, que o índice corresponde a uma aproximação, sendo necessária a ponderação deste fator em uma análise mais rígida do ponto de vista metodológico. O Circuito do Ouro apresenta os melhores indicadores, seguido do Circuito do Diamante e Chapada Norte respectivamente. Destaca-se, todavia, que em relação a este indicador, houve uma melhora significativa em todos os municípios do pólo entre os anos de 1989 e 1998.

Outro indicador utilizado para delinear as condições de vida no Pólo Turístico Chapada Diamantina é o PIB *per capita*, conforme apresentado na tabela a seguir.

Tabela 3.2.25. População estimada e PIB <i>per capita</i> dos municípios / 2000		
Município	População estimada	PIB per capita
Circuito Chapada Norte	Bonito	R\$ 2.359,62
	Caém	R\$ 1.589,20
	Campo Formoso	R\$ 2.671,16
	Jacobina	R\$ 1.834,31
	Miguel Calmon	R\$ 1.376,49
	Morro do Chapéu	R\$ 1.761,76
	Ourolândia	R\$ 1.876,42
	Piritiba	R\$ 1.540,17
	Saúde	R\$ 2.080,47
	Utinga	R\$ 1.529,14
Circuito do Diamante	Wagner	R\$ 1.333,25
	Andaraí	R\$ 1.476,57
	Ibicoara	R\$ 1.787,56
	Iraquara	R\$ 1.626,07
	Itaetê	R\$ 1.585,00
	Lençóis	R\$ 2.629,71
	Mucugê	R\$ 3.455,01
	Nova Redenção	R\$ 1.605,85
Circuito do Ouro	Palmeiras	R\$ 2.455,61
	Seabra	R\$ 1.395,64
	Abaíra	R\$ 2.165,77
	Érico Cardoso	R\$ 1.271,03
	Jussiape	R\$ 2.275,87
	Livramento de Nossa Senhora	R\$ 2.605,26
	Paramirim	R\$ 2.326,22
	Piatã	R\$ 1.128,61
Totais	Rio de Contas	R\$ 2.152,70
	Rio do Pires	R\$ 1.660,29
	Circuito Chapada Norte	298.406
	Circuito do Diamante	138.845
	Circuito do Ouro	133.146
	Pólo Turístico Chapada Diamantina	570.397
	Estado da Bahia	13.070.250
		R\$ 1.929,19
		R\$ 1.846,65
		R\$ 2.045,89
		R\$ 1.936,34
		R\$ 3.396,37

Fonte: SEI, 2002 e IBGE, 2002

O valor do PIB *per capita* médio para os três circuitos do Pólo Turístico Chapada Diamantina, que foi de R\$1.936,34 no ano de 2000 é inferior ao valor apresentado pelo Estado da Bahia, que foi de R\$3.014,38. A obtenção destes valores são resultado do cruzamento entre os dados do Censo Demográfico 2000 do IBGE com os dados da SEI acerca do PIBs municipais. Ressalta-se todavia, que a utilização do PIB *per capita* como indicador para avaliar as condições de vida de um povo pode originar análises incorretas. Isto pois, um dado lugar pode ter um alto índice de PIB *per capita* e, ao mesmo tempo, um alto índice de concentração da renda.

O Circuito do Ouro possui o PIB *per capita* mais alto do pólo, destacando-se os municípios de Livramento de Nossa Senhora e Paramirim, com R\$2.605,26 e R\$2.326,22 respectivamente. Já Piatã apresentou o menor PIB *per capita* do Circuito do Ouro, R\$1.128,61 no ano de 2000.

Nos municípios do norte do pólo, o PIB *per capita* no ano de 2000 foi de R\$1.929,19, sendo que em Jacobina, município mais populoso do circuito, esse valor foi de R\$ 1.834,31. O maior PIB foi observado em Campo Formoso (R\$ 2.671,16) e o menor em Wagner (R\$ 1.333,25).

Já no Circuito do Diamante, o PIB *per capita* médio foi de R\$ 1.846,65, o menor do Pólo Turístico Chapada Diamantina. Em Andaraí foi de R\$ 1.476,57, em Seabra de R\$ 1.395,64 e em Itaetê de R\$ 1.585,00. O município com maior PIB *per capita* no ano de 2000 foi Mucugê (R\$ 3.455,01), seguido de Lençóis (R\$2.629,71).

As próximas três tabelas apresentam os índices de cobertura dos principais serviços públicos básicos que são: abastecimento de água, coleta de lixo e esgotamento sanitário (para maiores detalhes acerca da infra-estrutura de saneamento básico, vide capítulo 3.3 Infra-estrutura).

Em relação ao abastecimento de água, observa-se que, de forma geral, o índice de cobertura cresceu significativamente em praticamente todos os municípios do pólo. Apenas em Miguel Calmon não houve crescimento na última década.

No Circuito do Diamante a cobertura cresceu 87% em média, com maior destaque para Iraquara (300% de crescimento) e Seabra (103%). Andaraí apresentou o menor índice de cobertura do circuito (42,5%), entretanto, houve um significativo crescimento entre 1991 e 2000 de aproximadamente 102%. Já em Itaetê, a cobertura cresceu de forma mais modesta (43%) e chegou ao ano 2000 com 53% de cobertura.

O município de Abaíra possui 88,5% de domicílios atendidos pela rede de abastecimento de água, e representa a melhor cobertura de todo o Circuito do Ouro. Piatã apresenta a segunda melhor rede em termos quantitativos, cobrindo 78% dos domicílios. Livramento de Nossa Senhora é o município que apresentou o menor índice de cobertura no ano de 2000 (37%) e também, o menor crescimento da cobertura (23%).

Na região norte do Pólo Turístico Chapada Diamantina, o índice de cobertura de abastecimento de água cresceu de 38% para 61% em média, entre 1991 e 2000. O maior crescimento foi observado em Morro do Chapéu, que subiu de 22% para 60% em dez anos. Em Piritiba também ocorreu um significativo aumento da rede de abastecimento de água, que chegou ao ano de 2000 com 78% de cobertura. O município com o menor índice de cobertura do Circuito Chapada Norte é Caém (38% no ano 2000).

Tabela 3.2.26. Índice de cobertura de abastecimento de água (1991-2000)			
Municípios	1991	2000	Crescimento 1991/2000
Bonito	37%	60%	62%
Caém	25%	38%	52%
Campo Formoso	35%	57%	63%
Jacobina	55%	73%	33%
Miguel Calmon	47%	47%	0%
Morro do Chapéu	22%	60%	173%
Ourolândia	—	48%	-
Piritiba	34%	78%	129%
Saúde	48%	73%	52%
Utinga	38%	72%	89%
Wagner	37%	68%	84%
Circuito Chapada Norte	38%	61%	62%
Andaraí	21%	42,50%	102%
Ibicoara	21%	40%	90%
Iraquara	19%	76%	300%
Itaetê	37%	53%	43%
Lençóis	47,50%	70%	47%
Mucugê	37%	64%	73%
Palmeiras	39,50%	64%	62%
Seabra	37%	75%	103%
Circuito do Diamante	34%	64%	87%
Abaíra	70%	88,50%	26%
Érico Cardoso	35%	59%	69%
Jussiape	29%	60%	107%
Livramento de N. Sra.	30%	37%	23%
Piatã	51%	78%	53%
Rio de Contas	22%	72%	227%
Rio do Pires	21%	55%	162%
Circuito do Ouro	37%	64%	74%

Fonte: IBGE, 2002

Assim como no abastecimento de água, a coleta de lixo cresceu em praticamente todos os municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina, entretanto, ainda apresenta níveis insatisfatórios de cobertura de forma geral.

Os municípios com menor índice são: Érico Cardoso com 10%, Itaetê com 17% e Iraquara com 23%. A coleta de lixo possui maior índice de cobertura nos seguintes municípios: Jacobina (70%), Wagner (68%) e Piritiba (66%). Cabe salientar, que mesmo que em alguns municípios a cobertura ainda seja insatisfatória, ela cresceu significativamente na última década. É o caso Itaetê (crescimento de 1114%), Mucugê (600%) e Ourolândia (440%).

O Circuito do Diamante foi o que mais aumentou sua cobertura de coleta de lixo, aproximadamente 192% de crescimento entre 1991 e 2000 (para maior detalhes ver item 3.3.2 Saneamento Básico – coleta e disposição de resíduos).

Tabela 3.2.27. Índice de cobertura da coleta de lixo (1991/2000)

Municípios	1991	2000	Crescimento 1991/2000
Bonito	32%	47%	47%
Caem	22%	42%	91%
Campo Formoso	21%	39%	86%
Jacobina	40%	70%	75%
Miguel Calmon	27%	46%	70%
Morro do Chapéu	24%	37%	54%
Ourolândia	5%	27%	440%
Piritiba	29%	66%	128%
Saúde	27%	38%	41%
Utinga	37%	61%	65%
Wagner	22%	68%	209%
Circuito Chapada Norte	26%	49%	89%
Andaraí	8%	30%	275%
Ibicoara	21%	26%	24%
Iraquara	4%	23%	475%
Itaetê	1,40%	17%	1114%
Lençóis	28%	53%	89%
Mucugê	4%	28%	600%
Palmeiras	21%	49%	133%
Seabra	14%	35%	150%
Circuito do Diamante	11%	34%	192%
Abaíra	15%	27%	80%
Érico Cardoso	5%	10%	100%
Jussiape	-	28%	-
Livramento de N. Sra.	21%	49%	133%
Piatã	-	26%	-
Rio de Contas	13%	30%	131%
Rio do Pires	8%	27%	238%
Circuito do Ouro	12%	28%	127%

Fonte: IBGE, 2002

Com relação ao esgotamento sanitário, a existência de redes públicas de coleta, transporte e tratamento final de efluentes sanitários adequadas, é um fator de grande relevância para que uma população obtenha melhores índices de saúde

pública com impactos positivos na qualidade de vida. Para o turismo, em especial, esse serviço se reveste de importância. Áreas saneadas repercutem positivamente na estética local, além de contribuir para a preservação ambiental dos ecossistemas existentes.

A cobertura em esgotamento sanitário no Pólo Turístico Chapada Diamantina não difere muito do contexto nordestino brasileiro onde, segundo o IBGE, 57% dos municípios dessa região do país, não possuem qualquer tipo de coleta esgotamento sanitário, 29,6% só coletam seus esgotos e apenas 13,3% desses município coletam e tratam seus efluentes sanitários (IBGE, 2002).

Sistemas de esgotamento sanitário, a despeito de sua importância, tem sido, via de regra, o último serviço público a ser implantado nas cidades brasileiras, constatação que ajuda a esclarecer o porque das estatísticas sempre apresentarem, para esse serviço, os mais baixos índices cobertura existentes em qualquer das cidades brasileiras.

Em geral, a aplicação dos recursos disponibilizados para o saneamento no Brasil ao longo dos anos, sempre priorizou o abastecimento de água, em detrimento das demais ações que compõem o saneamento básico, como a coleta e a disposição adequada de esgotos sanitários e resíduos sólidos domiciliares, a drenagem urbana e o controle de vetores, tão importantes quanto o abastecimento de água para a melhoria da qualidade de vida.

Desta forma, como pode ser observado na tabela apresentada a seguir, a maior parte dos municípios que integram o Pólo Turístico Chapada Diamantina, sejam na área rural ou urbana, não possuem sistemas públicos de esgotamento sanitário. Os baixos valores de cobertura apresentados, referem-se a algum serviço de coleta de esgoto nas localidades, que em geral tratam-se de soluções pontuais, sem que se tenha qualquer conhecimento do nível de sua qualidade.

Os municípios que se destacam com uma melhor cobertura em esgotamento sanitário são Jacobina com 69%, Lençóis com 55,3% e Livramento de Nossa Senhora com 47,1%, ressaltando que esses valores são relativos às áreas urbanas e que mesmo nestas áreas existem locais não atendidos.

Em relação à implantação de sistemas de coleta de esgotamento sanitário, destaca-se que nos últimos anos ocorreram diversas intervenções por parte do Governo do Estado da Bahia, com o objetivo de melhorar a cobertura deste tipo de serviço na área do pólo, destacando-se as intervenções feitas em Lençóis, Jacobina, Paramirim, Ibicoara, Rio de Contas, Seabra, Palmeiras e Miguel Calmon.

Tabela 3.2.28. Índice de cobertura de esgoto do Pólo Turístico Chapada Diamantina (2000)

	Município	Domicílios	(%) Atendido *
Circuito Chapada Norte	Bonito	1.247	1,7
	Caém	799	27,8
	Campo Formoso	4.961	13,2
	Jacobina	14.001	69,0
	Miguel Calmon	3.750	49,8
	Morro do Chapéu	4.768	46,7
	Ourolândia	1.049	0,9
	Piritiba	3.248	44,3
	Saúde	1.616	76,8
	Utinga	2.707	6,4
	Wagner	1.426	2,8
Circuito do Diamante	Andaraí	1.688	20,4
	Ibicoara	878	46,1
	Iraquara	1.268	13,2
	Itaetê	1.374	39,3
	Lençóis	1.493	55,3
	Mucugê	827	45,1
	Nova Redenção	1.059	1,3
	Palmeiras	1.017	4,5
	Seabra	4.132	1,4
Circuito do Ouro	Abaíra	939	5,2
	Érico Cardoso	329	8,2
	Jussiape	840	18,2
	Livramento de Nossa Senhora	3.943	47,1
	Paramirim	1.874	30,3
	Piatã	1.369	0,4
	Rio de Contas	1.377	3,9
	Rio do Pires	1.078	21,4
	Bahia	2.207.712	58,6

(*) Domicílios urbanos atendidos por rede geral de esgoto ou pluvial e fossa séptica

Fonte: Censo Demográfico IBGE, 2000

A tabela mostrada a seguir apresenta os percentuais relativos à população alfabetizada nos municípios em 1991 e 2000 e também, o crescimento ocorrido no período. A média da população alfabetizada nos três circuitos do pólo mostrou-se superior à média baiana e inferior à média brasileira no ano de 2000.

Tabela 3.2.29. Evolução da população alfabetizada (5 anos ou mais)

Município	Ano		Crescimento (1991/2000)
	1991	2000	
Bonito	52,08%	68,53%	31,57%
Caém	49,54%	64,88%	30,96%
Campo Formoso	46,06%	64,55%	40,14%
Jacobina	59,39%	74,85%	26,03%
Miguel Calmon	52,46%	72,27%	37,76%
Morro do Chapéu	52,66%	67,19%	27,58%
Ourolândia	33,09%	55,63%	68,15%
Piritiba	52,89%	70,56%	33,40%
Saúde	47,53%	66,12%	39,13%
Utinga	48,67%	68,30%	40,33%
Wagner	54,25%	68,61%	26,49%
Andaraí	37,83%	61,18%	61,75%
Ibicoara	51,34%	70,50%	37,32%
Iraquara	54,82%	70,82%	29,17%
Itaetê	37,15%	60,44%	62,67%
Lençóis	53,60%	68,09%	27,04%
Mucugê	40,95%	64,60%	57,77%
Nova Redenção	45,57%	60,55%	32,88%
Palmeiras	57,91%	75,75%	30,80%
Seabra	56,49%	76,23%	34,95%
Abaíra	65,51%	76,46%	16,71%
Érico Cardoso	43,89%	53,65%	22,24%
Jussiapé	65,71%	78,45%	19,38%
Livramento de Nossa Senhora	51,33%	71,04%	38,40%
Paramirim	54,65%	73,84%	35,13%
Piatã	51,23%	69,51%	35,68%
Rio de Contas	56,72%	73,45%	29,50%
Rio do Pires	50,18%	66,68%	32,88%
Circuito Chapada Norte	49,87%	67,41%	35,16%
Circuito do Diamante	48,41%	67,57%	39,60%
Circuito do Ouro	54,90%	70,39%	28,20%
Bahia	51,41%	66,67%	29,70%
Brasil	66,43%	75,24%	13,26%

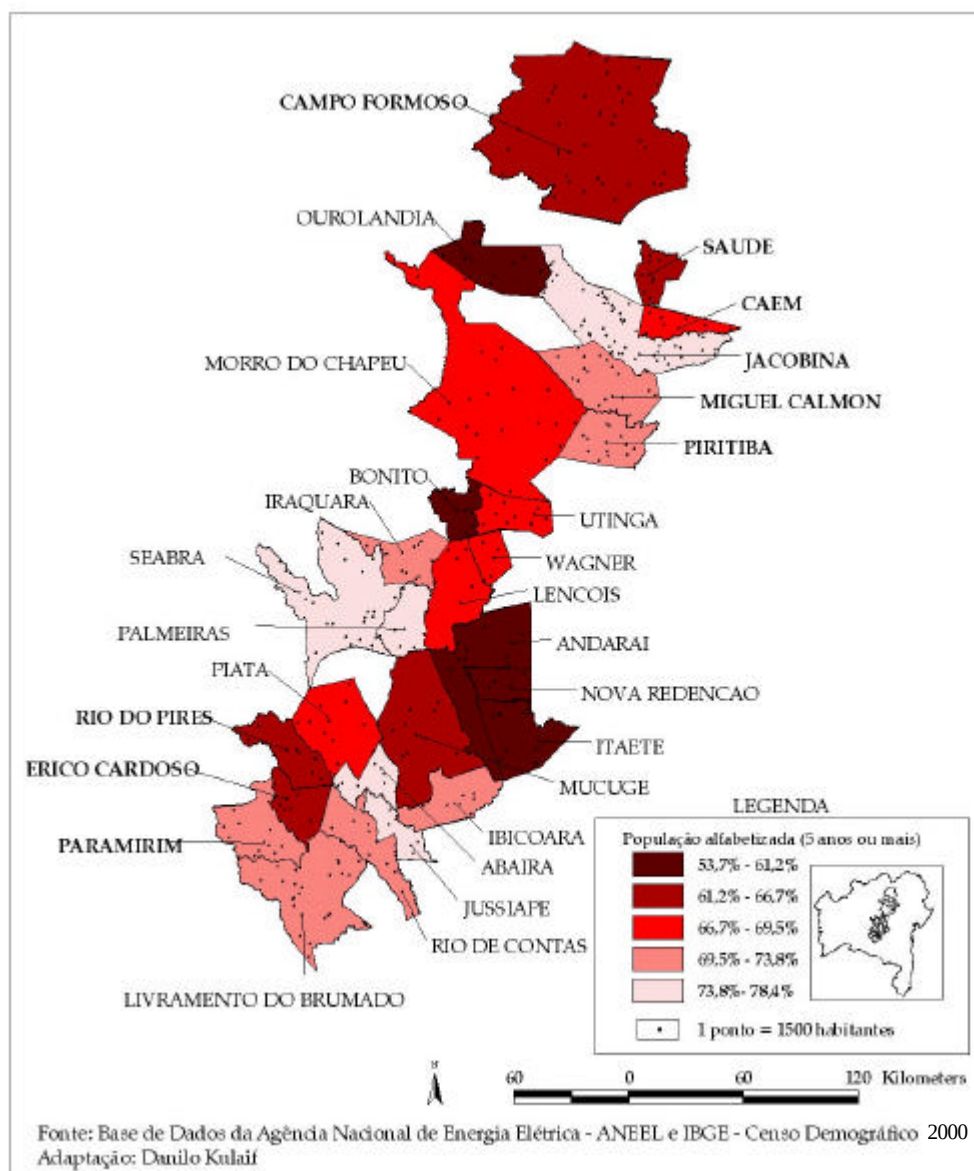
Fonte: IBGE, 2002

A espacialização dos dados da tabela anterior mostra que as piores taxas de alfabetização do Pólo Turístico Chapada Diamantina localizam-se nos municípios de Érico Cardoso, Nova Redenção, Itaetê e Ourolândia. Nos dois maiores municípios do pólo que são Jacobina e Campo Formoso, ocorrem duas situações distintas. No primeiro, a taxa de alfabetização da população é uma das mais altas do pólo (74,85%). Já em Campo Formoso, o percentual de alfabetizados maiores que 5 anos é de 64,55%.

De forma geral, os municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina apresentaram entre 1991 e 2000 uma significativa melhora em relação ao

percentual de população alfabetizada, destacando-se Ourolândia, Itaetê, Mucugê e Andaraí.

Cartograma 3.2.4. População alfabetizada – Chapada Diamantina (2000)



O circuito com maior percentual de população alfabetizada no pólo é o do Ouro. Destacam-se os municípios de Abaíra com 76,46, Jussiapê com 78,45%, Paramirim com 73,84 e Rio de Contas com 73,45%. Érico Cardoso apresentou o menor índice de alfabetização entre a população com 5 anos ou mais. O município mostrou também, um baixo crescimento da população alfabetizada entre 1991 e 2000 (22,24%). No município mais populoso do circuito, que é Livramento de Nossa Senhora (38.025 habitantes), o índice de alfabetizados no ano de 2000 foi de 71,04% (38,4% superior ao índice do ano de 1991).

O percentual médio de população alfabetizada no Circuito do Diamante foi de 67,57% no ano 2000. Seabra, o município mais populoso do circuito, com 39.442 habitantes, apresentou a melhor taxa de população alfabetizada (76,23%). Em Iraquara, o segundo município em população do circuito (18.334 habitantes), a taxa cresceu 29,17% em dez anos, chegando ao ano 2000 com 70,82% de alfabetizados. No município de Itaetê, registrou-se o crescimento mais significativo desse percentual (62,67%), entretanto, o município ainda apresenta o menor percentual de população alfabetizada do Circuito do Ouro no ano de 2000 (60,44%).

No Circuito Chapada Norte, o município mais populoso do circuito, que é Jacobina (76.492 habitantes), observa-se também, o maior percentual de população alfabetizada (74,85% em 2000). Em Morro do Chapéu, este percentual foi de 67,19% em 2000. O maior crescimento ocorreu em Ouro-lândia (68,15% entre 1991 e 2000), entretanto o município ainda apresenta o menor percentual de alfabetizados, aproximadamente 55,63%.

Corroborando a análise acerca dos níveis de educação no Pólo Turístico Chapada Diamantina, são apresentadas a seguir, tabelas com o grau de instrução da pessoa responsável pelo domicílio nos vinte e oito municípios do pólo, no ano de 2000. Apresentam-se também, os dados relativos ao Estado da Bahia em dois momentos, no ano de 1991 e em 2000.

A média ponderada dos dados relativos ao grau de instrução dos responsáveis pelos domicílios nos três circuitos do pólo indica que uma parte bastante significativa dessa população tem grau de instrução inferior a um ano, ou não a possui. No Circuito do Ouro esse percentual é de 39,89%, no Circuito do Diamante 38,14% e no Circuito Chapada Norte de 38,01%. Nos vinte e oito municípios do pólo a média de chefes de família sem instrução ou com até 3 anos de estudo é de aproximadamente 70%, um valor considerado elevado, se comparado com a média baiana no mesmo período, que foi de aproximadamente 53,9%.

No Circuito Chapada Norte, o município de Jacobina apresenta a melhor situação em relação ao grau de instrução dos chefes de família. No município, 31,38% dos chefes de família encontra-se no nível de menor instrução, entretanto, 1,71% possui 15 anos ou mais de estudo (o segundo percentual do pólo). Ressalta-se que Jacobina possui o maior percentual de população urbana do circuito (aproximadamente 68,10% da população vive na zona urbana).

O município com menor grau de instrução da população é Ouro-lândia. Na localidade, mais da metade da população não possui instrução e apenas 0,14% possui mais de 15 anos de estudo. Registra-se mais uma vez, o baixo acesso das populações rurais à educação, haja vista que em Ouro-lândia, mais de 70% da população vive no campo. Em Caém, aproximadamente 0,1% dos chefes de família possui mais de 15 anos de estudo e 75,68% situam-se entre as duas primeiras faixas de anos de estudo.

Tabela 3.2.30. Anos de estudo da pessoa responsável pelo domicílio – Circuito Chapada Norte / 2000

Grupos de anos de estudo	Bonito	Caém	Campo Formoso	Jacobina	Miguel Calmon	Morro do Chapéu	Ourolândia	Piritiba	Saúde	Utinga	Wagner
S/ instrução e < 1 ano	1.030	1.192	6.059	6.324	2.483	3.187	1.805	1.873	1.127	1.711	767
1 a 3 anos	1.071	993	3.980	5.312	2.372	2.451	1.011	1.599	1.032	939	589
4 a 7 anos	555	509	2.678	4.430	1.532	1.540	506	901	580	838	368
8 a 10 anos	93	80	609	1.517	264	441	86	215	109	212	96
11 a 14 anos	98	110	615	2.179	353	504	87	246	186	203	147
15 anos ou mais	8	3	88	344	30	51	5	16	19	25	8
Não determinados	13	-	25	45	3	14	2	3	-	3	2
Total	2868	2887	14054	20151	7037	8188	3502	4853	3053	3931	1977
% sem instrução e < 1 ano	35,91%	41,29%	43,11%	31,38%	35,28%	38,92%	51,54%	38,59%	36,91%	43,53%	38,80%
% dois primeiros grupos	73,26%	75,68%	71,43%	57,74%	68,99%	68,86%	80,41%	71,54%	70,72%	67,41%	68,59%
% 15 anos ou mais	0,28%	0,10%	0,63%	1,71%	0,43%	0,62%	0,14%	0,33%	0,62%	0,64%	0,40%

Fonte: IBGE, 2002

Lençóis é o município com maior percentual de chefes de família com mais de 15 anos de estudo no Pólo Turístico Chapada Diamantina (2,37%). O município também apresenta o menor percentual de chefes de família nos dois primeiros grandes grupos. Cabe salientar, que mais de 70% da população do município vive na zona urbana e que grande parte da estrutura receptiva do *trade* turístico da Chapada Diamantina está instalada no município.

O município de Seabra representa aproximadamente um terço da população do Circuito do Diamante e possui 62,23% dos chefes de família com até 3 anos de estudo. Em Itaetê, esse percentual supera os 80% sendo que apenas 0,13% dos chefes de família possui mais de 15 anos de estudo. Desta forma, o Circuito do Diamante possuía 69,34% dos chefes de família entre as duas primeiras faixas de estudo no ano de 2000.

Tabela 3.2.31. Anos de estudo da pessoa responsável pelo domicílio – Circuito do Diamante / 2000

Grupos de anos de estudo	Andaraí	Ibicoara	Iraquara	Itaetê	Lençóis	Mucugê	Nova Redenção	Palmeiras	Seabra
S/ instrução e < 1 ano	1.378	1.187	1.380	1.546	628	1.347	838	568	2.927
1 a 3 anos	973	857	1.499	1.020	546	759	623	577	2.802
4 a 7 anos	499	487	901	399	402	361	297	406	2.134
8 a 10 anos	99	89	144	77	123	95	60	82	528
11 a 14 anos	142	97	211	124	274	151	64	198	719
15 anos ou mais	17	11	13	4	48	14	8	26	61
Não determinados	9	30	28	1	4	7	3	3	35
Total	3117	2758	4176	3171	2025	2734	1893	1860	9206
% sem instrução e < 1 ano	44,21%	43,04%	33,05%	48,75%	31,01%	49,27%	44,27%	30,54%	31,79%
% dois primeiros grupos	75,43%	74,11%	68,94%	80,92%	57,98%	77,03%	77,18%	61,56%	62,23%
% 15 anos ou mais	0,55%	0,40%	0,31%	0,13%	2,37%	0,51%	0,42%	1,40%	0,66%

Fonte: IBGE, 2002

O município com o melhor nível de instrução do chefe de família no Circuito do Ouro é Livramento de Nossa Senhora (o mais populoso do circuito). No município, 65,73% dos responsáveis pelos domicílios possuem até 3 anos de estudo e aproximadamente 1% mais de 15 anos. O município com os menores índices é Érico Cardoso, onde mais da metade dos chefes de família possui menos de um ou nenhum ano de estudo.

Tabela 3.2.32. Anos de estudo da pessoa responsável pelo domicílio – Circuito do Ouro / 2000

Grupos de anos de estudo	Abaíra	Érico Cardoso	Jussiape	Livramento de N. Sra.	Paramirim	Piatã	Rio de Contas	Rio do Pires
S/instrução e < 1 ano	860	1.482	815	3.103	1.455	1.948	1.233	1.158
1 a 3 anos	783	785	753	2.396	1.549	1.444	1.078	1.014
4 a 7 anos	487	252	415	1.601	869	660	668	403
8 a 10 anos	54	29	53	425	142	79	92	76
11 a 14 anos	99	69	74	733	291	189	235	109
15 anos ou mais	7	4	14	75	39	19	20	5
Não determinados	-	-	2	33	18	7	5	9
Total	2290	2621	2126	8366	4363	4346	3331	2774
% sem instrução e < 1 ano	37,55%	56,54%	38,33%	37,09%	33,35%	44,82%	37,02%	41,74%
% dois primeiros grupos	71,75%	86,49%	73,75%	65,73%	68,85%	78,05%	69,38%	78,30%
% 15 anos ou mais	0,31%	0,15%	0,66%	0,90%	0,89%	0,44%	0,60%	0,18%

Fonte: IBGE, 2002

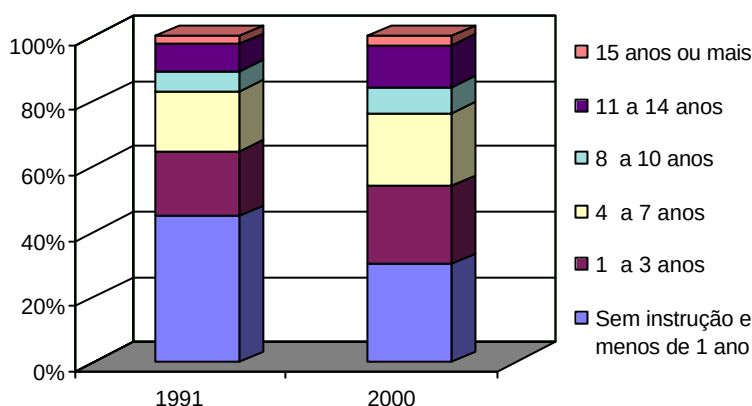
Tabela 3.2.33. Anos de estudo da pessoa responsável pelo domicílio – Bahia

Grupos de anos de estudo	1991		2000		Variação 1991/2000
	Absoluto	Relativo (%)	Absoluto	Relativo (%)	
Sem instrução e menos de 1 ano	1.125.675	44,8	951.483	30,0	-15,47%
1 a 3 anos	503.725	20,1	756.219	23,9	50,13%
4 a 7 anos	458.090	18,2	704.423	22,2	53,77%
8 a 10 anos	149.599	6,0	260.675	8,2	74,25%
11 a 14 anos	211.887	8,4	395.988	12,5	86,89%
15 anos ou mais	62.691	2,5	95.677	3,0	52,62%
Não determinados	0	0	5.938	0,2	-
Total	2.511.667	100,0	3.170.403	100,0	-

Fonte: SEI e IBGE, 2002

De forma geral, a escolaridade do povo baiano melhorou na última década. A faixa de chefes de família sem instrução ou com até um ano de estudo diminuiu 15,47%, mas ainda representa 30% do total. O grupo de anos de estudo que mais cresceu foi o de 11 a 14 anos (86,89%). A faixa de maior escolaridade cresceu 52,62% e representa 3% do total. Cabe salientar, que a melhora dos níveis de educação da população baiana, mais especificamente nos municípios que compõem o Pólo Turístico Chapada Diamantina, foi verificada com mais intensidade nos municípios com maior população urbana, o que denota uma maior facilidade de acesso à educação nas zonas urbanas dos municípios.

Gráfico 3.2.7. Evolução dos anos de estudo dos responsáveis pelo domicílio – Bahia



Fonte: IBGE, 2002

A oferta de unidades hospitalares no Pólo Turístico Chapada Diamantina é composta de 1.308 leitos distribuídos em 24 hospitais. O número de servidores estaduais no ano de 2000 nas instituições foi de 437 profissionais.

Tabela 3.2.34. Número de hospitais, leito e servidores de saúde (2000)

Município		Hospitais (*)	Leitos (**)	Servidores (***)
Circuito Chapada Norte	Bonito	-	-	-
	Caém	1	44	16
	Campo Formoso	1	100	9
	Jacobina	2	419	76
	Miguel Calmon	1	79	15
	Morro do Chapéu	2	100	26
	Ourolândia	-	-	1
	Piritiba	1	24	8
	Saúde	2	92	10
	Utinga	1	32	4
	Wagner	1	44	20
do	Andaraí	1	14	6

	Município	Hospitais (*)	Leitos (**)	Servidores (***)
	Ibicoara	-	-	3
	Iraquara	1	49	18
	Itaetê	-	-	6
	Lençóis	1	14	7
	Mucugê	1	30	16
	Nova Redenção	-	-	-
	Palmeiras	-	-	7
	Seabra	2	72	39
Circuito do Ouro	Abaíra	-	-	-
	Érico Cardoso	-	-	1
	Jussiape	1	17	10
	Livramento de Nossa Senhora	1	60	76
	Paramirim	2	90	35
	Piatã	1	10	14
	Rio de Contas	-	-	7
	Rio do Pires	1	18	7
Totais	Circuito Chapada Norte	12	934	185
	Circuito do Diamante	6	179	102
	Circuito do Ouro	6	195	150
	Estado da Bahia	484	29.032	16.563

(*) Hospitais conveniados com o SUS (**) Leitos disponíveis em hospitais conveniados com o SUS (***) Servidores estaduais da área de saúde

Fonte: SESAB/ DICS e SEI, 2002

O Circuito Chapada Norte possui o maior número de hospitais e leitos. Quase a metade dos leitos hospitalares se localiza em Jacobina, onde o número de servidores também é elevado (76 servidores). Em Ourolândia existe apenas um servidor e não há nenhum hospital conveniado com o Sistema Único de Saúde (SUS). No Circuito do Diamante o maior número de hospitais localiza-se em Seabra. Em Nova Redenção, Palmeiras, Itaetê e Ibicoara não existem hospitais.

3.3. Infra-estrutura

Apresenta-se neste capítulo uma avaliação da área de cobertura e condição física das seguintes infra-estruturas para a área de planejamento, em relação às necessidades do setor de turismo: sistemas de abastecimento de água potável, esgotamento sanitário, coleta e disposição do lixo, drenagem, sinalização turística, rodovias, aeroportos, telefonia e energia elétrica. Dever-se-á enfatizar os *déficits* e os problemas específicos que afetam o desenvolvimento do turismo.

Para tanto, efetivou-se uma coleta de dados nos órgãos e/ou empresas responsáveis pelos serviços de infra-estrutura básica – COELBA, EMBASA, TELEMAR, DERBA, DNER, CONDER, CAR, BAHIAATURSA, etc., bem como nos órgãos de pesquisa – SEI e IBGE.

Visando proporcionar maior precisão e veracidade às informações aqui descritas, foram feitos, ainda, levantamentos de dados e pesquisas junto às instituições públicas e associações da região objeto de estudo, além de entrevistas locais.

Grande parte das tabelas apresentadas ao longo deste item, conta com informações extraídas diretamente de pessoas e/ou órgãos da região. Entretanto, outras foram construídas a partir de cálculos embasados em todo o estudo feito sobre as localidades. É o caso, por exemplo, da tabela comparativa dos serviços na baixa e alta estação.

O procedimento utilizado para a obtenção dos valores apresentados foi o seguinte:

- Quando o fluxo turístico anual do município estava determinado na tabela fornecida pela BAHIAATURSA, os valores apresentados foram obtidos calculando primeiro os 60% considerados como fluxo da alta estação e dividindo o resultado pelos 3 meses de verão – dezembro, janeiro e fevereiro, uma vez que é indiscutível que, na região em questão, a alta estação ocorre neste período. O mês de julho foi considerado como de média estação, abarcando 20% do consumo anual. Desta forma, o restante do ano corresponde a 20% do consumo total anual.
- Quando não havia pesquisa relativa ao município em questão, usou-se como base um destino localizado dentro do pólo em estudo cujo fluxo era conhecido. A partir daí, dividiu-se o volume do fluxo turístico em relação à oferta de leitos deste município-base, gerando uma média que foi estendida como base de cálculo para os outros municípios.

3.3.1. Saneamento Básico – água e esgoto

3.3.1.1. Aspectos Gerais⁵

Segundo Franco et alli (2002), em relação ao saneamento básico, torna-se essencial distinguir a situação de localização do domicílio (urbana ou rural), dado o avanço dos serviços prestados em redes que acompanha o processo de urbanização. Em outras palavras, a avaliação da qualidade de atendimento às moradias e da eficiência na prestação de serviços, no que diz respeito à infra-estrutura básica, difere bastante, conforme sua localização seja rural (onde as alternativas tendem a ser isoladas) ou urbana (onde a alternativa em rede predomina e a existência das demais é sinal, muitas vezes, de problemas não solucionados).

Neste sentido, quanto ao abastecimento de água nos domicílios do Estado da Bahia, pode-se perceber que ao longo da década de 90 estes experimentaram um crescimento na cobertura do abastecimento de água, em razão de investimentos em implantação de novos sistemas ou da extensão dos serviços em rede: em 2000, 69,5% das moradias estavam ligadas à rede geral, contra 52,2% delas, em 1991. Enquanto isso, a proporção dos domicílios abastecidos por poço/nascente caiu de 20,3% para 14,3%, o mesmo ocorrendo com aqueles supridos de “outra forma⁶”, que representavam 27,4% em 1991 e 16,2%, em 2000.

Trata-se de uma tendência verificada tanto nas cidades como no campo. Com efeito, entre os domicílios baianos urbanos, aqueles servidos por rede geral saltaram de 79,4%, em 1991, para 89,4%, em 2000, ao tempo em que os percentuais de moradias abastecidas por poço/nascente ou de outra forma caem praticamente para a metade, no mesmo período. No universo rural, o avanço dos serviços em rede é marcante, atingindo 24,0% das residências em 2000, contra 9,3%, em 1991. No mesmo intervalo temporal, as demais formas de abastecimento de água (poço/nascente e outra forma) tornam-se menos incidentes, embora continuem liderando no mundo rural baiano: 76,1% dos domicílios aí situados.

Todavia, e a despeito do avanço verificado, mantém-se elevada a percentagem de moradias que ainda não possuem canalização interna para o abastecimento de água (38,5%, em 2000, contra 53,4% no início da década). Isto se verifica mesmo para as residências abastecidas por rede geral ou poço/nascente: 27,2% em 1991 e 23,1%, em 2000, aproximadamente ¼ dos domicílios baianos, evidenciando, portanto, um grande desafio a ser enfrentado no Estado da Bahia, no que diz respeito à higiene e à saúde pública das populações.

Predominante enquanto forma de abastecimento de água no país, a rede geral abastecia, em 2000, 77,8% dos domicílios brasileiros e 88,3% dos lares do Sudeste, médias superiores à da Bahia (69,5%) que, por sua vez, supera a média nordestina (66,4%). Neste indicador, a Bahia só é suplantada, no Nordeste, pelos estados de Rio Grande do Norte, Pernambuco e Sergipe e, no ranking geral dos estados brasileiros, em 2000, aparece como a 14ª unidade da federação na ordem das maiores proporções de moradias ligadas à rede geral de abastecimento de água.

⁵ Franco, A. et alli. Censo 2000: Resultados do Universo para a Bahia. SEI: 2002.

⁶ Entende-se como de “outra forma” aqueles domicílios que não eram abastecidos pela rede geral e não contavam com poço ou nascente.

Em ambientes urbanos, onde o abastecimento de água via rede é a regra e os índices de cobertura são mais elevados, a proporção baiana de domicílios ligados à rede geral (89,4%), em 2000, é praticamente igual à média brasileira (89,8%), menor que a marca do Sudeste (94,6%) e superior à do Nordeste (85,5%), posicionando-se, entre os estados nordestinos, abaixo apenas de Sergipe, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Com relação à existência de canalização interna para, pelo menos, um cômodo do domicílio, a Bahia, com 61,5% das residências nesta condição, situa-se, em 2000, abaixo das médias brasileira (82,9%) e da região Sudeste (95,0%), próxima a média do Nordeste (60,0%) e acima das dos estados nordestinos do Maranhão, Piauí e Ceará.

As informações do Censo 2000, divulgadas em nível de municípios, demonstram a grande diversidade de níveis de cobertura embutida na média estadual, no que diz respeito à rede geral de abastecimento de água. Tal diversidade pode ser melhor visualizada a partir dos domicílios urbanos, que foi onde se investiu mais neste tipo de serviço.

Dos 417 municípios que compunham a divisão administrativa do estado por ocasião do recenseamento de 2000, pouco mais da metade (217 municípios) registraram proporções de domicílios urbanos abastecidos por rede geral superiores à média baiana (89,4%), e variando entre 100,0% e 89,4%. Neste rol incluem-se seis dos municípios integrantes da Região Metropolitana de Salvador (Salvador, Lauro de Freitas, Simões Filho, Camaçari, Madre Deus e Dias D'Ávila) e mais nove compreendidos entre os de maiores contingentes populacionais urbanos do estado (Itabuna, Barreiras, Paulo Afonso, Alagoinhas, Jequié, Juazeiro, Vitória da Conquista, Valença e Itapetinga), com proporções variando entre 98,5% (Madre Deus) e 89,4% (Simões Filho).

Os demais municípios (200), com percentuais inferiores à média estadual, envolvem seis dos 20 municípios de maiores populações urbanas na Bahia (Feira de Santana, Ilhéus, Teixeira de Freitas, Porto Seguro, Eunápolis e Santo Antônio de Jesus) e quatro dos municípios metropolitanos (Candeias, Itaparica, Vera Cruz e São Francisco do Conde), com proporções de domicílios urbanos ligados à rede geral de água entre 86,9% (Candeias) e 55,1% (Porto Seguro). Em resumo, são apenas quatro os municípios baianos onde menos da metade dos domicílios é atendida por rede geral de abastecimento de água, destacando-se Belo Campo por apresentar percentual praticamente nulo.

Sendo a ausência de canalização interna para o abastecimento de água um indicador fundamental para a avaliação das condições sanitárias de qualquer domicílio (seja urbano ou rural), pode-se observar que em 349 dos 417 municípios baianos, a proporção de moradias sem instalações hidro-sanitárias supera a média estadual, sendo que, nesta situação, em 2000, encontravam-se apenas o município metropolitano de São Francisco do Conde e, dentre os 20 mais populosos, os municípios de Ilhéus, Porto Seguro e Serrinha, com percentuais entre 38,7% (Porto Seguro) e 48,6% (São Francisco do Conde) de residências sem instalações hidro-sanitárias para o provimento de água.

Já no conjunto de municípios com domicílios melhor aparelhados nesse aspecto, sobressaem os demais municípios metropolitanos, com destaque para Salvador e Madre Deus que giram em torno dos 7% de moradias sem instalações hidro-sanitárias, e os municípios mais populosos do estado, com proporções variando entre 34,9% (Valença) e 20,8% (Itabuna).

Em relação ao esgotamento sanitário evidencia-se, na Bahia, o crescimento da proporção de domicílios dispondo de banheiro ou sanitário: 60,2% em 1991 e 76% em 2000. Ainda assim, no final dos anos 90, nada menos do que 24% dos domicílios baianos eram desprovidos destas instalações sanitárias, contra 8,3% dos domicílios brasileiros e 1,7% das moradias da região Sudeste. Nesse indicador, a Bahia representa um maior desafio que a região Nordeste (23,6% de domicílios sem banheiro/sanitário) e, dentre os estados nordestinos, encontra-se em melhor situação do que apenas Ceará, Maranhão e Piauí.

Com relação ao esgotamento sanitário, a década de 90 revela um enorme avanço na cobertura dos serviços em rede, na Bahia: de uma proporção de 6,9% dos domicílios ligados à rede de esgoto ou pluvial, em 1991, o estado salta para 34,5% em 2000. Nesse período, o percentual de moradias com fossa séptica⁷ declina drasticamente (17,8% em 1991 e 7,9% em 2000), por outro lado, aumenta a proporção daquelas residências com fossa rudimentar⁸ (22,9% em 1991 e 28% em 2000) e mantém-se relativamente estável a presença de outros tipos de escoadouro (vala, rio, lago ou mar, etc).

Por se ter investido mais no meio urbano que no rural, essa ampliação da cobertura da rede de esgoto ou pluvial é sobretudo determinada pelos domicílios urbanos: na Bahia da década de 90, a proporção destas moradias, atendidas por rede coletora de esgotos, salta de 11,2% para 49,0%, embora com diferenças intra-urbanas. Enquanto isso, a utilização da fossa séptica reduz-se em 1/3 (27,4% para 9,6%); a fossa rudimentar mantém-se servindo a pouco mais de ¼ dos domicílios urbanos e as outras formas de escoadouro (vala, rio, lago, mar etc.) tornam-se cada vez menos incidentes (17,8% em 1991 e 5,8% em 2000).

Os dados do relatório de desempenho da Empresa Baiana de Águas e Saneamento S/A (EMBASA), para 2000, sinalizam para a possibilidade, já referida anteriormente, de aumento dos domicílios ligados à rede. Mesmo considerando que a Embasa não é o único gestor de serviços de esgotamento sanitário no Estado, embora seja o principal e de mais abrangente atuação, os “níveis de atendimento com esgoto” por ela detectados (apenas em relação à população urbana), tanto em 1991 como em 2000, são bastante inferiores às proporções calculadas com os dados censitários. Um bom exemplo desta questão pode ser obtido com o município de Salvador, onde a população total praticamente equívale à urbana e a Embasa é a provedora dos serviços de esgotamento sanitário: a empresa declara um índice de cobertura na capital de cerca de 43%, contra um percentual de 74,7% dos domicílios ligados à rede de esgoto ou pluvial com base no censo 2000. Levando-se em conta o exemplo de Salvador, pode-se

⁷ Fossa séptica: Quando as águas servidas e os dejetos são esgotados para uma fossa, onde passam por um processo de tratamento ou decantação, sendo a parte líquida absorvida no próprio terreno.

⁸ Fossa rudimentar: Quando os dejetos são esgotados para uma fossa rústica (fossa negra, poço, buraco etc.)

atribuir tamanha diferença (em favor dos dados censitários), à dificuldade de identificação correta do tipo de escoadouro, mas também ao fato de se estar contabilizando, junto à rede geral, a rede pluvial.

Segundo os resultados do Censo 2000, a Bahia registra uma proporção de domicílios ligados à rede de esgoto e pluvial inferior às médias nacional (47,2%) e da região Sudeste (73,4%), e superior à média nordestina (25,1%) e aos percentuais de todos os demais estados desta região. Nota-se que esta posição relativa da Bahia, em face dos demais subespaços nacionais, mantém-se apenas quando considerados os domicílios urbanos.

Considerando o conjunto dos domicílios ligados à rede de esgoto e pluvial e servidos por fossa séptica – um indicador de condições adequadas em termos de esgotamento sanitário –, a Bahia aparece com 42,4% de moradias assim aparelhadas, ocupando a 13ª posição dentre os estados brasileiros, em 2000, sendo superada, na região Nordeste, apenas por Pernambuco e Sergipe. Trata-se de um incremento substancial já que, em 1991, com 24,7% dos domicílios com esgotamento sanitário adequado, a Bahia detinha a 19ª posição no ranking dos estados brasileiros. Na verdade esse incremento significou uma variação de 71,7% entre 1991 e 2000, desempenho dos mais ativos no país, superado somente pelos estados de Roraima, Pernambuco, Alagoas e Tocantins. No universo urbano e segundo este mesmo indicador, o quadro baiano coloca o Estado (58,6%) acima das médias nordestina (51,0%) e de todos os demais estados do Nordeste e abaixo das médias brasileira (72,0%) e do Sudeste (87,9%).

O alcance dos serviços em rede coletora de esgoto pode ser melhor visualizado a partir dos resultados por município, referidos aos domicílios urbanos. Assim, pode-se notar que, em 2000, apenas ¼ dos 417 municípios baianos (118) abrigavam domicílios urbanos adequados quanto a coleta dos esgotos em proporções superiores à média estadual. Entre eles estavam seis dos municípios metropolitanos (Salvador, Camaçari, Lauro de Freitas, Candeias, Madre de Deus e Dias D'Ávila) e oito dos que integram a lista dos 20 maiores contingentes populacionais urbanos da Bahia (Itabuna, Ilhéus, Juazeiro, Jequié, Paulo Afonso, Santo Antônio de Jesus, Valença e Itapetinga), dentro de um intervalo de 66,2% (Camaçari) a 91,1% (Itapetinga) de moradias urbanas ligadas à rede geral de esgoto ou pluvial ou com fossa séptica. Abaixo da média baiana, com percentuais entre 57,7% (Simões Filho) e 26,2% (Eunápolis), encontravam-se quatro municípios metropolitanos (Simões Filho, São Francisco do Conde, Itaparica e Vera Cruz) e sete do grupo de municípios mais populosos em termos urbanos (Feira de Santana, Vitória da Conquista, Barreiras, Alagoinhas, Teixeira de Freitas, Porto Seguro e Eunápolis). Finalmente, em 2000, 150 municípios sequer atingiam os 10% de domicílios urbanos adequados quanto ao esgotamento sanitário.

Ao mesmo tempo, em 2000, dos 415 municípios que integravam o estado, 318 tinham mais de 24% (média baiana) dos domicílios desprovidos de instalação hidro-sanitárias, com destaque para Valença e Serrinha (entre os 20 municípios mais populosos do estado) e São Francisco do Conde (município metropolitano) com percentuais entre 29,3% e 28% de domicílios nesta condição. Em 100 desses municípios, mais da metade das moradias não tinham banheiro ou sanitário. Acima da média baiana estão 97 municípios, compreendendo todos os municípios metropolitanos (à exceção de São Francisco do Conde) e aqueles que integram a

lista dos maiores contingentes populacionais do estado (à exceção de Valença e Serrinha), numa gradação que vai de Ilhéus (17,7%) a Salvador (2,5%) na proporção de moradias sem instalação sanitária.

3.3.1.2. Pólo Turístico Chapada Diamantina

Como já citado anteriormente, o Pólo Turístico Chapada Diamantina não chegou a receber investimentos do PRODETUR/NE I em qualquer tipo de infra-estrutura – em saneamento básico, não sendo possível, portanto, realizar uma avaliação das ações implantadas. No entanto, vale destacar o que havia sido previsto quando da elaboração do Relatório Final⁹ para o Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia (SCT/Bahiatursa, 1992: 124), que já considerava a precariedade dessa infra-estrutura urbana existente para fins da instalação dos circuitos turísticos e indicava a necessidade de investir US\$ 3.365.000 (valores de 1992) em saneamento básico.

Neste sentido, quanto ao abastecimento de água nos domicílios da área objeto de estudo, pode-se perceber que este acompanhou a mesma forma de desenvolvimento ocorrida no Estado da Bahia, como citado no item 3.3.1.1.. Assim, ao longo da década de 1990, este sistema experimentou uma melhoria na cobertura do abastecimento de água às custas, basicamente, da extensão dos serviços em rede: em 2000, 69,5% das moradias estavam ligadas à rede geral, contra 52,2% delas, em 1991. Ou seja, os investimentos concentraram-se mais na ampliação do existente do que na implantação de novos.

Tabela 3.3.1. Domicílios atendidos pelo sistema de abastecimento de água (%)

Circuito	1990	2000
Chapada Norte	38%	61%
do Diamante	38%	64%
do Ouro	38%	64%
Chapada Diamantina	38%	63%

Fonte: IBGE, 2002

Assim como no restante do Estado, trata-se de uma tendência verificada tanto nas cidades como no campo, com os domicílios urbanos sendo servidos em 73,3% por rede e os rurais atingindo 32,1%. Neste sentido, vale destacar-se que a região da Chapada Diamantina como um todo encontra-se abaixo da média apresentada no IBGE para o Estado da Bahia, que apresenta uma média em 2000 de 89,4%.

Tabela 3.3.2. População atendida por água (%)

Circuito	Área Urbana			Área Rural		
	Sistema de Abastecimento	Poço ou Nascente	Outros	Sistema de Abastecimento	Poço ou Nascente	Outros
Chapada Norte	75,9%	2,6%	21,5%	27,9%	13,9%	58,2%
do Diamante	66,5%	0,7%	32,8%	29,7%	16,1%	54,2%
do Ouro	77,4%	4,3%	18,3%	38,8%	16,6%	44,6%
Chapada Diamantina	73,3%	2,5%	24,2%	32,1%	15,5%	52,3%

Fonte: IBGE, 2002

⁹ SCT/BAHIATURSA. *Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia: Chapada Diamantina – Relatório Final*. 1992.

Dos 28 municípios que compõem a Pólo Turístico Chapada Diamantina, 12 registraram proporções de domicílios urbanos abastecidos por rede superiores à média baiana (89,4%), variando entre 99,1% e 90,1%. Dentre estes destacam-se cinco municípios integrantes do Circuito do Ouro (Abaíra, Piatã, Rio de Contas, Rio do Pires e Jussiapé) e mais sete compreendidos entre os Circuitos Chapada Norte e Diamante (Mucugê, Campo Formoso, Iraquara, Piritiba, Utinga, Miguel Calmon e Lençóis). É importante notar-se que entre estes últimos concentram-se os municípios de maiores contingentes populacionais urbanos e de maior fluxo turístico da região estudada.

Os demais municípios (16), com percentuais inferiores à média estadual, apresentam uma proporção de domicílios urbanos ligados à rede de abastecimento de água que varia entre 89,1% (Seabra) e 59,3% (Bonito).

Com relação ao esgotamento sanitário, a década de 1990 no Pólo Turístico Chapada Diamantina não apresentou significativa mudança de forma geral. No entanto, é possível notar que alguns municípios apresentaram uma melhora significativa, como Jacobina e Lençóis que saíram de um percentual em esgotamento sanitário irrisório em 1991 para alcançarem quase 40% de domicílios ligados à rede em 2001. Isto se deve à implantação do sistema de esgotamento sanitário de Lençóis e de Jacobina em 1999.

Tabela 3.3.3. Domicílios atendidos pelo sistema de esgotamento sanitário

Circuito	Rede Geral	Fossa	Fossa	Vala	Outro	Sem WC
		Séptica	Rudimentar		Escadouro	
Chapada Norte	15%	11%	35%	3%	1%	35%
do Diamante	6%	6%	41%	1%	1%	45%
do Ouro	8%	3%	47%	1%	2%	39%
Chapada Diamantina	10%	7%	41%	2%	1%	40%

Fonte: IBGE, 2002

Como pode ser visualizado pelo quadro acima, a média geral apresenta-se ainda muito baixa, com a rede restrita somente a uma pequena parcela da população da região. Assim, em 2002 os maiores percentuais em esgotamento sanitário estão relacionados à fossa rudimentar (41%). Destaca-se que da mesma forma do que ocorreu no Estado da Bahia, naqueles municípios da Chapada Diamantina onde houve implantações e/ou ampliações de sistema de esgotamento sanitário este ficou restrito, sobretudo, à área urbana.

Por fim, em relação aos projetos e programas que vêm sendo e serão implantados e implementados pelos governos estaduais e municipais relacionados à provisão de infra-estruturas no Pólo Turístico Chapada Diamantina, foram realizados diversos projetos para a melhoria do abastecimento de água e esgotamento sanitário. Nota-se que estes ocorreram principalmente nas áreas urbanas dos maiores núcleos comerciais regionais, ou seja, como já mencionado em Jacobina, como também em Seabra, relevando as áreas rurais em geral e os destinos turísticos em especial.

Tabela 3.3.4. Projetos Executivos de SAA concluídos a partir de 1990

Circuito	Início de Plano		População Atendida Fim de Plano		Ano de Conclusão	Valor do Investimento Atualizado (Jan/02)
	Ano	Pop.	Ano	Pop.		1a. Etapa (em R\$)
Chapada Norte	1994/00	70.915	2014/30	132.831	1995/2001	13.352.162,80
do Diamante	1997/00	21.480	2018/20	37.844	1997/99	11.771.490,81
do Ouro	1998/00	10.408	2018/20	16.649	1998/99	3.613.901,68
Chapada Diamantina	1994/00	102.803	2014/30	187.324	1995/2001	28.737.555,29

Fonte: EMBASA, 2002

A área de esgotamento sanitário, da mesma forma que a de abastecimento de água conta com projetos executivos concluídos e ainda não implantados que abrangem, sobretudo, os principais núcleos urbanos regionais.

Tabela 3.3.5. Projetos Executivos de SES concluídos a partir de 1990

Circuito	Início de Plano		População Atendida Fim de Plano		Ano de Conclusão	Valor do Investimento Atualizado (Jan/02)
	Ano	Pop.	Ano	Pop.		1a. Etapa (em R\$)
Chapada Norte	1999	68.968	2019	115.059	1999	24.111.895,20
do Diamante	1997	30.070	2018	59.193	1997	12.894.060,48
do Ouro	1999	3.469	2019	4.668	1999	2.446.878,44
Chapada Diamantina	1997/99	102.507	2018/19	178.920	1997/99	39.452.834,12

Fonte: EMBASA, 2002

3.3.1.2.1. Circuito Chapada Norte

Na região do Circuito Chapada Norte apenas dois municípios possuem alguma infra-estrutura turística – Morro do Chapéu e Jacobina. Mesmo assim, apenas o de Jacobina apresenta uma estrutura de serviços que atenda

as mínimas necessidades da sua população. No geral, este circuito é formado por municípios onde o turismo apenas se esboça, em meio a uma população em geral carente de serviços básicos.

Em relação ao abastecimento de água a região se destaca por contar com SAA em todos os municípios, notando-se que tal fato apresentou significativo crescimento na última década em razão dos investimentos realizados.

Tabela 3.3.6. Domicílios atendidos pelo sistema de abastecimento de água no Circuito Chapada Norte (%)

Município	1990	2000
Bonito	37%	60%
Caém	25%	38%
Campo Formoso	35%	57%
Jacobina	55%	73%
Miguel Calmon	47%	47%
Morro do Chapéu	22%	60%
Ouroândia	0%	48%
Piritiba	34%	78%
Saúde	48%	73%
Utinga	38%	72%
Wagner	37%	68%
Média	38%	61%

Fonte: IBGE, 2002

Assim, identifica-se que todos os municípios da área objeto de estudo saíram de um patamar médio de 38% de atendimento de domicílios no sistema de abastecimento de água em 1990, para atingir uma média de 61% em 2000. Neste sentido, ressalta-se o município de Piritiba, que no primeiro ano apresentava um atendimento de 34% dos domicílios, atingindo 78% em 2000.

Tabela 3.3.7. População atendida por água (%) no Circuito Chapada Norte

Município	Área Urbana			Área Rural		
	Sistema de Abastecimento	Poço ou Nascente	Outros	Sistema de Abastecimento	Poço ou Nascente	Outros
Bonito	59,3%	7,9%	32,8%	-	-	-
Caém	87,0%	12,0%	1,0%	17,4%	25,8%	56,8%
Campo Formoso	94,6%	1,1%	4,3%	36,2%	16,9%	46,9%
Jacobina	88,0%	1,0%	11,0%	39,0%	15,5%	45,5%
Miguel Calmon	90,6%	0,3%	9,1%	19,1%	15,3%	65,6%
Morro Chapéu	80,0%	3,6%	16,4%	31,6%	16,4%	52,1%
Ourolândia	65,2%	0,9%	33,9%	41,0%	13,5%	45,5%
Piritiba	91,1%	0,9%	8,0%	49,5%	20,0%	30,5%
Saúde	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Utinga	91,0%	1,3%	7,7%	29,0%	12,8%	58,2%
Wagner	87,7%	0,1%	12,1%	16,3%	3,0%	80,7%
	75,9%	2,6%	21,5%	27,9%	13,9%	58,2%

Fonte: IBGE, 2002

Apesar do crescimento na extensão da rede de abastecimento de água, há uma parte significativa da população que não conta com tal serviço, sobretudo a localizada na área rural. Como pode ser visto na tabela acima, a maioria da população urbana conta com serviços de abastecimento de água, fato que não ocorre na área rural onde há uma conjunção entre o sistema de abastecimento - provavelmente nas propriedades próximas aos núcleos urbanos, a existência de poços ou nascentes nas propriedades e a outras formas de abastecimento.

A área do Circuito Chapada Norte conta com abastecimento de água encanada e tratada em todos os municípios destacando-se, entretanto, a existência de ligações que não possuem medidores.

Tabela 3.3.8. Sistema de abastecimento de água no Circuito Chapada Norte

Município	Residências	Ligações Existentes		Total
		Industriais	Comerciais	
Bonito	1.403	0	52	1.455
Caém	416	0	1	417
Campo Formoso	5.261	1	241	5.503
Jacobina	14.892	16	753	15.661
Miguel Calmon	4.000	0	96	4.096
Morro do Chapéu	4.656	3	164	4.823
Ourolândia	894	0	32	926
Piritiba	3.843	0	124	3.967
Saúde	1.810	0	71	1.881
Utinga	3.330	1	147	3.478
Wagner	1.602	1	29	1.632
Total	42.107	22	1.710	43.839

Fonte: Embasa, 2002

Como pode ser avaliado pela tabela anterior, as ligações residenciais são responsáveis pela maioria absoluta das ligações existentes na área objeto de estudo, perfazendo 96% do total. Neste sentido, destaca-se o município de Jacobina que, como dito no capítulo 3.2. Dinâmica Socioeconômica é o que apresenta maior grau de desenvolvimento comercial e industrial da região da Chapada Norte, com 16 ligações industriais e 753 comerciais.

Ao mesmo tempo, salienta-se que apesar de 100% dos municípios avaliados possuírem sistemas de abastecimento de água operados pela EMBASA, em geral, estes atendem somente à região da sede municipal. Excetua-se, neste caso, Miguel Calmon cujo sistema integrado atende também ao distrito de Faísca, pertencente ao município de Piritiba.

Em relação ao esgotamento sanitário, apresenta-se abaixo, o comparativo entre o serviço de esgotamento sanitário existente nos anos de 1990 e 2000.

Tabela 3.3.9. Domicílios atendidos pelo sistema de esgotamento sanitário no Circuito Chapada Norte

Município	Ano	Rede Geral	Fossa Séptica	Fossa Rudimentar	Vala	Outro Escadouro	Sem WC
Bonito	1990	-	2	999	9	4	1.250
	2000	8	35	1.949	17	7	851
	(%) 2000	0,3%	1,2%	68,0%	0,6%	0,2%	29,7%
Caém	1990	-	718	49	4	3	2.291
	2000	5	251	1.010	50	35	1.536
	(%) 2000	0,2%	8,7%	35,0%	1,7%	1,2%	53,2%
Campo Formoso	1990	-	1.148	3.148	47	18	7.777
	2000	135	777	6.570	134	196	6.242
	(%) 2000	1,0%	5,5%	46,7%	1,0%	1,4%	44,4%
Jacobina	1990	-	7.440	2.416	34	103	7.102
	2000	7.873	2.605	4.582	111	245	4.735
	(%) 2000	39,1%	12,9%	22,7%	0,6%	1,2%	23,5%
Miguel Calmon	1990	-	625	459	73	62	3.752
	2000	1.809	165	1.709	1.454	180	3.029
	(%) 2000	21,7%	2,0%	20,5%	17,4%	2,2%	36,3%
Morro do Chapéu	1990	-	11	2.634	15	19	3.999
	2000	23	2.489	2.350	27	31	3.268
	(%) 2000	0,3%	30,4%	28,7%	0,3%	0,4%	39,9%
Ouro-lândia	1990	-	Nihil	559	5	3	1.852
	2000	1	58	1.470	11	11	1.951
	(%) 2000	0,0%	1,7%	42,0%	0,3%	0,3%	55,7%
Piritiba	1990	19	543	2.019	84	13	2.279
	2000	1.101	502	1.884	70	28	1.268
	(%) 2000	22,7%	10,3%	38,8%	1,4%	0,6%	26,1%
Saúde	1990	-	690	367	70	1	1.451
	2000	293	1.239	363	9	13	1.136
	(%) 2000	9,6%	40,6%	11,9%	0,3%	0,4%	37,2%
Utinga	1990	-	44	1.488	98	66	1.754
	2000	40	136	2.658	3	9	1.085
	(%) 2000	1,0%	3,5%	67,6%	0,1%	0,2%	27,6%
Wagner	1990	4	446	398	-	1	756
	2000	7	37	1.364	1	5	563
	(%) 2000	0,4%	1,9%	69,0%	0,1%	0,3%	28,5%

Fonte: IBGE, 2002

A tabela apresentada anteriormente mostra a necessidade de se investir em sistemas de esgotamento sanitário nos municípios do pólo. É consenso que, embora afastados do contato direto do domicílio, os esgotos comprometem o meio ambiente, sendo a alternativa de afastamento insuficiente. Existem ainda no ano 2000, um grande número de fossas rudimentares neste circuito e domicílios que não possuem sanitário, o que poderia ser avaliada a possibilidade de inclusão, quando da implantação de sistemas de esgotamento sanitário, a instalação hidro-sanitária naqueles domicílios que não as possui. O custo-benefício comparado com o benefício sócio-ambiental se justificaria.

Por fim, é importante notar a evidente precariedade do esgotamento sanitário deste pólo quando se identifica que nos municípios de Jacobina e Morro do Chapéu - onde já foram realizados investimentos em esgotamento sanitário e já existe efetivamente a atividade turística, o número de domicílios sem sanitário ainda é muito grande, independente da existência de fossa séptica ou rudimentar.

Em relação aos projetos e programas que vêm sendo e serão implantados e implementados pelos governos estaduais e municipais relacionados à provisão de infra-estruturas, destaca-se que foram realizados diversos projetos para a melhoria ou implantação do abastecimento de água e esgotamento sanitário para vários municípios da área porém, em alguns, estes ainda não foram implantados. São eles: Sistema Abastecimento de Água de Jacobina / Saúde / Caém (adequação ao Pró-Água) e Wagner.

Tabela 3.3.10. Projetos Executivos de SAA concluídos a partir de 1990 no Circuito Chapada Norte

Localidade	População Atendida					Ano de Conclusão	Valor do Investimento Atualizado (Jan/02) 1a. Etapa (em R\$)
	Início de Plano		Fim de Plano				
	Ano	Pop.	Ano	Pop			
Jacobina / Saúde / Caem (adequação ao PROÁGUA)	2000	64.015	2030	119.030	2001	12.347.823,73	
Wagner	1994	6.900	2014	13.801	1995	1.005.162,80	

Fonte: EMBASA. 2002

Fonte: EMBASA, 2002

Como no abastecimento de água, na área de esgotamento sanitário existem projetos executivos concluídos e ainda não implantados, a saber: S.E.S. de Jacobina e Morro do Chapéu (este último faz parte dos projetos do PASS-BID).

Tabela 3.3.11. Projetos Executivos de SES concluídos a partir de 1990 no Circuito Chapada Norte

População Atendida						
Localidade	Início de Plano		Fim de Plano		Ano de Conclusão	Valor do Investimento
	Ano	Pop.	Ano	Pop.		Atualizado (Jan/02)
						1a. Etapa (em R\$)
Jacobina	1999	52.499	2019	84.720	1999	20.054.598,89
Morro do Chapéu	1999	16.469	2018	30.339	2000	4.057.296,31

Projeto do PASS-BID

Fonte: EMBASA, 2002

Projeto do PASS-BID

Fonte: EMBASA, 2002

3.3.1.2.2. Circuito do Diamante

A região do Circuito do Diamante abrange 9 municípios com alto potencial turístico, situando-se numa área montanhosa com muitas de suas cidades atingindo altitude maiores que 1000mts acima do nível do mar, possuindo por isso, características climáticas muito favoráveis a um ambiente naturalmente saudável e agradável.

Em relação ao abastecimento de água, a região conta com sistemas públicos de abastecimento em todos os municípios – gerenciados e operados pela Embasa ou pelo próprio município (que é o caso de Mucugê), tendo apresentado significativo aumento de cobertura na última década. O aumento quantitativo entretanto não foi acompanhado pelo aumento qualitativo

Tabela 3.3.12. Domicílios atendidos com sistema de abastecimento de água no Circuito do Diamante (%)

Município	1990	2000
Andaraí	21%	43%
Ibicoara	21%	40%
Iraquara	19%	76%
Itaetê	37%	53%
Lençóis	48%	70%
Mucugê	37%	64%
Nova Redenção		
Palmeiras	40%	64%
Seabra	37%	75%
Média	38%	64%

Fonte: IBGE, 2002

Assim, identifica-se que todos os municípios da área objeto de estudo saíram de uma patamar médio de 38% de atendimento de domicílios no sistema de abastecimento de água em 1990, para atingir uma média de 64% em 2000. Dentre estes, destaca-se Iraquara, que em 1990 contava com um atendimento restrito a apenas 19% dos domicílios existentes no município, situação que apresentou uma grande mudança durante a década, vindo a atingir 76% dos domicílios em 2000.

Nota-se, ainda, que a melhoria foi realmente considerável para todos os municípios, verificando-se, por exemplo em 1990, que o único município cuja cobertura estava acima de 40 % era Lençóis. Já no ano 2000, todos os municípios têm cobertura acima de 40 %. Tal fato, entretanto, não indica que o sistema existente atualmente esteja completo, ao contrário, em geral o serviço ainda é bastante precário, pois ainda existem cidades cuja água distribuída não é tratada, como em Mucugê.

Tabela 3.3.13. População atendida por sistema de abastecimento de água no Circuito do Diamante (%)

Município	Área Urbana			Área Rural		
	Sistema de Abastecimento	Poço ou Nascente	Outros	Sistema de Abastecimento	Poço ou Nascente	Outros
Andaraí	68,0%	1,0%	31,0%	12,5%	18,0%	69,5%
Ibicoara	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Iraquara	91,4%	0,4%	8,3%	68,3%	3,4%	28,3%
Itaetê	73,0%	0,4%	26,7%	34,4%	9,6%	56,1%
Lençóis	90,5%	0,3%	9,1%	8,1%	13,5%	78,4%
Mucugê	98,2%	0,1%	1,7%	50,2%	32,9%	16,9%
Nova Redenção	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Palmeiras	88,0%	2,3%	9,7%	31,2%	55,6%	13,2%
Seabra	89,1%	2,2%	8,7%	63,0%	11,7%	25,3%

Fonte: IBGE, 2002

Da mesma forma que nos outros circuitos, no Circuito do Diamante há uma parte significativa da população que não conta com o serviço completo de abastecimentos de água, sobretudo a localizada na área rural. Como visto na tabela acima, a maioria da população urbana conta com serviços de abastecimento de água, fato que não ocorre na área rural onde há uma conjunção entre o sistema de abastecimento - provavelmente nas propriedades próximas aos núcleos urbanos, a existência de poços ou nascentes nas propriedades e a outras formas de abastecimento sem qualquer tipo de controle quanto à qualidade dessa águas consumidas. Neste sentido destaca-se o município de Lençóis, que apesar de contar com uma cobertura significativa em abastecimento de água na área urbana (90,5%), não possui o mesmo índice na rural que atinge somente 8,1% da população.

Tabela 3.3.14. Sistema de abastecimento de água no Circuito do Diamante

Município	Residenciais	Ligações Existentes		Total
		Industriais	Comerciais	
Andaraí	1.261	0	75	1.336
Ibicoara	0	0	0	0
Iraquara	1.392	0	60	1.452
Itaetê	1.618	0	228	1.846
Lençóis	1.728	2	135	1.865
Mucugê	0	0	0	0
Nova Redenção	0	0	0	0
Palmeiras	1.160	0	28	1.188
Seabra	4.374	0	249	4.623
Total	11.533	2	775	12.310

Fonte: Embasa, 2002

Como pode ser avaliado e seguindo as tendências observadas nos outros pólos, no Circuito do Diamante as ligações residenciais são responsáveis pela maioria absoluta das ligações existentes, perfazendo 94% do total. Merece destaque o

município de Seabra que apresenta maior grau de desenvolvimento comercial e industrial da região objeto de estudo, com 249 ligações comerciais.

Vale ressaltar-se novamente que dos 09 municípios pertencentes a este circuito somente o de Mucugê não conta com um sistema de tratamento de água cuja operação seja de responsabilidade da EMBASA, sendo operado pela Prefeitura Municipal.

Nenhum dos municípios do Circuito do Diamante possui sistema de esgotamento sanitário. Conforme a tabela nº 9, pode-se conhecer a situação dos municípios no que diz respeito ao destino do esgoto doméstico.

Tabela 3.3.15. Domicílios atendidos por esgotamento sanitário no Circuito do Diamante

Município	Ano	Rede Geral	Fossa Séptica	Fossa Rudimentar	Vala	Outro Escoadouro	Sem WC
Andaraí	1990	242	51	140	7	15	2.398
	2000	292	83	675	65	91	1.911
	(%) 2000	9,4%	2,7%	21,7%	2,1%	2,9%	61,3%
Ibicoara	1990	-	-	-	-	-	-
	2000	11	5	1.115	3	17	742
	(%) 2000	0,4%	0,2%	38,6%	0,1%	0,6%	25,7%
Iraquara	1990	-	6	842	1	4	2.724
	2000	35	161	1.992	19	10	1.959
	(%) 2000	0,8%	3,9%	47,7%	0,5%	0,2%	46,9%
Itaetê	1990	33	188	533	43	8	2.084
	2000	99	1.032	391	21	30	1.698
	(%) 2000	3,0%	31,5%	12,0%	0,6%	0,9%	51,9%
Lençóis	1990	400	66	152	8	4	1.007
	2000	764	87	328	15	41	790
	(%) 2000	37,7%	4,3%	16,2%	0,7%	2,0%	39,0%
Mucugê	1990	3	-	371	105	1	1.553
	2000	370	7	1.082	51	22	1.222
	(%) 2000	13,4%	0,3%	39,3%	1,9%	0,8%	44,4%
Nova Redenção	1990	-	-	-	-	-	-
	2000	11	5	1.115	3	17	742
	(%) 2000	0,3%	0,1%	31,8%	0,1%	0,5%	21,2%
Palmeiras	1990	1	6	640	17	3	998
	2000	15	66	1.145	11	74	559
	(%) 2000	0,8%	3,5%	61,2%	0,6%	4,0%	29,9%
Seabra	1990	-	2.032	520	9	10	5.042
	2000	26	47	5.156	120	46	3.812
	(%) 2000	0,3%	0,5%	56,6%	1,3%	0,5%	41,9%

Fonte: IBGE, 2002

Como pode ser visualizado na tabela, a situação do esgotamento sanitário no Circuito do Diamante é crítica, com sérias repercussões ambientais.

A cidade de Lençóis, por exemplo, até o ano de 1999 possuía uma antiga rede de esgoto que se misturava com a água pluvial, lançando os efluentes transportados sem qualquer tratamento no rio Lençóis, o qual em épocas de estio, transformava-se em esgoto a céu aberto. Todavia, encontram-se em desenvolvimento projetos para a ampliação da rede de água e implantação de um sistema de esgoto sanitário composto de estações de tratamento. Outros projetos em desenvolvimento abrangem também algumas das áreas urbanas dos municípios deste circuito, como as de Andaraí e de Mucugê.

Em relação aos projetos e programas, destaca-se que foram realizados diversos estudos ao nível de projetos executivos para a melhoria do abastecimento de água e esgotamento sanitário para vários municípios da área, são eles:

Tabela 3.3.16. Projetos Executivos de SAA concluídos a partir de 1990 no Circuito do Diamante

Localidade	População Atendida				Ano de Conclusão	Valor do Investimento Atualizado (Jan/02)
	Início de Plano		Fim de Plano			
	Ano	Pop.	Ano	Pop		1a. Etapa (em R\$)
Mugugê	1997	2.262	2018	6.148	1997	1.137.105,61
Seabra	2000	19.218	2020	31.696	1999	10.634.385,20

Fonte: EMBASA, 2002

Como no abastecimento de água, na área de esgotamento sanitário existem também projetos executivos concluídos e ainda não implantados, a saber: S.E.S. de Andaraí, Mucugê, Palmeiras e Seabra.

Tabela 3.3.17. Projetos Executivos de SES concluídos a partir de 1990 no Circuito do Diamante

Localidade	População Atendida					Valor do Investimento Atualizado (Jan/02)
	Início de Plano		Fim de Plano		Ano de Conclusão	
	Ano	Pop.	Ano	Pop		
	1a. Etapa (em R\$)					
Andaraí	1997	4.746	2018	8.495	1997	3.187.793,35
Mucugê	1997	2.262	2018	6.148	1997	1.054.106,26
Palmeiras	1994	5.702	2014	11.725	1994	1.404.866,19
Seabra	1999	17.360	2019	32.825	1998	7.247.294,68

Fonte: EMBASA, 2002

Cita-se, ainda, o projeto de despoluição do Rio Lençóis, que consiste na implantação do sistema de esgotamento sanitário de Lençóis orçado em R\$ 3,4 milhões (valores relativos a 03/2001). Segundo a EMBASA, estão previstas a execução de duas obras: (i) do sistema de esgotamento sanitário com capacidade para atender a uma população de 10 mil habitantes, com a construção de 3,5 quilômetros de rede coletora; e (ii) de ampliação do sistema de abastecimento de água, com capacidade para atender 17 mil habitantes.

Segundo Pacheco¹⁰, tal investimento faz-se necessário e muito oportuno devido ao incremento populacional que sofre a cidade por causa de seu apelo turístico. Sem a implantação do sistema de esgotos o rio Lençóis acabou se transformando no esgoto do município, gerando grandes preocupações com o futuro dos negócios relacionados ao ecoturismo e motivando, inclusive, uma mobilização promovida pela Associação dos Empresários Locais. Para estes empresários o

10 José Pacheco Maia Filho. *Embasa tem plano para despoluir Rio Lençóis*. Gazeta Mercantil, 20 de Março de 2001.

problema da falta de saneamento básico em Lençóis chegou ao limite, destacando que a falta de solução para o problema pode comprometer o turismo na cidade devido não só à poluição do rio, mas também pela superpopulação de mosquitos, como o 'asa caída', transmissor do vírus da leishmaniose, uma doença de pele que vem acometendo os habitantes na zona rural.

Entende-se que a existência de serviços de infra-estrutura em saneamento básico, são essenciais para a saúde e bem estar de toda uma população. E mais, esses devem servir a todos, à medida do possível, de forma a evitar a proliferação de diferentes tipos de doenças, contagiosas ou não, em locais desprovidos dos mesmos, que podem atingir aos seus visitantes por meio da contaminação, gerando insegurança e prejuízos ao turismo.

3.3.1.2.3. Circuito do Ouro

Dos 08 municípios que formam o Circuito do Ouro, apenas Rio de Contas possui alguma infra-estrutura turística, apresentando uma estrutura de serviços que atenda as mínimas necessidades da sua população e da demanda turística já existente.

Quanto ao abastecimento de água a região se destaca por contar com sistemas de abastecimento em todos os municípios, notando-se que tal fato apresentou significativo crescimento na última década.

Tabela 3.3.18. Domicílios atendidos por sistema de abastecimento de água no Circuito do Ouro (%)

Município	1990	2000
Abaíra	70%	89%
Érico Cardoso	35%	59%
Jussiape	29%	60%
Livramento de Nsa. Senhora	30%	37%
Paramirim		
Piatã	51%	78%
Rio de Contas	22%	72%
Rio do Pires	21%	55%
Média	38%	64%

Fonte: IBGE, 2002

Assim, identifica-se que todos os municípios da área objeto de estudo saíram de um patamar médio de 38% de atendimento de domicílios no sistema de abastecimentos de água em 1990, para atingir uma média de 64% em 2000. Neste sentido, ressalta-se o município de Rio de Contas, que no primeiro ano apresentava um atendimento de 22% dos domicílios, atingindo 72% em 2000.

Tabela 3.3.19. População atendida por sistema de abastecimento de água no Circuito do Ouro (%)

Município	Área Urbana			Área Rural		
	Sistema de Abastecimento	Poço ou Nascente	Outros	Sistema de Abastecimento	Poço ou Nascente	Outros
Abaíra	99,1%	0,0%	0,9%	81,1%	5,9%	13,0%
Érico Cardoso	78,9%	9,0%	12,1%	21,8%	43,0%	35,3%
Jussiape	90,1%	0,9%	9,0%	42,2%	15,0%	42,9%
Livramento de Nsa. Senhora	61,8%	23,7%	14,4%	14,5%	6,3%	79,2%
Paramirim	0,0%	0,0%	100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
Piatã	98,6%	0,2%	1,2%	68,5%	15,5%	16,0%
Rio de Contas	95,7%	0,1%	4,2%	55,1%	18,7%	26,1%
Rio do Pires	95,1%	0,5%	4,4%	27,6%	28,5%	44,0%

Fonte: IBGE, 2002

Como visto nos outros circuitos pertencentes ao Pólo Turístico Chapada Diamantina, no Circuito do Ouro também ocorreu um expressivo crescimento na extensão da rede de abastecimento de água. No entanto, ainda há uma parte significativa da população que não conta com tal serviço, sobretudo a localizada na área rural.

De acordo com a tabela, a maioria da população urbana têm à sua disposição serviços de abastecimento de água, fato que não ocorre na área rural onde há uma conjunção entre o sistema de abastecimento - provavelmente nas propriedades próximas aos núcleos urbanos, a existência de poços ou nascentes nas propriedades e a outras formas de abastecimento. Para demonstrar tal fato, pode-se destacar os municípios de Jussiape e Rio do Pires, que contam com mais de 90% de sua área urbana com sistema de água enquanto na rural existem em apenas cerca de 40%.

Tabela 3.3.20. Sistema de abastecimento de água no Circuito do Ouro

Município	Residenciais	Ligações Existentes		Total
		Industriais	Comerciais	
Abaíra	0	0	0	0
Érico Cardoso	0	0	0	0
Jussiape	662	0	14	676
Livramento de Nsa. Senhora	3.205	0	257	3.462
Paramirim	0	0	0	0
Piatã	0	0	0	0
Rio de Contas	1.511	0	37	1.548
Rio do Pires	1.089	1	64	1.154
Total	6.467	1	372	6.840

Fonte: Embasa, 2002

Como ocorre nos demais circuitos do Pólo Turístico Chapada Diamantina, no Circuito do Ouro as ligações residenciais são responsáveis pela maioria absoluta

das ligações existentes, perfazendo 94% do total.

Ao mesmo tempo, salienta-se que apesar de grande parte dos municípios avaliados possuírem sistemas de abastecimento de água operados pela EMBASA, em geral, estes atendem somente à região da sede municipal.

Em relação ao esgotamento sanitário, apresenta-se seguir, o comparativo entre o serviço de esgotamento sanitário existente nos anos de 1990 e 2000.

Tabela 3.3.21. Domicílios atendidos pelo sistema de esgotamento sanitário no Circuito do Ouro

Município	Ano	Rede Geral	Fossa Séptica	Fossa Rudimentar	Vala	Outro Escoadouro	Sem WC
Abaíra	1990	0	59	932	4	5	1.023
	2000	49	8	1.706	42	13	472
	(%) 2000	2,1%	0,3%	74,5%	1,8%	0,6%	20,6%
Érico Cardoso	1990	0	319	2	2	6	1.107
	2000	23	21	1.133	17	26	1.401
	(%) 2000	0,9%	0,8%	43,2%	0,6%	1,0%	53,5%
Jussiapé	1990	0	54	457	27	1	1.325
	2000	67	280	808	118	119	734
	(%) 2000	3,2%	13,2%	38,0%	5,6%	5,6%	34,5%
Livramento de Nsa. Senhora	1990	21	10	152	8	4	3.974
	2000	1.580	327	3.300	138	84	2.937
	(%) 2000	18,9%	3,9%	39,4%	1,6%	1,0%	35,1%
Paramirim	1990	-	-	-	-	-	-
	2000	455	261	2.124	58	24	1.441
	(%) 2000	22,5%	12,9%	104,9%	2,9%	1,2%	71,2%
Piatã	1990	0	12	874	50	11	2.831
	2000	4	17	2.300	13	41	1.971
	(%) 2000	0,1%	0,4%	52,9%	0,3%	0,9%	45,4%
Rio de Contas	1990	0	1	1.377	16	8	1.599
	2000	15	45	2.361	51	36	823
	(%) 2000	0,5%	1,4%	70,9%	1,5%	1,1%	24,7%
Rio do Pires	1990	0	0	586	10	3	1.919
	2000	229	9	1.189	13	52	1.279
	(%) 2000	8,3%	0,3%	42,9%	0,5%	1,9%	46,2%

Fonte: IBGE, 2002

Os dados da tabela anterior retratam a situação precária dos municípios deste circuito em 1990, antes de realizarem-se alguns dos investimentos abaixo citados. Desta forma, identifica-se que dos 08 municípios, apenas um (Livramento de Nossa Senhora) possuía sistema de esgotamento sanitário. Ao mesmo tempo, vale destacar-se que em função da grande quantidade de fossas rudimentares existentes sem controle ou fiscalização e do alto número de casas sem sanitário, há sérios riscos de prejuízos à saúde da população e ao meio ambiente pela poluição do lençol freático.

Por fim, em relação aos projetos e programas que vêm sendo e serão implantados e implementados pelos governos estaduais e municipais relacionados à provisão de infra-estruturas, destaca-se que foram realizados diversos projetos para a melhoria do abastecimento de água e esgotamento sanitário para vários municípios da área, porém, em alguns, estes ainda não foram implantados. São eles: Sistema Abastecimento de Água de Jussiapé / Campos /Capoeira/ Roça de Cima, Piatã e Rio do Pires.

Tabela 3.3.22. Projetos Executivos de SAA concluídos a partir de 1990 no Circuito do Ouro

Localidade	População Atendida				Ano de Conclusão	Valor do Investimento Atualizado (Jan/02)
	Início de Plano	Fim de Plano	Ano	Pop		
	Ano	Pop.	Ano	Pop		1a. Etapa (em R\$)
Jussiape / Campos / Capoeira/ Roça de Cima	1998	4.286	2018	7.523	1998	1.766.197,81
Piatã	2000	1.974	2020	2.926	1999	413.678,25
Rio do Pires	1998	4.148	2018	6.200	1998	1.434.025,62

Fonte: EMBASA, 2002

Assim como no abastecimento de água, em relação ao esgoto sanitário existem projetos concluídos e ainda não implantados de forma completa, cabendo citar o município de Rio de Contas, local aonde atividade turística já se desenvolve de forma mais efetiva no Circuito do Ouro.

Tabela 3.3.23. Projetos Executivos de SES concluídos a partir de 1990 no Circuito do Ouro

Localidade	População Atendida				Ano de Conclusão	Valor do Investimento Atualizado (Jan/02)
	Início de Plano	Fim de Plano	Ano	Pop		
	Ano	Pop.	Ano	Pop		1a. Etapa (em R\$)
Rio de Contas	1999	3.469	2019	4.668	1999	2.446.878,44

Fonte: EMBASA, 2002

3.3.1.3. Análise da Empresa Concessionária

Constituída nos termos da Lei Estadual n.º 2929 de 11 de maio de 1971, a Empresa Baiana de Águas e Saneamento - EMBASA é uma sociedade de economia mista de capital autorizado, vinculada à Secretaria de Infra-estrutura do Estado da Bahia. Conforme consta no Estatuto Social da Sociedade, esta tem por objetivo executar a política de abastecimento de água e de esgotamento sanitário do Estado da Bahia.

Criada para atender às metas estabelecidas pelo Plano Nacional de Saneamento – PLANASA, a EMBASA passou por um processo de fusão durante o ano de 1975 quando absorveu as empresas COMAE e COSEB, até então suas subsidiárias e que atuavam respectivamente na Capital e no Interior do Estado, como empresas prestadoras dos serviços de Abastecimento de Água e de Esgotamento Sanitário.

A empresa atualmente possui um faturamento anual da ordem de R\$ 369 milhões, e atende a uma população de cerca de 7,2 milhões de habitantes em 344 municípios do estado, atendendo, desta forma, à maior parcela de população beneficiada com esses serviços no Estado da Bahia.¹¹ A EMBASA tem, por objetivo básico executar a política de abastecimento de água e de esgotamento sanitário do Estado da Bahia (Artigo 3º do Estatuto Social)¹².

¹¹ EMBASA, 2002. [www.embasa.ba.gov.br aceso em 25/06/2002]

¹² EMBASA, 2002. *Estatuto Social*. Última alteração em 25/08/98.

Como finalidades específicas da Sociedade (Art. 3º parágrafo 1º), têm-se: (i) a elaboração e execução de estudos e projetos técnicos, a prestação de serviços e o desempenho de outras atividades complementares e correlatas com o seu objetivo básico; (ii) a construção e operação de sistemas de abastecimento de água e de esgotamento sanitário em qualquer Município do Estado da Bahia; (iii) o tratamento e controle de qualidade da água potável e de efluentes de esgotos sanitários; (iv) a implantação de uma política racional de ramais domiciliares de água e de esgotos sanitários; (v) a elaboração de normas técnicas afinentes aos serviços da sua competência; e (vi) a avaliação de custos operacionais e elaboração de estudos para a fixação e revisão das tarifas dos serviços da sua competência.

No Pólo Turístico Chapada Diamantina a empresa mantém, atualmente, os seguintes contratos de concessão com os municípios:

Tabela 3.3.24. Contratos de concessão em vigor com a EMBASA na Chapada Diamantina

Município	Data Assinatura	Data Vencimento	No. Contrato	No. da Lei
Circuito Chapada Norte				
Bonito	14.01.98	14.01.18	022/98	35096
Caém	15/08/97	15.08.17	048/97	169/97
Campo Formoso	27.08.96	27.08.16	068/96	002/96
Jacobina	15.05.97	15.05.17	018/97	297/96
Miguel Calmon	19.04.96	19.04.16	055/96	043/95
Morro do Chapéu	08.07.96	08.07.16	045/96	508/96
Ourolândia	25.11.98	25.11.18	038/98	08/98
Piritiba	14.08.96	14.08.16	064/96	549/96
Saúde	19.06.98	19.06.18	028/98	080/98
Utinga	21.05.96	21.05.16	027/96	024/95
Wagner	27.09.95	27.09.15	012/95	024/95
Circuito do Diamante				
Andaraí	19.01.96	19.01.16	004/96	039/95
Ibicoara	20.11.96	20.11.16	090/96	226/96
Iraquara	12.01.98	12.01.18	005/98	Lei 255/96
Itaetê	19.11.97	19.11.17	T.A.013/98	ART.2º
Lençóis	22.11.96	22.11.16	086/96	418/96
Mucugê	-	-	-	-
Nova Redenção	17.07.97	17.07.17	057/97	005/97
Palmeiras	01.12.92	01.12.12	-	113/91
Seabra	22.02.96	22.02.16	010/96	055/96
Município	Data Assinatura	Data Vencimento	No. Contrato	No. da Lei
Circuito do Ouro				
Abaíra	-	-	-	-
Érico Cardoso	-	-	-	-
Jussiapé	14.10.99	14.10.19	008/99	02/97
Livramento de Nsa. Senhora	21.05.98	21.05.18	025/98	15/98
Paramirim	20.10.93	20.10.13	-	014/93
Piatã	-	-	-	-
Rio de Contas	06.04.92	06.04.12	-	001/92
Rio do Pires	15.07.96	15.07.16	059/96	010/96

Obs.: Os municípios de Mucugê e Jussiape possuem sistemas administrados pelas prefeituras municipais. O município de Piatã conta com serviço autônomo de água e esgoto, sendo uma atribuição de uma autarquia municipal administrada pela FUNASA.

Fonte: EMBASA, 2002

Como pode ser visualizado, dos 28 municípios abrangidos na área objeto de estudo, quatro (14%) não mantêm um contrato de concessão com a Embasa. Nota-se que destes, três localizam-se no Circuito do Ouro e um no Circuito do Diamante que, aliás, é um dos destinos turísticos de maior significância regional.

As normas contratuais, tanto da Embasa quanto dos municípios, são regidas pelo Decreto Estadual nº 3.060 de 29 de abril de 1994, que institui o Regulamento dos Serviços Prestados, dispondo sobre a prestação de serviços de abastecimento de água e esgotamento sanitário, prestados pela empresa.

Assim, este decreto define que compete à EMBASA a administração de todos os serviços relativos ao abastecimento de água e/ou esgotamento sanitário em todas as localidades que estão sob jurisdição da concessão. Determina, desta forma, que a são de responsabilidade da empresa a operação e manutenção das redes de distribuição de água e dos sistemas coletores de esgotamento sanitário, e dos correspondentes ramais prediais, bem como a execução de intervenções nas citadas instalações com o objetivo de melhorar o atendimento, eliminar deficiências ou conferir maior segurança (Art. 6°).

Como obrigações dos municípios determina-se a definição do alinhamento e greide para a implantação das linhas distribuidoras de água e/ou coletoras de esgoto (Art. 9°). O decreto define, ainda, que o município interessado no assentamento de redes de distribuição de água e/ou a implantação de sistemas de esgotamento sanitário poderá efetuar-lo(s), desde que tais intervenções sejam incorporadas aos respectivos sistemas públicos, sem qualquer ônus para a concessionária (Art. 5°).

Por fim, entende-se como relevante citar o Artigo 22°, no qual define-se que os sistemas de abastecimento de água e de esgotamento sanitário para loteamentos novos, conjuntos habitacionais e grandes consumidores, nos municípios em que a EMBASA for concessionária, serão construídos e custeados integralmente pelos interessados, sob a fiscalização da EMBASA, devendo ao final das obras, serem apresentados à concessionária os cadastros destas obras conforme tenham sido efetivamente executadas.

3.3.1.4. Conclusão

Entende-se que o item de saneamento básico relativo a água e esgoto no Pólo Turístico Chapada Diamantina necessita de maiores investimentos visando, sobretudo, a viabilidade do turismo, salubridade ambiental e a melhoria da qualidade de vida da população local. Neste sentido, e já destacado anteriormente quando da elaboração do relatório do PRODETUR/NE I, já haviam sido recomendados a construção e/ou a ampliação dos sistemas de abastecimento e esgotamento sanitário para a região. No entanto, do proposto nada foi implementado e apesar dos esforços do governo estadual, através de algumas intervenções pontuais, a área objeto de estudo chega a uma situação muito preocupante aonde a ausência

de abastecimento de água e saneamento (saneamento aqui referido como um adequado sistema de esgotamento sanitário) pode até inviabilizar a atividade turística e em especial a ecoturística, além de comprometer os recursos hídricos existentes e a saúde da população residente.

Sistemas de abastecimento de água e esgoto tem reflexos positivos significativos em qualquer destino turístico que se pretenda de qualidade. Desde que o objetivo de ambos é melhorar a saúde e bem-estar das pessoas, é de particular significância que maior ênfase seja dada às ações de saneamento básico como um todo.

Por fim, avalia-se que as recomendações propostas para o tratamento dos problemas identificados alcançam uma importância singular para o desenvolvimento sócio-ambiental sustentável da região, como preconizado pelo PRODETUR/NE II, gerando benefícios tanto para os visitantes quanto para as comunidades diretamente afetadas pelo turismo. São as seguintes:

✓ **Circuito Chapada Norte**

- Desenvolvimento de programas de pesquisas, treinamento e assistência técnica;
- Atendimento aos núcleos urbanos mais pobres;
- Instituição de política tarifária de acordo com as possibilidades dos consumidores e com a demanda de recursos e serviços de forma a obter um equilíbrio entre receitas e despesas;
- Instituição de política de redução de custos operacionais em função de economia de escala com reflexos no esquema tarifário;
- Adoção de tecnologia alternativas compatíveis com a realidade sócio-cultural local;
- Adoção de programas de educação sanitária e ambiental antes do início das obras;
- Implantação e/ou ampliação dos sistemas de abastecimento de água de Campo Formoso, Caém, Morro do Chapéu, Miguel Calmon, Ouro-lândia e Wagner; e
- Implantação e/ou ampliação dos sistemas de esgotamento sanitário de Caém, Campo Formoso, Jacobina, Morro do Chapéu, Miguel Calmon, Ouro-lândia, Piritiba e Utinga.

✓ **Circuito do Diamante**

- Desenvolvimento de programas de pesquisas, treinamento e assistência técnica;
- Atendimento aos núcleos urbanos mais pobres;

- Instituição de política tarifária de acordo com as possibilidades dos consumidores e com a demanda de recursos e serviços de forma a obter um equilíbrio entre receitas e despesas;
- Instituição de política de redução de custos operacionais em função de economia de escala com reflexos no esquema tarifário;
- Adoção de tecnologia alternativas compatíveis com a realidade sócio-cultural local;
- Adoção de programas de educação sanitária e ambiental antes do início das obras;
- Implantação e/ou ampliação dos sistemas de abastecimento de água de Andaraí e Xique-Xique do Igatu, Lençóis, Mucugê e Palmeiras; e
- Implantação e/ou ampliação dos sistemas de esgotamento sanitário de Andaraí e Xique-Xique do Igatu, Ibicoara, Itaetê, Iraquara, Lençóis, Mucugê, Palmeiras e Seabra.

✓ **Circuito do Ouro**

- Desenvolvimento de programas de pesquisas, treinamento e assistência técnica;
- Atendimento aos núcleos urbanos mais pobres;
- Instituição de política tarifária de acordo com as possibilidades dos consumidores e com a demanda de recursos e serviços de forma a obter um equilíbrio entre receitas e despesas;
- Instituição de política de redução de custos operacionais em função de economia de escala com reflexos no esquema tarifário;
- Adoção de tecnologia alternativas compatíveis com a realidade sócio-cultural local;
- Adoção de programas de educação sanitária e ambiental antes do início das obras;
- Implantação e/ou ampliação do sistema de esgotamento sanitário de Abaíra, Érico Cardoso, e Rio de Contas.

3.3.2. Saneamento Básico – coleta e disposição de resíduos sólidos

3.3.2.1. Aspectos Gerais¹³

A problemática do lixo envolve basicamente dois fatores: a ausência de uma política de gestão por parte do poder público e o crescente aumento na produção de lixo pela sociedade. O problema não poderá ser equacionado apenas com a proposição de uma política de planejamento de coleta, transporte e destinação final. É preciso envolver todos os atores sociais num processo de educação ambiental conjunta. Assim, a ausência de uma política de gestão dos resíduos sólidos por parte do poder público, unida ao desconhecimento dos danos causados pela disposição inadequada do lixo, faz com que este se torne um perigoso inimigo do meio ambiente e da saúde pública. Muitas cidades possuem um sistema eficaz de coleta e transporte, porém despejam seu lixo a céu aberto ou em áreas alagadas, sem nenhum critério técnico. A população, por sua vez, exige apenas que haja coleta de lixo em sua porta, pois não se incomoda ou não se interessa pelo destino final do lixo que produziu se este estiver longe de suas vistas (Nunesmaia, 1997).

Segundo Franco et al (2002), ao longo da década de 1990, verifica-se o aumento da cobertura dos serviços de coleta de lixo doméstico na Bahia, graças, fundamentalmente, ao melhor desempenho da coleta direta: a proporção de domicílios atendidos por coleta salta de 41,1%, em 1991, para 61,7% em 2000, sendo que a coleta direta quase duplica seu alcance (de 29% para 50,1%), ao tempo em que decresce, ligeiramente, a coleta indireta (de 12,1% para 11,6%).

Como seria de esperar, pela própria natureza de tais serviços, esta evolução é ditada pelos domicílios urbanos dos quais 65,2%, em 1991 e 85,6%, em 2000, tinham o lixo coletado (direta ou indiretamente) e graças à melhoria da cobertura da coleta direta, que atinge a 70% das moradias urbanas em 2000 (contra 46,1% em 1991), evidenciando a estruturação mais eficaz das municipalidades quanto à limpeza urbana.

Comparativamente ao resto do país, em 2000, a proporção baiana de domicílios servidos por coleta de lixo é inferior às médias brasileira (79,1%) e da região Sudeste (90,3%), sendo um pouco superior à média nordestina (60,6%), ultrapassando, nessa região, apenas os estados de Maranhão, Piauí e Ceará. Apesar do avanço da coleta direta, já mencionado, sobressai, no caso da Bahia, a mais elevada proporção de domicílios servidos com coleta indireta (11,6%) dentre todos os estados nordestinos, superando de longe as médias nacional (4,8%), do Sudeste (4,1%) e nordestina (7,8%).

No contexto urbano, esta posição relativa da Bahia, comparativamente às demais regiões e estados do Nordeste se conserva sendo que, também aí, o caso baiano sobressai pela maior proporção de domicílios submetidos à coleta indireta. Ainda

¹³ Franco, A. et al. *Censo 2000: Resultados do Universo para a Bahia*. SEI: 2002.

no meio urbano, e a despeito da considerável melhoria verificada no sistema de coleta, merece atenção a persistência, como terceira alternativa de destinação final, do lixo “jogado em terreno baldio”, pelo impacto no meio ambiente e nas condições de saúde pública. Na Bahia, em 1991, encontravam-se, nessa situação, pouco mais de $\frac{1}{4}$ dos domicílios urbanos e, em 2000, pouco menos de 10%, média mais confortável que as dos estados de Maranhão, Piauí, Ceará e Pernambuco, mas muito menos favorável do que as proporções brasileira (3,2%) e do Sudeste (1,0%).

Quanto aos municípios, na cobertura das áreas urbanas por serviços de coleta de lixo, em 2000, 155 deles superavam a média baiana (85,6%), com cinco dos municípios metropolitanos e 11 dos mais populosos do estado, em termos urbanos, entre os de melhor desempenho. Com efeito, os municípios de Salvador, Madre de Deus, Lauro de Freitas, Camaçari e Dias D’Ávila, integrantes da Região Metropolitana de Salvador, estão nesse rol: de Madre Deus (98,0%), seguido de Salvador (93,4%), até Dias D’Ávila (87,9%). No caso dos 20 municípios de maiores contingentes populacionais urbanos, comparecem com mais eficientes serviços de coleta: de Teixeira de Freitas (95,5%) a Porto Seguro (87,1%), passando por Itabuna, Eunápolis, Vitória da Conquista, Feira de Santana, Paulo Afonso, Itapetinga, Jequié, Santo Antônio de Jesus, Barreiras e Teixeira de Freitas.

Ao mesmo tempo, os outros 260 municípios situam-se abaixo da média do estado, entre os quais os municípios metropolitanos de São Francisco do Conde, Candeias, Simões Filho, Itaparica e Vera Cruz e quatro dos mais populosos em áreas urbanas: Valença, Juazeiro, Ilhéus e Alagoinhas. Para 11 municípios baianos, os serviços de coleta de lixo não atingem $\frac{1}{4}$ dos seus domicílios e, para dois deles (Itanagra e Cipó), sequer 5% dos domicílios são atendidos.

Acima da média baiana estão 97 municípios, compreendendo todos os municípios metropolitanos (à exceção de São Francisco do Conde) e aqueles que integram a lista dos maiores contingentes populacionais do estado (à exceção de Valença e Serrinha), numa gradação que vai de Ilhéus (17,7%) a Salvador (2,5%) na proporção de moradias sem coleta de lixo.

A legislação do Estado da Bahia tem como base a Lei nº 3858 de 1980, a qual instituiu o Sistema Estadual de Administração dos Recursos Naturais. Apesar da existência de legislação específica desde 1980, o lixo coletado na Bahia ainda é descartado de forma inadequada. Outro problema, geral em termos nacionais, diz respeito a presença de pessoas que sobrevivem do material depositado, conhecidas como catadores, constituindo-se em um sério problema social, merecendo atenção especial das autoridades públicas. Os resíduos sólidos, como todo componente do saneamento básico, merecem atenção e ações competentes para que seus efeitos negativos sejam progressivamente minimizados. Para o turismo, é fundamental uma preocupação com os resíduos sólidos em razão de seus impactos negativos nas cidades receptoras.

3.3.2.2. Pólo Turístico Chapada Diamantina

Da mesma forma que nos serviços de abastecimento de água e de esgotamento sanitário, em relação à coleta e disposição de resíduos o Pólo Turístico Chapada

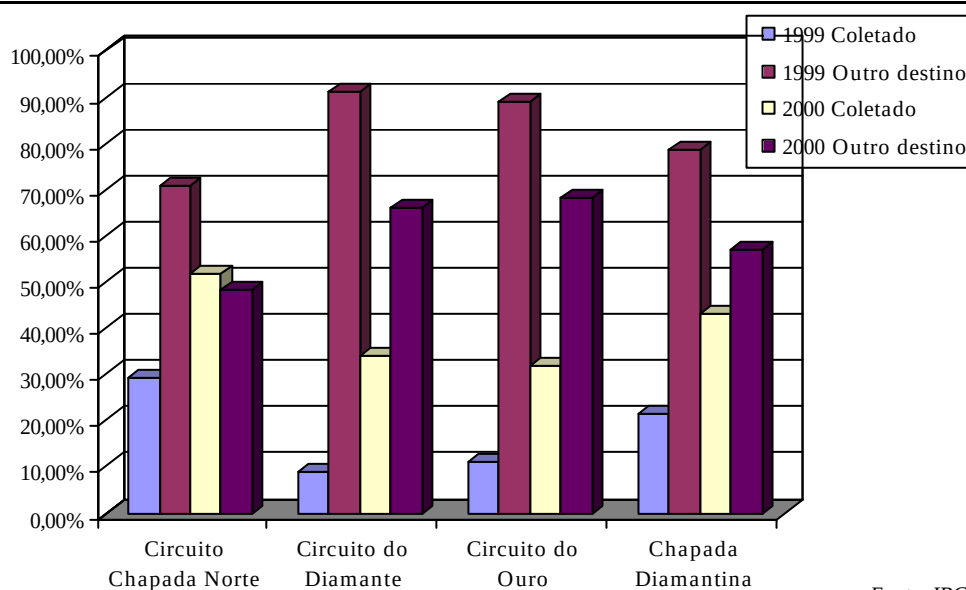
Diamantina não chegou a receber investimentos do PRODETUR/NE I. Tal fato também havia sido previsto quando da elaboração do Relatório Final¹⁴ para o Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia (SCT/Bahiatursa, 1992: 123) que considerando a precariedade de infra-estrutura urbana existente para fins da instalação dos circuitos turísticos, indicou a necessidade de se investir cerca de US\$ 816.000 (valores de 1992) em projetos relacionados aos resíduos sólidos.

Tabela 3.3.25. Comparativo do destino do lixo

Circuito	Destino do Lixo em 1990			Destino do Lixo em 2000		
	Total de Domicílios	Coletado	Outro destino	Total de Domicílios	Coletado	Outro destino
Circuito Chapada Norte	61.793	18.099	43.694	72.501	37.632	34.869
	100,00%	29,29%	70,71%	100,00%	51,91%	48,09%
Circuito do Diamante	22.267	1.997	20.270	30.940	10.534	20.416
	100,00%	8,97%	91,03%	100,00%	34,05%	65,99%
Circuito do Ouro	21.307	2.387	18.920	30.217	9.642	20.575
	100,00%	11,20%	88,80%	100,00%	31,91%	68,09%
Chapada Diamantina	105.367	22.483	82.884	133.658	57.808	75.860
	100,00%	21,34%	78,66%	100,00%	43,25%	56,76%

Fonte: IBGE, 2002

Gráfico 3.3.1. Comparativo do destino do lixo



Fonte: IBGE, 2002

¹⁴ SCT/BAHIATURSA. Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia: Chapada Diamantina – Relatório Final. 1992.

Assim, como pode ser visualizado na tabela e gráfico anteriores, identifica-se que apesar da região como um todo ter apresentado uma melhoria significativa no sistema de coleta de lixo, praticamente dobrando o volume percentual de domicílios atendidos, este ainda se encontra aquém do esperado e desejável para uma região que pretende desenvolver o ecoturismo. Cabe mencionar, entretanto, a inadequação da destinação dada a esses resíduos coletados. A destinação final deve também ser pensada para que atenda adequadamente às necessidades sócio-ambientais locais. A definição dada para aterro sanitário, de acordo com a NBR-8419 (BRASIL/ABNT, 1984) é a seguinte:

“Aterro sanitário de resíduos sólidos urbanos: técnica de disposição de resíduos sólidos no solo, sem causar danos à saúde pública e à sua segurança, minimizando os impactos ambientais, método este que utiliza princípios de engenharia para confinar os resíduos sólidos à menor área possível e reduzi-los ao menor volume possível, cobrindo-os com uma camada de terra na conclusão de cada jornada de trabalho ou a intervalos menores”. Cabe mencionar que em termos mundiais, a atual discussão recai sobre a necessidade de uma política de redução de resíduos sólidos urbanos (BERTOLINI, 1995).

Nota-se que entre os três circuitos o que mais evoluiu na década passada, em termos de coleta domiciliar, foi o do Diamante, que passou de aproximadamente 9% de domicílios com coleta de lixo em 1990, para cerca de 34% em 2000. Nesse sentido, ainda existem questões relacionadas à coleta que precisam ser resolvidas junto com a solução para destino final.

3.3.2.2.1. Circuito Chapada Norte

A questão da coleta e destino dos resíduos sólidos para a sociedade brasileira pode ser considerada com uma das mais críticas. Tal fato decorre não só da reduzida capacidade do setor público na gestão da coleta e disposição dos resíduos, como também da ausência de consciência social sobre o problema. Assim, enquanto já existe um certo amadurecimento relacionado à necessidade de sistemas eficientes de abastecimento de água, o mesmo não ocorre na questão do esgotamento sanitário e do lixo urbano.

A necessidade de reduzir a produção de lixo tem sido reiterada em fóruns mundiais e deve ser dada uma atenção especial. A forma e os caminhos a seguir devem ser objeto de discussão com os diversos setores envolvidos, inclusive os usuários. Observa-se nessa questão dos resíduos sólidos a necessidade, por parte do poder público, de ir além do ponto de vista puramente técnico, é preciso buscar estratégias que contemplem a realidade dos usuários, suas relações, culturas e hábitos.

Desta forma, não causa surpresa quando nos municípios do Circuito Chapada Norte não foram encontrados destinos adequados ou qualquer tipo de coleta seletiva, que vise a sua redução antes da disposição final, evidenciando ainda um número reduzido de domicílios com serviço de coleta, como visualizado na tabela abaixo.

Tabela 3.3.26. Comparativo do destino do lixo na Chapada Norte

Município	Destino do Lixo em 1990			Destino do Lixo em 2000		
	Total de Domicílios	Coletado	Outro destino	Total de Domicílios	Coletado	Outro destino
Bonito	2.281	731	1.550	2.868	1.361	1.507
Caém	2.402	677	1.725	2.887	1.034	1.853
Campo Formoso	12.245	2.642	9.603	14.054	5.705	8.349
Jacobina	17.234	6.804	10.430	20.151	14.474	5.677
Miguel Calmon	5.813	1.608	4.205	7.037	3.304	3.733
Morro do Chapéu	6.709	1.620	5.089	8.188	3.126	5.062
Ourolândia	2.425	119	2.306	3.502	930	2.572
Piritiba	4.984	1.461	3.523	4.853	3.284	1.569
Saúde	2.607	691	1.916	3.053	1.209	1.844
Utinga	3.466	1.387	2.079	3.931	2.454	1.477
Wagner	1.627	359	1.268	1.977	751	1.226
Total	61.793	18.099	43.694	72.501	37.632	34.869
	100%	29%	71%	100%	52%	48%

Fonte: IBGE, 2002

Identifica-se que o total de domicílios atendidos por coleta de lixo nos municípios da área objeto de estudo saiu de uma patamar de 29% em 1990, para atingir 52% em 2000. Neste sentido, ressalta-se o município de Ourolândia, que no primeiro ano apresentava um atendimento de 5% dos domicílios, atingindo 27% em 2000, índice considerado ainda muito baixo ao avaliar-se que 73% de todos os domicílios destinam o lixo para outros lugares como, por exemplo, a queima ou enterro na propriedade e o abandono em terreno baldio, logradouro, rio ou lago.

Apesar do crescimento ocorrido na última década pode-se avaliar que a quantidade de domicílios cujo lixo não é coletado ainda é muito alta. Ao mesmo tempo, identificou-se que a educação das comunidades é insuficiente de forma geral e especialmente no trato com os resíduos sólidos.

Assim, considerando-se a sensível melhoria ocorrida em termos de coleta entre os anos de 1990 e 2000, percebe-se que nenhum dos municípios atinge os 79% de lixo coletado, valor este que corresponde à média nacional, como pode ser analisado nos percentuais abaixo elencados.

Tabela 3.3.27. Comparativo percentual de lixo coletado no Circuito Chapada Norte

Município	1990	2000
Bonito	32%	47%
Caém	28%	36%
Campo Formoso	22%	41%
Jacobina	39%	72%
Miguel Calmon	28%	47%
Morro do Chapéu	24%	38%
Ourolândia	5%	27%
Piritiba	29%	68%
Saúde	27%	40%
Utinga	40%	62%
Wagner	22%	38%
Média	27%	47%

Fonte: IBGE, 2002

Avaliando-se pela média nota-se que há na região um grande disparidade quanto à abrangência do serviço de coleta domiciliar de lixo, com uns poucos municípios apresentando uma situação próxima à média nacional, como Jacobina e Piritiba, e uma grande maioria que contam com este serviço entre 30 e 50% dos domicílios.

Considerando que a média atual brasileira de produção de lixo por habitante é de aproximadamente 600 g/dia tem-se, em todo este circuito, uma quantidade aproximada de 86,5 Ton./dia de lixo não coletadas. Assim, entende-se como urgente a implantação de coleta seletiva e uma adequada disposição final (aterro sanitário) avaliando caso a caso a possibilidade de usina de reciclagem, bem como um trabalho precedente visando a educação ambiental da população local que objetive a diminuição da produção de lixo e a informação sobre os problemas relacionados com o mesmo. Necessita ainda uma atenção especial àquelas áreas dos antigos lixões, no sentido de recupera-las.

3.3.2.2.2. Circuito do Diamante

O Circuito do Diamante, entre os circuitos turísticos da Chapada Diamantina, é o mais bem sucedido em relação ao turismo, estando com a atividade consolidada, tendo como “portão de entrada” a cidade de Lençóis. Porém, constata-se que esta região possui uma grande carência

em sua infra-estrutura, sobretudo em relação ao esgotamento sanitário (como já citado no item 3.3.3.1.2.2.) e destino dos resíduos sólidos. Assim, destaca-se que não há municípios com destinação adequada do lixo e somente o de Mucugê faz um controle sobre o lixo produzido através de uma usina de reciclagem que, no entanto, necessita de melhoria, assistência técnica e ampliação.

Desta forma, identifica-se o reduzido número de domicílios com serviço de coleta que, em geral, é realizada em caçambas que recolhem o lixo na cidade diariamente, sendo lançado em depósito a céu aberto sem critérios. Em função da topografia local em muitas áreas do Circuito do Diamante, faz-se importante identificar formas alternativas de coleta compatíveis com os aspectos culturais e ambientais locais.

Tabela 3.3.28. Comparativo do destino do lixo no Circuito do Diamante

Município	Destino do Lixo em 1990			Destino do Lixo em 2000		
	Total de Domicílios	Coletado	Outro destino	Total de Domicílios	Coletado	Outro destino
Andaraí	2.853	230	2.623	3.117	1.001	2.116
Ibicoara	0	0	0	2.758	692	2.066
Iraquara	3.577	146	3.431	4.176	1.025	3.161
Itaetê	2.889	39	2.850	3.171	626	2.545
Lençóis	1.637	457	1.180	2.025	1.129	896
Mucugê	2.033	73	1.960	2.734	978	1.756
Nova Redenção	0	0	0	1.893	691	1.202
Palmeiras	1.665	361	1.304	1.860	961	899
Seabra	7.613	691	6.922	9.206	3.431	5.775
Total	22.267	1.997	20.270	30.940	10.534	20.416
	100,00%	8,97%	91,03%	100,00%	34,05%	65,99%

Fonte: IBGE, 2002

O total de domicílios atendidos por coleta de lixo nos municípios da área objeto de estudo saiu de um patamar de 9% em 1990, para atingir 34% em 2000, índice baixíssimo considerando-se as médias nacionais e estaduais. Dentre estes destaca-se o município de Mucugê por ser um dos principais destinos turísticos da Chapada Diamantina, que no primeiro ano apresentava um atendimento de 4% dos domicílios, atingindo 28% em 2000. Neste município, em especial, 100% do lixo recolhido é levado para uma usina de reciclagem, localizada a 6 Km da sede na fazenda Horacinópolis, onde há um aterro controlado, sendo o lixo aproveitável estocado para reciclagem.

Da mesma forma que ocorreu no Circuito Chapada Norte, o crescimento ocorrido na última década na quantidade de domicílios com lixo coletado não foi suficiente para resolver o problema pela pouca atenção dada para com os resíduos sólidos além da insuficiente educação sanitária e ambiental nas comunidades.

Tabela 3.3.29. Comparativo percentual de lixo coletado no Circuito do Diamante

Município	1990	2000
Andaraí	8%	30%
Ibicoara	0%	25%
Iraquara	4%	23%
Itaetê	1%	17%
Lençóis	28%	53%
Mucugê	4%	28%
Nova Redenção	0%	37%
Palmeiras	21%	49%
Seabra	14%	35%
Média	9%	33%

Fonte: IBGE, 2002

Avaliando-se pela média, nota-se que há nesta região uma certa homogeneidade quanto à abrangência do serviço de coleta domiciliar do lixo, com grande parte dos municípios contando com este serviço (30 a 50% dos domicílios são atendidos por coleta). Um exemplo do que ocorre nas cidades da área de estudo pode ser visualizado em Lençóis, onde a Prefeitura Municipal, que trabalha com uma caçamba, coleta diariamente o lixo lançando-o em depósito a céu aberto, localizado há cerca de 4 Km da entrada da cidade, pois não conta com uma solução de destinação adequada no município.

Considerando, como já foi mencionado, que a média brasileira de produção de lixo por habitante é de, aproximadamente, 600 g/dia tem-se, em todo este circuito, uma quantidade aproximada de 77.166 Ton./dia de lixo não coletadas, significando possivelmente que não há controle sobre o mesmo, consistindo num grave problema sócio-ambiental atual e futuro.

3.3.2.2.3. Circuito do Ouro

O Circuito do Ouro, a despeito de ser uma das áreas mais belas da Chapada Diamantina e de possuir uma boa oferta de atrativos culturais, ainda possui um turismo relativamente insipiente. Neste sentido, ainda não conta com uma demanda efetiva considerável, tendo Rio de Contas como seu “Portão de Entrada”. Assim, dentre os municípios componentes deste circuito, o que oferece infra-estrutura turística mais adequada é Rio de Contas, com Piatã e Abaíra, possuindo um turismo embrionário, em função do grande valor da sua oferta natural.

Desta forma, a avaliação da infra-estrutura básica da região leva em consideração a precariedade já existente, pensando em como adequá-la a um volume que tende a aumentar com o desenvolvimento da atividade turística. Em relação à coleta e a disposição de resíduos sólidos, o Circuito do Ouro apresenta um quadro semelhante ao identificado nos outros circuitos do Pólo Turístico Chapada Diamantina, ou seja, um reduzido número de domicílios com serviço de coleta que, em geral, é realizada em caçambas que recolhem o lixo na cidade diariamente, sendo lançado em depósito a céu aberto com sérios prejuízos sócio-ambientais.

Tabela 3.3.30. Comparativo do destino do lixo no Circuito do Ouro

Município	Destino do Lixo em 1990			Destino do Lixo em 2000		
	Total de Domicílios	Coletado	Outro destino	Total de Domicílios	Coletado	Outro destino
Abaíra	2.023	307	1.716	2.290	663	1.627
Érico Cardoso	1.436	69	1.367	2.621	302	2.319
Jussiape	1.864	8	1.856	2.126	632	1.494
Livramento de Nsa. Senhora	6.687	1.411	5.276	8.366	3.198	5.168
Paramirim	0	0	0	4.363	1.846	2.517
Piatã	3.778	18	3.760	4.346	1.176	3.170
Rio de Contas	3.001	383	2.618	3.331	996	2.335
Rio do Pires	2.518	191	2.327	2.774	829	1.945
Total	21.307	2.387	18.920	30.217	9.642	20.575
	100,00%	11,20%	88,80%	100,00%	31,91%	68,09%

Fonte: IBGE, 2002

O total de domicílios atendidos por coleta de lixo nos municípios da área objeto de estudo saiu de uma patamar de 11% em 1990, para atingir 32% em 2000, índice considerado baixo levando-se em conta as médias nacionais e estaduais. Dentre estes destaca-se o município de Rio de Contas que, como dito, é o principal acesso turístico à região, apresentando um atendimento de 13% dos domicílios no primeiro ano analisado, chegando a atingir 30% em 2000.

Da mesma forma que nos outros circuitos da Chapada Diamantina, no Circuito do Ouro o crescimento ocorrido na última década na quantidade de domicílios com lixo coletado não foi suficiente para sanar o problema, devido a pouca atenção dada aos resíduos sólidos aliado à ausência de educação ambiental nas comunidades.

Tabela 3.3.31. Comparativo percentual de lixo coletado no Circuito do Ouro

Município	1990	2000
Abaíra	15%	27%
Érico Cardoso	5%	10%
Jussiape	0%	28%
Livramento de Nsa. Senhora	21%	49%
Paramirim	0%	42%
Piatã	0%	26%
Rio de Contas	13%	30%
Rio do Pires	8%	27%
Média	8%	30%

Fonte: IBGE, 2002

Avaliando-se pela média local, nota-se que há nesta região uma certa homogeneidade quanto à abrangência do serviço de coleta domiciliar de lixo, com a grande maioria dos municípios contando com este serviço entre 25 e 50% dos domicílios, em 2000.

Considerando que a média de produção de lixo por habitante referida de, aproximadamente, 600 g/dia tem-se, em todo este circuito, uma quantidade aproximada de 48,75 Ton./dia de lixo não coletadas dispostos inadequadamente, contribuindo para a proliferação de doenças e graves riscos ambientais.

3.3.2.3. Conclusão

Entende-se que no item de saneamento básico relativo a coleta e disposição de resíduos sólidos no Pólo Turístico Chapada Diamantina urge a necessidade de maiores investimentos visando tanto a sustentabilidade da atividade turística quanto a melhoria da qualidade de vida da população local. Neste sentido, deve-se destacar que a área objeto de estudo é focada como grande potencial para o desenvolvimento do ecoturismo, ou seja, num nicho de mercado que tem uma grande sensibilidade à questão ambiental e que, por isso, dá grande importância à infra-estrutura básica em geral, ao saneamento básico e o seu componente “resíduo sólido” em especial. No entanto, para terem sucesso, os serviços de saneamento como um todo e os resíduos sólidos em especial, há a necessidade de compreensão de seus benefícios e da aceitação de seus custos pelos usuários. Para conseguir essa compreensão e aceitação, a educação sanitária e ambiental é um eficiente instrumento que deve ser adequadamente utilizado, atentando sempre para os diferentes públicos-alvo das intervenções. A educação sanitária e ambiental deve, portanto, ser adotada como complemento das ações de saneamento, que se deseje sustentável.

Nota-se, também, que quando elaborou-se o relatório do PRODETUR/NE I, já haviam sido recomendados a implantação e/ou a ampliação dos serviços de coleta e disposição de resíduos sólidos. No entanto, do proposto nada foi implementado e a área objeto de estudo encontra-se, atualmente, numa situação precária existindo um reduzido número de domicílios com coleta sistemática e, ao mesmo tempo, a ausência de destinações adequadas aos resíduos sólidos coletados.

É importante que se tenha uma visão de “saúde pública” na prática do

saneamento no seu conceito amplo¹⁵, tendo por lógica a maximização dos benefícios dos serviços naquele campo que constitui seu objetivo fundamental: a proteção da saúde da população.

Assim, as recomendações abaixo propostas para o tratamento dos problemas identificados visam o desenvolvimento sócio-ambiental sustentável da região, conforme preconizado pelo PRODETUR/NE II, gerando benefícios para os visitantes e para as comunidades diretamente relacionadas à atividade turística. São as seguintes:

✓ **Circuito Chapada do Norte**

- Desenvolvimento de programas de pesquisas, treinamento e assistência técnica;
- Instituição de política tarifária de acordo com as possibilidades dos consumidores e com a demanda de recursos e serviços de forma a obter um equilíbrio entre receitas e despesas;
- Ações integradas de saneamento básico nos seus diferentes componentes, visando à sustentabilidade integral dos investimentos;
- Buscar parcerias junto à comunidade comercial, hoteleira e ONGs;
- Desenvolvimento e implantação de projetos visando a ampliação dos serviços de coleta de lixo, bem como de coleta seletiva nos municípios de Bonito, Caém, Campo Formoso, Jacobina, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Ouro-lândia, Piritiba, Saúde, Utinga e Wagner;
- Desenvolvimento e implantação de projetos visando implantação de aterros sanitários conjuntos entre os diversos municípios do circuito;
- Estudos visando a elaboração de ações educativas que tenham como objetivo a conscientização e participação ativa das comunidades e do setor público local para a problemática do lixo nos municípios de Bonito, Caém, Campo Formoso, Jacobina, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Ouro-lândia, Piritiba, Saúde, Utinga e Wagner;
- Atendimento aos núcleos urbanos mais pobres; e
- Identificação de formas alternativas de coleta.

✓ **Circuito do Diamante**

- Desenvolvimento de programas de pesquisas, treinamento e assistência técnica;
- Instituição de política tarifária de acordo com as possibilidades dos consumidores e com a demanda de recursos e serviços de forma a obter um equilíbrio entre receitas e despesas;
- Ações integradas de saneamento básico nos seus diferentes componentes, visando à sustentabilidade integral dos investimentos;

¹⁵ Saneamento no conceito amplo abrange, além dos serviços de abastecimento de água e de esgotamento sanitário, aqueles de limpeza urbana, drenagem urbana e controle de vetores.

- Buscar parcerias junto à comunidade comercial, hoteleira e ONGs;
- Desenvolvimento e implantação de projetos visando a ampliação dos serviços de coleta de lixo, bem como de coleta seletiva nos municípios de Andaraí, Ibicoara, Iraquara, Itaetê, Lençóis, Mucugê, Nova Redenção, Palmeiras e Seabra;
- Desenvolvimento e implantação de projetos visando a implantação de aterros sanitários conjuntos entre os diversos municípios do circuito;
- Estudos visando a elaboração de ações educativas que tenham como objetivo a conscientização e participação ativa das comunidades e do setor público local para a problemática do lixo nos municípios de Andaraí, Ibicoara, Iraquara, Itaetê, Lençóis, Mucugê, Nova Redenção, Palmeiras e Seabra;
- Atendimento aos núcleos urbanos mais pobres; e
- Identificação de formas alternativas de coleta.

✓ **Circuito do Ouro**

- Desenvolvimento de programas de pesquisas, treinamento e assistência técnica;
- Instituição de política tarifária de acordo com as possibilidades dos consumidores e com a demanda de recursos e serviços de forma a obter um equilíbrio entre receitas e despesas;
- Ações integradas de saneamento básico nos seus diferentes componentes, visando à sustentabilidade integral dos investimentos;
- Buscar parcerias junto à comunidade comercial, hoteleira e ONGs;
- Desenvolvimento e implantação de projetos visando a ampliação dos serviços de coleta de lixo bem como de coleta seletiva nos municípios de Abaíra, Érico Cardoso, Jussiape, Livramento de Nossa Senhora, Paramirim, Piatã, Rio de Contas e Rio do Pires.
- Desenvolvimento e implantação de projetos integrados visando à implantação de aterros sanitários conjuntos entre os diversos municípios do circuito;
- Estudos visando a elaboração de ações educativas com ampla participação popular que visem à conscientização das comunidades e do setor público local para a problemática do lixo nos municípios de Abaíra, Érico Cardoso, Jussiape, Livramento de Nossa Senhora, Paramirim, Piatã, Rio de Contas e Rio do Pires;
- Atendimento aos núcleos urbanos mais pobres; e
- Identificação de formas alternativas de coleta.

3.3.3. Transporte

Segundo o Relatório de Transportes na Bahia em 2000¹⁶, o panorama dos transportes na Bahia, a exemplo do que ocorre na maior parte do País, caracteriza-se pela predominância, quase absoluta, do modo rodoviário, em detrimento dos modos ferroviário, hidroviário e aeroportuário.

A situação atual do Sistema de Transportes da Bahia é bastante deficiente, na medida em que os indicadores relativos à extensão da rede rodoviária e ferroviária revelam que a infra-estrutura dos transportes do Estado tem permanecido estática, nestes últimos anos, inclusive com claros sinais de deterioração.

Observa-se o obsolescência da infra-estrutura ferroviária, além de outras deficiências operacionais, que fazem com que não seja atendida a demanda que existe por este tipo de transporte.

O mesmo ocorre com a navegação marítima e com a navegação de cabotagem. Esta última transporta um modesto volume de carga, basicamente grãos líquidos. O transporte fluvial é restrito ao rio São Francisco, com uma performance inexpressiva.

A ocupação recente de certas áreas do território baiano, a expansão das atividades agropecuárias e o dinamismo do segmento químico-petroquímico não foram acompanhados com o crescimento da extensão, nem com a modernização e racionalização da infra-estrutura dos transportes.

Visando atender de forma mais adequada ao Termo de Referência para a elaboração do PDITS da Chapada Diamantina – destinado a prestar informações sobre a infra-estrutura dos municípios que receberão os benefícios do investimento a ser realizado no PRODETUR/NE II, preferiu-se dividir este item em duas partes: uma de transporte rodoviário e outra de transporte aéreo. O transporte por hidrovias, como destacado acima, é inexistente no Pólo Turístico Chapada Diamantina.

3.3.3.1. Transporte Rodoviário

Em 2000, a rede rodoviária da Bahia apresentava uma extensão de 119.639 km, dos quais 5.093 são federais, 14.940 estaduais e 99.606 municipais. Dentre as principais rodovias do estado, que atendem a área objeto de estudo, pode-se destacar as BRs-116, 020, 242, 135, 101, 324 e 407, e as BAs-172, 052 e 093.

A BR-116, conhecida como “Rodovia Rio-Bahia”, faz a principal ligação entre este Estado e o sul/sudeste do país, sendo que o trecho entre Feira de Santana - Div. BA/MG é o mais crítico em termos de estado de conservação.

¹⁶ DNER. Relatório de Transportes na Bahia – 2000. Disponível em <http://www.transportes.gov.br/bit/cadernos/ba-2000.html>. Acesso em 28 jun. 2002.

Cartograma 3.3.1. Rodovias no Estado da Bahia



Fonte: DERBA, 2002

As BRs-020 e 242, são as rodovias de integração do Nordeste com o Centro-Oeste e Sudeste do país, transformando em grandes vias de escoamento da soja do oeste baiano e apresentam, pelo constante transporte de cargas pesadas, alguns trechos em más condições.

A BR-135, mesmo sendo de grande importância para o sistema viário nacional, ainda não foi concluída em um trecho de 60 km entre Barreiras - Divisa BA/PI, o que permitiria a ligação, por rodovia totalmente asfaltada, de Fortaleza, Teresina e São Luís ao centro do País. Evitar-se-ia, também, o acúmulo de tráfego hoje verificado nas rotas pelo litoral ou a demorada alternativa via Belém - Brasília.

A BR-101 é muito importante para o Sul da Bahia, seja como via de escoamento da produção de cacau, como apoio à indústria turística que se desenvolve nessa região, ou como alternativa à já saturada BR-116.

A BR-324 é a grande via de acesso à Salvador e a Feira de Santana, as duas cidades mais populosas do estado.

A BR-407, juntamente com a BR-324, completa a ligação de Salvador com Juazeiro, que fica à margem do rio São Francisco, e com o centro da Região Nordeste, especialmente as cidades de Petrolina (PE), Picos (PI) e Crato (CE).

Em relação às rodovias sob responsabilidade do governo estadual, destaca-se a BA-172, quando totalmente pavimentada, que será de grande importância para a integração regional no oeste baiano, atingindo os municípios de Correntina, Santa Maria da Vitória e Santana. A BA-052, que liga Feira de Santana à Xique-Xique, no noroeste do Estado e à margem do rio São Francisco, passando por Irecê, um grande produtor de feijão.

A BA-093 serve de acesso à Salvador, a partir das capitais brasileiras litorâneas situadas mais ao Norte.

É importante destacar-se que grande percentual da rede rodoviária da Bahia, quer sob a jurisdição do Estado (DERBA), quer sob a do Governo Federal (DNER), encontra-se em situação precária de conservação, o que onera sobremaneira os custos dos transportes no Estado, acarretando, em consequência, grandes prejuízos à sua economia.

Assim, o Ministério dos Transportes implantou o “Programa de Revitalização dos Eixos Rodoviários” a partir do final da década de 1990, com o objetivo de revitalizar os principais eixos rodoviários da Malha Federal, sob jurisdição do Governo Federal, responsáveis pelos maiores fluxos de carga e passageiros no País. O valor previsto para o programa, em 1999, foi de R\$ 42 milhões, com extensão da malha a ser atingida de 15.771 km. Destes, R\$ 5,4 milhões foram destinados ao Estado da Bahia, nos seguintes trechos: BR-101 - Div. SE/BA à Div. BA/ES, com 921,9 km de extensão; BR-116 - Entr. BR-324 à Div. BA/MG, com 516,5 km de extensão; BR-242 - Entr. BR-116 ao Entr. BR-020, com 693,8 km de extensão; e BR-242 - Entr. BR-407 à Salvador, com 270,5 km de extensão.

Foi realizado, também pelo DNER no final da década de 1990, o “Programa de Conservação Rotineira” com o objetivo de executar imediatamente todos os serviços de conservação rotineira dos trechos não atingidos pelo “Programa de Revitalização dos Eixos Rodoviários Nacionais”.

O valor previsto para este programa, em 1999, foi de R\$ 66,3 milhões sendo R\$38,1 milhões para conservação e R\$ 28,2 milhões para restauração. A partir de 1999 no Estado da Bahia foram aplicados recursos de R\$ 3,8 milhões nos contratos de conservação e R\$ 5,4 milhões nos contratos de restauração.

Além dos projetos supracitados, constata-se que o DERBA possui capacidade técnica e administrativa para executar, fiscalizar e manter os serviços sob sua responsabilidade, pois conta com estrutura adequada. O componente de fortalecimento institucional do Programa de Corredores Rodoviários do Estado da Bahia, objeto de acordo firmado entre o Estado e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), ajudou muito a consolidar a capacidade técnica do DERBA, que já possuía um razoável padrão de eficiência no campo da engenharia civil.

Através desse mesmo programa, o Estado captou recursos para um amplo pacote de ações e projetos que visaram a melhoria na integração física entre as diversas regiões do Estado. O total de investimentos foi da ordem de US\$ 300 milhões, sendo 49% proveniente do BID e 51% de contrapartida estadual. Entre seus resultados estão o aumento da arrecadação fiscal, a melhoria considerável dos indicadores econômicos nas áreas de atuação, a diminuição dos custos de transporte e passagens, o aumento do volume de tráfego e a melhoria da segurança operacional. Suas metas e resultados físicos foram os seguintes:

Tabela 3.3.32. Metas e Resultados do Programa Corredores Rodoviários (km)

Ação	Meta	Resultado
Melhoramentos e Pavimentação	750	1.251
Reconstrução	600	624
Manutenção Periódica	2.200	1.813

Fonte: DERBA

Através desse Programa, foram realizadas outras ações com finalidades de apoio. Essas ações, de cunho institucional, permitiram a melhoria da estrutura e dos serviços do DERBA, gerando repercussões em todo o Estado. As principais ações foram:

- Renovação da frota de maquinários;
- Aquisição de computadores e periféricos;
- Implementação de sistemas gerenciais informatizados;
- Reorganização da auditoria interna.

Com o sucesso das ações do Programa, conhecido como BID I, captaram-se US\$ 292 milhões adicionais para a complementação dessas ações. Desse montante, 50% são referentes ao BID, 30% do Eximbank e 20% do Estado. Esse novo programa, conhecido por BID II, é orientado à integração dos sistemas de transporte, conectando a malha já existente através de melhorias em trechos e modos. O Programa também prevê ações que consolidam o fortalecimento institucional do DERBA.

3.3.3.1.1. Pólo Turístico Chapada Diamantina

Como pode ser visto pelo mapa abaixo, a rodovia de acesso mais importante para o Pólo Turístico Chapada Diamantina é a BR-242. Esta é responsável por um fluxo significativo dos veículos que se dirigem para a área objeto de estudo, sendo provenientes da região de Salvador ou do Centro-Oeste brasileiro (principalmente Distrito Federal).

A BR-324 também possui certa importância, principalmente como via de acesso para o Circuito Chapada Norte, direcionando o fluxo de veículos entre Salvador e o Noroeste da Bahia, notadamente Juazeiro, e os Estados do Piauí e Maranhão.

Cartograma 3.3.2. Rodovias no Pólo Turístico Chapada Diamantina



Fonte: DERBA, 2002

Como dito anteriormente, está previsto desde 1999 no “Programa de Revitalização dos Eixos Rodoviários” obras de melhoria na BR-242 que, no entanto, não foram implementados integralmente. Assim, no Pólo Turístico Chapada Diamantina pode-se constatar que algumas das estradas que deveriam ser contempladas com o Programa permanecem em estado precário, como a BR-242 que, em 2002, está sendo recapeada¹⁷ no trecho que vai do Paraguaçu até o entroncamento com a estrada para Andaraí.

Em relação ao volume médio de veículos diários, segundo estudos de tráfego realizado pelo DNER – Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, no quilômetro 119 da BR-242, é possível identificar que há uma queda no movimento a partir de 1999, quando passavam por este trecho cerca de 1196 veículos por dia. Em 2000 houve uma queda para 1032, e em 2001 foi para 817 veículos médios diários demonstrando-se, portanto, uma diminuição na utilização da rodovia, provavelmente em função do seu estado de conservação.

¹⁷ Recapear: Cobrir (uma rua, uma estrada etc) com novo revestimento asfáltico, para restaurá-lo ou aumentar-lhe a espessura.

3.3.3.1.1.1. Circuito Chapada Norte

O Circuito Chapada Norte conta com as rodovias federais BR 324 e BR 242 e a via estadual BA 052 (Estrada do Feijão) como seus principais acessos rodoviários, interligando a área à capital do Estado e ao Distrito

Federal. Além destas, os municípios da área são servidos pela rodovia federal BR 407, que dá acesso a Campo Formoso, e por várias rodovias estaduais.

No geral, as principais estradas deste circuito se encontram em bom estado, com sinalização vertical e horizontal, conforme detalhado na tabela e no mapa que seguem:

Tabela 3.3.33. Rodovias no Circuito Chapada Norte

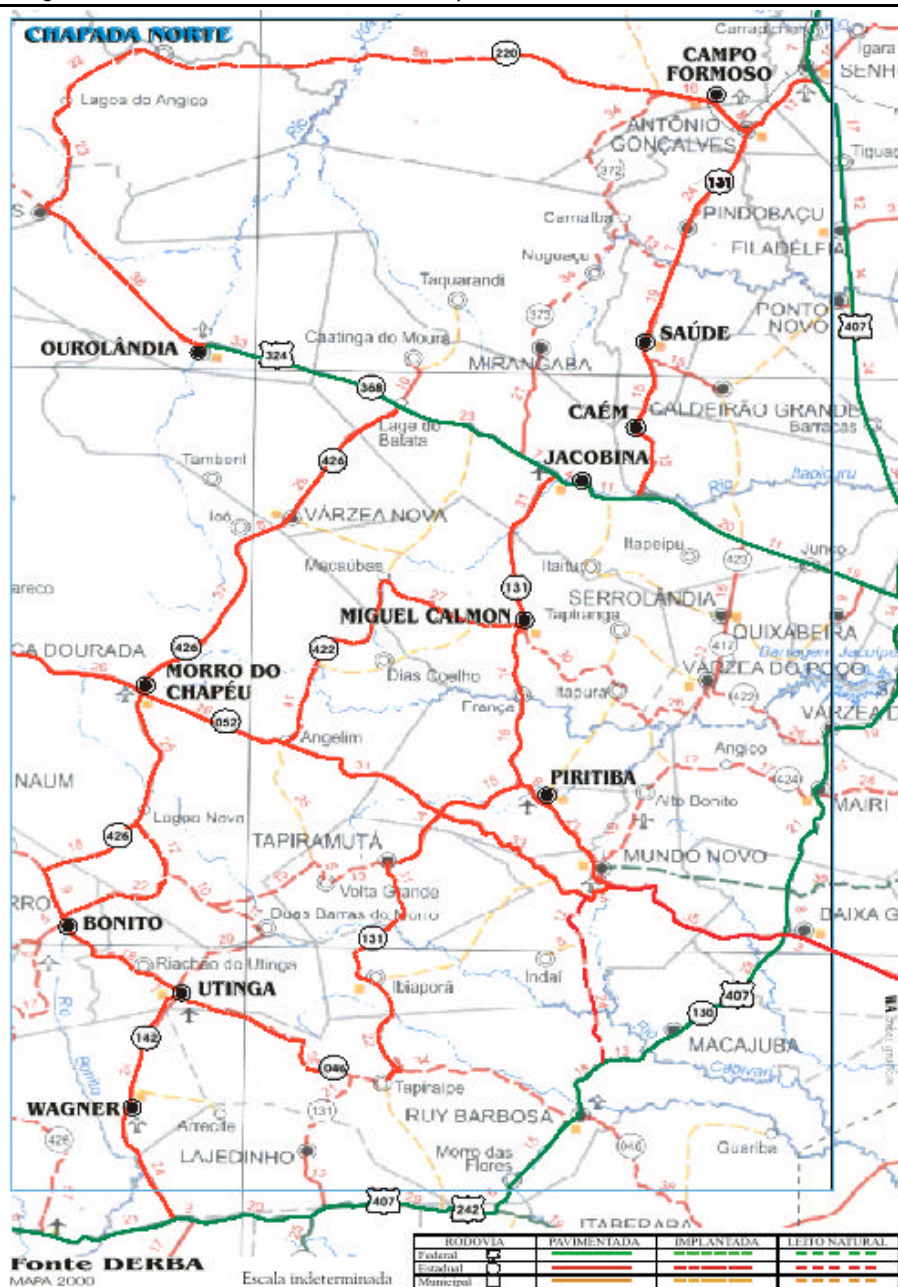
	Rodovia	Trecho	K m	Tipo de Pavimentação
Federal	BR 242	Itaberaba – Entronc. para Wagner	93	Asfalto
	BR 407	(BA 130) Entr. BR 242 – Rui Barbosa – Capim Grosso – Senhor do Bonfim	250	Asfalto
	BR 324	Capim Grosso – Jacobina – Ourolândia	127	Asfalto
Estadual	BA 142	BR 242 – Wagner – Utinga – Tapiramutá – BA 052	130	Asfalto / Implantada
	BA 046	Utinga – Bonito – Entronc. BA 426	15	Asfalto
	BA 426	Entronc. BA 246 – Bonito – Entronc. BA 046 – Morro do Chapéu – Várzea Nova – Lagoa do Batata	208	Asfalto
	BA 422	BA 052 (Angelim) – Macaúbas – Miguel Calmon	68	Implantada
	BA 131	BA 052 – Miguel Calmon – Jacobina – Entronc. BA 324 – Campo Formoso (via Caém – Saúde, Pindobaçu e Antônio Gonçalves)	176	Asfalto / Implantada
	BA 131	Piritiba – Mundo Novo	27	Asfalto
	BA 426	Bonito – Lagoa Nova	34	Implantada

Fonte: DERBA, 2002

A região conta com um sistema de transporte relativamente regular, existindo linhas intermunicipais com destino à capital do Estado, de frequência diária, e linhas interestaduais ligando o circuito a outras cidades do País.

Foram registrados terminais rodoviários em oito municípios: Campo Formoso, Jacobina, Ourolândia, Piritiba, Saúde, Utinga e Wagner cuja administração cabe à prefeitura, e em Morro do Chapéu cuja rodoviária é administrada pela CONART/SAT. Em Bonito, Caém e Miguel Calmon há casa comercial responsável pela venda de passagens e o ônibus recebe os passageiros em logradouro público.

Cartograma 3.3.3. Rodovias no Circuito Chapada Norte



Fonte: DERBA, 2002

As informações sobre as linhas de transporte rodoviário existente na Chapada Norte encontram-se registradas na tabela abaixo:

Tabela 3.3.34. Linhas de transporte intermunicipal na Chapada Norte

Origem	Destino	Via	Empresa
Morro do Chapéu	Rui Barbosa	Utinga	Viação Águia Branca Sa
Salvador	Piritiba		Viação Águia Branca Sa
Salvador	Utinga	Wagner	Viação Águia Branca Sa
Salvador	Wagner		Viação Águia Branca Sa
Salvador	Morro do Chapéu	Ipira	Viação Águia Branca Sa
Irecê	Utinga	Morro do	Viação Águia Branca Sa
Feira de Santana	Utinga	Wagner	Viação Águia Branca Sa
Jacobina	Itaberaba	Piritiba	Emp de Trans. São Luiz
Salvador	Miguel Calmon	Capim Grosso	Emp de Trans. São Luiz
Salvador	Jacobina		Emp de Trans. São Luiz
Salvador	Ourolândia	Jacobina	Emp de Trans. São Luiz
Salvador	Varzea Nova	Jacobina	Emp de Trans. São Luiz
Salvador	Campo Formoso		Emp de Trans. São Luiz
Jacobina	Milagres	Piritiba	Emp de Trans. São Luiz
Jacobina	Amargosa	Milagres	Emp de Trans. São Luiz
Jacobina	Senhor Bomfim	Saúde	Emp de Trans. São Luiz
Feira de Santana	Jacobina	Capim Grosso	Emp de Trans. São Luiz
Jacobina	Varzea do Poço		Emp de Trans. São Luiz
Senhor Bomfim	Campo Formoso		Emp de Trans. São Luiz
Juazeiro	Miguel Calmon	Capim Grosso	Emp de Trans. São Luiz
Jacobina	Ourolândia		Emp de Trans. São Luiz
Jacobina	Capim Grosso		Emp de Trans. São Luiz
Jacobina	Mundo Novo		Emp de Trans. São Luiz
Jacobina	Mairi	Capim Grosso	Emp de Trans. São Luiz
Jacobina	Baixa Grande	Capim Grosso	Emp de Trans. São Luiz
Jacobina	Tapiramutá	Miguel	Emp de Trans. São Luiz
Jacobina	Morro do Chapéu		Emp de Trans. São Luiz
Jacobina	Senhor Bomfim	Caldeirão	Emp de Trans. São Luiz
Jacobina	Lagoa do 33		Emp de Trans. São Luiz
Jacobina	Capim Grosso		Emp de Trans. São Luiz

Fonte: AGERBA, 2002

Em relação aos projetos de transporte rodoviário existentes no Circuito Chapada Norte, destaca-se a construção de diversas pontes nas rodovias que ligam os povoados existentes na área rural e as sedes municipais e a pavimentação de ruas de terra nas áreas urbanas, implementados pela CONDER – Companhia de Desenvolvimento Regional e/ou pela CAR – Companhia de Apoio Regional. Cabe salientar que na construção destas pontes, avançou-se bastante, entretanto, a situação atual ainda carece de maiores investimentos no setor.

É importante notar que muitos dos projetos abaixo identificados relacionam-se com a requalificação urbana das sedes municipais, e que estão, de certa forma, ligados com a melhoria da acessibilidade destas localidades.

Tabela 3.3.35. Projetos realizados pela CONDER no Circuito Chapada Norte

Município	Nome do Projeto	Valor (em R\$)
Bonito	Pavimentação de Ruas	402.803,09
	Pavimentação de 10 Km de ruas	-
	Melhoria de 300 casas no município	280.920,00
Campo Formoso	Pavimentação de 10 Km de ruas	-
	Pavimentação asfáltica de ruas	1.474.155,52
	Pavimentação asfáltica	1.586.454,44
Jacobina	Pavimentação da Av. Paulo Souto	280.000,00
	Pavimentação de 15.000m ²	666.158,10
	Pavimentação de 08 ruas	18.187,50
Morro do Chapéu	Pavimentação e paralelepípedos de 30.000m ² nos distritos de Duas Barras, Fedegoso e Iça	968.382,00
Ourolândia	Pavimentação e paralelepípedos de 10.000m ²	376.339,70
Piritiba	Pavimentação e paralelepípedos de 13.000m ²	643.400,53
Saúde	Drenagem e Pavimentação do bairro Santa Cruz	-
Wagner	Urbanização da sede de Cachoeirinha e drenagem de ruas	383.069,85
Total	14	7.079.870,73

Fonte: CONDER, 2002

Tabela 3.3.36. Projetos realizados pela CAR no Circuito Chapada Norte

Município	Projeto	Comunidade	Famílias	Situação	Valor (em R\$)
Caem	Ponte Concreto – Implantação	Bom Jardim	130	Concluído	26.964,72
	Ponte Concreto – Implantação	Caem – Sede	720	Concluído	60.707,13
Campo Formoso	Ponte Concreto – Implantação	Distritos e Povoados	620	Concluído	76.393,47
	Ponte Concreto – Implantação	Distritos e Povoados	511	Concluído	125.219,49
Jacobina	Ponte Concreto – Implantação	Distritos e Povoados	240	Em Execução	43.023,85
Ourolândia	Ponte Concreto – Implantação	Distritos e Povoados	500	Paralisado	44.277,69
Piritiba	Ponte Concreto – Implantação	Distritos e Povoados	180	Concluído	36.973,52
	Ponte Concreto – Implantação	Serra Punho	70	Em Execução	102.922,25
Saúde	Ponte Concreto – Implantação	Genipapo – Serra Branca	800	Concluído	60.274,52
	Ponte Concreto – Implantação	Bonito	90	Em Execução	20.023,29
Wagner	Ponte Concreto – Implantação	Pirajá	500	Concluído	40.557,13
Total	11	11	4.361	-	637.337,06

Fonte: CAR, 2002

3.3.3.1.1.2. Circuito do Diamante

A BR – 242, (Bahia – Brasília) é o principal acesso ao Circuito do Diamante, ligando os municípios integrantes do mesmo à capital do estado e ao Distrito Federal.

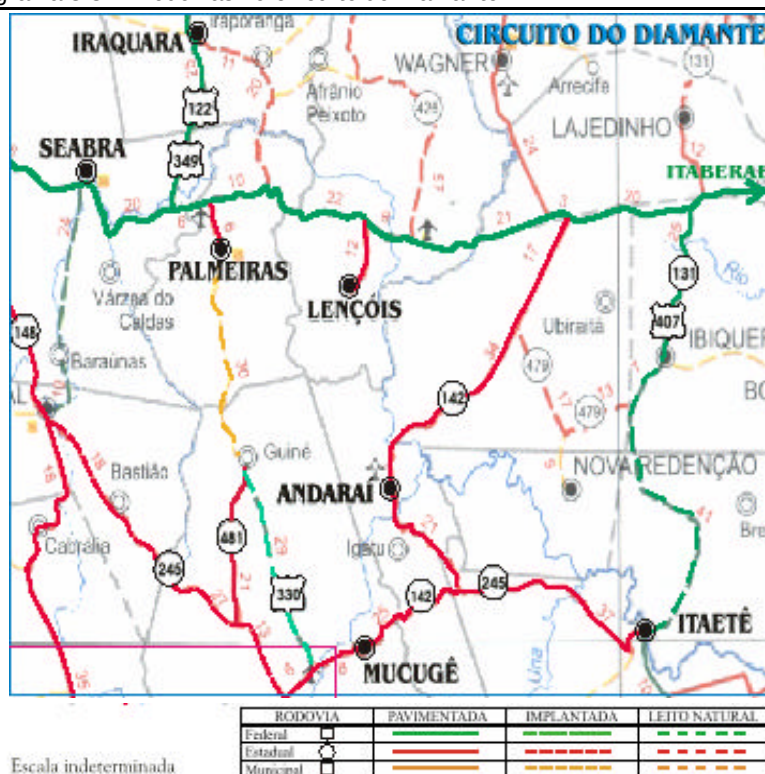
A tabela a seguir mostra os trechos da área em relação ao seu sistema rodoviário, notando-se que a BA 245 possui 39 Km sobre o mesmo leito da BA 142.

Tabela 3.3.37. Rodovias no Circuito do Diamante

	Rodovia	Trecho	K m	Tipo de Pavimentação
Federal	BR 242	Itaberaba – Seabra	174	Asfalto
	BR 122	BR 242 – Iraquara	25	Asfalto
	BR 407	BA 242 – Itaetê	73	Implantada
	BR 330	BA 142 – Guiné	29	Implantada
Estadual	BA 245	BA 148 – BA 142	134	Implantada/Asfal
	BA 142	BR 242 – Andaraí – Mucugê	97	Asfalto
	BA 131 (BR	(Estrada comum com a BR 407)	?	
	BA 481	BA 142 – Guiné	34	Implantada
	Vicinal	Palmeiras – Guiné	30	Implantada

Fonte: DERBA, 2002

Cartograma 3.3.4. Rodovias no Circuito do Diamante



Fonte: DERBA, 2002

A região conta com um sistema de transporte intermunicipal e interestadual tendo como base centralizadora o Terminal Rodoviário da cidade de Seabra.

Neste sentido, só foram registrados terminais rodoviários nos municípios de Palmeiras e Seabra, sendo a rodoviária de Palmeiras administrada pela prefeitura e a de Seabra pela empresa MULTSERV. Além destes, identificou-se no município de Lençóis a existência de um posto rodoviário. Nos outros municípios, há casas comerciais que se responsabilizam pela venda de passagens, não havendo terminal para ônibus, os passageiros tem acesso ao embarque e desembarque através dos logradouros públicos.

As informações sobre as linhas de transporte rodoviário existentes neste circuito estão registradas na tabela a seguir:

Tabela 3.3.38. Linhas de transporte intermunicipal no Circuito do Diamante

Origem	Destino	Via	Empresa
Seabra	Ipupiara	B. Macaúbas	Viação Novo Horizonte Ltda
Itaberaba	Ibotirama	Seabra	Viação Novo Horizonte Ltda
Seabra	Boninal		Emtram Ltda
Vitória da conquista	Seabra	Duas barras	Emtram Ltda
Vitória da conquista	Palmeiras		Emtram Ltda
Irecê	Seabra		Emtram Ltda
Seabra	Jussara	Irecê	Emtram Ltda
Seabra	Uibaí	Irecê	Emtram Ltda
Seabra	Ibitiara		Emtram Ltda
Seabra	Brotas Macaúbas		Emtram Ltda
Seabra	Ibipétum		Emtram Ltda
Seabra	Cabrália		Emtram Ltda
Seabra	Barra do Mendes	Antari	Emtram Ltda
Seabra	Inubia		Emtram Ltda
Seabra	Brejo Luiza Brito		Emtram Ltda
Seabra	Novo Horizonte		Emtram Ltda
Seabra	Piata		Emtram Ltda
Seabra	Abaira		Emtram Ltda
Salvador	Mucugê		Viação Águia Branca Sa
Salvador	Mucugê		Viação Águia Branca Sa
Salvador	Seabra	Cafarnaum	Viação Águia Branca Sa
Salvador	Itaetê		Viação Águia Branca Sa
Salvador	Seabra		Real Expresso Ltda
Salvador	Ibitiara	Seabra	Real Expresso Ltda
Salvador	Lençóis		Real Expresso Ltda
Salvador	Andaraí	Barra da Estiva	Viação Transbrásilia Ltda
Jequié	Itaeté	Iramaia	Viação Transbrásilia Ltda

Fonte: AGERBA, 2002

Em relação aos projetos de transporte rodoviário já existentes no Circuito do Diamante, destacam-se a construção dos Terminais Rodoviários de Palmeiras e Seabra, já concluídos e num valor total de aproximadamente US\$ 124 mil, e a melhoria e/ou pavimentação de rodovias estaduais e federais em um investimento de cerca de US\$ 30 milhões.

Tabela 3.3.39. Projetos de transporte rodoviário no Circuito do Diamante

Município	Nome do Projeto	Valor (em US\$)
Palmeiras	Construção do Terminal Rodoviário	26.000,00
Seabra	Construção do Terminal Rodoviário	98.000,00
	BA 148 – Rodovia Livramento de Nossa Senhora/Rio de Contas	3.574.000,00
	Entroncamento Mucugê/Andaraí	1.876.000,00
	Rodovia Igaporã/Tanque Novo	5.062.000,00
	Rodovia Érico Cardoso/Paramirim	2.117.000,00
Área Conjunta	Rodovia Ibicoara BR 142 (BA 900)	3.200.000,00
	Rodovia Itaetê/Iramaia	518.000,00
	Rodovia Mucugê/Barra da Estiva	7.382.000,00
	Rodovia Piatã/Abaíra	5.367.000,00
	Rodovia Seabra (BR 242)/Ibitiara	563.000,00
	Rodovia Seabra (BR 242)/Boninal	760.000,00
Total	12	30.543.000,00

Fonte: CONDER, 2002

3.3.3.1.1.3. Circuito do Ouro

O Circuito do Ouro conta com a BR 116 e a BR 242 como principais acessos rodoviários – apesar de situarem-se fora da área objeto de estudo, notando-se que estas estradas ligam a região não somente à capital do estado, como também a outras cidades do sul do País.

Além destas, os municípios da área são servidos pelas rodovias BA 152, BA 156, BA 850 e BA 148, que dão acesso aos municípios vizinhos. A tabela a seguir mostra a situação do Circuito do Ouro.

Tabela 3.3.40. Rodovias no Circuito do Ouro

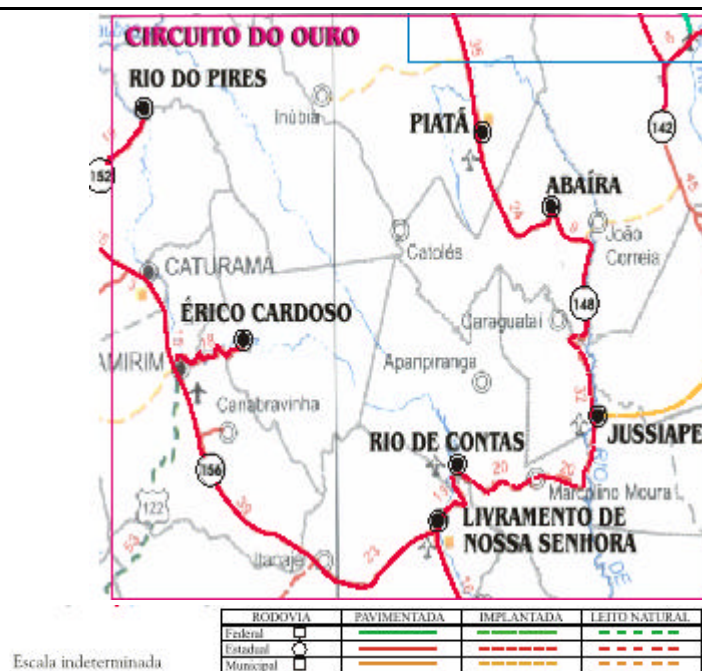
	Rodovia	Trecho	Km	Tipo de Pavimentação
Estadual	BA 148 *	BA 242 – Piatã – Abaíra – Jussiapé – Rio de Contas – Livramento de Nossa Senhora	189	Asfalto
	BA 152	BA 156 – Rio do Pires – Livramento de	19	Asfalto
	BA 156	BA 152 – Ent. Rio do Pires	95	Asfalto
	BA 850	Acesso a Lençóis	12	Asfalto
	Vicinal	BA 148 – Inúbia	20	Implantada
Municipal	Vicinal	João Correio(Abaíra) – BA 142	25	Implantada

* O trecho Abaíra / Jussiapé / Rio de Contas não é asfaltado.

Fonte: DERBA, 2002

A região conta com um sistema de transporte insipiente, existindo poucas linhas intermunicipais e interestaduais.

Cartograma 3.3.5. Rodovias no Circuito do Ouro



Fonte: DERBA, 2002

Assim, só foram registrados terminais rodoviários em 2 municípios: Livramento de Nossa Senhora e Piatã. Nos outros, há uma casa comercial responsável pela venda de passagens, não havendo terminal de ônibus. Os passageiros têm acesso ao embarque e desembarque através dos logradouros públicos. As linhas de transporte rodoviário intermunicipal existentes neste circuito encontram-se registradas na tabela a seguir:

Tabela 3.3.41. Linhas de transporte intermunicipal no Circuito do Ouro

Origem	Destino	Via	Empresa
Salvador	Rio De Contas		Viação Novo Horizonte Ltda
Salvador	Abaíra		Viação Novo Horizonte Ltda
Salvador	Brumado	Rio De Contas	Viação Novo Horizonte Ltda
Salvador	Rio Do Pires	Macaúbas	Viação Novo Horizonte Ltda
Salvador	Érico Cardoso	Brumado/Para	Viação Novo Horizonte Ltda
Salvador	Livramento		Viação Novo Horizonte Ltda
Vitória Da Conquista	Livramento	Dom Basilio	Viação Novo Horizonte Ltda
Vitória Da Conquista	Rio De Contas	Livramento	Viação Novo Horizonte Ltda
Caitité	Livramento	Lagoa Real	Viação Novo Horizonte Ltda
Brumado	Rio De Contas		Viação Novo Horizonte Ltda
Brumado	Livramento		Viação Novo Horizonte Ltda
Livramento	Macaúbas	Paramirim	Viação Novo Horizonte Ltda
Livramento	Arapiranga	Rio De Contas	Viação Novo Horizonte Ltda
Seabra	Abaíra		Emtram – Ltda
Seabra	Abaíra		Emtram – Ltda

Fonte: AGERBA, 2002

Em relação aos projetos de transporte rodoviário existentes no Circuito do Ouro, destacam-se: (i) a construção dos Terminais Rodoviários de Livramento de Nossa Senhora e Piatã, num valor total de aproximadamente US\$ 172 mil; e (ii) a construção de pontes ligando as zonas rurais e respectivos distritos com as sedes municipais, realizados pela CAR.

Tabela 3.3.42. Projetos de transporte rodoviário no Circuito do Ouro

Município	Nome do Projeto	Valor (em US\$)
Livramento	Construção do Terminal	150.000,00
Piatã	Construção do Terminal	22.000,00
Total	3	1.509.000,0

Fonte: DERBA, 2002

Tabela 3.3.43. Projetos realizados pela CAR no Circuito do Ouro

Município	Projeto	Comunidade	Famílias	Situação	Valor (em R\$)
Abaira	Ponte de Concreto – Implantação	Distritos e Povoados	942	Concluído	100.034,46
Érico Cardoso	Ponte de Concreto – Implantação	Distritos e Povoados	2.315	Concluído	262.585,21
Jussiape	Ponte de Concreto – Implantação	Distritos e Povoados	375	Concluído	104.483,77
Livramento de Nossa Senhora	Ponte de Concreto – Implantação	Distritos e Povoados	620	Concluído	75.680,82
Piatã	Ponte de Concreto – Implantação	Distritos e Povoados	300	Concluído	25.649,57
Rio de Contas	Passagem Molhada – Implantação	Distritos e Povoados	343	Concluído	78.749,86
Total	6	6	4.895	—	647.183,69

Fonte: CAR, 2002

3.3.3.2. Transporte Aéreo

Segundo o Relatório do IV Plano de Desenvolvimento do Sistema de Aviação Civil¹⁸ a aviação civil no Brasil, após um período de retração, vem apresentando elevadas taxas de crescimento, apontando um reaquecimento do setor, marcado principalmente pela recuperação da economia em função de medidas adotadas pelo Governo Federal no último Plano de Estabilização Econômica (Plano Real).

A mudança no perfil do segmento regional, observada durante a década de 1990, propiciou a formação de um novo nicho de mercado, traduzido no aumento expressivo de participação deste segmento no mercado doméstico.

As tendências verificadas em relação ao transporte aéreo são, entre outras, a flexibilização e globalização dos serviços de transporte aéreo, com a conseqüente formação de associações ou consórcios operacionais, visando à união de esforços e

¹⁸ Ministério da Aeronáutica - Departamento de Aviação Civil. 1997.

recursos para aprimorar o transporte, tanto qualitativa quanto quantitativamente. Isso amplia consideravelmente a atuação das empresas aéreas no âmbito nacional e internacional, bem como a utilização da infra-estrutura aeroportuária existente.

Para o Relatório, o desenvolvimento do transporte turístico e o incremento do transporte de carga, atrelado à provável introdução de aeronaves de porte superior aos convencionais contribuem para um cenário de ampliação da demanda no futuro, a qual definirá uma maior concentração de impactos na infra-estrutura, tanto com relação ao sistema de pistas quanto ao sistema terminal de passageiros.

3.3.3.2.1. Pólo Turístico Chapada Diamantina

O sistema aeroviário do Pólo Turístico Chapada Diamantina é composto por um aeroporto com capacidade para aeronaves de maior porte e que recebe um fluxo de vôos regulares, situado no distrito de

Tanquinhos no município de Lençóis. Como dito no capítulo 2. Avaliação do PRODETUR/NE I, o investimento para a construção deste aeroporto foi financiado pelo referido Programa em sua primeira fase, sendo a única intervenção em obras na área objeto de estudo.

Salienta-se que quando definiram-se as obras para a construção do aeroporto Horácio de Mattos em Tanquinhos, aconteceram diversos debates com as comunidades locais que estavam, em alguns casos, bastante críticas sobre os impactos decorrentes de tal intervenção em uma área ambientalmente sensível. Tais questionamentos, entretanto não se efeturaram e atualmente existe um amplo consenso de que os efeitos da implantação do aeroporto foram pontuais e restritos e, em grande parte, benéficos.

Assim, pode-se avaliar no quadro seguinte que o aeroporto de Lençóis apresenta desde a sua inauguração, um crescimento de 265,6% de 1998 para 1999, de 135% de 1999 para o ano 2000, e um decréscimo de cerca de 18% entre 2000 e 2001.

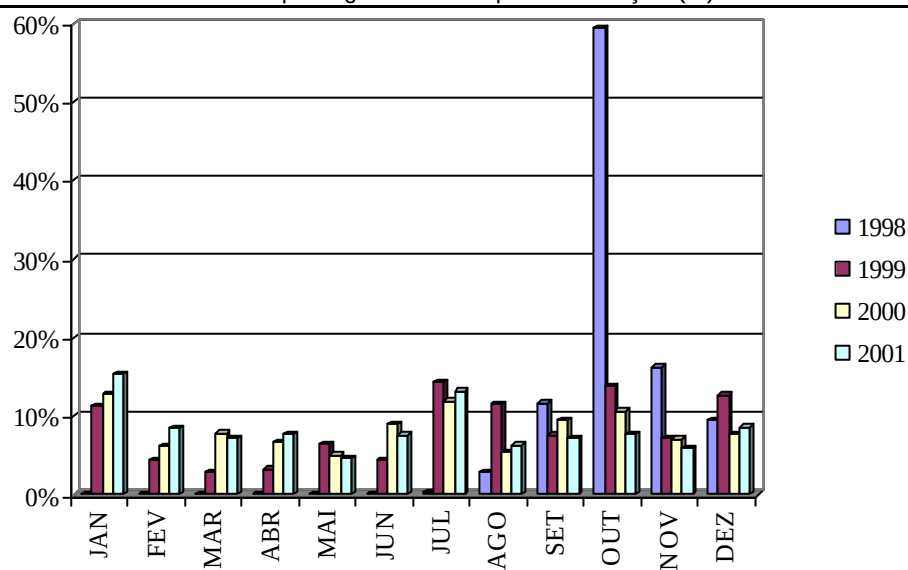
Destaca-se que o decréscimo ocorrido no ano de 2001 foi um fenômeno observado em âmbito mundial e deveu-se, em parte, à crise que o setor de empresas aéreas vem enfrentando em decorrência dos ataques terroristas de 11 de setembro nos Estados Unidos. Cabe destacar, todavia, eventos como a crise econômica por qual atravessa a Argentina, um importante mercado emissor de turistas para o Brasil e especialmente para a Chapada Diamantina. Outro aspecto que merece destaque neste decréscimo de passageiros corresponde à elevação da cotação do dólar, o que encarece diretamente os preços das passagens aéreas, à medida que importantes insumos destas companhias são atrelados à moeda norte americana, como por exemplo, o querosene de aviação e os contratos de *leasing* das aeronaves.

Tabela 3.3.44. Movimento de passageiros no Aeroporto de Lençóis

MÊS	1998		1999		2000		2001	
	Abs	(%)	Abs	(%)	Abs	(%)	Abs	(%)
JAN	0	0%	435	11%	1.164	13%	1.147	15%
FEV	0	0%	173	4%	564	6%	629	8%
MAR	0	0%	108	3%	712	8%	539	7%
ABR	0	0%	126	3%	613	7%	575	8%
MAI	0	0%	250	6%	455	5%	352	5%
JUN	0	0%	172	4%	809	9%	564	8%
JUL	3	0%	549	14%	1.082	12%	983	13%
AGO	31	3%	443	12%	490	5%	471	6%
SET	123	12%	294	8%	866	10%	540	7%
OUT	625	59%	530	14%	964	11%	573	8%
NOV	171	16%	280	7%	641	7%	443	6%
DEZ	100	9%	490	13%	692	8%	643	9%
TOTAL	1.053	100%	3.850	100%	9.052	100%	7.459	100%

Fonte: SINART, 2002

Gráfico 3.3.2. Movimento de passageiros no Aeroporto de Lençóis (%)



Fonte: SINART, 2002

Identifica-se, ainda, que parte significativa do fluxo de visitantes concentra-se nos meses de férias escolares de verão (janeiro, fevereiro e março) e de inverno (julho), com um pico isolado em outubro devido ao feriado do dia 12.

Destaca-se, por fim que aparte o Aeroporto de Lençóis, há na área objeto de estudo diversos pequenos campos de pouso ou aeródromos administrados pelo DERBA, pelas prefeituras dos municípios aonde se encontram ou até por particulares, como pode ser identificado nos circuitos a seguir.

3.3.3.2.1.1. Circuito Chapada Norte

A área encontra-se servida de transporte aéreo de pequeno porte, contando com dois aeroportos pavimentados: um na cidade de Jacobina e o outro em Utinga; e três com piso de terra.

O aeródromo de Wagner encontra-se, atualmente, fora de operação.

Tabela 3.3.45. Aeródromos no Circuito Chapada do Norte

Município	Dim. da pista (m)	Altitude	Localização		Piso	Propriedade	Administrador	Terminal de Pax	Aeronave
			Latitude	Longitude					
Bonito	900 X 30	*	*	*	Solo	Particular	Fazenda Bonito	*	Navajo
Jacobina	1250X30	480	11°09'48"S	40°33'09"W	Pavimento	Estado da Bahia	Derba	*	Bandeirante
Morro do Chapéu	1000X25	1020	11°32'02"S	41°10'45"W	Solo	Prefeitura	Prefeitura	*	Xingú
Utinga	900X25	600	*	*	Pavimento	Prefeitura	Prefeitura	*	Navajo
Wagner	750X30	480	12°17'00"S	41°10'00"W	Solo	*	Prefeitura	*	Sêneca II

Fonte: AGERBA, 2002

3.3.3.2.1.2. Circuito do Diamante

O Circuito do Diamante conta com o aeroporto Horácio de Matos, situado no município de Lençóis, como acesso principal para o transporte aéreo regional. Destaca-se que como dito anteriormente, este aeroporto está capacitado para receber aeronaves de grande porte, tendo um fluxo

consolidado de pousos e decolagens mensais.

Além deste, existe aeródromo em Andaraí, Palmeiras e Mucugê sendo que no primeiro, ele encontra-se fora de funcionamento. Na tabela abaixo encontra-se as informações acerca das principais características dos aeroportos desta área de estudo.

Tabela 3.3.46. Aeródromos no Circuito do Diamante

Município	Dim. da pista (m)	Altitude	Localização		Piso	Propriedade	Administrador	Terminal de Pax	Aeronave
			Latitude	Longitude					
Andaraí	970X20	360	12°48'00"S	41°26'00"W	Solo	*	Prefeitura	*	Navajo
Lençóis	2080X30	511	12°28'46"S	41°16'51"W	Pavimento	Estado da Bahia	Sinart	1100m2	Boeing 767
Mucugê	1400X20	1070	13°00'00"S	41°42'00"W	Pavimento	Estado da Bahia	Derba	*	Seneca II
Palmeiras	1200X30	750	12°30'00"S	41°35'00"W	Pavimento	*	*	*	Xingu

Fonte: AGERBA, 2002

3.3.3.2.1.3. Circuito do Ouro

Apesar de contar com aeródromos, a área do Circuito do Ouro não está bem servida em relação ao transporte aéreo, já que o aeroporto que permite a entrada de aviões de médio e grande porte mais próximo, fica em Vitória da Conquista, a 193 Km da cidade de Livramento de N.

Senhora. A área é também servida pelo aeroporto Horácio de Matos, situado no município de Lençóis, a 169 Km da cidade de Piatã.

O sistema aeroviário deste circuito acha-se distribuído segundo a tabela a seguir:

Tabela 3.3.47. Aeródromos no Circuito do Ouro

Município	Dim. da pista (m)	Altitude	Localização		Piso	Propriedade	Administrador	Terminal	
			Latitude	Longitude				de Pax	Aeronave
Jussiapé	550X17	570	13°30'00"S	41°03'00"W	Solo	*	Prefeitura	*	Seneca II
Livramento									
Nsa.Senhora	1050X23	460	13°39'00"S	41°50'00"W	Solo	*	*	*	Bandeirante
Piatã	1200X17	1180	13°00'00"S	41°46'28"W	Solo	*	*	*	Bandeirante
Rio de Contas	1100X40	1160	*	*	Solo	Governo Federal	DNOCS	*	Navajo

Fonte: AGERBA, 2002

3.3.3.3. Aspectos da Empresa Concessionária¹⁹

O DERBA foi criado oficialmente pela Lei N.º 1227, de 31 de Agosto de 1917, que estabelecia meios, normas e condições para a construção de estradas, ligando os principais centros produtores aos mercados consumidores, portos de mar, rios navegáveis e ferrovias, configurando uma solução de intermodalidade. Teve como primeira rodovia planejada e construída a que liga Salvador a Feira de Santana, comunicando o Porto de Salvador ao interior.

Desde sua criação foi responsável pelas seguintes intervenções nos transportes do Pólo Turístico Chapada Diamantina:

- a construção e asfaltamento da rodovia Feira de Santana - Juazeiro, cidade com instalações ferro-portuárias que se liga a Petrolina, no estado de Pernambuco, através uma ponte rodo-ferroviária sobre o Rio São Francisco;
- entre 1967 e 1971, as grandes obras rodoviárias tiveram prosseguimento, com a construção da rodovia federal BR 242, um estirão de 437 km, ligando a BR 116, em Argoim, ao rio São Francisco, em Ibotirama. Com a construção da grande ponte neste local, viabilizou-se o acesso e a conquista do Oeste, com a implantação básica das primeiras rodovias ligando as principais cidades da região;
- a BA 052, a Estrada do Feijão, conectando Feira de Santana a Xique-Xique, com o nítido objetivo de promover o escoamento da produção de feijão e milho e induzir o cultivo do café na região de Irecê; como complemento, centenas de quilômetros de rodovias foram implantadas no complexo regional de entorno; e
- as rodovias Andaraí - Mucugê - Barra da Estiva e Brumado - Rio de Contas, na Chapada Diamantina; nesta última, foi executado, pioneiramente, o concreto rolado, pintando-se a pista com tinta especial de coloração verde, inserindo a rodovia no cenário de rara beleza natural da região.

¹⁹ Informações disponíveis em: <http://www.derba.ba.gov.br>. Acesso em: 11/07/2002.

Atualmente o DERBA é uma autarquia vinculada à Secretaria de Infra-estrutura do Estado da Bahia, através da Lei N.º 7.314, de 19 de maio de 1998, passando a denominar-se Departamento de Infra-estrutura de Transportes da Bahia, incorporando às suas atribuições a construção e a administração dos terminais rodoviários, hidroviários e aeroviários do Estado. É responsável pelo gerenciamento do sistema estadual de transportes que, além das centenas de terminais modais, conta com uma rede de mais de 20.000 km de rodovias estaduais, além de apoiar a conservação dos sistemas municipais, com aproximadamente 90.000 km, distribuídos em uma área de 560.000 km².

3.3.3.3.1. Área Operacional e Custos

Com sede localizada no Centro Administrativo da Bahia, em Salvador a DERBA tem, ainda, uma estrutura operacional no interior do Estado que é composta de cinco Diretorias (Pólos Regionais), subdivididas em vinte e cinco Unidades Operacionais (antigas Residências de Conservação e Escritórios de Fiscalização de Construção).

A supervisão do controle tecnológico das obras de pavimentação e restauração é realizada por técnicos da Gerência de Pesquisas, com apoio do laboratório central, situado na Rodovia que liga a BR 324 à Base Naval de Aratu, em Salvador. O organograma da empresa tem a estrutura descrita na próxima página.

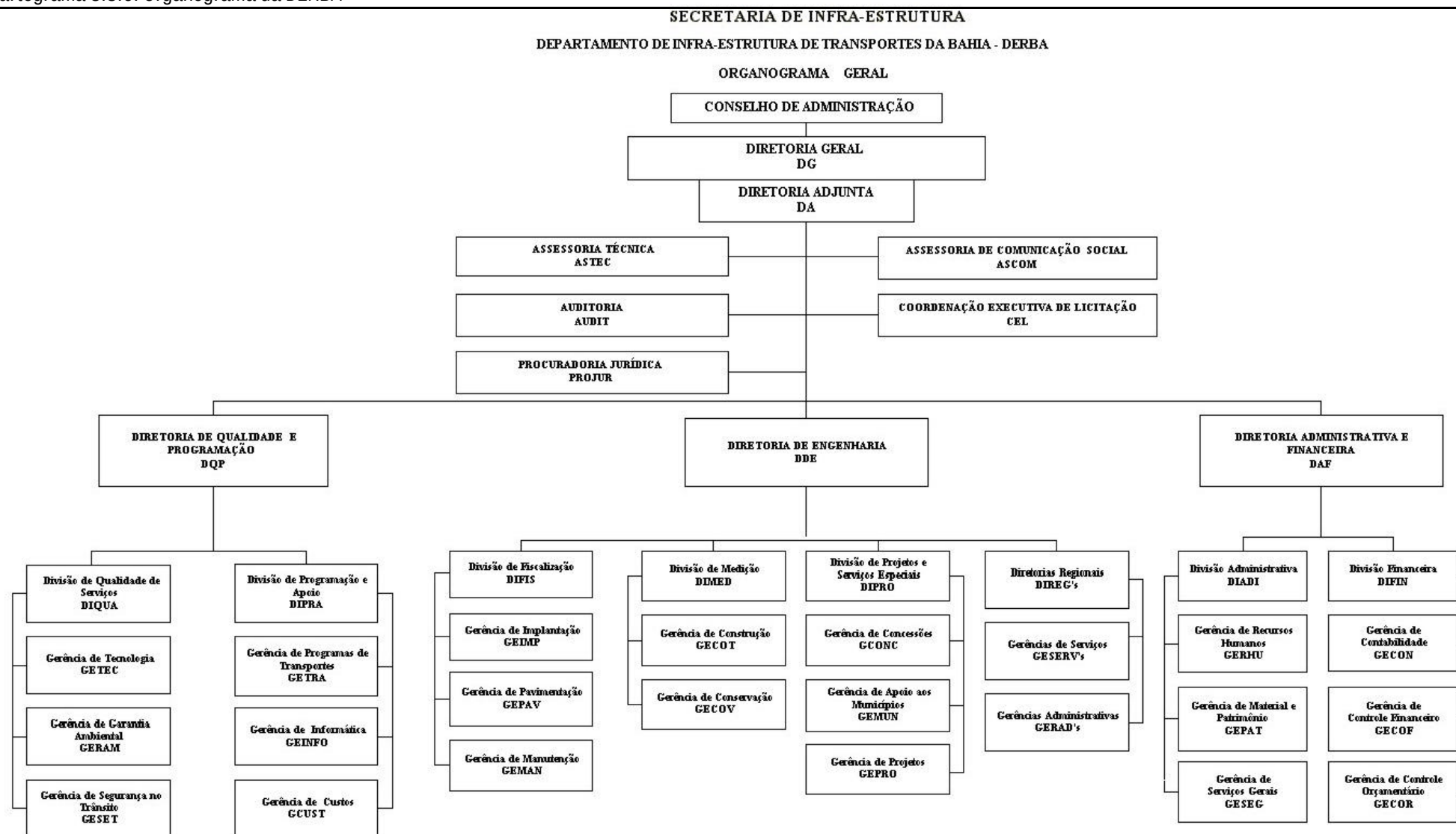
3.3.3.3.2. Área de Tecnologia

Visando a assegurar os procedimentos necessários ao cumprimento da legislação protetora do meio ambiente, o DERBA possui uma Gerência de Garantia Ambiental, que acompanha o desenvolvimento dos empreendimentos, procurando antecipar-se, nos projetos, em mitigar ações potencialmente prejudiciais, e a minimizar os impactos negativos decorrentes da execução das obras.

Apesar de pioneiro em processamento de dados, pois já na década de 1960 o DERBA preparava sua folha de pagamento em computador próprio, somente em 1990 iniciou-se o processo de informatização sistêmica, com a aquisição de um computador multi-usuário, operando em Unix. A partir de 1994, com a obsolescência daquele supermicro e a necessidade de se começar um processo de modernização administrativa, foi contratada uma consultoria externa e adquiridos mais de uma centena de microcomputadores.

Com isso, foram desenvolvidos, de forma estruturada e implantados em rede (a REDERBA), os diversos sistemas do órgão, permitindo que as informações se processem de forma integrada, através de um sistema de informações gerenciais, o SIDER, tendo como base um grande banco de dados relacional corporativo, além de um sistema de informações geográficas, o SIG-DERBA, que se constitui em uma valiosa e potente ferramenta para o planejamento, inclusive apoiando os sistemas de gerenciamento de pavimento e de administração da manutenção das rodovias estaduais.

Cartograma 3.3.6. Organograma da DERBA



Fonte: DERBA, 2002

Nos últimos anos, a informática tornou-se presente em todas as atividades técnicas, operacionais e administrativas do órgão, sobressaindo-se:

- Projeto de Fortalecimento Institucional do DERBA, apoiado pelo BID.
- Referência destacada no relatório técnico da BRISA, consultoria contratada pelo Governo da Bahia para realizar a avaliação do Sistema de Informática no Estado.

Com a recente ampliação do Programa de Integração dos Corredores Rodoviários BID I (para maiores de talhes vê item 3.3.3.1 Transporte Rodoviário), fruto da assinatura de novo contrato de financiamento internacional, o DERBA se prepara para um novo patamar de qualidade, através de diversas ações simultâneas, de médio e longo prazos, dentre elas o lançamento do PGI - Programa de Gerenciamento Informatizado, formulado em fevereiro de 2000, com desenvolvimento e implantação previstos para os próximos anos.

3.3.3.4. Conclusão

Compreende-se que no item de transportes no Pólo Turístico Chapada Diamantina, há a urgência de investimentos na melhoria dos acessos rodoviários (i) entre os municípios dos circuitos, (ii) entre as sedes municipais e as comunidades rurais e (iii) para os recursos e atrativos turísticos. Tais intervenções visam, primeiramente, a integração entre os três circuitos pertencentes à área objeto de estudo, possibilitando que o desenvolvimento da atividade turística ocorra de forma mais igualitária e sustentada. Da mesma forma, objetivam dinamizar a economia local e regional com uma maior comunicação entre os prestadores de serviços turísticos e potenciais fornecedores, principalmente aqueles do setor primário, beneficiando as comunidades com uma cadeia produtiva turística fortalecida.

É importante se notar, por fim, que na elaboração do relatório para o PRODETUR/NE I, já haviam sido recomendados a implantação e/ou a ampliação das rodovias do Pólo Turístico Chapada Diamantina. Estas, como dito anteriormente, ocorreram parcialmente e a área objeto de estudo encontra-se, atualmente, numa situação precária com um reduzido numero de acessos que podem ser considerados como adequados.

As recomendações abaixo propostas para o setor de transportes visam, sobretudo, o desenvolvimento sustentável da região, gerando benefícios para os visitantes e para as comunidades diretamente relacionadas à atividade turística. São as seguintes:

✓ Circuito Chapada Norte

- Construção de anel viário em Morro do Chapéu;
- Construção de terminal rodoviário em Bonito;
- Implantação da ligação entre a BA 142 - João Correia e Abaíra;
- Implantação da ligação para Utinga via Tapiramutá;

- Melhoria das trilhas e acessos aos atrativos da Área de Proteção Ambiental da Gruta dos Brejões, ao Parque das Sete Passagens (Miguel Calmon) e aos atrativos em geral;
- Melhorias no acesso a Itaetê (BA 142), Saúde e Piritiba;
- Melhorias nas rodovias BA 426 e BA 052;
- Melhoria do terminal rodoviário em Saúde; e
- Melhorias nas estradas do Bonito e do Mosquito, em Wagner.

✓ **Circuito do Diamante**

- Construção de terminal rodoviário em Mucugê;
- Implantação da Rodovia Lençóis - Andaraí (Tanquinho – via Lagoa Encantada);
- Implantação da Mucugê – Guiné e Palmeiras; e
- Melhoria das trilhas e acessos aos atrativos do circuito como um todo e entre os circuitos, sobretudo entre o Circuito do Diamante e o do Ouro;
- Melhoria do acesso entre Caeté-Açú e Palmeiras;
- Melhoria da estrada entre Iraquara e Iraporanga;
- Melhoria na rodovia BR 122, principalmente no município de Iraquara; e
- Melhoria do acesso a Xique-Xique do Igatu em Andaraí.

✓ **Circuito do Ouro**

- Estímulo ao transporte rodoviário de passageiros na região;
- Melhoria das trilhas e acessos aos atrativos da Área de Proteção Ambiental da Serra do Barbado;
- Melhoria dos acessos aos outros municípios e circuitos do Pólo Turístico Chapada Diamantina como, por exemplo, no trecho entre Rio de Contas e Abaíra; e
- Melhoria da estrada a entre Abaíra entre Jussiape e entre Jussiape e Rio de Contas;
- Implantação da Rodovia Abaíra - João Correa - Mucugê;
- Implantação de estrada entre a sede de Rio de Contas e a Vila de Mato Grosso; e
- Melhoria das estradas vicinais em Érico Cardoso, Livramento de Nossa Senhora e Rio de Contas.

3.4. Patrimônio Histórico e Cultural

O objetivo deste capítulo é avaliar o patrimônio histórico e cultural do Pólo Turístico Chapada Diamantina, no qual inserem-se as áreas e/ou edifícios isolados pertencentes à área objeto de estudo. Neste sentido, foram considerados como Patrimônio Histórico e Cultural os bens tombados ou não pelo órgão federal – único que conta com esta prerrogativa no Estado da Bahia, com significativa importância ou potencial para o desenvolvimento do turismo na área objeto de estudo.

Seguindo a recomendação do Termo de Referência, este capítulo está dividido em três partes, sendo que a concernente ao resgate das obras do PRODETUR/NE I, com avaliações das intervenções e ações realizadas naquele período foi suprimida, pois no Pólo Turístico Chapada Diamantina não houveram intervenções para a recuperação do patrimônio histórico e artístico financiadas pelo PRODETUR/NE I. Assim, inicia-se com a análise do patrimônio histórico-cultural, seguida do panorama sobre os programas e projetos que estão em andamento, finalizando-se com a conclusão, aonde definem-se recomendações para o tratamento dos problemas identificados.

O levantamento dos monumentos histórico-culturais foi realizado por meio do Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, no acervo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e com visitas *in loco*.

É importante destacar-se que no Estado da Bahia não há instituições estaduais e/ou municipais com atribuições para o tombamento de bens históricos. Desta forma, somente o IPHAN, um órgão federal, realiza este tipo de ação nos municípios da área objeto de estudo.

Por fim, ressalta-se que o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia – IPAC, com recursos do Governo Estadual, produziu recentemente um CD-ROM com todo o inventário de proteção histórico-cultural do Estado. Para cada monumento é apresentado um diagnóstico com diversas informações, tais como: necessidades de restauro, grau de proteção, estado de conservação, histórico, descrição, etc. Algumas destas, porém, encontram-se desatualizadas, como a de conservação e necessidades de restauro que datam do período de 1972 a 1981. Assim, visando atender ao Termo de Referência e, sobretudo, contribuir para se atingirem os objetivos do PDITS, fez-se uma avaliação preliminar da situação atual do patrimônio histórico e artístico.

3.4.1. Diagnóstico do Patrimônio Histórico e Cultural

Para a elaboração deste item para o Pólo Turístico Chapada Diamantina, entendeu-se como ideal seguir os parâmetros indicados pelo IPHAN e pelas normas legais existentes sobre o patrimônio histórico e cultural. Estes distinguem o patrimônio em três categorias diferentes, quais sejam:

- a) Patrimônio Histórico e Artístico: conjunto dos bens móveis e imóveis cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (Decreto Lei N^o 25 de 1937)
- b) Monumentos Arqueológicos e Pré-Históricos: (i) as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos da cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outras não especificadas aqui, mas de significado idêntico, a juízo da autoridade competente; (ii) os sítios nos quais se encontram vestígios positivos de ocupação pelos paleoameríndios, tais como grutas, lapas e abrigos sob rocha; (iii) os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento "estações" e "cerâmios", nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico; e (iv) as inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleoameríndios. (Lei N^o 3.924 de 1961)
- c) Bens Culturais de Natureza Imaterial: composto de conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; e mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas. (Decreto N^o 3.551 de 2000)

Para a elaboração das tabelas relativas ao Patrimônio Histórico e Artístico utilizaram-se somente os dados do CD-ROM produzido pelo IPAC, restringindo-se as informações para melhor atendimento ao Termo de Referência. Assim, esclarece-se que este Instituto considera monumento toda obra ou grupo de obras do homem, da pré-história à época atual, julgada testemunho de civilização ou de história, e como tal mereça proteção.

Como nome e época da construção utilizaram-se as informações fornecidas pelo IPAC sendo que, no segundo caso, indicou-se primeiramente o século correspondente em românico, seguido do período (I – Início; M – Meio; e F – Final).

Para a avaliação do estado de conservação o IPAC considerou à época do levantamento: A – como satisfatório, B – medíocre e C – ruim. Visando minimizar as possíveis mudanças ocorridas entre o período do levantamento realizado pelo Instituto e o atual, inseriu-se uma segunda avaliação, preliminar, realizada nas visitas de inventário ocorridas no primeiro semestre de 2002.

Por fim, o inventário realizado pelo IPAC indica o grau de proteção recomendada sujeito a quatro graus de proteção: os dois primeiros como proteção direta sobre o imóvel objeto do inventário ou sobre uma parte deste; o terceiro e o quarto como proteção de referência, em que interessa o imóvel só pela relação que este mantém, por sua situação particular, com um perímetro merecedor de proteção. Assim, GP-1 indica proteção direta, ou seja, monumentos que devem ser conservados integralmente; GP-2 aponta proteção direta, com monumentos que sofreram sucessivas transformações, muitas vezes impróprias, e só algumas partes justificam a proteção, enquanto o resto pode ser modificado sob o controle da autoridade competente; GP-3 proteção de referência, com edifícios que podem ser eventualmente demolidos e substituídos por novas construções, desde que estas não contrastem com o ambiente que as circunda; e GP-4, indicando proteção com referência, com edifícios cuja demolição seria auspiciosa, sem reconstrução, porquanto é reconhecido seu caráter de enxerto superfluo.

Esclarece-se que os monumentos indicados com um asterisco (*) são tombados pelo IPHAN que vem adotando tal intervenção na região da Chapada Diamantina desde a década de 1950.

3.4.1.1. O Pólo Turístico Chapada Diamantina

Segundo o IPAC²⁰, a ocupação da região da Chapada Diamantina ocorreu de forma mais sistemática e abrangente com o advento do Ciclo da Mineração e do Garimpo que efetivou o processo de colonização

do interior baiano a partir das descobertas de ouro na Bahia no século XVIII, nas cabeceiras do rio Itapicuru, em Jacobina. Neste período, destacavam-se as vilas de Jacobina e Minas de Rio de Contas, que estendiam sua influência muito além da Chapada Diamantina e Serra Geral. Em direção norte-sul, este território ia da altura do atual Município de Mirangaba até à fronteira Bahia-Minas; na direção transversal, desde o Rio São Francisco até 100 km da Costa. Rio de Contas, cujas lavras eram mais produtivas e que estava estrategicamente situada à margem do caminho que ligava o porto de Salvador aos sertões de Minas Gerais e Goiás, transformou-se rapidamente em uma verdadeira capital regional.

Ocorreu, na época, uma corrida sem precedentes para aquela região, despovoando-se os antigos centros de mineração aurífera baianos e diamantíferos mineiros. As lavras reproduziam-se por encanto, e não ficou leito de rio, córrego ou brejo da vertente oriental da Chapada Diamantina que não fosse escavado.

Este surto de mineração foi responsável pelo surgimento de uma nova geração de assentamentos humanos na região. De Mucugê, a lavra de diamantes expandiu-se para o sul, atingindo o Vale do Rio de Contas dando novo alento a vilas como Barra da Estiva, Rio de Contas e Caetitê, e para o norte, criando novas povoações como Xique-Xique (Igatú), Andaraí, e Lençóis entre outras, até atingir Morro do Chapéu, definindo-se, assim, a região que passou a ser conhecida como Chapada Diamantina. Em poucos meses, uma população de 25.000 pessoas afluíu para a região. A crise de moradia e a índole nômade dos garimpeiros fizeram com que grutas naturais fossem

²⁰ IPAC. *Inventário Cultural do Patrimônio Cultural da Bahia*. CD-Rom. 2002.

transformadas em habitação, e famílias inteiras vivessem, durante anos em barracas de pano.

Mas enquanto o Ciclo Aurífero Baiano durou mais de cem anos, o Diamantífero se esgotou em um quarto de século. Já em 1871, a produção diamantífera entrou em decadência com a concorrência das jazidas sul-africanas, descobertas seis anos antes. O colapso da região não foi maior devido à repentina valorização do carbonado, ou vulgarmente conhecido “carbonato”, utilizado na fabricação de brocas para perfurar rochas. O início dos trabalhos do Canal do Panamá (1880) provocou uma grande demanda deste produto, fazendo seu preço quase se igualar ao do diamante. No entanto, alguns anos mais tarde, também esta fonte de renda deixou de existir e a região entrou num longo período de estagnação aonde a agricultura passou a ser a principal fonte de subsistência.

A civilização da mineração na Chapada Diamantina foi eminentemente urbana, com os novos assentamentos humanos surgindo da noite para o dia em zonas anteriormente desertas. Por não terem lançado suas raízes no campo, estes aglomerados se converteram em cidades fantasmas, no início do século XX, quando se esgotaram suas lavras.

O urbanismo destes núcleos, como é comum nas regiões mineiras de todo o mundo, é espontâneo com uma trama irregular de ruas estreitas e enladeiradas. Apenas uma cidade foge a este padrão, Rio de Contas, verdadeira “new town”, transferida para um novo sítio após vinte anos de criada como Vila. Ali, ruas, praças e lotes urbanos são amplos e de traçado razoavelmente regular.

Os sobrados surgiram no decorrer do século XIX, já denotando influências ora do Neo-Clássico ora do Neo-Gótico, que ali se difundiu muito cedo. Em muitos edifícios, uma fachada apresenta portas e janelas com arcos plenos e a outra em arcos abatidos e apontados. Muito frequentes na região, são também os vãos em forma de mitra, uma simplificação do arco ogival, que são encontrados também em Minas Gerais, especialmente em Ouro Preto e Diamantina.

O “status” social das residências se afirma não só pelas dimensões e número de pisos das mesmas, como pela decoração e materiais de revestimento. Residências mais ricas possuem pisos assoalhados sobre porões altos e forros de tábuas ou lona, janelas guarnecidas de treliças, vidros ou venezianas, e fachadas emolduradas por cunhais e frisos decorados. Casas modestas têm piso em lajota de barro cozido ou terra batida, janelas cegas, e não possuem forros nem decoração.

Da maior importância é a arquitetura vernácula da região, constituída por “locas” ou “tocas” e ranchos de alvenaria de pedra seca, recobertos por palha de pindoba. Estes dois tipos de habitação estão entre os mais primitivos existentes no país. O primeiro é um tipo de habitação rupestre do mesmo gênero das habitações trogloditas encontradas na Ásia, Europa e América do Norte, embora as encontradas na Chapada Diamantina datem da segunda metade do século passado. As “locas” ou “tocas” da região são grutas naturais com adições, transformadas em habitações temporárias, à margem dos

garimpos. No Distrito de Igatu, Município de Andaraí, há porém exemplos de “tocas” urbanas, de utilização perene, ainda hoje ocupadas.

Para o IPAC, parte significativa do notável acervo arquitetônico da Chapada Diamantina está desprotegido. Muitos edifícios ruíram por abandono, como o monumental Solar do Brejo, construído por Antonio Pinheiro Pinto, entre 1808 e 1812, em terras que pertenciam em 1755 ao familiar do Santo Ofício, Miguel Lourenço de Almeida. Com a decadência econômica e social de seus descendentes e sub-divisão das terras da antiga Fazenda Serra das Éguas, o Solar do Brejo desabou em 1949.

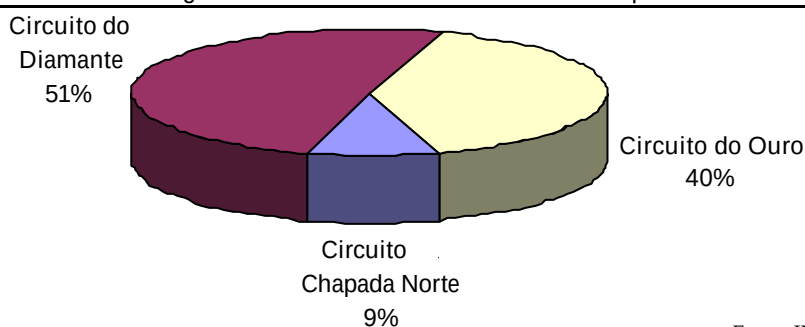
Outros edifícios foram demolidos, como o Sobrado da Prefeitura e algumas casas da Praça Horácio de Matos, em Lençóis, para dar lugar a edifícios públicos de arquitetura duvidosa. No Município de Livramento de Nossa Senhora a implantação de um grande projeto de irrigação ameaçava à época do inventário destruir excepcionais exemplares de casas geminadas de fazenda.

Tabela 3.4.1. Patrimônio histórico do Pólo Turístico Chapada Diamantina

Circuito	No. de Municípios com Monumentos	No. de Monumentos nos Municípios	Época	Condições			Estado Atual	Grau de Proteção Recomendado
				Estrutura Portante	Interior	Instalações e Serviços		
Circuito da Chapada Norte	2	10	XVIII - 4	A - 7	A - 1	A - 1	B - 1	Um - 8
			XIX - 5	B - 2	B - 8	B - 9	C - 2	Dois - 2
			XX - 1	C - 1	C - 1			
Circuito do Diamante	5	58	XVIII - 1	A - 29	A - 5	A - 5	A - 7	Um - 51
			XIX - 48	B - 22	B - 43	B - 25	B - 12	Dois - 7
			XX - 9	C - 2	C - 5	C - 22	C - 4	
Circuito do Ouro	6	46	XVIII - 6	A - 26	A - 7	A - 5	A - 10	Um - 39
			XIX - 37	B - 20	B - 36	B - 14	B - 6	Dois - 7
			XX - 3		C - 3	C - 27	C - 2	
TOTAL	13	114	XVIII - 11	A - 62	A - 13	A - 11	A - 17	Um - 98
			XIX - 90	B - 44	B - 87	B - 48	B - 19	Dois - 16
			XX - 13	C - 3	C - 9	C - 49	C - 8	

Fonte: IPAC, 2002

Gráfico 3.4.1. Porcentagem de monumentos nos Circuitos da Chapada Diamantina



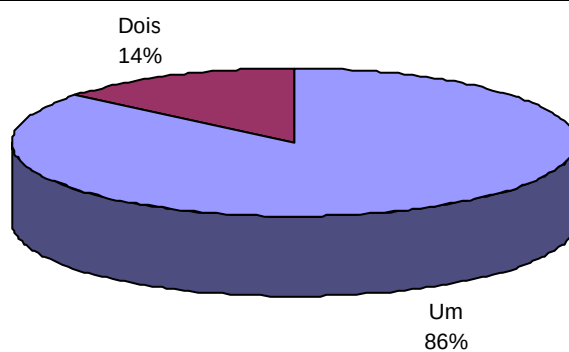
Fonte: IPAC, 2002

Dos 28 municípios pertencentes ao Pólo Turístico Chapada Diamantina, 13 (46%) apresentam um patrimônio histórico e cultural de significativa importância, totalizando 114 bens históricos e/ou culturais. Como pode-se visualizar no gráfico acima, os três circuitos avaliados apresentam características singulares e, neste sentido, vale se destacar os Circuitos do Diamante e do Ouro por contar com o patrimônio mais expressivo – o primeiro com 51% e o segundo com 40% do total, uma estrutura de recepção relativamente adequada e com um maior fluxo de turistas.

Do total de 114 bens históricos e culturais identificados pelo IPAC, somente 09 (8%) são tombados pelo IPHAN, destacando-se os centros históricos de Lençóis, Mucugê e Rio de Contas.

De todos os bens apontados, 79% foram construídos principalmente no final do século XIX; 11% no início do século XX e 10% no século XVIII. Quanto às condições dos imóveis, em relação à estrutura portante na época do levantamento, uma pequena maioria (54%) foi considerada satisfatória, enquanto o restante foram apontados como medíocre (39%) e ruim (7%); no interior, tal precariedade se acentua mais ainda, com somente 11% dos bens inventariados sendo indicados em estado adequados e o restante apresentando-se como medíocre (76%) ou ruim (13%) pelo Instituto; número que se repete no item de instalações e serviços, com 85% dos imóveis sendo identificados como medíocres ou ruins. Quando compara-se os dados do IPAC com a situação atual, percebe-se a manutenção do estado de preservação, com casos que apresentaram deterioração e outros que foram recuperados.

Gráfico 3.4.2. Grau de proteção indicado (%)



Fonte: IPAC, 2002

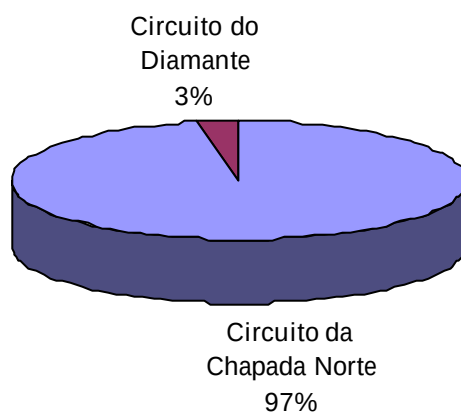
Como pode ser visto pelo quadro acima, o grau de preservação mais recomendado pelo órgão à época de realização do inventário foi o de número um, com 86%, indicando a necessidade de proteção direta, ou seja, monumentos que devem ser conservados integralmente. Assim, percebe-se a relevância dos bens históricos e culturais do Pólo Turístico Chapada Diamantina que, apesar disto, encontram-se, em muitos casos, em avançado estado de deterioração e sem uma legislação que os proteja do abandono e da decadência. Excetua-se, neste caso, os centros históricos de Lençóis e Rio de Contas que contaram com projetos de recuperação e valorização de seu patrimônio.

Tabela 3.4.2. Sítios arqueológicos no Pólo Turístico Chapada Diamantina

Município	No. de Municípios com Sítios Arqueológicos	No. de Sítios Arqueológicos nos Municípios	Tipo	Grau de Integridade
Circuito da Chapada Norte	3	32	Arte rupestre - 15 Cerâmico - 3 Lito-cerâmico - 3 Habitação - 1	25% a 75% - 4
Circuito do Diamante	1	1	Arte rupestre - 1	25% a 75% - 1
TOTAL	4	33	Arte rupestre - 16 Cerâmico - 3 Lito-cerâmico - 3 Habitação - 1	25% a 75% - 5

Fonte: IPHAN, 2002

Gráfico 3.4.3. Porcentagem de sítios arqueológicos nos Circuitos



Fonte: IPHAN, 2002

Em relação aos Sítios Arqueológicos pode-se perceber pela tabela acima que dos 28 municípios pertencentes ao Pólo Turístico Chapada Diamantina, somente 04 (14%) apresentam sítios catalogados pelo IPHAN. Nota-se também que dos três circuitos existentes na área objeto de estudo, somente o Circuito Chapada Norte possui 97% dos sítios encontrados na Chapada Diamantina.

Do total de sítios, 70% estão relacionados à arte rupestre que são, em geral, pinturas situadas em formações rochosas e 26% identificam-se com resquícios de cerâmica. Dos que apresentaram uma avaliação do grau de integridade todos o apresentam entre 25% e 75%, ou seja, médio a elevado.

Por fim, avaliando-se o Pólo Turístico Chapada Diamantina em relação ao patrimônio histórico e cultural é possível compreender que a região como um todo se complementa, formando um pólo consistente e diversificado, com atrativos histórico-culturais que podem abranger tanto a demanda local quanto a internacional.

3.4.1.1.1. Circuito Chapada Norte

Segundo o IPAC (2002), o desbravamento da região do Circuito Chapada Norte ocorreu em meados do século XVII quando em 1658, foram distribuídas terras em Jacobina, onde se instalaram currais de gado dos D'Ávila, proprietários da Casa da Torre. Nos últimos anos daquele mesmo século, foi descoberto ouro em Jacobina, mas sua exploração foi proibida pelo governo de D. Rodrigo da Costa (1702-1705). Para controlar a mineração clandestina e as desordens, foi fundada, em 1722, na missão franciscana de Sahy, a Vila de Jacobina, transferida em 1724, para o arraial de Bom Jesus. Em 1732 foram encontrados, também em Jacobina, diversos diamantes, mas como a exploração destas pedras estava proibida, sua descoberta foi ocultada ao público. Sua lavra só se iniciaria um século mais tarde, quando foi liberada sua mineração. Os preços internacionais elevados do algodão e o excedente de força de trabalho, atraído pela mineração, criaram uma conjuntura favorável ao cultivo do algodão em Jacobina, ainda no século XVIII. Os municípios que atualmente integram a região se originam dos antigos termos das vilas de Cachoeira e Jacobina, notando-se que tais desmembramentos se deram a partir do século XIX²¹.

Tabela 3.4.3. Patrimônio histórico do Circuito Chapada Norte

Município	Monumento	Época	Condições Físicas			Estado Atual	Grau de Proteção Recomendada
			Estrutura Portante	Interior	Instalações e Serviços		
Jacobina	Capela Bom Jesus da Glória*	XVIII I	A	A	A	C	1
	Igreja da Conceição*	XVIII M	A	B	B	-	1
	Matriz S. Antônio da Jacobina	XVIII M	A	B	B	B	2
	Casa Paroquial de Jacobina	XIX F	A	B	B	-	1
	Casa à Praça Castro Alves 61	XIX I	A	B	B	-	1
	Igreja S. Miguel das Figuras	XVIII M	C	C	B	C	1
	Capela de São Vicente Ferrer	XIX F	A	B	B	-	1
	Casa da Fazenda Medeiro	XX I	A	B	B	-	1
Utinga	Casa F. Cachoeira de Utinga	XIX F	B	B	B	-	2
	Engenho Cachoeira de Utinga	XIX F	B	B	B	-	1
TOTAL	10	XVIII - 4	A - 7	A - 1	A - 1	B - 1	Um - 8
		XIX - 5	B - 2	B - 8	B - 9	C - 2	Dois - 2
		XX - 1	C - 1	C - 1			

Fonte: IPAC, 2002

Dos 11 municípios pertencentes ao Circuito Chapada Norte, somente 02 (18%) foram identificados como possuindo um patrimônio histórico e cultural de significativa importância. Nestes, foram levantados 10 (dez) bens históricos e culturais, dos quais somente 02 (20%) são tombados pelo IPHAN. De todos os bens apontados, 50% foram construídos principalmente no final do século XIX; 40% no século XVIII e somente 10% no início do século XX. Quanto às condições dos imóveis, em relação à estrutura portante na época do levantamento, a maioria (70%) foi considerada satisfatória; no interior, entretanto, 80% foram indicados em estado de preservação medíocre pelo Instituto; número que se repete no item de instalações e serviços (90%). Quando compara-se os dados do IPAC com a situação atual, percebe-se uma piora no estado de preservação, notadamente na Igreja de São Miguel das Figuras que está num evidente processo de deterioração.

²¹ Op cit. 2002.

Por fim, o grau de preservação mais recomendado pelo órgão à época de realização do inventário foi o de número um (80%), que indica proteção direta, ou seja, monumentos que devem ser conservados integralmente.

Tabela 3.4.4. Sítios arqueológicos no Circuito Chapada Norte

Município	Nome do Sítio	Tipo	Grau de Integridade	Uso Atual	Propriedade
Campo Formoso	Caldeirão	Lito-cerâmico	-	Plantio	Privada
	Carrasco	Lito-cerâmico	-	Plantio	Privada
	Jurubeba	Cerâmico	-	Plantio	Privada
	Zacarias	Lito-cerâmico	-	Plantio	Privada
Morro do Chapéu	Abrigo Cachoeira do Regato	Arte rupestre	-	-	-
	Abrigo Estrada/Morro Chapéu	Arte rupestre	-	-	-
	Abrigo da Pedreira da Lage	Arte rupestre	-	-	-
	Abrigo do Manelão	Arte rupestre	-	-	-
	Boqueirão do Brejo	Arte rupestre	-	-	-
	Encontro dos Rios	Arte rupestre	-	-	-
	Fazenda Sonhém	Habitação	-	-	-
	Fei da Serra	-	-	-	-
	Jaboticaba	Arte rupestre	-	-	-
	Lagoa da Onça	Cerâmico	-	-	-
	Lagoa Nova I	-	-	-	-
	Lagoa Nova II	-	-	-	-
	Maria Vermelha	-	-	-	-
	Rio Preto	Cerâmico	-	-	-
	Santa Úrsula	-	-	-	-
	Serra da Lagoa Velha	-	-	-	-
	Serra das Lages I	Arte rupestre	-	-	-
	Serra das Lages II	Arte rupestre	-	-	-
	Serra das Lages III	Arte rupestre	-	-	-
	Sítio do Poço da Quarana	Arte rupestre	-	-	-
	Toca da Lagoa da Velha	Arte rupestre	25% a 75%	-	-
	Toca da Serra Nua	Arte rupestre	25% a 75%	-	-
	Toca das Corças	Arte rupestre	25% a 75%	-	-
	Toca do Pintado	Arte rupestre	-	-	-
Piritiba	Boca da Mata I	-	-	-	-
	Boca da Mata II	-	-	-	-
	Roça do Gabriel	-	-	-	-
	Sítio	-	-	-	-
TOTAL	32	Arte rupestre - 15	25% a 75% - 4	-	-
		Cerâmico - 3			
		Lito-cerâmico - 3			
		Habitação - 1			

Fonte: IPHAN, 2002

Do patrimônio avaliado no Circuito Chapada Norte ganha destaque os Sítios Arqueológicos, existentes principalmente no município de Morro de Chapéu, que conta com 24 Sítios Arqueológicos catalogados no IPHAN (IPHAN, 2002) dos 32 existentes no

circuito. Do total de sítios, 15 (47%) estão relacionados à arte rupestre que são, em geral, pinturas situadas em formações rochosas e 09 (28%) identificam-se com resquícios de cerâmica. Dos que apresentaram uma avaliação do grau de integridade todos o apresentam entre 25% e 75%, ou seja, médio a elevado. Em geral, os sítios situam-se em propriedades privadas que desenvolvem atividades agrícolas nas proximidades das áreas arqueológicas.

Em relação ao fluxo atual de visitantes, quando em visita a campo identificou-se que apenas o Sítio Arqueológico da Pedra da Figura, em Utinga, apresenta um volume considerado elevado para os padrões existentes nos atrativos turísticos da Chapada Diamantina. De fato, a grande maioria do patrimônio histórico e cultural recebe um volume baixo de turistas, destacando-se a Igreja de São Miguel das Figuras em Jacobi-na, que quase não recebe visitantes. Tal fato decorre, sobretudo, pela dificuldade de acesso aos atrativos – porque a estrada está em condições precárias e/ou pela distância, o que acaba inviabilizando um fluxo maior de turistas.

Apesar de receberem um baixo volume de visitantes, uma parte significativa dos bens históricos e culturais do Circuito Chapada Norte tem despertado o interesse de visitantes nacionais e estrangeiros, embora ainda não se tenham registros quantitativos. Dentre estes destacam-se, novamente, os Sítios Arqueológicos que são, de fato, o grande diferencial em termos de potencial de atratividade histórico-cultural para a região.

Vale lembrar que até o momento não foram realizados nenhum projeto e/ou programa de manutenção ou restauro das áreas identificadas que, desta forma, não contam com uma estrutura de atendimento e já sofrem problemas de deterioração relacionados com a própria ação do tempo bem como com a forma de uso, dentre elas o turismo. Neste sentido, urge a necessidade de intervenção visando estruturar os atrativos diferenciais para a recepção de visitantes, com a instalação de infra-estrutura específica como trilhas, a sinalização turística e a educação ambiental, dentre outras.

3.4.1.1.2. Circuito do Diamante

A ocupação humana no Circuito do Diamante remonta ao início do período colonial, sendo a área integrante primitivamente da grande propriedade do Sargento-mor Francisco José da Rocha Medrado, que ali desenvolveu a criação de

gado.

Em 1818, Spix & Martius verificaram a possibilidade de ocorrência de diamantes na Serra do Sincorá, mas só em 1844, com uma descoberta casual, iniciou-se a lavra de diamantes no sítio de Mucugê. Naquele ano José Pereira do Prado, residente na Fazenda Cascavel, viajando pelas matas de Andaraí deparou com um córrego que deságua no Rio Combucas. Identificou, de imediato, os mesmos cascalhos que conhecia na Chapada Velha (atual Brotas de Macaúbas) e, recolheu, na mesma oportunidade, dois diamantes. Organizou, então, uma expedição de quatorze homens que retornou ao local em 26 de julho de 1844, para iniciar a lavra dos diamantes. Um de seus auxiliares, Pedro Antônio da Cruz, apelidado de Pedro Ferreiro, ao vender diamantes na Chapada Velha foi acusado de roubo e confessou a origem das pedras, o que provo-

cou uma grande corrida de garimpeiros para o local, surgindo, assim, o Povoado de S. João do Paraguaçu, conhecido posteriormente como Mucugê.

Assim, com a descoberta de “faisqueiras” e a partir deste núcleo inicial, seguindo o curso dos rios, expandiu-se rapidamente a mineração na região. Em 1845, são descobertos os ricos garimpos do Rio Lençóis, que despertaram imediatamente o interesse dos compradores de diamantes, instalados em Mucugê. Deslocaram-se para ali garimpeiros, vindos das lavras já em decadência de Minas Gerais, como: Tijuco e o Grão Mogol e da Bahia, como: Jacobina, Rio de Contas e Chapada Velha. Com estes, chegaram também comerciantes da Capital e senhores de engenho do Recôncavo, com seus escravos. A região floresceu até 1871 quando, com a descoberta de diamantes na África do Sul (1865), a cidade começou a decair levando à emigração dos garimpeiros para as faisqueiras de Salobro (Canavieiras)²².

Como testemunhas deste rápido período de elevado crescimento, existem na área, ainda, diversos monumentos históricos e culturais, destacando-se os situados nos municípios de Andaraí, Lençóis e Mucugê.

Tabela 3.4.5. Patrimônio histórico do Circuito do Diamante

Município	Monumento	Época	Condições			Estado Atual	Grau de Proteção Recomendado
			Estrutura Portante	Interior	Instalações e Serviços		
Andaraí	Cemitério da Piedade	XIX M	A	B	C	B	1
	Ig Matriz de N. Sra. do Rosário	XIX F	A	C	C	B	2
	Casa Pç. Aureliano Gondim 15	XIX F	A	B	C	C	1
	Sobrado à R. Joaquim Spínola	XX I	A	B	C	C	1
	Casa à Pç. Raul Dantas 9	XIX F	A	B	C	-	1
	Casa à Pç. Raul Dantas 4	XIX F	A	B	B	-	1
	Prefeitura Municipal	XIX F	A	B	B	-	1
	Casa à Pç. Aureliano Gondim	XX I	B	B	C	-	1
	Casa na Vila Rigoleto	XIX F	A	B	B	-	1
	Capela de São Sebastião	XIX M	B	B	C	A	1
	Loca do Bambulim	XIX M	-	-	-	-	1
	Loca do Bairro de Luís Santos	XIX M	-	-	-	-	1
Lençóis	Ig. Matriz N. Sra. do Rosário	XIX M	B	C	B	-	2
	Mercado Público Municipal	XIX F	A	B	C	B	1
	Ponte Sobre o Rio Lençóis	XIX M	-	-	-	-	1
	Casa à Rua Urbano Duarte 454	XX I	B	B	B	-	1
	Casa à Rua 7 de Setembro 880	XIX F	A	B	B	-	1
	Casas Populares Urbanas	XIX M	B	B	C	B	1
	Venda Popular	XIX F	B	C	B	B	1
	Casa à Rua dos Mineiros 817	XIX F	B	B	B	-	1
	Chalé à Av. Rui Barbosa	XIX F	B	B	B	-	1
	Prefeitura Municipal	XIX F	A	B	A	A	1
	Casa à Rua Miguel Calmon 315	XX I	A	B	B	-	1
	Ed. à Pç. Horácio de Matos 850	XIX F	B	B	B	-	1
	Ed. à Pç. Horácio de Matos 855	XIX F	A	B	B	-	2
	Ed. à Pç. Horácio de Matos 854	XIX F	B	B	C	-	2

Fonte: IPAC, 2002

²² IPAC. *Inventário Cultural do Patrimônio Cultural da Bahia*. CD-Rom. 2002.

Tabela 3.4.5. Patrimônio histórico do Circuito do Diamante - Continuação

Município	Monumento	Época	Condições			Estado Atual	Grau de Proteção Recomendado
			Estrutura Portante	Interior	Instalações e Serviços		
Lençóis	Ed. à Pç. Horácio de Matos 855	XIX F	A	B	B	-	2
	Ed. à Pç. Horácio de Matos 854	XIX F	B	B	C	-	2
	Sobrado R. 7 de Setembro s/n	XIX F	A	B	C	A	1
	Ed. à Pç. Horácio de Matos 849	XIX F	B	B	B	-	1
	Ed.Pç. Maestro C.Pacheco s/nº	XIX F	B	B	C	-	1
	Ed. à Pç. Horácio de Matos 852	XIX F	B	B	B	B	1
	Sobrado à Av. Rui Barbosa 827	XIX F	A	B	B	-	1
	Ed. à Rua Perilo Benjamin 166	XIX F	A	B	A	-	1
	Ex Vice Consulado da França	XIX F	A	B	B	A	2
	Casa à Rua Silva Jardim 791	XX I	B	B	B	-	1
	Casa da Lapidação	XIX F	A	A	B	-	1
Mucugê	Casa de Horácio de Matos	XX I	A	B	B	-	1
	Igreja Matriz de Santa Isabel	XIX M	A	B	C	B	1
	Cemitério de Santa Isabel	XIX F	-	-	-	A	1
	Casa na Pç. Cel. Propércio 87	XIX F	A	B	C	B	1
	Prefeitura Municipal	XIX F	A	B	B	-	1
	Casa à Rua Rodrigues Lima, 57	XIX F	B	B	C	-	1
	Ed. à Praça Cel. Propércio 80	XIX M	B	B	C	B	1
	Casa Rua Direita Comércio 138	XIX F	A	B	C	-	1
	Casa Rua Direita Comércio 140	XIX F	A	B	A	-	1
	Casa à Pç. Cel. Propércio 92	XIX F	A	B	A	B	1
	Casa à R. Rodrigues Lima 30	XIX F	B	B	C	A	1
	Ed. R.Direita do Comércio 104	XIX F	C	C	C	-	1
	Centro Cultural	XIX F	A	B	C	A	1
	Casa da Fazenda Mirantes	XX I	A	B	A	-	1
	Casa da Fazenda Casquilho	XIX F	B	B	C	-	1
Palmeiras	A Chácara	XIX F	B	B	B	-	1
	Casa de Joaquim G. Pinto	XX I	B	A	B	-	1
	Casa da Fazenda Poço	XIX F	A	B	C	-	1
Seabra	Igreja de N. Sra. da Conceição	XIX M	A	A	B	B	2
Município	Monumento	Época	Condições Físicas			Estado Atual	Grau de Proteção Recomendado
			Conjunto Arquitetônico	Espaços Livres	Edifícios Relevantes		
Andaraí	Centro Histórico de Igatu	XVIII e XIX	C	A	-	C	1
Lençóis	Comercial Vila de Lençóis*	XIX	B	A	B	B	1
Mucugê	Centro Histórico de Mucugê*	XIX	B	C	B	C	1
TOTAL	58	XVIII - 1	A - 29	A - 5	A - 5	A - 7	Um - 51
		XIX - 48	B - 22	B - 43	B - 25	B - 12	Dois - 7
		XX - 9	C - 2	C - 5	C - 22	C - 4	

Fonte: IPAC, 2002

Na área do Circuito do Diamante, 05 (56%) dos 09 municípios que o compõe apresentam um patrimônio histórico e cultural de importância significativa. Do total de 58 bens históricos e culturais identificados pelo IPAC, somente 02 (3,5%) são tombados pelo IPHAN, os centros históricos de Lençóis e Mucugê. Estes dois municípios, ainda, contêm 38 do total de 58 monumentos históricos e culturais, ou seja, 65%.

De todos os bens apontados a grande maioria (83% ou 48) foram construídos durante o século XIX; sendo o restante do início do século XX. Quanto às condições dos imóveis, em relação à estrutura portante na época do levantamento, 55% foi considerada satisfatória e 41% medíocres; no interior, entretanto, a grande maioria 81% foram indicados em estado de preservação medíocre pelo Instituto; valor que apresenta uma piora no item de instalações e serviços, com 48% sendo avaliados como medíocres e 42% como ruins. Comparando-se os dados do IPAC com a situação atual percebe-se que em alguns casos houve a deterioração no estado de preservação, como o ocorrido com a casa situada à Pça. Coronel Propérsio, em Mucugê; em outros manteve-se, e na maioria identificou-se uma melhoria, sobretudo nos citados em Lençóis. Tal fato ocorreu devido, entre outras coisas, à priorização da atividade turística no município o que acarretou em investimentos públicos e privados na preservação dos monumentos ainda existentes como, por exemplo, os decorrentes do Programa Monumenta/BID (maiores detalhes no sub-item 3.3.4.2. Projetos e Programas).

Tabela 3.4.6. Sítios arqueológicos no Circuito do Diamante

Município	Nome do Sítio	Tipo	Grau de Integridade	Uso Atual	Propriedade
Andaraí	Pictóglifos da Fazenda Roncador	Arte rupestre	25% a 75%	Criação de Animais	Privada

Fonte: IPHAN, 2002

Em relação aos Sítios Arqueológicos existentes no Circuito do Diamante, só identificou-se, segundo o IPHAN (2002), 01 no município de Andaraí. Tal sítio está relacionado à arte rupestre, apresentando um grau de integridade entre 25% e 75%, ou seja, médio a elevado. Neste caso, situa-se numa propriedade privada que desenvolvem atividades de criação de animais nas cercanias da área arqueológica.

Quanto ao fluxo atual de visitantes quando em visita a campo identificou-se que grande parte dos bens históricos e culturais situados na região do Circuito do Diamante apresenta um volume considerado elevado para os padrões existentes nos atrativos turísticos da Chapada Diamantina. Tal fato decorre, sobretudo, pela localização e pela facilidade de acesso aos atrativos pois ou estão situados na área urbana municipal – caso de Lençóis e Mucugê, ou próximo a ela – caso de Xique-Xique do Igatu, o que acaba facilitando um fluxo maior de visitantes. Ao mesmo tempo, levantou-se que uma grande maioria dos bens avaliados têm um fluxo de turistas internacionais. Novamente, ressaltam-se os Conjuntos Arquitetônicos e Paisagísticos – incluído aqui Xique-Xique do Igatu, que são de fato o grande diferencial em termos de atratividade histórico-cultural para a área objeto de estudo. Esta é, aliás, a área que mais recebe visitantes da Chapada Diamantina, pois além de suas características singulares possui uma excelente estrutura de atendimento, contando com equipamentos de hospedagem, de alimentação e de serviços ao turista em geral – como guias, informações, etc.

Em relação à implantação de projetos e/ou programas de manutenção ou restauro nas áreas identificadas, somente o Conjunto Urbano e Paisagístico de Lençóis teve um cuidado mais sistemático e permanente por parte do governo estadual. Desta forma, parte significativa de seu patrimônio encontra-se recuperado, sendo um grande diferencial turístico e de qualidade de vida para o município. Neste sentido, vale ressaltar

que tal projeto, apesar de ter como foco principal aumentar a atratividade turística do “portão de entrada” da Chapada Diamantina, acaba trazendo grandes benefícios à comunidade local, com a valorização de sua história e cultura e, consequentemente, recuperando o orgulho de seu passado.

3.4.1.1.3. Circuito do Ouro

Embora a região do Circuito do Ouro só tivesse sido ocupada como advento do ciclo da mineração, sua encosta, entre as nascentes dos rios de Contas e Paraguaçu, já havia sido doada por particulares no final do século XVII. Na segunda década do século XVIII, o bandeirante Sebastião Raposo descobriu ouro nas nascentes do Rio Brumado formando-se assim a Aldeia de Mato Grosso. Rio abaixo, os mesmos paulistas descobriram mais ouro no sítio da atual Cidade de Livramento, onde, surgiu uma povoação que, em 1724, se transformaria na Vila de Nossa Senhora do Livramento de Minas do Rio de Contas, transferida, vinte anos mais tarde para um novo local. Nos últimos anos do século XVIII, suas ricas jazidas de ouro se esgotavam. A descoberta, em 1844, de diamantes, na vertente oriental, deu novo impulso à região, fazendo surgir outras povoações. No final do século XIX a decadência se abate sobre a zona, situação que persiste até hoje. A maioria dos municípios deste circuito tem sua origem no termo da antiga Vila de N. Sra. do Livramento de Minas do Rio de Contas. Um pequeno número de municípios origina-se, porém, da antiga Freguesia de Urubu de Cima, desmembrada de Jacobina, em 1746²³.

Tabela 3.4.7. Patrimônio histórico do Circuito do Ouro

Município	Monumento	Época	Condições			Estado Atual	Grau de Proteção Recomendado
			Estrutura Portante	Interior	Instalações e Serviços		
Abaíra	Ig. de N. Sra. do Bom Sucesso	XVIII F	B	B	C	A	1
Jussiape	Igreja de N. Sra. da Saúde	XIX M	B	B	C	C	1
	Casa à Pç. Rodrigo A. Teixeira	XIX M	A	B	A	-	1
	Hotel Bonfim	XIX F	A	B	B	B	1
	Casa do Sobradinho	XIX F	A	B	B	-	1
Livramento de Nossa Senhora	Sobrado à Pç. da Bandeira 173	XIX M	A	B	A	-	2
	Sobrado à Rua do Areião 22	XIX F	A	B	C	-	1
	Açouguinto	XIX M	B	C	C	-	1
	Prefeitura Municipal	XIX M	A	B	B	-	1
	Casa à Rua do Fogo 19	XIX F	A	B	C	-	1
	Casa à Pç. da Bandeira 114	XIX M	A	A	A	-	1
	Capela de São Gonçalo	XIX I	B	B	C	-	2
	Casa da Fazenda Recreio	XIX M	A	A	B	B	1
	Casa da Lagoa	XIX M	B	B	C	-	1
	Casa da Fazenda Coqueiros	XIX M	B	B	C	-	1
	Casa da Fazenda Casa Grande	XIX M	B	B	C	-	1
	Casa do Barão	XIX M	B	B	C	-	1
	Casa de Antônio Gomes	XIX M	B	B	C	-	1

²³ IPAC. Inventário Cultural do Patrimônio Cultural da Bahia. CD-Rom. 2002.

Tabela 3.4.7. Patrimônio histórico do Circuito do Ouro - Continuação

Município	Monumento	Época	Condições			Estado Atual	Grau de Proteção Recomendado
			Estrutura Portante	Interior	Instalações e Serviços		
Paramirim	Sobrado Pç. Santo Antonio 74	XIX F	A	B	C	-	1
	Prefeitura Municipal	XIX F	A	B	B	-	2
Piatã	Igreja Matriz do Bom Jesus	XVIII I	A	B	C	B	1
	Capela de N. Sra. do Rosário	XVIII M	A	A	C	-	1
	Fazenda Curral de Varas	XIX F	B	B	C	-	2
Rio de Contas	Ig. Matriz do SS. Sacramento*	XVIII F	A	B	B	A	1
	Igreja de Sra. Santana*	XIX M	B	B	C	B	1
	Casa de Abílio César Borges*	XIX I	A	A	A	A	1
	Casa R. Barão de Macaúbas 57	XIX M	A	B	B	A	1
	Casa de Câmara e Cadeia*	XIX I	A	A	B	A	1
	Mercado Público Municipal	XX I	A	B	C	-	1
	Teatro São Carlos	XIX F	A	B	C	A	1
	Prefeitura Municipal	XIX F	A	B	B	A	1
	Casa à R. Barão Rio Branco, 40	XIX F	A	A	B	-	1
	Casa à Rua Silva Jardim 82	XX I	A	B	C	-	1
	Casa à R. B. do Rio Branco 12	XIX F	A	B	B	A	1
	Casa à Rua B. de Macaúbas 138	XIX F	A	B	C	-	1
	Sobrado R. 15 de Novembro 3	XIX I	A	B	B	-	1
	Sobrado R. 15 de Novembro 4	XIX I	B	B	C	-	1
	Ed. Rua Barão de Macaúbas 6	XIX I	B	B	C	A	1
	Casa à Praça Sen. Tanajura 37	XIX M	B	B	B	-	1
	Casa Rua 15 de Novembro 90	XVIII M	A	B	C	-	1
	Correios e Telégrafos	XIX F	B	B	B	A	2
	Igreja de Santo Antônio	XVIII I	B	C	C	B	2
	Casa da Fazenda Laranjeiras	XIX I	B	B	C	-	1
	Casa da Fazenda Gameleira	XIX I	B	C	C	-	2
	Pouso da Gameleira	XIX F	B	B	C	C	1
Município	Monumento	Época	Condições Físicas			Estado Atual	Grau de Proteção Recomendado
			Conjunto Arquitetônico	Espaços Livres	Edifícios Relevantes		
Rio de Contas	Centro Histórico*	XVIII e XIX	B	B	A	B	1
TOTAL	46	XVIII - 6	A - 26	A - 7	A - 5	A - 10	Um - 39
		XIX - 37	B - 20	B - 36	B - 14	B - 6	Dois - 7
		XX - 3		C - 3	C - 27	C - 2	

Fonte: IPAC, 2002

No Circuito do Ouro, 05 (62%) dos 08 municípios que o formam apresentam um patrimônio histórico e cultural de importância significativa, perfazendo um total de 46 bens históricos e/ou culturais. Destaca-se dentre os municípios da área objeto de estudo, o de Rio de Contas que, sozinho, possui 23 (50%) da oferta de bens históricos da região.

De todos os bens apontados, 80% foram construídos durante o século XIX e 13% no século XVIII. Quanto às condições dos imóveis, em relação à estrutura portante na época do levantamento, uma pequena maioria (56%) foi considerada satisfatória, sendo o restante (44%) apontados como medíocres; no interior, parcela significativa (76%) foram indicados em estado de preservação medíocre pelo Instituto; número

que piora no item de instalações e serviços com 14 (30%) sendo indicados como medíocres e 27 (59%) como ruins. Quando compara-se os dados do IPAC com a situação atual, percebe-se uma melhora geral no estado de preservação, principalmente naqueles situados em Rio de Contas como, por exemplo, o edifício do Teatro São Carlos.

Quanto ao grau de preservação apontado pelo órgão à época de realização do inventário, 85% foram indicados com o de número um, que recomenda proteção direta, ou seja, monumentos que devem ser conservados integralmente.

Em relação ao fluxo atual de visitantes, grande parte dos bens históricos e culturais situados na região do Circuito do Ouro apresenta um volume considerado elevado para os padrões existentes nos atrativos turísticos da Chapada Diamantina - note-se que todos estes encontram-se em Rio de Contas. Tal fato decorre pela localização e pela facilidade de acesso aos atrativos pois ou estão situados na área urbana municipal ou próximo a ela, o que acaba facilitando um fluxo maior de turistas.

Segundo o IPHAN (2002), não foram encontrados sítios arqueológicos na região do Circuito do Ouro.

Em relação ao tipo de visitante do patrimônio histórico e cultural do Circuito do Ouro, quando da visita em campo identificou-se que grande parte dos bens avaliados tem um fluxo de turistas internacionais, ainda que avaliado de forma não científica. Assim, ressalta-se novamente o município de Rio de Contas compreendendo-se, entretanto, que o conjunto regional perfaz um grande diferencial em termos de atratividade histórico-cultural para a área objeto de estudo.

Por fim, quanto à implantação de projetos e/ou programas de manutenção ou restauro nas áreas identificadas, destacam-se os já realizados em Rio de Contas que tiveram participação do governo federal, do estadual, do poder público municipal e da iniciativa privada. Desta forma, uma parte de seu patrimônio encontra-se recuperado, transformando a cidade num diferencial turístico de qualidade que proporciona a melhoria da qualidade de vida da população local através da valorização de sua história e cultura.

3.4.2. Projetos e Programas

Como já dito no decorrer deste capítulo, no Pólo Turístico Chapada Diamantina como programa implantado se destaca o Programa Monumenta, numa parceria entre União, Governo Estadual e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que visa a recuperação sustentável do patrimônio histórico urbano sob tutela federal e que na área objeto de estudo está restrito ao Centro Histórico de Lençóis.

Neste sentido, vale destacar-se que recentemente (27/06/2002) foi assinada mais uma etapa do programa que destina recursos para obras de restauração em Lençóis. Além da intervenção física, segundo Gonçalves²⁴, haverá recursos financeiros para serem

²⁴ Informações disponíveis em: <http://www.agecomba.gov.br>. Acesso em: 24/06/2002

aplicados na realização de inventários de bens móveis e imóveis, fortalecimento institucional, promoção econômica, cultural e artística, treinamento de agentes locais de cultura e turismo e programas educativos. Especificamente para Lençóis prevê-se a inversão de R\$ 2,5 milhões nos próximos 3 anos, sendo R\$760 mil para o restauro do Mercado Municipal – que vai abrigar serviços receptivos, da ponte sobre o Rio Lençóis e do prédio da prefeitura – que abrigará o Museu do Coronelato e o Museu das Pedras. O restante serão alocados para: (i) restauro de outros logradouros públicos (R\$ 550 mil); (ii) logradouros privados (R\$757 mil); (iii) projetos em geral (R\$ 250 mil); (iv) fortalecimento institucional (R\$ 31 mil); (v) promoção econômica, cultural e turística, com o estudo de viabilidade de um centro de convenções (R\$ 81 mil); (vi) o treinamento de agentes locais de cultura e turismo (R\$ 31 mil); e (vii) programas educativos (R\$ 31 mil).²⁵

É necessário ressaltar-se que o Programa Monumenta entende que a aplicação de recursos na recuperação de sítios históricos e conjuntos urbanos deve ser permeada por medidas econômicas, institucionais e educativas almejando, desta forma, a ampliação do retorno econômico e social dos investimentos do Programa, aplicando-os em sua conservação permanente e sustentável.

3.4.3. Conclusão

O desenvolvimento do turismo no Pólo Turístico Chapada Diamantina está ligado à sustentabilidade do meio no qual se desenvolve, compreendendo que para a atividade turística continuar crescendo na região necessitar-se-á de um planejamento que proteja a viabilidade a longo prazo, e a qualidade dos recursos que os viajantes vêm conhecer. Assim, manter os recursos, sua produtividade e biodiversidade e evitar mudanças irreversíveis ao meio ambiente e, ao mesmo tempo, assegurar ações dentro e entre gerações, são chaves para o desenvolvimento sustentável na área objeto de estudo.

Salienta-se que está implícito no conceito de sustentabilidade a noção da proteção dos recursos sócio-culturais, marginalizados na terminologia habitual de recursos, produtividade, biodiversidade e mudanças ambientais, estes são entretanto, elementos essenciais para o desenvolvimento equilibrado de atividades econômicas.

Neste sentido, Parker²⁶ observa que o turismo baseado em elementos culturais possibilita a geração de emprego e a equidade social, valorização da cultura receptora e a preservação ambiental, bem como provém a oportunidade de refletir o orgulho das comunidades em sua cultura podendo, ainda, ser um elemento de peso na economia local. Entretanto deve levar em conta a necessidade da determinação da capacidade de carga, para que este crescimento seja adequado às possibilidades de recepção existentes.

²⁵ MINC/ Monumenta BID. *Projeto Lençóis/BA: Resumo do Perfil do Projeto*. Abril de 2002. Pg. 42.

²⁶ PARKER, Barry. *Developing Aboriginal Tourism - Opportunities and Threats*. Tourism Management, Outubro de 1993, Pg. 400-404.

As recomendações para tratamento dos problemas identificados no patrimônio histórico e cultural foram fundamentadas na avaliação da evolução do tratamento do tema. Esta, por sua vez, foi baseada em pesquisas de fontes secundárias (IPHAN, IPAC etc.), primárias (visita aos locais e entrevistas com agentes da região) e em reuniões com as comunidades. Para melhor compreensão foram divididas por Circuito (Chapada Norte, Diamante e Ouro) e em recomendações gerais, entendendo esta última como pertinentes à toda a região. São as seguintes:

✓ **Circuito Chapada Norte**

- Estruturação dos Sítios Arqueológicos, preparando-os para a visitação turística;
- Implantação de infra-estrutura básica – acesso, saneamento e energia, na Vila Ventura;
- Criação de um Centro de Monumentação e Memória Regional; e

✓ **Circuito do Diamante**

- Recuperação do Patrimônio Histórico e Cultural, entendendo que uma parte já se encontra realizada necessitando, entretanto, do término do projeto, principalmente em Lençóis, Andaraí, Mucugê e Palmeiras;
- Implantação de infra-estrutura básica – principalmente abastecimento e saneamento no centro urbano de Mucugê, Andaraí e da Vila de Igatu; e
- Incentivos à preservação do Patrimônio Histórico e Cultural.

✓ **Circuito do Ouro**

- Recuperação do Patrimônio Histórico e Cultural, principalmente em Rio de Contas, que já possui uma parte recuperada mas necessita de sua ampliação; e
- Propaganda e marketing dos atrativos histórico-culturais regionais.

✓ **Gerais**

- Fortalecimento institucional do IPAC e das secretarias municipais, para que consigam gerir o desenvolvimento do turismo em áreas de patrimônio histórico e cultural;
- Capacitação e qualificação dos prestadores de serviços turísticos e dos gestores municipais, visando prepará-los para o turismo histórico-cultural; e
- Pavimentação ou melhoria dos acessos aos atrativos distantes dos centros urbanos;
- Inventário e avaliação do Patrimônio Histórico e Cultural não tombado, visando compreender sua importância para ações de recuperação;
- Manutenção dos Conjuntos Arquitetônicos e Paisagísticos já definidos pelo IPAC como significativos, determinando sua capacidade de carga e formas adequadas de manejo de turismo em centros históricos; e
- Recuperação e estabilização do Patrimônio Histórico da Chapada Diamantina.

3.5. Aspectos Sócio-ambientais

A caracterização sócio-ambiental apresentada neste capítulo buscou integrar aspectos físicos, bióticos e socioeconômicos das regiões investigadas, correlacionando-os com processo de ocupação observado, de modo a fornecer uma compreensão abrangente do espaço geográfico descrito.

O presente capítulo baseou-se em dados disponíveis nos Relatórios de Diagnóstico Ambiental das APAs Marimbus-Iraquara, Serra do Barbado, Gruta dos Brejões/Vereda do Romão Gramacho; Planos de Manejo das APAs Marimbus-Iraquara e Serra do Barbado; estudos mais específicos, como o Projeto Mapas Municipais (Morro do Chapéu) da Companhia de Pesquisa dos Recursos Minerais – CPRM; descrição de trilhas comumente utilizadas na região do Parque Nacional da Chapada Diamantina; vídeo documentário do Município de Rio de Contas; e em informações disponíveis na Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI.

Vale ressaltar que algumas regiões da Chapada Diamantina apresentam grande densidade de informações secundárias disponíveis, em decorrência dos diversos estudos já realizados. Entretanto, para grande parte da área que integra o Pólo Turístico Chapada Diamantina, verificou-se uma notada carência de estudos dirigidos para o devido conhecimento do substrato, caracterização florística e faunística da área objeto de estudo.

3.5.1. Aspectos Históricos da Ocupação

O desbravamento da Chapada Diamantina se deve aos bandeirantes portugueses e paulistas que penetraram terras antes desconhecidas para os colonizadores em busca da conquista e ocupação do interior, com o intuito de se encontrar e tomar posse de novas riquezas minerais.

O paulista Fernão Dias foi o maior responsável pelo surto minerador que tomaria conta do Brasil, já na segunda metade do século XVII. Fernão Dias descobriu esmeraldas na região serrana de Minas Gerais e seus companheiros encontraram o ouro, fatos estes que incentivaram a propagação das chamadas bandeiras.

Outros seguiram o caminho em busca de novas terras a procura de ouro e pedras preciosas, a exemplo de Raposo Tavares, na região de Rio de Contas, e João Coelho de Souza, na região de Morro do Chapéu. Em meados do século XVII, devido à atuação de Guedes de Brito, a região apresentava atividade pecuária que abastecia novas frentes de desbravamento, garimpos e povoados, interligados pela estrada boiadeira, construída entre Jacobina e Rio de Contas.

Rico em ouro de aluvião, o município de Rio de Contas viveu na segunda metade do século XVIII uma época de grande prosperidade econômica. Também datam desta época os casarões em estilo colonial, hoje tombados pelo patrimônio histórico. Toda essa prosperidade econômica experimentada pela região começou a decair já por volta do ano de 1800 com a escassez do ouro, agravando-se com a descoberta de diamantes na Serra do Sincorá quatro décadas depois.

Grande parte da população de Rio de Contas, que havia fundado a cidade, transferiu-se para Mucugê em busca de novas riquezas. A exploração do diamante começou após a expedição dos naturalistas alemães Spix e Martius, em 1820, que confirmaram o potencial diamantífero da Serra do Sincorá, levando centenas de garimpeiros para lá, com o intuito de intensificar a lavra do diamante.

Com a corrida do diamante, foram surgindo as cidades de Mucugê, Andaraí e Lençóis. Inicialmente desprezado pelos garimpeiros, a partir de 1871 o carbonado foi disputado a altos preços pelos países europeus, interessados em elementos resistentes para as máquinas e construções, que alavancaram a chamada Primeira Revolução Industrial.

Após vinte e cinco anos, observou-se o esgotamento da lavra na Chapada Diamantina, fato que provocou o desmoronamento de sua economia e a decadência das cidades.

Com a proclamação da República, a região da Chapada começou a ser disputada pelos Coronéis que intensificaram suas lutas pela posse da terra e pela hegemonia política. Assim, formaram-se exércitos de jagunços dispostos a defender os interesses dos patrões.

Um período de relativa paz marcou a passagem de comando dos coronéis a seus sucessores. Horácio de Matos, sobrinho de Clementino de Matos, estabelece a paz entre as famílias, sendo considerado o coronel mais temido e respeitado da Chapada Diamantina. Horácio de Matos notabilizou-se por meio do combate à Coluna Prestes, movimento originado da revolta de jovens oficiais contra os últimos presidentes da República Velha, que chegou em terras baianas no ano de 1926. Os comandados de Luís Carlos Prestes entraram na Bahia através da divisa com o Estado de Pernambuco, próximo à cachoeira de Paulo Afonso, atravessaram o Rio São Francisco e seguiram em direção ao sertão baiano.

O coronel Horácio de Matos foi o responsável pela organização do Batalhão Patriótico Lavras Diamantinas, que contava com cerca de 600 homens, e que de forma implacável perseguiu as tropas da coluna, expulsando-os da Bahia. Após a Revolução Constitucionalista de 1930 a região da Chapada Diamantina passou por um longo período de estagnação econômica.

A recuperação recente da região deve-se, em parte, ao desenvolvimento do turismo e à implantação de pólos de agricultura moderna. Na década de 1980, a Chapada Diamantina passou a figurar no roteiro ecoturístico nacional, inicialmente como um destino de aventureiros que buscavam na beleza cênica das paisagens e nos cursos d'água da região, refúgio, descanso e tranquilidade.

Assim, as serras, nas suas mais diversas formas, as mesas dos chapadões e os profundos vales minuciosamente entalhados, em muitos dos quais garimpa-se de forma rudimentar até os dias de hoje, o diamante, o carbonado e o ouro, tornaram-se atrativos para a realização de caminhadas, cavalgadas e acampamentos. Trilhas seculares, como a Estrada Real, também chamada de Estrada Boiadeira, e outras de âmbito local, passaram a ter um outro significado econômico, fazendo com que a região da Chapada Diamantina passasse a figurar como um dos principais destinos ecoturísticos do país.

Desta forma, os conjuntos arquitetônicos barrocos de grande importância histórica e cultural, situados nos municípios de Rio de Contas, Mucugê, Andaraí e Lençóis, a arquitetura da região de Iraquara e as ocupações rudimentares construídas em pedra e encravadas nas rochas, da região de Igatu, completam um cenário de grande potencialidade ecoturística.

3.5.2. Circuito Chapada Norte

3.5.2.1 Caracterização Geral

A região denominada Circuito Chapada Norte e os diversos municípios nela inseridos cobrem área superior a 10.000 km², distribuindo-se de forma alongada na direção norte-sul, estreitando-se para sul nas proximidades de Wagner e alargando-se para norte, desde terrenos da

APA Gruta de Brejões/Vereda do Romão Gramacho até Campo Formoso. Nesta região estão incluídas as terras altas da Serra da Jacobina da borda leste da Chapada Diamantina, o embasamento cristalino situado entre elas, parte dos depósitos carbonáticos de Irecê e Utinga e o altiplano de Morro do Chapéu.

Nas porções de menor altitude deste circuito ocorre o clima semiárido, quente, com chuvas na primavera e verão e período seco bem definido de inverno, com temperatura média superiores a 18°C, não havendo anualmente excedentes hídricos significativos. Nestas áreas ocorre a vegetação de caatinga, diferenciando-se a fechada, relacionada a zonas de ocorrência de latossolos e cambissolos oriundos de rochas Proterozóicas sedimentares detríticas e químicas, daquela aberta relacionada aos solos podzólicos desenvolvidos sobre o embasamento cristalino do Arqueano.

No extremo norte do Circuito Chapada Norte, nos municípios de Campo Formoso, Saúde e Jacobina ocorre clima tropical sub-úmido a seco, com chuvas de verão e estação seca no inverno, não apresentando também excedentes hídricos. A cobertura florística está representada pela caatinga fechada, floresta estacional e zonas de tensão ecológica. Esta variação na cobertura vegetal está diretamente relacionada ao clima e, por sua vez, com a variação altimétrica.

As áreas com altitudes superiores a 1000 m representam bolsões de clima tropical de altitude ou úmido a subúmido, com precipitações superiores a 1000 mm/ano, e temperaturas oscilando entre 18 e 22°C. Nestes locais a vegetação característica é o cerrado e o campo rupestre.

3.5.2.2 Uso do Solo

As limitações severas impostas pelas condições climáticas e qualidade do solo litólico e pedregulhoso de muito baixa fertilidade, desenvolvido sobre os quartzitos do Grupo Chapada Diamantina e Grupo Jacobina (rochas sedimentares detríticas proterozóicas), bem como do solo podzólico, em geral com severas restrições de uso, resultam em glebas de grande dimensão (latifúndios), na qual localmente observa-se agricultura de subsistência e pecuária extensiva pouco desenvolvida.

Merecem destaque as regiões de Saúde, no extremo norte, e Jacobina, no centro deste circuito, onde se observa maior desenvolvimento da pecuária e também da agricultura. Jacobina apresenta expressiva mineração de ouro, explorada pela empresa Mineração Ouro Velho, enquanto que Campo Formoso, reúne expressiva reserva de calcário, que é aproveitado em uma unidade industrial de fabricação de cimento (CISAFRA), jazidas de esmeralda exploradas através de lavra garimpeira, além de cromita (óxido de cromo).

Ourolândia configura-se como grande centro produtor de rochas ornamentais, utilizadas para revestimentos e pisos, sendo o principal produtor do mármore travertino denominado "Bege Bahia". Em Utinga ocorrem calcários dolomíticos, ricos em magnésio, já aproveitados há alguns anos para a fabricação de pó corretivo do solo. Merecem destaque também a agricultura em Morro do Chapéu, o cultivo de café e a extração de calcário em Wagner e as lavouras de café em Bonito.

3.5.2.3. Unidades de Conservação

As unidades de conservação existentes no Circuito Chapada Norte são a APA Gruta dos Brejões/Veredas do Romão Gramacho, o Parque Estadual de Morro do Chapéu e o Monumento Natural da Cachoeira do Ferro Doido.

A APA Gruta dos Brejões/Vereda do Romão Gramacho foi criada por meio do Decreto Estadual nº 32.487 de 1985, com o propósito de preservar a mais expressiva construção cárstica do Estado da Bahia e o seu conteúdo arqueológico. Apresenta área de 11.900 ha e uma população residente de 175 habitantes, distribuídos pelos povoados de Brejão das Grutas, Angicão e Morro Branco, além de fazendas da região, onde se observa a agricultura de subsistência e a criação de bovinos e caprinos. Esta população não é atendida por serviços de esgotamento sanitário e utiliza água de poços tubulares para o consumo diário. Observa-se que as cercas implantadas ao longo dos rios da região dificultam a migração da fauna aquática. Por outro lado, o uso freqüente destes corpos d'água para dessedentação de animais resulta na sua contaminação por coliformes fecais.

O seu conjunto espeleológico diversificado está totalmente inserido no domínio vegetal da caatinga e apresenta como principais destaques: o "canyon" do rio Jacaré, as grutas de Brejões e da Igrejinha, com suas respectivas ressurgências e as grutas da Couve-flor e Bocana, com seu conteúdo arqueológico de grande relevância.

Todo este patrimônio carece da realização de estudos espeleológicos e arqueológicos sistemáticos para sua melhor compreensão, bem como de programas de educação ambiental para moradores e turistas, evitando-se assim, a degradação de seus espeleotemas.

As áreas interiores do "canyon" e suas encostas verticalizadas pelo modelado cárstico apresentam grande sensibilidade ambiental em relação à suscetibilidade de degradação dos recursos hídricos, dos solos, da flora e da fauna. Observa-se, contudo, que tal vulnerabilidade a impactos negativos vai diminuindo em direção aos limites da poligonal da APA, suscitando, todavia, a elaboração e implantação de um plano de manejo que oriente os moradores locais sobre as necessidades de preservação do patrimônio natural e cultural da região.

O Parque Estadual de Morro do Chapéu possui 46.000 ha e tem por objetivo preservar o patrimônio natural representado pelas construções naturais ruiformes das áreas de maior altitude na região de Morro do Chapéu, bem como a vegetação de campo rupestre nele contida.

O Monumento Natural da Cachoeira do Ferro Doido, com uma área de 400 hectares, foi criado com o propósito de manter e conservar este acidente geográfico de rara beleza paisagística e o amplo vale de vegetação preservada no qual se insere.

Nas proximidades de Morro do Chapéu observa-se as cotas mais elevadas da região do Circuito Chapada Norte, superando os 1200 metros de altitude. É também nesta região que ocorrem os ecossistemas de cerrado e campos rupestres, onde o substrato predominantemente arenoso controla a densidade da vegetação. São áreas plenamente favoráveis à realização de caminhadas voltadas à contemplação dos ecossistemas citados, dada sua grande beleza cênica e características climáticas favoráveis a esse tipo de atividade.

3.5.2.4 Bacias Hidrográficas

Na região do Circuito Chapada Norte as bacias hidrográficas mais significativas são as dos rios Itapicuru, Jacuípe, Jacaré ou Vereda do Romão Gramacho e Salitre.

A bacia do rio Itapicuru drena área de 36.440 km², tem suas nascentes na região de Campo Formoso, Antonio Gonçalves e Jacobina, onde ainda é chamado Itapicuru-Açu e Itapicuru-Mirim, percorrendo cerca de 350 km até alcançar o litoral ao norte de Salvador, onde apresenta vazão de cerca de 14 m³/s. Ao longo de seu trajeto, banha terrenos de diversos municípios, sendo os mais importantes Queimadas, Tucano, Cipó, Itapicuru e Conde.

No trecho em que banha o Circuito Chapada Norte, observa-se atividade agropecuária leiteira e de corte, mineração e garimpo principalmente de esmeralda e ouro.

O rio Jacuípe tem suas nascentes no município de Morro do Chapéu, percorrendo aproximadamente 300 km até atingir o rio Paraguaçu, sendo o principal tributário

da margem esquerda. Neste percurso, banha terrenos dos municípios de Miguel Calmon, Piritiba, Riachão do Jacuípe e Feira de Santana. Suas nascentes foram objeto de intensa garimpagem para a obtenção de diamante e carbonado, atividade hoje paralisada devido à escassez de novas jazidas. No restante do trecho em que corta o Circuito Chapada Norte, observa-se pecuária extensiva, principalmente nas regiões de Dias Coelho e Piritiba.

O rio Salitre tem suas nascentes na região de Morro do Chapéu. Ao longo de seu trajeto de cerca de 230 km até afluir no rio São Francisco, recebe contribuições de cursos d'água da Serra da Babilônia e do Escorial, banhando pequenas povoações como a Várzea de Fora, Casa Nova, Brejo da Caatinga e Junco.

O rio Jacaré, ou Vereda do Romão Gramacho, se forma a partir da união de cursos d'água cujas nascentes situam-se na região de Barra do Mendes e Morro do Chapéu. Percorre cerca de 150 km até afluir no rio São Francisco em sua margem direita. Nesta bacia, no percurso inserido no Circuito Chapada Norte observa-se pequena atividade agrícola de subsistência, além de aproveitamento turístico.

Uma vez que não foram identificados estudos de enquadramento para os segmentos das bacias dos principais rios no Circuito Chapada Norte, será utilizado nesta avaliação o critério estabelecido no Artigo 20 da Resolução CONAMA 20/86, o qual estabelece que enquanto não forem realizados enquadramentos, as águas doces serão consideradas Classe 2²⁷. O rio Jacaré, no trecho em que atravessa a APA Gruta dos Brejões Veredas do Romão Gramacho, foi analisado em três diferentes pontos, resultando daí valores de enquadramento na classe 4²⁸.

3.5.2.5. Potencialidades Turísticas

Morro do Chapéu destaca-se no contexto turístico regional, sendo o único município detentor de estudos detalhados de diagnóstico e planejamento de desenvolvimento da atividade. Em suas terras ocorrem os principais locais de valor paisagístico com possibilidade de aproveitamento pelo turismo. Dentre estes locais, merecem destaque a Gruta dos Brejões, a Gruta da Igrejinha, a Fonte do Tareco, a cachoeira do Ferro Doido e do Agreste, a Vila do Ventura, o Centro de Pesquisas Ufológicas, os sítios arqueológicos de pinturas rupestres, a Ilha do Fiandres e a área urbana do município propriamente dita, com seu casario de grande valor arquitetônico, que retrata diferentes períodos da história da região, bem como o seu calendário de eventos culturais.

A Gruta dos Brejões situa-se no vale do rio Jacaré, no limite de Morro do Chapéu com João Dourado. A entrada principal apresenta altura de 125 m e largura de 60 m. Ao longo de seus 7,8 km de extensão, podem ser observados diversos espeleotemas, altar para cerimônias religiosas e locais de oferendas.

27 Classe 2 - Águas doces destinadas: (a) ao abastecimento doméstico, após tratamento convencional; (b) à proteção das comunidades aquáticas; (c) à recreação de contato primário (esqui aquático, natação e mergulho); (d) à irrigação de hortaliças e plantas frutíferas; (e) à criação natural e/ou intensiva (aquicultura) de espécies destinadas à alimentação humana.

28 Classe 4 - Águas doces destinadas: (a) à navegação; (b) à harmonia paisagística; (c) aos usos menos exigentes.

À Fonte de águas termais do Tareco são atribuídas propriedades medicinais. No local existem piscinas naturais e um balneário mantido pela prefeitura.

A Cachoeira do Ferro Doido tem seu nome atribuído por antigos garimpeiros, em razão da dificuldade de se trabalhar sobre os arenitos e o cascalho ali existentes. Apresenta queda de cerca de 80 metros de altura, oferecendo uma agradável experiência ao visitante, sobretudo nos períodos de cheias do rio homônimo.

A Vila do Ventura, distante cerca de 30 km da cidade de Morro do Chapéu, chegou a possuir população de cerca de 4000 habitantes, teatro e filarmônica próprios, configurando-se como o maior centro de produção de diamantes da região. Praticamente desabitada atualmente, restam ruínas do casario, a pequena igreja, o calçamento original em pedra e um casarão recentemente restaurado que retrata a sua importância histórica.

Na fazenda Formosa foram identificadas, no ano de 2000, figuras pré-históricas gravadas com a utilização de picoteamento e raspagem em lajedos de arenito, atribuindo-se à área a denominação de Sítio Arqueológico Lajedo Bordado. Na Cidade das Pedras, ou Lajes, às margens da BA-052, ocorrem curiosas formas de erosão e inúmeras pinturas rupestres.

A cidade de Morro do Chapéu, situada à cota de 1.012 m de altitude, possui atratividade turística em função de seu clima, estilos arquitetônicos e festas populares como a Festa de Reis, de Nossa Senhora das Graças e do Divino. Nela, situa-se a sede do Centro de Pesquisas Ufológicas Porto Cristal, onde há uma réplica de um disco voador.

Embora ainda pouco explorado, o modelado ruiforme do relevo presente nas altitudes superiores a 1200 metros existente nas proximidades da cidade, há possibilidade da realização de caminhadas em áreas de ocorrência de vegetação típica de campos rupestres e a observação de paisagens montanhosas de grande beleza cênica.

3.5.3. Circuito do Diamante

3.5.3.1. Caracterização Geral

A região denominada Circuito do Diamante reúne as cidades de maior expressão da Chapada Diamantina nos dias atuais, tendo o ecoturismo bastante difundido. Com área superior a 600 km², o Circuito do Diamante abrange as terras altas da Serra do Sincorá e as planícies carbonáticas da região de Iraquara e Itaetê.

Nas porções de menor altitude são diferenciados dois tipos climáticos distintos. A região de Iraquara, sob influência das serras altas do redor, apresenta clima subúmido a seco, com chuvas de outono e inverno/ primavera e verão apresentando pouco ou nenhum excedente hídrico. Nestas áreas, ocorre a vegetação de caatinga densa, com formações arbóreas de floresta estacional

decidua ao redor de Iraquara, relacionadas a zonas de ocorrência de Latossolos Vermelhos Escuros, oriundos de rochas carbonáticas do Proterozóico. Já a região de Itaetê, apresenta clima semi-árido, sem excedente hídrico, com chuvas de primavera e verão, observando-se precipitação anual superior a 1100 mm e temperatura média superior a 18°C. Nestas áreas também ocorre vegetação de caatinga densa e concentrações arbóreas de floresta estacional decidual, relacionadas a zonas de ocorrência de Latossolos Vermelhos Escuros.

Nas terras altas (altitudes entre 1000 e 1200 metros) prevalece o clima subúmido a seco, com chuvas no período da primavera e verão, sem excedente hídrico, e o clima tropical de altitude, com pequenos bolsões de maior altitude apresentando pequeno excedente hídrico e chuvas de outono e inverno. Nessas terras, predomina a vegetação de cerrado, desde o campestre, recobrimo os chapadões, até os cerrados arbóreos e cerradões com árvores de portes variados. Nos grotões entalhados nas encostas íngremes, formam-se bolsões de floresta estacional, observando-se ainda matas de encosta e de neblina.

As limitações severas impostas pelas qualidades do solo litólico e pedregulhoso de muito baixa fertilidade, desenvolvido sobre os quartzitos do Grupo Chapada Diamantina (rochas sedimentares detríticas proterozóicas), bem como as zonas rochosas desprovidas de solo garantiram a preservação de expressivas áreas nas regiões de terras altas. Na região de Iraquara, em áreas de ocorrência de latossolos vermelhos escuros, decorrentes da alteração de rochas carbonáticas do Grupo Bambuí - Formação Salitre, observa-se alguma regularização fundiária (minifúndios), e facilidades para obtenção de água do lençol freático cárstico, que nesta região apresenta baixa salinização, favorecendo seu aproveitamento para o consumo humano.

3.5.3.2. Uso do Solo

Dentre as culturas agrícolas do Circuito do Diamante, destacam-se o feijão, com cerca de 2.400 hectares plantados, e a mandioca e o café, com respectivamente 600 e 450 hectares plantados. Na região de Itaetê, onde não se verificam problemas entre a produção agrícola e o substrato cárstico sotoposto, a produção de mandioca é mais expressiva (750 hectares plantados), ocorrendo ainda cultura de feijão em área aproximada de 1.280 hectares. Itaetê figura entre os principais municípios produtores de lenha do Estado da Bahia, contribuindo com um volume de 239.190 m³ anuais de madeira, inexistindo na região práticas de manejo sustentáveis para esta produção, o que facilita a exploração desordenada e conseqüentemente o comprometimento ambiental.

A oeste/sudoeste de Mucugê, em região comumente denominada "gerais", estão implantados diversos projetos de irrigação com o emprego de pivô central, abastecidos por água bombeada do alto rio Paraguaçu. Esta região apresenta paulatino crescimento na produção de batata, café e feijão, assim como no trato da pecuária, suscitando do governo, a construção da Barragem do Apertado no mesmo curso d'água. As áreas produtivas de Mucugê encontram-se fora do perímetro do Parque Nacional da Chapada Diamantina, onde ocorrem latossolos amarelos de fertilidade baixa a moderada.

A pecuária nesta região é pouco expressiva, sendo Lençóis o município de maior produção, tendo seu rebanho concentrado em áreas externas ao Parque Nacional da Chapada Diamantina, nas proximidades de Tanquinho. É nesta região que se encontra um dos mais expressivos remanescentes arbóreos de floresta estacional, caracterizando-se como um dos principais conflitos ambientais da região.

3.5.3.3. Unidades de Conservação

As unidades de conservação existentes no Circuito do Diamante são: o Parque Nacional da Chapada Diamantina, criado pelo Decreto Federal nº 91.655/85, com o objetivo de preservar o espaço da Serra do Sincorá e suas belezas naturais; a Área de Proteção Ambiental Marimbus-Iraquara, instituída através do Decreto Estadual nº 2.216 de 14 de Junho de 1993, com o propósito de assegurar a sustentabilidade ambiental em consonância com o desenvolvimento do turismo na região, e o Parque Municipal de Mucugê.

A APA Marimbus-Iraquara apresenta área de 1.254 km², englobando porções das terras dos municípios de Iraquara, Seabra, Palmeira, Lençóis e Andaraí. Dentre os municípios da APA, somente Lençóis dispõe de rede de esgotamento sanitário e unidade de tratamento de efluentes em fase final de implantação. Nos demais municípios, são adotadas soluções individuais para o despejo dos efluentes.

A água para o consumo humano é captada nos mananciais superficiais da região, sendo tratadas as que abastecem os distritos e sedes. Utilizam-se ainda poços tubulares, principalmente na região de Iraquara, cujo manancial subterrâneo é alimentado por riachos como o Água de Rega, que apresenta elevado potencial para abastecer este município e outros vizinhos com água de excelente qualidade. Nesta região, o uso indiscriminado para irrigação de cultivos de hortaliças representa grande conflito ambiental, tendo em vista a natureza do sistema aquífero e a possibilidade de rápida infiltração de defensivos utilizados nas culturas e a conseqüente contaminação no lençol freático.

O zoneamento ecológico-econômico da APA definiu diversas zonas, agrupadas em três diferentes categorias, quais sejam: conservação, preservação e uso sustentável.

Na categoria de **Preservação** estão incluídas:

A **Zona de Preservação da Vida Silvestre** – ZPVS, cuja superfície representa 137,28 km², o que corresponde a 10,98% da superfície total da APA. Esta zona tem como propósito, reconstituir e manter a diversidade genética da flora e da fauna dos Marimbus, dos Campos Rupestres e dos Corredores de Biodiversidade;

A **Zona de Proteção Rigorosa** – ZPR, cuja superfície é de 64,34 km², correspondendo a 5,15% da superfície total da APA. Esta zona tem como propósito preservar áreas que reúnem expressivos e contínuos ecossistemas de floresta estacional em estágio médio e avançado de regeneração;

A **Zona de Proteção Permanente** – ZPP, cuja superfície representa 41,27 km²,

sendo correspondente a 3,30% da superfície total da APA. A ZPP tem como propósito preservar áreas com ecossistemas de mata ciliar, nascentes, lagoas, cachoeiras, cascatas e áreas permanentemente inundadas; e

A **Zona de Proteção de Cavernas** – ZPC, cuja superfície é de 158,26 km², o que corresponde a 12,66% da área da APA. Seu propósito é preservar a área onde ocorre o maior o adensamento de cavernas.

Na categoria de **Conservação** estão incluídas:

A **Zona Agroflorestal** – ZAF, cuja superfície abrange 217,06 km², ou seja, 17,36% da superfície total da APA. Esta zona tem como propósito conservar áreas com ecossistemas florestais de floresta a mata seca, cerrado, cerradão e caatinga, preservando a integridade destes ecossistemas onde há possibilidades para atividades de ecoturismo, cultivos típicos de sistemas agroflorestais e agrosilvicultura;

A **Zona de Controle da Paisagem** – ZCP, que possui uma superfície de 153,47 km², o que corresponde a 12,28% da área total da APA. O propósito desta zona é recompor e conservar as formações vegetais da bacia do rio Santo Antônio, localizado na região de Iraquara, e os campos rupestres próximos a Estiva; e

A **Zona de Proteção Visual** – ZPV, com uma superfície de 54,83 km², correspondendo a 4,39% do total da APA. Esta zona visa a preservar áreas de altiplanos onde se observam solos litólicos e vegetação de campos rupestres.

Na categoria de **Uso Sustentável** estão incluídas:

A **Zona de Agricultura** – ZAG, com uma superfície de 286,22 km², correspondente a 22,90% da superfície total da APA, e com o objetivo de atribuir parâmetros de uso sustentável para áreas de natural vocação agrícola;

A **Zona de Agricultura Restrita** – ZAR, cuja superfície representa 51,50 km² e corresponde a 4,12% da superfície total da APA, tendo como propósito preservar ecossistemas naturais em áreas frágeis atualmente submetidas ao cultivo agrícola;

A **Zona de Ocupação Controlada** – ZOC, que possui uma superfície de 29,72 km², o que corresponde a 2,38% da superfície total da APA. Esta zona tem como propósito orientar ocupações ao longo do vetores de crescimento de Lençóis na BA-850 e BR-242;

O **Núcleo Urbano de Apoio** - NUA, com uma superfície de 3,62 km², ou seja, 0,29% da superfície total da APA. Esta zona tem com objetivo orientar ocupações em áreas de ampla diversidade de ecossistemas em diferentes estágios de antropização;

A **Zona de Expansão Prioritária** – ZEP, cuja superfície representa 3,74 km², correspondente a 0,30% da superfície total da APA, tendo como propósito orientar as ocupações de áreas de elevado nível de antropização no entorno de Lençóis, Iraquara e distrito de Iraporanga;

O **Núcleo Urbano Consolidado** – NUC, que possui uma superfície de 1,25 km²,

correspondendo a 0,10% da superfície total da APA. Esta zona tem como propósito, orientar a revegetação de áreas livres de lotes ou glebas, privilegiando espécies nativas;

A **Zona Turística Especial** – ZTE, com uma superfície de 44,75 km², o que representa 3,58% da superfície total da APA. Esta zona visa à preservação de ecossistemas naturais de áreas dotadas de beleza cênica e ambientes próximos ao Distrito Espeleológico de Iraquara e corredeiras do rio Mucugezinho; e

A **Zona de Vila Turística** – ZVT, cuja superfície representa 2,73 km², uma área correspondente a 0,22% do total da APA. Esta zona tem como propósito orientar a preservação e revegetação do ambiente serrano antropizado na região do Barro Branco no município de Lençóis.

3.5.3.4. Bacias Hidrográficas

Na região do Circuito do Diamante a bacia hidrográfica mais significativa é a do rio Paraguaçu, seguindo-se as sub-bacias de seus principais tributários, quais sejam: rio Santo Antônio, São José, Bonito e Utinga. Nesta região, observa-se grande quantidade de rios e riachos, cujas nascentes relacionam-se aos grotões entalhados na Serra do Sincorá.

A Bacia do rio Paraguaçu drena uma área aproximada de 55.000 km² tendo sua nascente no município de Barra da Estiva, percorrendo cerca de 380 km até desaguar nas águas da Baía de Todos os Santos. No alto curso do rio, este drena uma área de 12.860 km², apresentando vazão de 24,11 m³/s(valor tomado no posto de medições situado no município de Andaraí). Nesta região, os principais usos da água são o de abastecimento doméstico, agricultura irrigada e mineração. Uma vez que não foram identificados estudos de enquadramento para este segmento da bacia do rio Paraguaçu, será utilizado nesta avaliação o critério estabelecido no Artigo 20 da Resolução CONAMA 20/86, o qual enquadra, as águas doces não avaliadas como de Classe 2.

As atividades agrícolas predominam na região do alto rio Paraguaçu, desenvolvidas principalmente nos municípios de Mucugê e Ibicoara, alavancadas pela implantação da Barragem do Apertado. Destaca-se a possibilidade da implantação de projetos de irrigação, sendo que 70,2% das terras são ocupadas pela agricultura, e 27,3% pela pecuária. Entre as culturas destacam-se o cultivo de alho, tomate, feijão, milho, mamona, mandioca e, mais recentemente, o café e a batata. Observa-se também a atividade de garimpagem rudimentar, principalmente após os períodos de chuva nas cavidades existentes em meio às rochas nos leitos dos riachos dos diversos municípios da região.

Garimpos mecanizados paralisados, existentes principalmente no curso do rio São José, ainda disponibilizam grande quantidade de sedimentos naturalmente fixados nos aluviões, resultando em expressivos acúmulos de areia às margens de seu curso. Próximo à ponte do rio Paraguaçu sobre a cachoeira da Donana, observa-se extensa praia formada por sedimentos trazidos com fortes enxurradas desde os garimpos abandonados, tornando a área ponto de visitação e banho.

Na região de Iraquara, a fragilidade do substrato cárstico e o emprego demasiado

de defensivos agrícolas e fertilizantes é preocupante, tendo-se em vista a rápida infiltração das águas pluviais, até o nível freático. Estes, muitas vezes são representados por rios subterrâneos, o que aumenta os riscos de contaminação. Faz-se necessária, portanto, a adoção de medidas de monitoramento do uso de defensivos e fertilizantes, bem como da qualidade do manancial subterrâneo, utilizado para o abastecimento humano em diversos locais da região.

Outro aspecto preocupante nesta região é o trânsito constante de veículos pesados, que utilizam estradas asfaltadas pouco movimentadas para o transporte de grãos, gerando vibrações e pequenos tremores capazes de desestabilizar e danificar espeleotemas do interior das grutas sotopostas.

3.5.3.5. Potencialidades Turísticas

Toda o Circuito do Diamante reúne atributos naturais de grande valor para o ecoturismo. A Serra do Sincorá, com suas estruturas geológicas Proterozóicas de grande destaque topográfico e seus vales profundos entalhados no chapadão, possui cachoeiras, corredeiras e *canyons*, acessíveis por meio de trilhas, representando, portanto, um grande atrativo para ecoturistas e praticantes de esportes radicais. Assim, Palmeiras, Lençóis, Mucugê, Andaraí e Ibicoara reúnem as trilhas mais conhecidas e utilizadas atualmente.

O pantanal dos Marimbus, com área aproximada de 2.800 ha, situado a leste da cidade de Lençóis, resultante do natural represamento das águas dos rios Santo Antônio e Utinga, configura-se como excelente local para a prática da pesca esportiva e passeios em embarcações movidas a remo, uma vez que é vetado o uso de motores nesta área. Em suas águas ocorrem tucunarés, cumbás, curumatás, bagres, jacarés e sucuris, entre outros animais. Destaca-se contudo, que a prática da pesca esportiva deve ser permanentemente monitorada, obedecendo à critérios técnicos de capacidade de carga dos recursos naturais, para que não ocorra um sobre uso de tais recursos, o que certamente acarretaria impactos naturais negativos à região e à atividade turística de forma geral.

Na região de Iraquara, o turista se depara com o provável maior complexo cárstico do país, reunindo número superior a 150 grutas, algumas delas devidamente mapeadas por espeleólogos experimentados da região e de Minas Gerais. Há também ingrunamentos de rios e surgências de rara beleza, muitas delas de fácil acesso.

O município de Ibicoara oferece como atrativos, caminhadas através de trilhas que conduzem ao Campo Redondo e ao Espalhado, locais muito propícios para o banho nas cachoeiras do Buracão e do Ouricuri.

Desta forma, verifica-se a notória vocação turística deste circuito, que possui inúmeros atrativos naturais de grande valor. Entre estes, merecem destaque a Cachoeira da Fumaça, com aproximadamente 400 metros de queda livre, de onde se tem ampla visão do Vale do Rio Capivara; a Gruta da Pratinha, onde ocorre volumosa surgência de curso d'água subterrâneo; o Salão das Areias Coloridas, produto da alteração de conglomerados constituídos de seixos de composição e

cores variadas; os Morros do Pai Inácio, Morrão e do Camelo, verdadeiros cartões postais da região; e o Poço Encantado, com seus 60 metros de profundidade e vários tons de azul provocados pela luz que penetra a gruta por estreita fenda durante alguns meses do ano. Soma-se aos atrativos naturais supracitados, todo o conjunto arquitetônico histórico da região, sobretudo àquele presente nos municípios de Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras, o que corrobora a vocação turística do Circuito do Diamante.

3.5.4. Circuito do Ouro

3.5.4.1. Caracterização Geral

Na região do Circuito do Ouro está inserida a cidade de Rio de Contas, município de grande valor histórico e cultural. Os primeiros habitantes da região de Rio de Contas foram escravos alforriados que se reuniram no Arraial dos Crioulos. No início do século XVIII, com a chegada de bandeirantes interessados em novas regiões de exploração do ouro, um novo arraial (hoje chamado de Mato Grosso) foi fundado, atraindo os padres jesuítas, colonos e garimpeiros para a região. Em 1746, o arraial dos Crioulos passou a chamar-se Vila Nova de Nossa Senhora do Livramento das Minas do Rio de Contas e finalmente Rio de Contas.

Rio de Contas reúne expressivo conjunto arquitetônico tombado pelo patrimônio histórico, o qual inclui edifícios da segunda metade do século XVIII, destacando-se a Igreja do Santíssimo Sacramento, a Igreja Nossa Senhora de Santana (a igreja de pedras) e a Casa de Câmara e Cadeia, temida prisão baiana à época da escravidão, também utilizada pelos senhores da época como posto de coleta do Quinto (imposto cobrado dos mineradores do ouro). O teatro, museus, a casa da cultura, o casario com detalhes em alto relevo e o calçamento original das largas ruas e avenidas confirmam ser esta uma das primeiras cidades planejadas do Brasil, em 1745, durante o ciclo extrativista do ouro.

O Circuito do Ouro engloba uma área de cerca de 5.000 km², na qual estão localizados os pontos de maior elevação do Estado da Bahia, inseridos nas serras da Tromba, do Barbado, da Mesa, da Itubira, de Rio de Contas, das Crioulas e da Curiroba.

Este contexto serrano, semelhante, em origem e composição, àquele da região do Circuito do Diamante, apresenta grande movimentação tectônica, desenvolvendo cristas pontiagudas como as dos picos das Almas, da Itubira e do Barbado, observando-se fendas profundas, donde brotam águas cristalinas que vão formar os riachos e rios de altiplanos preservados da região. Contrariando esta paisagem, registra-se a janela estrutural e erosiva da região de Abaíra e Jussiape, onde ocorrem rochas da base de toda esta espessa coluna sedimentar/vulcânica que constituem o embasamento cristalino. Estas regiões deprimidas de Abaíra e Jussiape apresentam clima semi-árido de caatinga, com chuvas de verão, sem excedente hídrico, com taxas pluviométricas anuais de cerca de 1100 mm e

temperaturas médias superiores a 18°C. Nestas terras registra-se a ocorrência de Latossolos Vermelhos resultantes da decomposição de rochas granitóide.

Nas regiões de maior expressão topográfica (região de encostas e altiplanos) ocorre o clima tropical de altitude, com chuvas no verão e seca no inverno, com pouco ou nenhum excedente hídrico e temperaturas inferiores a 18°C nos meses mais frios. Nestas áreas, as rochas sedimentares detríticas e vulcânicas do Proterozóico Médio deram origem a solos álicos e pedregosos de baixíssima fertilidade, portanto rapidamente exauridos e abandonados nas áreas agricultadas. Ocorrem localizados maciços de floresta estacional em estágio médio e avançado de regeneração, grotões rochosos com mata de galeria e vegetação de campos rupestres bem preservados, observando-se aí, uma flora com elevada diversidade segundo o Royal Botanic Garden de Kew - Inglaterra, tendo sido identificadas mais de 1100 espécies, das quais cerca de 100 antes desconhecidas.

3.5.4.2. Uso do Solo

Na região do Circuito do Ouro registra-se o maior número de ocorrências, garimpos e minas de ouro de pequeno porte do Estado da Bahia, com destaque para as minas de Lavra Branca, Morro do Fogo (município de Rio de Contas), Valoa (município de Érico Cardoso) e Anaguinha (em Catolés, município de Abaíra).

A pecuária extensiva é pouco expressiva neste circuito e está relacionada a pastagens nativas de fazendas situadas nas extensas pradarias de relevo plano do Vale do Rio Brumado, assim como no interior da sinclinal da Serra da Tromba.

Observa-se denso cultivo de cana-de-açúcar na forma de minifúndios e a farta produção da cachaça, tornando a região tradicional pólo produtor deste produto. Há também produção de mandioca e feijão, este último somente em Jussiape.

No distrito de Mato Grosso, povoado constituído por descendentes de portugueses, situado cerca de 1500 m acima do nível do mar ao norte de Rio de Contas, ocorrem manchas de solos oriundos de rochas ígneas da mesma filiação dos basaltos, o que possibilita o cultivo de café e hortaliças que abastecem parcialmente a região. O plantio se estende ao longo da encosta dos morros, em patamares trabalhados pelo homem, lembrando a agricultura de povos europeus.

3.5.4.3. Unidades de Conservação

A unidade de conservação existente no Circuito do Ouro é a APA da Serra do Barbado, instituída através do Decreto Estadual nº 2.183 de 7 de Junho de 1993. Esta UC tem o propósito de assegurar a preservação dos maciços de maior elevação do Estado da Bahia e a sustentabilidade ambiental em consonância com o desenvolvimento do turismo na região. A APA apresenta uma área de 636 km² e um perímetro de 123 km, englobando toda terra situada acima da cota 1400 m e abrange área dos municípios de Abaíra, Érico Cardoso, Jussiape, Piatã, Rio de Contas e Rio do Pires.

Os diversos distritos rurais e distritos sede dos municípios da APA são

desprovidos de esgotamento sanitário. A água para o consumo humano é captada nos mananciais superficiais da região, sendo tratadas aquelas que abastecem os distritos sede. O manancial subterrâneo é do tipo fissural, pouco conhecido pelos órgãos de fiscalização, devido ao seu pequeno aproveitamento. Todavia, supõe-se que contenha água de excelente qualidade devido ao elevado grau de conservação dos ecossistemas da APA e a natureza predominantemente arenosa das rochas da região.

O plano de manejo da APA Serra do Barbado aponta os principais conflitos ambientais identificados em seu perímetro, a saber:

- Contaminação de rios com o mercúrio utilizado por garimpeiros e empresas de mineração (Catolés de Cima - município de Abaíra);
- Erosão e degradação de solos devido a atividades agrícolas em zonas de topografia muito íngreme;
- O desmatamento para produção de lenha/carvão que somando os volumes dos diversos municípios integrantes da APA totaliza cerca de 90.000 m³/ano;
- O fogo decorrente de queimadas praticadas com o intuito de renovar brotos de capim nativo, ou mesmo para abrir acesso a locais de coleta de flores, e a inexistência de estrutura capaz de combatê-lo; e
- A coleta comercial de mudas de orquídeas (na região ocorrem espécies ainda não catalogadas) e cristais transformados em peças de artesanato em outras regiões do país.

O zoneamento ecológico-econômico da APA criou diversas zonas distribuídas em três diferentes categorias denominadas Conservação, Preservação e Uso Sustentável.

Na categoria de Preservação estão incluídas:

A **Zona de Preservação da Vida Silvestre** – ZPVS, tem como propósito a proteção de ambientes essenciais para a manutenção do equilíbrio ecológico de diversas espécies da fauna e flora; e

A **Zona de Proteção Rigorosa** – ZPR, criada em decorrência da necessidade de preservar áreas de cotas mais altas que reúnem expressivos ecossistemas de campos rupestres.

Na categoria de Conservação está incluída:

A **Zona de Controle da Paisagem** – ZCP, tendo como propósito, conservar áreas com ecossistemas de pastagens nativas entrecortadas por inúmeros riachos, orientando o aproveitamento agrícola com cultivos de subsistência e minerações de ouro e blocos de rochas ornamentais e quanto ao emprego de mercúrio e desmatamentos.

Na categoria de Uso Sustentável estão incluídas:

A **Zona de Agricultura** – ZAG, com o propósito de orientar os proprietários de fazendas da região com matas de galerias e ciliares, evitando a realização de queimadas e ocupação de áreas de encostas íngremes;

A **Zona de Agricultura Restrita** – ZAR, tendo como propósito preservar ecossistemas naturais em áreas frágeis atualmente submetidas ao cultivo agrícola convencional onde ocorrem solos de baixa a baixíssima fertilidade e também o emprego de fertilizantes químicos e pesticidas nas lavouras;

O **Núcleo Urbano Consolidado** – NUC, criado com o propósito de definir parâmetros de parcelamento e ocupação do solo urbano, de forma integrada com a tradição urbanística do núcleo e da paisagem natural;

A **Zona de Vila Turística** – ZVT, criada com o propósito de orientar o planejamento de projetos de uma Vila Turística de Montanha, dirigida para a região de Catolés (Abaíra) e Mato Grosso (Rio de Contas); e

A **Zona de Expansão Prioritária** – ZEP, criada com o propósito de definir parâmetros de parcelamento e ocupação integrados com a tradição urbanística do núcleo e da paisagem natural.

3.5.4.4. Bacias Hidrográficas

Na região do Circuito do Ouro a bacia hidrográfica mais significativa é a do Rio de Contas, que drena cerca de 55.334 km². O rio de Contas tem sua nascente no município de Piatã, no interior da sinclinal da Serra da Tromba, prolongando-se até o Oceano Atlântico, com sua foz na cidade de Itacaré (Pólo Turístico Costa do Cacau), percorrendo aproximadamente 450 km. Ainda no município homônimo, apresenta vazão de cerca de 1,76 m³/s, chegando a cerca de 100 m³/s próximo à sua foz.

No alto curso do rio de Contas, seus principais afluentes são os rios Brumado, das Furnas e o Água Suja. Destes, somente o rio Brumado tem suas nascentes no interior da APA da Serra do Barbado, nas proximidades do Pico das Almas. Uma vez que não foram identificados estudos de enquadramento para este segmento da bacia do rio de Contas, será utilizado nesta avaliação o critério estabelecido no Artigo 20 da Resolução CONAMA 20/86, o qual enquadra, as águas doces não avaliadas como de Classe 2.

Neste compartimento da bacia hidrográfica do Rio de Contas, já se verificam conflitos de uso da água para projetos públicos de irrigação, desenvolvidos pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS, no rio Brumado e projetos privados em Dom Basílio.

3.5.4.5. Potencialidades Turísticas

Assim como os outros dois circuitos do Pólo Turístico Chapada Diamantina, o Circuito do Ouro reúne atributos naturais de grande valor para o ecoturismo. Há no circuito a possibilidade de realização de diversas trilhas com características diferenciadas, sendo as mais significativas descritas a seguir:

A **Estrada Real**, no trecho em que liga Livramento de Nossa Senhora a Rio de Contas, com seu calçamento original em blocos de quartzitos, possibilita reviver o passado histórico da ocupação da região e a proximidade com a cachoeira do rio Brumado.

A caminhada para o **Pico das Almas**, que possibilita ao turista um contato direto com a vegetação mundialmente conhecida do local, e a visualização de todo o amplo vale aonde se insere o distrito sede de Rio de Contas. Esta trilha inicia-se na Fazenda Brumadinho, estendendo-se até o ponto culminante do pico das Almas, com trechos de dificuldade média a alta.

A visita ao **Poço das Andorinhas** permite ao visitante um contato direto com a mata de galeria, comum nos grotões, e diversos poços naturais para banho. Caminhada de difícil acesso, devendo ser realizada com o monitoramento de guia experiente. Partindo-se do distrito de Arapiranga, segue-se na direção norte através do caminho que leva a Catolés, perfazendo um total de 6 km de extensão.

A **Trilha da Serra do Barbado** leva o visitante ao ponto culminante do nordeste do Brasil. Partindo-se de Piatã, segue-se de carro até o distrito de Catolés. A partir deste ponto, em veículos de campo, chega-se a Catolés de Cima, de onde se observa o Pico do Barbado. Segue-se, então a pé ou em montaria, por uma pequena trilha que leva ao povoado de Contagem, distante cerca de 12 km, passando-se também pelo riacho da Forquilha.

Partindo-se do povoado de Mato Grosso no sentido norte, chega-se à região de Lavra Velha, onde se instalou o bandeirante Raposo Tavares, numa das principais ocorrências de ouro da região. No acervo da Casa da Cultura tem-se registros de recolhimento do "quinto", imposto cobrado dos mineradores àquela época, de cerca de 15 arrobas. O ponto de contemplação situado a nordeste do povoado de Mato Grosso, possibilita de uma só vez a visualização da seqüência de serras alinhadas até a Serra do Sincorá no Circuito do Diamante. A cachoeira da Michilana, o Poço das Andorinhas e a famosa cachoeira do Fraga completam este ambiente de singular beleza cênica.

Visitas a antigas catas de ouro, como eram chamadas as galerias abertas nas rochas por escravos trazidos pelos bandeirantes portugueses e paulistas, remetem o observador ao passado do Brasil Império. Dentre elas pode-se destacar a Mina da Beta (coord. UTM 822426/8510735) e o Garimpo da Lavra Branca (coord. UTM 815837/8519473) no município de Érico Cardoso, Garimpo da Silvina (coord. UTM 94973/8497641) e Lavra Velha (coord. UTM 194268/8498066) no município de Rio de Contas, acessíveis através de veículos de campo e curtas caminhadas.

Dotada de rodovias de acesso asfaltadas, resort, diversas pousadas e hospital, Rio de Contas, e conseqüentemente o Circuito do Ouro, vem experimentando nos últimos anos um crescimento paulatino como um destino ecoturístico em âmbito nacional. Assim, observa-se que gradativamente os atrativos e serviços turísticos do Circuito do Ouro vem sendo melhor estruturados, de modo a compor efetivamente um produto turístico e ganhar maior notoriedade no mercado de destinos ecoturísticos do Brasil.

3.5.5. Conclusão

A Chapada Diamantina, pelos diversos atributos naturais e culturais apresentados, reveste-se de grande potencial para o ecoturismo, bastante difundido na região de Lençóis, Andaraí, Mucugê e Rio de Contas.

As recomendações abaixo propostas visam, sobretudo, ao desenvolvimento sustentável da região, gerando benefícios para os visitantes e para as comunidades diretamente relacionadas à atividade turística. São as seguintes:

- ✓ Devido à limitação da capacidade de carga de muitos dos atrativos naturais da região, característica intrínseca deste tipo de atrativo, há necessidade premente que sejam elaborados estudos mais aprofundados acerca dos impactos negativos que a visitação pública vem acarretando a estes ambientes, com vistas à manutenção da qualidade ambiental e paisagística destes sítios. Um exemplo bem sucedido de ordenamento da visitação aos atrativos naturais ocorreu no Morro do Pai Inácio no município de Palmeiras, transformado recentemente em Parque Municipal pelo poder público municipal. Há cerca de dois anos a área vem sendo monitorada pelo Grupo Ambientalista da Bahia - GAMBA, em convênio com o Centro de Recursos Ambientais do Estado da Bahia. Em decorrência da atuação do grupo, limitou-se em trinta o número máximo de visitantes no topo do morro, demonstrando-se efetivamente, portanto, a possibilidade de regulamentação do uso dos atrativos naturais de forma racional, o que pode reduzir os impactos negativos do turismo nestes ambientes, contribuindo para que o turismo se desenvolva sobre alicerces ambientalmente sustentáveis.
- ✓ Neste mesmo sentido, é necessário empreender um amplo programa de educação ambiental para capacitação de recursos humanos, para que estes possam inserir-se na atividade turística de forma ativa e com foco na preservação dos atributos naturais e culturais do Pólo Turístico Chapada Diamantina.
- ✓ Por parte do poder público, faz-se necessária a manutenção e limpeza das trilhas, no sentido de viabilizar e facilitar o acesso dos visitantes, sinalizando, obviamente os trechos de maior perigo. Assim, considera-se de suma importância, a implantação de um programa de interpretação ambiental, com sinalização indicativa e interpretativa informando ao turista os diversos aspectos singulares da área visitada.

- ✓ A implementação do Plano de Desenvolvimento Participativo e Sustentável para o entorno do Parque Nacional da Chapada Diamantina, o qual abrange uma faixa de 10 km no seu entorno deverá nortear a ocupação e uso do solo, consolidando a preservação do patrimônio natural.
- ✓ A região de Iraquara deverá ser objeto de planejamento para a criação e implantação de programa de monitoramento dos impactos nos recursos naturais. Nesta região, o aquífero freático detectado em cavernas e dolinas é constantemente ameaçado pelo uso demasiado de defensivos agrícolas nas culturas da região. Desta forma, faz-se necessária a realização de ampla campanha de divulgação e orientação dos proprietários rurais da região, no sentido de redirecionar a produção para culturas menos exigentes, adequar a quantidade de insumos utilizada e preservar o manancial subterrâneo qual se servem.
- ✓ A implantação da Barragem do Apertado eliminou os conflitos de uso da água na região do Alto Paraguaçu. Entretanto, o crescimento experimentado pela agricultura naquela região implica em aumento da demanda por água, merecendo por parte das instituições governamentais um criterioso gerenciamento dos recursos hídricos superficiais e monitoramento do uso de defensivos e fertilizantes que de algum modo retornaram aos mananciais superficiais e subterrâneos.
- ✓ Deverá ser estimulada a criação de convênios e parcerias entre universidades, prefeituras municipais da região, instituições governamentais e organismos financeiros, no sentido de realizar estudos científicos voltados ao incremento do turismo na Chapada Diamantina, privilegiando áreas pouco visitadas atualmente como Morro do Chapéu, Ibicoara, Piatã, bem como aquelas já conhecidas nos diversos roteiros da região. Assim espacializa-se a pressão exercida pela visitação aos atrativos turísticos, que tende, frequentemente, a concentrar-se em torno dos sítios mais expressivos do ponto de vista paisagístico e mais conhecidos pelos turistas.

3.6. Capacidade Institucional – Municipal

Neste capítulo visa-se avaliar qual a capacidade institucional dos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina para gerir o PRODETUR/NE II. Entende-se que a capacidade institucional de um município - enquanto esfera do poder público mais próxima do cidadão se expressa no âmbito da direção, gerência, administração e controle nas diferentes áreas de intervenção abrangidas por um programa de desenvolvimento no formato do PRODETUR/NE II.

Esta avaliação deverá ainda, dar base para a montagem de critérios/indicadores para aferição da capacitação institucional dos municípios pertencentes à área objeto de estudo. Para tanto, o capítulo foi dividido em três partes: (i) de capacidade de planejamento e implementação de políticas dos municípios; (ii) de capacidade de administração/gestão dos municípios; e (iii) de capacidade de gestão de exploração das atividades turísticas.

As fontes dos dados que propiciaram a análise foram os Diagnósticos Institucionais (DI's) de uma amostra de 16 municípios num total de 26. A fonte da Pesquisa de Informações Básicas Municipais é do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, e a Prestação de Contas do Tribunal de Contas dos Municípios Baianos - TCM-BA.

Vale ressaltar que a capacidade institucional dos municípios que serão abrangidos pelo PRODETUR/NE II já foi objeto de estudo pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento²⁹, que entendeu a importância de se analisar situações e promover ações que ampliem a capacidade dos governos municipais de governar, sem a qual o programa não se completa.

3.6.1. Capacidade de Planejamento e Implementação de Políticas dos Municípios

Para a avaliação da capacidade de planejamento e implementação de políticas dos municípios na região da Chapada Diamantina identificou-se: (i) a base legal, ou seja, a existência de instrumentos normativos sob a forma de lei ou outras formas de pactuação social que regulem ou disciplinem a ação das Prefeituras e dos demais atores interessados e/ou envolvidos na implementação do PRODETUR/NE II. Neste caso, conforme sugerido pelo Termo de Referência, será utilizada a lei de uso do solo e de meio ambiente; (ii) os sistemas de planejamento, enfocando o Plano Diretor; (iii) a planta venal de valores imobiliários; e (iv) os instrumentos de gestão, controle e fiscalização, baseados nos Códigos de Posturas e de Obras.

²⁹ BID/PRODETUR/NE II. *Fortalecimento Institucional da Gestão Municipal*. Setembro de 2001.

Tabela 3.6.1. Instrumentos de gestão implementados no Pólo Turístico Chapada Diamantina

	Município	Lei de Uso do Solo e Meio Ambiente	Plano Diretor	Planta de Valores Imobiliários e Ano	Código de Obras	Código de Posturas
Circuito Chapada Norte	Bonito	Não	Não	Sim 1997	Não	Não
	Caém	Não	Não	Sim 1997	Não	Não
	Campo Formoso	Sim	Sim	Sim 1997	Sim	Sim
	Jacobina	Sim	Não	Sim 1997	Sim	Sim
	Miguel Calmon	Não	Não	Sim 1986	Não	Não
	Morro do Chapéu	Não	Não	Sim 1990	Não	Não
	Ourolândia	Não	Não	Sim 1994	Não	Sim
	Piritiba	Não	Não	Sim 1997	Não	Sim
	Saúde	Não	Não	Sim 1998	Sim	Sim
	Utinga	Não	Não	Sim 1990	Sim	Sim
Circuito do Diamante	Wagner	Não	Não	Sim 1997	Sim	Sim
	Andaraí	Não	Não	Não Não	Não	Não
	Ibicoara	Não	Não	Sim 1998	Não	Sim
	Iraquara	Sim	Sim	Não Não	Não	Não
	Itaetê	Sim	Não	Sim 1994	Sim	Sim
	Lençóis	Sim	Não	Sim 1997	Não	Sim
	Mucugê	Sim	Sim	Sim 1999	Não	Sim
	Nova Redenção	Não	Não	Não Não	Não	Não
	Palmeiras	Não	Não	Sim 1996	Não	Sim
Circuito do Ouro	Seabra	Sim	Não	Sim 1998	Não	Sim
	Abaíra	Não	Não	Sim 1998	Não	Não
	Érico Cardoso	Não	Não	Sim 1996	Não	Não
	Jussiape	Não	Sim	Sim 1998	Não	Sim
	Livramento N. Sra.	Sim	Sim	Sim 1989	Sim	Sim
	Paramirim	Sim	Sim	Sim 1993	Sim	Sim
	Piatã	Não	Não	Não Não	Não	Não
	Rio de Contas	Não	Não	Sim 1997	Não	Sim
	Rio do Pires	Não	Não	Sim 1994	Não	Sim

Fonte: IBGE – Pesquisa de Informações Básicas Municipais, 1999 / BID – Diagnóstico Institucional dos Municípios, 2001

Pode-se identificar que grande parte dos municípios pertencentes ao Pólo Turístico Chapada Diamantina contam com Planta de Valores Imobiliários (86%), atualizada em geral na década de 1990, e com Código de Posturas (61%). Os demais instrumentos eleitos para essa análise aparecem apenas numa minoria dos municípios da região, com destaque para o Plano Diretor que além de ser instrumento estratégico na gestão do desenvolvimento municipal, só existe em 6 municípios (21%).

Nota-se que na área objeto de estudo nenhum município conta com todos os instrumentos de gestão que se entende como ideais para uma administração eficaz do crescimento econômico, social e urbano. Dentre os municípios que possuem o menor número de instrumentos implementados destacam-se os de Andaraí, Nova Redenção e Piatã.

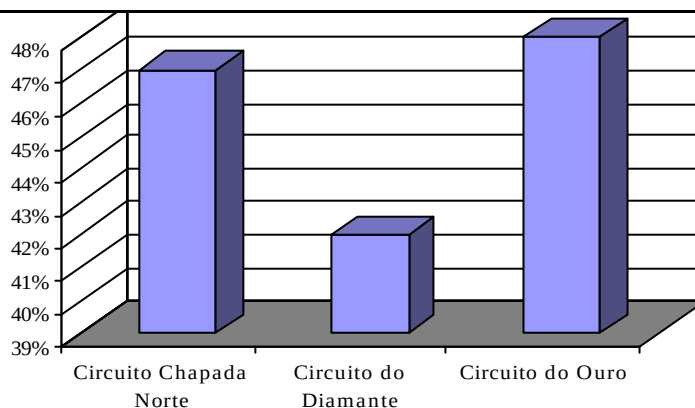
Tabela 3.6.2. Municípios por faixas de número de instrumentos de gestão implementados

	0	1	2	3	4	5	6
Municípios	Andaraí	Abaíra	Iraquara	Lençóis	Itaetê	Campo Formoso	Paramirim
	Nova Redenção	Bonito	Ourolândia	Saúde	Jacobina	Jussiape	
	Piatã	Caém	Piritiba	Seabra	Mucugê	Livramento de Nsa. Sra.	
		Érico Cardoso	Palmeiras	Utinga			
		Miguel Calmon	Rio de Contas	Wagner			
		Morro do Chapéu	Rio do Pires				
			Ibicoara				

Fonte: IBGE – Pesquisa de Informações Básicas Municipais, 1999 / BID – Diagnóstico Institucional dos Municípios, 2001

Assim, identifica-se que do total de municípios analisados, uma grande parte conta com um (25%) ou dois (21%) dos instrumentos de gestão, destacando-se o município de Paramirim que possui seis.

Gráfico 3.6.1. Média de Instrumentos de gestão nos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina



Fonte: IBGE, 1999 / BID, 2001

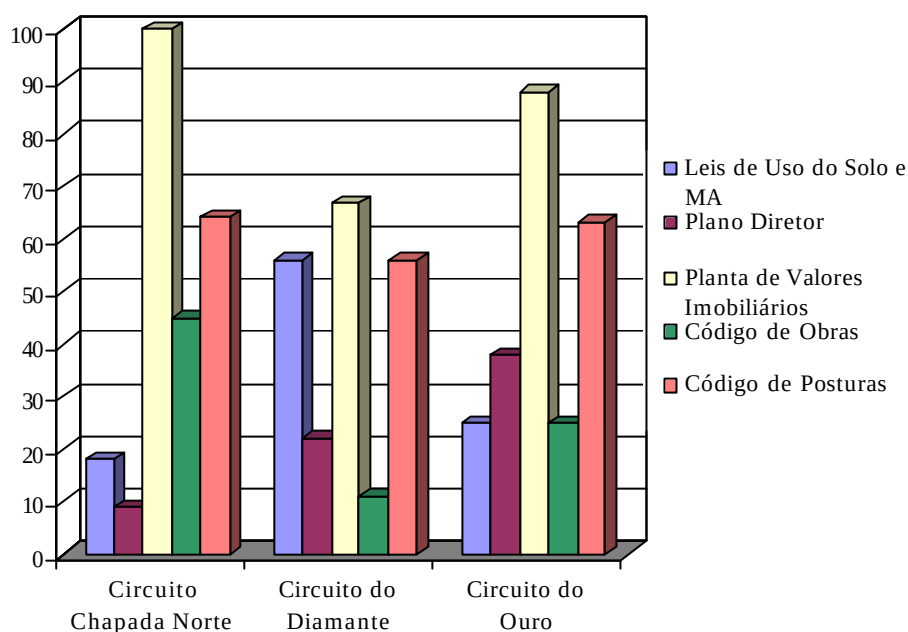
Quando compara-se a média de instrumentos de gestão existentes nos municípios dos circuitos, identifica-se que no Circuito do Ouro, em média, conta-se com mais instrumentos do que nos outros dois, cerca de 48%. Neste circuito destacam-se Paramirim (já citado anteriormente) com 6 e Jussiape e Campo Formoso com 5 instrumentos implementados. Ao mesmo tempo, é possível notar a ausência de instrumentos nos municípios integrantes do Circuito do Diamante, notadamente em Andaraí e Nova Redenção, que simplesmente não contam com bases legais e normativas que orientem a administração municipal.

Como dito anteriormente, o instrumento de gestão mais utilizado no Pólo Turístico Chapada Diamantina é a Planta de Valores Imobiliários devido, sobretudo, à necessidade de se manterem atualizados os valores dos imóveis para efeitos de cobrança do Imposto Predial e Territorial Único – IPTU. Este, segundo a FGV³⁰, é o segundo tributo em importância na receita tributária municipal nacio-

³⁰ FGV. *Manual de Orientação para Crescimento da Receita Própria Municipal*. FGV/BNDES: São Paulo, 2000.

nal, representando 32% dessa receita no país.

Gráfico 3.6.2. Instrumentos de gestão no Pólo Turístico Chapada Diamantina



Fonte: IBGE, 1999 / BID, 2001

Quando se faz uma comparação entre os circuitos e excetuando-se a Planta de Valores Mobiliários, identifica-se que todos os circuitos contam com aproximadamente o mesmo volume de instrumentos, ou seja, enquanto o Circuito Chapada Norte se destaca por possuir maior número de municípios com Código de Obras, o do Diamante tem maior incidência de Leis de Uso e Ocupação do Solo e Meio Ambiente, e o Circuito do Ouro conta com mais Planos Diretores municipais.

Assim, pode-se notar que no Circuito Chapada Norte há pouca incidência de Plano Diretor e Leis de Uso e Ocupação do Solo; já no Circuito do Diamante pouco mais de 11% dos municípios contam com Código de Obras e somente 22% têm Plano Diretor; e, por fim, no Circuito do Ouro, 25% possuem tanto Leis de Uso do Solo como Código de Obras. Destaca-se que em toda a Chapada Diamantina, somente o município de Jacobina tem Plano Diretor Municipal, em Andaraí este já está em execução e em Campo Formoso o Plano já foi lícitado.

Os municípios que possuem apenas Planos Diretores Municipais terão que complementar seus instrumentos de gestão para se habilitarem aos investimentos do BID no âmbito do PRODETUR/NE II. Destaca-se, aqui, a existência do Plano de Referência Urbanística e Ambiental – PRUA de Lençóis que identifica áreas de expansão urbana delimitando loteamentos planejados. É importante observar que são condicionantes para a participação no PRODETUR NE II, Planos Diretores e Códigos de Obras.

No entanto, avalia-se que ainda há, em geral, uma estrutura inadequada para instrumentalizar as prefeituras municipais e as comunidades locais no planejamento e na implementação de políticas públicas nos municípios do Pólo Turístico Chapada Di-

amantina. Percebe-se que sem tais instrumentos corre-se o risco de inoperância na ação de proteger os territórios municipais de danos que podem ser causados com o possível aumento do fluxo turístico, como pressões indesejáveis sobre os aspectos sociais e ambientais desses municípios.

3.6.2. Capacidade de Administração/Gestão dos Municípios

A avaliação da capacidade de administração e gestão dos municípios, seguindo o recomendado pelo Termo de Referência, identifica: (i) as fontes de receitas e os itens de despesas dos municípios da área objeto de estudo; (ii) o nível de participação dos recursos próprios na receita total; (iii) a composição das transferências constitucionais; e (iv) a participação das despesas com pessoal na despesa total.

Esclarece-se que os municípios brasileiros, nos últimos anos, vêm assumindo responsabilidades que antes eram de outras esferas de governo e estão sendo cobradas no sentido de melhorar seu desempenho administrativo. Assim, este item objetiva não só uma avaliação financeira dos municípios da área objeto de estudo, como também visa apontar providências que permitam uma racionalização administrativa no trato dos assuntos de natureza fiscal para obter um incremento real das Receitas Próprias, almejando atingir a sustentabilidade econômica (no seu sentido mais amplo) do Programa e dos projetos dele provenientes.

3.6.2.1. Fontes de Receita e os Itens de Despesa

Segundo a FGV³¹, os municípios brasileiros vêm crescendo suas receitas próprias de forma impressionante durante a década de 1990, com um aumento de 171% para os municípios pequenos (até 50.000 habitantes), de 226% para os médios (de

50.000 até 200.000 habitantes) e de 186% para os municípios grandes (acima de 200.000 habitantes). Para a instituição, a razão desse crescimento reside basicamente no esforço das Prefeituras para dar resposta à forte pressão social por educação, saúde, manutenção, limpeza, conservação e pavimentação de ruas, pois os governos federal e estaduais foram gradualmente descentralizando essas responsabilidades devido às suas crescentes dificuldades financeiras, já a partir do início da década passada.

Esclarece-se que as receitas das Prefeituras Municipais são formadas pela soma dos impostos, taxas e contribuição de melhoria mais as transferências – federais e estaduais e, se houver, os empréstimos. Já as despesas orçamentárias são identificadas por função, ou seja, legislativa, judiciária, agricultura, etc., sendo que neste item deu-se ênfase às despesas com pessoal, analisando qual a representatividade destas em relação à Receita Corrente Total, conforme a metodologia exigida na Lei Complementar nº 82/95.

Ainda, nota-se que foram disponibilizadas as informações financeiras relativas ao ano de 1999, através do Tribunal de Contas dos Municípios da Bahia, portanto, todos os valores são referentes a este período.

³¹ Op cit. pg. 06.

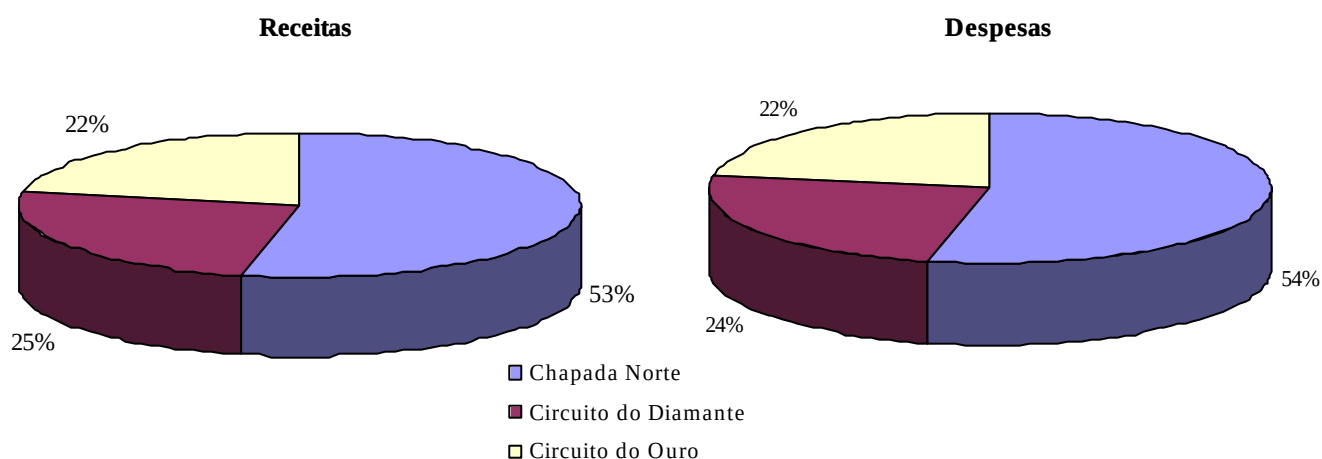
Tabela 3.6.3. Receitas e despesas municipais totais nos Circuitos Turísticos do Pólo Turístico Chapada Diamantina

		Circuito Chapada Norte	Circuito do Diamante	Circuito do Ouro
R e c e i t a s O r ç a m e n t á r i a s	Receitas Correntes			
	Próprias	3.333.409	1.713.858	1.215.092
	Tributária	1.844.135	975.467	961.116
	Contribuição	0	42.776	0
	Patrimonial	393.115	61.549	241.628
	Industrial	359.394	0	9.438
	Serviços	736.765	634.066	2.909
	(%) Total	4,04%	4,50%	3,59%
	Receitas de Transferência	71.319.874	34.358.188	30.150.449
	(%) Total	86,52%	90,22%	89,14%
	União	46.765.886	24.728.097	22.282.735
	Estado	24.553.986	9.630.091	7.867.713
	Outras Receitas	862.147	269.739	241.281
	TOTAL DE RECEITAS CORRENTES	75.515.430	36.341.785	31.606.822
	Receitas de Capital			
	TOTAL DE RECEITAS DE CAPITAL	6.915.633	1.741.684	2.218.290
	TOTAL RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS	82.431.063	38.083.469	33.825.112
	RECURSOS EXTRA ORÇAMENTÁRIOS	3.417.101	1.488.351	1.664.290
	TOTAL GERAL DAS RECEITAS	85.848.164	39.571.820	35.489.402
	Despesas Orçamentárias (por Função)			
	Legislativa	3.320.882	1.461.812	1.347.704
	Judiciária	91.852	257.466	0
	Administração e Planejamento	12.230.794	6.734.040	4.608.052
	Educação e Cultura	32.594.316	14.733.489	13.126.141
	Habitação e Urbanismo	10.990.145	5.384.268	4.545.386
	Indústria e Comércio	76.870	225.580	29.737
	Saúde e Saneamento	13.093.603	6.236.052	5.195.908
	Assistência e Previdência	6.240.810	2.046.644	3.032.385
	Agricultura	380.532	214.614	306.130
	Transporte	2.899.088	1.216.555	1.823.111
	Comunicação	241.092	17.275	42.639
	Segurança Pública	240.041	11.495	106.506
	Energia e Recursos Minerais	213.716	12.173	95.221
	Trabalho	5.626	0	77.785
	TOTAL DESPESAS ORÇAMENTÁRIAS	82.619.366	38.551.462	34.336.707
	DESPESAS EXTRA ORÇAMENTÁRIAS	8.299.684	2.589.580	3.422.426
	TOTAL DESPESAS	90.919.051	41.141.042	37.759.132
	SALDO ORÇAMENTÁRIO	(5.070.886)	(1.569.222)	(2.269.731)

Fonte: TCM-BA, 2002

Como visualizado no quadro anterior onde faz-se um comparativos entre os três circuitos turísticos pertencentes ao Pólo Turístico Chapada Diamantina, é possível notar que o Circuito Chapada Norte se destaca por apresentar valores bem mais elevados que os outros dois, contendo 59% de todas as receitas e 54% do total de despesas efetivadas pelos municípios do pólo no ano de 1999.

Gráfico 3.6.3. Comparativo entre receitas e despesas nos Circuitos Turísticos



Fonte: TCM-BA, 2002

É importante destacar-se a composição das receitas nos três circuitos analisados pois esta demonstra uma certa fragilidade e a dependência dos municípios em relação aos repasses estaduais e federais. Assim, constata-se que as receitas provenientes da União e do Governo do Estado da Bahia representam, em média, entre 85-90% das receitas totais. Neste sentido, o Circuito do Diamante é o que apresenta maior índice, com 90% das receitas tendo estas origens.

Observa-se, também, que os maiores itens de despesas, na média, são Educação e Cultura, Saúde e Saneamento e Administração e Planejamento. Tal fato justifica-se pela exigência do art. 212 da Constituição Federal de 1988 que determina que os Municípios apliquem, no mínimo, 25% da receita resultante de impostos, compreendida a proveniente de transferências, na manutenção e desenvolvimento do ensino.

Tabela 3.6.4. Receitas e despesas municipais no Circuito Chapada Norte

R e c e i t a s O r ç a m e n t á r i a s		Circuito Chapada Norte											TOTAL
		Bonito	Caém	C. Formoso	Jacobina	M. Calmon	M. Chapéu	Ourolândia	Piritiba	Saúde	Utinga	Wagner	
	Receitas Correntes												
	Próprias	85.467	75.786	735.595	1.233.001	291.978	128.411	72.203	254.987	331.828	88.053	36.100	3.333.409
	Tributária	84.161	42.064	289.490	762.206	226.406	62.227	40.992	167.664	84.082	60.652	24.190	1.844.135
	Contribuição	0	0	327.271	0	0	65.844	0	0	0	0	0	393.115
	Patrimonial	1.306	0	46.488	265.986	11.825	340	54	4.930	15.013	1.542	11.911	359.394
	Serviços	0	33.722	72.346	204.809	53.746	0	31.157	82.393	232.732	25.859	0	736.765
	(%) Total	1,98%	1,30%	4,68%	6,60%	4,21%	1,76%	1,15%	4,33%	7,18%	1,97%	1,53%	4,04%
	Receitas de Transferência	3.557.889	5.410.445	13.112.265	16.492.576	5.485.042	5.726.786	6.217.998	5.174.164	4.259.314	3.895.987	1.987.408	71.319.874
(%) Total	82,35%	92,66%	83,44%	88,30%	79,01%	78,51%	98,80%	87,88%	92,21%	86,97%	84,15%	86,52%	
União	2.737.667	3.096.024	7.593.986	10.772.419	3.700.200	3.123.124	5.167.170	3.322.422	3.172.523	2.842.620	1.237.730	46.765.886	
Estado	820.222	2.314.421	5.518.279	5.720.156	1.784.842	2.603.662	1.050.827	1.851.742	1.086.790	1.053.366	749.678	24.553.986	
Outras Receitas	45.925	27.680	49.445	379.273	37.329	229.838	3.500	12.531	27.928	7.039	41.658	862.147	
TOTAL DE RECEITAS CORRENTES	3.689.281	5.513.911	13.897.305	18.104.850	5.814.349	6.085.035	6.293.701	5.441.682	4.619.070	3.991.079	2.065.166	75.515.430	
Receitas de Capital													
TOTAL DE RECEITAS DE CAPITAL	631.175	325.164	1.817.343	573.575	1.127.618	1.209.544	0	445.795	0	488.838	296.581	6.915.633	
TOTAL RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS	4.320.456	5.839.075	15.714.648	18.678.425	6.941.967	7.294.580	6.293.701	5.887.478	4.619.070	4.479.917	2.361.748	82.431.063	
RECURSOS EXTRA ORÇAMENTÁRIOS	143.443	367.545	34.589	1.808.157	684.425	17.177	51.465	112.228	111.260	47.487	39.325	3.417.101	
TOTAL GERAL DAS RECEITAS	4.463.898	6.206.620	15.749.237	20.486.582	7.626.392	7.311.756	6.345.166	5.999.706	4.730.330	4.527.404	2.401.073	85.848.164	
Despesas Orçamentárias (por Função)													
Legislativa	207.168	194.625	525.438	889.361	260.236	429.578	288.784	142.054	53.471	193.121	137.044	3.320.882	
Judiciária	0	91.852	0	0	0	0	0	0	0	0	0	91.852	
Administração e Planejamento	646.564	577.099	2.292.110	1.734.760	1.755.112	1.494.794	477.089	958.915	938.636	925.635	430.080	12.230.794	
Educação e Cultura	1.525.055	2.114.546	6.648.940	7.564.463	2.432.627	2.938.846	2.046.043	2.373.147	2.199.857	1.779.011	971.782	32.594.316	
Habituação e Urbanismo	1.153.888	428.448	1.640.523	3.284.138	645.463	860.399	806.180	521.614	541.236	687.989	420.266	10.990.145	
Indústria e Comércio	0	0	0	76.870	0	0	0	0	0	0	0	76.870	
Saúde e Saneamento	760.573	1.548.669	2.295.694	2.292.619	1.098.953	1.345.171	791.595	1.261.015	853.654	525.704	319.956	13.093.603	
Assistência e Previdência	106.941	252.027	1.568.732	1.214.255	491.119	45.215	1.518.041	499.946	142.391	252.683	149.459	6.240.810	
Agricultura	0	6.268	29.153	240.622	57.512	1.278	0	3.528	1.076	41.096	0	380.532	
Transporte	184	295.732	191.591	875.410	391.087	452.792	365.864	232.789	15.530	78.109	0	2.899.088	
Comunicação	0	66.146	83.416	0	8.178	42.483	5.334	24.405	0	11.129	0	241.092	
Segurança Pública	0	48.559	153.070	0	0	200	38.212	0	0	0	0	240.041	
Energia e Recursos Minerais	0	0	96.191	0	95.159	350	0	2.059	0	19.958	0	213.716	
Trabalho	0	0	0	0	0	5.626	0	0	0	0	0	5.626	
TOTAL DESPESAS ORÇAMENTÁRIAS	4.400.374	5.623.972	15.524.858	18.172.498	7.235.445	7.616.732	6.337.143	6.019.472	4.745.851	4.514.434	2.428.588	82.619.366	
DESPESAS EXTRA ORÇAMENTÁRIAS	325.935	811.516	1.816.551	2.634.137	391.817	271.747	235.077	558.855	469.718	540.525	243.806	8.299.684	
TOTAL DESPESAS	4.726.308	6.435.488	17.341.409	20.806.635	7.627.263	7.888.479	6.572.220	6.578.327	5.215.569	5.054.960	2.672.394	90.919.051	
SALDO ORÇAMENTÁRIO	(262.410)	(228.868)	(1.592.172)	(320.054)	(871)	(576.723)	(227.054)	(578.621)	(485.239)	(527.556)	(271.321)	(5.070.886)	

Fonte: TCM-BA, 2002

Tabela 3.6.5. Receitas e despesas municipais no Circuito do Diamante

R e c e i t a s O r ç a m e n t á r i a s		Andaraí	Ibicoara	Iraquara	Itaetê	Circuito do Diamante			Palmeiras	Seabra	TOTAL
		Lençóis	Mucugê	Nova Redenção							
	Receitas Correntes										
	Próprias	483.908	82.544	117.459	77.090	93.143	354.487	246.285	74.992	183.949	1.713.858
	Tributária	215.161	82.544	115.593	77.090	91.705	123.718	73.157	32.158	164.341	975.467
	Contribuição	0	0	0	0	0	0	0	42.776	0	42.776
	Patrimonial	636	0	1.862	0	1.438	51.203	0	58	6.352	61.549
	Serviços	268.111	0	4	0	0	179.566	173.129	0	13.256	634.066
	(%) Total	11,43%	2,74%	2,30%	1,63%	3,14%	9,00%	6,50%	2,95%	2,37%	4,50%
	Receitas de Transferência	3.709.867	2.529.066	4.800.440	4.114.464	2.838.447	3.488.046	3.508.923	1.956.880	7.412.054	34.358.188
(%) Total	87,64%	83,89%	93,84%	87,17%	95,76%	88,57%	92,60%	76,90%	95,47%	90,22%	
União	3.047.859	1.431.129	3.324.038	3.073.499	2.111.964	2.609.713	2.778.874	1.255.594	5.095.429	24.728.097	
Estado	662.009	1.097.938	1.476.403	1.040.965	726.484	878.333	730.049	701.286	2.316.625	9.630.091	
Outras Receitas	381	91.404	14.267	24.350	5.716	32.612	700	21.594	78.716	269.739	
TOTAL DE RECEITAS CORRENTES	4.194.156	2.703.014	4.932.166	4.215.904	2.937.306	3.875.145	3.755.908	2.053.466	7.674.719	36.341.785	
Receitas de Capital											
TOTAL DE RECEITAS DE CAPITAL	39.058	311.707	183.645	504.000	26.876	63.135	33.393	491.218	88.651	1.741.684	
TOTAL RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS	4.233.215	3.014.721	5.115.811	4.719.904	2.964.182	3.938.280	3.789.301	2.544.684	7.763.370	38.083.469	
RECURSOS EXTRA ORÇAMENTÁRIOS	25.116	577.141	76.415	0	0	300.058	61.963	7.446	440.213	1.488.351	
TOTAL GERAL DAS RECEITAS	4.258.330	3.591.862	5.192.225	4.719.904	2.964.182	4.238.337	3.851.264	2.552.130	8.203.583	39.571.820	
Despesas Orçamentárias (por Função)											
Legislativa	221.176	80.500	159.984	131.570	143.528	222.801	134.780	131.579	235.894	1.461.812	
Judiciária	0	0	32.000	197.310	6.880	21.276	0	0	0	257.466	
Administração e Planejamento	623.202	610.070	1.059.049	784.112	590.017	829.611	376.964	376.217	1.484.798	6.734.040	
Educação e Cultura	1.567.562	1.382.705	2.081.271	1.577.540	1.310.445	1.323.175	1.409.655	997.786	3.083.349	14.733.489	
Habitação e Urbanismo	707.885	174.844	546.462	709.120	462.972	521.258	941.945	455.374	864.408	5.384.268	
Indústria e Comércio	43.763	0	0	0	74.043	94.812	0	11.732	1.230	225.580	
Saúde e Saneamento	542.984	333.842	475.820	765.266	498.667	955.079	611.404	528.045	1.524.945	6.236.052	
Assistência e Previdência	329.621	325.338	380.896	0	89.567	29.375	197.239	50.336	644.272	2.046.644	
Agricultura	6.217	30.606	152.309	0	0	4.636	2.970	4.319	13.558	214.614	
Transporte	264.292	136.194	269.911	81.507	36.523	63.050	35.027	52.342	277.709	1.216.555	
Comunicação	0	1.873	0	0	0	0	0	15.402	0	17.275	
Segurança Pública	0	8.345	0	0	0	0	0	3.150	0	11.495	
Energia e Recursos Minerais	6.000	0	2.333	0	0	0	3.840	0	0	12.173	
TOTAL DESPESAS ORÇAMENTÁRIAS	4.312.702	3.084.317	5.160.035	4.246.426	3.212.642	4.065.072	3.713.825	2.626.282	8.130.161	38.551.462	
DESPESAS EXTRA ORÇAMENTÁRIAS	94.139	295.685	457.228	225.240	331.480	450.737	32.250	62.064	640.757	2.589.580	
TOTAL DESPESAS	4.406.840	3.380.002	5.617.263	4.471.665	3.544.123	4.515.809	3.746.075	2.688.346	8.770.918	41.141.042	
SALDO ORÇAMENTÁRIO	(148.510)	211.859	(425.038)	248.239	(579.941)	(277.472)	105.189	(136.215)	(567.335)	(1.569.222)	

Fonte: TCM-BA, 2002

Tabela 3.6.6. Receitas e despesas municipais no Circuito do Ouro

R e c e i t a s O r ç a m e n t á r i a s	Circuito do Ouro									
		Abaíra	Érico Cardoso	Jussiape	Livramento Nsa. Sra.	Paramirim	Piatã	Rio de Contas	Rio do Pires	TOTAL
	Receitas Correntes									
	Próprias	98.580	106.481	99.628	318.464	279.527	130.098	90.586	91.728	1.215.092
	Tributária	98.580	106.236	95.149	291.329	78.381	121.141	81.148	89.152	961.116
	Patrimonial	0	244	1.570	27.135	201.146	8.957	0	2.576	241.628
	Industrial	0	0	0	0	0	0	9.438	0	9.438
	Serviços	0	0	2.909	0	0	0	0	0	2.909
	(%) Total	3,50%	3,62%	3,87%	3,72%	5,70%	2,72%	2,54%	2,49%	3,59%
	Receitas de Transferência	2.719.338	2.597.170	2.380.314	7.472.313	4.198.151	4.645.704	2.955.948	3.181.511	30.150.449
(%) Total	96,42%	88,40%	92,41%	87,30%	85,61%	97,09%	82,98%	86,45%	89,14%	
União	2.355.713	2.049.616	1.923.759	4.128.810	3.365.492	3.293.961	2.366.686	2.798.697	22.282.735	
Estado	363.624	547.553	456.556	3.343.502	832.659	1.351.742	589.262	382.814	7.867.713	
Outras Receitas	2.404	8.077	95.863	93.930	16.702	9.097	5.282	9.925	241.281	
TOTAL DE RECEITAS CORRENTES	2.820.322	2.711.728	2.575.805	7.884.707	4.494.380	4.784.899	3.051.816	3.283.164	31.606.822	
Receitas de Capital										
TOTAL DE RECEITAS DE CAPITAL	0	226.113	0	674.966	409.499	0	510.621	397.091	2.218.290	
TOTAL RECEITAS ORÇAMENTÁRIAS	2.820.322	2.937.841	2.575.805	8.559.673	4.903.879	4.784.899	3.562.437	3.680.255	33.825.112	
RECURSOS EXTRA ORÇAMENTÁRIOS	61.614	327.691	49.432	647.650	60.874	31.263	231.080	254.686	1.664.290	
TOTAL GERAL DAS RECEITAS	2.881.936	3.265.532	2.625.237	9.207.323	4.964.753	4.816.162	3.793.517	3.934.941	35.489.402	
Despesas Orçamentárias (por Função)										
Legislativa	107.981	121.276	108.742	325.210	233.329	139.113	151.798	160.255	1.347.704	
Administração e Planejamento	583.439	379.472	543.322	661.530	639.739	543.340	586.964	670.246	4.608.052	
Educação e Cultura	1.006.459	1.089.733	975.459	3.666.857	1.894.408	2.099.165	861.878	1.532.183	13.126.141	
Habitação e Urbanismo	416.802	501.235	361.310	791.719	964.135	622.775	455.738	431.672	4.545.386	
Indústria e Comércio	0	0	19.037	0	0	0	10.700	0	29.737	
Saúde e Saneamento	453.813	555.820	443.208	1.139.079	662.935	800.762	591.845	548.446	5.195.908	
Assistência e Previdência	114.676	161.298	253.637	1.276.132	328.758	176.983	398.893	322.008	3.032.385	
Agricultura	0	0	50	54.915	181.370	68.383	1.412	0	306.130	
Transporte	201.713	239.207	151.848	303.175	273.240	370.511	250.352	33.065	1.823.111	
Comunicação	0	0	0	40.337	0	0	2.302	0	42.639	
Segurança Pública	0	130	0	40.802	2.087	0	44.900	18.588	106.506	
Energia e Recursos Minerais	0	0	0	4.800	90.421	0	0	0	95.221	
Trabalho	0	0	0	10.942	0	0	66.844	0	77.785	
TOTAL DESPESAS ORÇAMENTÁRIAS	2.884.883	3.048.170	2.856.614	8.315.498	5.270.423	4.821.033	3.423.624	3.716.461	34.336.707	
DESPESAS EXTRA ORÇAMENTÁRIAS	205.088	148.916	261.552	1.314.138	425.659	361.438	384.797	320.837	3.422.426	
TOTAL DESPESAS	3.089.971	3.197.086	3.118.166	9.629.637	5.696.082	5.182.471	3.808.421	4.037.298	37.759.132	
SALDO ORÇAMENTÁRIO	(208.035)	68.446	(492.929)	(422.313)	(731.329)	(366.309)	(14.904)	(102.357)	(2.269.731)	

Fonte: TCM-BA, 2002

Como pode ser visto nas tabelas anteriores, as principais fontes de Receitas Orçamentárias dos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina têm sido as Transferências Correntes e as Receitas Tributárias, destacando-se que estas últimas são referentes, especialmente, às arrecadações do IPTU e do ISS.

Já as Receitas Correntes de Transferências são as fontes mais importantes de recursos adquiridos pelas Prefeituras em geral, como ocorre na maioria dos municípios brasileiros. Os recursos destinados a estes pelo Fundo de Participação dos Municípios - FPM, pelo ICMS e pelo FUNDEF, que representam parcela significativa do total transferido em 1999, têm sido de fundamental importância para as administrações municipais.

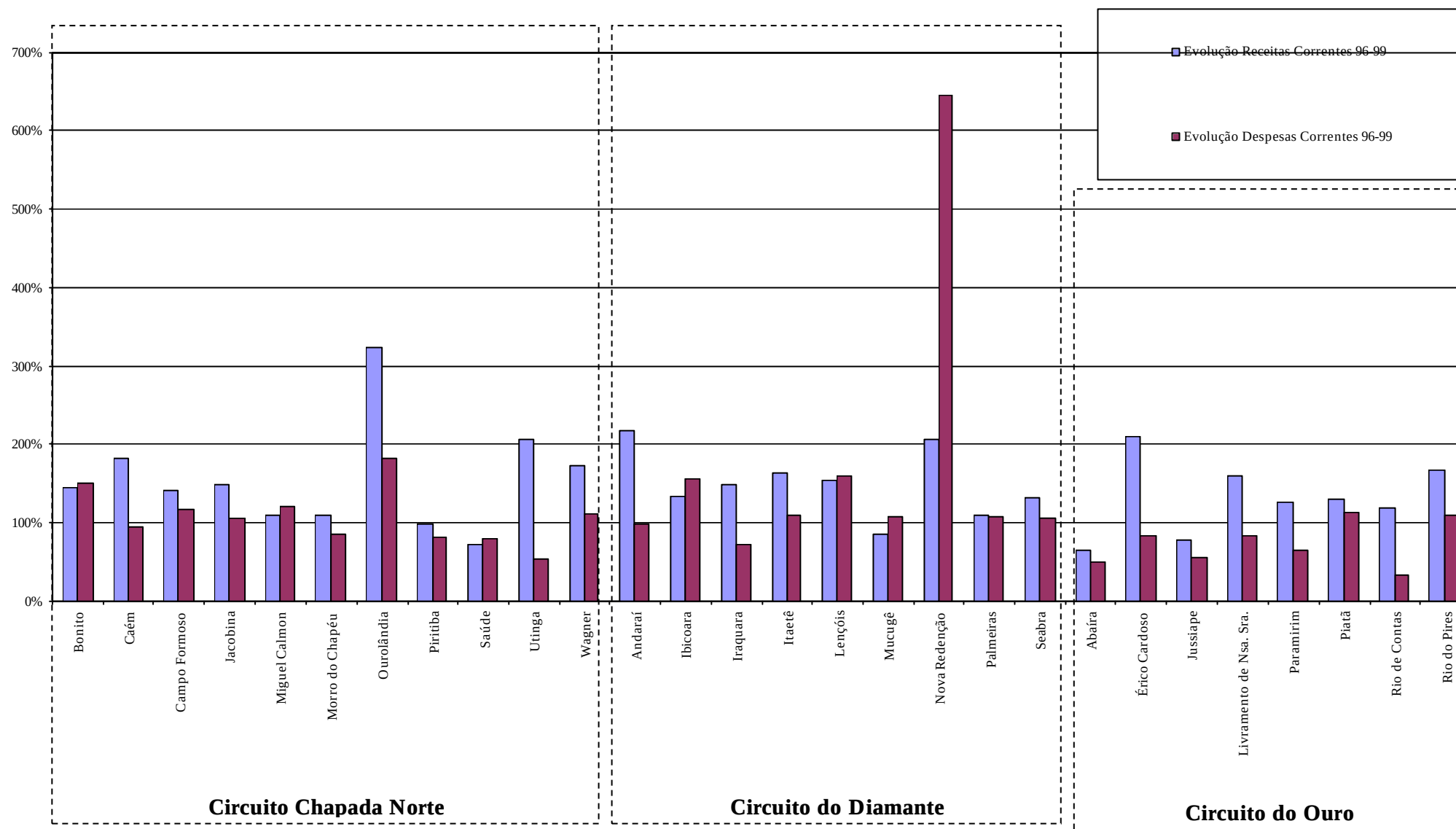
Em relação às despesas, as informações disponibilizadas nos quadros acima indicam a necessidade de correções visando otimizar a aplicação dos recursos disponibilizados pelas Prefeituras Municipais, principalmente, no sentido de melhorar os Indicadores Sociais. Assim, é perceptível a desproporção dos recursos destinados às despesas efetuadas com Administração/Planejamento - entre 12% e 15%, na média, e a outras atividades, tais como Indústria, Comércio e Serviços - entre 0,5% e 5%, na média. Tal fato ocorre mesmo em municípios aonde os setores de turismo e serviços são considerados importantes como, por exemplo, em Lençóis (2%) e Andaraí (0,9%).

Entende-se, portanto, que a mudança de opções na gestão das despesas poderá favorecer o aumento de postos de trabalho e a melhoria na distribuição da renda regional.

Por fim, quando se analisa a evolução histórica das receitas e despesas entre 1996 e 1999 (gráfico 3.6.4. abaixo), nota-se que de um modo geral os municípios pertencentes ao Pólo Turístico Chapada Diamantina apresentaram um crescimento significativo nas receitas, destacando-se Ouro-lândia, com uma diferença de aproximadamente 324%.

Ao mesmo tempo as despesas também registraram um acréscimo que, em geral, mostraram-se menores do que as receitas. Tal fato demonstra uma melhor administração municipal dos recursos financeiros, certamente influenciada pela metas administrativas propostas pela Lei de Responsabilidade Fiscal, que contribuíram para incentivar o planejamento adequado das contas municipais. Excetuando-se esta tendência ressalta-se Nova Redenção, com um aumento de 645% nas despesas e de 206% nas receitas. No entanto, é importante notar que as contas deste município em 1999 estavam equilibradas apresentando, inclusive, um saldo positivo.

Gráfico 3.6.4. Evolução das receitas e despesas nos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina 1996-1999



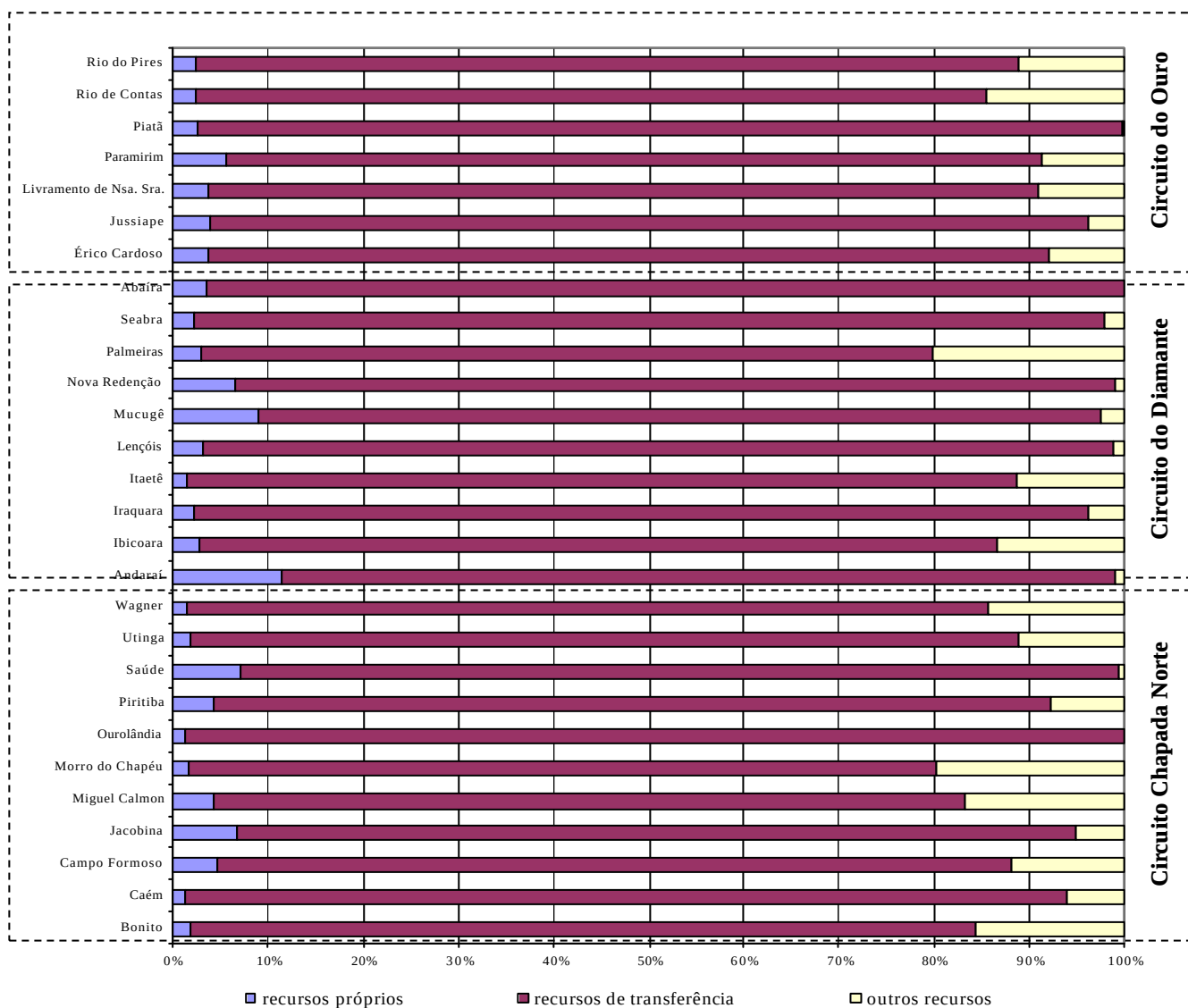
Fonte: TCM-BA, 2002

3.6.2.2. Nível de Participação dos Recursos na Receita Total

A composição das receitas indica, por sua vez, o nível de participação dos recursos próprios na receita total, demonstrando (como já citado no item

3.3.6.2.1) uma certa fragilidade e dependência dos municípios da área objeto de estudo. Tal fato decorre pelo volume elevado de recursos provenientes de transferências correntes do Governo Estadual e da União. Assim, destacam-se os municípios de Piatã (com 97%), Abaíra e Lençóis (96% cada) como os que apresentam maior índice percentual de transferências em relação às receitas totais. Como mais autônomos estão Palmeiras (com 77%), Miguel Calmon e Morro do Chapéu (79% cada), que obtiveram índices maiores de receitas com origens de Outros Recursos – em torno de 20%.

Gráfico 3.6.5. Participação das fontes de receita na receita total (%) nos municípios da Chapada Diamantina



Fonte: TCM-BA, 2002

3.6.2.3. Composição das Receitas Constitucionais

Como pode já citado anteriormente, as Receitas Correntes de Transferências são as fontes mais importantes de recursos adquiridos pelas Prefeituras Municipais da área objeto de estudo, como ocorre na maioria dos municípios brasileiros. Estes, como visualizado na tabela abaixo, são provenientes principalmente do Fundo de Participação dos Municípios – FPM (Federal) e do ICMS (estadual).

Tabela 3.6.7. Composição das receitas constitucionais nos Circuitos Turísticos

Receitas de Transferências		Circuito Chapada Norte	Circuito do Diamante	Circuito do Ouro
União		46.765.886	24.728.097	22.282.735
	FPM	30.123.047	18.356.792	17.113.287
	ITR	121.367	104.769	23.609
	IRRF	185.630	51.957	19.260
	Fund. Especial	105.435	62.177	15.900
	Royalties	481	0	0
	ICMS-L	470.677	179.866	166.929
	Convênios	6.028.976	750.963	532.036
	Outras	9.729.273	5.221.574	4.411.713
	(%) Total	65,57%	71,97%	73,91%
Estado		24.553.986	9.630.091	7.867.713
	ICMS	10.238.517	5.146.132	3.965.088
	IPVA	371.488	101.295	74.528
	IPI	225.717	58.923	68.403
	Convênios	3.380.442	1.704.107	1.500.922
	Outras	10.337.822	2.619.635	2.258.772
	(%) Total	34,43%	28,03%	26,09%
TOTAL		71.319.872	34.358.188	30.150.449

Fonte: TCM-BA, 2002

Observa-se, ainda, que o Circuito Chapada Norte é o que possui maior arrecadação (53%) através de transferências, seguido do Circuito do Diamante (25%) e pelo do Ouro (22%). Tal fato justifica-se por este circuito contar com mais municípios (11) que, ao mesmo tempo, também têm grande relevância regional, como Jacobina e Campo Formoso – juntos somam cerca de 22% do total de transferências para o Pólo Turístico Chapada Diamantina.

Tabela 3.6.8. Composição das receitas constitucionais nos municípios do Circuito Chapada Norte

	Bonito	Caém	C. Formoso	Jacobina	M. Calmon	M. Chapéu	Circuito Chapada Norte Ourolândia	Piritiba	Saúde	Utinga	Wagner	TOTAL
Receitas de Transferências												
União	2.737.667	3.096.024	7.593.986	10.772.419	3.700.200	3.123.124	5.167.170	3.322.422	3.172.523	2.842.620	1.237.730	46.765.886
FPM	1.650.921	2.460.720	4.277.724	6.190.055	2.408.204	2.785.170	2.315.573	2.442.739	2.476.022	2.125.884	991.037	30.124.047
ITR	10.819	2.287	15.944	13.823	11.761	45.492	5.789	5.425	4.647	2.750	2.630	121.367
IRRF	0	0	0	122.738	0	50.902	0	0	0	0	11.990	185.630
Fund. Especial	5.746	0	20.670	23.850	12.720	0	8.790	11.130	9.540	9.540	3.448	105.435
Royalties	0	0	0	0	258	0	0	222	0	0	0	481
ICMS-L	0	15.895	109.352	136.603	37.334	53.982	25.305	21.789	17.205	22.850	30.365	470.677
Convênios	0	0	548.798	2.335.875	870.307	0	1.948.868	149.958	125.545	0	49.626	6.028.976
Outras	1.070.181	617.122	2.621.498	1.949.477	359.616	187.579	862.845	691.159	539.565	681.596	148.634	9.729.273
(%) Total	76,95%	57,22%	57,92%	65,32%	67,46%	54,54%	83,10%	64,21%	74,48%	72,96%	62,28%	65,57%
Estado	820.222	2.314.421	5.518.279	5.720.156	1.784.842	2.603.662	1.050.827	1.851.742	1.086.790	1.053.366	749.678	24.553.986
ICMS	694.565	360.786	2.274.402	2.772.728	816.778	1.174.706	539.392	459.684	373.157	483.399	288.919	10.238.517
IPVA	958	4.296	58.468	219.152	20.011	27.619	4.762	16.005	9.739	7.844	2.634	371.488
IPI	16.716	0	53.644	66.057	19.180	27.426	11.841	11.010	0	11.627	8.217	225.717
Convênios	4.338	1.137.347	661.214	40.000	334.289	611.090	0	424.364	65.375	0	102.424	3.380.442
Outras	103.645	811.991	2.470.549	2.622.220	594.585	762.821	494.832	940.679	638.519	550.496	347.485	10.337.822
(%) Total	23,05%	42,78%	42,08%	34,68%	32,54%	45,46%	16,90%	35,79%	25,52%	27,04%	37,72%	34,43%
TOTAL	3.557.889	5.410.445	13.112.265	16.492.576	5.485.042	5.726.786	6.217.998	5.174.164	4.259.314	3.895.987	1.987.408	71.319.872

Fonte: TCM-BA, 2002

Tabela 3.6.9. Composição das receitas constitucionais nos municípios do Circuito do Diamante

		Andaraí	Ibicoara	Iraquara	Itaetê	Circuito do Diamante		Nova Redenção	Palmeiras	Seabra	TOTAL
						Lençóis	Mucugê				
Receitas de Transferências											
União		3.047.859	1.431.129	3.324.038	3.073.499	2.111.964	2.609.713	2.778.874	1.255.594	5.095.429	24.728.097
	FPM	2.437.717	935.074	2.476.022	1.883.288	1.650.681	2.063.352	2.030.803	1.165.823	3.714.033	18.356.792
	ITR	8.487	5.858	6.525	13.076	11.022	51.934	734	2.268	4.865	104.769
	IRRF	0	0	0	0	0	0	0	51.957	0	51.957
	Fund. Especial	7.366	0	9.540	9.540	6.360	7.950	7.110	0	14.310	62.177
	ICMS-L	23.898	0	19.126	0	18.571	39.057	14.947	15.761	48.507	179.866
	Convênios	61.735	0	223.563	0	80.707	101.019	70.079	0	213.858	750.963
	Outras	508.655	490.197	589.261	1.167.595	344.622	346.401	655.201	19.785	1.099.856	5.221.574
	(%) Total	82,16%	56,59%	69,24%	74,70%	74,41%	74,82%	79,19%	64,16%	68,75%	71,97%
Estado		662.009	1.097.938	1.476.403	1.040.965	726.484	878.333	730.049	701.286	2.316.625	9.630.091
	ICMS	512.191	881.128	413.541	433.646	412.102	811.399	310.573	345.805	1.025.746	5.146.132
	IPVA	3.165	8.720	6.856	7.643	4.178	6.429	1.709	7.674	54.921	101.295
	IPI	12.163	20.971	0	9.965	0	0	7.554	8.270	0	58.923
	Convênios	134.490	187.119	481.053	0	67.407	6.762	410.214	0	417.062	1.704.107
	Outras	0	0	574.952	589.710	242.797	53.743	0	339.537	818.895	2.619.635
	(%) Total	17,84%	43,41%	30,76%	25,30%	25,59%	25,18%	20,81%	35,84%	31,25%	28,03%
TOTAL		3.709.867	2.529.066	4.800.440	4.114.464	2.838.447	3.488.046	3.508.923	1.956.880	7.412.054	34.358.188

Fonte: TCM-BA, 2002

Tabela 3.6.10. Composição das receitas constitucionais nos municípios do Circuito do Ouro

		Abaíra	Érico Cardoso	Jussiape	Livramento Nsa. Sra.	Paramirim	Piatã	Rio de Contas	Rio do Pires	TOTAL
Circuito do Ouro										
Receitas de Transferências										
União		2.355.713	2.049.616	1.923.759	4.128.810	3.365.492	3.293.961	2.366.686	2.798.697	22.282.735
	FPM	2.063.352	1.432.373	1.650.681	3.027.271	2.599.823	2.476.022	2.073.299	1.790.466	17.113.287
	ITR	1.306	1.803	2.034	6.696	4.925	2.112	3.687	1.046	23.609
	IRRF	0	0	0	0	0	0	19.260	0	19.260
	Fund. Especial	0	0	6.360	0	0	9.540	0	0	15.900
	ICMS-L	0	14.543	13.649	58.105	25.496	20.657	18.247	16.232	166.929
	Convênios	0	0	0	0	0	270.523	0	261.513	532.036
	Outras	291.055	600.897	251.035	1.036.739	735.247	515.107	252.194	729.439	4.411.713
	(%) Total	86,63%	78,92%	80,82%	55,25%	80,17%	70,90%	80,07%	87,97%	73,91%
Estado		363.624	547.553	456.556	3.343.502	832.659	1.351.742	589.262	382.814	7.867.713
	ICMS	318.528	321.635	300.420	1.246.383	560.910	458.396	395.206	363.610	3.965.088
	IPVA	7.334	3.258	8.817	0	19.757	10.224	14.551	10.587	74.528
	IPI	0	7.681	0	29.395	13.221	0	9.490	8.616	68.403
	Convênios	37.762	0	95.828	1.081.064	238.771	27.201	20.295	0	1.500.922
	Outras	0	214.980	51.491	986.661	0	855.921	149.720	0	2.258.772
	(%) Total	13,37%	21,08%	19,18%	44,75%	19,83%	29,10%	19,93%	12,03%	26,09%
TOTAL		2.719.338	2.597.170	2.380.314	7.472.313	4.198.151	4.645.704	2.955.948	3.181.511	30.150.449

Fonte: TCM-BA, 2002

3.6.2.4. Participação das Despesas com Pessoal

Em relação à participação das despesas com pessoal na despesa total, pode-se notar que os municípios de Piatã (48%), de Mucugê (44%) e de Lençóis (42%) são os que as têm mais elevadas

percentualmente. Já os municípios que as mantêm em menor nível relativo são Palmeiras (24%), Ourolândia (26%) e Wagner (27%).

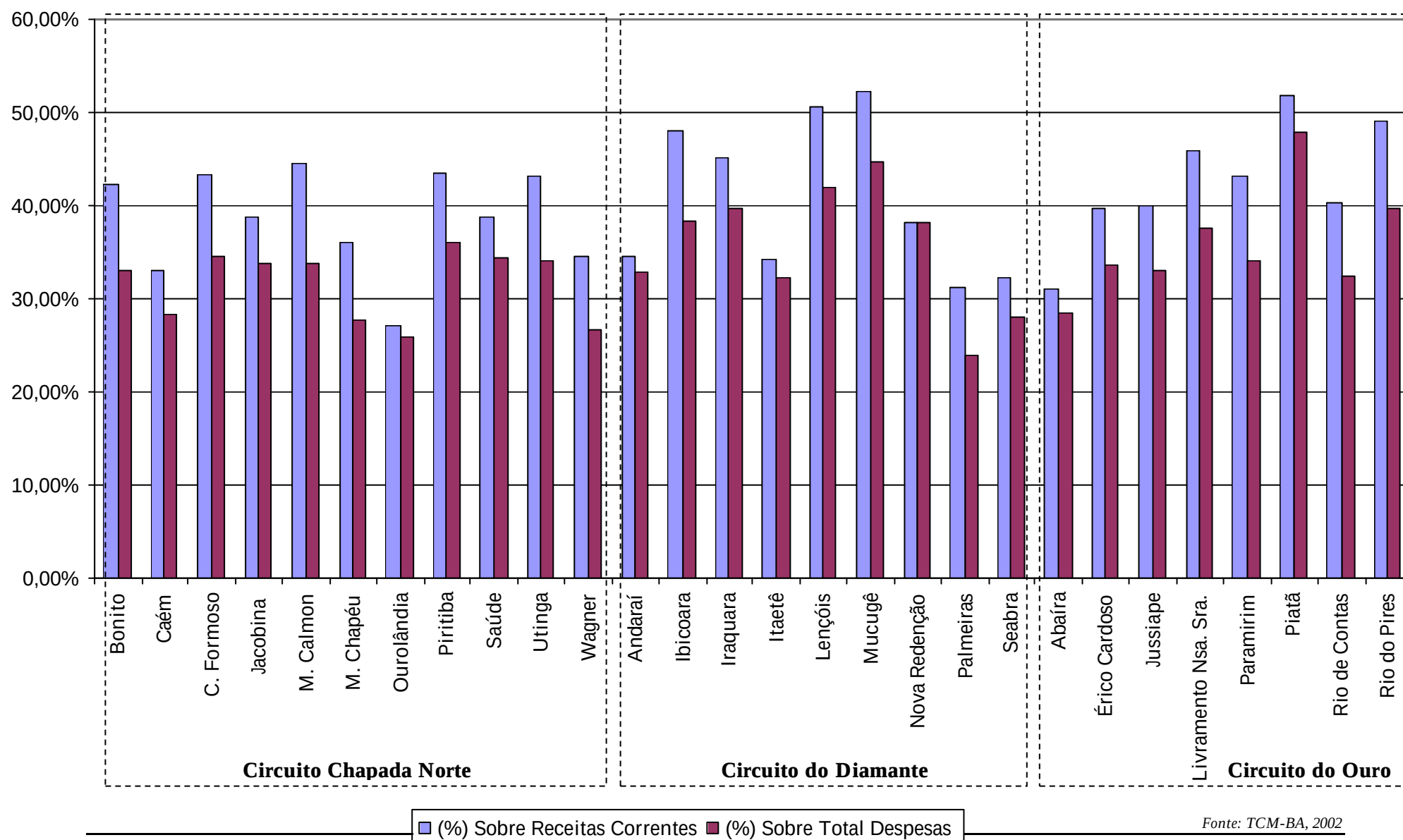
Quanto às despesas de pessoal sobre as receitas correntes, destacam-se Ourolândia (27%) e Abaíra e Palmeiras, com cerca de 31%. Salienta-se que segundo o TCM-BA, todos os municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina obedeceram ao limite exigido pela Lei 82/95.

Tabela 3.6.11. Participação das despesas em obediência à Lei 82/95

	Município	Despesas com Pessoal (em reais)	(%) de Despesas de Pes- soal sobre Total de Despesas	(%) de Despesas de Pes- soal sobre Receitas Correntes	Resultado ante a Lei 82/95
Circuito Chapada Norte	Bonito	1.562.950	33,07%	42,36%	Obedeceu Limite
	Caém	1.826.783	28,39%	33,13%	Obedeceu Limite
	Campo Formoso	6.014.988	34,69%	43,28%	Obedeceu Limite
	Jacobina	7.039.834	33,83%	38,88%	Obedeceu Limite
	Miguel Calmon	2.586.200	33,91%	44,48%	Obedeceu Limite
	Morro do Chapéu	2.188.742	27,75%	35,97%	Obedeceu Limite
	Ourolândia	1.704.465	25,93%	27,08%	Obedeceu Limite
	Piritiba	2.368.799	36,01%	43,53%	Obedeceu Limite
	Saúde	1.793.707	34,39%	38,83%	Obedeceu Limite
	Utinga	1.725.018	34,13%	43,22%	Obedeceu Limite
	Wagner	714.271	26,73%	34,59%	Obedeceu Limite
Circuito do Diamante	Andaraí	1.452.008	32,95%	34,62%	Obedeceu Limite
	Ibicoara	1.299.988	38,46%	48,09%	Obedeceu Limite
	Iraquara	2.230.674	39,71%	45,23%	Obedeceu Limite
	Itaetê	1.440.695	32,22%	34,17%	Obedeceu Limite
	Lençóis	1.487.496	41,97%	50,64%	Obedeceu Limite
	Mucugê	2.024.011	44,82%	52,23%	Obedeceu Limite
	Nova Redenção	1.434.535	38,29%	38,19%	Obedeceu Limite
	Palmeiras	643.885	23,95%	31,36%	Obedeceu Limite
	Seabra	2.469.979	28,16%	32,18%	Obedeceu Limite
Circuito do Ouro	Abaíra	878.542	28,43%	31,15%	Obedeceu Limite
	Érico Cardoso	1.077.380	33,70%	39,73%	Obedeceu Limite
	Jussiapé	1.032.640	33,12%	40,09%	Obedeceu Limite
	Livramento N. Sra.	3.619.812	37,59%	45,91%	Obedeceu Limite
	Paramirim	1.944.336	34,13%	43,26%	Obedeceu Limite
	Piatã	2.482.721	47,91%	51,89%	Obedeceu Limite
	Rio de Contas	1.235.043	32,43%	40,47%	Obedeceu Limite
	Rio do Pires	1.609.379	39,86%	49,02%	Obedeceu Limite

Fonte: TCM-BA, 2002

Gráfico 3.6.6. Participação das despesas com pessoal em relação a receita orçamentária e despesa total nos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina



3.6.3. Capacidade de Gestão das Atividades Turísticas

Para a avaliação da capacidade de gestão da exploração das atividades turísticas dos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina identificou-se, conforme recomendações do Termo de Referência, os seguintes itens: (i) a base legal; (ii) os instrumentos de gestão, controle, monitoramento e fiscalização da atividade turística; e (iii) os sistemas de informação e base de dados.

As fontes dos dados que propiciaram a análise foram os Diagnósticos Institucionais (DI's) de uma amostra dos municípios (16) e a Pesquisa de Informações Básicas Municipais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

3.6.3.1. Base Legal

Como já citado no item 3.3.6.1, os municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina não possuem, de forma geral, uma estrutura adequada para instrumentalizar as prefeituras municipais e as comunidades locais no planejamento e na implementação de políticas públicas. Assim, em geral, não contam com uma base normativa e legal suficiente na área de planejamento, administração e fiscalização do uso do solo, incluindo o zoneamento do uso do solo, a fiscalização das construções e todo o sistema de licenciamento das edificações.

Nesse aspecto, destaca-se a escassez de Planos Diretores Municipais, o que acaba por inviabilizar uma gestão adequada do crescimento dos núcleos urbanos frente às novas exigências econômicas, sociais e ambientais impostas pela atividade turística. Tal fato é de fácil visualização no município de Lençóis onde "(...) os impactos principais têm sido a substituição do uso residencial pelo comercial e de serviços no Centro, a supervalorização imobiliária destes imóveis, o aumento da área urbana (para abrigar os moradores que saem da área urbana ou mesmo novos moradores), e da própria vida econômica não turística da cidade."³²

Do ponto de vista das ações relacionadas à proteção e monitoramento das condições ambientais (florestas, mananciais, etc.) observa-se que devido à existência de uma política deliberada do Governo Estadual de potencializar o ecoturismo como uma atividade econômica sustentável na região da Chapada Diamantina, esforços têm sido feitos para corrigir a ausência de uma base normativa e legal para uma ação de proteção sistemática às riquezas naturais da região.

Desta forma, a existência dos Planos de Manejo para as Áreas de Proteção Ambiental existentes na região, bem como do Plano de Referência Urbanística e Ambiental – PRUA, corroboram para identificar um esforço no gerenciamento do crescimento econômico regional. Ao mesmo tempo, vale-se registrar que os municípios brasileiros são orientados também por leis federais e estaduais, tais como, a Constituição Federal de 1988, a Lei de Crimes Ambientais de 1998 e o Código Estadual de Meio Ambiente. Estes instrumentos legais vêm sendo observados no processo de zoneamento, fiscalização do uso do solo e no monitoramento da proteção ambiental local. Salienta-se que o PRUA é um instrumento legal e precisa ser aprovado por meio de Lei Municipal em todos os municípios que compõem a área objeto do Plano.

³² MINC/ Monumenta BID. *Projeto Lençóis/BA: Resumo do Perfil do Projeto*. Abril de 2002. Pg. 11.

Identificou-se, ainda, a existência de Conselhos Municipais de Turismo e/ou Meio Ambiente como uma predisposição para uma exploração sustentável do turismo, bem como um instrumento eficaz (se bem utilizado) no controle e monitoramento do desenvolvimento da atividade. Destaca-se que a existência destes conselhos nos municípios é condição fundamental para a obtenção de financiamentos no âmbito do PRODETUR/NE II.

Tabela 3.6.12. Conselhos de Turismo e Meio Ambiente no Pólo Turístico Chapada Diamantina

	Município	Conselho Municipal de Turismo	Conselho Municipal de Meio Ambiente
Circuito Chapada Norte	Bonito	Não	Sim
	Caém	Não	Não
	Campo Formoso	Não	Não
	Jacobina	Sim	Sim
	Miguel Calmon	Sim	Sim
	Morro do Chapéu	Sim	Sim
	Ourolândia	Não	Não
	Piritiba	Sim	Não
	Saúde	Não	Não
	Utinga	Não	Não
Circuito do Diamante	Wagner	Não	Não
	Andaraí	Sim	Não
	Ibicoara	Sim	Sim
	Iraquara	Sim	Não
	Itaetê	Não	Não
	Lençóis	Sim	Sim
	Mucugê	Sim	Sim
	Nova Redenção	Não	Não
	Palmeiras	Sim	Sim
Circuito do Ouro	Seabra	Não	Sim
	Abaíra	Não	Não
	Érico Cardoso	Não	Não
	Jussiape	Sim	Sim
	Livramento N. Sra.	Não	Não
	Paramirim	Sim	Não
	Piatã	Não	Não
	Rio de Contas	Não	Não
	Rio do Pires	Não	Não

Fonte: IBGE – Pesquisa de Informações Básicas Municipais, 1999 / BID – Diagnóstico Institucional dos Municípios, 2001

Pode-se notar que uma parte significativa (61%) dos municípios pertencentes ao Pólo Turístico Chapada Diamantina não possui Conselhos Municipais de Turismo e/ou Meio Ambiente. Dentre os que têm Conselho grande parte está situada no Circuito do Diamante – 55% do total deste circuito, que é onde a atividade turística está mais consolidada contando com uma oferta técnica abrangente. Neste sentido, é importante notar que o município de Lençóis criou, em 2001, o Fundo de Preservação do Patri-

mônio Histórico e Cultural visando financiar as ações de preservação e conservação das áreas submetidas ao Projeto de Recuperação do Patrimônio Histórico e Cultural de Lençóis, desenvolvido e implantado no âmbito do Programa Monumenta (para maiores detalhes sobre este Programa ver item 3.3.4.2. Programas e Projetos no capítulo 3.3.4. Patrimônio Histórico e Cultural).

Por fim, se destaca a criação do Conselho Regional de Turismo da Chapada Diamantina, ocorrida no primeiro semestre de 2002, visando incentivar a participação das comunidades no processo de planejamento e desenvolvimento da atividade turística na região. O Conselho ainda encontra-se em fase de estruturação e suas atribuições ainda não foram definidas.

3.6.3.2. Instrumentos de Gestão do Turismo e Sistema de Informação

Os instrumentos de gestão, controle, monitoramento e fiscalização da atividade turística são as ferramentas bá-

sicas pelas quais é possível a administração do crescimento do setor do turismo nas destinações turísticas. Neste sentido, a existência de sistemas de informação e base de dados municipais insere-se como um instrumento de gestão singular, não só pela agilidade e possibilidade de integração nos diversos departamentos do setor público, mas também pelo potencial de inserção de maior transparência, eficiência e democratização das decisões e processos relacionados à gestão do negócio público. Para maiores informações sobre a participação dos municípios no PNMT – Programa Nacional de Municipalização do Turismo, ver item 3.7.14. Relacionamento Setor Público e Empresários.

Tabela 3.6.13. Instrumentos de gestão do turismo implementados no Pólo Turístico Chapada Diamantina

	Município	Cadastro de Patrimônio	Cadastro de Alvarás	Mapeamento	Cadastro Imobiliário
Circuito Chapada Norte	Bonito	Não	Não	Não	Sim
	Caém	Não	Não	Não	Não
	Campo Formoso	Sim	Sim	Não	Sim
	Jacobina	Sim	Sim	Não	Sim
	Miguel Calmon	Não	Sim	Não	Sim
	Morro do Chapéu	Sim	Não	Não	Não
	Ouroândia	Não	Não	Não	Não
	Piritiba	Não	Não	Não	Sim
	Saúde	Sim	Não	Não	Não
	Utinga	Não	Não	Não	Não
	Wagner	Não	Não	Não	Não
do	Andaraí	Não	Não	Não	Não

	Município	Cadastro de Patrimônio	Cadastro de Alvarás	Mapeamento	Cadastro Imobiliário
Circuito do Ouro	Ibicoara	Sim	Sim	Não	Sim
	Iraquara	Sim	Não	Não	Não
	Itaetê	Sim	Sim	Não	Sim
	Lençóis	Não	Não	Não	Não
	Mucugê	Sim	Sim	Não	Sim
	Nova Redenção	Não	Não	Não	Não
	Palmeiras	Não	Não	Não	Não
	Seabra	Sim	Não	Não	Sim
	Abaíra	Não	Não	Não	Não
	Érico Cardoso	Não	Não	Não	Não
	Jussiape	Sim	Não	Não	Não
	Livramento de N. Sra.	Não	Não	Não	Não
	Paramirim	Não	Não	Não	Não
	Piatã	Não	Não	Não	Não
	Rio de Contas	Sim	Não	Não	Não
	Rio do Pires	Não	Não	Não	Não

Fonte: IBGE – Pesquisa de Informações Básicas Municipais, 1999 / BID – Diagnóstico Institucional dos Municípios, 2001

Assim, para uma avaliação abrangente desses instrumentos na área objeto de estudo foram selecionados indicadores – como a existência de cadastros informatizados, de Secretarias de Turismo e/ou Meio Ambiente, etc., que possibilitam um diagnóstico adequado da realidade local.

Através da tabela acima, pode-se perceber a baixa incidência desses instrumentos de gestão nos municípios estudados, dentre estes o mapeamento – (instrumento de grande auxílio para controle de áreas naturais o levantamento aerofotogramétrico e/ou geoprocessamento) - que simplesmente não é realizado, e o Cadastro de Alvarás (18%). O Cadastro do Patrimônio é de maior incidência, sendo utilizado em 36% destes.

Dos municípios da amostra, 53% possuem Secretaria de Turismo que pode estar vinculada a outras pastas como, por exemplo, à Educação, ao Desenvolvimento Econômico, ao Desporto e ao Meio Ambiente.

Já a pasta de Meio Ambiente só aparece em 31% das estruturas administrativas municipais analisadas, demonstrando novamente uma visão míope dos planejadores municipais sobre a importância da questão ambiental.

Identificou-se, também, que 31% dos municípios da amostra possuem Planos Setoriais específicos ao Turismo e ao Meio Ambiente. Tal fato demonstra que aqueles que contam com uma máquina administrativa relativamente estruturada – com secretarias específicas, por exemplo, vêem como estratégico o desenvolvimento destes setores.

Somente 13% dos municípios concedem benefícios fiscais específicos ao desenvolvimento do setor do turismo, sendo considerados, segundo os Diagnósticos Institucionais

nais, na Lei Orçamentária Anual e de acordo com as metas previstas na Lei de Diretrizes Orçamentárias.

Por fim, levantou-se que 40% dos municípios conta com projetos e programas específicos da área de turismo e/ou meio ambiente estando relacionados, em geral, à criação de unidades de conservação municipais, à instalação de trilhas para ecoturismo e até o estímulo ao associativismo, com a instalação de associações de proprietários de pousadas ou de guias e monitores ambientais.

3.6.4. Conclusão

A análise desenvolvida no presente capítulo permitiu verificar que a ausência de instrumentos normativos; a deficiência de recursos humanos em número e com formação para agir; a falta de equipamentos para realizar uma fiscalização sistemática; e a falta de estruturas arrecadatórias mais eficientes que possam elevar o patamar de receitas próprias (tributos) comprometem as ações municipais na gestão do turismo e dos impactos decorrentes de seu desenvolvimento.

Tais condições, presentes em muitos municípios brasileiros, podem vir a potencializar os efeitos negativos da atividade turística, possibilitando não só a inflação de preços imobiliários em conjunto com processos de ocupação desordenados, migrações e a perda de identidade cultural, degradação dos atrativos naturais e culturais, dentre outras, como também inviabilizar a exploração eficaz dos aspectos positivos do turismo.

Em Lençóis, por exemplo, a arrecadação efetiva está muita aquém do potencial, chegando a ter 80% de evasão de IPTU e de 50% de ISS. Neste município, a estrutura de arrecadação é praticamente inexistente e depende de uma reestruturação administrativa e financeira visando atingir melhor eficiência e eficácia da arrecadação³³. Ao mesmo tempo a cidade enfrenta dificuldades, como no caso da poluição sonora, que “(...) é um problema para a população residente no núcleo histórico e seu entorno imediato, principalmente porque a fiscalização da Lei pertinente é precária, pela deficiência de aparatos técnicos e recursos humanos.”³⁴

É importante destacar que o perfil das gestões municipais existentes no Pólo Turístico Chapada Diamantina não difere da realidade do país, aonde os governos locais durante longas décadas foram prisioneiros de um federalismo extremamente centralizado que limitou o aperfeiçoamento do aparelho de planejamento local. Assim, o recente processo de descentralização deparou-se com administrações municipais arcaicas, improdutivas, ainda que por vezes inchadas em número de funcionários, e contaminadas pela inércia e por práticas políticas não democráticas. Tudo isso se dá em um cenário também de pobreza material da maioria dos municípios, o que reduz drasticamente a capacidade de investimento a partir de recursos locais.

³³ MINC. Op cit. Pg. 28.

³⁴ _____. Op cit. Pg. 12.

Visando a reduzir tais dificuldades o Governo Federal criou programas para aumento da capacidade gerencial municipal. Dentre estes se destaca o Programa de Modernização da Administração Tributária e Gestão dos Setores Sociais Básicos – PMAT, que se destina à modernização da administração tributária e à melhoria da qualidade do gasto público dentro de uma perspectiva de desenvolvimento local sustentado, visando proporcionar aos municípios brasileiros possibilidades de atuar na obtenção de mais recursos estáveis e não inflacionários e na melhoria da qualidade e redução do custo praticado na prestação de serviços nas áreas de administração geral, assistência à criança e jovens, saúde, educação e de geração de oportunidades de trabalho e renda, através das seguintes ações:

- (i) fortalecimento das capacidades gerencial, normativa, operacional e tecnológica da administração tributária e da gestão pública dos serviços sociais básicos e demais ações de natureza fiscal ou racionalizadoras do uso de recursos públicos disponíveis nos governos locais;
- (ii) desenvolvimento e aperfeiçoamento de sistemas de informações, serviços e processos voltados ao cumprimento das atribuições e competências municipais estabelecidas no âmbito do Sistema Único de Saúde-SUS, Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB;
- (iii) acompanhamento das obrigações tributárias, maximização do uso de recursos ociosos/sub-utilizados e eliminação de perdas, melhoria da qualidade e da oferta desses serviços a um menor custo, registro, controle e gerenciamento da execução do gasto público;
- (iv) cooperação permanente das unidades da federação entre si, com órgãos da Administração Federal e com a Sociedade Civil para atuação conjunta, intercâmbio de experiências, informações, cadastros e formação de redes sociais que racionalizem, melhorem e ampliem o atendimento e reduzam o custo unitário da prestação dos serviços; e
- (v) modernização da administração pública voltada para iniciativas de desenvolvimento local que promovam capacitação e articulação do tecido produtivo e geração de trabalho e renda.

Destaca-se também, a existência do Programa de Apoio à Administração Fiscal dos Municípios Brasileiros – PNAF-M, que foi criado no ano de 2001 e possui os mesmos objetivos do Programa Nacional de Apoio à Administração Fiscal para os Estados Brasileiros – PNAFE, este criado em 1997.

Por fim, baseando-se na avaliação desenvolvida no decorrer deste capítulo e sob a perspectiva apresentada, pode-se afirmar que a capacidade de gestão do PRODETUR/NE II nos municípios do pólo encontra-se ainda fragilizada, demandando as seguintes ações e recursos:

- Implantação de sistemas de informação que possibilitem a construção de indicadores de acompanhamento e avaliação dos resultados das gestões públicas municipais, com a aquisição de hardware e de redes de computação e de comunicação e

aquisição e desenvolvimento de software e sistemas de informação, inclusive para implantação e acesso à internet;

- Elaboração de políticas de gerenciamento dos recursos humanos nas administrações municipais, fortalecendo o setor público local como um parceiro e gestor do Programa na região. Para tanto, dever-se-á capacitar os recursos humanos locais, com o desenvolvimento de programas de treinamento, atualização e reciclagem de pessoal, participação em cursos e seminários e visitas técnicas;
- Adequação estrutural, com a aquisição de equipamentos de apoio à operação e fiscalização, bem como a adequação de ambientes físicos, através da melhoria de instalações e de programas operacionais e de atendimento ao cidadão;
- Implantação de programas de ajuste fiscal como o Programa de Modernização da Administração Tributária e Gestão dos Setores Sociais Básicos – PMAT, Programa de Apoio à Administração Fiscal dos Municípios Brasileiros – PNAF-M ou similar nos municípios do pólo que apresentam elevado endividamento público; e
- Elaboração ou complementação dos Planos Diretores, código de obras, lei de uso do solo e meio ambiente nos municípios do pólo e criação de conselhos municipais de turismo e meio ambiente.

3.7. Capacitação do Setor Privado no Turismo

Apresenta-se neste capítulo uma avaliação das consequências diretas provenientes dos investimentos efetuados na região pelo PRODETUR/NE I.

O capítulo está dividido em cinco partes. A primeira trata da evolução das empresas turísticas e investimentos realizados pelo setor privado na Chapada Diamantina, bem como indica o interesse do setor privado em novas iniciativas.

A segunda parte trata do perfil dos empresários, de sua visão e dos sistemas de qualidade e controle que estão implantados em suas empresas.

A terceira dedica-se à dependência do setor empresarial em relação a outras regiões, tanto no que diz respeito a fornecedores como no que se refere à captação de clientes.

As formas de associativismo empresarial encontradas na Chapada Diamantina são discutidas na quarta parte deste capítulo, traçando um panorama geral do tipo de organização horizontal e vertical que o setor privado dedicado ao turismo possui.

Por fim, a problemática do setor privado é tratada na última parte, junto com a discussão a respeito do relacionamento estabelecido entre os empresários e o setor público, uma vez que as duas questões estão intimamente relacionadas.

O capítulo foi desenvolvido principalmente a partir de entrevistas realizadas no segundo semestre de 2002 com setores públicos e empreendimentos turísticos, e se encontra apoiado em dados estatísticos de diversas fontes especificados ao longo do texto.

3.7.1. Investimentos do Setor Privado

Na última década, a atividade turística tem sido objeto de atenção no país como nunca antes havia ocorrido. A população ocupada nos segmentos voltados para o setor de turismo cresceu 24% entre 1992 e 1999, enquanto que na economia brasileira como um todo o crescimento de postos de trabalho foi de apenas 10%.³⁵

³⁵ Instituto de Hospitalidade – IH. *Perfil dos Profissionais no Mercado de Trabalho do Setor de Turismo no Brasil*. Salvador, 2000.

Por outro lado, outro dado do IH³⁶ reflete o crescimento da importância da atividade turística: de 1998 a 2000, o número de estabelecimentos de ensino dedicados à capacitação de pessoal na área de turismo no Brasil passou de 179 a 362, sendo que o número de cursos oferecidos saltou de 191 para 557.

Essa movimentação no setor por todo o Brasil também é sentida nos circuitos que compõem a Chapada Diamantina. Esta região, como apontado no capítulo 3.8. Produtos e Atrativos Turísticos, possui um potencial turístico marcante, com atrativos que podem potencialmente atrair diversos segmentos de turistas. Os atrativos naturais são diversificados, quer em termos de vegetação, relevo, hidrografia e paisagem, quer em termos de clima ou de fauna. Os atrativos histórico-culturais vão de pinturas rupestres a edificações com arquitetura colonial, eventos folclóricos a manifestações do artesanato local. Em nível regional, algumas cidades maiores, como Jacobina e Livramento de Nossa Senhora, apresentam potencial para atrair turistas da própria Chapada, em viagens de negócios e eventos.

3.7.1.1. Pólo Turístico Chapada Diamantina

Os investimentos privados em turismo na Chapada Diamantina começaram a se elevar em 1991, conforme indica a pesquisa Léda³⁷: “O demonstrativo dos investimentos privados em equipamentos hoteleiros em Lençóis, entre 1991 e

1993” já dava “uma medida de que o processo de capitalização dos micros e pequenos empresários locais se (intensificava), permitindo a ampliação dos (...) estabelecimentos.”

Os investimentos recebidos a partir do PRODETUR/NE I dão o testemunho do potencial de crescimento, ainda que existam inúmeros problemas na organização do turismo na região. A tabela 3.7.1 apresenta dados da Sudetur (maio/2002) a respeito dos investimentos realizados e previstos por município da Chapada Diamantina. Para maiores detalhes sobre UHs e número de leitos ver capítulo 3.9 Qualidade e Oferta de Alojamentos e Outros Serviços.

Tabela 3.7.1. Investimentos privados na Chapada Diamantina – 1994 a 2002

Circuito/Município/Empresa	Valor	Ano	Situação
Circuito Chapada Norte			
Morro do Chapéu	493.000		
Pousada Ecológica das Bromélias		2000	Concluído
TOTAL CHAPADA NORTE	493.000		
Circuito do Diamante			
Andaraí	1.600.000		
Paraguaçu Praia Hotel		1997	Concluído
Pousada Ecológica de Andaraí		1997	Concluído
Pousada Pedras de Igatu –Igatu		1994	Concluído

³⁶ Instituto de Hospitalidade – IH. Oferta de Capacitação Profissional no Setor de Turismo. Salvador, 2000. p. 17

³⁷ Op cit. 1995. p. 106.

Circuito/Município/Empresa	Valor	Ano	Situação
Pousada Pedras de Igatu II		1996	Concluído
Iraquara	80.000		
Pousada e Rest. Corpus e Copos		1995	Concluído
Itaete	100.000		
Pousada Poço Encantado		1998	Concluído
Lençóis	8.551.060		
Village Lapão Hotel -Km11-Ent.		1992	Concluído
Gauxo Hotel Fazenda		1993	Concluído
Hotel Canto Das Águas-B.Rio		1992	Concluído
Pousada de Lençóis (ampliação)		1994	Concluído
Hotel Portal de Lençóis		1997	Concluído
Pousada Bons Lençóis		1993	Concluído
Estalagem - Centro		1992	Concluído
Estalagem II		1993	Concluído
Casa de Hélia e Trjano-Centro		1993	Concluído
Pousada Verde Perto		1998	Concluído
Vil.Lapão Hotel (ampliação)		1997	Concluído
Pousada Roncador		1997	Concluído
Cirtur Pousada		1997	Concluído
Pousada Lavramor		1994	Concluído
Pousada Raio do Sol		1996	Concluído
Hotel São José III		1999	Concluído
Shalon Hotel Fazenda		1999	Concluído
Pousada Buena Sorte		1999	Concluído
Pousada Violeiro		1998	Concluído
Pousada Por do Sol		1998	Concluído
Pousada Lumiar		1998	Concluído
Mucugê	1.900.000		
Pousada de Mucugê		1996	Concluído
Hotel Alpina - Mucugê		1996	Concluído
Palmeiras	379.5000		
Pousada Pai Inácio		1991	Concluído
Pousada da Palmeira		1993	Concluído
Pousada Candombá		1992	Concluído
Pousada Verde		1993	Concluído

Circuito/Município/Empresa	Valor	Ano	Situação
Pousada Sempre Viva		1997	Concluído
P. Lendas do Capão - Arraial		2000	Concluído
Seabra	535.000		
Hotel Brasília		1993	Concluído
Pousada Carne Assada		1994	Concluído
Hotel Diamantina		1991	Concluído
Hotel Palace		1996	Concluído
TOTAL CIRCUITO DO DIAMANTE 13.275.500			
Circuito do Ouro			
Abaira	25.000		
Hotel Abaíra		1994	Concluído
Jussiape	220.000		
Hotel Macedo		1997	Concluído
Jussiape Eco - Resort Hotel		2003	Em execução
Piatã	213.000		
Pousada Arco-Íris		1993	Concluído
Pousada Serra da Tromba		1999	Concluído
Pousada Piatã		1998	Concluído
Hotel J.J.M.		1994	Concluído
Rio de Contas	3.034.000		
Hotel Pérola do Rio		1993	Concluído
San Felipo Resort (1ª Etapa)		1995	Concluído
Pousada Raposo Chalé		1992	Concluído
TOTAL CIRCUITO DO OURO	3.492.000		
TOTAL CHAPADA DIAMANTINA	17.260.500		

Fonte: SCT / Sudetur, 2002 e Pesquisa Própria

Como se pode perceber, quase a totalidade dos investimentos realizados e previstos concentram-se no Circuito do Diamante (77%). O Circuito do Ouro fica com apenas 20%, ao tempo em que a Chapada Norte detém irrisórios 3%.

3.7.1.1.1. Circuito Chapada Norte

Conforme os dados da Sudetur acima apresentados, os investimentos ocorridos na Chapada Norte a partir do PRODETUR/NE I restringem-se a um estabelecimento de hospedagem na cidade de Morro do Chapéu, da ordem de R\$ 490 mil. Ressalte-se que a Chapada Norte é uma das áreas que foram incorporadas mais recentemente ao programa. Entretanto, puderam ser

identificadas algumas outras iniciativas, que não constam da tabela anterior, a partir da pesquisa realizada junto aos setores públicos municipais e ao setor privado, conforme a tabela 3.7.2. Para maiores detalhes sobre UHs e número de leitos ver capítulo 3.9 Qualidade e Oferta de Alojamentos e Outros Serviços.

Tabela 3.7.2. Outros investimentos privados na Chapada Norte – 1994 a 2002			
Fonte	Alojamentos Hoteleiros	Conclusão do Investimento	Natureza do Investimento
<u>Bonito</u>			
3	Pousada Estrela (Pensão)		
<u>Caém</u>			
3	Pousada Matos	2002	Inauguração
3	Pensão da Francisca		
<u>Campo Formoso</u>			
3	Hotel Campo Formoso	2002	ampliação UH
3	JBS Palace Hotel	2002	Inauguração
	Hotel Rio das Pedras		
<u>Jacobina</u>			
3	Pousada Hotel Jovem Jota	1996	Inauguração
3	Hotel Serra do Ouro		
<u>Miguel Calmon</u>			
	Hotel Odete		
3	Pousada Village	2001	adicionados banheiros em 2 quartos
3	Pousada Palmeiras	2001	inauguração
<u>Morro do Chapéu</u>			
3	Diamantina Palace Hotel	2000	fachada, acabamento, sala de reunião
	Pousada Ecológica das Bromélias		
	Pousada Vip		
<u>Ourolândia</u>			
3	Pousada Rio Veredas	1996	inauguração
<u>Saúde</u>			
3	Hotel Brasil	1999	inauguração
	Pousada Sol Dourado		
	Pousada Da Dona Laura		
<u>Utinga</u>			
	Hotel Solar		
	Hotel e Bar Flor da Utinga		
	Hotel Farias		
3	Pousada Japiim	2000	ampliação do número de UH, mini-bar
<u>Wagner</u>			
3	Hotel MR		

Fonte: (1) SUDETUR, (2) Bahiatursa e (3) Entrevistas

Fonte: SCT / Sudetur, 2002 e Pesquisa Própria

Em Bonito, conforme a Secretaria de Turismo, houve uma alavancagem da atividade turística a partir de 2000, ano de sua criação e início de suas atuações diretas na área. A Secretaria relata efeitos indiretos na expansão do comércio local, e informa que são linhas de crédito do Banco do Nordeste que estão estimulando empreendedores a montar seu próprio negócio.

A Pousada Matos, em Caém, foi inaugurada em 2002, com 5 unidades habitacionais e 18 leitos.

Campo Formoso possui três hotéis, um deles recém-inaugurado, e dois hotéis que fizeram investimentos no último ano.

A SICOMTUR, Secretaria de Indústria, Comércio, Mineração e Turismo de Jacobina mantém uma página na Internet dedicada à promoção do turismo <<http://www.jacobina.cjb.net>> com os hotéis da cidade. A SICOMTUR informa que de 1994 a 2002 a cidade dobrou a sua capacidade hoteleira, passando de 420 para 850 leitos em meios de hospedagem. Além disso, a Secretaria possui um projeto de implantação de um parque aquático com 52 atrações, com hotel próprio, com cerca de 500 leitos.

Em Miguel Calmon há uma pousada nova, a Pousada Palmeiras, e a Pousada Village sofreu investimentos em 2001. A prefeitura afirma estar oferecendo a novos empreendedores o terreno, isenção fiscal, o transporte do material de construção até o local e a instalação da infra-estrutura elétrica, ligação com a rede de abastecimento de água e com a rede de esgotos.

Além do investimento da Pousada Ecológica das Bromélias, em Morro do Chapéu também há outros hotéis inaugurados entre 1995 e 1997, e o hotel mais antigo, o Diamantina Palace Hotel, relata investimentos realizados no ano de 2000.

3.7.1.1.2. Circuito do Diamante

O Circuito do Diamante é, com grande vantagem, o que mais exerce atração sobre os empresários, por possuir um fluxo turístico maior e consolidado há mais tempo, e por ser o portal de entrada da Chapada Diamantina, graças à existência de um aeroporto.

Lençóis, o principal destino turístico da Chapada Diamantina, é procurado constantemente por empresários interessados em investir no setor turístico local.

Os dados da Sudetur de investimentos em Lençóis indicam que a cidade detém, sozinha, 77% do total de 17.260.500,00 dólares investidos entre 1994 e 2002. As outras cidades não apresentam procura da iniciativa privada considerável, motivo pelo qual o poder público municipal, em cidades como Iraquara e Palmeiras, buscam investidores, sendo que a primeira manifesta a intenção de atrair um meio de hospedagem de categoria cinco estrelas.

Algumas outras iniciativas de investimentos a partir de 1994 foram identificadas pela pesquisa de campo, especialmente em meios de hospedagem em Lençóis e em outras cidades do circuito, sem no entanto haver a possibilidade de precisar o montante envolvido. Elas podem ser observadas na tabela 3.7.3 por município do Circuito do Diamante.

Tabela 3.7.3. Outros investimentos privados no Circuito do Diamante – 1994 a 2002

Fonte	Alojamentos Hoteleiros	Conclusão do Investimento	Natureza do Investimento
<u>Andaraí</u>			
2, 3	Pousada Eden	1995	inauguração
2	Pousada Ibirapitanga		
2	Hotel Santa Isabel		
2, 3	Hotel Bastos		
2	Hotel Santo Antonio		
	Pousada Pedra de Igatu		
	Pousada Pedra de Igatu 2		
	Paraguaçu Praia Hotel		
3	Pousada Sincorá	1999	inauguração
	Pousada Andaraí		
2	Pousada Diamantina		
2	Pousada Oliveira		
<u>Ibicoara</u>			
3	Pousada Ibicoarense	2000	inauguração
	Hotel Chapada		
<u>Iraquara</u>			
3	Pousada das Grutas (antiga Pousada Corpus e Copos)		ampliação 19 UH (inaugurada em 1998)
3	Hotel Poço Encantado	1997	inauguração
<u>Itaeté</u>			
1, 3	Hotel Pousada São Roque		
1, 3	Pousada Poço Encantado		
1, 3	Hotel Fumaça		
1, 3	Hotel Nazaré		
1, 3	Pousada My House		
1, 3	Proteção de Deus Hotel		
1, 3	Hotel de Dona Maria		
<u>Lençóis</u>			
1, 2, 3	Hotel Tradição	2000	inauguração
2	Pousada Águas Claras		
1, 2, 3	Nossa Casa Pousada	1994	inauguração
2, 3	Pousada Diângela		varanda
1, 3	Hotel da Fazenda		ampliação 10 UH e piscina (inaugurada em 1993)
1, 3	Hotel Canto das Águas-B.Rio		ampliação 27 UH, piscina, sauna em construção
1, 3	Hotel de Lençóis		ampliação 40 UH, restaurante, construção de lavanderia (inaugurada em 1994)
1, 3	Pousada Bons Lençóis		
1, 3	Estalagem Alcino		ampliação UH

Fonte	Alojamentos Hoteleiros	Conclusão do Investimento	Natureza do Investimento
1	Estalagem II		
1, 3	Casa de Hélia e Trjano-Centro		ampliação UH
1, 3	Pousada Verde Perto		construção área aberta para eventos, manutenção, comprada há 2 anos(inaugurada em 1998)
1, 3	Pousada Raio do Sol		ampliação UH (inaugurada em 1996)
1, 3	Pousada Buena Sorte		ampliação UH, piscina (inaugurada em 1999)
1, 2, 3	Hotel Colonial		ampliação
2	Hotel Flor da Terra		
2	Camping e Alquimía		
2	P. Diamante Bruto		
2	Pousada o casarão		
2	Pousada Diamantina		
2	Pousada dos Duendes		
2	Pousalegre		
2	Pouso dos Anjos		
1, 3	Casa da Geléia		
1, 3	Cirtur Pousada		
1, 3	Hotel Portal de Lençóis		
1, 3	Hotel São José III		
1, 3	Parque de Lençóis - 1ª Etapa		
1, 3	Pousada Lavramor		
1, 3	Pousada Lumiar		
1, 3	Pousada Por Do Sol		
1, 3	Pousada Roncador		
1, 3	Pousada Violeiro		
1, 3	Shalon Hotel Fazenda		
1, 3	Village Lapão Hotel		
<u>Mucugê</u>			
3	Pousada de Mucugê		ampliação UH em execução
3	Hotel Alpina	1994	inauguração
3	Estalagem Éden	2000	inauguração
2, 3	Pousada Santo Antonio	1994	inauguração
<u>Nova Redenção</u>			
3	Pousada do Cleydison	1999	inauguração
1, 3	Pensão De Dona Nem		
<u>Palmeiras</u>			
1, 3	Hotel Globo		
2	P.Cachoeira Da Fumaça		
2	Pousada Da Nina		
1, 3	Pousada Candombá		ampliação UH, sauna indígena, sala de reunião (inaugurada em 1994)
1, 3	Pousada Verde		ampliação UH (inaugurada em 1994)

Fonte	Alojamentos Hoteleiros	Conclusão do Investimento	Natureza do Investimento
1, 3	P. Lendas do Capão - Arraial		ampliação UH (inaugurada em 2000)
2	Pousada Tatu Feliz		
2	Pousada Vale Do Capão		
1, 3	Pousada Sempre Viva		
1, 3	Pousada da Palmeira		
1, 3	Pousada Pai Inácio		
3	Pousada Lagoa das Cores	2002	em execução
Seabra			
2, 3	Hotel Brasília		
2	Pousada Carne Assada		
2	Hotel Diamantina		
2, 3	Hotel Palace		
2	Pousada Campestre		
3	Hotel Chapada		
2, 3	Grande Hotel		
	Hotel São José		
	Hotel São José II		
	Hotel Prado II		
	Hotel Prado	2002	ampliação UH, salas de reunião (inaugurado em 2001)
	Hotel Vieira		
	Pousada Amadeus		
	Hotel Lima		
	Hotel e		
	Restaurante.Alvorada		
	Pousada Seabra		
	Hotel Popular		
Fonte: (1) SUDETUR, (2)Bahiatursa e (3) Entrevistas			
Fonte: SCT / Sudetur, 2002 e Pesquisa Própria			

Em Andaraí, são duas novas pousadas além dos quatro empreendimentos registrados pela Sudetur. Em Ibicoara, uma pousada. A antiga Pousada e Restaurante Corpus e Copos, em Iraquara, inaugurada em 1998, está realizando uma ampliação das 9 unidades habitacionais (UH) iniciais para chegar a 28, enquanto o Hotel Poço Encantado é o novo empreendimento da cidade, inaugurado em 1997.

Lençóis possui dez empreendimentos em fase de expansão, e outros dois inaugurados em 1994 e 2000. Mucugê registra, além dos dois hotéis compilados em dados da Sudetur, mais três empreendimentos inaugurados entre 1994 e 2000. Nova Redenção, por sua vez, tem um empreendimento inaugurado em 1999.

Em Palmeiras, o setor privado teve grande interesse na região distrital de Caeté-Açú, onde se concentra a maior parte dos meios de hospedagem do local. Há duas pousadas inauguradas em 1994 e uma inaugurada em 2000 sendo ampliadas. Uma nova pousada está em construção.

3.7.1.1.3. Circuito do Ouro

Os dados da Sudetur (2002) apontam para um montante de investimentos no Circuito do Ouro de quase 3,5 milhões de dólares. Isso mostra que a região tem tido algum crescimento, apesar de não concentrar grande fluxo turístico.

Além dos investimentos quantificados pela Sudetur, foram identificados outros empreendimentos na região construídos, ampliados ou reformados no período de 1994 a 2002. A tabela 3.7.4 detalha que empreendimentos são esses.

Em Livramento de Nossa Senhora há três novos meios de hospedagem, inaugurados a partir de 1999. Um empreendimento de Paramirim realizou reformas em 4 unidades habitacionais. Em Piatã, além dos quatro novos hotéis que constam do banco de dados da Sudetur, outros dois meios de hospedagem foram inaugurados no último ano, e o hotel JJM, inaugurado em 1994, realizou ampliação de sua capacidade em 2001.

Tabela 3.7.4. Outros investimentos privados no Circuito do Ouro – 1994 a 2002

Fonte	Alojamentos Hoteleiros	Conclusão do Investimento	Natureza do Investimento
<u>Abaira</u>			
1	Hotel Abaíra	1994	inauguração
2	Hotel Miranda		
2	Hotel Plaza		
<u>Jussiape</u>			
1	Hotel e Rest. Macedo	1997	inauguração
2, 3	Hotel Bomfim		
1, 3	Jussiape Eco Resort Hotel Pensão da Dona Nane	2003	em execução
<u>Livramento de N.Sra.</u>			
3	Hotel Pôr do Sol	1999	inauguração
<u>Piatã</u>			
3	Pousada das Orquídeas	2002	inauguração
1	Pousada Serra Da Tromba	1999	inauguração
1	Pousada Piatã	1998	inauguração
1, 3	Hotel J.J.M. Hotel Alves		ampliação UH (inaugurado em 1994)
<u>Rio de Contas</u>			
3	Pousada, Camping e Bar Raposo Chalé	1997	Ampliação UH
2, 3	Pousada Rio de Contas		
2, 3	Pousada Rosa		
2	Hotel Maia		
3	Hotel Pérola do Rio	1999	inauguração
3	Pousada Sempre Viva	2001	inauguração

Fonte: (1) SUDETUR, (2)Bahiatursa, (3) Entrevistas e (4) Prefeitura

Fonte: SCT / Sudetur, 2002 e Pesquisa Própria

Rio de Contas registra a inauguração de dois novos meios de hospedagem: a Pousada dos Eucaliptos e a Pousada Sempre Viva. A prefeitura afirma estar recebendo muitas consultas de estrangeiros interessados em investir em meios de

hospedagem.

3.7.2. Perfil do Setor Privado

Este item analisa o perfil do empresário da área objeto de estudo, levando em consideração seu grau de escolaridade, especialização e profissionalização.

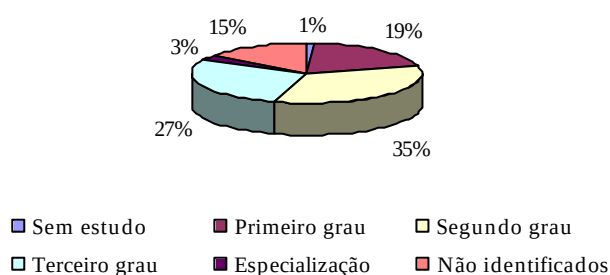
A ausência de sistemas de qualidade e controle sofisticados nos empreendimentos turísticos será comentada neste item, uma vez que se acredita que seja resultante da falta de preparo técnico do empresariado.

Os dados estatísticos apresentados foram estimados a partir de entrevistas com os empresários da Chapada Norte, do Circuito do Diamante e do Circuito do Ouro.

3.7.2.1. Perfil do Setor Privado

A pesquisa realizada em 88 empreendimentos revelou que a maioria dos empresários concluiu o ensino médio ou superior (62%) e que 3% chegam a ter cursado pós-graduação na área de turismo (especialização). Por outro lado, 19% dos empresários possuem apenas o primeiro grau e 15% optaram por não identificar sua escolaridade.

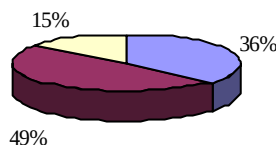
Gráfico 3.7.1. Grau de escolaridade dos empresários na Chapada Diamantina



Fonte: Pesquisa Própria

Em relação à capacitação dos empresários especificamente para a atividade turística, constatou-se que 36% participaram de cursos livres de turismo ou hotelaria oferecidos por instituições privadas ou públicas (prefeituras em parceria com ONGs ou empresas privadas). O gráfico a seguir (3.7.2) ilustra esta situação.

Gráfico 3.7.2. Capacitação profissional dos empresários na Chapada Diamantina



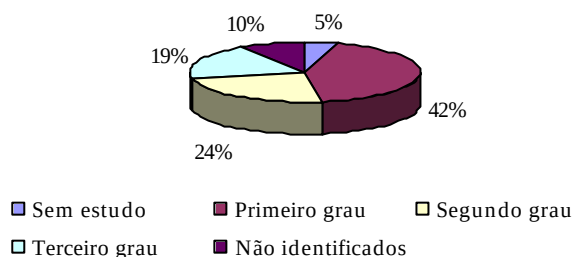
Fonte: Pesquisa Própria

Levando-se em consideração que o Circuito do Diamante engloba 62,5% das entrevistas realizadas, por ser o circuito de maior fluxo turístico, vê-se necessário analisar cada uma das três áreas da Chapada Diamantina separadamente, a fim de evidenciar o preparo dos empresários por circuito.

3.7.2.1.1. Circuito Chapada Norte

No Circuito Chapada Norte, não foi identificada a escolaridade de 10% dos empresários; 5% deles não possuíam nenhum tipo de estudo; 42% dos entrevistados possuíam apenas o ensino fundamental completo; 24% tinham o segundo grau e 19% dos entrevistados haviam terminado o terceiro grau (gráfico 3.7.3).

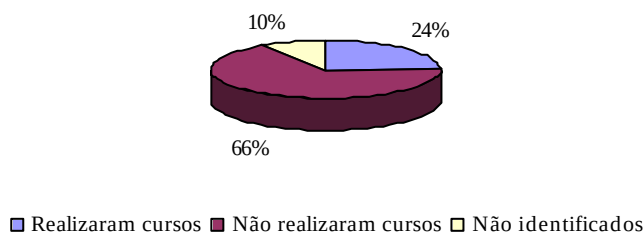
Gráfico 3.7.3. Grau de escolaridade – Circuito Chapada Norte



Fonte: Pesquisa Própria

Em relação à capacitação para atuação na atividade turística, 66% dos empreendedores não participou de nenhum tipo de curso voltado a turismo ou hotelaria, de acordo com o gráfico 3.7.4, abaixo.

Gráfico 3.7.4. Capacitação profissional – Circuito Chapada Norte

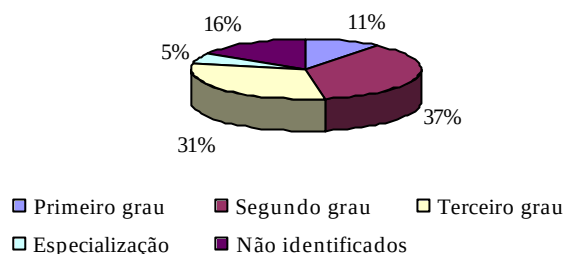


Fonte: Pesquisa Própria

3.7.2.1.2 Circuito do Diamante

No Circuito do Diamante, verifica-se uma situação distinta dos demais circuitos da região, já que apenas 11% dos entrevistados afirmaram possuir apenas o primeiro grau. A maioria (37%) terminou o segundo grau e 31% tem um diploma universitário. Além destes, 5% afirmou possuir especialização na área (Pós-graduação em Turismo e Antropologia, Administração Hoteleira e Gestão Hoteleira – empresários de Lençóis e Mucugê), conforme o gráfico 3.7.5.

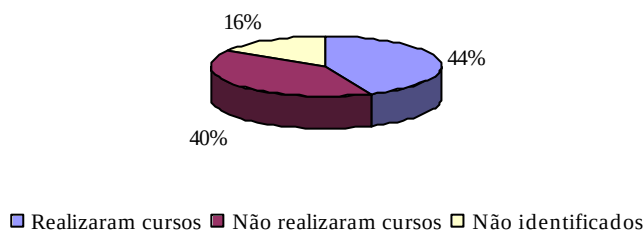
Gráfico 3.7.5. Grau de escolaridade – Circuito do Diamante



Fonte: Pesquisa Própria

Outro fator que se destaca no perfil do setor privado do Circuito do Diamante é o percentual de empresários preparados para a atividade turística através de cursos livres (gráfico 3.7.6).

Gráfico 3.7.6. Capacitação profissional – Circuito do Diamante



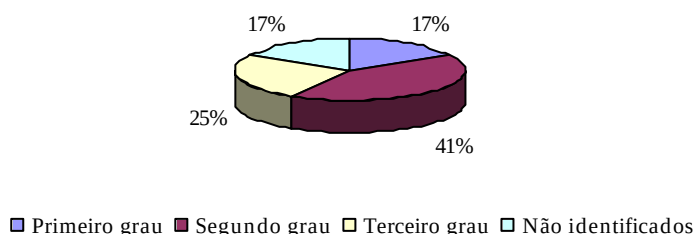
Fonte: Pesquisa Própria

Como pôde ser observado, a maioria dos entrevistados (44%) já cursou algum tipo de treinamento voltado a turismo ou hotelaria. Muitos empresários participaram de cursos oferecidos na própria região.

3.7.2.1.3. Circuito do Ouro

A maioria dos empresários da região concluiu o segundo grau (41%), 25% possuem diploma universitário e 17% concluíram apenas o primeiro grau, conforme o gráfico abaixo.

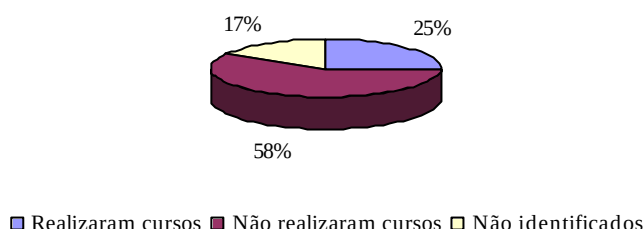
Gráfico 3.7.7. Grau de escolaridade – Circuito do Ouro



Fonte: Pesquisa Própria

Em relação à capacitação empresarial do circuito, a amostra revelou que a maioria dos entrevistados (58%) afirmou não ter participado de nenhum curso da área. Apenas 25% dos entrevistados haviam realizado cursos ligados a turismo e hotelaria, o que pode ser verificado no gráfico 3.7.8.

Gráfico 3.7.8. Capacitação profissional – Circuito do Ouro



Fonte: Pesquisa Própria

3.7.2.2. Sistemas de Qualidade e Controle

De forma geral, a prestação de serviços nos meios de hospedagem no Pólo Turístico Chapada Diamantina apresenta baixa profissionalização no atendimento ao cliente. O fato de a maioria dos funcionários dos empreendimentos atender ao telefone sem identificar

de imediato a empresa, corrobora o caráter familiar da administração dos meios de hospedagem da região do pólo e indica a inexistência de sistemas de qualidade e controle nestes empreendimentos.

A grande maioria dos estabelecimentos não utiliza micro-computadores no atendimento ao cliente – ainda que vários empresários acreditem ser a informatização uma necessidade de modernização operacional – o que também indica a baixa utilização de mecanismos de controle na administração dos empreendimentos.

Somente em Lençóis foram identificados hotéis que possuem *softwares* hoteleiros, entre eles: o Hotel Portal, que possui o Main Service; o Hotel Canto das Águas, que opera com o CB Hotel, programa alugado mensalmente de Sid Bastos, de Fortaleza; e o Hotel de Lençóis, que utiliza o programa Desbravador, alugado de uma empresa de mesmo nome do Rio Grande do Sul. Os três *softwares* fazem todo o controle de recepção (*check-in*, *check-out*, contas correntes de hóspedes na casa), de reservas, governança e caixa.

A capacitação profissional dos empresários e dos funcionários nos empreendimentos hoteleiros do Pólo Turístico Chapada Diamantina deve preceder a implantação de sistemas de qualidade e de controle mais sofisticados. Todavia, destaca-se que a capacitação de recursos humanos na região do pólo não deve suprimir características positivas da hospitalidade regional, haja vista que estes aspectos são bastante valorizados pelos turistas.

A implantação de sistemas gerenciais informatizados deve ser considerada como prioridade, sobretudo nos estabelecimentos que já possuem um quadro de funcionários familiarizados com as práticas de bom atendimento e com as técnicas de operação hoteleira.

3.7.2.3. Fornecedores do Setor Empresarial

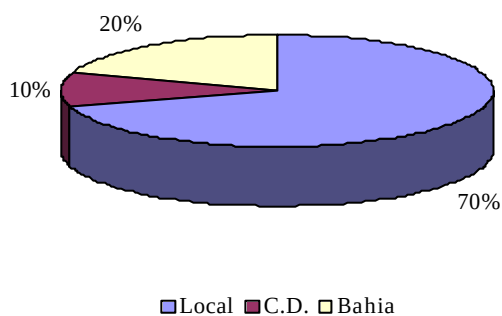
Este item foi desenvolvido através de pesquisa realizada com os empresários da Chapada Diamantina, e pesquisa através de meios de divulgação de agências e operadoras que

comercializam o roteiro da Chapada Diamantina.

Para que a avaliação de fornecedores fosse feita, os itens comprados pelas empresas turísticas foram divididos em quatro grandes grupos: hortifrutigranjeiros; carnes; suprimentos; e enxoval, equipamentos e outros ativos. Os dois primeiros grupos referem-se às principais compras de alimentos, o terceiro grupo a material de limpeza e de escritório e o último grupo a compras de materiais de vida útil maior que um ano, especialmente enxoval e equipamentos.

A compra de hortifrutigranjeiros é realizada, em média, por 70% dos empresários em seus próprios municípios, enquanto 10% compram em municípios vizinhos na própria Chapada Diamantina. Os 20% restantes compram hortifrutigranjeiros no Estado da Bahia, como demonstrado pelo gráfico 3.7.9.

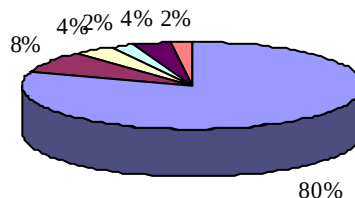
Gráfico 3.7.9. Fornecedores de hortifrutigranjeiros



Fonte: Pesquisa Própria

As cidades fora da Chapada Diamantina fornecedoras de hortifrutigranjeiros estão discriminadas no gráfico 3.7.10, conforme o percentual de empresários que declaram utilizá-las como fonte de abastecimento para esse tipo de produto.

Gráfico 3.7.10. Fornecedores de hortifrutigranjeiros fora da Chapada

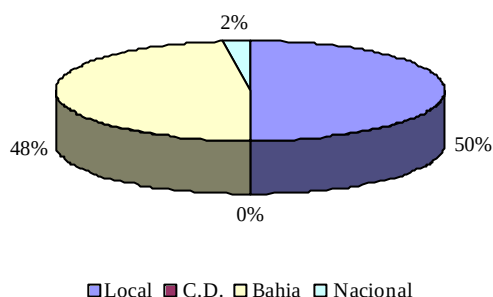


Local e C.D. Salvador Itaberaba Barra da Estiva Feira de Santana Jequié

Fonte: Pesquisa Própria

Carnes são compradas localmente em cada município (50%), em municípios fora da Área de Planejamento (48%) e fora do estado da Bahia (2%), conforme demonstrado no gráfico 3.7.11.

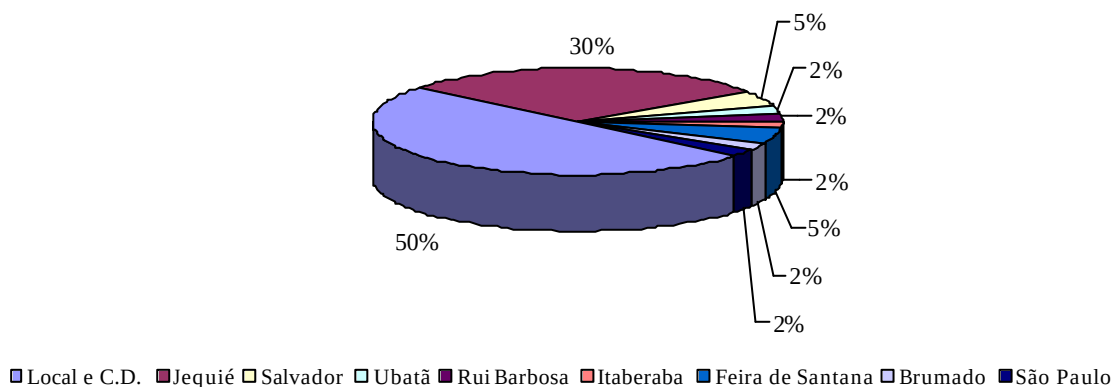
Gráfico 3.7.11. Fornecedores de carnes



Fonte: Pesquisa Própria

A origem dos fornecedores de carnes que não estão sediados em nenhum dos 28 municípios que compõem a Chapada Diamantina está demonstrada no gráfico 3.7.12.

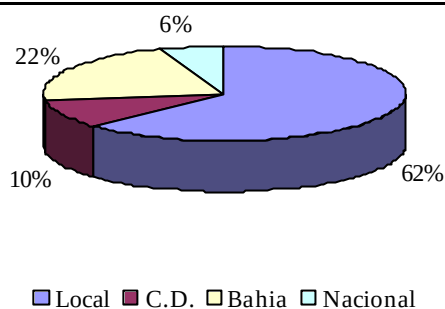
Gráfico 3.7.12. Fornecedores de carnes fora da Chapada Diamantina



Fonte: Pesquisa Própria

Suprimentos, tais como materiais de limpeza e de escritório, são comprados localmente (62%), em outros municípios da Chapada Diamantina (10%), no estado da Bahia (22%) e também fora do estado (6%). Essa distribuição está representada no gráfico 3.7.13.

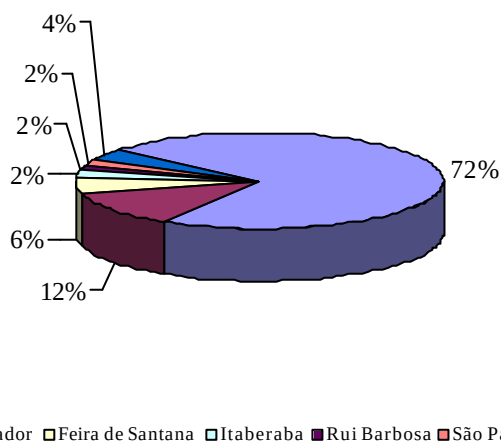
Gráfico 3.7.13. Fornecedores de suprimentos



Fonte: Pesquisa Própria

Quando comprados fora da Chapada, os principais fornecedores de suprimentos localizam-se em Salvador, Feira de Santana e Uberlândia, de acordo com o gráfico 3.7.14.

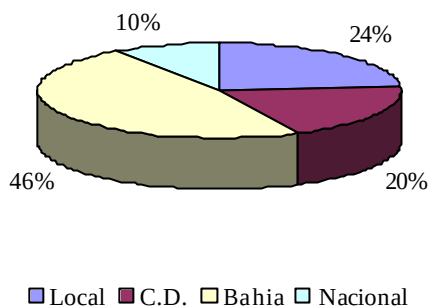
Gráfico 3.7.14. Fornecedores de suprimentos fora da Chapada Diamantina



Fonte: Pesquisa Própria

Por fim, os empresários ligados à atividade turística na Chapada Diamantina compram, em sua maioria (46%) enxoval e outros equipamentos em outras regiões da Bahia, sendo que apenas 44% compram dentro da Área de Planejamento (gráfico 3.7.15).

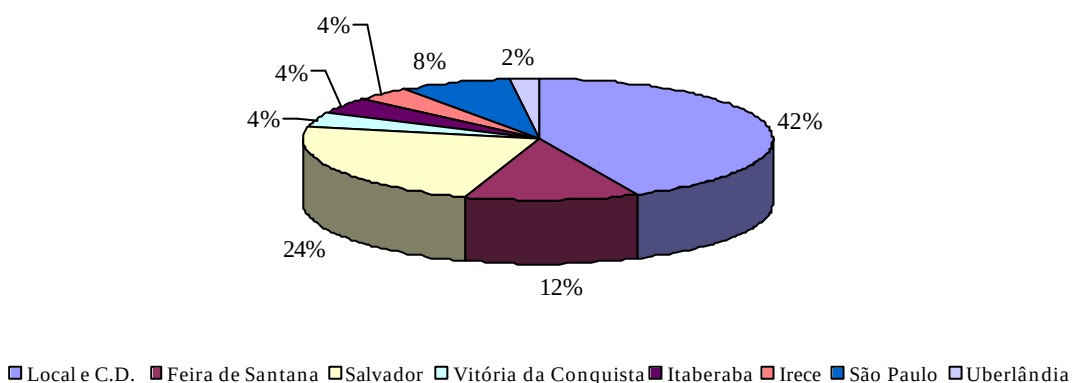
Gráfico 3.7.15. Fornecedores de enxoval e equipamentos



Fonte: Pesquisa Própria

Os fornecedores fora da Chapada são, principalmente, de Salvador (24%) e Feira de Santana (12%), conforme ilustrado pelo gráfico 3.7.16.

Gráfico 3.7.16. Fornecedores de enxoval e equipamentos



Fonte: Pesquisa Própria

3.7.2.4. Clientes do Setor Empresarial

Os meios de hospedagem, restaurantes e outras empresas turísticas da Chapada Norte e do Circuito do Ouro afirmam que o canal de comercialização de seus produtos é predominantemente direto com o cliente, seja através de hóspedes e turistas potenciais que os procuram através de telefone, principalmente, ou seja, através da venda direta para *walk ins* (hóspedes sem reserva que chegam à cidade procurando alojamento).

No Circuito do Diamante é onde se constata a maior porcentagem de transação indireta, principalmente nas cidades de Lençóis e Andaraí, o que pode ser verificado na tabela 3.7.5.

Tabela 3.7.5. Formas de comercialização do produto	
Circuito/Município	Forma de comercialização
Circuito Chapada Norte	
Bonito	predominantemente direta
Caém	predominantemente direta
Campo Formoso	predominantemente direta
Jacobina	direta e indireta
Miguel Calmon	predominantemente direta
Morro do Chapéu	direta e indireta
Ouro-lândia	predominantemente direta
Piritiba	predominantemente direta
Saúde	predominantemente direta
Utinga	predominantemente direta
Wagner	predominantemente direta
Circuito do Diamante	
Andaraí	direta e indireta
Ibicoara	predominantemente direta
Iraquara	direta e indireta
Itaetê	predominantemente direta
Lençóis	direta e indireta
Mucugê	direta e indireta
Nova Redenção	predominantemente direta
Palmeiras	predominantemente direta
Seabra	predominantemente direta
Circuito do Ouro	
Abaíra	predominantemente direta
Érico Cardoso	predominantemente direta
Jussiapé	predominantemente direta
Livramento de Nossa Senhora	predominantemente direta
Paramirim	predominantemente direta
Piatã	predominantemente direta
Rio de Contas	direta e indireta
Rio do Pires	predominantemente direta

Fonte: Pesquisa Própria

A tabela 3.7.6 mostra as principais agências emissivas, que são canais indiretos de comercialização para os empresários de turismo e hotelaria da Chapada Diamantina, e os respectivos pólos emissivos de atuação.

Tabela 3.7.6. Agências emissivas para a Chapada Diamantina		
Circuito / Município	Agências e operadoras responsáveis	Cidade Emissora de origem
Circuito Chapada Norte		
Jacobina	Freeway	São Paulo

Circuito / Município	Agências e operadoras responsáveis	Cidade Emissora de origem
Circuito do Diamante		
Lençóis	Multistar, Freeway, Venturas e Aventuras, CVC, Friends, Via MC, Climb, Cia Nacional de Ecoturismo, Big Trekking, Venice, Engenharia, Viaje Bem, Adventure Club, Kaiowá	São Paulo
	BBTur, Montreal Turismo	Brasília
	Top Hilton, Ecoaventour Viagens e Turismo, Doinitours Operadora, Canguru Viagens e Turismo	Salvador
	Ecotrekking Turismo e Aventura, Visão Turismo	Salvador
Andaraí	Venturas e Aventuras, Bahia Ventura	Lençóis
	Venturas e Aventuras, Freeway, Beeline	São Paulo
Ibicoara	Bahia Venturas	Lençóis
Circuito do Ouro		
Rio de Contas	Doinitours Operadora, Canguru Viagens e Turismo	Salvador

Fonte: Pesquisa Própria

A comercialização indireta identificada nos municípios de Jacobina, Lençóis e Rio de Contas é principalmente através de parcerias das agências de receptivo locais com agências e operadoras de outras regiões do país, destacando-se as sediadas principalmente em São Paulo, Brasília e Salvador. Alguns hotéis de Lençóis (Hotel Portal de Lençóis e Hotel Canto das Águas) e de Andaraí (Paraguaçu Praia Hotel, Pousada Ecológica de Andaraí e Pousada Pedra do Igatu) tem também negócios relevantes diretamente com as operadoras, de acordo com os gerentes entrevistados.

3.7.3. Associativismo Empresarial

As associações empresariais existentes na área de planejamento foram identificadas através de entrevistas qualitativas com os empresários e as prefeituras de cada cidade, realizadas durante o mês de julho de 2002. Os entrevistados foram questionados a respeito do nível de representatividade, das ações, da operacionalização e das fragilidades das associações.

3.7.3.1. Pólo Turístico Chapada Diamantina

Vários municípios relatam a existência de diversas associações de moradores e associações rurais e agrícolas. Entretanto, de uma forma geral, foi constatado que o nível de associativismo de empresários voltado ao setor turístico é muito baixo, especialmente no Circuito do Ouro e na Chapada Norte.

Dentre as associações rurais e agrícolas, merece destaque o Sindicato dos Produtores Rurais de Jacobina, que tem procurado ter alguma atuação no desenvolvimento turístico da cidade, através da promoção de eventos durante a baixa temporada, e a Federação dos Trabalhadores Agrícolas de Bonito, parceira da prefeitura na conscientização da população rural para a preservação do meio ambiente. Nesse sentido, também tem atuado o Grupo Ambientalista de Bonito (GAB).

Algumas cidades possuem associações comerciais e industriais, como Palmeiras, Seabra e Jacobina. Em Andaraí, a associação comercial encontra-se em fase de formação. Os nomes das associações comerciais de cada cidade podem ser vistos na tabela 3.7.7.

Tabela 3.7.7. Associações Comerciais e Industriais da Chapada Diamantina

Municípios	Associações Comerciais e Industriais
Circuito do Diamante	
Palmeiras	Associação Comercial dos Moradores dos Campos de São João
Seabra	Associação Comercial e Industrial de Seabra (ACISE)
Circuito Chapada Norte	
Jacobina	Associação Comercial e Industrial de Jacobina (ACIJA)

Fonte: Pesquisa Própria

Durante as entrevistas realizadas, não foi relatada nenhuma ação de associações comerciais e industriais que tenham sido particularmente benéficas para a atividade turística.

Associações de Turismo existem em Lençóis e Rio de Contas. A de Lençóis, a Associação de Empresários de Turismo de Lençóis (ASSET), por estar localizada em uma cidade que tem grandes, pequenos e médios empresários, parece não conseguir defender o interesse de todos. Nas entrevistas realizadas, mais de 20% dos empresários reclamaram que a ASSET é dominada pelos grandes investidores, e que não atua a favor dos pequenos e médios.

A Associação de Turismo de Rio de Contas tem feito reuniões periódicas, muito embora alguns associados relatem que ainda não foi possível obter resultados concretos fruto da associação.

O tipo de associação mais encontrada foi a Associação de Condutores de Visitantes (ACV), presente em 13 dos 28 municípios da Chapada – sendo que a de Itaetê e a de Miguel Calmon ainda se encontram em formação, e em Palmeiras há duas ACV, uma do distrito de Caeté-Açú – , com destaque ao Circuito do Diamante onde, dos nove municípios que o compõem, apenas um (Nova Redenção) não possui uma associação destes profissionais. Em um documento da ACV de Andaraí, as ACVs são definidas como “organizações sócio-ambientalistas, sem finalidades lucrativas e político-partidárias, criadas para atuarem na área do Parque, com objetivo de organizar e regulamentar a atividade dos condutores de visitantes e o processo de visitação na Chapada Diamantina”. As cidades que possuem ACV estão listadas na tabela 3.7.8.

Tabela 3.7.8. ACV Municipais da Chapada Diamantina

Circuito Chapada Norte	
Jacobina	Associação dos Condutores de Visitantes de Jacobina (ACVJA)
Miguel Calmon	ACV em formação
Morro do Chapéu	Associação dos Condutores de Visitantes de Morro do Chapéu (ACVMC)
Circuito do Diamante	
Andaraí	Associação dos Condutores de Visitantes de Andaraí (ACVA)
Ibicoara	Associação dos Condutores de Visitantes de Ibicoara (ACVIB)
Iraquara	Associação Iraquarense dos Condutores de Turistas (AICTUR)
Itaetê	ACV em formação
Lençóis	Associação dos Condutores de Visitantes de Lençóis (ACVL)
Mucugê	Associação dos Condutores de Visitantes de Mucugê (ACVM)
Palmeiras	Grupo Ambientalista de Palmeiras (GAP)
Caeté-Açú (Palmeiras)	Associação dos Condutores de Visitantes do Vale do Capão (ACV-VC)
Seabra	Associação dos Condutores de Visitantes de Seabra (ACVSE)
Circuito do Ouro	
Rio de Contas	Associação de Condutores de Visitantes de Rio de Contas
Rio do Pires	Associação de Condutores de Visitantes de Rio do Pires

Fonte: Pesquisa Própria

As ACV têm permitido o desenvolvimento profissional dos guias, fazendo com que o quadro descrito por Léda (1995: 198) esteja sendo paulatinamente melhorado: “os guias locais ou os alternativos (...) constituem a mediação entre turista e paisagem, pelo menos nos primeiros contatos, assumindo, bem ou mal, papel de iniciadores, de sacerdotes do ritual dos passeios. É bem verdade que a maioria dos garotos nativos que trabalham como guias não participa do ritual, às vezes sequer dialoga com os seus guiados, limitando-se a caminhar na frente e dizer onde pisar. Mas alguns absorveram bem os cursos de formação de guia que a Secretaria Municipal de Turismo promoveu anos atrás, principalmente o discurso e as dicas de cuidados ecológicos que o visitante deve tomar (...) e parece que assimilaram também um pouco do comportamento dos turistas”.

Por exemplo, o Diretor de Turismo de Iraquara relatou resultados particularmente positivos obtidos nessa cidade, especialmente no que diz respeito à ação da Associação de Condutores para que turistas não realizem visitas nas grutas sem o acompanhamento de um desses profissionais.

Em Andaraí, uma associação de artesãos está em fase de implantação, ao passo que Rio de Contas conta com uma cooperativa de artesãos.

3.7.3.1.1. Circuito Chapada Norte

As associações presentes na Chapada Norte que, direta ou indiretamente, tem atuado com alguma preocupação relacionada ao setor turístico estão mencionadas na tabela 3.7.9.

Tabela 3.7.9. Associações com atuação na atividade turística - Chapada Norte

Municípios	Associações
Bonito	Associação Cultural Associação Agrícola Grupo Ambientalista de Bonito Federação dos Trabalhadores da Agricultura (FETAG)
Campo Formoso	Sociedade Espeleológica de Campo Formoso (SECMFO)
Jacobina	Associação dos Condutores de Visitantes de Jacobina (ACVJA) Clube dos Diretores Lojistas (CDL) Associação Comercial e Industrial de Jacobina (ACIJA) Sindicato de Produtores Rurais
Miguel Calmon	ACV em formação
Morro do Chapéu	Associação de Condutores de Visitantes de Morro do Chapéu ACVMC

Fonte: Pesquisa Própria

As únicas cidades desse circuito que possuem associações de condutores de visitantes municipais (ACV) são Morro do Chapéu e Jacobina. A Diretoria de Turismo de Miguel Calmon relata que o município possui guias credenciados, e que já começa a se organizar para a formação de uma ACV.

Em Jacobina, há também o Clube de Diretores de Lojistas (CDL) e a Associação Comercial e Industrial de Jacobina (ACIJA), que possui como associados alguns empresários da atividade turística, mas que não tem nenhuma participação relevante nessa atividade. Ainda em Jacobina, o Sindicato dos Produtores Rurais declara fomentar a criação de eventos na baixa temporada, na tentativa de atrair um maior número de turistas, diminuindo os impactos da sazonalidade.

Bonito é uma das poucas cidades que, apesar de não possuir ACV, possui algum outro tipo de associação que tem alguma atuação relacionada ao turismo. Tanto a Associação Cultural como a Associação Agrícola do município têm trabalhando em conjunto com o intuito de promover, respectivamente: o incentivo à cultura e às artes, criando grupos que participam de eventos durante o período de grande fluxo turístico; e a conscientização das populações rurais sobre os impactos causados ao meio ambiente. Como o município é agrícola, a população local, por desconhecimento, desmata áreas próximas às nascentes dos rios, afetando o seu escoamento. O GAB (Grupo Ambientalista de Bonito) tem grande atuação no município.

A FETAG (Federação dos Trabalhadores Agrícolas) de Bonito também possui alguma atuação, tendo sido parceira da prefeitura na oferta de cursos de guias de turismo no ano de 2000. A Coordenação de Turismo de Bonito, órgão ligado à Secretaria de Cultura e Turismo, quando entrevistada, deixou claro que a cidade tem se preocupado em colocar bastante ênfase na preservação do meio ambiente, sem, contudo ter condições de dispender muitos esforços com o empreendedorismo do setor.

A Sociedade Espeleológica e Cultural de Campo Formoso, SEMFO, está sendo regulamentada para ter, como objetivo, a conservação das grutas.

Os demais municípios não possuem associações relacionadas diretamente com a atividade turística.

3.7.3.1.2. Circuito do Diamante

Da Área de Planejamento, o Circuito do Diamante se destaca no que se refere ao associativismo empresarial. A grande maioria das cidades deste circuito possui uma Associação de Condutores de Visitantes (ACV) municipal, sendo que apenas Nova Redenção não apresenta uma instituição representativa dos guias turísticos ou outra ligada diretamente à atividade turística.

Conforme um documento da ACV de Andaraí, intitulado “Associações de Condutores de Visitantes da Chapada Diamantina”, o processo de criação das ACVs municipais do Circuito do Diamante teve início em 1995, em Lençóis, com a formação da então chamada AGTL – Associação de Guias de Turismo de Lençóis. Em 1996, a partir de uma troca de experiências realizada entre guias da Associação de Condutores de Visitantes da Chapada dos Veadeiros (ACV-CV) e guias da Diamantina, decidiu-se adotar ao termo “ACV”, seguindo o padrão criado em Veadeiros e apoiado pelo Fundo Mundial para a Natureza – WWF. A Associação dos Condutores de Visitantes de Andaraí (ACVA) foi a primeira ACV criada, em 1997, e impulsionou a criação das demais ACVs do Pólo Turístico Chapada Diamantina.

O documento da ACVA estabelece: “a participação como “membros condutores” é restrita às pessoas nativas ou residentes (há mais de 03 anos nos municípios) e que exercem a função de guia” para atuar na área do Parque, com objetivo de organizar e regulamentar a atividade dos condutores de visitantes e o processo de visitação em toda a Chapada Diamantina, bem como “promover a conservação na Chapada Diamantina, desenvolvendo o turismo sustentável e contribuindo na melhoria da qualidade de vida das populações locais”.

Além da condução de grupos de visitantes, muitos guias atuam como “educadores, brigadistas voluntários de combate a incêndios, fiscais dos recursos naturais do Parque Nacional e região, e equipe de resgate em caso de acidentes”. Conforme a ACVA, “o caráter comunitário das ACVs municipais está presente a todo o momento”.

A ACVA detalha, ainda, suas principais linhas de ação através do “Programa Chapada Diamantina (PCD) de Conservação, Educação, Fortalecimento Comunitário e Turismo Sustentável”, que envolve 6 áreas temáticas: Conservação, Educação Ambiental, Brigada de Bombeiros Voluntários, Turismo Sustentável, Fortalecimento Comunitário e Fortalecimento Institucional. Suas metas são pretensiosas, como por exemplo: participação ativa no levantamento e mapeamento das inscrições rupestres na Chapada e no reflorestamento e recuperação das áreas degradadas na área do Parque e entorno; criação de uma escola modelo de educação ambiental; resgate histórico-cultural dos municípios; elaboração e desenvolvimento do Programa de Prevenção, Controle e Combate a Incêndios Florestais na Chapada Diamantina; levantamento dos atrativos naturais e culturais da Chapada e manutenção dos atrativos e trilhas; apoio à melhoria da qualidade de vida das populações locais, etc. Para isso, estabelece como “necessidades básicas emergenciais” a troca de informações e a promoção do “desenvolvimento de ações conjuntas regionais, (...) um mínimo de fortalecimento institucional (...) para superar as dificuldades e assegurar que as decisões regionais sejam tomadas efetivamente com a participação ativa de todos”.

Além da ACVA, Andaraí está criando a Associação de Comerciantes da qual o setor turístico fará parte, e há a Associação de Artesãos em fase de implantação.

Em Itaetê, a ACV está em fase de formação, uma vez que já foi realizado um curso de formação para guias, possibilitando a montagem de um grupo de condutores da cidade.

A ACV é a única associação relacionada à atividade turística presente nos municípios de Ibicoara, Iraquara e Mucugê.

Além da Associação de Condutores de Visitantes de Lençóis, cujos membros operam praticamente em toda a região da Chapada Diamantina, há a Associação dos Empresários de Turismo (ASSET).

Seabra possui uma ACV e uma associação do comércio, a Associação Comercial e Industrial de Seabra, ACISE, da qual alguns empreendedores turísticos participam. Da mesma forma, Palmeiras possui a ACV (uma municipal e uma distrital) e a Associação Comercial de Moradores dos Campos de São João.

As associações ligadas ao turismo do Circuito do Diamante podem ser mais bem observadas na tabela 3.7.10.

Tabela 3.7.10. Associações com atuação na atividade turística– Circuito do Diamante

Municípios	Associações
Andaraí	Associação de Condutores de Visitantes de Andaraí (ACVA), Associação de Artesãos em formação
Ibicoara	Associação de Condutores de Visitantes de Ibicoara (ACVIB)
Iraquara	Associação Iraquarense de Condutores de Turistas (AICTUR)
Itaetê	ACV em formação
Lençóis	Associação de Condutores de Visitantes de Lençóis (ACVL) Associação de Empresários de Turismo de Lençóis (ASSET)
Mucugê	Associação de Condutores de Visitantes de Mucugê (ACVM)
Palmeiras	Grupo Ambientalista de Palmeiras (GAP) Associação Comercial dos Moradores dos Campos de São João
Vale do Capão	Associação dos Condutores de Visitantes do Vale do Capão (ACV-VC)
Seabra	Associação Comercial e Industrial de Seabra (ACISE)

Fonte: Pesquisa Própria

3.7.3.1.3. Circuito do Ouro

A existência de Associações de Condutores de Visitantes no Circuito do Ouro mostra uma situação inversa à do Circuito do Diamante. Enquanto, no último, apenas duas cidades não possuem ainda uma associação que represente os condutores, no Circuito do Ouro são apenas duas as cidades que as possuem: Rio de Contas e Rio do Pires, sendo na última a única associação existente.

Rio de Contas, a cidade de maior desenvolvimento turístico da sub-região, é a única a contar com uma Associação de Turismo (ATUR) que objetiva reunir periodicamente todos os empresários envolvidos na atividade para discutir seu desenvolvimento na cidade. As informações indicam um alto grau de representatividade, mas apontam também no sentido de haver necessidade de maior organização e recursos para uma ação mais efetiva no fomento do turismo. Além desta, a cidade conta com a Associação de Condutores de Visitantes da cidade.

Tabela 3.7.11. Associações com atuação na atividade turística – Circuito do Ouro

Municípios	Associações
Rio de Contas	Associação dos Condutores de Visitantes Cooperativa Artesanal Mista Associação de Turismo (ATUR)
Rio do Pires	Associação dos Condutores de Visitantes

Fonte: Pesquisa Própria

Os demais municípios não possuem associações relacionadas diretamente com a atividade turística, fruto do limitado estágio de desenvolvimento em que a atividade se encontra, conforme pode ser observado na tabela 3.7.11.

3.7.4. Relacionamento Setor Público e Empresários

Uma vez que a problemática empresarial do setor privado na Chapada tem relação estreita com a atuação do setor público local, como será visto, optou-se por abordar esses dois itens de forma conjunta.

Em primeiro lugar, apresenta-se um panorama geral a respeito do poder público local dos municípios que compõem a Chapada Diamantina. Em seguida, o que os empresários de cada circuito e município relatam como sendo seus principais problemas.

As informações concernentes à interação entre o setor público e a iniciativa privada foram obtidas através de entrevistas qualitativas com os responsáveis pelo desenvolvimento e controle da atividade turística do município e os empreendedores, a fim de identificar o grau de aproximação entre eles. Verificou-se o papel desempenhado pelo setor privado no conselho de turismo local, se existente, e o seu compromisso em relação ao PDITS.

A pesquisa em relação aos principais problemas enfrentados pelos empresários também foi feita através de entrevistas.

3.7.4.1. Poder Público Municipal

O que é patente, na maior parte dos municípios que compõe a Área de Planejamento da Chapada Diamantina, é que as prefeituras não possuem recursos financeiros e capacidade técnica suficiente para atuarem de forma efetiva no desenvolvimento turístico.

Os órgãos municipais reconhecem a necessidade de planejamento, de conservação e manutenção dos atrativos, de melhoria de infra-estrutura, de atração de investimento e de divulgação, ao mesmo tempo em que se vêem sem condições de atuação. Parece haver, de forma geral, consciência das deficiências e boa vontade, mas há ausência de contexto favorável para qualquer ação mais efetiva.

Nem todas as cidades possuem uma secretaria específica de turismo. Em algumas delas, chega a ser difícil localizar quem poderia conceder uma entrevista sobre o

assunto. A tabela 3.7.12 mostra os órgãos que tratam do desenvolvimento turístico em cada município.

Dessa forma, como era de se esperar, a maioria dos empresários não faz elogios à atuação pública. Por outro lado, como foi visto, também faz poucos esforços para associar-se em busca de melhorias de resultados para o setor como um todo.

Tabela 3.7.12. Órgãos municipais responsáveis pela atividade turística

Circuito/Município	Órgão da prefeitura responsável
Circuito Chapada Norte	
Bonito	Secretaria de Cultura e Turismo
Caém	Primeira-dama
Campo Formoso	Secretaria de Educação, Cultura, Turismo e Esporte
Jacobina	Secretaria de Indústria, Comércio, Mineração e Turismo
Miguel Calmon	Diretoria de Turismo
Morro do Chapéu	Secretaria de Turismo
Ourolândia	
Piritiba	
Saúde	Secretaria de Turismo
Utinga	Secretaria de Educação
Wagner	Primeira-dama
Circuito do Diamante	
Andaraí	Secretaria de Turismo
Ibicoara	Secretaria de Turismo e Meio Ambiente
Iraquara	Diretoria de Turismo
Itaetê	Diretoria de Turismo (Secretaria de Educação)
Lençóis	Secretaria de Turismo e Desenvolvimento Econômico
Mucugê	Secretaria de Turismo e Meio Ambiente
Nova Redenção	Secretaria de Educação, Cultura, Turismo e Esporte
Palmeiras	Secretaria de Turismo e Meio Ambiente
Seabra	Secretaria de Turismo e Meio Ambiente
Circuito do Ouro	
Abaíra	
Érico Cardoso	Secretaria de Agricultura
Jussiapé	Diretor do Museu
Livramento de Nossa Senhora	Secretaria de Turismo
Paramirim	
Piatã	
Rio de Contas	Secretaria de Turismo e Meio Ambiente (1)
Rio do Pires	Secretaria de Esportes e Lazer (1)
(1) Criada em 2001	

Fonte: Pesquisa Própria

Muito em função do tamanho diminuto da maioria das cidades, a relação do setor privado com o setor público tende a ser próxima, porém desestruturada.

Algumas prefeituras relatam a realização de reuniões, periódicas ou esporádicas, com proprietários de meios de hospedagem, principalmente. É o caso de Andaraí, Iraquara, Seabra e Bonito. Outras prefeituras declaram não ser a prioridade do município o desenvolvimento do turismo, como em Rio do Pires e Wagner. Muitas ações pontuais são mencionadas como iniciativas recentes. A tabela 3.7.13 resume as principais delas. Nela, os objetivos das ações foram classificados em:

- ✓ conscientização comunidade: ações da prefeitura com o intuito de mostrar para as comunidades locais a importância da atividade turística, do bom atendimento, e os benefícios que podem ser obtidos a partir dela;
- ✓ atrativos: ações voltadas ao levantamento de dados e às condições de oferta dos atrativos reais e potenciais existentes nos municípios;
- ✓ divulgação: ações desenvolvidas pelo setor público que visam aumentar o fluxo turístico;
- ✓ sinalização: estruturação da sinalização turística local;
- ✓ preservação: ações da prefeitura a fim de promover a preservação do meio ambiente ou do patrimônio histórico-cultural local;
- ✓ recursos para infra-estrutura: ações voltadas à obtenção de recursos públicos para melhor estruturação da atividade turística;
- ✓ melhoria de infra-estrutura: ações da prefeitura visando o a implantação ou melhoria de sistemas de infra-estrutura básica;
- ✓ investimentos privados: iniciativas do setor público municipal que incentivem novos empreendimentos e aperfeiçoamento dos já existentes;
- ✓ empreendimentos privados: ações do setor público objetivando a melhoria da prestação de serviços dos setores privados envolvidos com a atividade turística;
- ✓ organização da atividade: ações do setor público na organização dos serviços turísticos a serem consumidos por turistas;
- ✓ geral: ações voltadas ao desenvolvimento turístico como um todo.

Os objetivos de cada prefeitura e ações para alcançá-los estão classificados conforme acima, e descritos na tabela 3.7.13 da forma como foram relatados pelos representantes municipais, quando perguntados a respeito das iniciativas desenvolvidas para incrementar ou melhorar a atividade turística no município.

Tabela 3.7.13. Atividades dos órgãos municipais responsáveis pelo turismo

Município	Objetivo	Tipo de Ação/Andamento
Circuito Chapada Norte		
Bonito	conscientização comunidade geral	criação de cartazes; criada disciplina de Meio Ambiente em escolas diagnóstico de necessidades para turismo elaborado em 2000
Caém	-	-
Campo Formoso	atrativos	elaborado projeto para exploração de grutas locais
Jacobina	divulgação preservação divulgação geral	fotografias, vídeos e folders em feiras estaduais Fundo Municipal de Meio Ambiente participação na FEBAN (Federação Baiana de Negócios) para captação de eventos Plano Diretor em elaboração
Miguel Calmon	investimentos privados atrativos	realização de seminários; oferta de terrenos e isenção de impostos implantação Parque Municipal de Sete Passagens em

Município	Objetivo	Tipo de Ação/Andamento
		2000
	conscientização comunidade	criada disciplina de Turismo e Meio Ambiente no ensino fundamental
	organiz. da atividade	Diretoria de Turismo funciona como "receptivo"
M. do Chapéu	conscient. comunidade	distribuição de revistas em quadrinhos
	atrativos	levantamento e criação de banco de dados
Ouro-lândia		
Piritiba		
Saúde	melhoria infra-estrutura	esgoto e aterro sanitário em fase de ampliação
	melhoria infra-estrutura	Casa de Cultura sendo financiada pelo Governo do Estado
	melhoria infra-estrutura	melhoria das entradas da cidade
	empreendimentos	reuniões com os empreendedores sobre eventos locais
	privados	
	preservação	criado Código de Meio Ambiente
Utinga	-	-
Wagner	atrativos	divulgação de pontos turísticos na cidade
Circuito do Diamante		
Andaraí	sinalização	contratada empresa de comunicação visual de S. Paulo
	divulgação	Casa de Andaraí inaugurada em Lençóis
	empreendimentos	reuniões mensais para discutir o desenvolvimento
	privados	turístico do município
Ibicoara	conscient. comunidade	realizadas palestras nas escolas sobre importância do turismo
	divulgação	realizada em feiras regionais
	preservação	Conselho de Meio Ambiente aprovando Regulamento Interno
Iraquara	divulgação	confeccionados <i>folders</i> e presença em feiras regionais e principais pólos emissores
	empreendimentos	reuniões periódicas
	privados	
	conscient. comunidade	vídeos sobre turismo para comunidade rural
Itaetê	divulgação	<i>folders</i> distribuídos na cidade
	investimentos privados	prefeitura avaliza empréstimos pelo Banco do Nordeste para empréstimos de até R\$ 5.000,00
Lençóis		
Mucugê	atrativos	criado parque municipal
	atrativos	elaborado banco de dados sobre atrativos existentes
Nova Redenção		
Palmeiras	rec. de infra-estrutura	Fundo de Turismo e Meio Ambiente recém-criado
Seabra	empreendimentos	reuniões para fomentar união e acabar com
	privados	concorrência de preços dentro da cidade
Circuito do Ouro		
Abaíra		
Érico Cardoso	geral	Projeto desenvolvido para implantação da atividade turística ainda sem ações
Jussiapé	-	-
Livramento de N. Senhora	divulgação	site na internet em construção
	investimentos privados	busca de empresários
Paramirim		
Piatã		
Rio de Contas	rec. de infra-estrutura	Fundo Municipal de Turismo em fase de criação
	geral	participação no PNMT
	divulgação	intenção de focar na terceira idade e ecoturismo
Rio do Pires	-	-

Fonte: Pesquisa Própria

Dessa forma, são sete os municípios que demonstram preocupação com a sua divulgação (Jacobina, Andaraí, Ibicoara, Iraquara, Itaetê, Livramento de N. Senhora e Rio de Contas) e cinco as que têm ações relacionadas com atrativos (Campo Formoso, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Wagner e Mucugê). Dentre os objetivos mais mencionados, encontra-se também o de conscientização da população para a importância do turismo, por cinco municípios: Bonito, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Ibicoara e Iraquara.

Foi detectada a presença de Conselho Municipal de Turismo em 11 municípios, dos 28 que compõem o Pólo Turístico Chapada Diamantina, sendo que um município, Bonito, manifestou a intenção de criá-lo no próximo ano. Todos estes Conselhos Municipais de Turismo foram criados por influência do Programa Nacional de Municipalização do Turismo da Embratur, em meados da década de 1990. O Conselho Municipal de Turismo pode ser um importante articulador entre o poder público municipal, o setor privado e a comunidade em geral. Entretanto, dos 11 municípios, 5 declararam que o órgão encontra-se inoperante, conforme pode ser observado na tabela 3.7.14.

Tabela 3.7.14. Conselhos Municipais de Turismo

	COMTUR (em jul/2002)	Observações
<u>Circuito Chapada Norte</u>		
Bonito	inexistente	previsão de criação em 2003
Caém	inexistente	
Campo Formoso	inexistente	
Jacobina	em operação	operando com participação de ONGs e setor privado
Miguel Calmon	inoperante	
Morro do Chapéu	em operação	criado em 87; reestruturado em nov/2001
Ourolândia	inexistente	
Piritiba	inexistente	
Saúde	inoperante	
Utinga	inexistente	
Wagner	inexistente	
<u>Circuito do Diamante</u>		
Andaraí	em tramitação	
Ibicoara	inoperante	aprovaando regulamento interno para formação de diretoria
Iraquara	em tramitação	
Itaetê	aprovado	previsão de implantação em set/02
Lençóis	em operação	reestruturado para permitir maior participação da iniciativa privada
Mucugê	inoperante	intenção de reestruturar
Nova Redenção	inoperante	criado em maio/2002
Palmeiras	em operação	operando desde acidentes na Cachoeira da Fumaça
Seabra	em operação	
<u>Circuito do Ouro</u>		
Abaíra	inexistente	
Érico Cardoso	inexistente	

	COMTUR (em jul/2002)	Observações
Jussiape	inexistente	
Livramento de Nossa Senhora	inexistente	
Paramirim	inexistente	
Piatã	inexistente	
Rio de Contas	em tramitação	
Rio do Pires	inexistente	

Fonte: Pesquisa Própria

3.7.4.2. Problemática Empresarial

Foram entrevistadas 88 empresas de turismo da região da Chapada Diamantina, sendo 70 hotéis, 8 restaurantes, 5 agências de turismo, 4 locadoras de veículos e 1 empresa de entretenimento. De uma forma geral, os principais

problemas relatados concentram-se em torno das seguintes questões:

- ✓ deficiências ou ausência de atuação do poder público municipal (mencionado por 33% dos entrevistados);
- ✓ desqualificação da mão-de-obra (25%);
- ✓ fluxo reduzido ou irregular de turistas (23%);
- ✓ falta de divulgação do destino turístico (19%);
- ✓ ausência ou deficiência de empresas turísticas (agências, hotéis, entretenimento, etc.) (9%);
- ✓ concorrência acirrada ou desleal (7%);
- ✓ infra-estrutura ou conservação dos atrativos precária (7%);
- ✓ problemas de acesso (6%);
- ✓ saneamento básico inexistente ou deficiente (6%); e
- ✓ falta de linhas de financiamento acessíveis (6%).

De forma geral, a maior reclamação consistiu na atuação do poder público municipal, principalmente no que se refere à falta de planejamento, organização, conhecimento técnico, interesse e iniciativas. Entretanto, o que se percebe é que os demais itens acima relacionados, como divulgação do destino, conservação dos atrativos, problemas de acesso ou de saneamento, também dizem respeito à atuação pública.

Contraditoriamente, foram registrados 22 elogios às prefeituras (de diferentes classes e eventualmente mais de um elogio por entrevistado). Os elogios dizem respeito, principalmente, a realização de reuniões periódicas (Jacobina, Andaraí, Seabra, Rio de Contas), limpeza pública (Morro do Chapéu), melhorias no saneamento (Lençóis e Andaraí), pintura urbana (Andaraí), prestação de contas pública (Itaetê), relacionamento próximo (Lençóis), divulgação (Lençóis), melhorias na infra-estrutura (Mucugê), capacitação (Palmeiras).

A desqualificação da mão-de-obra é um problema mencionado por empresários de quase a metade dos municípios, especialmente em Lençóis (36% dos entrevistados), onde há a melhor infra-estrutura turística. O capítulo sobre qualificação da população tratará melhor deste item.

O fluxo de turistas reduzido ou irregular é a reclamação de grande parte dos empresários (23%) em vários municípios (Caem, Morro do Chapéu, Wagner, Andaraí, Ibicoara, Iraquara, Itaetê, Lençóis, Mucugê, Seabra, Érico Cardoso, Paramirim, Piatã, Rio de Contas). A referência não parece ser aos efeitos sazonais do turismo, que ocorre em qualquer destino de lazer, mas muito mais à uma necessidade de divulgação mais sistemática e planejada. Essa falta de divulgação é mencionada por 19% dos empresários.

A concorrência acirrada foi mencionada por 7% dos entrevistados. Há, inclusive, diversos comentários que “culpam” o pólo mais desenvolvido de cada circuito (Andaraí, Lençóis, Mucugê e Rio de Contas) pela falta de turistas em sua própria localidade. Como foi mencionada anteriormente, a falta de associativismo dos empresários, inclusive em termos regionais, motiva uma disputa por um fluxo reduzido, especialmente nos municípios com pouca atividade turística, ao invés de motivar a união para o benefício de todos. Por outro lado, paradoxalmente, agências e restaurantes atribuem à falta de hotéis o fluxo reduzido, hotéis à falta de empresas de entretenimento e de serviços de receptivo, resultando na menção de 9% dos entrevistados a ausência ou deficiência de empresas de turismo como um dos problemas enfrentados.

Os problemas que afetam a visitação dos atrativos, como acesso, conservação e infra-estrutura, limitam possíveis investimentos por parte dos empreendedores na modernização de suas instalações. São fatores mencionados em Campo Formoso, Miguel Calmon, Utinga, Wagner, Ibicoara, Iraquara, Lençóis, Mucugê, Palmeiras, Jussiape, Itaetê, Rio de Contas e Rio do Pires.

Os empresários mencionam trilhas, grutas e cavernas que sofrem com a má conservação e/ou de infra-estrutura receptiva inadequada ou ausente, como falta de sinalização, de controle de visitação, de instalações sanitárias e lixeiras, afetando o aproveitamento por parte do visitante e conseqüentemente o fluxo e a rentabilidade dos empreendimentos turísticos.

O saneamento básico precário ou inexistente, mencionado por 6% dos empresários como um de seus maiores problemas, prejudica a imagem das localidades e desestimula a permanência do turista.

A seguir, a problemática por circuito é melhor detalhada.

3.7.4.2.1. Circuito Chapada Norte

A Chapada Norte é o circuito que possui menor fluxo turístico. Dessa forma, o apoio do poder municipal torna-se ainda mais importante, tanto no sentido de divulgação, como no de qualificação de mão-de-obra e de criação de infra-estrutura que permita aumentar a visitação. A falta de agências de turismo receptivo em diversas cidades é sentida, sendo que algumas prefeituras acabam por fazer o papel de orientação dos turistas para tentar suprir essa necessidade.

A tabela 3.7.15 resume o que os 21 empresários da Chapada Norte apontaram como suas maiores dificuldades e a frequência com que cada item foi citado.

Tabela 3.7.15. Problemática do setor privado – Chapada Norte

Problemática do setor privado	%
Falta apoio da prefeitura	33,3
Desqualificação da mão-de-obra	28,6
Falta divulgação	23,8
Fluxo reduzido/irregular de turistas	14,3
Faltam linhas de financiamento acessíveis	9,5
Infra-estrutura/conservação atrativos inexistente ou deficiente	9,5
Saneamento básico inexistente ou deficiente	4,8
Falta agência de turismo receptivo	4,8
Desemprego	4,8

Fonte: Pesquisa Própria

As secretarias de turismo ou os responsáveis por turismo conhecem os problemas, de uma forma geral. A prefeitura de Bonito cita como principal problema do município a falta de importância que a própria comunidade dá à atividade.

O poder público de Caem, consultado a respeito dos problemas enfrentados pelo empresariado de turismo local, mencionou a necessidade de qualificação da mão-de-obra.

Já em Campo Formoso, a prefeitura indica a inadequada estrutura de visitação de seus atrativos e as limitadas condições de acesso aos locais de garimpo de esmeraldas do município, com 40 quilômetros a serem percorridos em uma estrada de terra em condições ruins.

Em Jacobina, tanto o poder público municipal como os empresários colocam entre suas prioridades uma ação de divulgação que possa dar à cidade um fluxo de visitação mais estável.

A necessidade de implantação de infra-estrutura adequada em trilhas em Miguel Calmon foi considerada uma grande deficiência, juntamente com os problemas de saneamento básico.

Em Morro do Chapéu é citada a necessidade de apoio do setor público, de divulgação e de capacitação de mão-de-obra.

Ouro-lândia possui dois pequenos meios de hospedagem, apenas. O proprietário de um deles não soube indicar problemas.

Em Saúde, os empresários relatam problemas de treinamento e capacitação de mão-de-obra, além de apontarem a falta que faz uma agência de turismo receptivo.

Utinga, da mesma forma que em Saúde, carece de mão-de-obra qualificada, além de ter necessidade de divulgação. O setor privado se ressentido, também, de maior apoio do poder público.

Em Wagner, a divulgação sem expressão foi apontada juntamente com o reduzido fluxo turístico como as principais reivindicações. A prefeitura menciona a necessidade de melhoria de acesso aos pontos turísticos encontrados dentro dos limites do município.

3.7.4.2.2. Circuito do Diamante

Foram consultados 55 empresários do Circuito do Diamante. Os problemas que mereceram mais menções foram: mão-de-obra desqualificada, fluxo reduzido ou irregular de turistas, falta de divulgação, concorrência acirrada ou desleal – sendo

mentionado por dois empreendimentos de Lençóis a necessidade de fiscalização em função da existência de muitas empresas informais – e a ausência ou deficiência de empresas prestadoras de serviços turísticos. A frequência em que esses e outros problemas foram citados está demonstrada na tabela 3.7.16.

Tabela 3.7.16. Problemática do setor privado – Circuito do Diamante

Problemática do setor privado	%
Deficiências ou ausência de atuação do poder público municipal	34,5
Desqualificação da mão-de-obra	27,3
Fluxo reduzido/irregular de turistas	23,6
Falta divulgação	18,2
Concorrência acirrada ou desleal	14,6
Ausência ou deficiência de empresas turísticas (agências, hotéis, entret)	10,9
Problemas de acesso	7,3
Infra-estrutura/conservação atrativos inexistente ou deficiente	7,3
Falta fornecedores de produtos	7,3
Falta de segurança, bombeiros ou sistema de saúde	7,3
Saneamento básico inexistente ou deficiente	5,5
Limpeza das vias públicas inexistente ou deficiente	5,5
Faltam linhas de financiamento acessíveis	5,5
Grande assédio aos turistas por parte dos guias e agências	3,6
Tráfego urbano intenso	1,8
Desemprego	1,8

Fonte: Pesquisa Própria

Em Andaraí, os empresários mostraram-se incomodados principalmente com a ineficiente divulgação do município, razão encontrada para o reduzido fluxo de turistas em determinadas épocas do ano. Também foi mencionada a falta de capacitação da mão-de-obra, afetando a qualidade dos serviços prestados ao turista, e problemas de acesso ao distrito de Igatu.

Ibicoara ressentia-se principalmente da falta de turistas, e há empresários que atribuem o fluxo reduzido à ausência de agências de turismo na cidade.

Em Iraquara e Itaetê os problemas são semelhantes. A infra-estrutura de acesso e a falta de conservação dos atrativos são relatadas, entre outros.

Como o município que recebe um maior número de turistas, os empresários de Lençóis citam com muita frequência a dificuldade com mão-de-obra qualificada, o problema de fornecedores e de abastecimento, a falta de restaurantes e de entretenimento e a ação deficiente do poder público em diversos aspectos, incluindo falta de segurança, de bombeiros, necessidade de fiscalização, limpeza, organização do tráfego, reurbanização do centro, dentre outros.

O setor privado de Mucugê aponta como maiores problemas o saneamento básico, o fluxo de turistas e a conservação e infra-estrutura das trilhas. Em Nova Redenção, a empresa entrevistada não soube identificar problemas.

Os maiores problemas, do ponto de vista dos empresários de Palmeiras, referem-se à ineficiente divulgação da cidade, ao acesso ao distrito de Vale do Capão e à falta de apoio do poder público municipal.

Por fim, em Seabra, são apontadas a divulgação deficiente e a concorrência de Lençóis como os principais causadores do fluxo reduzido de turistas.

3.7.4.2.3. Circuito do Ouro

Além da infra-estrutura básica ainda deficiente, a maior parte dos problemas, na opinião dos 12 empresários entrevistados no Circuito do Ouro, relacionam-se com o fluxo turístico reduzido. Este problema é atribuído, muitas vezes, à atuação inadequada do poder público, à ausência ou ineficiente divulgação e à qualidade da infra-estrutura dos municípios, conforme pode ser visto na tabela 3.7.17.

Tabela 3.7.17. Problemática do setor privado – Circuito do Ouro

Problemática do setor privado	%
Fluxo reduzido/irregular de turistas	33,3
Deficiências ou ausência de atuação do poder público municipal	25,0
Falta divulgação	16,7
Problemas de acesso	8,3
Ausência ou deficiência de empresas turísticas (agências, hotéis, entret.)	8,3
Saneamento básico inexistente ou deficiente	8,3
Desqualificação da mão-de-obra	8,3

Fonte: Pesquisa Própria

Em Jussiapé, a infra-estrutura de acesso é apontada como o principal problema dos empresários de turismo na captação de clientes.

A pesquisa em Livramento de Nossa Senhora apontou a falta de apoio do poder público como principal dificuldade, o mesmo ocorrido em Piatã. A infra-estrutura inadequada também é a preocupação dos proprietários de Piatã.

Em Paramirim, o problema relatado foi a falta de turistas, da mesma forma que em Rio de Contas, nesta última atribuída à divulgação ineficiente e à falta de apoio do poder público.

3.7.5. Considerações Finais

O setor privado precisa ser preparado, do ponto de vista técnico, para operar a atividade turística.

A expansão do fluxo turístico após os investimentos públicos disponibilizados pelo PRODETUR/NE I e por outras fontes tem motivado investimentos privados na região, embora em muitos municípios ainda de forma bastante tímida. Lençóis é o grande destaque, com uma grande quantidade de meios de hospedagem ampliando-se e novos empreendimentos chegando à cidade, seguida por Mucugê em termos de montante de investimento.

A permanência dos turistas em Lençóis gera, por parte do setor privado de outras localidades, alguns ressentimentos em relação à essa cidade, que é considerada como concorrente forte. São necessárias uma maior descentralização e integração da atividade turística entre todos os municípios para garantir a participação efetiva de toda a região.

De acordo com os dados colhidos, pode-se perceber um certo despreparo tanto dos empresários quanto dos seus empregados na administração dos negócios e na prestação de serviços ao turista, já que a maioria não apresenta uma formação adequada. Vê-se necessário um maior número de cursos de capacitação para a atividade na área, suprimindo essa deficiência.

Constatou-se que a grande maioria de empreendimentos turísticos depende dos turistas passantes e walk ins, já que não possuem conexões com empreendimentos externos. Deve-se estimular as empresas da Chapada a formarem parcerias com empresas emissivas potenciais a fim de conseguir atrair um maior número de turistas na região.

Mesmo com o incentivo do Ibama para a formação das associações de guias nos municípios da região, apenas uma parte deles a criou. As ACV existentes não possuem atuação notável no que diz respeito à atividade empresarial. Além das ACV, não há um número significativo de associações atuantes diretamente na atividade, sendo que somente os municípios de Rio de Contas e Lençóis contam com uma associação específica de turismo.

As associações comerciais e industriais identificadas trabalham apenas indiretamente com a atividade, não tendo, portanto, atuação relevante no turismo, já que englobam outros setores da economia. Assim, praticamente não foi identificada nenhuma integração horizontal ou vertical entre os setores da economia turística na Área de Planejamento, provavelmente decorrência do curto período de tempo em que o turismo vem se desenvolvendo de forma mais intensiva na região, da falta de experiência e informação sobre a atividade e da heterogeneidade do grau de desenvolvimento das diversas cidades que compõem o grupo de estudo.

O estímulo à criação de associações de turismo pode propiciar discussões e ações concretas que impulsionem um direcionamento sustentável da atividade.

O curto período de desenvolvimento da atividade turística na região talvez seja responsável pelo relacionamento ainda restrito entre o poder público e o setor privado. Muitos municípios sequer possuem um departamento municipal responsável pela atividade turística.

O poder público municipal da maior parte das cidades não possui recursos financeiros e humanos para a promoção da atividade turística de forma ordenada e muitas vezes não a consideram prioridade, já que os municípios enfrentam problemas graves de infra-estrutura. Os representantes de turismo parecem identificar na atividade turística uma possível solução para gerar recursos que podem favorecer a resolução desses problemas mais sérios, mas a falta de planejamento e capacidade técnica não permitiu ainda que ações mais efetivas sejam tomadas nesse sentido.

Os empresários, por sua vez, carecem de apoio e organização para tomarem a frente das iniciativas de aprimoramento da atividade, e esperam que o poder público lhes ajude na tarefa. O setor privado conhece o PRODETUR/NE II, mas ainda não deposita confiança suficiente em seus resultados. Os empresários não conheciam a sigla PDITS. Assim, a coordenação de esforços se faz necessária, a fim de que realizações concretas possam começar a ser desenvolvidas.

3.8. Produtos Turísticos e Atrativos

O objetivo deste capítulo consiste na identificação dos produtos turísticos que são ou serão vendidos no futuro, analisando-se a demanda existente e futura para os produtos e a relação qualidade/preço confrontada a dos outros destinos concorrentes. Os atrativos turísticos do Pólo Turístico Chapada Diamantina são identificados e classificados segundo uma metodologia formulada especialmente para este fim. A base conceitual foi a da EMBRATUR, em sua “Metodologia do Inventário da Oferta Turística”.

Para tanto, foram realizadas pesquisas em fontes secundárias e *in loco*, através do preenchimento de fichas específicas, da aplicação de questionários nos prestadores de serviços turísticos (como operadoras, agências de viagem e guias) e em reuniões com as comunidades aonde se localizaram os atrativos.

A pesquisa bibliográfica concentrou-se em livros e/ou guias que informavam sobre os atrativos naturais e culturais da área objeto de estudo, dentre estes destacam-se os de Funch³⁸ e de Sapucaia³⁹, ambos sendo considerados referências sobre a região. Utilizou-se, ainda, o Relatório Final⁴⁰ sobre a Chapada Diamantina para o PRODETUR/NE I, pois diversos atrativos ali identificados ainda se encontram na mesma situação de uso e conservação.

As reuniões com as comunidades ocorreram no primeiro semestre de 2002 e tiveram como um dos principais focos a identificação dos atrativos existentes em cada município do Pólo Chapada Diamantina.

Marco Teórico - EMBRATUR

A Oferta Turística engloba tudo o que o local de destino tem a oferecer aos turistas atuais e potenciais. Portanto, a Oferta Turística é representada pela gama de atrativos turísticos, assim como bens e serviços que provavelmente induzirão as pessoas a visitarem especificamente um país, região ou cidade.

Por Atrativos Turísticos entende-se todo o lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los.

38 FUNCH, Roy. *Um Guia para o Visitante da Chapada Diamantina: o Circuito do Diamante*. SCT/EGBA: Salvador, 1997. 207 Pg.

39 SAPUCAIA, Roberto. *Trilhas e Caminhos: Circuito do Diamante*. 2ª Ed. Roberto Sapucaia: Salvador, 2000.

40 Op cit. 1992.

Os atrativos turísticos apresentam-se em 5 categorias:

- o **Naturais:** Consiste em montanhas (picos/cumes, serras, montes/morros/colinas, etc); planaltos e planícies (chapadas/tabuleiros, patamares, pedras tabulares, vales, rochedos, etc.); costas ou litoral (praias, restingas, mangues, baías/enseadas, sacos, cabos e pontas, falésias/barreiras, dunas, etc.); terras insulares (ilhas, arquipélagos, recifes/atol); hidrografia (rios, lagos/lagoas, praias fluviais/lacustres); pântanos; quedas d'água; fontes hidromineral e/ou termal; parques e reservas de fauna e flora (nacional, estadual, municipal); grutas/cavernas/furnas; áreas de caça e pesca.
- o **Histórico-Culturais:** Esta categoria engloba monumentos (arquitetura civil, religiosa/funerária, industrial/agrícola, militar; ruínas; esculturas; pinturas; outros legados); sítios (históricos e científicos); instituições culturais de estudo, pesquisa e lazer (museus, bibliotecas, arquivos, institutos históricos e geográficos).
- o **Manifestações e Usos Tradicionais e Populares:** Compõem-se de festas, comemorações e atividades (religiosas, populares e folclóricas, cívicas); gastronomia típica (salgados, doces, frutas/sucos/bebidas); artesanato; feiras e mercados.
- o **Realizações Técnicas e Científicas Contemporâneas:** Exploração de minério; exploração agrícola e pastoril; exploração industrial; obras de arte e técnica; centros científicos e técnicos.
- o **Acontecimentos Programados:** Congressos e convenções; feiras e exposições; realizações diversas (desportivas, artísticas/culturais, sociais/assistenciais, gastronômicas/de produtos etc.).

A esses Atrativos Turísticos deve-se agregar o uso que o turista faz dos mesmos, ou seja, as Atividades Turísticas. Efetivamente, para que aconteça o turismo é preciso que o consumidor – turista – realize determinadas atividades que são o objetivo de sua viagem e a razão pela qual torna-se necessário que lhe sejam prestados serviços turísticos. Estes só existem para que possam ocorrer as atividades turísticas.

Os equipamentos e instalações turísticas têm sua construção justificada somente naqueles locais privilegiados cujas características especiais, convenientemente exploradas, podem gerar atividades turísticas. Isto equivale a dizer que o atrativo turístico é a matéria-prima da atividade turística.

Equipamentos e Serviços Turísticos representam o conjunto de edificações, de instalações e de serviços indispensáveis ao desenvolvimento da atividade turística. Compreendem os meios de hospedagem, serviços de alimentação, de entretenimento, de agenciamento, de informação e outros serviços.

Infra-estrutura de Apoio Turístico é o conjunto de obras e instalações de estrutura física da base, que criam condições para o desenvolvimento de uma unidade turística, tais como: sistema de transportes, de comunicações, serviços urbanos (água, luz, esgoto, limpeza pública) etc. (EMBRATUR, 1983; pp. 7-13)

3.8.1. Inventário dos Atrativos

A classificação se baseou também no sistema de classificação proposto pela EMBRATUR. Os critérios e materiais utilizados foram elaborados especificamente para este trabalho de maneira mais simplificada do que o sistema da EMBRATUR.

Os atrativos turísticos foram visitados e para cada um foi preenchida uma ficha de avaliação. Esta ficha de avaliação serviu como roteiro para a análise, pontuação e classificação dos atrativos.

A avaliação foi realizada durante a pesquisa de campo e coleta de dados secundários sobre o local.

Foi necessário, em primeira instância, separar os atrativos em efetivos e potenciais. Logo no início da pesquisa de campo se observou que muitos atrativos não tinham estrutura adequada. Muitos deles também não contavam com visitação sistemática. Definiu-se, portanto que os atrativos efetivos e potenciais fossem se divididos da seguinte maneira:

- **Atrativos Turísticos Atuais:** são os *produtos turísticos*, ou seja, atrativos formatados comercialmente, facilitando sua distribuição, comunicação e venda.
- **Atrativos Turísticos Potenciais:** são aqueles que não possuem infra-estrutura para receber o turista, não estando inserido no mercado embora possuam grau de atratividade.

Em seguida, os atrativos turísticos foram pontuados, em notas de 0 a 5, para os seguintes quesitos:

- **Acessibilidade:** Este quesito leva em conta o conforto do deslocamento (meios de transporte e condições das vias de acesso); o tempo de deslocamento; a facilidade de acesso (sinalização eficiente, vias familiares, esforço despendido para atingir o local) e a sensação do trajeto (entorno, apelo paisagístico etc.).
- **Infra-estrutura:** Leva em conta os equipamentos do receptivo turístico, aspectos do lixo (lixeiras, coleta e varrição); telecomunicações (telefones públicos, cobertura de celular); saneamento básico (distribuição de água e coleta de esgoto) e segurança do turista no local.
- **Escala:** Identifica a localização geográfica da demanda que o atrativo atrai, sendo: 2=local, 3=regional, 4=nacional e 5=internacional.
- **Beleza:** Avalia subjetivamente a beleza do atrativo e do local onde este se encontra.
- **Características culturais / históricas / sociais / ambientais:** Identifica a importância histórico-cultural do atrativo; sua originalidade e a hospitalidade despendida pela comunidade local.

- **Apoio do Poder Público e Importância para a Comunidade:** Avalia qual a importância do atrativo pelos pontos de vista do poder público e da comunidade local e as ações desenvolvidas em prol deste atrativo.
- **Sazonalidade:** Caracteriza a sazonalidade no atrativo: 1=fluxo pontual em alta temporada; 2=fluxo pontual em baixa temporada; 3=um período de férias⁴¹; 4=dois períodos de férias; e 5=ano todo.
- **Condições de preservação** (do patrimônio histórico e ambiente natural): Avalia a situação na qual o patrimônio histórico e o ambiental se encontram.

As notas obedeceram aos seguintes parâmetros:

Tabela 3.8.1. Parâmetro de avaliação

Nota Numérica	Qualificação
0	Inexistente/Vazio
1	Ruim
2	Fraco
3	Regular
4	Bom
5	Excelente

Elaboração: FGV 2002

Para cada quesito acima foi estimado um **peso**, ou seja, a sua importância perante os demais. O peso variou em notas de **1 a 3**. Dessa forma, alguns critérios foram considerados mais importantes para efeitos de classificação.

A nota de um atrativo referente a cada critério foi multiplicada pelo seu respectivo peso, chegando-se a um resultado parcial. A soma de todas as multiplicações de critério vezes o peso de um atrativo originou um resultado final, ou seja, a pontuação total daquele atrativo turístico.

Constatada a diferenciação entre os atrativos efetivos e potenciais, foi necessário aplicar diferentes parâmetros para os atrativos efetivos e os potenciais, procurando evitar distorções na avaliação e na classificação.

Enquanto os atrativos efetivos foram avaliados com todos os quesitos, os potenciais foram avaliados somente pelos quesitos de acessibilidade, beleza, e características culturais / históricas / sociais / ambientais. Estes quesitos não dependem ou não são influenciados diretamente pelo fato de o atrativo ser formatado comercialmente ou ter fluxo turístico.

Os pesos aplicados aos quesitos para os atrativos efetivos e potenciais são listados na Tabela 3.8.2.:

⁴¹ Tipicamente, os períodos de férias no Brasil são Junho/Julho e Dezembro/Janeiro.

Tabela 3.8.2. Peso dos quesitos de avaliação

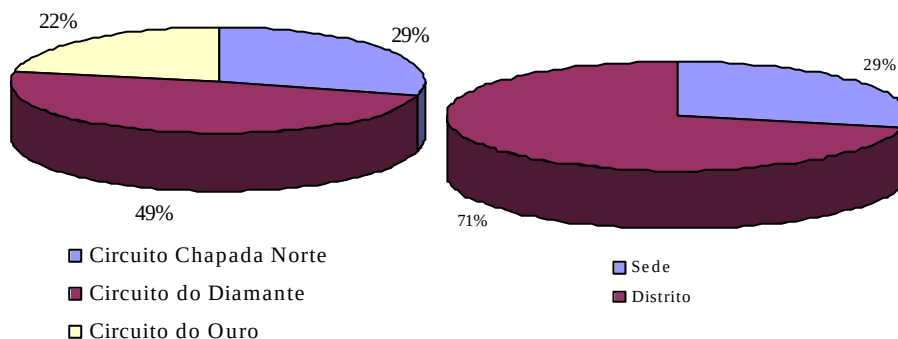
	Atrativos	
	Efetivos	Potenciais
Acessibilidade	2	0
Infra-estrutura	2	0
Escala	1	0
Beleza	3	3
Características Culturais, Históricas, Sociais ou Ambientais	3	3
Apoio do Poder Público e Importância para a Comunidade	1	0
Condições de Preservação	2	0
Sazonalidade	2	0

Elaboração: FGV 2002

3.8.1.1. O Pólo Turístico Chapada Diamantina

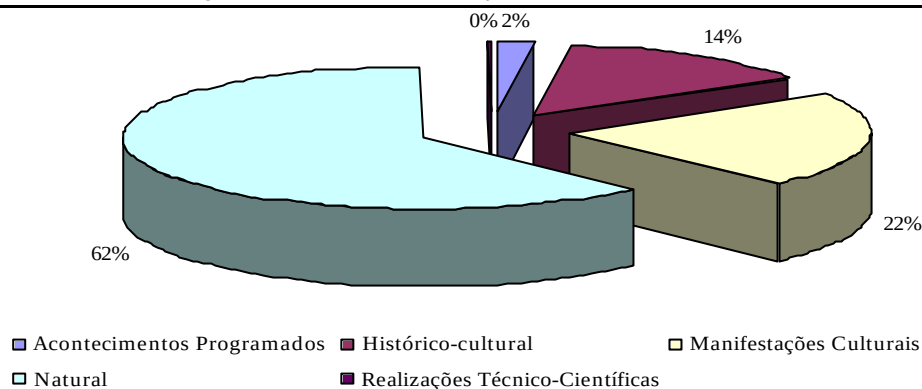
Como pode-se visualizar na tabela 3.8.3. (abaixo), foram identificados no Pólo Turístico Chapada Diamantina 374 atrativos, dos quais 238 (64%) sendo considerados como efetivos e 136 (36%) como potenciais, ou seja, são aqueles que não possuem infra-estrutura para receber o turista, não estando inserido no mercado embora possuam grau de atratividade.

Gráfico 3.8.1. Atrativos por Circuitos Turísticos e por localização



Torna-se claro, também, que o Circuito do Diamante contém quase 50% dos atrativos identificados na área objeto de estudo, grande parte deles situada no Parque Nacional da Chapada Diamantina e em seu entorno rural. Tal fato é apontado na divisão entre Sede e Distritos, quando o segundo abarca cerca de 71% do total de atrativos identificados.

Gráfico 3.8.2. Categoria dos atrativos na Chapada Diamantina



Corroborando com todo o foco de desenvolvimento do ecoturismo na área objeto de estudo, de todos os atrativos identificados cerca de 62% estão categorizados como “Natural”, ou seja, cachoeiras, montanhas, planaltos etc. Ao mesmo tempo e complementando sua atratividade no ambiente natural, existe na região da Chapada Diamantina diversos elementos históricos e culturais, apontados em 36% dos atrativos levantados.

Gráfico 3.8.3. Avaliação dos atrativos na Chapada Diamantina

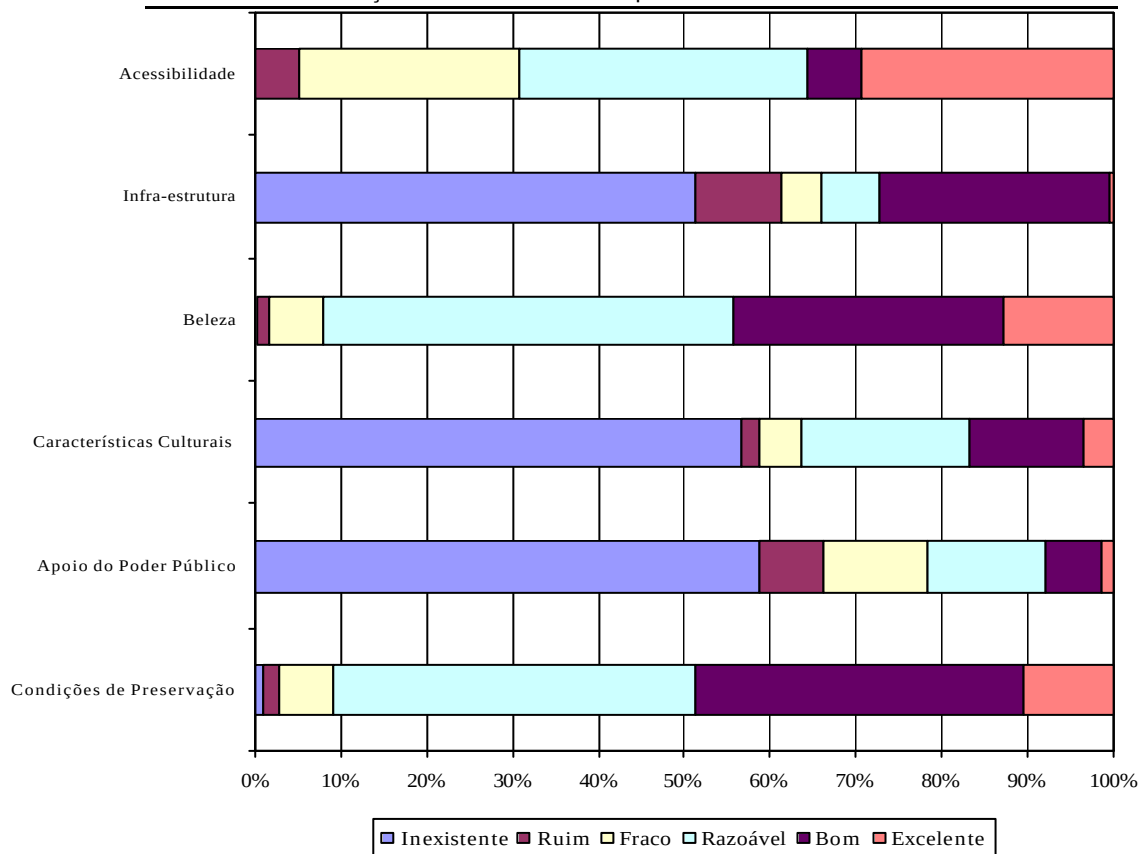
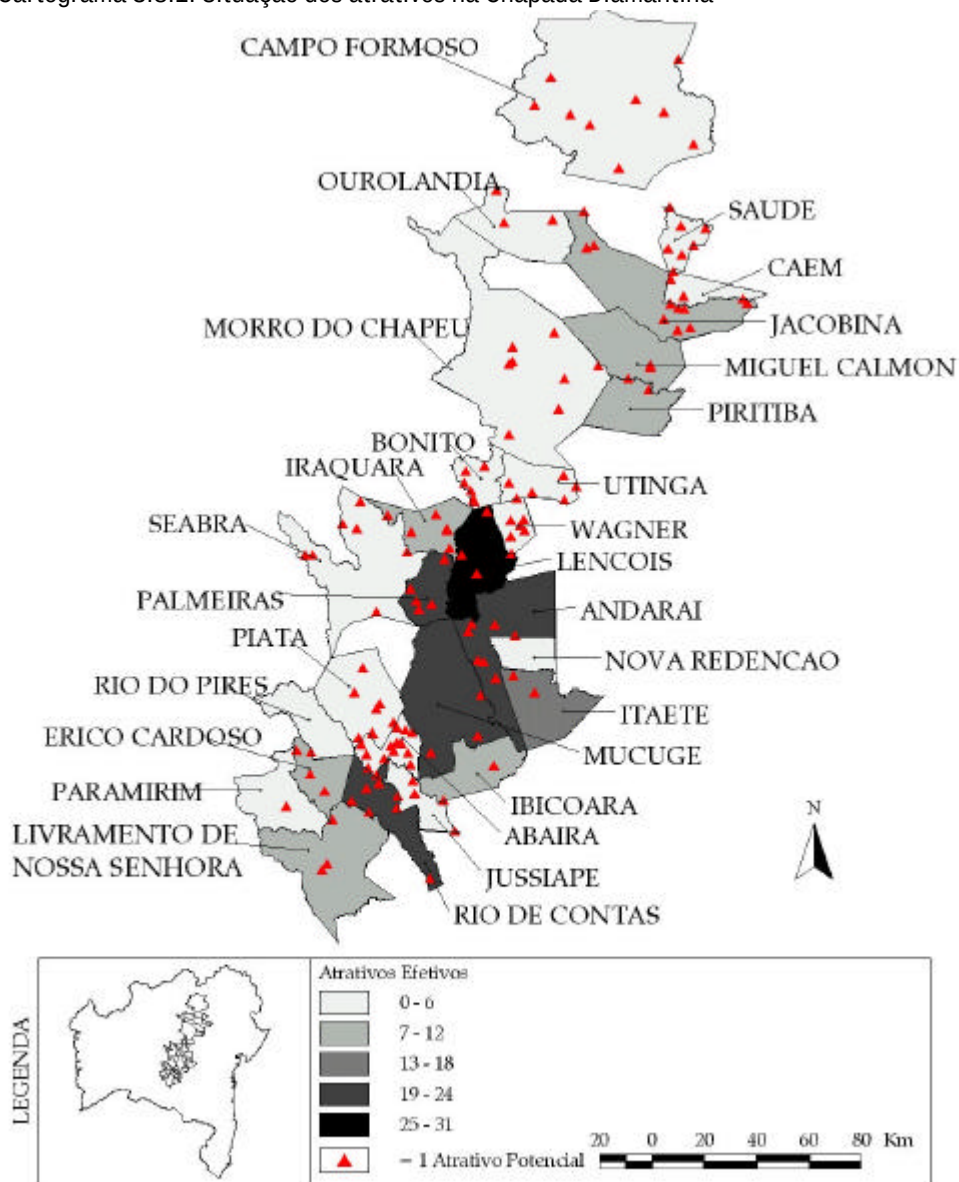


Tabela 3.8.3. Atrativos totais nos Circuitos Turísticos e no Pólo Turístico Chapada Diamantina

Circuito	Total de Atrativos	Situação Atual	Categoria	Localização	Acessibilidade	Infra-estrutura	Escala	Beleza	Caract. Culturais / históricas	Apoio do Poder Público	Cond. Preserv.
Chapada Norte	110	Efetivo - 48 Potencial - 62	Histórico-cultural - 14	Sede - 42 Distrito - 68	Um - 04	Zero - 50		Zero - 01		Zero - 51	Zero - 03
			Manifestações Culturais - 35		Dois - 33	Um - 06		Um - 02	Zero - 48	Um - 12	Um - 04
			Natural - 60		Três - 22	Dois - 07	Dois - 63	Dois - 16	Dois - 07	Dois - 21	Dois - 11
			Realizações Técnico-Cient.- 01		Quatro - 09	Três - 01	Três - 43	Três - 63	Três - 25	Três - 16	Três - 32
					Cinco - 42	Quatro - 46	Quatro - 04	Quatro - 21	Quatro - 30	Quatro - 09	Quatro - 18
Circuito do Diamante	182	Efetivo - 147 Potencial - 35	Acontecimentos Progr.- 06	Sede - 44 Distrito - 138	Um - 05	Zero - 96		Um - 02	Zero - 112	Zero - 114	Um - 01
			Histórico-cultural - 24		Dois - 26	Um - 27		Dois - 04	Um - 07	Um - 14	Dois - 06
			Manifestações Culturais - 32		Três - 95	Dois - 07	Dois - 42	Três - 70	Dois - 09	Dois - 16	Três - 54
			Natural - 120		Quatro - 09	Três - 12	Três - 55	Quatro - 78	Três - 29	Três - 20	Quatro - 73
					Cinco - 47	Quatro - 38	Quatro - 43	Cinco - 28	Quatro - 15	Quatro - 14	Cinco - 12
Circuito do Ouro	82	Efetivo - 43 Potencial - 39	Acontecimentos Progr.- 01	Sede - 21 Distrito - 61	Um - 10	Zero - 46		Um - 01	Zero - 52	Zero - 55	
			Histórico-cultural - 15		Dois - 37	Um - 05		Dois - 04	Um - 01	Um - 02	
			Manifestações Culturais - 14		Três - 09	Dois - 03	Dois - 33	Três - 46	Dois - 02	Dois - 08	Dois - 01
			Natural - 52		Quatro - 05	Três - 12	Três - 37	Três - 19	Três - 15	Três - 15	Três - 36
					Cinco - 21	Quatro - 16	Quatro - 04	Quatro - 18	Quatro - 05	Quatro - 02	Quatro - 19
Pólo Turístico Chapada Diamantina	374	Efetivo - 238 Potencial - 136	Acontecimentos Progr. - 07	Sede - 107 Distrito - 267	Um - 19	Zero - 192		Zero - 01	Zero - 212	Zero - 220	Zero - 03
			Histórico-cultural - 53		Dois - 96	Um - 38		Um - 05	Um - 08	Um - 28	Um - 05
			Manifestações Culturais - 81		Três - 126	Dois - 17	Dois - 138	Dois - 24	Dois - 18	Dois - 45	Dois - 18
			Natural - 232		Quatro - 23	Três - 25	Três - 135	Três - 179	Três - 73	Três - 51	Três - 122
			Realizações Técnico-Cient.- 01		Cinco - 110	Quatro - 100	Quatro - 51	Quatro - 117	Quatro - 50	Quatro - 25	Quatro - 110
						Cinco - 02	Cinco - 50	Cinco - 48	Cinco - 13	Cinco - 05	Cinco - 30

Cartograma 3.8.1. Situação dos atrativos na Chapada Diamantina

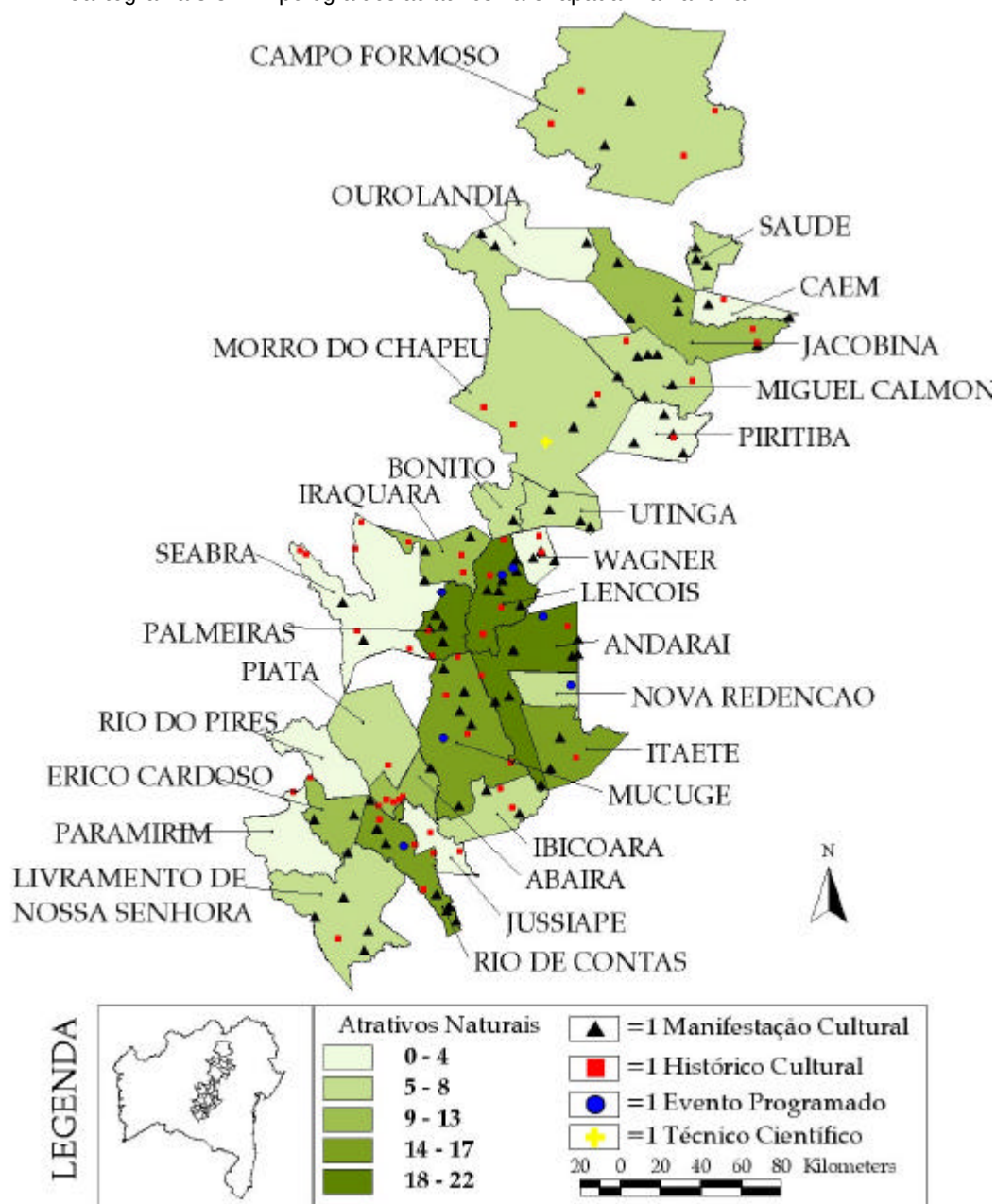


Obs.: A localização dos atrativos não está georeferenciada; indica apenas a ocorrência dos atrativos por município

Fonte: Base de Dados da Agência Nacional de Energia Elétrica - ANEEL e IBGE

Adaptação: Danilo Kulaf

Cartograma 3.8.2. Tipologia dos atrativos na Chapada Diamantina



Obs.: A localização dos atrativos não está georeferenciada; indica apenas a ocorrência dos atrativos por município

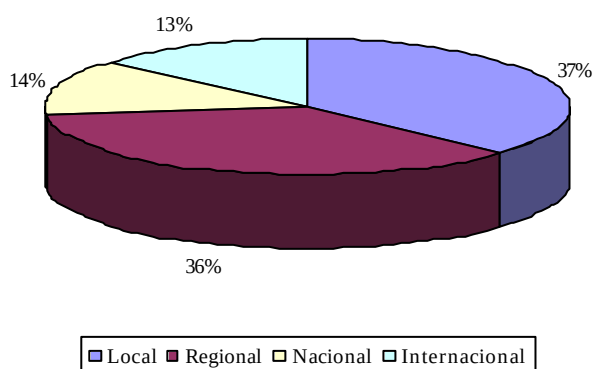
Fonte: Base de Dados da Agência Nacional de Energia Elétrica - ANEEL Adaptação: Danilo Kulaif

A acessibilidade aos atrativos, em geral, foi avaliada entre fraca e razoável, destacando-se que os acessos considerados excelentes sempre ocorrem quando o item identificado está localizado na área urbana principal como, por exemplo, o Centro Histórico de Lençóis.

Os itens de infra-estrutura, poder público e características culturais despontam com um elevado índice de “Inexistente”. Tal fato decorre, nos dois primeiros devido, entre outros, à falta de incentivos à estruturação da oferta técnica na área objeto de estudo – como a implantação de trilhas e/ou coleta de lixo nas cachoeiras, e à ausência de conhecimento sobre as oportunidades provenientes da atividade turística – por exemplo, as comunidades em geral apoiam o turismo mas poucos transformam a vontade em empreendimento. Para as características culturais, sua inexistência ocorre devido à maioria dos atrativos da Chapada Diamantina estar relacionada ao ambiente natural, como indicado no gráfico 3.8.2.

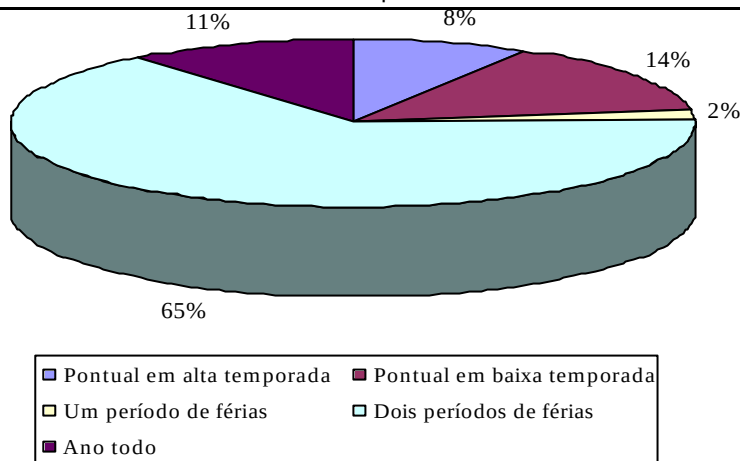
Como visto na tabela 3.8.3., os itens de Beleza e Condições de Preservação estão relacionados e, em geral, apresentam-se de forma razoável e boa. Indica, também, o elevado percentual de atrativos diferenciais existentes na área objeto de estudo, apontados como excelentes ou bons (cerca de 45% do total). Tal fato comprova o potencial da região para o desenvolvimento da atividade ecoturística abarcando uma demanda nacional e, em alguns casos, internacional, que só pode ocorrer em ambientes conservados e de beleza singular. Ao mesmo tempo, deve-se notar que apesar da variedade e da quantidade de atrativos existentes na Chapada Diamantina, parte significativa da demanda atual concentra-se a um número reduzido de pontos de atração. Dentre estes destaca-se, por exemplo, o Balneário da Pratinha que devido à pressão da demanda e à própria miopia e despreparo dos proprietários desenvolveu uma oferta de equipamentos impróprios, descaracterizando os aspectos naturais e, em última instância, até desformatando o produto turístico.

Gráfico 3.8.4. Demanda nos atrativos turísticos da Chapada Diamantina



Pelo demonstrado no gráfico acima pode-se avaliar que parte significativa da demanda para os atrativos situados na Chapada Diamantina ainda é local (37%) ou regional (36%), apesar de seu potencial já supracitado.

Gráfico 3.8.5. Sazonalidade nos atrativos da Chapada Diamantina



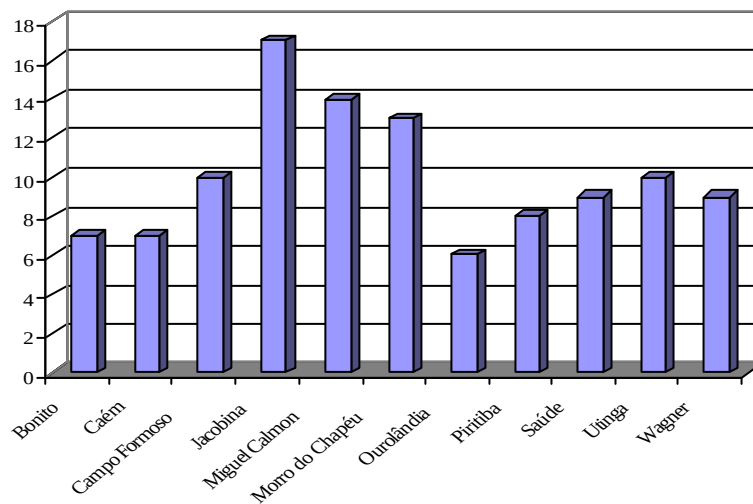
Por fim, nota-se que a maioria dos atrativos levantados podem ser visualizados e/ou visitados em pelo menos dois períodos de férias, ou seja, janeiro/fevereiro e julho, ou até mesmo nos feriados prolongados, como Páscoa e *Corpus Christi*, habilitando a região para oferecer produtos de curta, média ou longa permanência.

3.8.1.1.1. Circuito Chapada Norte

No Circuito Chapada Norte foram identificados 110 atrativos turísticos, distribuídos entre os onze municípios de forma bastante complementar, ou seja, há

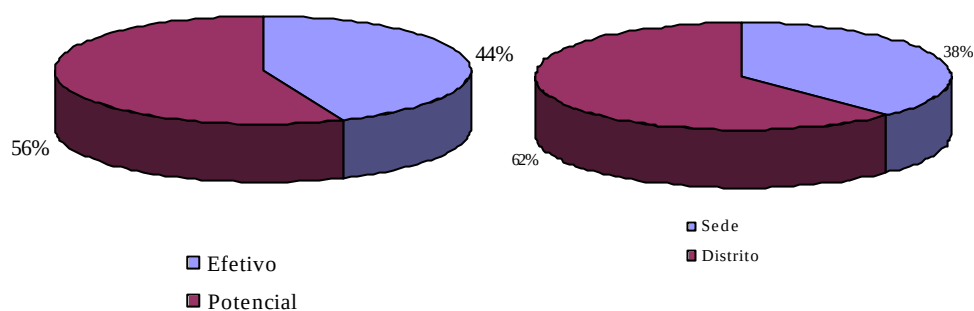
municípios que se destacam pela oferta de atrativos naturais e outros pela existência de elementos histórico-culturais, possibilitando a formação de um produto turístico bem diversificado. Assim, dentre os municípios deste circuito destacam-se Jacobina, Miguel Calmon e Morro do Chapéu, com parte significativa da oferta de atrativos deste circuito.

Gráfico 3.8.6. Distribuição dos atrativos na Chapada Norte



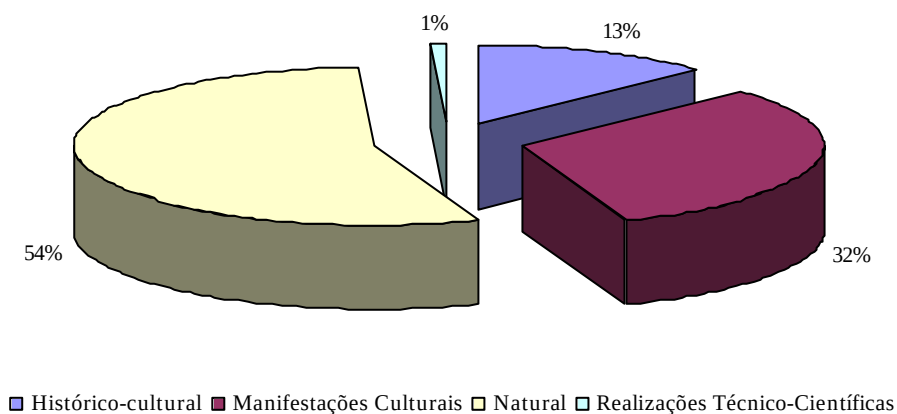
Nota-se que a Chapada Norte ainda conta com uma maioria de atrativos potenciais (56%), ou seja, que têm possibilidades de desenvolverem atividade turísticas mas ainda não o fizeram.

Gráfico 3.8.7. Atrativos no Circuito Chapada Norte



Assim, é possível perceber que o Circuito Chapada Norte conta com um potencial significativo para explorar o ecoturismo, com diversos atrativos ainda a serem desenvolvidos e, em geral, relacionados a área rurais.

Gráfico 3.8.8. Categoria dos atrativos no Circuito Chapada Norte



Validando a intenção de se desenvolver o ecoturismo, de todos os atrativos identificados no Circuito Chapada Norte cerca de 54% estão categorizados como “Natural”. Complementando tal atratividade, existem na região diversos elementos históricos e culturais, apontados em mais 45% dos atrativos levantados.

Tabela 3.8.4. Atrativos turísticos no Circuito Chapada Norte

Situação Atual	Categoria	Município	Atrativos	Localização	Acessibilidade	Infra-estrutura	Escala	Beleza	Caract. Culturais / históricas	Apoio do Poder Público	Cond. Preserv.	Sazonalidade	Total
Potencial	Natural	Bonito	Barragem do Rio Bonito	Distrito	4	0	3	2	0	1	0	4	14
Potencial	Natural		Cachoeira da Maria Paula	Distrito	2	0	3	3	0	0	3	4	15
Potencial	Natural		Cachoeira da Soltinha	Distrito	3	0	3	3	0	0	3	4	16
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa da Padroeira	Sede	5	4	3	3	4	3	-	2	24
Potencial	Natural		Gruta do Cristal	Distrito	4	0	3	3	0	5	3	4	22
Potencial	Natural		Matas do Sossego e Capão das Antas	Distrito	4	0	3	3	3	0	4	4	21
Potencial	Natural	Caém	Quaresmeiras	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	3	14
Efetivo	Natural		Balneário Boa Vista	Sede	5	4	2	2	0	0	1	4	18
Potencial	Natural		Cachoeira da Charneca	Distrito	2	0	2	3	0	1	3	4	15
Potencial	Natural		Cachoeira de Caém	Distrito	2	0	3	2	0	1	2	4	14
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São Gonçalo	Sede	5	4	2	4	4	3	-	1	23
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São Pedro	Sede	5	4	3	4	4	4	-	2	26
Potencial	Histórico-cultural	Campo Formoso	Igreja das Figuras	Distrito	1	0	2	3	3	0	0	4	13
Potencial	Natural		Riacho da Prata	Distrito	2	0	2	3	0	0	2	4	13
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de Santo Antônio	Sede	5	4	3	3	3	3	-	2	23
Potencial	Histórico-cultural		Fonte da Antonica	Sede	5	4	3	2	3	0	2	4	23
Potencial	Natural		Gruta da Barriguda	Distrito	1	0	2	4	4	0	5	4	20
Potencial	Natural		Gruta da Boa Vista	Distrito	2	0	2	4	4	0	5	4	21
Potencial	Natural	Campo Formoso	Gruta do Convento	Distrito	2	0	2	4	4	0	4	4	20
Potencial	Natural		Gruta do Sumidouro	Distrito	2	2	3	3	3	0	3	4	20
Potencial	Natural		Mina de Esmeralda	Distrito	3	2	4	3	0	0	3	4	19
Potencial	Histórico-cultural		Pinturas Rupestres Rio Campestre	Distrito	2	0	2	3	4	0	3	4	18
Potencial	Manifestações Culturais		Roda de São Gonçalo	Sede	5	3	2	3	4	0	-	5	22
Potencial	Histórico-cultural		Igreja da Gameleira	Distrito	3	0	2	3	4	1	1	4	18
Potencial	Natural	Jacobina	Cachoeira da Ametista	Distrito	3	2	2	3	0	1	3	4	18
Potencial	Natural		Cachoeira das Arapongas	Distrito	3	1	2	3	0	1	3	4	17
Potencial	Natural		Cachoeira dos Amores	Distrito	2	0	2	3	0	0	3	4	14
Potencial	Natural		Cachoeira do Brito	Sede	5	4	2	3	0	1	3	4	22
Potencial	Natural		Cachoeira do Piancó	Distrito	2	1	2	3	0	1	3	4	16
Potencial	Natural		Cachoeiras da Serpente/Esplendor do Sol	Distrito	2	0	2	4	0	1	4	4	17
Potencial	Natural		Cachoeira Véu da Noiva	Distrito	2	1	3	4	0	2	4	4	20
Potencial	Natural		Canyon	Distrito	2	0	2	4	0	0	4	4	16
Efetivo	Manifestações Culturais		Circuito de Vaquejada	Sede	5	4	3	3	4	4	-	2	25
Efetivo	Manifestações Culturais		Corrida Duque de Caxias	Sede	5	4	3	3	4	4	-	2	25
Efetivo	Natural		Estância Ecológica Bandeirantes	Distrito	2	2	4	4	0	2	4	4	22
Efetivo	Manifestações Culturais		Feira Livre	Sede	5	4	3	3	3	0	-	5	23
Efetivo	Manifestações Culturais		Micareta	Sede	5	4	3	3	3	2	-	2	22
Potencial	Histórico-cultural		Minas de Ouro	Distrito	3	0	4	3	4	0	3	4	21
Potencial	Histórico-cultural		Monumentos Histórico-Culturais	Sede	5	4	2	4	4	0	3	5	27
Efetivo	Natural	Jacobina	Lagoa Antonio Teixeira Sobrinho	Distrito	3	0	2	3	0	0	1	4	13
Efetivo	Manifestações Culturais		Marujada	Sede	5	4	2	3	4	0	-	4	22

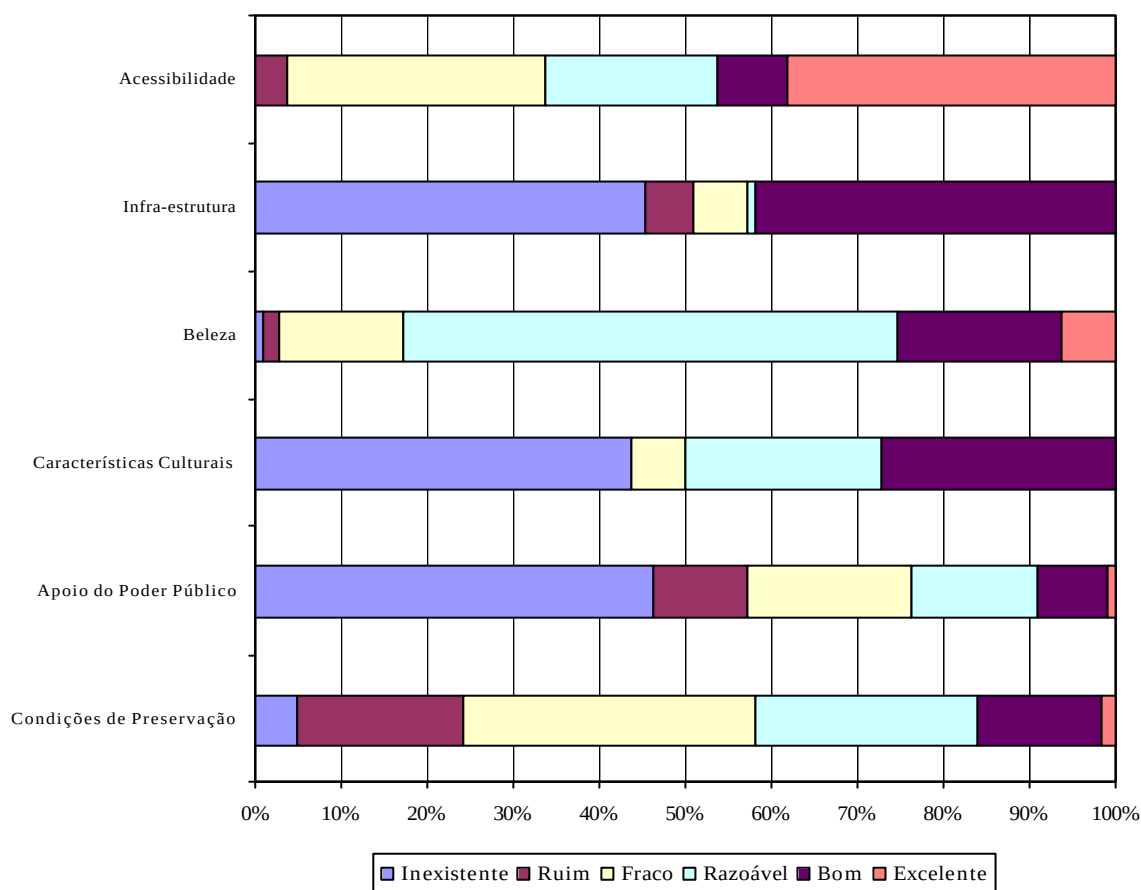
Tabela 3.8.4. Atrativos turísticos no Circuito Chapada Norte - Continuação

Situação Atual	Categoria	Município	Atrativos	Localização	Acessibilidade	Infra-estrutura	Escala	Beleza	Caract. Culturais / históricas	Apoio do Poder Público	Cond. Preserv.	Sazonalidade	Total
Efetivo	Natural	Miguel Calmon	Cachoeira Bico do Urubu	Parque 7 Pas.	4	4	2	5	4	4	5	4	32
Efetivo	Natural		Cachoeira da Jaqueira	Parque 7 Pas.	4	4	2	5	4	4	5	4	32
Efetivo	Natural		Cachoeira do Coração	Parque 7 Pas.	4	4	2	5	4	4	5	4	32
Efetivo	Natural		Cachoeira do Sivaldo	Parque 7 Pas.	4	4	2	5	4	4	5	4	32
Efetivo	Natural		Cachoeira Salto dos Macacos	Parque 7 Pas.	4	4	2	5	4	4	5	4	32
Efetivo	Manifestações Culturais		Cavalgada / Jegada	Sede	5	4	3	3	4	2	-	2	23
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de Arte e Cultura	Sede	5	4	3	3	4	3	-	2	24
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa Chic Natal	Sede	5	4	2	3	2	3	-	1	20
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa da Padroeira	Sede	5	4	2	3	4	3	-	1	22
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São João	Sede	5	4	3	3	4	4	-	2	25
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São Sebastião	Sede	5	4	2	3	3	3	-	1	21
Potencial	Natural	Morro do Chapéu	Lagoa do Braço Midinho	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Potencial	Histórico-cultural		Mina de Barita	Distrito	3	1	2	3	3	0	2	4	18
Potencial	Histórico-cultural		Pinturas Rupestres de Itapura	Distrito	2	0	2	4	4	0	3	4	19
Potencial	Natural		Buracão - Crateras	Distrito	2	0	2	3	0	0	3	4	14
Potencial	Natural		Cachoeira do Agreste	Distrito	3	0	3	3	0	0	3	4	16
Potencial	Natural		Cachoeira Ferro Doido	Distrito	4	0	3	5	0	2	4	3	21
Potencial	Natural		Cachoeira Domingos Lopes	Distrito	3	0	3	3	0	0	3	4	16
Potencial	Realizações Técnico-Científicas		Centro de Pesquisas Ufológicas	Sede	5	4	3	0	2	0	0	5	19
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa da Padroeira	Sede	5	4	2	3	4	3	-	2	23
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São Benedito Espírito Santo	Sede	5	4	3	3	4	3	-	2	24
Efetivo	Natural	Ouro-lândia	Gruta dos Brejões	Distrito	2	0	3	4	3	2	3	4	21
Efetivo	Natural		Mirante do Morrão	Distrito	3	0	4	4	0	0	4	4	19
Efetivo	Natural		Orquidário Natural	Sede	5	4	2	3	0	0	3	4	21
Potencial	Histórico-cultural		Sítio Arqueológico Lageado - Bordado	Distrito	2	0	3	4	4	2	4	4	23
Potencial	Histórico-cultural		Sítio Arqueológico Bocana	Distrito	2	0	3	4	4	2	4	4	23
Potencial	Histórico-cultural		Vila de Ventura	Distrito	3	0	3	4	4	2	2	4	22
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa do Feijão	Sede	5	4	2	2	2	3	-	2	20
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa da Mamona	Sede	5	4	2	2	2	3	-	1	19
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa da Padroeira	Sede	5	4	2	2	2	3	-	1	19
Potencial	Natural		Gruta da Pingadeira	Distrito	3	0	2	4	0	0	2	4	15
Potencial	Natural	Piritiba	Gruta Toca dos Ossos	Distrito	3	0	2	2	0	0	3	4	14
Potencial	Natural		Poço Verde	Distrito	3	1	3	4	0	2	3	4	20
Efetivo	Natural		Barragem do França	Distrito	3	0	2	2	0	0	4	4	15
Efetivo	Manifestações Culturais		Cavalgada de Piritiba	Sede	5	4	3	3	3	2	-	2	22
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa do Bonfim	Sede	5	4	2	3	3	2	-	1	20
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa da Mandioca	Sede	5	4	2	3	3	2	-	2	21
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São João	Sede	5	4	3	3	3	2	-	2	22
Potencial	Histórico-cultural		Monumentos Histórico-Culturais	Sede	5	4	2	1	2	0	1	5	20
Efetivo	Natural	Piritiba	Poço Feio	Distrito	2	2	2	2	0	2	3	4	17
Efetivo	Natural		Poço Redondo	Distrito	2	1	2	2	0	1	3	4	15

Tabela 3.8.4. Atrativos turísticos no Circuito Chapada Norte - Continuação

Situação Atual	Categoria	Mun.	Atrativos	Localização	Acessibilidade	Infra-estrutura	Escala	Beleza	Caract. Culturais / históricas	Apoio do Poder Público	Cond. Preserv.	Sazonalidade	Total
Potencial	Natural	Saúde	Barragem do Ponto Novo	Distrito	2	0	3	3	0	0	3	4	15
Potencial	Natural		Cachoeira do Gelo	Distrito	2	0	2	3	0	0	3	4	14
Potencial	Natural		Cachoeira da Prata	Distrito	2	0	2	4	0	3	4	4	19
Efetivo	Natural		Cachoeira do Paulista	Distrito	2	0	3	2	0	0	2	4	13
Potencial	Natural		Cachoeira dos Payayás	Distrito	2	0	2	4	0	3	4	4	19
Potencial	Manifestações Culturais		Festa do Calumbi	Sede	5	4	2	3	3	0	-	1	18
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa da Padroeira	Sede	5	4	2	3	3	2	-	2	21
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São João	Sede	5	4	3	3	3	2	-	2	22
Potencial	Natural		Mirante da Serra do Espinhaço	Distrito	2	0	2	3	0	0	3	4	14
Potencial	Natural		Cachoeira da Mariazinha	Distrito	3	0	2	4	0	0	4	4	17
Potencial	Natural	Utinga	Canyon Buraco do Inferno	Distrito	2	0	2	3	0	0	4	4	15
Potencial	Natural		Caverna da Queixada	Distrito	2	0	2	3	0	0	3	4	14
Potencial	Natural		Complexo da Serra do Atalaia	Distrito	2	0	2	3	0	0	4	3	14
Efetivo	Manifestações Culturais		Feira Anual de Arte e Cultura	Sede	5	4	3	3	3	2	-	1	21
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa do Bonfim	Sede	5	4	2	3	3	1	-	1	19
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São João	Sede	5	4	3	3	3	2	-	2	22
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa da Vaqueijada	Sede	5	4	3	2	2	2	-	2	20
Potencial	Natural		Labirinto da Boa Esperança	Distrito	2	0	2	3	4	0	2	4	17
Potencial	Natural		Pedra da Figura	Distrito	3	0	3	5	0	0	4	4	19
Potencial	Natural		Wagner	Cachoeira do Mosquito	Distrito	1	0	3	2	0	0	3	4
Potencial	Natural	Cachoeira do Rio Bonito		Distrito	1	0	2	1	0	0	2	4	10
Potencial	Natural	Cachoeirinha		Distrito	2	0	2	2	0	0	2	4	12
Potencial	Histórico-cultural	Colégio Americano		Sede	5	4	3	3	3	2	3	5	28
Efetivo	Manifestações Culturais	Festas de São João e São Pedro		Sede	5	4	3	3	3	3	-	2	23
Efetivo	Manifestações Culturais	Festa do Vaqueiro (Arcolinha)		Distrito	3	2	3	3	3	3	-	2	19
Efetivo	Histórico-cultural	Gruta do Cirilo		Distrito	3	2	3	2	3	1	2	4	20
Potencial	Natural	Pedra do Chapéu		Distrito	2	0	2	3	0	0	4	4	15
Potencial	Manifestações Culturais	Reisado		Sede	5	4	2	3	3	0	-	1	18
Total - 110 Efetivo - 48 Potencial - 62	Histórico-cultural - 14	-		-	Sede - 42 Distrito - 68	Um - 04	Zero - 50		Zero - 01		Zero - 51	Zero - 03	
	Dois - 33		Um - 06				Um - 02	Zero - 48	Um - 12	Um - 04	Um - 11		
	Três - 22		Dois - 07			Dois - 63	Dois - 16	Dois - 07	Dois - 21	Dois - 11	Dois - 21		
	Quatro - 09		Três - 01			Três - 43	Três - 63	Três - 25	Três - 16	Três - 32	Três - 03		
	Cinco - 42		Quatro - 46			Quatro - 04	Quatro - 21	Quatro - 30	Quatro - 09	Quatro - 18	Quatro - 69		
								Cinco - 07	Cinco - 01	Cinco - 07	Cinco - 06		

Gráfico 3.8.9. Avaliação dos atrativos na Chapada Norte

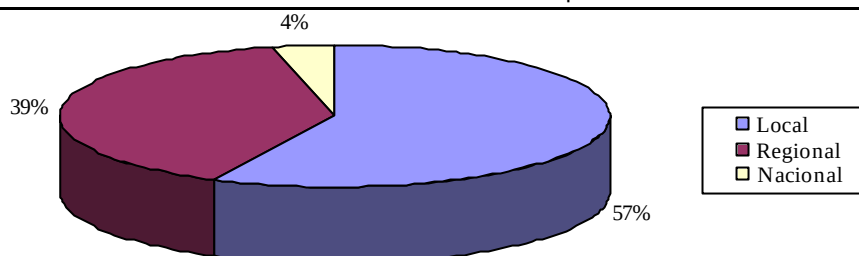


A acessibilidade aos atrativos da Chapada Norte foi avaliada, em geral, entre fraca, razoável e excelente notando-se que da mesma forma que no Pólo Turístico Chapada Diamantina como um todo, os acessos considerados excelentes sempre ocorrem quando o item identificado está localizado na área urbana principal.

Infra-estrutura, poder público e características culturais destacam-se com um alto indicativo de “Inexistente” decorrente, nos dois primeiros devido à já citada falta de incentivos à estruturação da oferta técnica e ausência de conhecimento sobre as oportunidades provenientes da atividade turística.

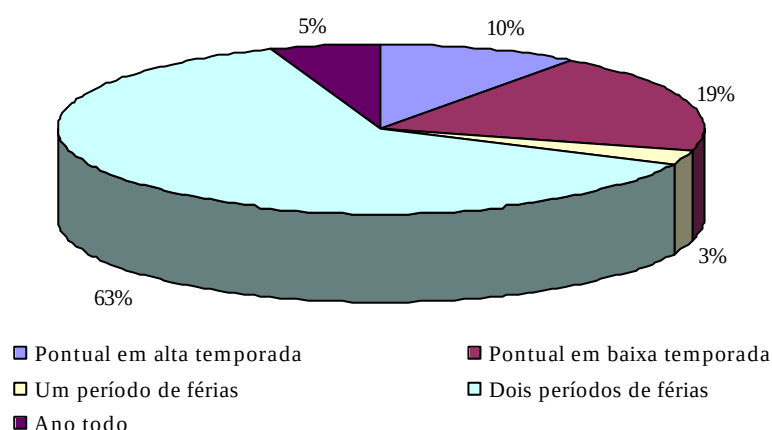
Os itens de Beleza e Condições de Preservação (tabela 3.8.9.), apresentam-se de forma razoável e fraca, indicando a necessidade de cuidados na preservação dos atrativos.

Gráfico 3.8.10. Demanda nos atrativos turísticos da Chapada Norte



Como demonstrado na tabela acima, pode-se avaliar que parte significativa da demanda para os atrativos situados na Chapada Norte é local (57%) ou regional (39%), perfazendo apenas 4% de demanda nacional atual.

Gráfico 3.8.11. Sazonalidade nos atrativos da Chapada Norte

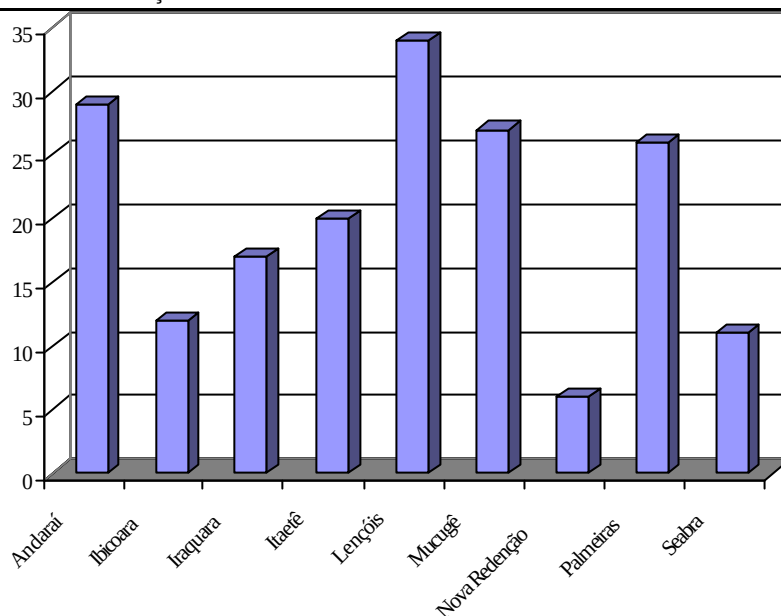


Nota-se, também, que 63% dos atrativos levantados podem ser visualizados e/ou visitados em pelo menos dois períodos de férias, ou seja, janeiro/fevereiro e julho; enquanto somente 10% são pontuais e ocorrem em alta temporada.

3.8.1.1.2. Circuito do Diamante

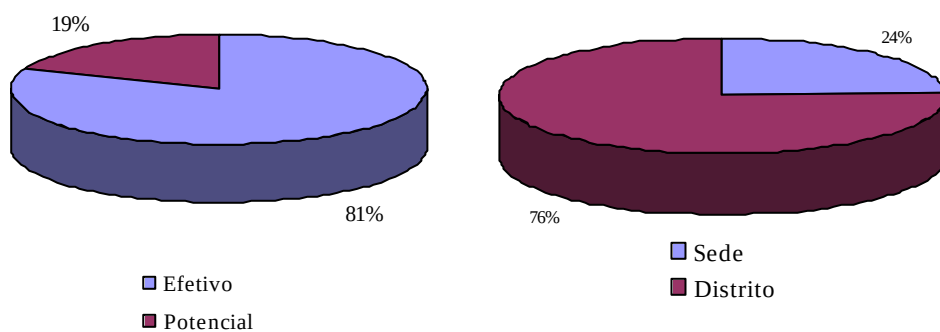
O Circuito do Diamante, como já citado anteriormente, é o que conta com maior número de atrativos turísticos identificados, 182 no total. Dentre os nove municípios deste circuito destacam-se Lençóis, Andaraí, Palmeiras e Mucugê, que contém cerca de 65% do total da oferta de atrativos deste circuito.

Gráfico 3.8.12. Distribuição dos atrativos no Circuito do Diamante



No Circuito do Diamante a maioria (81%) dos atrativos foi avaliada como efetiva, ou seja, são, atrativos já formatados comercialmente, facilitando sua distribuição, comunicação e venda.

Gráfico 3.8.13. Atrativos no Circuito do Diamante



Ao mesmo tempo, percebe-se que o Circuito do Diamante possui 76% dos atrativos na área rural relacionados, portanto, ao ambiente bastante preservado na região.

Tabela 3.8.5. Atrativos turísticos no Circuito do Diamante

Situação Atual	Categoria	Município	Atrativos	Localização	Acessibilidade de	Infra-estrutura	Escala	Beleza	Caract. Culturais / históricas	Apoio do Poder Público	Cond. Preserv.	Sazonalidade	Total
Efetivo	Natural	Andaraí	Cachoeira do Bocório	Distrito	3	0	4	3	0	0	3	4	17
Potencial	Natural		Cachoeira dos Pombos	Distrito	2	0	4	4	0	0	3	4	17
Efetivo	Natural		Cachoeira do Ramalho	Distrito	3	1	4	3	0	0	4	5	20
Potencial	Natural		Cachoeira das Três Barras	Distrito	2	0	4	3	0	0	3	4	16
Efetivo	Histórico-cultural		Vila de Igatu	Distrito	3	3	5	5	5	2	3	5	31
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa do Divino	Sede	5	4	3	4	4	3	-	2	25
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São Sebastião	Sede	5	4	3	4	4	3	-	1	24
Potencial	Manifestações Culturais		Festa dos Sete	Distrito	3	1	2	5	5	0	-	2	18
Efetivo	Acontecimentos Programados		Festival de Igatu	Distrito	3	3	3	3	3	2	-	2	19
Potencial	Natural		Gruta Lapa do Bode	Distrito	3	0	3	3	0	0	4	4	17
Potencial	Natural		Gruta da Marota	Distrito	2	0	4	4	0	0	3	4	17
Potencial	Natural		Gruta da Paixão	Distrito	3	1	4	4	0	0	4	4	20
Efetivo	Histórico-cultural		Lapidação de Diamante	Sede	5	4	5	4	4	0	3	5	30
Efetivo	Natural		Mirante do Paraguaçu	Distrito	3	0	5	5	0	0	4	4	21
Efetivo	Natural		Mirante da Rampa do Caim	Distrito	3	0	5	5	2	0	4	4	23
Efetivo	Histórico-cultural		Bens Histórico-Culturais Isolados	Sede	5	4	5	4	5	3	3	5	34
Potencial	Natural		Nascentes Olhos D'água	Distrito	3	0	4	4	0	0	4	4	19
Efetivo	Natural		Pantanal do Marimbus	Distrito	5	1	5	5	1	0	4	3	24
Efetivo	Natural		Praias do Paraguaçu	Distrito	5	1	5	4	0	1	4	4	24
Efetivo	Natural		Poço da Donana	Distrito	4	0	4	5	0	0	3	4	20
Efetivo	Natural		Poço da Paraíba	Distrito	3	0	3	3	0	0	3	4	16
Efetivo	Manifestações Culturais		Rabéia	Sede	5	4	3	3	3	2	-	2	22
Efetivo	Acontecimentos Programados		Reveillon Paraguaçu	Sede	5	4	3	3	0	5	-	1	21
Efetivo	Manifestações Culturais		Reisado	Sede	5	4	3	3	3	2	-	1	21
Efetivo	Natural		Rio Coisa Boa	Distrito	3	0	4	4	0	0	4	4	19
Efetivo	Natural		Rio Garapa	Distrito	3	0	5	5	0	0	4	4	21
Efetivo	Natural		Rio Roncador	Distrito	3	0	5	5	0	0	4	4	21
Efetivo	Manifestações Culturais		Terno de Almas	Sede	5	4	3	3	3	3	-	2	23
Efetivo	Natural		Vale do Patí	Distrito	3	1	5	5	0	0	4	4	22
Efetivo	Natural	Ibicoara	Cachoeira do Buracão	Distrito	1	0	4	5	0	3	4	4	21
Potencial	Natural		Cachoeira da Fumacinha	Distrito	2	0	3	4	0	0	4	4	17
Efetivo	Natural		Cachoeira do Licuri	Distrito	3	0	4	4	0	0	4	4	19
Efetivo	Natural		Cachoeira das Raízes	Distrito	3	0	4	4	0	0	4	4	19
Efetivo	Natural		Cachoeiras do Vale Recanto Verde	Distrito	3	0	4	4	0	0	4	4	19
Efetivo	Natural		Cachoeira Véu da Noiva	Distrito	3	0	4	4	0	0	4	4	19

Tabela 3.8.5. Atrativos turísticos no Circuito do Diamante - Continuação

Situação Atual	Categoria	Município	Atrativos	Localização	Acessibilidade	Infra-estrutura	Escala	Beleza	Caract. Culturais /históricas	Apoio do Poder Público	Cond. Preserv.	Sazonalidade	Total
Efetivo	Histórico-cultural	Ibicoara	Comunidade do Vale do Baixão	Distrito	3	1	4	3	3	0	3	4	21
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa Junina	Sede	5	4	4	4	4	4	-	2	27
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de Reis	Sede	5	4	2	3	3	3	-	1	21
Potencial	Natural		Lagão do Vale do Baixão	Distrito	3	0	4	4	0	0	4	4	19
Efetivo	Histórico-cultural		Pinturas Rupestres	Distrito	1	0	4	4	4	0	4	4	21
Efetivo	Natural		Rio Espalhado	Distrito	3	0	4	4	0	0	4	4	19
Efetivo	Natural	Iraquara	Cachoeira da Canabrava	Distrito	3	0	3	3	0	0	3	4	16
Efetivo	Natural		Cachoeira dos Dois Braços	Distrito	3	0	3	3	0	0	3	4	16
Efetivo	Natural		Cachoeira do Mel	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Potencial	Natural		Campos Gerais Riacho do Mel	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Potencial	Histórico-cultural		Estrada Real	Distrito	3	0	3	4	4	0	3	4	21
Potencial	Histórico-cultural		Estrada Boiadeira	Distrito	3	0	3	3	1	0	3	4	17
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de Santo Antônio	Distrito	3	2	3	3	3	3	-	2	19
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São João Antecipado	Sede	5	4	3	3	3	4	-	2	24
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa do Vaqueiro	Distrito	3	3	3	3	2	3	-	2	19
Efetivo	Natural		Gruta Azul	Distrito	3	3	5	4	0	2	2	4	23
Potencial	Natural		Gruta da Caieira	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Natural		Gruta Lapa Doce	Distrito	3	3	5	4	0	2	4	4	25
Efetivo	Natural		Gruta Manoel Ioiô	Distrito	3	0	4	3	0	0	3	4	17
Efetivo	Natural		Gruta Pratinha	Distrito	3	3	5	4	0	2	2	4	23
Efetivo	Natural		Gruta Torrinha	Distrito	3	3	5	5	0	3	5	4	28
Potencial	Histórico-cultural		Monumentos Histórico-Culturais	Distrito	3	3	3	3	3	0	2	5	22
Potencial	Natural		Serras Sobradinho/Sobrado/Cravada	Distrito	3	0	3	4	0	0	4	4	18
Efetivo	Natural	Itaetê	Cachoeira do Bom Jardim	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Natural		Cachoeira Encantada	Distrito	3	0	2	4	0	0	4	4	17
Efetivo	Natural		Cachoeira do Herculano	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Natural		Cachoeira Manoel Messias	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Natural		Cachoeira do Roncador	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Natural		Cachoeira Várzea do Canto	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Natural		Corredeiras do Rio Barriguinha	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Natural		Encontro dos Rios Una e Paraguaçu	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São João	Sede	5	4	3	3	3	3	-	2	23
Potencial	Manifestações Culturais		Festa dos Sete	Distrito	3	1	2	5	5	0	-	2	18
Potencial	Histórico-cultural		Gruta do Caboclo	Distrito	3	0	2	4	4	0	3	4	20

Tabela 3.8.5. Atrativos turísticos no Circuito do Diamante - Continuação

Situação Atual	Categoria	Município	Atrativos	Localização	Acessibilidade	Infra-estrutura	Escala	Beleza	Caract. Culturais / históricas	Apoio do Poder Público	Cond. Preserv.	Sazonalidade	Total
Efetivo	Natural	Itaetê	Gruta da Lagoa Preta	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Natural		Gruta da Lapa do Bode	Distrito	3	0	3	3	0	0	3	4	16
Efetivo	Natural		Morro das Araras	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Natural		Observação de Bugios	Distrito	3	0	5	4	0	0	4	4	20
Efetivo	Natural		Poço Encantado	Distrito	4	3	5	5	4	2	5	5	33
Efetivo	Natural		Rio Invernada	Distrito	3	0	3	3	0	0	3	4	16
Efetivo	Natural		Rio Paraguaçu	Distrito	3	0	3	3	0	0	3	4	16
Efetivo	Natural		Rio Timbózinho	Distrito	3	0	3	3	0	0	3	4	16
Efetivo	Natural	Lençóis	Rio Una	Distrito	3	0	3	3	0	0	3	4	16
Efetivo	Natural		Cachoeira Capivara	Distrito	2	0	4	4	0	0	4	4	18
Efetivo	Natural		Cachoeira do Mosquito	Distrito	2	0	4	4	0	0	4	4	18
Efetivo	Natural		Cachoeira Palmital	Distrito	2	0	2	4	0	0	4	4	16
Efetivo	Natural		Cachoeira Primavera	Sede	5	1	5	4	2	1	4	5	27
Efetivo	Natural		Cachoeira do Sossego	Distrito	2	0	5	5	0	0	4	4	20
Efetivo	Natural		Cachoeirinha	Sede	5	1	5	4	2	1	4	5	27
Efetivo	Manifestações Culturais		Cavalgada	Distrito	3	1	3	3	3	2	-	2	17
Efetivo	Histórico-cultural		Centro Histórico de Lençóis	Sede	5	5	5	5	5	5	4	5	39
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São João	Sede	5	4	4	4	4	4	-	2	27
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa Senhor dos Passos	Sede	5	4	3	3	3	4	-	1	23
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa do Sete	Distrito	3	3	3	4	4	0	-	2	19
Efetivo	Acontecimentos Programados		Festival de Inverno	Sede	5	4	3	3	2	3	-	1	21
Efetivo	Acontecimentos Programados		Filarmônica Lira Popular	Sede	5	4	3	3	3	3	-	5	26
Efetivo	Natural		Gruta do Lapão	Distrito	2	0	5	4	0	0	4	4	19
Efetivo	Manifestações Culturais		Marujada	Sede	5	4	4	4	4	4	-	1	26
Efetivo	Histórico-cultural		Bens Histórico-Culturais Isolados	Sede	5	5	5	5	5	4	4	5	38
Efetivo	Natural		Pantanal do Marimbus	Distrito	5	1	5	5	1	0	4	3	24
Efetivo	Natural		Poço do Diabo	Distrito	4	2	5	4	0	1	4	5	25
Efetivo	Natural		Poço Halley	Sede	5	1	5	3	0	1	3	4	22
Efetivo	Natural		Poço do Pato	Distrito	4	2	5	4	0	1	4	5	25
Potencial	Natural		Poço Verde	Distrito	3	0	5	4	0	0	4	4	20
Efetivo	Natural		Praia do Zaidã	Distrito	3	1	3	3	0	0	3	4	17
Efetivo	Manifestações Culturais		Reisado	Sede	5	4	3	3	3	2	-	1	21
Efetivo	Natural		Rio Caldeirão	Distrito	2	0	4	4	0	0	4	4	18
Efetivo	Natural		Rio Lapão	Distrito	2	0	4	4	0	0	4	4	18

Tabela 3.8.5. Atrativos turísticos no Circuito do Diamante - Continuação

Situação Atual	Categoria	Município	Atrativos	Localização	Acessibilidade	Infra-estrutura	Escala	Beleza	Caract. Culturais / históricas	Apoio do Poder Público	Cond. Preserv.	Sazonalidade	Total
Efetivo	Natural	Lençóis	Rio Mandassaia	Distrito	2	0	4	4	0	0	4	4	18
Efetivo	Natural		Rio Ribeirão (Cima, Meio e Baixo)	Distrito	3	1	5	4	0	0	4	4	21
Efetivo	Natural		Rio Roncador	Distrito	2	0	4	4	0	0	4	4	18
Efetivo	Natural		Rio Santo Antônio da Licurioba	Distrito	2	0	4	4	0	0	4	4	18
Efetivo	Natural		Rio Toalhas	Distrito	2	0	4	4	0	0	4	4	18
Efetivo	Natural		Salão de Areia	Sede	5	1	5	3	2	1	4	4	25
Efetivo	Natural		Salão de Areia	Sede	5	1	5	3	2	1	4	4	25
Efetivo	Natural		Serrano	Sede	5	1	5	4	2	1	3	5	26
Potencial	Histórico-cultural	Mucugê	Vila do Barro Branco	Distrito	1	1	3	1	1	0	2	4	13
Potencial	Histórico-cultural		Vila da Estiva	Distrito	1	1	3	1	1	0	2	4	13
Efetivo	Natural		Cachoeira das Andorinhas	Distrito	3	0	2	5	0	2	5	4	21
Efetivo	Natural		Cachoeira Bate Palmas	Distrito	3	0	2	4	0	0	4	4	17
Efetivo	Natural		Cachoeira do Cardoso	Distrito	2	0	2	4	0	0	4	4	16
Efetivo	Natural		Cachoeira Córrego de Pedra	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	3	14
Efetivo	Natural		Cachoeira dos Funis	Distrito	3	0	3	4	0	0	3	4	17
Efetivo	Natural		Cachoeira do Leão	Distrito	3	0	2	4	0	0	4	4	17
Efetivo	Natural		Cachoeira Matinha	Distrito	2	0	2	4	0	0	4	4	16
Efetivo	Natural		Cachoeira Piabinha	Distrito	4	4	3	4	0	5	5	4	29
Efetivo	Natural		Cachoeira Sete Quedas	Distrito	3	0	3	4	0	0	5	4	19
Efetivo	Natural		Cachoeira da Sibéria	Distrito	3	0	2	5	0	2	5	4	21
Efetivo	Natural		Cachoeira do Tiburtino	Distrito	4	4	3	4	0	5	5	4	29
Potencial	Manifestações Culturais		Carnaval (Caretas/Mandus/Macutum)	Sede	5	4	2	4	4	3	-	1	23
Efetivo	Natural		Cascata Sandália Bordada	Distrito	3	1	4	4	0	1	3	4	20
Efetivo	Histórico-cultural		Cemitério de Santa Izabel (Bizantino)	Sede	5	2	5	5	5	0	4	5	31
Efetivo	Histórico-cultural		Centro de Cultura / Museu Diamante	Sede	5	4	4	4	5	4	4	5	35
Efetivo	Histórico-cultural		Centro Histórico de Mucugê	Sede	5	4	5	4	5	4	3	5	35
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa Irmandade Coração de Jesus	Sede	5	4	3	3	3	3	-	2	23
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de Santa Izabel	Sede	5	4	3	3	3	3	-	2	23
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São João	Sede	5	4	3	3	3	3	-	2	23
Efetivo	Manifestações Culturais		Lamentação das Almas	Sede	5	4	3	4	5	3	-	2	26
Efetivo	Natural		Mar de Espanha	Distrito	3	0	3	3	0	0	1	4	14
Efetivo	Natural		Mirante do Cruzeiro	Distrito	3	0	3	4	0	0	3	4	17
Efetivo	Manifestações Culturais		Reisado	Sede	5	4	3	3	3	2	-	1	21

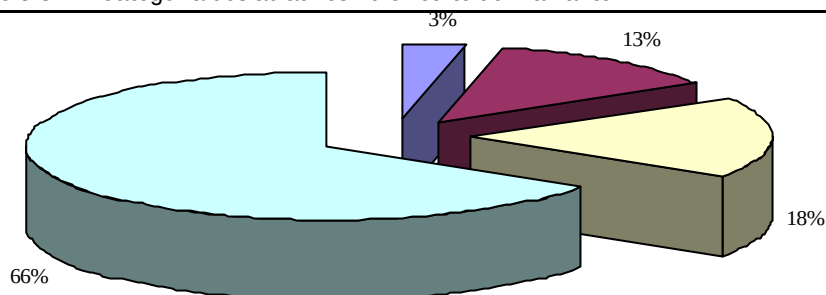
Tabela 3.8.5. Atrativos turísticos no Circuito do Diamante - Continuação

Situação Atual	Categoria	Município	Atrativos	Localização	Acessibilidade	Infra-estrutura	Escala	Beleza	Caract. Culturais /históricas	Apoio do Poder Público	Cond. Preserv.	Sazonalidade	Total
Efetivo	Acontecimentos Programados	Mucugê	Reveillon - Enterro do Ano	Sede	5	4	3	3	3	4	-	1	23
Efetivo	Natural		Rio Cumbucas	Distrito	3	0	3	3	0	0	3	4	16
Potencial	Natural		Rio Paraguaçu	Distrito	3	0	3	4	0	0	4	4	18
Potencial	Natural		Rio Preto	Distrito	3	0	2	4	0	0	4	4	17
Efetivo	Natural	Nova Redenção	Balneário Morro da Arara	Distrito	4	2	2	3	0	1	3	4	19
Efetivo	Acontecimentos Programados		Festa do Vaqueiro	Sede	5	4	3	3	3	4	-	1	23
Efetivo	Natural		Gruta da Lapinha	Distrito	2	0	4	4	0	0	4	4	18
Efetivo	Natural		Olho D'água	Distrito	3	0	4	4	0	0	4	4	19
Efetivo	Natural		Praia da Peruca	Distrito	4	1	4	3	0	0	3	4	19
Efetivo	Natural		Poço Azul	Distrito	3	2	4	5	0	1	3	4	22
Efetivo	Natural		Altiplanos Gerais do Vieira	Distrito	2	0	4	5	1	0	4	5	21
Efetivo	Natural		Cachoeira da Conceição dos Gatos	Distrito	3	0	2	4	0	0	4	4	17
Efetivo	Natural		Cachoeira Dois Braços	Distrito	3	0	2	4	0	0	4	4	17
Efetivo	Natural		Cachoeira da Fumaça	Distrito	3	1	5	5	0	3	4	5	26
Efetivo	Natural		Cachoeira da Purificação	Distrito	3	0	5	4	0	0	4	4	20
Efetivo	Natural		Cachoeira do Riachinho	Distrito	3	1	5	3	0	0	4	4	20
Efetivo	Natural		Campos Rupestres	Distrito	3	0	5	4	0	0	5	5	22
Efetivo	Manifestações Culturais		Carnaval de Palmeiras	Sede	5	4	3	3	3	4	-	1	23
Efetivo	Acontecimentos Programados		Coral do Vale	Distrito	3	3	2	3	3	1	-	2	17
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São João	Sede	5	4	4	4	3	4	-	2	26
Efetivo	Manifestações Culturais	Palmeiras	Festa de São Sebastião	Sede	5	4	3	3	3	3	-	1	22
Potencial	Natural		Gruta do Impossível	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Natural	Histórico-cultural	Gruta do Riachinho	Distrito	3	1	4	3	0	0	4	4	19
Potencial	Histórico-cultural		Bens Histórico-Culturais Isolados	Sede	5	4	2	4	4	1	3	5	28
Efetivo	Natural		Morrão	Distrito	2	0	5	5	0	0	5	4	21
Potencial	Natural		Morro Branco	Distrito	2	0	2	4	0	0	4	4	16
Efetivo	Natural		Morro do Camelo	Distrito	2	0	5	5	0	0	5	4	21
Efetivo	Natural		Morro do Castelo	Distrito	3	0	4	4	0	0	5	4	20
Efetivo	Natural		Morro da Mãe Inácia	Distrito	3	0	4	3	0	0	4	4	18
Efetivo	Natural		Morro do Pai Inácio	Distrito	4	2	5	5	0	3	5	4	28
Efetivo	Natural		Poço Angélica	Distrito	2	0	2	4	0	0	4	4	16
Efetivo	Natural		Poço do Gavião	Distrito	3	1	5	5	0	0	4	4	22

Tabela 3.8.5. Atrativos turísticos no Circuito do Diamante - Continuação

Situação Atual	Categoria	Mun.	Atrativos	Localização	Acessibilidade	Infra-estrutura	Escala	Beleza	Caract. Culturais / históricas	Apoio do Poder Público	Cond. Preserv.	Sazonalidade	Total
Efetivo	Manifestações Culturais		Reisado	Sede	5	4	3	3	3	2	-	1	21
Potencial	Natural		Rio Preto	Distrito	3	0	5	4	0	0	4	4	20
Potencial	Natural	Palmeiras	Serra da Estiva	Distrito	2	0	4	4	0	0	4	4	18
Efetivo	Natural		Vale do Capão	Distrito	3	1	1	4	4	0	4	4	21
Efetivo	Histórico-cultural		Vila de Caeté-Acú	Distrito	3	3	5	4	4	2	4	5	30
Efetivo	Natural		Balneário Riachão	Distrito	3	0	3	2	0	0	2	4	14
Potencial	Natural		Cachoeira do Agreste	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Potencial	Histórico-cultural		Cemitérios (Vale Paraíso/Alagadiço)	Distrito	2	0	2	2	1	0	3	4	14
Potencial	Histórico-cultural		Estrada Real	Distrito	3	0	2	3	3	0	3	4	18
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São João	Sede	5	4	3	3	3	4	-	2	24
Efetivo	Manifestações Culturais	Seabra	Festa do Vaqueiro	Sede	5	4	3	3	3	4	-	2	24
Efetivo	Natural		Gruta Buraco do Cão	Distrito	2	1	4	5	0	0	4	4	20
Potencial	Histórico-cultural		Bens Histórico-Culturais Isolados	Sede	5	4	2	2	2	2	4	5	26
Potencial	Histórico-cultural		Pinturas Rupestres	Distrito	3	0	2	4	4	0	4	4	21
Potencial	Histórico-cultural		Povoados Históricos	Distrito	3	1	2	3	2	1	3	4	19
Potencial	Histórico-cultural		Sítio Arqueológico do Alagadico	Distrito	1	0	2	2	3	0	3	4	15
Acont. Progr. - 06					Zero - 96			Zero - 112		Zero - 114			
Histórico-cultural - 24					Um - 05	Um - 27		Um - 02	Um - 07	Um - 14	Um - 01	Um - 15	
Total - 182	Manif. Cult. - 32	-	-	Sede - 44	Dois - 26	Dois - 07	Dois - 42	Dois - 04	Dois - 09	Dois - 16	Dois - 06	Dois - 22	
Efetivo - 147				Distr. - 138	Três - 95	Três - 12	Três - 55	Três - 70	Três - 29	Três - 20	Três - 54	Três - 03	
Potencial - 35	Natural - 120				Quatro - 09	Quatro - 38	Quatro - 43	Quatro - 78	Quatro - 15	Quatro - 14	Quatro - 73	Quatro - 119	
					Cinco - 47	Cinco - 02	Cinco - 42	Cinco - 28	Cinco - 10	Cinco - 04	Cinco - 12	Cinco - 23	

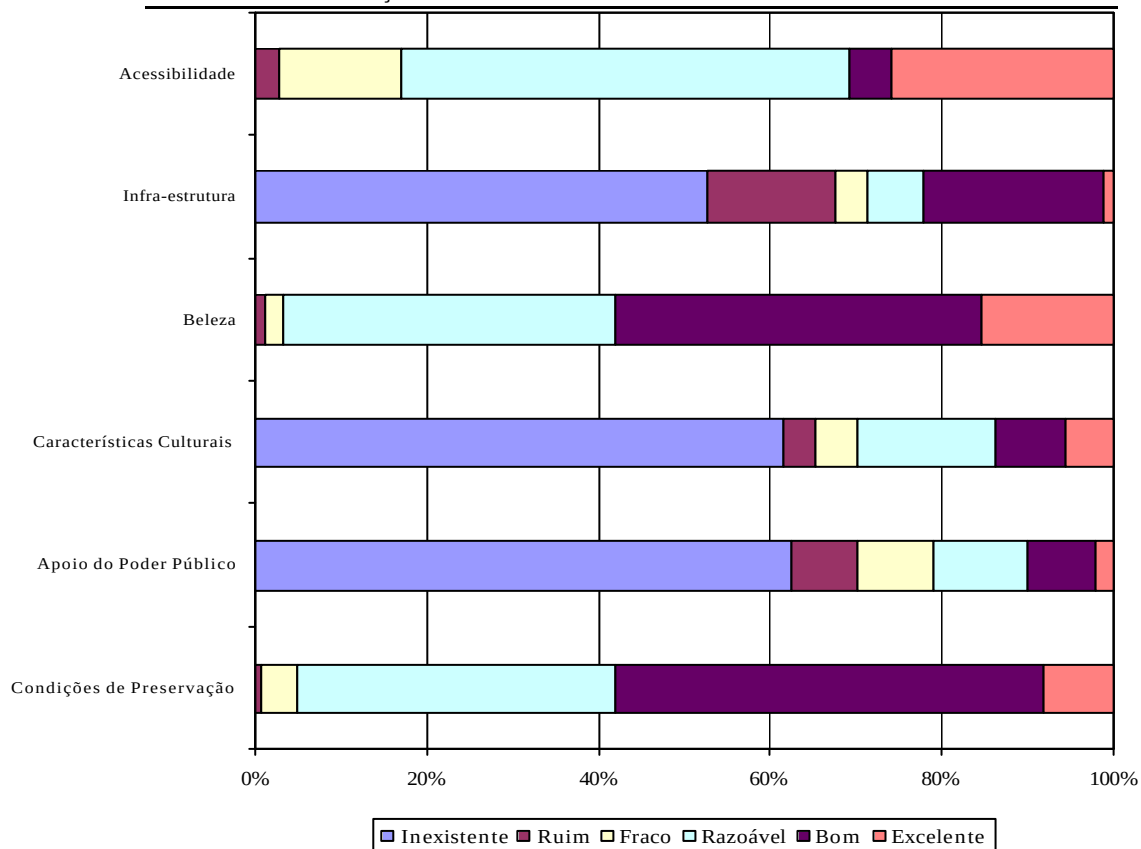
Gráfico 3.8.14. Categoria dos atrativos no Circuito do Diamante



■ Acontecimentos Programados ■ Histórico-cultural ■ Manifestações Culturais ■ Natural

No Circuito do Diamante grande parte dos atrativos estão relacionados ao ambiente natural, tendo sido categorizados como “Natural” em 66% do total de locais avaliados. Apesar de numericamente apenas 13% dos diversos elementos serem apontados como “Histórico-Cultural”, neste circuito em especial estes são bastante diferenciais, sobretudo o Centro Histórico de Lençóis e as ruínas da Vila de Igatu em Andaraí (para maiores detalhes ver Cap. 3.4. Patrimônio Histórico e Cultural).

Gráfico 3.8.15. Avaliação dos atrativos no Circuito do Diamante

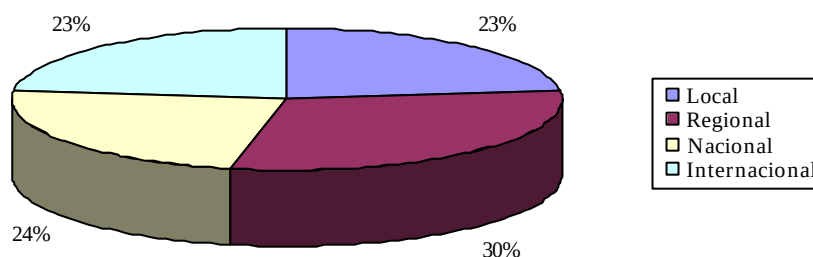


A acessibilidade aos atrativos do Circuito do Diamante, em geral, é considerada razoável, diferentemente do que ocorre nos outros circuitos do Pólo Turístico Chapada Diamantina.

Apesar de contar com uma infra-estrutura receptiva nos atrativos melhor do que a média regional, esta ainda está muito aquém do desejado sendo avaliada em cerca de 50% dos levantamentos como inexistente. Já a ausência de apoio do poder público é sentida da mesma forma, com mais de 60% das indicações.

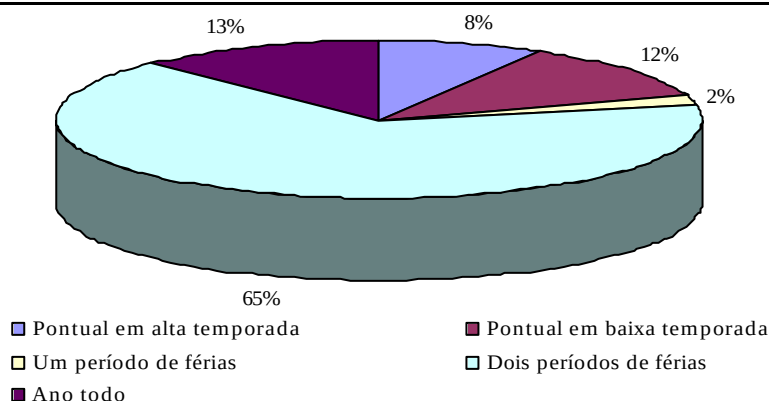
Nos itens de Beleza e Condições de Preservação (tabela 3.8.15.) pode-se identificar claramente o potencial deste circuito que foi avaliado, em geral, como bom (43%) e excelente (15%), ou seja, cerca de 58% dos atrativos avaliados estão bem preservados em, por isso, contém uma beleza ímpar.

Gráfico 3.8.16. Demanda nos atrativos turísticos do Circuito do Diamante



A distribuição da demanda já existente ocorre de forma relativamente equilibrada, com uma percentagem semelhante entre os de origem local (23%), regional (30%), nacional (24%) e internacional (23%).

Gráfico 3.8.17. Sazonalidade nos atrativos do Circuito do Diamante

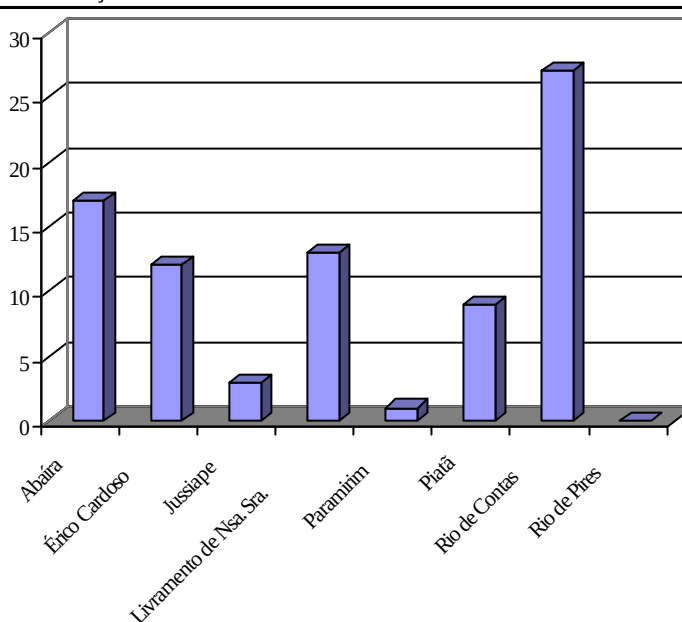


No Circuito do Diamante, assim como em toda a região, grande parte (65%) dos atrativos levantados pode ser visualizada e/ou visitada em pelo menos dois períodos de férias, ou seja, janeiro/fevereiro e julho, ou seja, em geral são possíveis de visita durante o ano todo excetuando-se os acontecimentos programados e os eventos históricos e culturais.

3.8.1.1.3. Circuito do Ouro

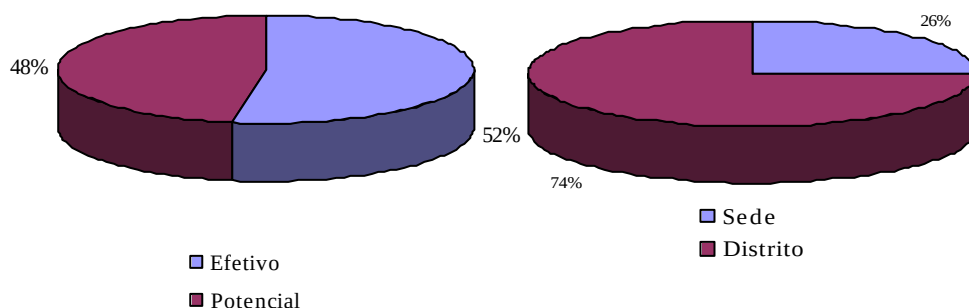
Foram identificados 82 atrativos turísticos no Circuito do Ouro localizados, principalmente, em Rio de Contas que contém aproximadamente 33% do total dos atrativos deste circuito. Este município possui, sozinho, cerca de 7% dos atrativos identificados no Pólo Turístico Chapada Diamantina, com ênfase tanto nos aspectos naturais quanto nos culturais.

Gráfico 3.8.18. Distribuição dos atrativos no Circuito do Ouro



O Circuito do Ouro conta, ainda, com um número semelhante de atrativos efetivos (52%) e potenciais (48%), ou seja, percebe-se que a atividade turística já está ocorrendo mas ainda há espaço e atrativos para maior desenvolvimento.

Gráfico 3.8.19. Atrativos no Circuito do Ouro



Ao mesmo tempo, nota-se que a grande maioria (74%) dos atrativos deste circuito situam-se em áreas rurais, ou fora na zona urbana principal dos municípios.

Tabela 3.8.6. Atrativos turísticos no Circuito do Ouro

Situação Atual	Categoria	Município	Atrativos	Localização	Acessibilidade	Infra-estrutura	Escala	Beleza	Caract. Culturais /históric	Apoio do Poder Público	Cond. Preserv.	Sazonalidade	Total
Potencial	Histórico-cultural	Abaíra	Antigos Garimpos de Ouro e Cristal	Distrito	2	0	2	2	1	0	2	4	13
Efetivo	Natural		Cachoeira e Canyon do Santa Galo	Distrito	2	0	3	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Natural		Cachoeira da Luzia	Distrito	2	0	3	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Natural		Cachoeira da Mixilândia	Distrito	2	0	3	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Natural		Cachoeira da Samambaia	Distrito	2	0	3	3	0	0	3	4	15
Potencial	Histórico-cultural		Estrada Real	Distrito	3	0	3	3	3	0	3	4	19
Potencial	Histórico-cultural		Bens Histórico-Culturais Isolados	Sede	5	3	2	3	3	1	3	5	25
Potencial	Natural		Morro da Boa Vista	Distrito	2	3	3	5	0	2	5	4	24
Potencial	Natural		Morro do Elefante	Distrito	2	3	3	5	0	2	5	4	24
Potencial	Natural		Pico do Barbado	Distrito	2	3	3	5	0	2	5	4	24
Potencial	Histórico-cultural		Pinturas Rupestres	Distrito	2	0	2	2	3	0	3	4	16
Potencial	Natural		Serra da Guarda Mor	Distrito	2	3	3	5	0	2	5	4	24
Potencial	Natural		Serra da Mutuca	Distrito	2	3	3	5	0	2	5	4	24
Potencial	Natural		Serra do Ouro Fino	Distrito	2	3	3	5	0	2	5	4	24
Potencial	Natural		Serra da Tromba	Distrito	2	3	3	5	0	2	5	4	24
Potencial	Natural		Vale da Estiva	Distrito	2	0	2	4	0	0	4	4	16
Potencial	Histórico-cultural		Vila de Catolés	Distrito	2	1	3	4	4	0	3	5	22
Efetivo	Natural	Érico Cardoso	Barragem do Zabumbão	Distrito	4	2	4	4	0	0	4	5	23
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa Nossa Senhora do Carmo	Sede	5	4	3	3	3	3	-	2	23
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São João	Sede	5	4	3	3	3	3	-	2	23
Efetivo	Histórico-cultural		Bens Histórico-Culturais Isolados	Sede	5	4	3	3	3	0	3	5	26
Efetivo	Natural		Morro do Fogo	Distrito	1	1	3	1	0	0	3	4	13
Potencial	Natural		Nascente do Rio Paramirim	Distrito	1	0	2	3	0	0	3	4	13
Potencial	Natural		Pico das Almas	Distrito	1	0	2	5	0	0	5	4	17
Efetivo	Natural		Poço de Água Termal	Distrito	1	1	3	2	0	0	3	4	14
Efetivo	Natural		Poço Maior	Distrito	1	0	2	3	0	0	3	4	13
Potencial	Natural		Poço da Espingarda	Distrito	1	0	2	3	0	0	3	4	13
Efetivo	Natural	Jussiapé	Rio dos Balaies	Distrito	2	0	3	3	0	0	3	4	15
Potencial	Natural		Rio Grande	Distrito	2	0	2	3	0	0	3	4	14
Potencial	Natural		Cachoeira Santa Galo	Distrito	2	0	3	3	0	0	3	4	15
Potencial	Histórico-cultural		Bens Histórico-Culturais Isolados	Sede	5	3	2	3	3	0	3	5	24
Potencial	Histórico-cultural		Sítio Arqueológico da Tapera	Distrito	2	0	2	4	4	0	4	4	20

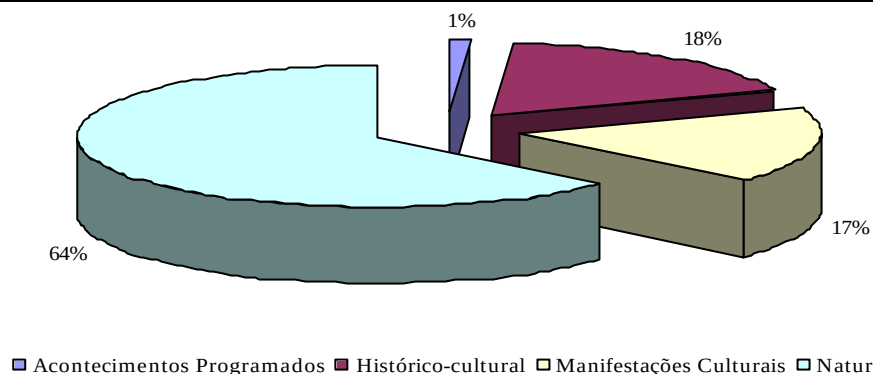
Tabela 3.8.6. Atrativos turísticos no Circuito do Ouro - Continuação

Situação Atual	Categoria	Município	Atrativos	Localização	Acessibilidade	Infra-estrutura	Escala	Beleza	Caract. Culturais /históric	Apoio do Poder Público	Cond. Preserv.	Sazonalidade	Total
Efetivo	Natural	Livramento de Nsa. Sra.	Barragem das Almas	Distrito	2	0	2	3	0	0	3	4	14
Potencial	Natural		Cachoeira do Berra Bode	Distrito	2	0	2	3	0	0	3	4	14
Efetivo	Natural		Cachoeira do Brumado	Distrito	2	0	3	4	0	2	3	4	18
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa do Bom Jesus do Taquari	Distrito	2	2	3	3	3	3	-	2	18
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa da Padroeira	Sede	5	4	3	3	3	3	-	2	23
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa Romaria do São Gonçalo	Cana Brava	2	2	3	3	3	3	-	1	17
Efetivo	Manifestações Culturais		Festas de São João e Santo Antônio	Sede	5	4	3	3	3	3	-	2	23
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa da Vaquejada	Sede	5	4	3	3	2	3	-	2	22
Potencial	Natural		Gruta do Poção	Distrito	1	0	2	4	0	0	4	4	15
Efetivo	Histórico-cultural		Monumentos Histórico-Culturais	Sede	5	3	2	4	4	0	3	5	26
Potencial	Natural	Paramirim	Poço das Almas	Distrito	2	0	2	3	0	0	3	4	14
Efetivo	Natural		Serra da Mangabeira	Distrito	2	0	3	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Natural		Sistema Sete Lagoas	Distrito	2	0	3	3	0	0	3	4	15
Potencial	Histórico-cultural		Bens Histórico-Culturais Isolados	Sede	5	3	3	3	3	0	3	5	25
Potencial	Natural		Cachoeira Cochó	Distrito	3	0	2	4	0	0	3	4	16
Potencial	Natural		Cachoeira do Machado	Distrito	4	0	2	3	0	0	3	4	16
Potencial	Natural		Cachoeira do Patrício	Distrito	2	0	2	3	0	0	4	4	15
Potencial	Natural		Malhada da Pedra	Distrito	4	0	2	4	0	0	4	4	18
Potencial	Histórico-cultural		Bens Histórico-Culturais Isolados	Sede	5	3	2	3	3	0	3	5	24
Potencial	Natural		Morro dos Três Irmãos	Distrito	3	0	2	4	0	0	4	4	17
Efetivo	Natural	Piatã	Piscina da Ponte	Distrito	4	0	2	3	0	0	3	4	16
Potencial	Natural		Serra da Tromba	Distrito	3	0	2	4	0	0	4	4	17
Potencial	Natural		Serra do Santana	Distrito	3	0	2	3	0	0	4	4	16
Potencial	Natural		Cachoeira do Brumadinho	Distrito	2	0	2	3	0	0	4	4	15
Efetivo	Natural		Cachoeira do Fraga	Distrito	4	1	5	3	0	1	3	4	21
Potencial	Natural		Cachoeira do Giló	Distrito	1	0	3	3	0	0	3	4	14
Efetivo	Natural		Cachoeira Lavra Velha	Distrito	3	0	3	3	0	0	4	4	17
Potencial	Natural		Cachoeira Riacho das Pedras	Distrito	2	0	2	4	0	0	4	4	16
Potencial	Natural		Cachoeira da Sentença	Distrito	2	0	2	4	0	0	4	4	16
Efetivo	Manifestações Culturais		Carnaval de Máscaras	Sede	5	4	4	4	3	0	-	1	21
Efetivo	Histórico-cultural	Rio de Contas	Centro Histórico de Rio de Contas	Sede	5	4	5	5	5	4	4	5	37
Efetivo	Histórico-cultural		Estrada Real	Distrito	2	0	5	5	4	0	4	4	24
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de Corpus Christi	Sede	5	4	4	4	4	3	-	2	26

Tabela 3.8.6. Atrativos turísticos no Circuito do Ouro - Continuação

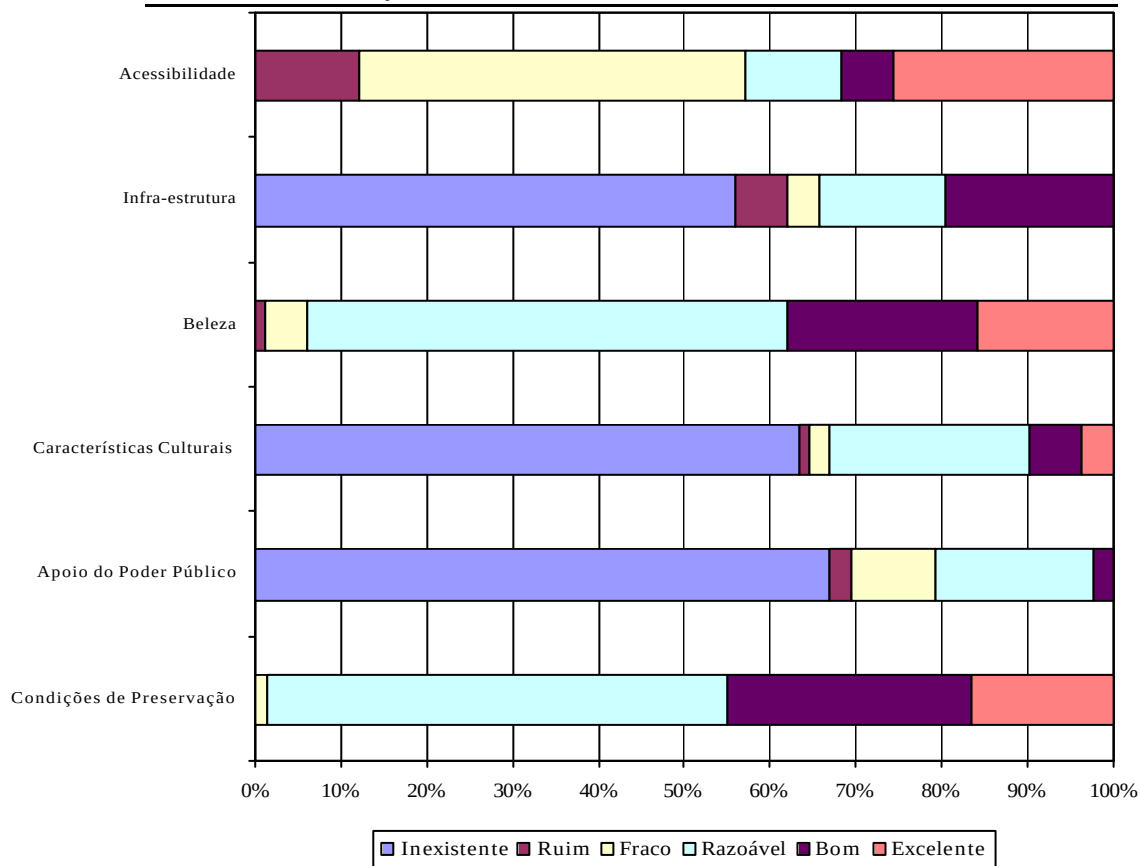
Situação Atual	Categoria	Município	Atrativos	Localização	Acessibilidade	Infra-estrutura	Escala	Beleza	Caract. Culturais / históricas	Apoio do Poder Público	Cond. Preserv.	Sazonalidade	Total
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa do Divino	Sede	5	4	3	3	3	3	-	2	23
Efetivo	Acontecimentos Programados		Festa de Natal	Sede	5	4	3	3	2	3	-	1	21
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de Santana	Sede	5	4	3	3	3	3	-	1	22
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de Santo Antônio	Sede	5	4	3	3	3	3	-	2	23
Efetivo	Manifestações Culturais		Festa de São Bernardo	Sede	5	4	3	3	3	3	-	2	23
Efetivo	Histórico-cultural		Bens Histórico-Culturais Isolados	Sede	5	4	5	5	5	4	4	5	37
Efetivo	Natural		Morro da Capelinha	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Natural		Nega Zofir	Distrito	3	0	2	3	0	0	3	4	15
Efetivo	Natural	Rio de Contas	Pico das Almas	Distrito	2	0	5	5	0	3	5	4	24
Potencial	Natural		Pico do Itubira	Distrito	2	0	4	4	0	0	5	4	19
Potencial	Natural		Pico do Pinhão	Distrito	2	0	3	4	0	0	4	4	17
Efetivo	Natural		Poço das Andorinhas	Distrito	2	0	5	3	0	0	5	4	19
Efetivo	Natural		Ponte do Coronel	Distrito	2	0	5	3	0	0	3	4	17
Efetivo	Histórico-cultural		Povoados Históricos	Distrito	1	1	5	5	5	0	3	5	25
Efetivo	Manifestações Culturais		Reisado	Sede	5	4	2	3	3	3	-	1	21
Efetivo	Natural		Rio da Água Suja	Distrito	1	0	2	2	0	0	4	4	13
Potencial	Natural		Serra da Mesa	Distrito	3	0	2	4	0	0	4	4	17
Acont. Progr. - 01					Zero - 46			Zero - 52		Zero - 55			
Histórico-cultural - 15					Um - 10	Um - 05		Um - 01	Um - 01	Um - 02		Um - 05	
Total - 82	Manif. Cult. - 14	-	-	Sede - 21	Dois - 37	Dois - 03	Dois - 33	Dois - 04	Dois - 02	Dois - 08	Dois - 01	Dois - 10	
Efetivo - 43				Distrito - 61	Três - 09	Três - 12	Três - 37	Três - 46	Três - 19	Três - 15	Três - 36	Três - 0	
Potencial - 39	Natural - 52				Quatro - 05	Quatro - 16	Quatro - 04	Quatro - 18	Quatro - 05	Quatro - 02	Quatro - 19	Quatro - 56	
					Cinco - 21		Cinco - 08	Cinco - 13	Cinco - 03		Cinco - 11	Cinco - 11	

Gráfico 3.8.20. Categoria dos atrativos no Circuito do Ouro



Da mesma forma que nos outros circuitos do Pólo, no Circuito do Ouro cerca de 64% dos atrativos identificados estão categorizados como “Natural”, ou seja, relacionados a cachoeiras, serras, etc. Possui, também, elementos históricos e culturais significativos, apontados em 35% dos atrativos levantados, que são bem exemplificados com o Centro Histórico de Rio de Contas (ver Cap. 3.4. Patrimônio Histórico e Cultural).

Gráfico 3.8.21. Avaliação dos atrativos no Circuito do Ouro

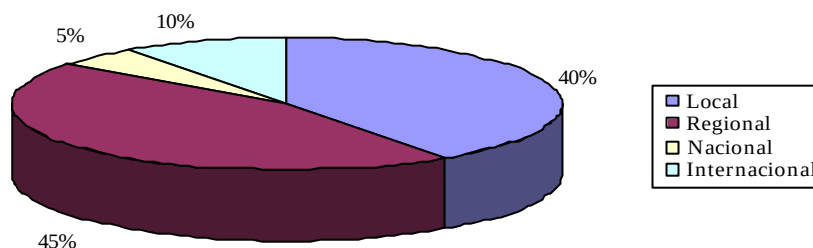


Diferentemente dos outros circuitos a acessibilidade aos atrativos do Circuito do Ouro foi avaliada, em geral, como fraca, com apenas cerca 11% sendo considerados razoáveis. Nota-se que da mesma forma que no Pólo Turístico Chapada Diamantina como um todo, os acessos considerados excelentes sempre ocorrem quando o item identificado está localizado nas áreas urbanas principais.

Assim como nos outros circuitos, os itens de infra-estrutura, poder público e características culturais destacam-se com um alto indicativo de “Inexistente” decorrente, nos dois primeiros devido à falta de incentivos à estruturação da oferta técnica e à ausência de conhecimento sobre as oportunidades provenientes da atividade turística.

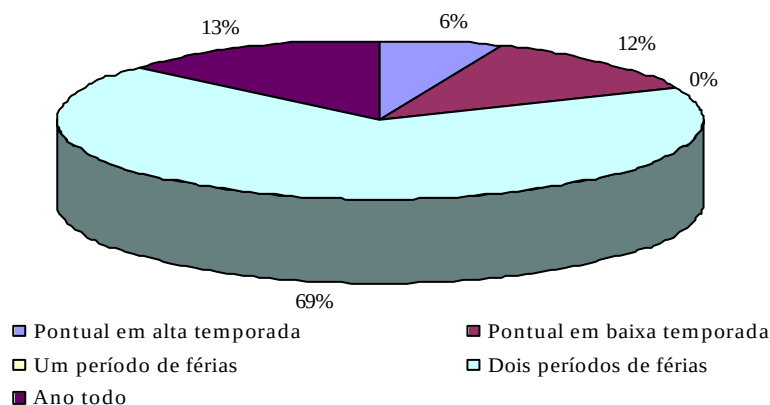
Os itens de Beleza e Condições de Preservação (tabela 3.8.21.) – como bem demonstrado no Centro Histórico de Rio de Contas, apresentam-se de forma razoável e boa, indicando o bom nível de preservação e singularidades dos atrativos deste circuito.

Gráfico 3.8.22. Demanda nos atrativos turísticos do Circuito do Ouro



Como pode ser demonstrado na tabela acima, identifica-se que parte significativa da demanda para os atrativos situados no Circuito do Ouro é local (40%) ou regional (45%), com cerca de 5% de demanda nacional e 10% de internacional.

Gráfico 3.8.23. Sazonalidade nos atrativos do Circuito do Ouro



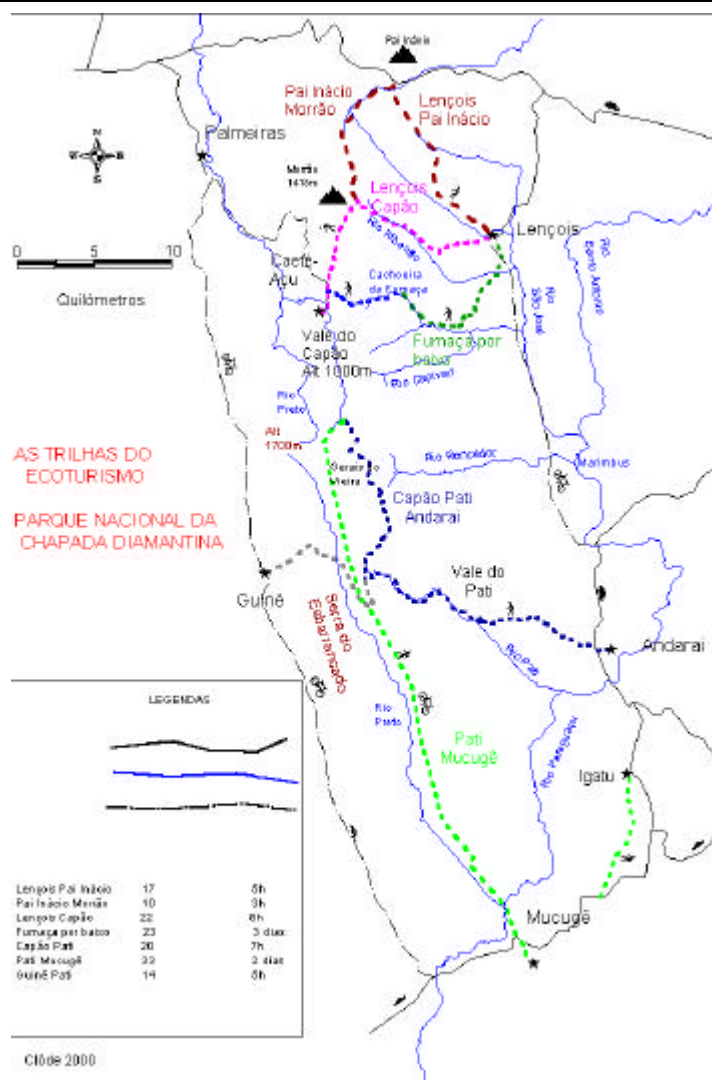
Nota-se, por fim, que 69% dos atrativos levantados são visualizados e/ou visitados em pelo menos dois períodos de férias; enquanto 13% estão disponíveis durante todo o ano e 12% sendo pontuais e ocorrendo em baixa temporada.

3.8.1.2. As Trilhas da Chapada Diamantina

O Pólo Turístico Chapada Diamantina se destaca desde seu surgimento enquanto destino turístico devido à diversidade de trilhas para a prática de caminhadas existentes

na região. Estas, em geral, passam ou terminam nos atrativos identificados nos itens 3.8.1. supracitados, mas acabam sendo, por si só, um diferencial a mais na atração de visitantes. Desta forma entendeu-se como adequado inserir um inventário das trilhas existentes na área objeto de estudo, destacando-se que este está baseado no livro de Sapucaia⁴² atualizado em 2000 que é focado especificamente no Circuito do Diamante.

Cartograma 3.8.3. Algumas trilhas na Chapada Diamantina



Fonte: www.gd.com.br/candomba/astrilhasdoecotur.gif, 2002

42 Op cit. 2000.

Tabela 3.8.7. Trilhas na Chapada Diamantina

Nome	Percurso	Duração	Rigor
Morro do Pai Inácio - Cachoeira do Pai Inácio	5 km (ida e volta)	2 horas	Leve
Morro do Pai Inácio - Lençóis	15 Km	4 horas	Médio
Pai Inácio - Morrão	10 Km	2,5 horas	Médio
Lençóis - Serrano - Salão de Areias - Cachoerinha - Cachoeira Primavera	6 Km	2,5 horas	Leve
Lençóis - Cachoeira do Sossego	7 Km	2,5 horas	Difícil
Lençóis - Gruta do Lapão	11 Km	4 horas	Médio
Lençóis - Praias do Zaidã	4,6 Km (ida e volta)	1,25 horas	Médio
Lençóis - Andaraí	32 Km	8 horas	Difícil
Lençóis - Caeté-Açú	25 Km	8 horas	Médio
Lençóis - Ribeirão do Meio	4 Km	1 hora	Leve
Lençóis - Cachoeira da Fumaça (por baixo)	20 Km	3 dias	Muito Difícil
Andaraí - Paty - Cachoeirão	32 Km (ida e volta)	3 dias	Difícil
Cachoeira da Fumaça (por baixo) - Topo da Cachoeira da Fumaça	4 Km	2 horas	Muito Difícil
Vila de Igatu - Mucugê	21 Km	5 horas	Médio
Mucugê - Foz do Rio Preto com Rio Paraguaçu	8 Km (ida e volta)	2 horas	Leve
Mucugê - Mar de Espanha - Cachoeira da Sibéria	22 Km (ida e volta)	5 horas	Médio
Mucugê - Paty de Cima (via Gerais do Rio Preto)	26 Km	10 horas	Difícil
Vila de Caeté-Açu - Vale do Capão - Bomba (final do Vale)	13,2 Km (ida e volta)	3 horas	Leve
Vale do Capão - Paty/Ruinha/Prefeitura	21,5 Km	9 horas	Difícil
Vale do Capão - Cachoeira da Fumaça (por cima)	12 Km	3 horas	Médio
Guiné - Paty - Andaraí	32 Km	2 dias	Difícil
Trilha Histórica - 1a. Etapa de Mucugê a Igatu	13,3 Km	4 horas	Médio
Trilha Histórica - 2a. Etapa de Igatu a Passagem de Andaraí	8 Km	2 horas	Médio

Fonte: Sapucaia, 2000

3.8.2. Competitividade

Os três circuitos que formam o Pólo Turístico Chapada Diamantina apesar de relativamente próximos geograficamente e semelhantes no que se refere à potencialidade do ecoturismo, apresentam diversas diferenças em termos mercadológicos. Neste sentido, o Circuito do Diamante, alicerçado principalmente pelos municípios de Andaraí, Lençóis, Mucugê e Palmeiras, é um produto já

consolidado em nível nacional; o Circuito do Ouro, baseado sobretudo em Rio de Contas, está vivenciando o processo de crescimento e de estruturação para a recepção de turistas, enquanto o Circuito Chapada Norte ainda está na fase inicial deste processo, com um grande número de atrativos identificados como potenciais para desenvolvimento de atividades ecoturísticas.

Assim, como já citado no item 3.8.1., o Pólo como um todo se destaca pela sua variedade de recursos naturais, caracterizados pela diversidade de aspectos em que se combinam cachoeiras, lagoas, rios, formações rochosas, etc., e áreas de preservação – com um Parque Nacional e três Áreas de Proteção Ambiental estaduais. Ao mesmo tempo, e complementando tais diferenciais, a existência do casario colonial que relembra a fase áurea dos Ciclos de Mineração na região, as diversas manifestações culturais ainda bastante preservadas e até *modus vivendi* ainda bem característico do interior brasileiro.

Tal posicionamento estratégico como produto turístico encontra bons argumentos em pesquisas internacionais sobre as tendências para o turismo no século XXI. Dentre estas, destaca-se a realizada pela AIT⁴³ no final da década de 1990, que numa pesquisa junto a especialistas de todo o mundo sobre as principais tendências em termos de produtos turísticos, indicou o turismo ecológico / sustentável (61%), o ecoturismo (55%) e o turismo de aventura (50%)⁴⁴ como produtos de crescimento global.

Portanto, pode-se avaliar que a Chapada Diamantina encontra-se numa disposição privilegiada dentro dos produtos ecoturísticos nacionais mais procurados, podendo agregar nichos de mercado diferenciados numa única viagem. Entretanto, todos esses recursos e atrativos turísticos devem vir apoiados por equipamentos de infra-estrutura receptiva, assim como de serviços básicos de atendimento aos turistas e à população, para que o atendimento das necessidades e interesses dos turistas seja realizado de forma adequada e de superação das expectativas da demanda.

3.8.2.1. Relação Qualidade / Preço

Tão importante quanto a estruturação e aperfeiçoamento do produto, é a sua relação entre a qualidade do produto e o preço praticado pelas operadoras turísticas, agências

de viagem e companhias aéreas que atuam para um determinado destino, bem como o custo que terá o visitante com os serviços adquiridos no local.

A variável preço, nesse caso, engloba muito mais do que o simples “pacote turístico” comprado no centro emissor, mas também o preço cobrado de passeios, *souvenirs* e até aquele praticado nos supermercados. Nesse sentido, não é apenas o visitante que deseja pagar um preço justo pelo que está adquirindo, mas também

43 OBERMAIR, Karl. *AIT Delphi Study: Future Trends in Tourism*. Vienna: 1998.

44 Na pesquisa supracitada não há referências conceituais sobre o que se entende como turismo ecológico / sustentável, ecoturismo e turismo de aventura.

a população local, que vê seu custo de vida aumentar intensamente nos períodos de alta estação.

Neste sentido, a área objeto de estudo se destaca com uma avaliação, *a priori*, positiva quando se analisa sua relação de qualidade e preço, pois segundo as pesquisas realizadas pela Bahiatursa em Lençóis, no ano de 2000 e 2001, os preços não foram citados como fator que mais desagradou os turistas nacionais e internacionais que visitaram a cidade, não parecendo, portanto, inibidores da atratividade exercida pela Chapada Diamantina.

Ao mesmo tempo, a análise do valor dos “pacotes turísticos” nacionais para a área objeto de estudo e para seus destinos competidores é importante também, pois, a partir dela é possível identificar os fatores que explicam a formação da demanda atual à região e traçar estratégias para captar determinados tipos de turistas. Tal fato pode ser apontado na tabela que segue:

Tabela 3.8.8. Pacotes turísticos para a Chapada Diamantina

Nome do Pacote	Duração da Viagem	O Que Inclui	Preço (R\$)*
O Barato da Chapada Diamantina	7 noites	Passagem aérea, traslados e hospedagem com café da manhã	R\$ 1.120,00
Circuito de Trekking na Chapada Diamantina	7 noites	Passagem aérea, traslados, hospedagem com café da manhã, meia pensão e guias	R\$ 1.390,00
Chapada Diamantina - Volta ao Parque	7 noites	Passagem aérea, traslados, hospedagem com café da manhã, lanches de trilha, sete refeições, passeios e guias	R\$ 1.570,00
Chapada Diamantina para Maiores	7 noites	Passagem aérea, traslados, hospedagem com café da manhã, dois lanches de trilha, oito refeições, passeios e guias especializados	R\$ 1.590,00
Trekking no Vale do Paty na Chapada Diamantina	7 noites	Passagem aérea, traslados, hospedagem com café da manhã, pensão completa, passeios e guias	R\$ 1.590,00

*preços por pessoa, para “pacotes turísticos” em apartamento duplo a partir de São Paulo.

Fonte: Agências de Viagem, Julho de 2002

Assim, pode-se identificar que os “pacotes turísticos” para a área objeto de estudo são de oito dias e sete pernoites – geralmente de domingo a domingo, oferecendo desde o básico, como transporte, hospedagem e traslados, até mais sofisticados com roteiros específicos para idosos com guias especializados. Portanto, percebe-se que já um certo amadurecimento na oferta de produtos ecoturísticos para segmentos de mercado bem definidos. No entanto, nota-se que estes estão ainda restritos a alguns atrativos já efetivos e “tradicionais” na região, relegando para segundo plano diversos atrativos diferenciais que para serem explorados de forma adequada necessitam de estrutura receptiva.

Em relação à oferta concorrente, confrontando-se a relação qualidade/preço do produto turístico Chapada Diamantina com a de outros destinos, percebe-se que se colocadas condicionantes semelhantes de transporte, número de dias e hospedagem, o destino Chapada Diamantina apresenta diversas vantagens em relação aos outros destinos.

Tabela 3.8.9. Descrição de produtos turísticos concorrentes

Destino	Duração da Viagem	O Que Inclui	Preço (R\$)*
Bonito	6 noites	Passagem aérea, traslados, hospedagem com café da manhã, oito refeições, passeios e guias	R\$ 1.275,00
Serra da Capivara	4 noites	Passagem aérea, traslados, hospedagem com café da manhã, pensão completa, passeios e guias	R\$ 2.005,00
Chapada dos Veadeiros	7 noites	Passagem aérea, traslados, hospedagem com café da manhã, lanches de trilha, sete refeições, passeios e guias	R\$ 1.560,00
Chapada dos Veadeiros - Travessia	7 noites	Passagem aérea, traslados, hospedagem com café da manhã, lanches de trilha, dez refeições, passeios e guias	R\$ 1.790,00
Aparados da Serra	5 noites	Passagem aérea, traslados, hospedagem com café da manhã, cinco refeições, passeios e guias	R\$ 1.520,00
Belém e Ilha do Marajó	6 noites	Passagem aérea, traslados, hospedagem com café da manhã, passeios e guias	R\$ 2.020,00
Lençóis Maranhenses	6 noites	Passagem aérea, traslados, hospedagem com café da manhã, passeios e guias	R\$ 2.040,00
Pantanal e Chapada dos Guimarães	6 noites	Passagem aérea, traslados, hospedagem com café da manhã, pensão completa, passeios e guias	R\$ 2.320,00

*preços por pessoa, para “pacotes turísticos” em apartamento duplo a partir de São Paulo.

Fonte: Agências de Viagem, Julho de 2002

Assim, como pode ser visualizado, em relação aos preços de venda ao consumidor a Chapada Diamantina apresenta uma oferta competitiva, com uma relação de qualidade / preço adequada quando comparada a concorrência nacional. Percebe-se como concorrente direto a Chapada dos Veadeiros, em Goiás, com atrativos e pacotes turísticos apresentados de forma semelhante à área objeto deste estudo – no entanto com preços mais elevados e com um potencial de atração reduzido levando-se em consideração a extensão de área que nos Veadeiros é bem menor.

Conclui-se, então, que o Pólo Turístico Chapada Diamantina apresenta uma oferta mais completa e diferenciada de produtos frente aos destinos concorrentes. Deve, por causa do aumento da mesma, aprofundar o processo de diversificação de nichos, procurando ampliar a gama de atrativos explorados – já que possui uma gama de recursos turísticos não desenvolvidos completamente.

3.8.2.2. Complementaridade

Com os atrativos e potencialidades supracitados, pode-se avaliar que o Pólo Turístico Chapada Diamantina possui um alto nível de atratividade devido ao conjunto formado pelos seus atrativos naturais e suas características histórico-culturais.

É importante notar-se que o ecoturismo, como uma atividade econômica e de certa forma semelhante a qualquer atividade desenvolvida pelo homem, causa também efeitos, que podem ser positivos ou negativos. Salienta-se, portanto, que a capacidade de gerar impactos não é exclusiva da atividade turística, ao

contrário, está relacionada à quase todas as atividades econômicas humanas e é identificada, no turismo, como econômica, sócio-cultural e ambiental.

Assim, com a implantação das ações propostas neste Plano, pretende-se minimizar o potencial de impactos negativos e otimizar os positivos. Uma das muitas formas para se atingir tal intuito é espacializar a demanda, ou seja, oferecer atrativos diferentes a nichos de mercado diferenciados. Por exemplo, no Circuito do Diamante focar-se nas trilhas do Parque Nacional; no Chapada Norte, segmentar sobre os sítios arqueológicos e nas paisagens, etc. Neste sentido, explica-se a complementaridade das atrações e dos produtos turísticos intra e entre os municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina.

Nesta complementaridade justifica-se a necessidade de entender o conjunto destes municípios como um Pólo, ao invés de se investir em um desenvolvimento seqüencial dos municípios à medida que a demanda por turismo vá crescendo, pois o objetivo maior deste Plano de Desenvolvimento é o de desenvolver o turismo sustentável, adequando a atividade turística às necessidades das comunidades e às do meio ambiente, tendo também como foco a satisfação do visitante e o incremento da sua experiência.

3.9. Qualidade e Oferta de Alojamento e Outros Equipamentos Turísticos

Apresenta-se neste capítulo uma avaliação dos meios de hospedagem de cada município do pólo, bem como de outras estruturas, como restaurantes, agências de viagens, locação de veículos, animação e entretenimento e artesanato, divididas respectivamente nas seis partes que compõem este capítulo.

A pesquisa foi realizada através de contatos nos municípios da Área de Planejamento ocorridos no período de 14 a 22 de julho de 2002, aplicação de questionários e consulta a dados oficiais e fontes secundárias, como *sites* das cidades, de organizações sem fins lucrativos e de agências de viagens.

3.9.1. Alojamento Hoteleiro e Extra-Hoteleiro

3.9.1.1. O Pólo Turístico Chapada Diamantina

Não foi identificado nenhum empreendimento de hospedagem na Chapada Diamantina com vinculação a cadeias nacionais e internacionais, o que significa que a tendência é não haver transferência de *know-how* hoteleiro.

Conforme Léda⁴⁵ (p. 109), “no conjunto dos serviços de apoio ao turismo prevalecem ainda estabelecimentos comerciais de pequeno porte, micro-empresas domésticas que operam num ritmo ainda imerso nos hábitos tradicionais da população local: alguns bares, lanchonetes, lojas de artesanato e similares fecham as portas ao meio-dia e só reabrem ‘depois que o sol esfria’”.

A taxa de ocupação dos meios de hospedagem da Área de Planejamento é elevada apenas nos períodos de alta temporada, que corresponde aos meses de férias escolares (julho, janeiro e fevereiro), além de feriados prolongados.

45 LÉDA, Renato Leone Miranda. 1995. *A sedução da paisagem: a Chapada Diamantina e o turismo ecológico*. Dissertação de mestrado em geografia humana apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: FFLCH - USP.

Em geral, parece que a permanência dos turistas é em parte função do que o meio de hospedagem tem a oferecer; quanto mais simples, menor sua permanência. De acordo com os empreendedores entrevistados, os turistas pernoitam, em média, 3 dias.

As tarifas praticadas pelos meios de hospedagem na Chapada Diamantina são as mais diversas. Alguns meios de hospedagem possuem tarifa por pessoa e outros por tipo de unidade habitacional (UH).

Parece haver consciência dos proprietários em relação ao nível de obsolescência de suas instalações. Mostram-se preocupados com suas instalações muito simples, considerando-as até “ruins” para o usufruto dos turistas. Em geral, enfatizam a necessidade de acabamento e ampliação das instalações (maior número de UH e construção de banheiros privativos por quarto), além de compra de televisão e instalação de ar condicionado, preocupados com a concorrência. Poucos consideram suas instalações em estado satisfatório.

Léda⁴⁶ identificou em sua dissertação que “entre as regiões turísticas do Estado, a Chapada é a que apresentava, em 1990, o menor número de leitos, aproximadamente 1200, 75% dos quais concentrados em Lençóis. Contudo, a região apresentou, entre 1980 e 1990, a mais elevada taxa de crescimento da oferta de leitos, 19,6% a. a. contra 4,2% a. a. em Salvador”. Atualmente, o pólo conta com 5597 leitos, distribuídos em 2029 unidades habitacionais, conforme mostra a tabela apresentada a seguir. Os próximos itens explorarão com maior detalhe os estabelecimentos hoteleiros e extra-hoteleiros de cada circuito.

Tabela 3.9.1. Número de UH e leitos de meios de hospedagem - Chapada Diamantina

Município/Meios de Hospedagem	Nº UH	Nº leitos
Bonito	4	14
Caém	9	31
Campo Formoso	51	130
Jacobina	54	140
Morro do Chapéu	54	170
Miguel Calmon	24	64
Ourolândia	12	25
Piritiba	12	36
Saúde	14	39
Utinga	36	97
Wagner	8	15
Circuito Chapada Norte	278	761
Andaraí	178	528
Ibicoara	22	88
Iraquara	50	135
Itaete	60	139

46 Op cit 1995.

Município/Meios de Hospedagem	Nº UH	Nº leitos
Lençóis	680	1874
Mucugê	80	242
Nova Redenção	7	18
Palmeiras	112	341
Seabra	317	854
Circuito do Diamante	1494	4183
Abaíra	38	69
Jussiapé	42	135
Livramento de Nossa Senhora	23	39
Piatã	33	103
Rio de Contas	121	307
Circuito do Ouro	257	653
TOTAL CHAPADA DIAMANTINA	2029	5597

3.9.1.1.1. Circuito Chapada Norte

Foram identificados 50 meios de hospedagem na Chapada Norte, que estão nominados por município nas tabelas 3.9.1, 3.9.2 e 3.9.3. a seguir.

A tabela 3.9.2. apresenta 24 meios de hospedagem que se pôde identificar o número de unidades habitacionais e o número de leitos de cada um.

Tabela 3.9.2. Número de UH e leitos de meios de hospedagem - Chapada Norte			
Fonte	Município/Meios de Hospedagem	Nº UH	Nº leitos
	<u>Bonito</u>	4	14
3	Pousada Estrela	4	14
	<u>Caém</u>	9	31
3	Pensão da Francisca	4	13
3	Pousada Matos	5	18
	<u>Campo Formoso</u>	51	130
3	Hotel Rio das Pedras	17	60
3	Hotel Campo Formoso	34	70
3	JBS Palace Hotel	-	-
	<u>Jacobina</u>	54	140
3, 5	Pousada Hotel Jovem Jota	22	60
3, 5	Hotel Serra do Ouro	32	80
	<u>Morro do Chapéu</u>	54	170
3	Pousada Vip	4	10
3	Pousada Ecológica Das Bromélias	20	60
3	Diamantina Palace Hotel	30	100
	<u>Miguel Calmon</u>	24	64
3	Hotel Odete	5	14
3	Pousada Village	9	27
3	Pousada Palmeiras	10	23
	<u>Ourolândia</u>	12	25

Fonte	Município/Meios de Hospedagem	Nº UH	Nº leitos
3	Pousada Rio Veredas	12	25
	Piritiba	12	36
3	Hotel Pirituba	12	36
	Saúde	14	39
3	Hotel Brasil	11	32
3	Pousada Sol Dourado	1	2
3	Pousada Da Dona Laura	2	5
	Utinga	36	97
3	Hotel Solar	7	21
3	Hotel Farias	8	24
3	Bar e Hotel Flor Da Utinga	8	24
3	Pousada Japiim	13	28
	Wagner	8	15
3	Hotel MR	8	15
	TOTAL	278	761

Fonte: (1) Sudetur, 2002, (2) Bahiatursa, (3) Pesquisa Própria, (4) www.jacobina.cjb.net, jul/2002 e (5) www.portaldachapada.com

A somatória do número de UH dos 24 meios de hospedagem da Chapada Norte é de 278, o que significa uma média de 11,6 aposentos por empreendimento. Assim sendo, a Chapada Norte está caracterizada por meios de hospedagem de porte bastante reduzido, com uma média de leitos de 2,7 por UH.

A tabela 3.9.3 apresenta 16 empreendimentos que foram caracterizados como amostra.

Tabela 3.9.3. Instalações, equipamentos e serviços - Chapada Norte

Fonte	Municípios / Meios de Hospedagem	Áreas Sociais						Lazer					UH					
		C. Conv.	Sl. Reunião	Restaurante	Bar	Loja	Estac.	Música Amb.	Piscina	Qd. Esport	Sauna	Playground	Sl. Jogos	Ar Cond.	Ventilador	Televisor	Frigobar	Telefone
3	CAÉM Pousada Matos														X			
3	Campo Formoso Hotel Campo Formoso				X	X	X								X	X	X	
3	JBS Palace Hotel								X				X			X	X	
5	JACOBINA Pousada BR Turismo	X				X	X						X			X		X
3, 5	Hotel Vale das Serras												X			X	X	X
3, 5	Hotel e Rest. do Coelho													X		X	X	X
3, 5	Pousada Santa Rita												X			X	X	X
3, 5	Pousada Hotel Jovem Jota						X						X				X	X
3, 5	Hotel Portal de Jacobina						X						X			X		X
3, 5	Hotel Serra do Ouro	60		X			X		X			X	X	X			X	X

Fonte	Municípios / Meios de Hospedagem	Áreas Sociais						Lazer					UH				
		C. Conv.	Sl. Reunião	Restaurante	Bar	Loja	Estac.	Música Amb.	Piscina	Qd. Esport	Sauna	Playground	Sl. Jogos	Ar Cond.	Ventilador	Televisor	Frigobar
3, 5	Palace Hotel												X		X	X	X
3, 5	Hotel Esmeralda												X		X	X	
3	MIGUEL CALMON Pousada Village												1	8	4	1	
2, 3	MORRO DO CHAPÉU Pousada Ecol. das Bromélias				X				X				X		X	X	X
3	Diamantina Palace Hotel	80											4	26			
3	UTINGA Pousada Japiim															X	

Fonte: (1) Sudetur, 2002, (2) Bahiatursa, (3) Pesquisa Própria, (4) www.jacobina.cjb.net, jul/2002, (5) www.portaldachapada.com

São apenas três empreendimentos com piscina, e dois com salas de reuniões. Em Jacobina, a maioria deles possui ar condicionado, televisor, frigobar e telefone. Os outros municípios apresentam estabelecimentos mais simples, apresentando poucos quartos com ar condicionado ou frigobar.

Os meios de hospedagem da tabela 3.9.4 foram identificados, apesar de não caracterizados por esta pesquisa.

Tabela 3.9.4. Outros meios de hospedagem - Chapada Norte

Bonito

Pousada Seu Joaquim
Pousada Bonito
Pousada Agropal
Pousada Estrela (Pensão)

Campo Formoso

Hotel Central

Jacobina

Hotel Piemonte da Chapada
Pousada da Chapada
Pousada Beira Rio

Miguel Calmon

Hotel Central

Morro do Chapéu

Hotel Portal da Cidade
Itamarati Hotel
Hotel Oliveira
Pousada Pó-Só
Agreste Hotel

Ourolândia

Ouro Pousada

Pensão Popular
Pensão De Dona Matilde

Pirituba

Hotel Brasil

Utinga

Pousada Flor Da Chapada

Pousada J.Lima

Hotel Bahia

Wagner

Britos Pousada

Pousada Paissandu

Fonte: Pesquisas Próprias, 2002

3.9.1.1.2. Circuito do Diamante

Léda⁴⁷, faz uma afirmação que dá idéia da medida do crescimento dos meios de hospedagem em Lençóis: “devemos considerar que a infra-estrutura turística da região é irrisória, considerando a perspectiva da consolidação de uma economia turística, havendo a escassez de equipamentos de nível satisfatório. O principal pólo turístico, Lençóis, tinha até 1993, apenas 12 estabelecimentos de hospedagem de razoável conforto, sendo apenas 2 classificados pela Embratur, totalizando 500 leitos. Se forem computados os leitos disponíveis em pensões e hospedarias de diferentes padrões, o número total vai para 1.050 leitos, aproximadamente 70% dos 1550 leitos disponíveis na região”.

Foram identificados 111 meios de hospedagem na Chapada do Diamante, que estão nominados por município nas tabelas 3.9.5, 3.9.6 e 3.9.7.

A tabela 3.9.5. apresenta 95 meios de hospedagem que se pôde identificar o número de unidades habitacionais e o número de leitos de cada um.

Tabela 3.9.5. Número de UH e leitos de meios de hospedagem – Circuito do Diamante

Fonte	Municípios/ Meios de Hospedagem	Nº UH	Nº leitos
	<u>Andaraí</u>	178	528
1, 3	Paraguaçu Praia Hotel	32	115
1, 3	Pousada Ecológica de Andaraí	32	96
1, 3	Pousada Pedras de Igatu	15	30
1	Pousada Pedras de Igatu II	15	30
2, 3	Pousada Eden	10	32
2	Pousada Ibirapitanga	28	80
2	Hotel Santa Isabel	7	25
2, 3	Hotel Bastos	8	14
2	Hotel Santo Antonio	8	26
3	Pousada Sincorá	5	20
2	Pousada Diamantina	13	45

⁴⁷ Op cit, 1995

Fonte	Municípios/ Meios de Hospedagem	Nº UH	Nº leitos
2	Pousada Oliveira	5	15
	Ibicoara	10	52
3	Pousada Ibicoarense	10	30
	Hotel Chapada		22
3	Pousada Nossa Senhora Aparecida	12	36
	Iraquara	50	135
3	Pousada das Grutas	28	75
3	Hotel Poço Encantado	22	60
	Itaete	60	139
3	Hotel Pousada São Roque	12	24
1, 2, 3	Pousada Poço Encantado	15	49
4	Hotel Fumaça	5	8
4	Hotel Nazaré	6	11
4	Pousada My House	9	19
4	Proteção de Deus Hotel	7	14
4	Hotel de Dona Maria	6	14
	Lençóis	680	1874
1, 2, 3	Hotel Tradição	54	140
2	Pousada Águas Claras	7	22
1, 2, 3	Nossa Casa Pousada	9	22
2, 3	Pousada Diângela	11	25
1	Pousada Lumiar	5	20
1, 3	Hotel da Fazenda	23	85
1, 3	Hotel Canto das Águas	44	200
1, 3	Hotel de Lençóis	48	160
1, 3	Hotel Portal de Lençóis	84	200
1, 3	Pousada Bons Lençóis	8	26
1, 3	Estalagem Alcino	9	25
1	Estalagem II	8	20
1, 3	Casa De Hélio d Trajano	16	36
1, 3	Pousada Verde Perto	5	17
1	Village Lapão Hotel	10	32
1	Pousada Roncador	5	13
1	Parque de Lençóis - 1ª Etapa	150	300
1	Cirtur Pousada	8	16
1	Pousada Lavramor	8	22
1, 3	Pousada Raio de Sol	9	25
1, 3	Hotel São José III	18	44
1	Shalon Hotel Fazenda	25	60
1, 3	Pousada Buena Sorte	14	45
1	Pousada Violeiro	13	36
1, 3	Pousada Por Do Sol	6	18
1, 2, 3	Hotel Colonial	16	68
2	Hotel Flôr da Terra	18	54
2	Camping e Alquimia	7	14

Fonte	Municípios/ Meios de Hospedagem	Nº UH	Nº leitos
2	Pousada Diamante Bruto	6	20
2	Pousada O Casarão	5	10
2	Pousada Diamantina	12	48
2	Pousada dos Duendes	5	13
2	Pousoalegre	6	21
2	Pouso dos Anjos	6	13
2	Casa da Geléia	2	4
<u>Mucugê</u>		80	242
1	Pousada de Mucugê	30	92
1, 2, 3	Hotel Alpina	32	96
3	Pousada Monte Azul	8	26
2, 3	Pousada Santo Antônio	10	28
<u>Nova Redenção</u>		7	18
3	“Pousada do Cleydison”	6	12
3	Pensão de Dona Nem	1	6
<u>Palmeiras</u>		112	341
1	Pousada Pai Inácio	14	42
1, 3	Pousada da Palmeira	5	17
2	Hotel Globo	5	17
2	P.Cachoeira Da Fumaça	9	36
2	Pousada Da Nina	3	17
<u>Vale Do Capão</u>			
1, 3	Pousada Candombá	9	30
1, 3	Pousada Verde	10	22
1	Pousada Sempre Viva	9	27
1, 3	P. Lendas do Capão - Arraial	16	44
2	Pousada Tatu Feliz	6	17
2	Pousada Vale do Capão	14	30
3	Pousada Lagoa das Cores	12	42
<u>Seabra</u>		317	854
1	Hotel Brasília	15	69
1	Pousada Carne Assada	17	44
1	Hotel Diamantina	15	36
1	Hotel Palace	18	54
2, 3	Pousada Campestre	27	108
2	Hotel Chapada	16	48
2	Grande Hotel	18	36
2, 3	Hotel São José	31	70
2	Hotel São José II	10	24
3	Hotel Prado II	23	60
2, 3	Hotel Prado	45	120
2	Hotel Vieira	8	18
2	Pousada Amadeus	23	53
2	Hotel Lima	7	16
2	Hotel e Restaurante.Alvorada	15	35

Fonte	Municípios/ Meios de Hospedagem	Nº UH	Nº leitos
2	Pousada Seabra	10	25
2	Hotel Popular	5	10
2	Hotel Santos Dumont	14	28
TOTAL		1.494	4.183

Fonte: (1) Sudetur, 2002, (2) Bahiatursa, (3) Pesquisa Própria,
4) www.jacobina.cjb.net, jul/2002, (5) www.portaldachapada.com

A somatória do número de UH dos 94 meios de hospedagem do Circuito do Diamante é de 1.494, o que significa uma média de 15,9 aposentos por empreendimento. Desta forma, o Circuito do Diamante está caracterizada por meios de hospedagem de porte reduzido, com 44, 5 leitos por empreendimento, em média.

A tabela 3.9.6 apresenta 56 empreendimentos que foram caracterizados como amostra.

Tabela 3.9.6. Instalações, equipamentos e serviços – Circuito do Diamante

Fonte	Município / Meios de Hospedagem	Áreas Sociais							Lazer					UH				
		S. Conv.	Sl. Reunião	Restaurante	Bar	Loja	Estac.	Música Amb.	Piscina	Qd. Esport	Sauna	Playground	Sl. Jogos	Ar Cond.	Ventilador	Televisor	Frigobar	Telefone
	ANDARAÍ																	
1, 3	Paraguaçu Praia Hotel	80		X	X				X			X	X	X		X	X	X
1, 3	Pousada Ec. de Andaraí	80		X	X				X				X	X		X	X	
1, 3	Pousada Pedras Igatu			X					X				X		X			
2, 3	Pousada Eden													10		10	10	
2	Pousada Ibirapitanga			X	X									6	22	12	6	
2	Hotel Santa Isabel														6			
2, 3	Hotel Bastos			X											5			
3	Pousada Sincorá												X			X	X	
2	Pousada Diamantina			X											5			
2	Pousada Oliveira			X											5			
	IBICOARA																	
3	Pousada Ibicoarense			X														
	Pousada Nossa Senhora Aparecida			X												X	X	
	LENÇÓIS																	
1, 2, 3	Hotel Tradição		X		X		X	X						24	30	24	24	
2	Pousada Águas Claras														7			
1, 2, 3	Nossa Casa Pousada							X							10			
2, 3	Pousada Diângela														10			
1, 3	Hotel da Fazenda					X												
1, 3	Hotel Canto Das Águas	80		X	X		X		X				X	X		X	X	X
1, 3	Hotel de Lençóis	60		X	X		X		X			X	X	X		X	X	X
1, 3	Hotel Portal de Lençóis	110		X	X		X		X		X	X	X	X		X	X	X
1, 3	Pousada Bons Lençóis		6												X		X	

Fonte	Município / Meios de Hospedagem	Áreas Sociais							Lazer					UH				
		S. Conv.	Sl. Reunião	Restaurante	Bar	Loja	Estac.	Música Amb.	Piscina	Qd. Esport	Sauna	Playground	Sl. Jogos	Ar Cond.	Ventilador	Televisor	Frigobar	Telefone
1, 3	Pousada Verde Perto	30												X			2	
1, 3	Pousada Raio de Sol											X	X	X				
1, 3	Hotel São José III			X			X							7	X	7		
1, 3	Pousada Buena Sorte								X						X	X	3	
1, 2, 3	Hotel Colonial					X	X								17			
2	Hotel Flôr da Terra			X	X		X	X							18	18		
2	Camping e Alquimia														4			
2	Pousada D. Bruto							X							6			
2	Pousada O Casarão													1	5	2	2	
2	Pousada Diamantina														12			
2	Pousada dos Duentes			X	X													
2	Pousoalegre			X											6			
2	Pouso dos Anjos			X	X										6			
2	Casa da Geléia														2		2	
	MUCUGÊ																	
1	Pousada de Mucugê			X	X	X	X	X	X			X		30	5	5		
1, 2, 3	Hotel Alpina		X	X	X	X	X	X	X		X	X			32	32		
3	Pousada Monte Azul						X	X										
2, 3	Pousada Santo Antônio				X		X	X				X		9				
	PALMEIRAS																	
1, 3	Pousada da Palmeira											X		X				
2	Hotel Globo														5			
2	P.Cachoeira Da Fumaça														9			
2	Pousada Da Nina			X											3			
2	Pousada Vale Do Capão			X			X		X									
	SEABRA																	
2, 3	Pousada Campestre		X	X		X	X						19	8	27	27		
2	Hotel Chapada		X	X		X							9	7	16	9	16	
2	Grande Hotel								X				14	4	18	18	18	
2, 3	Hotel São José					X							7	24	22	5		
2	Hotel São José II					X							4	6	10	4		
3	Hotel Prado II					X							15	48	30	15		
2	Hotel Vieira			X		X								8	3			
2	Pousada Amadeus					X								23	23			
2	Hotel Lima		X	X		X								5	3			
2	Hotel e Rest.Alvorada		X				X							15				
2	Pousada Seabra		X	X		X							3	7	10			
2	Hotel Santos Dumont		X											5				

Fonte: (1) Sudetur, 2002, (2) Bahiatursa, (3) Pesquisa Própria, (4) www.jacobina.cjb.net, jul/2002
(5) www.portaldachapada.com

Como se pode observar na tabela acima, os meios de hospedagem do Circuito do Diamante possuem uma infra-estrutura mais adequada em relação aos serviços e equipamentos disponíveis aos turistas, quando se faz uma comparação com os estabelecimentos localizados nos outros dois circuitos. Mesmo assim, há uma grande quantidade de empreendimentos que ainda necessitam incrementar seus estabelecimentos, o que pode ser percebido já que menos da metade dos meios de hospedagem (44,6%) apresentam ar condicionado. As áreas sociais disponibilizadas aos hóspedes não possuem uma estrutura adequada, não havendo muitas opções para o cliente, o que pode ser identificado levando em consideração o reduzido número de estabelecimentos que apresentam piscina (23%) ou salão de jogos (12,5%).

Os meios de hospedagem abaixo foram identificados, apesar de não caracterizados por esta pesquisa (tabela 3.9.7).

Tabela 3.9.7. Outros meios de hospedagem – Circuito do Diamante

Andaraí

Pousada Andaraí

Ibicoara

Pousada Nossa Senhora

Hotel Raio de Sol

Itaetê

Pousada Morro das Araras

Pousada e Pizzaria Recanto da Pizza

“Pousada do Senhor Armindo”

Lencóis

Pousada Amarela

Pousada Vila Serrano

Pousada da Fonte

Mucugê

Pensão da Dona Nena

Estalagem Éden

Nova Redenção

Pousada Poço Azul

Palmeiras

Vale do Capão

Pousada Riachinho

Pousada do Capão

Pousada Canta Galo

Seabra

Hotel e Rest. Oliveira

Fonte: Pesquisas Próprias, 2002

3.9.1.1.3. Circuito do Ouro

Verificou-se a existência de 33 meios de hospedagem no circuito do Ouro. As tabelas 3.9.7, 3.9.8 e 3.9.9 indicam as cidades onde os estabelecimentos se localizam.

A tabela 3.9.8. apresenta 20 meios de hospedagem que indica o número de unidades habitacionais e o número de leitos de cada um.

Tabela 3.9.8. Número de UH e leitos de meios de hospedagem – Circuito do Ouro

Fonte	Município / Meios de Hospedagem	Nº UH	Nº leitos
	<u>Abaíra</u>	38	69
1	Hotel Abaíra	6	16
2	Hotel Miranda	12	23
2	Hotel Plaza	20	30
	<u>Jussiape</u>	42	135
1	Hotel e Restaurante Macedo	4	15
2, 3	Hotel Bonfim	10	30
1, 3	Jussiape Eco - Resort Hotel	20	60
3	Pensão da Dona Nane	8	30
	<u>Livramento de Nossa Senhora</u>	23	39
3	Hotel Pôr do Sol	23	39
	<u>Piatã</u>	33	103
3	Pousada das Orquídeas	8	15
1	Pousada Serra Da Tromba	5	15
1	Pousada Piatã	10	25
1, 3	Hotel J.J.M.	10	35
3	Hotel Alves	-	13
	<u>Rio De Contas</u>	121	307
1	Hotel Pérola do Rio	19	42
1, 3	San Felipo Resort	38	76
3	Pousada, Camping e Bar Raposo	20	72
2, 3	Pousada Rio De Contas	13	38
2, 3	Pousada Rosa	7	20
2	Hotel Maia	17	45
3	Pousada Sempre Viva	7	14
	TOTAL	257	653

Fonte: (1) Sudetur, 2002, (2) Bahiatursa, (3) Pesquisa Própria, (4) www.jacobina.cjb.net, jul/2002, (5) www.portaldachapada.com

Esses vinte meios de hospedagem do Circuito do Diamante possuem um total de 257 UH, o que representa uma média de 12,9 quartos por estabelecimento. Pode-se afirmar que o Circuito do Diamante caracteriza-se por ter meios de hospedagem de porte reduzido, com em média 32,7 leitos por estabelecimento.

A tabela 3.9.9 apresenta 8 empreendimentos que foram caracterizados como amostra.

Tabela 3.9.9. Instalações, equipamentos e serviços – Circuito do Ouro

Fonte	Municípios / Meios de Hospedagem	Áreas Sociais						Lazer				UH						
		C. Conv.	Sl. Reunião	Restaurante	Bar	Loja	Estac.	Música Amb.	Piscina	Qd. Esport	Sauna	Playground	Sl. Jogos	Ar Cond.	Ventilador	Televisor	Frigobar	Telefone
<u>Abaira</u>																		
2	Hotel Miranda			X														
2	Hotel Plaza			X														
<u>Jussiape</u>																		
2, 3	Hotel Bomfim													14				
<u>Piatã</u>																		
3	P. das Orquídeas																X	
1, 3	Hotel J.J.M.																X	
<u>Rio De Contas</u>																		
2, 3	P. Rio de Contas			X	X		X		X					2	3		3	
2, 3	Pousada Rosa			X			X							7	4			
2	Hotel Maia			X			X							17	5			

Fonte: (1) Sudetur, 2002, (2) Bahiaturs, (3) Pesquisa Própria, (4) www.jacobina.cjb.net, jul/2002 e (5) www.portaldachapada.com

Os meios de hospedagem do Circuito do Ouro apresentam estrutura similar à da Chapada Norte, com poucos serviços e equipamentos disponíveis ao turista o que pode ser constatado já que apenas um dos empreendimentos identificados apresentou frigobar em alguns de seus aposentos. A tabela 3.9.10 mostra os meios de hospedagem identificados mas não caracterizados por esta pesquisa.

Tabela 3.9.10. Outros meios de hospedagem – Circuito do Ouro

Érico Cardoso

Hotel Viana
Hotel Santa Terezinha

Livramento De Nossa Senhora

Pousada Itália
Pousada Aliança
Hotel Livramento
Pousada Visual
Pousada Azevedo

Paramirim

Pousada Bahia
Pousada Cardoso
Grande Hotel Paramirim
Hotel Fiesta

Piatã

Hotel Dois Irmãos

Rio De Contas

Pousada dos Eucaliptos

Fonte: Pesquisas Próprias, 2002

3.9.2. Restaurantes Turísticos

Foram identificados 129 empreendimentos turísticos de alimentação, sendo 42 localizados no Circuito Chapada Norte, 68 no Circuito do Diamante e 19 no Circuito do Ouro.

Os pratos servidos são dos mais diversos, desde pratos da culinária bahiana (muqueca de camarão), culinária regional (bode assado, godó de banana, cortado de palma), pratos vegetarianos, lanches em geral e culinária internacional (comida italiana e francesa). Restaurantes com pratos mais sofisticados são identificados em maior quantidade nos municípios com atividade turística mais desenvolvida, principalmente em Lençóis.

Serão identificados abaixo os empreendimentos por Circuito.

3.9.1.1. Circuito Chapada Norte

O Circuito Chapada Norte tem o segundo maior número de estabelecimentos de alimentação da área objeto de estudo, sendo a maioria de pequeno porte.

A tabela 3.9.11 contém os estabelecimentos de alimentação encontrados no Circuito Chapada Norte.

Tabela 3.9.11. Empreendimentos de alimentação do Circuito Chapada Norte

Fonte	Restaurantes	Telefone	Observação
	<u>Bonito</u>		
3	Churrascaria e Restaurante Porto Bonito		Rodízio
	<u>Caem</u>		
3	Pensão da Francisca	(074) 636-2179	Comida caseira
	<u>Campo Formoso</u>		
3	Restaurante Hotel Rio das Pedras	(074) 645-1307	A la carte
3	Restaurante Hotel JBS	(074) 645-2867	A la carte
3	Estrela do Sul Churrascaria		Rodízio
3	Restaurante e Pizzaria Casa Grande		A la carte
3	Recanto Caseiro		Comida caseira
	<u>Jacobina</u>		
3, 5	Restaurante Hotel Serra do Ouro	(074) 621-3324 / 3325	
3, 5	Restaurante Hotel Vale das Serras	(074) 621-3919	
3	Restaurante Rancho Catarinense	(074) 621-1889 / 3602	Comida por quilo
3	Restaurante Piemonte da Chapada	(074) 621-2046	Comida por quilo
3	Ponto chique		
3	Apetite		
3	Solar das Missões		
3, 5	Restaurante Hotel do Coelho	(074) 621-3765	
3	Restaurante Hotel Esmeralda		
	<u>Livramento de Nossa Senhora</u>		

Fonte	Restaurantes	Telefone	Observação
3	Restaurante e Churrascaria Boi na Brasa		Rodízio e a la carte
3	Restaurante e Churrascaria Paraíso		Rodízio e a la carte
3	Esquinão Restaurante		
3	Baby Beef Restaurante		
3	Restaurante São Gonçalo		
3	Restaurante Rocha Machado		
	<u>Morro do Chapéu</u>		
3	Eusépio Pizzaria		
3	Restaurante Po-só		
3	Muqueção		
3	Lozinha		
3	Restaurante Salvador		
3	Sabor a quilo		
	<u>Piritiba</u>		
3	Restaurante Esquina	(074) 628-2099	
3	Churrascaria Às de Ouro	(074) 628-2601	
3	Comida a quilo		
3	Restaurante do Gil		
3	Restaurante de Dida		
	<u>Saúde</u>		
3	Recanto das Mangueiras	(074) 633-2293	
3	Sabor e Saúde		
3	Restaurante Nizete	(074) 633-2467	
	<u>Utinga</u>		
3	Bar e Hotel Flor da Utinga	(075)337-2119	
3	Bar do João Paulo	(075) 337-1591	
3	Bar Baixada	(075)337-2123	
3	Bar Domingos	(075) 337-1919	
3	Bar Staloni	(075) 337-2120	
3	Bar Dois Amigos	(075) 337-1790	

Fonte: (1) Sudetur, 2002, (2) Bahiatursa e (3) Pesquisa Própria

3.9.1.2. Circuito do Diamante

O Circuito do Diamante é o que apresenta o maior número de estabelecimentos de alimentação da Área de Planejamento, sendo os melhores preparados para receber o turista. Há uma maior variedade de pratos a serem oferecidos na região.

A tabela abaixo mostra os empreendimentos de alimentação identificados por cidade.

Tabela 3.9.12. Empreendimentos de alimentação do Circuito do Diamante

Fonte	Cidades/Empreendimentos	Telefone	Observações
	<u>Andaraí</u>		
1, 3	Restaurante Pousada Paraguaçu	(075) 335-2073	
1, 3	Restaurante Pousada Pedras de Igatu	(075) 335-2281	

Fonte	Cidades/Empreendimentos	Telefone	Observações
2	Restaurante Pousada Ibirapitanga	(075) 335-2173	
1, 3	Restaurante e Pousada Ecológica		
3	Restaurante Marli		
3	Lanchonete Sempre-viva		Lanches em geral
2, 3	Restaurante Lanchonete Éden		Lanches em geral e a la carte
3	Restaurante Panela de Barro da Norma		
3	Restaurante São Luiz		
	<u>Ibicoara</u>		
	Restaurante Brilho da Chapada		Quilo
	Restaurante Pousada Nossa Senhora Aparecida		A la carte
	<u>Iraquara</u>		
3	Restaurante Pratinha	(075) 229-4115	
3	Churrascaria do Poço		Rodízio
	<u>Itaetê</u>		
3	Restaurante Pousada São Roque	(075) 320-2419	
3	Restaurante Pousada Morro das Araras	(075) 320-2298	
1, 3	Restaurante Pousada Poço Encantado	(075) 320-2118	
3	Restaurante Hotel Fumaça		
3	Recanto da Pizza		
	<u>Lencóis</u>		
3	Restaurante e Bar Cores da Chapada	(075) 334-1602	A la carte
1, 2, 3	Restaurante Hotel Pousada de Lençóis	(075) 334-1233	A la carte
1, 2, 3	Restaurante Hotel do Parque	(075) 334-1361	A la carte
1, 2, 3	Restaurante Hotel de Lençóis	(075) 334-1102	A la carte
4	A Picanha na Praça Restaurante	(075) 334-1248	
4	Art Café	(075) 334-1789	
4	Assim Assado Restaurante	(075) 334-1173	
4	Azulão Lanches	(075) 334-1036	
4	Bode Grill Restaurante	(075) 334-1303 /1600	
4	Bromélia Lanches	(075) 334-1727	Lanches em geral
4	Canto das Águas Restaurante	(075) 334-1154	A la carte
4	Casa da Esfiha	(075) 334-1539	
4	Churrascaria Casa das Pizzas	(075) 334-1816	
4	Cores da Chapada Restaurante	(075) 334-1602	A la carte
4	Doceria Lampião	(075) 334-1402	
4	Dom Obá Bar e Restaurante	(075) 334-1542	
4	Dona Joaninha Café da Manhã	(075) 334-1721	
4	Bar e Restaurante Laricão	(075) 334-1959	Lanches em geral
4	Pavê e Comê Doceria	(075) 334-1530	
4	Pizza na Pedra Oxente Menina	(075) 334-1475	
4	Restaurante Francês La Pergola	(075) 334-1241	Culinária francesa
4	Restaurante Tratoria Bell'Itália	(075) 334-1454	Culinária italiana
4	Sopas e Cia	(075) 334-1975	Comida Vegetariana
4	Sorveteria Verde Lima	(075) 334-1631	
4	Taberna Pôr do Sol	(075) 334-1504	

Fonte	Cidades/Empreendimentos	Telefone	Observações
3	Casa na Roça Restaurante		
3	Fazendinha		
3	Artistas da Massa		
3	Ki-Lanches		Lanches em geral
3	Beija-flor lanchonete		Lanches em geral
3	Grisanti Restaurante		
3	Bar de Casa		
<u>Mucugê</u>			
1	Restaurante e Pousada Mucugê	(075) 338-2210	Cozinha Regional
3	Restaurante Sabor e Arte	(075) 338-2180	
3	Comida Caseira (Dona Nena)	(075) 338-2153	
1, 3	Restaurante do Hotel Alpina	(075)338-2150	Serviço à la carte
3	Restaurante da Casa de Cultura e Lazer		Comida simples, a quilo.
3	Point da Chapada	(075) 338-2241	
3	Lanchonete e Rest. Flor da Chapada	(075) 338-2262	
3	Bar e Restaurante Diamantino	(075) 338-2385	
3	Restaurante Só filé	(075) 338-2030	
3	Restaurante Três irmãos		
<u>Nova Redenção</u>			
3	Restaurante e Bar Oliveira	(075) 345-2222 - orelhão	
3	Bar Andrade	(075) 345-2200	
3	Bar da Lola	(075) 345-2228	
3	Bar da Lu	(075) 345-2213	
3	Bar Esperança	(075) 345-2201	
3	Bar Imperador	(075) 345-2218	
3	Bar Pretinha	(075) 345-2180	
<u>Seabra</u>			
3	Restaurante Hotel Oliveira	(075) 331-1306	
3	Restaurante Hotel Seabra	(075) 331-2326	
3	Restaurante Hotel Chapada	(075) 331-2226	
Fonte: (1) Sudetur, 2002, (2) Bahiatursa, (3) Pesquisa Própria, (4) www.lencois.com.br			

3.9.1.3. Circuito do Ouro

O Circuito do Ouro é o que apresenta o menor número de empreendimentos de alimentação da Área de Planejamento, considerando os existentes nas pousadas da região.

Em muitas pousadas do circuito que não possuem restaurante a informação obtida foi que se o pedido é feito com antecedência é possível a preparação de refeições individuais ou para grupos. A tabela abaixo mostra os empreendimentos identificados no circuito por cidade.

Tabela 3.9.13. Empreendimentos de alimentação do Circuito do Ouro			
Fonte	Cidade/Empreendimentos	Telefone	Observações
<u>Abaira</u>			

Fonte	Cidade/Empreendimentos	Telefone	Observações
3	Churrascaria Souza		
	<u>Jussiape</u>		
1	Restaurante Hotel Macedo	(077) 414-2208	
3	Restaurante do Milton		
3	Restaurante Ibar Novaes		
	<u>Paramirim</u>		
3	Pousada Cardoso	(077) 471-2193	
3	Restaurante Tentação		
3	Sabor e Arte		
	<u>Piatã</u>		
1	Restaurante Pousada Piatã	(077) 479-2168 / 2150	
1, 3	Restaurante Hotel JJM	(077) 479-2125	
	<u>Rio de Contas</u>		
3	Restaurante Sobradão	(77)475-2309	
3	Restaurante Quilombo	(77)475-2306	
3	Restaurante Frango na Brasa		
3	Restaurante Portela		
3	Restaurante Canaah		
3	Restaurante e Pizzaria Quintal		
3	Pizzaria Portal da Chapada		
3	Restaurante e Pizzaria Pit Stop		
1, 3	Bar e Restaurante Raposo	(077)475-2111	
1, 3	Restaurante San Felipe Resort		

Fonte: (1) Sudetur, 2002, (2) Bahiatursa, (3) Pesquisa Própria e

3.9.3. Agências de Viagens e Operadoras

A Chapada Diamantina possui apenas agências de turismo que atuam na Área de Planejamento. A tabela 3.9.14. mostra a presença delas em cada circuito e em cada Município.

Tabela 3.9.14. Agências de turismo da Chapada Diamantina

Agências de Receptivo	Telefone	Atuação
CHAPADA NORTE		
<u>Jacobina</u>		
LR Jacoturismo	Cleber	Temporariamente fora de operação
Aranha da chapada	(074) 621-6944	Receptiva (grupo de guias)
Ecoimpacto	(074) 9961-2316 / 621-3695	Receptiva (agenciamento e operação); emissiva
Vantur Viagem e turismo	(074) 621-3954 (Ivan)	Receptiva (ag. e transporte)
CIRCUITO DO DIAMANTE		
<u>Lençóis</u>		
Venturas e Aventuras	(075) 334-1428	Receptiva (agenciamento e operação); emissiva

Agências de Receptivo	Telefone	Atuação
Nativos da Chapada	(075) 334-1647 / 1314	Receptiva (agenciamento e operação)
Cirtur Turismo Receptivo	(075) 334-1133	Receptiva (agenciamento e operação)
Lentur Viagens e Turismo	(075) 334-1271 / 1338	Receptiva (agenciamento e operação)
Zen Tur Viagens e Turismo	(075) 334-1397 / 9966-0038	Receptiva (agenciamento e operação)
Pé de Trilha	(075) 334-1124 / 1245 (Rosa)	Receptiva (agenciamento e operação); emissiva
Adrenalina Turismo e Aventura	(075) 334-1261	Receptiva (operação)
Marimbus Ecoturismo	(075) 334-1292	Receptiva (operação)
Estevam - Passeios Turísticos	(075) 334-1262	Receptiva (operação)
Explorer Brasil	(075) 334-1183	Receptiva (ag. e operação); emissiva

Palmeiras

Gravatás Turismo

CIRCUITO DO OURO**Rio de Contas**

Pouso dos Creoulos	(077) 475-2018	Receptiva (agenciamento e operação)

São 16 agências no total, das quais, três estão na Chapada Norte, uma no Circuito do Ouro, e as doze restantes no Circuito do Diamante.

No Circuito Chapada Norte, somente Jacobina possui agências de turismo, sendo elas a Ecoimpacto, a Vantur e a LR Jacoturismo. A Ecoimpacto é uma agência emissiva nacional e receptiva. Ela realiza passeios na região, encaminhando turistas que são assessorados por guias locais. A Vantur é uma agência local que faz traslados de Salvador à cidade e trabalha em parceria com o grupo Aranha da Chapada, que se trata de um grupo de guias que dão apoio logístico a turistas interessados em fazer esportes radicais como *trekking*, *rapel*, *cascading*, *canyonismo* e também em acampamentos. A intenção deste grupo é a consolidação da atuação através da criação de uma agência receptiva local, voltada a esportes radicais, de acordo com Fábio Alves da Silva, membro do grupo e guia cadastrado pela Bahiatursa. A Jacoturismo, de acordo com Fábio Alves da Silva, encontra-se fora de operação temporariamente.

Em Lençóis, foram identificados três tipos de agências: as agências emissivas e receptivas (Explorer, Venturas e Aventuras e Pé de Trilha), agências receptivas de agenciamento e operação (Cirtur, Lentur e Zen Tur), e agências receptivas de operação (Nativos da Chapada, Adrenalina Turismo e Aventura, Marimbus Ecoturismo e Estevam – Passeios turísticos). Todas as dez agências locais trabalham em parceria já que cada uma tem serviços diferenciados. Todos os guias contratados pelas agências citadas são necessariamente cadastrados pela Associação de Condutores de Visitantes de Lençóis, recebendo constantemente cursos de aperfeiçoamento, como primeiros socorros, resgate e segurança, entre outros.

As agências Venturas e Aventuras, Explorer e Pé de Trilha trabalham no agenciamento receptivo e emissivo. Além disso, promovem passeios locais considerados mais diversificados, quando comparados com os serviços de outras agências locais, já que possuem pacotes com mais de uma opção, como passeios de carro seguido de acompanhamento em trilhas, por exemplo. Todas trabalham em parceria com agências de outros estados (Venturas e Aventuras com filial em São Paulo; Pé de Trilha principalmente com a agência paulistana Freeway).

As agências Cirtur, Lentur e Zen tur são agências especificamente receptivas que atuam no agenciamento e operação de passeios, tendo sua atuação restrita à região da Chapada Diamantina. A Cirtur oferece principalmente o *trekking*.

Já as agências Nativos da Chapada, Adrenalina Turismo e Aventura, Marimbus Ecoturismo e Estevam – Passeios Turísticos realizam a operação dos passeios, atuando constantemente em parceria com as outras agências locais, além de comercializar seus serviços diretamente com clientes que as procuram ou via e-mail, como a Nativos da Chapada. Tanto a Nativos da Chapada como a Adrenalina Turismo e Aventura têm como seus principais produtos o *rapel* e acompanhamento em trilhas. A agência Marimbus Ecoturismo é pioneira nos passeios no mini-pântano de Marimbus, utilizando um carro tracionado. A Estevam – Passeios Turísticos também fornece os passeios em Marimbus, além de outros roteiros na região.

A agência Nativos da Chapada também realiza a montagem de pacotes completos, caso seja solicitado pelo cliente, apesar de esse serviço não ser freqüente.

Andaraí e Ibicoara, ambas no Circuito do Diamante, têm agências que estão sendo montadas, conforme a tabela 3.9.15.

Tabela 3.9.15. Agências de receptivo em implantação na Chapada Diamantina

Cidades com agências em fase de implantação	Empresa
Andaraí (Vânia Dória)	não definida
Ibicoara	Bahia Venturas

No Circuito do Ouro, há apenas a agência Pouso dos Creoulos, em Rio de Contas. Ela é uma agência receptiva que oferece serviços de guias em trilhas que levam às corredeiras e povoados da região, como os antigos quilombos em Barra e Bananal e o povoado de Mato Grosso, de origem portuguesa.

3.9.4. Locadoras de Automóveis e Transportadoras

As locadoras de automóveis da Chapada Diamantina são em número total de 12, sendo que seis delas encontram-se em Jacobina, provavelmente em função do movimento de viajantes a negócios registrado nessa cidade. Na Chapada Norte, há ainda empresas de locação de veículos em Campo Formoso e em Miguel Calmon. No Circuito do Diamante, registra-se a existência apenas da Lukdan, de Andaraí, que opera também em Lençóis através de um posto de serviço localizado

na casa de Andaraí. No Circuito do Ouro a Lubacar, de Livramento, é a única locadora.

Tabela 3.9.16. Locadoras de carros da Chapada Diamantina

Circuito/ Município	Locadoras de carros	Telefone	Observações
CHAPADA NORTE			
<u>Campo Formoso</u>			
	Esmeralda rent a car		
<u>Jacobina</u>			
	Nacional Locadora	(074) 621-7121	Fornece carros para Morro do Chapéu
	Santa Bárbara	(074) 621-3676	
	Locar	(074) 621-3180	
	Locavel	(074) 621-5500	
	LM locadora		
	Jotas Locadora	(074) 621-7011	
<u>Miguel Calmon</u>			
	Locadora Popular		
	Brasileiro	(074) 9991-2773	
CIRCUITO DO DIAMANTE			
<u>Andaraí</u>			
	Lukdan rent a car	(075)335-2178	
<u>Lencóis</u>			
	Lukdan rent a car	(075) 334-1995	Opera através da <i>Casa de Andaraí</i>
CIRCUITO DO OURO			
<u>Livramento</u>			
	Lubacar		Fornece carros para Rio de Contas
<i>Fonte: Sudetur e Pesquisa Própria, 2002</i>			

Cada locadora possui em média três funcionários, o que soma, em toda a Chapada Diamantina, 36 pessoas envolvidas com locação de veículos.

Entretanto, em algumas outras cidades da Chapada Diamantina são identificados serviços informais de locação de veículos, conforme apresentado pela tabela 3.9.17.

Tabela 3.9.17. Serviços informais de locação de veículos

CIRCUITO CHAPADA NORTE			
	Morro do Chapéu		
	Saúde		
CIRCUITO DO DIAMANTE			
	Ibicoara		
	Mucugê		
	Seabra		
<i>Fonte: Sudetur e Pesquisa Própria, 2002</i>			

Em relação a transportes locais para atrativos, há também apenas registro de serviços informais, conforme demonstrado na tabela 3.9.18.

Tabela 3.9.18. Serviços informais de transporte local

CIRCUITO CHAPADA NORTE	Observações
Campo Formoso	Transporte para o garimpo de esmeralda (40 km)
Miguel Calmon	Contato através da Diretoria de Turismo
CIRCUITO DO DIAMANTE	
Vale do Capão	Morador local que leva turistas aos atrativos

Fonte: Sudetur e Pesquisa Própria, 2002

3.9.5. Animação e Entretenimento

Empreendimentos privados de animação e entretenimento, exclusivamente, são quase inexistentes em toda a Chapada Diamantina, conforme a tabela 3.9.19.

Tabela 3.9.19. Investimentos privados de animação e entretenimento

Circuito/Município	Empreendimentos de Animação e Entretenimento
CHAPADA NORTE	
Jacobina	Coliseu Dance; Mini Shopping RCM; Mini Shopping Dona Flor
Miguel Calmon	Ranchão; Pantanal
Morro do Chapéu	Gruta Café; Minerva
Utinga	Danceteria Brilho Maria; Danceteria Asa Branca
CIRCUITO DO DIAMANTE	
Iraquara	Fazenda Pratinha
Itaetê	Boate do Beto
Lençóis	Boate Seven Club; boate da Pousada Lumiar
Nova Redenção	Danceteria Maracatu
CIRCUITO DO OURO	
Rio de Contas	Quintal Restaurante

Fonte: Sudetur e Pesquisa Própria, 2002

Na Chapada Norte, além de alguns mini-shoppings em Jacobina, que poderiam ser considerados, além de locais para compras, para entretenimento, há o Coliseu Dance, que é uma danceteria freqüentada principalmente por moradores da cidade. Em Miguel Calmon, o Ranchão e o Pantanal são áreas privadas com águas correntes que cobram uma taxa de entrada dos turistas para usufruto dos rios e lagos localizados nas propriedades. Em Morro do Chapéu, o Gruta Café e o Minerva são danceterias de pequeno porte, voltadas quase que exclusivamente à população local. Em Utinga há duas danceterias também de pequeno porte, a Brilho Maria e a Asa Branca, ambas dedicadas a atender a própria comunidade.

No Circuito do Diamante, a Fazenda Pratinha em Iraquara é uma fazenda privada que possui duas grutas e rios de água corrente, nos quais os turistas podem fazer mergulho e tirolesa. Em Itaetê, a Boate do Beto atende à comunidade. Foram identificadas mais duas boates em Lençóis, a Boate Seven Club e a que se encontra dentro da Pousada Lumiar. Em Nova Redenção, há uma danceteria freqüentada pelos jovens residentes no município.

No Circuito do Ouro, só foi identificada a boate existente no Quintal Restaurante,

voltada à comunidade local principalmente. A boate opera somente de sexta a domingo.

3.9.6. Artesanato

Os trabalhos artesanais produzidos ou comercializados por cada município da Chapada Diamantina foram identificados através de entrevistas com prefeituras e com os empreendimentos hoteleiros e de restauração que proporcionaram uma visão geral dos tipos de artesanatos mais encontrados nas cidades, que se encontram detalhados na tabela 3.9.20.

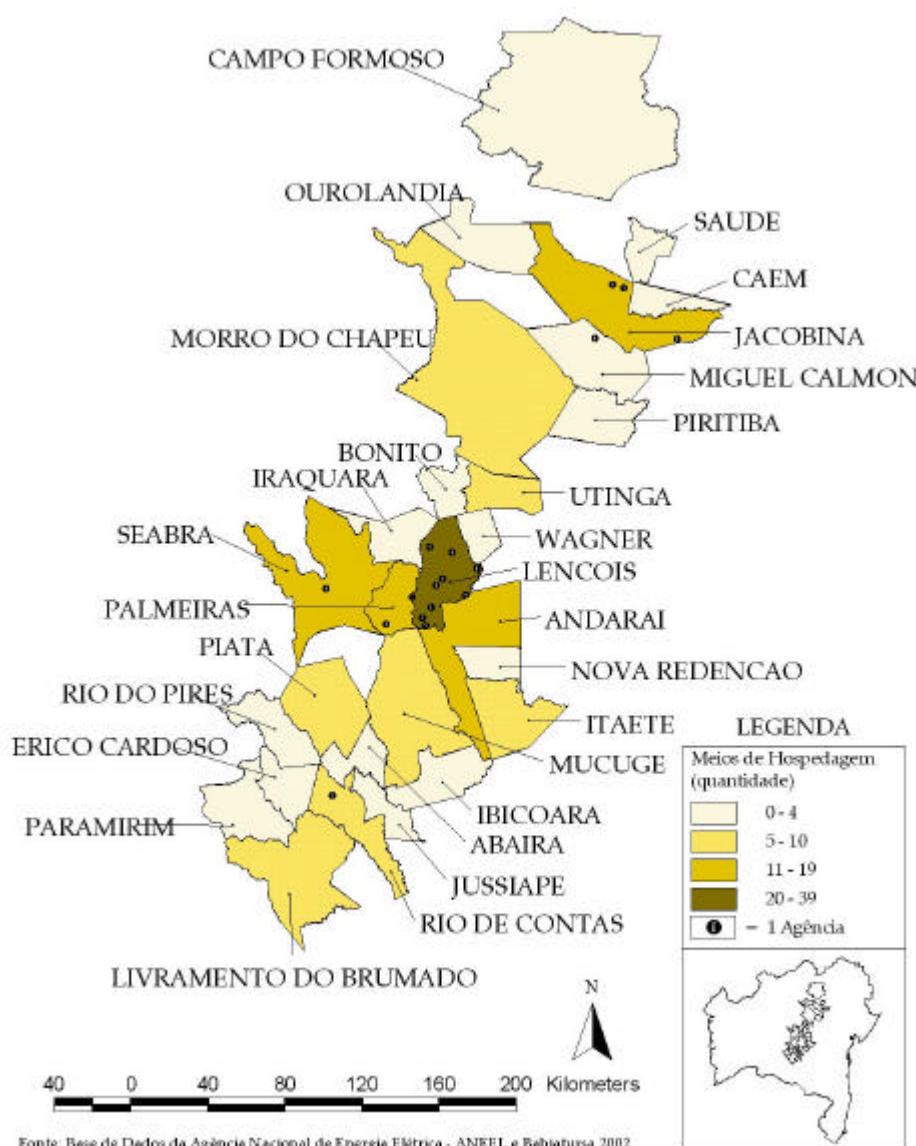
Tabela 3.9.20. Tipo de artesanato por município	
Circuito/Município	Artesanato
CHAPADA NORTE	
Campo Formoso	trabalhos com pedras preciosas, principalmente esmeralda (jóias, esculturas, entre outros)
Jacobina	pinturas em tela e painel; trabalhos em pedras e cristais e em madeira (esculturas, estátuas, entre outros)
Morro do Chapéu	trabalhos a partir de pedras lapidadas e madeira (esculturas, entre outros)
Piritiba	produtos feitos de palha (chapéus, esteiras, sacolas); trabalhos a partir de barro e argila (painéis, potes, bonecos de enfeite); pintura em tela e tecido
Saúde	-
Utinga	pintura em tela
Wagner	crochê e ponto cruz; trabalhos em madeira (principalmente miniaturas)
CIRCUITO DO DIAMANTE	
Andaraí	trabalhos a partir de pedras preciosas encontradas na cidade e ouro
Ibicoara	pinturas em telas e camisetas; bordados; trabalhos em pedras
Iraquara	escultura em pedra ardósia; produtos de palha (esteiras de palha desenhadas); bocapio (bolsa de palha de licuri); balaio (trama de rama de árvores da região)
Itaetê	produtos de palha; pinturas em tela, esteiras e pedras
Lençóis	garrafas preenchidas com areia colorida; trabalhos em argila e cerâmica (Ateliê JC); trabalhos em madeira (Sr. Nino e Gunnar); trabalhos em vidro (Roy Funch - abajur e vitrais); trabalhos em pedras (Damaré); confecção de bonecos de pano utilizando fuxico (Projeto Grio)
Mucugê	confecção de bonecos a partir de palha de milho; confecção de baianas de "sempre viva" (flor da região); produção de licor de frutas tropicais; trabalhos em pedras (esculturas)
Nova Redenção	trabalhos a partir da casca do coco (anéis, presilhas e brincos)
Palmeiras	confecção de bonecos aromáticos; produção de xampus e cremes
Seabra	trabalho a partir do barro (potes, entre outros)

Circuito/Município	Artesanato
CIRCUITO DO OURO	
Abaíra	produção de aguardente
Jussiape	produção de aguardente
Piatã	bordados e crochê; produção de licor de frutas tropicais (abacaxi, manga, jaboticaba entre outras); produção de aguardente
Rio de Contas	trabalhos em madeira (cinzeiro, chicote, esculturas); crochê; bordado

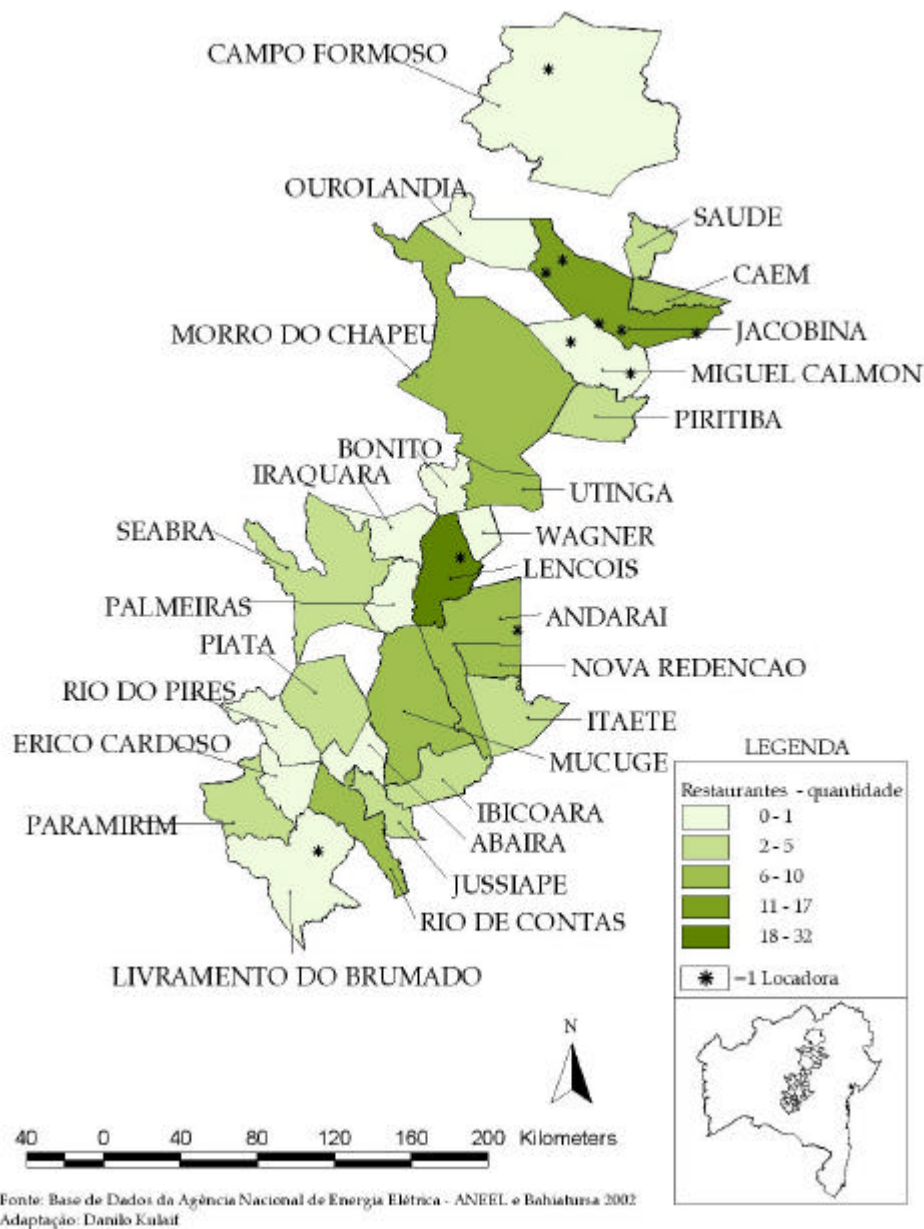
Fonte: Sudetur e Pesquisa Própria, 2002

Com exceção de Saúde, todos os municípios da Chapada Diamantina possuem produção ou comercialização de produtos artesanais. A grande maioria dos artesãos locais trabalha com materiais encontrados na região.

Cartograma 3.9.1. Oferta técnica de meios de hospedagem e agências



Cartograma 3.9.2. Oferta técnica de restaurantes e locadoras



3.9.7. Considerações Finais

A grande maioria dos meios de hospedagem ainda não possui uma infraestrutura adequada, já que os serviços e equipamentos disponíveis ao turista ainda são muito simples. Apesar disso, a preocupação dos empreendedores de modernizar cada vez mais seus estabelecimentos demonstra uma preocupação em estar adequando o produto, tomando por referencial os empreendimentos de

melhor estrutura, como o Hotel Portal de Lençóis, Canto das Águas e Hotel de Lençóis. Para que este processo de modernização continue, faz-se necessárias linhas de financiamento com juros mais atrativos, prazos mais longos e com pouca burocracia e desenvolver a confiança dos empresários no turismo, possibilitando o desenvolvimento dos meios de hospedagem, assim como de outros empreendimentos turísticos.

Os restaurantes, assim como os meios de hospedagem, necessitam aprimorar suas instalações e serviços, que demonstram ser muito simples, muitas vezes apresentando um caráter familiar.

Apesar do número reduzido de agências de receptivo na região, parece que este número já está se ampliando, uma vez que foram constatados futuros empreendimentos nos municípios de Ibicoara e Andaraí. Como há uma concentração do número de agências em Lençóis, deve ser estimulada a abertura de novos estabelecimentos de agenciamento e operação receptivos nos outros municípios, a fim de incrementar o fluxo turístico nos municípios de menor procura.

Em relação às locadoras e transportadoras, há também uma tendência à abertura de novos empreendimentos, levando em consideração os serviços informais prestados pelos moradores locais. Por isso, devem ser implementados controles visando a organização da operação destes serviços.

Em muitos municípios, a produção artesanal ainda não se mostrou voltada para o turismo, situação que foi identificada nos municípios de menor fluxo turístico. O processo de conscientização da população em relação aos benefícios do turismo irá refletir em uma produção mais voltada à comercialização dos produtos criados, podendo incrementar a renda da população ligada à produção artesanal.

3.10. Capacitação da População para Turismo

Apresenta-se neste capítulo uma avaliação da capacitação da população para o exercício de atividades ligadas ao setor de turismo. Inicialmente é feita uma avaliação geral do emprego local gerado pelo setor turístico, para em seguida analisar, por atividade, o emprego gerado por empresas hoteleiras e outros meios de hospedagem, restaurantes e outras empresas de alimentação, agências de viagem e operadoras e demais empresas do setor.

Também é traçado um panorama a respeito da capacitação de mão-de-obra realizada pelas principais instituições que atuam na Chapada Diamantina. As conclusões são apresentadas no final do capítulo.

A pesquisa realizada tem como base as informações da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e os dados anuais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), analisados pelo Instituto de Hospitalidade (IH) em uma publicação denominada “Perfil dos Profissionais no Mercado de Trabalho do Setor de Turismo no Brasil”.

Outras importantes fontes para o levantamento de informações sobre a Chapada Diamantina foram os empresários, o poder público municipal e as organizações sem fins lucrativos da região, abordados através de entrevistas qualitativas.

3.10.1. Capacitação do Profissional para o Turismo

O trabalho do IH, “Perfil dos Profissionais no Mercado de Trabalho do Setor de Turismo no Brasil”, realizado em 2000, apresenta informações atualizadas até o ano de 1999, agrupadas por Estado da Federação e discriminadas apenas em relação a algumas regiões metropolitanas. Dessa forma, para que se pudesse estimar os dados do mercado de trabalho relativos à Chapada Diamantina, foi necessário criar uma metodologia que permitisse distribuir os números de emprego por todo o estado da Bahia.

A divisão proporcional foi feita em função da entrada de turistas de 2000, pelo portal de cada Pólo Turístico. Essa opção mostrou ser mais coerente que qualquer outro tipo de rateio, uma vez que é mais lógico partir da premissa que os empregos dependem em maior grau da amplitude do fluxo, do que do número de empreendimentos turísticos ou da população residente em cada Pólo, por exemplo. Entretanto, é necessária a ressalva de que a metodologia proposta tem suas limitações, uma vez que características qualitativas não estão sendo consideradas para a distribuição, tampouco informações relativas à natureza do fluxo turístico, que poderiam fazer com que o comportamento da geração de

empregos não fosse exatamente linear (por exemplo, poder aquisitivo médio do turista atraído por cada pólo ou objetivos de viagem).

A distribuição realizada proporcionalmente ao fluxo de entrada de turistas em cada portal, em 1999, está demonstrada na tabela 3.10.1.

Tabela 3.10.1. Estimativa de postos de trabalho em turismo na Chapada Diamantina 1999

Pólo Turístico	Portal	Fluxo (x1000 turistas)	Representatividade
Baía de Todos os Santos	Salvador	1.886,27	45%
C. Descobrimento	Porto Seguro	1.037,45	25%
C. Cacau	Ilhéus	248,99	6%
C. Dendê	Morro de São Paulo	165,99	4%
C. Diamantina	Lençóis	83,00	2%
Outros		728,10	18%
		4.149,80	100%

Fonte: Bahiatursa, 2002

Dessa forma, os empregos gerados pela atividade turística na Chapada Diamantina encontram-se estimados em 2% do total dos postos de trabalho do estado da Bahia (para maiores detalhes ver item 3.12. Gastos Turísticos).

3.10.1.1. Empregos no Setor Turístico

Em 1999, 5,2% dos postos de trabalho da Bahia eram ocupações no setor turístico (IH). O total de empregos gerados pelo setor no Estado ultrapassa 300 mil. A tabela 3.10.2

mostra a importância dos empregos em turismo na Bahia em relação ao país, especialmente na área de Hospedagem, onde o estado é responsável por 10% de todos os postos de trabalho existentes.

Tabela 3.10.2. Proporção de empregos no setor de turismo gerados pela Bahia

Ramos de atividade	Brasil	Bahia	%
Hospedagem	264.443	26.818	10,14
Alimentação	2.335.736	157.882	6,76
Lazer e Entretenimento	317.474	21.055	6,63
Agências/Operadoras	114.543	7.673	6,70
Transportes	1.369.962	89.965	6,57
TOTAL TURISMO	4.402.158	303.393	6,89

Fonte: IH, 1999

Aplicando-se a proporção estimada pela metodologia descrita acima para a Chapada Diamantina (CD), verifica-se que seriam 6.068 postos de trabalho resultantes. A tabela 3.10.3 demonstra como esses postos de trabalho estariam distribuídos entre os principais ramos de atividade econômica que compõem o turismo.

Tabela 3.10.3. Total de empregos no setor de turismo – Bahia e Chapada Diamantina

Ramos de atividade	Bahia	% C.D.	C. Diamantina
Hospedagem	26.818	2%	536
Alimentação	157.882	2%	3.158
Lazer e Entretenimento	21.055	2%	421
Agências/Operadoras	7.673	2%	153
Transportes	89.965	2%	1.799
TOTAL TURISMO	303.393	2%	6.068

Fonte: IH, 1999

De fato, a estimativa para hospedagem (536 postos de trabalho na Chapada Diamantina, tabela 3.10.3) está bastante próxima da realizada por Gottschall (*apud* Léda⁴⁸), a partir dos índices técnicos (média teórica) de relação de número de empregos por unidade habitacional e por leito, que são de 0,65 e 0,32, respectivamente, segundo Burman (*apud* Léda⁴⁹) – e evidenciada na tabela 3.10.4, 707 postos de trabalho. Segundo Léda, “entre as regiões turísticas da Bahia destacam-se Salvador e Sul/Extremo, onde se localizam Ilhéus e Porto Seguro como pólos de concentração da capacidade hoteleira, em contraste com a Chapada Diamantina, numa posição ainda pouco significativa do ponto de vista quantitativo”.

Tabela 3.10.4. Empregos diretos na hotelaria, segundo regiões turísticas – Bahia

Região	Classificados	Não Classificados	Total
Salvador	2.806	1.628	4.434
RMS/Litoral Norte	532	1.261	1.793
Sul/Extremo Sul	615	8.123	8.738
Chapada Diamantina	60	647	707
Outras	569	904	1.473
Total	4.582	12.563	17.145

Fonte: Gottschall, 1994

A metodologia utilizada para este trabalho mantém a proporção da distribuição de empregos por ramo de atividade encontrada no estado da Bahia. Como se pode verificar através da tabela 3.10.4, é o setor de alimentação o maior gerador de postos de trabalho, com 52% de todos os postos no setor turístico.

Tabela 3.10.5. Empregos gerados pelo setor de turismo por ramo de atividade (%)

Ramos de atividade	Bahia	% por Ramo
Hospedagem	26.818	8,8
Alimentação	157.882	52,0
Lazer e Entretenimento	21.055	6,9
Agências/Operadoras	7.673	2,5
Transportes	89.965	29,7
TOTAL TURISMO	303.393	100,0

Fonte: IH, 1999

48. Op cit 1995

49. Op cit 1995

Em relação ao nível de escolaridade necessário para atuar no setor de turismo, a pesquisa do IH aponta, dentre suas conclusões, que “é grande a heterogeneidade (...), entretanto o nível médio do setor (6,8 anos) supera a média nacional (6,3 anos de estudo)”. E alerta que “os desníveis regionais de remuneração acompanham as diferenças de escolaridade”(p.39).

Nesse sentido, podem ser relevantes os dados do IBGE (censo 2000) de alfabetização, disponibilizados por município, apresentados na tabela 3.10.5.

Tabela 3.10.6. Taxa de alfabetização por município da Chapada Diamantina

Município	Taxa de alfabetização
Circuito Chapada Norte	
Bonito	75,7
Caém	69,4
Campo Formoso	69,2
Jacobina	78,5
Miguel Calmon	76,5
Morro do Chapéu	72,2
Ourolândia	61,1
Piritiba	74,7
Saúde	69,9
Utinga	72,8
Wagner	73,6
Circuito do Diamante	
Andaraí	66,9
Ibicoara	74,3
Iraquara	76,1
Itaetê	66,0
Lençóis	73,6
Mucugê	69,1
Nova Redenção	65,7
Palmeiras	78,8
Seabra	81,0
Circuito do Ouro	
Abaíra	78,4
Érico Cardoso	57,8
Jussiape	80,6
Livramento de Nossa Senhora	74,4
Paramirim	76,1
Piatã	73,8
Rio de Contas	76,0
Rio do Pires	69,7
BAHIA	78,4

Fonte: IBGE, 2000

A tabela 3.10.5. mostra que os únicos municípios da Chapada Diamantina que possuem taxa de alfabetização maior que a taxa da Bahia são os de Palmeiras e Seabra, no Circuito do Diamante, e de Jussiape, no Circuito do Ouro, o que pode retratar as condições de preparo de mão-de-obra na região.

3.10.1.2. Empregos nas Empresas Hoteleiras e Extra-Hoteleiras

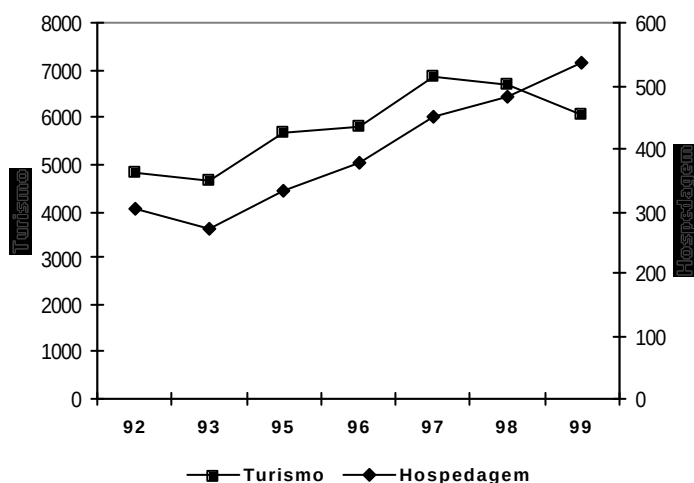
A Chapada Diamantina possui um número aproximado de 50 hotéis na Chapada Norte, 111 no

Circuito do Diamante e 33 no Circuito do Ouro (ver capítulo 3.9), o que totaliza 194 hotéis.

Os 536 empregados no setor hoteleiro correspondem a uma média de 2,76 funcionários por estabelecimento de hospedagem, o que não parece estar longe da realidade das pequenas pensões e pousadas encontradas na região, onde os funcionários exercem funções múltiplas, de recepcionista a arrumador, e a família do proprietário colabora.

O gráfico 3.10.1. mostra a evolução estimada do número de empregados na atividade turística e do número de empregados no setor de hospedagem, de 1992 a 1999.

Gráfico 3.10.1. Nº. de empregados no turismo e em hospedagem na Chapada Diamantina – 92 - 99



Fonte: IH e HVS

É notável a evolução do número de empregos na área de hospedagem durante todo o período, apesar de em 1998 e 1999 ter havido um decréscimo do número de postos de trabalho na atividade turística como um todo.

A tabela 3.10.6. mostra a estimativa gerada, a partir da metodologia utilizada e dos percentuais de trabalhadores em cada ocupação no Brasil (IH, 1999), para o número de funcionários por função nos meios de hospedagem da Chapada Diamantina em 1999.

Tabela 3.10.7. Principais ocupações em hotéis e pousadas na Chapada Diamantina

Ocupação	% no Brasil	C.D.*
Arrumadeiras/Camareiros	16,6	89
Recepcionistas	16,4	88
Cozinheiros/Ajudantes de Cozinha	9,9	53
Donos/Sócios (Empregadores)	8,4	45
Diretores/Gerentes/Administradores	7,4	40
Garçons/Ajudantes de Garçom	4,9	26
Donos/Sócios (Conta Própria)	4,6	25
Serventes/Faxineiros	4,2	23
Vigias	2,7	14
Porteiros/Empregados de Portaria	2,4	13
Mensageiros/Office-Boys	2,3	12
Copeiros/Balconistas/Atendentes	2,1	11
Lavadeiras/Passadeiras	2,0	11
Supervisores/Chefes/Encarregados	2,0	11
Ajudantes/Auxiliares Diversos	1,7	9
Jardineiros	1,5	8
Motoristas/Manobristas	1,3	7
Telefonistas	0,6	3
Outras	9,3	50
Total	100	536

* estimativa

Fonte: IH e HVS

A respeito dos empregos gerados pelos meios de hospedagem e pelo turismo em geral, Léda (1995) diz, ratificando o maior percentual encontrado para a função de camareira: “apesar de a maior parte dos hotéis e pousadas de Lençóis terem sido implantados por pequenos empresários de outras regiões, a atividade não é necessariamente excludente em relação aos nativos. Porém, por razões econômicas (disponibilidade de capital) ou culturais (conhecimento mínimo de serviços de hotelaria), a participação dos nativos na economia turística local se dá, evidentemente, como mão-de-obra barata: as mulheres como cozinheiras, faxineiras, os homens como jardineiros, pedreiros e marceneiros (empregados nas constantes reformas e ampliações necessárias à adaptação das velhas construções às suas novas funções) e, principalmente, como guias turísticos. Por outro lado, inserem-se no mercado através da locação de dormitórios (cômodos de suas próprias residências) e de casas precariamente reformadas, nos fins de semana prolongados (quando a demanda é maior e tem em origem em Salvador) e nas temporadas de férias de julho e do verão.” (pp. 172 e 173).

3.10.1.3. Empregos nas Empresas de Alimentação

O número de empregos gerados por empresas de alimentação voltadas ao turista também não chega a ser significativo, especialmente ao se considerar que a grande maioria dos

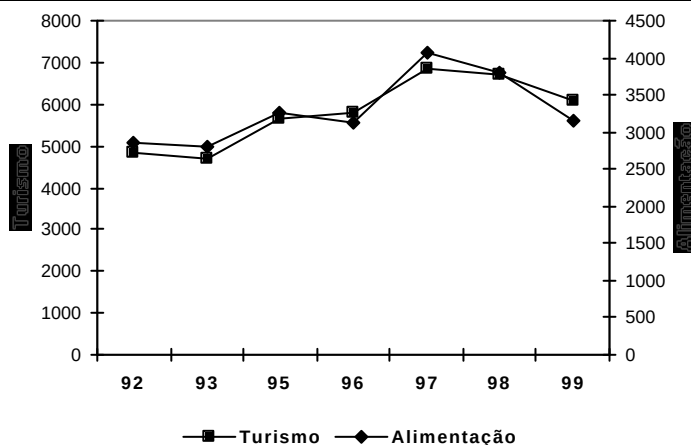
restaurantes não é dedicada exclusivamente ao turismo. Os poucos restaurantes que possuem o foco principal no turista são os que se encontram dentro de meios de hospedagem. Com 129 restaurantes identificados na Chapada Diamantina como estabelecimentos que atendem turistas, o número de 3.158 postos de trabalho parece superestimado.

O gráfico 3.10.2. mostra a evolução estimada do número de empregos em empresas de alimentos e bebidas, comparado com a evolução dos empregos em turismo, de 1992 até 1999, e a tabela 3.10.7 estima as ocupações nessas empresas.

A geração de empregos na área de alimentação varia diretamente de acordo com a evolução dos postos de trabalho em turismo de forma geral.

A ocupação de maior representatividade nas empresas de serviços de alimentação e de bebidas é a de “dono/sócio”, exatamente em função de a maior parte delas ser de pequeno porte, de administração familiar, e com poucos funcionários.

Gráfico 3.10.2. Evolução do número de empregados no Turismo e nas atividades de bares e restaurantes na Chapada Diamantina – 92 - 99



Fonte: IH e HVS

Tabela 3.10.8. Principais ocupações em bares e restaurantes na Chapada Diamantina – 1999

Ocupação	% no Brasil	C.D.*
Donos/Sócios (Conta Própria)	34,6	1.093
Copeiros/Balconistas/Atendentes	25,3	799
Cozinheiros/Ajudantes de Cozinha	14,3	452
Garçons/Ajudantes de Garçon	10,2	322
Donos/Sócios (Empregadores)	7,6	240

Ocupação	% no Brasil	C.D.*
Diretores/Gerentes/Administradores	1,7	54
Caixas	1,5	47
Serventes/Faxineiros	0,5	16
Ajudantes/Auxiliares Diversos	0,3	9
Recepcionistas	0,3	9
Motoristas/Manobristas/Entregadores	0,3	9
Trabalhador braçal/Carregador/Descarregador	0,2	6
Doceiros/Confeiteiros	0,2	6
Outras	2,9	92
Total	100%	3.158

* estimativa

Fonte: IH e FGV

3.10.1.4. Empregos em Agências de Receptivo

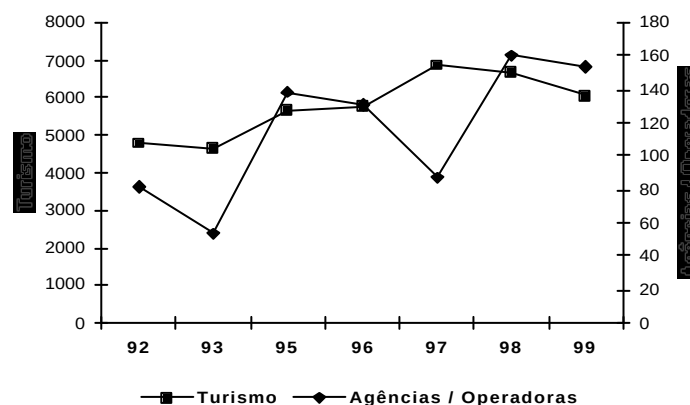
São dezesseis agências de turismo receptivo na Chapada Diamantina (ver capítulo 3.9), três na Chapada Norte, uma no Circuito do Ouro, e

as doze restantes no Circuito do Diamante.

Dessa forma, os 153 funcionários estimados perfazem uma média de 9,5 funcionários por agência, o que deve incluir guias e outros postos de trabalho eventuais e remunerados com base em produtividade (por trabalho realizado).

A estimativa de evolução dos postos de trabalho em agências de receptivo está demonstrada no gráfico 3.10.3. É o setor onde se nota maior oscilação em relação aos postos de trabalho de turismo.

Gráfico 3.10.3. Evolução do número de empregados no turismo e nas atividades de agências e operadoras de viagens e turismo na Chapada Diamantina – 92 - 99



Fonte: IH e HVS

A partir dos dados do IH para o Brasil, são estimados postos de trabalho em agências da Chapada Diamantina para o ano de 1999.

Tabela 3.10.9. Principais ocupações em agência de viagem – Chapada Diamantina - 1999

Ocupações	% no Brasil	C.D.*
Agentes de venda de passagens/Agentes de turismo	13,4	21
Ajudantes/Auxiliares Diversos	7,6	12
Agentes de passagens aéreas/Emissores de passagens aéreas	7,5	11
Donos/Sócios (Empregadores)	7,4	11
Motoristas	6,0	9
Agentes/Controladores/Inspetores de transporte	4,7	7
Diretores/Gerentes/Administradores	4,4	7
Supervisores/Chefes/Encarregados	4,0	6
Donos/Sócios (Conta própria)	3,6	6
Trabalhador braçal/Carregador/Descarregador	2,8	4
Operadores/Digitadores no processamento de dados	2,4	4
Mensageiros/Office-boys	2,2	3
Técnico de turismo	2,0	3
Balconistas/Atendentes	1,9	3
Secretárias	1,2	2
Ocupações diversas em agências de viagem e empresas de turismo	16,6	25
Outras	12,4	19
Total	100	153

* estimativa

Fonte: IH e FGV

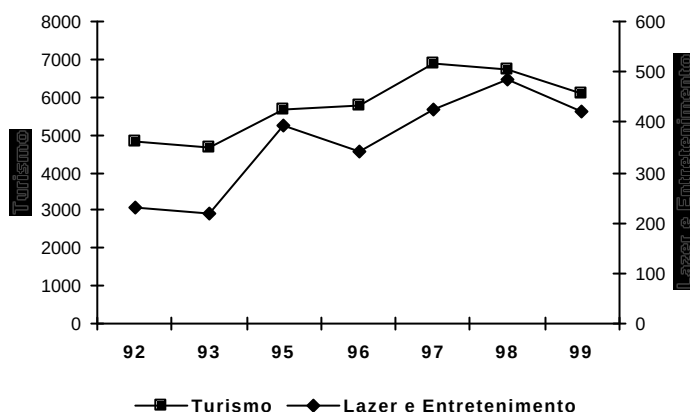
3.10.1.5. Empregos em Demais Empresas

Além de meios de hospedagem, restaurantes e agências de turismo, outras empresas relacionadas ao turismo identificadas na Chapada Diamantina incluem doze locadoras,

algumas poucas empresas de entretenimento e de artesanato, empresas eventuais informais e atividades indiretamente relacionadas ao fluxo turístico.

A metodologia utilizada para estimar o número de empregos gerados pelo turismo na Chapada Diamantina gerou um total de 2.220 postos de trabalho nessas empresas. A evolução estimada do número de empregados em lazer e entretenimento está mostrada no gráfico 3.10.4, enquanto o gráfico 3.10.5 ilustra a estimativa para o setor de transportes.

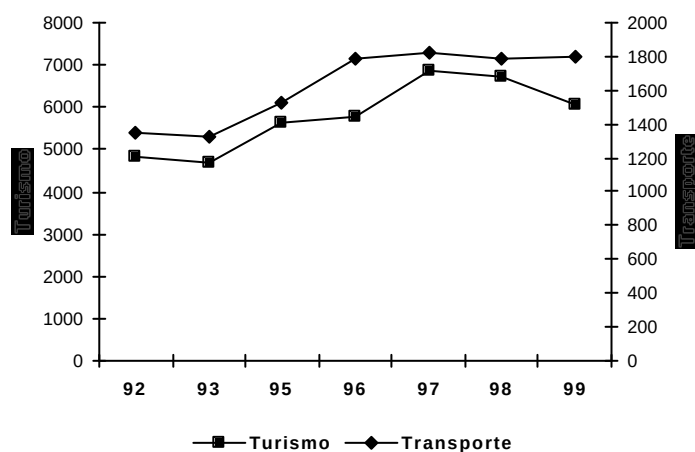
Gráfico 3.10.4. Evolução do número de empregados no turismo e nas atividades de lazer e entretenimento na Chapada Diamantina – 92 - 99



Fonte: IH e HVS

A geração de empregos na área de lazer e entretenimento tem uma variação similar à de turismo em geral, da mesma forma que na área de transporte.

Gráfico 3.10.5. Evolução do número de empregados no turismo e nas atividades de transportes na Chapada Diamantina – 92 - 99



Fonte: IH e HVS

As tabelas 3.10.9 e 3.10.10, respectivamente, mostram quais seriam as principais ocupações em lazer e entretenimento e em transportes, se considerados os percentuais de distribuição dos postos de trabalho medidos pelo IH para o Brasil.

Apesar de existirem poucos empreendimentos voltados ao entretenimento nos municípios da Chapada, as entrevistas realizadas de fato identificaram muitos músicos e artistas informais, que trabalham em áreas públicas, principalmente nos eventos regionais.

Tabela 3.10.10. Principais ocupações em lazer e entretenimento – Chapada Diamantina - 1999

Ocupações	% no Brasil	C.D.*
Músicos	22,4	94
Balconistas/Atendentes	13,1	55
Artistas/Atores/Cantores	9,5	40
Donos/Sócios (Conta Própria)	9,5	40
Donos/Sócios (Empregadores)	5,2	22
Empresários/Produtores/Diretores Artísticos	3,8	16
Recepcionistas	3,0	13
Cameramen/Cinegrafistas	2,7	11
Operadores de Equipamentos/Discoqueiros	2,4	10
Caixas	1,8	8
Garçons/Ajudantes de Garçon	1,7	7
Diretores/Gerentes/Administradores	1,5	6
Bilheteiros	1,4	6
Vigias	1,3	5
Motoristas/Manobristas	1,3	5
Operador de Caixa	1,2	5
Artistas de Circo	1,2	5
Supervisores/Chefes/Encarregados	1,1	5
Eletrotécnico/Reparador(TV e Som)	0,9	4
Trabalhador braçal/Carregador/Descarregador	0,9	4
Operador Cinematográfico	0,7	3
Instalador/Eletricista	0,7	3
Secretárias	0,6	3
Serventes/Faxineiros	0,6	3
Ajudantes/Auxiliares diversos	0,6	3
Porteiros/Empregados de Portaria	0,6	3
Tesoureiro/Agente recebedor e pagador	0,5	2
Decoradores/Cenográficos	0,5	2
Cozinheiros/Ajudantes de cozinha	0,4	2
Ocupações diversas de lazer e entretenimento	7,5	32
Outras	1,5	6
Total	100	421

* estimativa

Fonte: IH e FGV

As entrevistas realizadas também demonstraram a existência informal de transportadores, que levam os turistas aos atrativos da região, utilizando muitas vezes o veículo pessoal do motorista.

Tabela 3.10.11. Principais ocupações em transportes – Chapada Diamantina - 1999

Ocupações	% no Brasil	C.D.*
Motoristas/Taxistas	55,2	993
Cobreadores/Trocadores	12,5	225
Ajudantes/Auxiliares Diversos	2,9	52
Ajudantes de motoristas/Carregadores/Lavadores de veículos,etc	2,7	49
Despachantes/Fiscais/Inspetores/Agentes	2,6	47
Mecânicos/Auxiliares	2,0	36
Donos/Sócios(Empregadores)	1,9	34
Guardadores de veículos	1,3	23
Chefes/Encarregados/Supervisores/Assistentes	1,2	22
Recepcionistas/Atendentes/Agentes/Emissores de passagens	0,9	16
Diretores/Gerentes/Administradores	0,9	16
Guardas/Vigias/Vigilantes	0,8	14
Serventes/Faxineiros	0,8	14
Marinheiros/Tripulantes marítimos	0,6	11
Piloto/Capitão/Motorista/Patrão de embarcação	0,5	9
Telefonistas	0,5	9
Balconistas/Atendentes	0,4	7
Aeromoça/Comissário de bordo	0,4	7
Donos/Sócios(Conta Própria)	0,4	7
Piloto/Comandante/Mecânico de vôo	0,4	7
Agentes de venda de passagens/Agentes de turismo	0,4	7
Eletricistas	0,4	7
Pintores	0,4	7
Caixas	0,4	7
Máquinas de trem/Condutores de Metrô	0,3	5
Agentes/Bilheteiros/Inspetores e fiscais de estação de trem e metrô	0,3	5
Secretárias	0,3	5
Lanterneiros	0,3	5
Ocupações diversas de transportes	2,2	40
Outras	5,9	106
Total	100	1.799

* estimativa

Fonte: IH e FGV

3.10.1.6. Instituições de Capacitação e Treinamento

Considerando dados nacionais e estaduais, uma outra publicação do IH (“Oferta de Capacitação Profissional no Setor de Turismo”, 2001) mostra a Bahia como sendo um dos estados brasileiros com o maior número de instituições de ensino que se dedicam à capacitação profissional para a área de turismo (27 estabelecimentos na Bahia, 362 no Brasil). Entretanto, dentre os oito estados com maior número de instituições, é o que possui o menor índice de unidades de ensino no interior (tabela 3.10.11).

Tabela 3.10.12. Instituições de ensino no Brasil – Cursos de Turismo

Estados	Nº de Instituições	Taxa de interiorização
São Paulo	132	58%
Santa Catarina	29	69%
Bahia	27	30%
Paraná	25	52%
Minas Gerais	22	59%
Rio de Janeiro	18	39%
Rio Grande do Sul	17	76%
Pernambuco	11	45%
Outros estados	81	21%
TOTAL	362	48%

Fonte: IH, 1999

Nenhuma das 27 instituições de ensino identificadas pelo IH está localizada na Área de Planejamento. Entretanto, a cidade de Seabra possui uma unidade do SEBRAE que não constava da pesquisa do IH, e que é a única instituição de ensino que oferece regularmente cursos voltados para a área de turismo existente na Chapada Diamantina.

Conforme o SEBRAE, seus instrutores são cadastrados pelo SEBRAE-BA e possuem curso técnico ou de terceiro grau adequado à sua área de atuação. De acordo com o SEBRAE/Seabra, cada curso é ministrado por mais de um professor (entre três e quatro), com o objetivo de proporcionar aos alunos o contato com profissionais com diferentes visões e experiências no turismo.

Os cursos oferecidos pelo SEBRAE-BA voltados à atividade turística são, conforme a própria instituição, os relacionados na tabela 3.10.12.

Tabela 3.10.13. Cursos oferecidos pelo SEBRAE voltados à atividade turística

Curso	Público Alvo	Carga horária
Gerenciamento de Negócios - Bares e Restaurantes	Proprietários, supervisores e gerentes de restaurantes.	15 horas
Gerenciamento de Negócios - Hotéis	Gerentes, supervisores e proprietários de hotéis e pousadas.	15 horas
Iniciando um Pequeno Grande Negócio	Pessoas que pretendem ou têm idéia de ter um negócio próprio e necessitam de informações que lhes proporcionem maior segurança para tomada de decisões.	30 horas
Turismo - Como Montar Pousadas e Hotéis	Micro e pequenos empresários buscando oportunidades no setor turístico.	15 horas
Turismo - Interpretação Patrimonial	Empresários, gerentes e administradores de empreendimentos turísticos.	15 horas
Turismo - Restaurantes Temáticos	Empresários, gerentes e administradores de empreendimentos turísticos.	15 horas

Curso	Público Alvo	Carga horária
Turismo com Qualidade	Empresário e/ou profissionais que atuem na área de turismo em empresas de micro e pequeno porte.	20 horas
Turismo Ecológico - Básico	Empresários e/ou profissionais que atuem na área de turismo.	20 horas
Turismo no Meio Rural	Empresários, gerentes e potenciais empreendedores do meio rural.	20 horas
Turismo, Cidadania e Envolvimento Comunitário	Líderes comunitários e empresários.	15 horas
Qualidade em Atendimento	Todos os colaboradores da empresa.	15 horas

Fonte: SEBRAE (www.ba.sebrae.com.br)

A pesquisa do IH detectou, a partir de um questionário aplicado em instituições de ensino de todo o Brasil, que é comum que os professores vinculados a elas ministrem cursos fora da instituição, tanto de maneira autônoma (65,9%), quanto através das próprias instituições (53,3%). O mesmo foi constatado na pesquisa na Área de Planejamento, através de entrevistas com as secretarias de turismo de cada município ou, na falta dela, com o órgão municipal responsável.

Foram identificadas algumas iniciativas do poder público local, em parcerias com instituições de ensino, para promover a capacitação e o treinamento da população para a atividade turística. Entrevistas com o empresariado e com organizações sem fins lucrativos também apontaram para outras ações.

A maioria das atividades identificadas vem ocorrendo de forma irregular e no nível de formação básica em alguns municípios. Não foram identificadas ações concretas que visem à formação de instrutores ou multiplicadores locais. A tabela 3.10.13 resume as principais ações identificadas através das entrevistas, dividindo-as por circuito e por município.

Tabela 3.10.14. Cursos de capacitação no Turismo por município da Chapada Diamantina

Município	Iniciativa / Instituição	Curso	Observações
Circuito Chapada Norte			
Bonito	FETAG (1)	Guia de turismo	realizado em 2000
	Avante	"Meu negócio é turismo", qualidade no atendimento, cursos para taxistas e para guias.	
Jacobina	Prefeitura e Bahiatursa	Barman, administração de hotéis, recepção, camareira, entre outros.	diversas turmas
Miguel Calmon	Prefeitura; Escolas de ensino fundamental	Disciplina de turismo e meio ambiente	ação permanente
	Prefeitura; Parque Municipal Sete Passagens	Guia de turismo	diversas turmas
	SEBRAE	diversos	cursos abertos
Morro do Chapéu	SEBRAE	diversos	cursos abertos

Município	Iniciativa / Instituição	Curso	Observações
	Avante	"Meu negócio é turismo", qualidade cursos abertos no atendimento, cursos para taxistas e para guias.	
	COMTUR	Revista em quadrinhos para conscientização da população	desde novembro/2001
Circuito do Diamante			
Andaraí		Guia de turismo	Vários cursos serão iniciados em agosto/2002 através do SENAC de Salvador. Previstos 4 cursos por mês.
Ibicoara	Venturas; Bahia Ventura Prefeitura; Ibama	segurança e resgate	busca parceria com SEBRAE
Iraquara		guia de turismo	30 pessoas
Itaetê	FETAG (1), FACTUR	diversos	
Lençóis	SENAC Móvel	diversos	durante seis meses
		previstos 15 cursos para 2o. semestre 2002	
Mucugê	Bahiatursa; SENAC; Ibama	diversos	
Nova Redenção	SEBRAE	Qualidade no atendimento	
	FETAG (1)	Turismo rural	
Seabra	SEBRAE	diversos	
	Empresários	diversos de hotelaria	
Circuito do Ouro			
Livramento de N. Senhora	Governo do Estado em parceria com a Secretaria de Ação Social	Formação de garçons	curso aberto
Piatã	Prefeitura	Gestão de emp. turísticos poucos	curso aberto em 1997
Rio de Contas	Cooperativa de Artesanato; SENAC	Hotelaria, atendimento, artesanato, costura	
	SEBRAE	Formação de garçons, camareira, cozinheiro	

(1) FETAG - Federação de Trabalhadores Agrícolas

A Avante, sediada em Salvador, é uma das ONGs que trabalha em conjunto com o Programa Capacitação Solidária (PCS), criado em 1996 pelo Governo Federal, que seleciona e financia projetos de capacitação, a fim de compensar a reduzida oferta de cursos profissionalizantes voltados a jovens de 16 a 21 anos. Este programa concentra-se em atender as principais regiões metropolitanas do país, sendo que atualmente está buscando expandir sua área de atuação.

O PCS trabalha em parceria com organizações civis das localidades onde atua. Seu trabalho é viabilizado por intermédio da Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária (AAPCS), “uma organização sem fins lucrativos, que capta recursos junto à iniciativa privada e instituições nacionais e internacionais”. Este levantamento de verba possibilita o financiamento dos instrutores, material didático, alimentação, transporte e bolsa-auxílio para os participantes, além de uma quantia para cada organização capacitadora local. Dentre os cursos oferecidos, há capacitação voltada para ecoturismo e monitoria ambiental, educação ambiental, gestão de empreendimentos, governança (camareira), guia de museu, guia de turismo, hotelaria, lavanderia e tinturaria, recepção e atendimento em hotelaria, serviços de mesa ou balcão (garçom), tradutor-intérprete (espanhol e/ou inglês) e turismo.

A Bahiatursa também oferece cursos na região, seja através de seus próprios quadros ou através de parcerias com terceiros.

A Faculdade de Turismo da Bahia - FACTOR é a primeira faculdade de turismo do estado, aberta em 1984. Oferece o curso de Bacharel em Turismo e oportunidades de pós-graduação e extensão, desenvolvendo também ações de estudo e de pesquisa em Salvador. Na região da Chapada, ofereceu alguns cursos livres a convite de Itaetê.

O SENAC, especialmente através do SENAC móvel, possui atuação mais concentrada em Lençóis.

3.10.1.7. Conclusão

A educação básica de toda a população deve ser uma prioridade do poder público, uma vez que a carência na Chapada Diamantina não parece estar somente na capacitação específica para o exercício da atividade turística.

Apesar de grande parte dos empresários apontarem a capacitação de mão-de-obra como um de seus maiores problemas (ver capítulo 3.7), os outros problemas mencionados mostram que a referência à capacitação é em um nível muito mais de ampliação dos horizontes da comunidade local em relação à potencialidade da atividade turística.

Nas palavras de Léda (1995), que continuam atuais para grande parte dos municípios, “é certo que, até agora, a maioria ainda não encontrou emprego ou outra opção de diversificar as estratégias de sobrevivência, pelo menos de maneira permanente, em função do turismo, apesar das promessas do PRODETUR/NE I. Seguem, então, os nativos, desempenhando as mesmas atividades esporádicas que caracterizam o velho ‘circuito inferior’ terceiro-mundista, nas quais se mesclam os biscates urbanos em geral com esporádicas incursões extrativistas: cata de lenha, coleta de mangaba e mel, caça, garimpo” (pp. 173-174).

Destaca-se que há nos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina, assim como no Estado da Bahia de forma geral, um elevado potencial para o desenvolvimento da atividade turística que reside, entre outros aspectos, na hospitalidade do povo baiano. Este potencial poderia ser fortemente alavancado em um treinamento adequado que, acima de tudo, preservasse e valorizasse a cultura do povo baiano e fizesse com que ele se orgulhasse de ser baiano.

Desta forma entende-se que seja importante que as pessoas envolvidas na prestação de serviços no setor turístico tenham uma formação cultural mais genérica, que valorizasse a experiência cultural do turista da Chapada Diamantina, por um lado, e que aumentasse a motivação e a auto-estima da comunidade local envolvida com a atividade turística.

Também é clara a necessidade de cursos técnicos em maior número e, principalmente, de cursos de idioma, haja vista a grande poder de atração de demanda estrangeira que o pólo possui.

Sendo assim, um projeto que encare a educação para o turismo como algo contínuo e multidisciplinar poderia melhorar de fato a capacitação dos empregados no setor turístico. A partir disso então, sugere-se a criação de parcerias com instituições de ensino para a oferta de cursos com regularidade.

A idéia de aproveitar o potencial natural da hospitalidade do povo baiano requer programas de educação sócio-profissional, onde a convivência e as relações pessoais contam tanto quanto um conteúdo técnico e específico. Para tanto, novos espaços de aprendizagem podem ser descobertos, utilizando a empresa e a própria cidade como espaços educativos.

Desta maneira, o aprendizado para o turismo não estaria concentrado em cursos de tempo e conteúdo determinados, mas poderia ser feito em "eventos educativos", dentro e fora de salas de aula, onde cada experiência pessoal traz ao profissional mais elementos que ele poderia utilizar no trabalho e na relação com as pessoas.

Assim, espera-se que com uma melhor qualificação técnica e de nível superior, as comunidades locais insiram-se no sistema turístico do Pólo Turístico Chapada Diamantina de uma forma mais atuante e empreendedora, garantindo uma sustentabilidade social mais perene à atividade turística nos municípios.

3.11. Perfil do Turista

O objetivo deste capítulo é analisar a evolução histórica da visitação na área objeto de estudo, descrevendo o perfil socioeconômico da demanda turística e analisando suas preferências em relação aos equipamentos e serviços turísticos disponíveis. Faz-se necessário também, avaliar qualitativamente a infra-estrutura urbana existente no pólo e o nível de satisfação do turista durante sua experiência turística na região.

As principais fontes de dados para a identificação da demanda na área objeto de estudo foram as pesquisas de turismo receptivo realizadas pela Empresa de Turismo da Bahia – BAHIATURSA, nos municípios de Lençóis, Mucugê e Rio de Contas – destinações turísticas onde se situam a maior parte da oferta técnica turística regional. Os dados do ano 2000 para os municípios de Lençóis e Mucugê referem-se ao valor acumulado no ano. Já para Rio de Contas no ano de 2000, são utilizados dados referentes à pesquisa do mês de janeiro.

Desta forma, esclarece-se que o perfil do turista aqui caracterizado é representativo do visitante de toda a área objeto de estudo, configurando-se numa excelente ferramenta analítica. Assim, os quadros visam demonstrar o perfil médio dos turistas que viajam ao Pólo Turístico Chapada Diamantina, bem como seus interesses, suas condições de viagem e sua avaliação da região.

A metodologia aplicada pela Bahiatursa consistiu em entrevistas a turistas na saída das cidades, nos terminais rodoviários e no aeroporto, numa amostragem aleatória por conveniência. Foram considerados turistas aqueles que permaneciam pelo menos 24 horas na região e não mais do que um ano, sem que seja exercida qualquer atividade remunerada, conforme a denominação de “Turismo Receptivo” da Organização Mundial de Turismo – OMT.

3.11.1. Evolução

Segundo Léda⁵⁰ (1995: 97), o turismo na Chapada Diamantina tem como ícone inicial o tombamento do patrimônio histórico-arquitetônico de Lençóis, em 1973, com uma visitação principalmente regional. Para o autor, aos poucos a incipiente demanda turística começa a crescer, tendo como cidades emissoras Brasília e Goiânia. Era formada, basicamente, por representantes de firmas ou turistas de férias que, mais pela conveniência locacional do que por seus atrativos, escolhiam Lençóis para pernoite, rumo às capitais ou em busca das praias do Nordeste, via BR-242. Ainda neste período, enceta-se uma visitação da classe média universitária proveniente de Salvador que se extrapola a partir dos anos 1980.

50 Léda, Renato L. M. *A Sedução da Paisagem: A Chapada Diamantina e o Turismo Ecológico*. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH da USP. São Paulo, 1995.

Desde então a região passou a ter cada vez mais evidência no cenário nacional, com a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina em 1985 e com diversas matérias sendo publicadas em revistas de curiosidades geográficas, viagens e turismo e, posteriormente, pela televisão. Neste sentido, Léda (1995: 98) ressalta a primeira reportagem sobre a região exibida na grande mídia, em 1987, já sob o enfoque do turismo ecológico e que causou um inesperado impacto na atração de visitantes nos feriados que se seguiram, como pode ser demonstrado pelo relato de uma moradora de Lençóis:

“(...) até o grande dia D em que a Globo resolveu chegar aqui para fazer uma reportagem e aí foi a maior tragédia que aconteceu aqui. (...) faltavam ovos, verduras e era impossível encontrar um pedaço de carne”.

De fato, foi somente a partir dos anos de 1990 que os municípios da Chapada Diamantina começaram a se preparar para o desenvolvimento do turismo, se estruturando e recebendo uma demanda crescente, visualizado no quadro que segue.

Gráfico 3.11.1. Evolução da demanda turística em Lençóis (em mil pax)

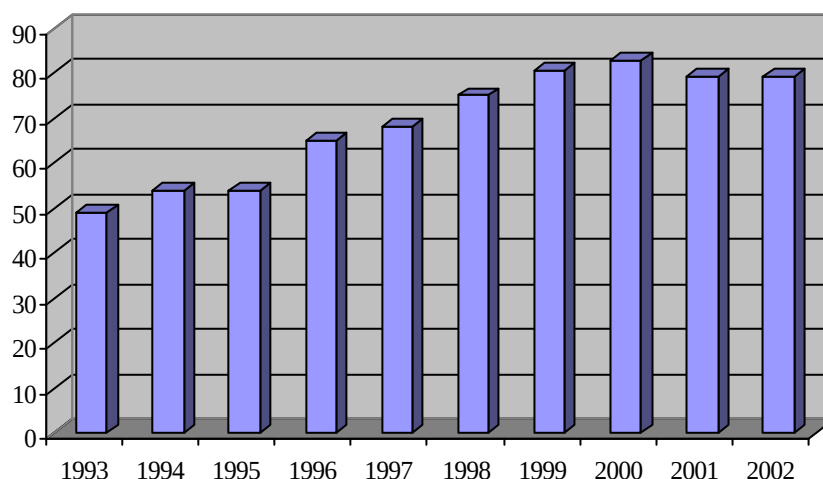


Tabela 3.11.1. Evolução da demanda turística em Lençóis (em mil pax)

	Ano										Crescimento 1993/2002
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002*	
Número de turistas	49,12	53,86	53,72	65,14	67,96	75,06	80,74	83,00	79,41	79,41	30,29
Crescimento (%)	-	9,6	-0,3	21,3	4,3	10,4	7,6	2,8	-4,3	0,0	61,7

Fonte: Bahiatursa, 2001

De fato, o crescimento apresentado nos últimos nove anos foi de 51,28%, passando de pouco mais de 49,12 mil turistas em 1993 para 74,31 mil estimados em 2002. Destaca-se a queda do número de turistas entre 2000 e 2001, que foi de 9,57%. De acordo com os dados fornecidos pela Bahiatursa, a região do Estado da Bahia que obteve o maior crescimento do número de turistas, entre 1993 e 2000, foi a região de Porto Seguro (crescimento de 95,6%), seguida da região de Morro de São Paulo e Valença (crescimento de 92,9%) e da região de Ilhéus (crescimento de 85%).

3.11.2. Procedência

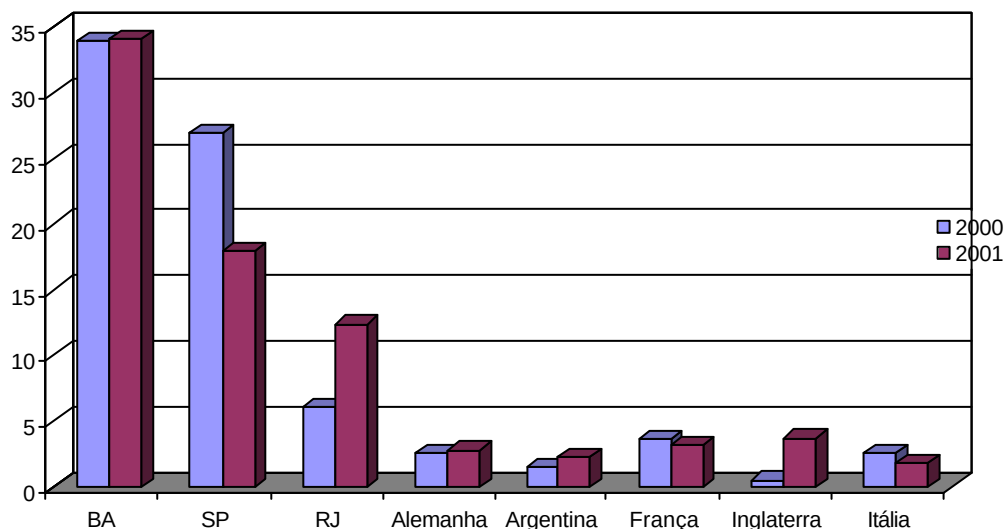
Tabela 3.11.2. Procedência da demanda turística

Município	1998 (%)		2000 (%)	
	Estrangeiro	Nacional	Estrangeiro	Nacional
Lençóis	16,3	83,7	17,8	82,2
Mucugê	0,0	100,0	5,0	95,0
Rio de Contas	0,0	100,0	0,0	100,0

Fonte: Bahiatursa, 2002

O percentual de turistas de origem interacional em Lençóis passou de 16,3% em 1998 para 17,8% em 2000. Tal fato também ocorreu em Mucugê, onde a tendência de crescimento percentual da demanda internacional também foi acentuada, saindo de 0% em 1998 para 5,0% dois anos mais tarde. Já em Rio de Contas não foi indicada a visitação expressiva de turistas internacionais. Cabe destacar que os turistas que visitam os municípios de Rio de Contas e Mucugê possuem um perfil de turista regional, sendo que é o município de Lençóis o portão de entrada do turismo na região da Chapada Diamantina.

Gráfico 3.11.2. Procedência da demanda turística em Lençóis (%)



Fonte: Bahiatursa, 2002

Tabela 3.11.3. Procedência da demanda turística - Lençóis (%)

Município	2000	2001
Bahia	34,0	34,1
São Paulo	26,9	18,0
Rio de Janeiro	6,1	12,4
Outros	15,2	12,9
Demanda nacional	82,2	77,4
Alemanha	2,5	2,8
Argentina	1,5	2,3
França	3,6	3,2
Inglaterra	0,5	3,7
Itália	2,5	1,8
Outros	7,2	8,8
Demanda internacional	17,8	22,6

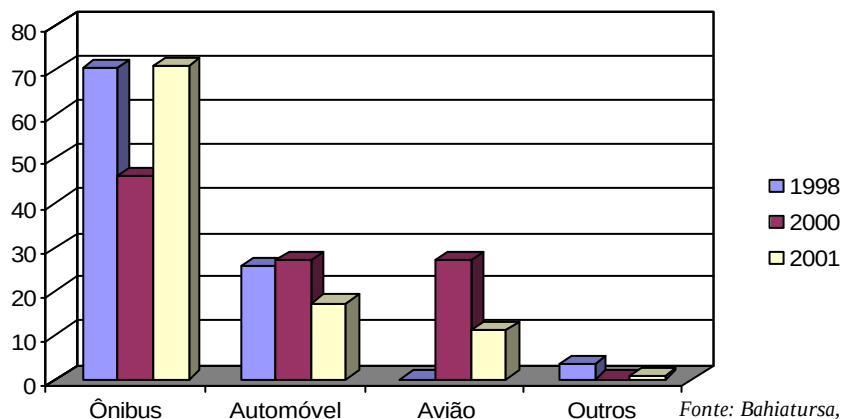
Fonte: Bahiatursa, 2002

Segundo a Bahiatursa, os turistas internacionais que visitam a Chapada Diamantina são procedentes em sua maioria da Europa. Cerca de 3,7% dos turistas em Lençóis vêm da Inglaterra, cerca de 3,2% da França e aproximadamente 2,8% da Alemanha (2001). Já em Mucugê (julho de 2000), os turistas franceses e italianos representam 3,6% do total de turistas cada um. Percebe-se que o fluxo de turistas internacionais vem aumentando paulatinamente na região de Lençóis, passando de 16,3% em 1998 para 22,6% em 2001, segundo pesquisa de turismo receptivo da Bahiatursa.

Já os visitantes nacionais são procedentes, em sua maioria, do próprio Estado da Bahia, com 34,1% dos turistas de Lençóis, 46,7% em Mucugê e 66,7% em Rio de Contas. Após estes, seguem os provenientes de São Paulo, com 26,9%, 25% e 19,1% da demanda em Lençóis, Mucugê e Rio de Contas, respectivamente. Salienta-se que estes dois mercados emissores são responsáveis por mais de 50% da demanda turística da Chapada Diamantina devido à proximidade – no caso da Bahia, e ao poder de compra relacionado ao Estado de São Paulo.

3.11.3. Meios de Transporte

Gráfico 3.11.3. Meios de transporte utilizados pela demanda turística em Lençóis (%)



Fonte: Bahiatursa, 2002

Tabela 3.11.4. Meios de transporte utilizados pela demanda turística em Lençóis (%)

Município	1998	2000	2001
Ônibus	70,5	46,2	71
Automóvel	25,9	26,9	17,1
Avião	-	26,9	11,1
Outros	3,6	-	0,9

Fonte: Bahiatursa, 2002

Em relação ao meio de transporte utilizado para se chegar ao destino, destaca-se em Lençóis o elevado número de visitantes de ônibus – com 71%, seguido dos que usaram o automóvel – com 17,1%, e o avião com 11,1%. Tal fato decorre porque este município é o “portão de entrada” à Chapada Diamantina e onde estão localizados a maioria dos prestadores de serviços turísticos da região – como agências, guias, locadoras etc. Ou seja, após chegar em Lençóis o visitante pode fazer diversos *tours*, locar um veículo ou até fazer travessias de *trekking*.

Como já citado no capítulo 3.3. Infra-estrutura no sub-item de transportes (3.3.3.2. Transporte Aéreo), o fluxo de passageiros no Aeroporto Coronel Horácio de Mattos em Lençóis apresentou, desde a sua inauguração em 1998, um crescimento de 265,6% de 1998 para 1999, de 135% de 1999 para o ano 2000, e um decréscimo de cerca de 18% entre 2000 e 2001. Vê se pelos números, que a construção do aeroporto em Lençóis, com recursos advindos PRODETUR/NE I, criou novas perspectivas para o turismo na região da Chapada Diamantina, haja vista que o aeroporto comporta aeronaves de maior porte e que atualmente recebe um fluxo de vôos regulares.

Em Mucugê e Rio de Contas, a maioria dos visitantes utiliza-se do automóvel (61,7% no primeiro e 71,4% no segundo), provavelmente porque são provenientes, em sua maioria, do próprio Estado da Bahia.

Cabe destacar também que a maioria dos turistas estrangeiros chega à Chapada Diamantina por meio de ônibus. No ano de 2000 esse tipo de transporte foi utilizado por cerca de 80% do fluxo internacional de turistas e em 2001 por 93,8 %.

3.11.4. Tipo de Alojamento

Tabela 3.11.5. Tipo de alojamento

Município	1998 (%)			2000 (%)		
	Hotel Classificado	Hotel Não Classificado	Extra-Hoteleiro	Hotel Classificado	Hotel Não Classificado	Extra-Hoteleiro
Lençóis	19,9	54,2	25,9	36,5	39,1	24,4
Mucugê	43,5	26,1	30,4	6,7	58,3	35,0
Rio de Contas	33,3	44,5	22,2	29,0	59,5	11,5

Fonte: Bahiatursa, 2002

Em Lençóis a maioria dos visitantes – cerca de 75% permanecem em equipamentos de hospedagem, como hotéis ou pousadas, podendo-se averiguar o crescimento significativo, entre os anos analisados, dos turistas que se alojamem em hotéis classificados, número que passou de 19,9% para 36,5%. Tal fato decorre, sobretudo, pelo aumento da oferta deste tipo de alojamento no município.

Já em Mucugê e Rio de Contas pode-se perceber o movimento inverso, ou seja, a diminuição da demanda hospedada em hotéis classificados, com o conseqüente crescimento do uso de hotéis não classificados.

3.11.5. Forma de Organização da Viagem

Tabela 3.11.6. Forma da organização da viagem em 2000 (%)

Município	Espontânea	Agência de Viagem
Lençóis	77,2	22,8
Mucugê	95,0	5,0
Rio de Contas	97,6	2,4

Fonte: Bahiatursa, 2002

Como pode-se verificar pela Tabela 3.11.6, tanto em Lençóis – com cerca de 77%, como em Mucugê e Rio de Contas – com 95% e 97,6% respectivamente, a maioria dos turistas não utiliza-se dos serviços de agências de viagem, visitando a região de forma espontânea. Cabe destacar, entretanto, que o percentual de turistas que viajaram desta forma para Lençóis caiu de 96,4%, em 1998, para 77,2%, em 2000, voltando a subir para 92,6% em 2001.

Esse aumento da participação das viagens organizadas por agências de viagens e turismo (operadoras) deve-se ao fato que o destino Chapada Diamantina vem sendo gradativamente mais trabalhado pelo *trade* turístico, sobretudo após inauguração do Aeroporto Coronel Horácio de Mattos em Lençóis em 1998.

Nota-se, por fim, que o percentual de turistas que utiliza serviços de agências para seguir até a Chapada é ligeiramente maior entre os turistas nacionais do que entre os estrangeiros (7,7% contra 6,1% em Lençóis no ano de 2001).

3.11.6. Características Socioeconômicas

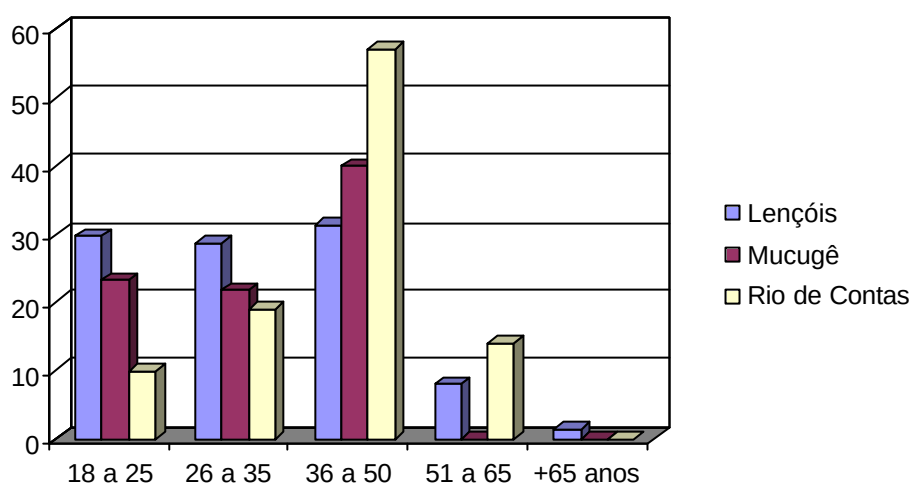
Tabela 3.11.7. Sexo dos visitantes em 2000 (%)

Município	Masculino	Feminino
Lençóis	51,3	48,7
Mucugê	51,7	48,3
Rio de Contas	64	36

Fonte: Bahiatursa, 2002

No Pólo Turístico Chapada Diamantina há uma leve predominância de visitantes do sexo masculino, com uma variação média dos turistas em cerca de 51,5% para homens e 48,5% para pessoas do sexo feminino.

Gráfico 3.11.4. Faixa etária dos visitantes em 2000 (%)



Fonte: Bahiatursa, 2002

Tabela 3.11.8. Faixa etária dos visitantes em 2000 (%)

Município	18 a 25	26 a 35	36 a 50	51 a 65	+65 anos	Idade Média
Lençóis	29,9	28,9	31,5	8,1	1,5	34 anos
Mucugê	23,3	21,7	40	nd	nd	37 anos
Rio de Contas	10	19	57	14	-	41 anos

Fonte: Bahiatursa, 2002

Como pode ser verificado na tabela 3.11.8, as faixas etárias que concentram maior número de turistas na Chapada Diamantina está entre 36 e 50 anos e entre 18 e 25 anos de idade. No município de Lençóis, destaca-se a presença de pessoas com idade entre 18 e 35 que representam 58,8% do total de turistas. Desta forma, a idade média nos municípios pesquisados situa-se entre 34 e 41 anos de idade.

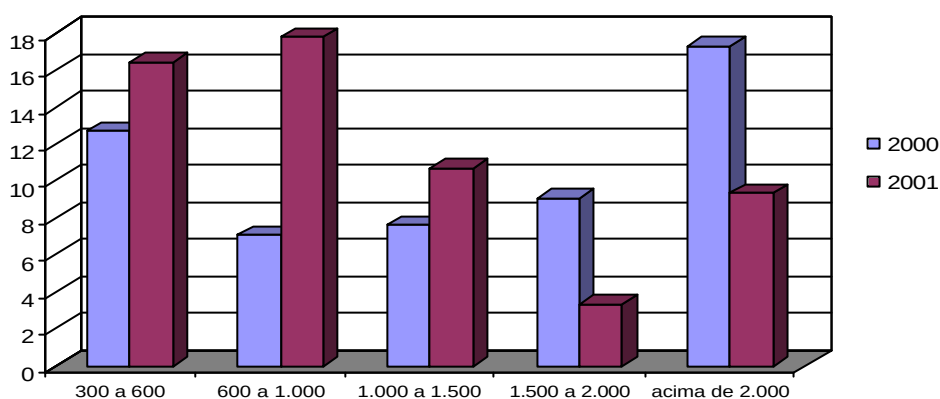
Tabela 3.11.9. Ocupação principal dos visitantes em 2000 (%)

Município	Estudante	Professor	Comerciário	Engenheiro	Empresário	Funcionário Público
Lençóis	21,3	15,2	9,1	4,6	4,6	-
Mucugê	16,7	-	10,0	-	-	8,3
Rio de Contas	-	10	14	-	12	19

Fonte: Bahiatursa, 2002

Quanto à ocupação principal dos visitantes à região objeto de estudo, nota-se que tanto em Lençóis como em Mucugê há a predominância de estudantes com 21,3% e 16,7% respectivamente, seguida de professores no primeiro e de comerciantes no segundo. Em Rio de Contas predomina a presença de funcionários públicos com 19%, comerciantes com 14% e professores com 10%.

Gráfico 3.11.5. Renda dos visitantes de Lençóis (%)



Fonte: Bahiatursa, 2002

Tabela 3.11.10. Renda dos visitantes de Lençóis (%)

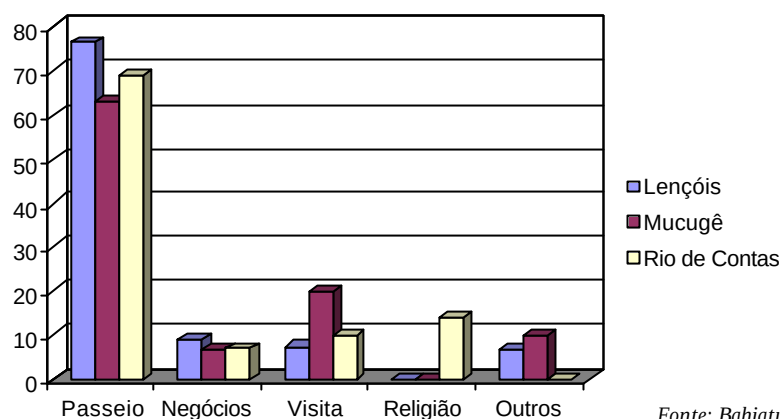
Faixa de renda (US\$ 1,00)	2000	2001
300 a 600	12,7	16,4
600 a 1.000	7,1	17,8
1.000 a 1.500	7,6	10,7
1.500 a 2.000	9,1	3,3
acima de 2.000	17,3	9,3
Renda média	US\$ 1.544,00	US\$ 1.101,00

(Fonte: Bahiatursa, 2002)

A renda média dos turistas da Chapada Diamantina sofreu um decréscimo entre 2000 e 2001, baixando de US\$ 1.544,00 para US\$ 1.101,00 por mês, entretanto, ainda pode ser considerada bastante elevada se comparada com o padrão de vida nacional. A faixa de maior renda (acima de US\$ 2.000,00), segundo as pesquisas de demanda turística da Bahiatursa, diminuiu sua participação, caindo de 17,3% em 2000 para 9,3% em 2001. A faixa de renda que mais cresceu no mesmo período é a dos visitantes que declararam possuir rendimentos mensais entre US\$ 300,00 e US\$ 1000,00.

3.11.7. Marco de Motivação

Gráfico 3.11.6. Marco de motivação dos visitantes em 2000 (%)



Fonte: Bahiatursa, 2002

Tabela 3.11.11. Marco de motivação dos visitantes em 2000 (%)

Município	Passeio	Negócio	Visita	Religião	Outros
Lençóis	76,6	9,1	7,6	-	6,7
Mucugê	63,3	6,7	20	-	10
Rio de Contas	69	7	10	14	-

Fonte: Bahiatursa, 2002

Como pode-se verificar pela tabela 3.11.11, a grande maioria dos visitantes da Chapada Diamantina vai à região para passeio, ou seja, lá desenvolvem atividades relacionadas essencialmente ao lazer. Dentre os que vão a passeio a motivação principal é a visita aos atrativos naturais, citados por 93,4% e 89,5% dos entrevistados em Lençóis e Mucugê, respectivamente.

3.11.8. Estadia Média

Tabela 3.11.12. Estadia média (dias/pessoa)

Município	1998		2000		2001	
	Brasileiros	Estrangeiros	Brasileiros	Estrangeiros	Brasileiros	Estrangeiros
Lençóis	5,66	7,04	6,77	7,17	6,8	7,2
Mucugê	4,70	0,0	6,16	9,33	n/d	n/d
Rio de Contas	3,81	0,0	4,0	0,0	n/d	n/d

Fonte: Bahiatursa, 2002

Em relação ao tempo médio de estadia na região objeto de estudo, os turistas estrangeiros em Lençóis permanecem um pouco mais do que os brasileiros, mas ambos ficam cerca de uma semana no município. Já em Mucugê há um grande diferença entre os visitantes nacionais – com uma estadia média de 6,16 dias, e os internacionais – que é de 9,33 dias.

É importante destacar-se que além da permanência média poder ser considerada elevada, ela vem aumentando desde 1998 nos dois mercados consumidores. Ressalta-se, ainda, que o visitante que permanece o maior período de tempo na região é o que se hospeda em equipamentos extra-hoteleiros – cerca de 10 dias em Lençóis e 13 dias em Mucugê, seguido do que se aloja em hotéis não classificados – 6,39 dias no primeiro e 2,37 dias no segundo.

3.11.9. Gasto Médio

Tabela 3.11.13. Gasto médio diário individual (US\$ 1,00)

Município	1998		2000		2001	
	Brasileiros	Estrangeiros	Brasileiros	Estrangeiros	Brasileiros	Estrangeiros
Lençóis	22,50	26,69	28,20	16,31	21,8	19,1
Mucugê	16,96	-	10,50	7,57	n/d	n/d
Rio de Contas	16,75	-	15,00	-	n/d	n/d

Fonte: Bahiatursa, 2002

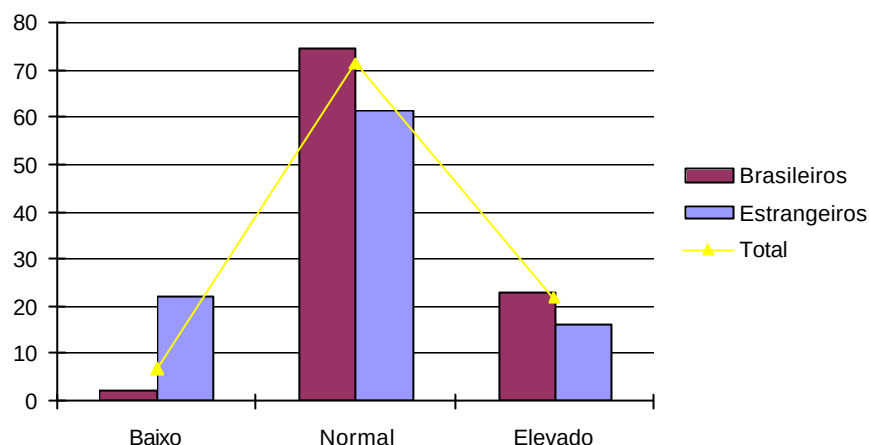
No município de Lençóis, o gasto médio dos turistas é bastante superior ao observado em Mucugê e Rio de Contas nos últimos anos. Salienta-se que esse maior gasto *per capita* ocorre justamente nos município do Pólo Turístico Chapada Diamantina onde a atividade turística já se encontra mais desenvolvida em termos de oferta técnica, podendo oferecer ao turista variados serviços de turismo receptivo ainda não disponíveis em qualidade ou em quantidade nos outros municípios do pólo.

A média de gastos diário individual no município de Lençóis caiu ligeiramente nos últimos anos – decrescendo de US\$ 22,90 em 1998 para US\$ 21,10 em 2001. Dentro do mesmo período, todavia, houve um relativo incremento nos gastos diários *per capita*, que chegou aos US\$ 29,00 no ano de 1999. Tal aumento ocorreu, em grande parte, devido à crise cambial ocorrida no início o ano de 1999, quando os destinos internacionais tornaram-se mais caros repentinamente, o que gerou alguns benefícios para o turismo doméstico. Mesmo com a vantagem cambial propiciada aos turistas estrangeiros, foram os turistas brasileiros os que apresentaram maior gasto médio diário no município de Lençóis para o ano de 2001.

3.11.10. Percepção do Destino

Neste item, serão analisadas questões relativas à forma com que o destino turístico da Chapada Diamantina é percebido pelos seus turistas sobre aspectos da infraestrutura urbana, dos atrativos e dos equipamentos turísticos, bem com dos preços praticados. A análise detalhada desses dados permite conhecer quais são as deficiências do produto turístico da Chapada Diamantina e, desta forma, estabelecer as prioridades de investimento por parte do Poder Público no tocante ao desenvolvimento turístico.

Gráfico 3.11.7. Avaliação quanto ao nível dos preços – Lençóis 2001 (%)



Fonte: Bahiatursa, 2002

Tabela 3.11.14. Avaliação quanto ao nível dos preços – Lençóis 2001 (%)

	Baixo	Normal	Elevado
Brasileiros	2,4	74,4	23,2
Estrangeiros	22,4	61,2	16,3
Total	6,9	71,4	21,7

Fonte: Bahiatursa, 2002

Em relação aos preços praticados no município de Lençóis, os turistas brasileiros mostraram-se mais sensíveis aos preços – cerca de 23% dos turistas acharam que os preços cobrados são elevados e, apenas 2,4% consideraram os preços como baixos. Já entre os estrangeiros, aproximadamente 23% dos turistas acharam que os preços cobrados são baixos e 16,3% os consideraram como elevados. De forma geral, 70% dos turistas consideraram que os preços praticados são normais.

Tabela 3.11.15. Avaliação quanto à infra-estrutura urbana – Lençóis 2001 (%)

	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Não sabe
Comunicações	20,7	42,4	4,1	5,1	4,1	23,5
Segurança pública	15,2	31,8	9,7	2,3	0	4,1
Limpeza pública	11,1	47,5	18,9	8,3	3,7	10,6
Aeroporto	7,8	4,6	2,3	0,5	0,5	84,3
Terminal rodoviário	2,8	14,7	21,2	8,8	6,5	46,1
Serviços médicos	2,8	5,5	5,5	1,8	1,8	82,5
Ônibus urbano	0,5	3,2	0,9	0,9	0,9	93,5

Fonte: Bahiatursa, 2002

De acordo com as Pesquisas de Demanda Turística realizadas pela Bahiatursa, a infra-estrutura urbana de Lençóis é bem avaliada pelos seus visitantes. Mais da metade dos turistas avaliaram como ótima ou boa a rede de comunicações instalada no município (63,1%). A limpeza urbana foi considerada regular por

18,9% dos turistas. O terminal rodoviário foi o item relativo à infra-estrutura urbana com a pior avaliação – aproximadamente 36% dos entrevistados o avaliaram como de regular a péssimo. Houve um grande percentual de turistas (mais de 82%) que disseram não saber avaliar o aeroporto, os serviços médicos e os ônibus urbanos, o que de certa forma indica que esses serviços ainda são pouco utilizados pelos turistas.

Tabela 3.11.16. Avaliação quanto à comunicação – Lençóis 2001 (%)

	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Não sabe
Informação turística	28,6	31,3	13,4	2,8	1,4	22,6
Sinalização turística	11,1	16,6	21,2	6,9	3,2	4,1
Sinalização urbana	3,7	18,4	16,6	2,8	0,5	58,1

Fonte: Bahiatursa, 2002

A informação turística é bem avaliada pelos visitantes de Lençóis, cerca de 60% revelaram não ter tido problema em consegui-la, considerando-a como ótima ou boa. A sinalização turística, entretanto, foi considerada regular para 21,2% dos turistas. Destaca-se aqui a importância da informação e da sinalização turísticas, haja visto que essa é uma demanda constante dos entrevistados, sobretudo os estrangeiros.

Tabela 3.11.17. Avaliação quanto aos atrativos – Lençóis 2001 (%)

	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Não sabe
Atrativos naturais	81,1	14,7	0,5	0	0	3,7
Hospitalidade do povo	63,1	29,5	1,8	0,5	0	5,1
Patrimônio histórico/cultural	39,2	46,5	8,8	0,5	0	5,1
Manifestações populares	13,4	24,0	10,6	2,3	1,4	48,4

Fonte: Bahiatursa, 2002

Entre os componentes do produto turístico da Chapada Diamantina, destaca-se a avaliação como ótimo dos atrativos naturais e da hospitalidade do povo da cidade (81,1% e 63,1% respectivamente). O patrimônio histórico/cultural da cidade foi considerado bom por 46,5% dos turistas em 2001.

Tabela 3.11.18. Avaliação quanto aos equipamentos e serviços – Lençóis 2001 (%)

	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Não sabe
Passeios oferecidos	50,7	29,5	2,3	0,5	0	17,1
Meios de hospedagem	44,2	36,9	7,4	0,5	0	11,1
Bares/restaurantes	20,7	51,6	20,3	0,9	1,4	5,1
Diversões noturnas	9,7	28,1	17,1	5,5	1,4	38,2
Comércio/compras	7,4	30,4	24,9	3,2	0	34,1
Guias de turismo	4,7	23,5	5,1	1,8	0,5	22,1
Empresas/serviços de receptivo	2,9	27,2	3,2	0,9	0	39,6

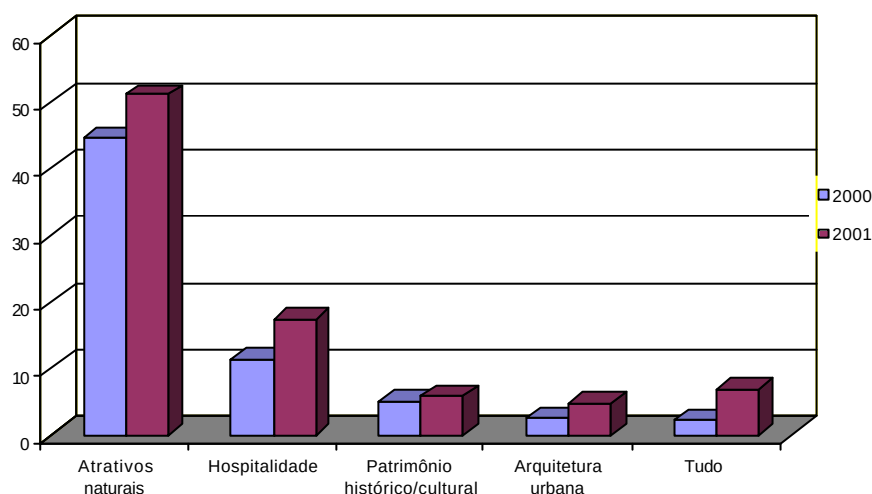
Fonte: Bahiatursa, 2002

O serviço do *trade* de Lençóis mais bem avaliado pelos turistas foi o dos passeios oferecidos aos turistas para a visita dos atrativos (50,7% dos turistas os consideraram ótimos). Em segundo lugar aparecem os meios de hospedagem, que foi o equipamento turístico mais bem avaliado pelos turistas – quase metade

(44,2%) os avaliou como ótimos e, aproximadamente 37% como bom. Já o setor do comércio não foi tão bem avaliado, o que indica que deve haver mais atenção por parte dos empresários locais quanto à qualidade e a variedade dos produtos vendidos para os turistas na cidade.

Destaca-se aqui, que o fato de o município possuir um comércio diversificado e ágil, faz com que o setor funcione como um importante elemento multiplicador dos benefícios socioeconômicos advindos com a atividade turística, gerando emprego e renda para a comunidade do município e da região. Tal oportunidade está sendo minimizada na região estudada pois como pode-se identificar pela tabela acima, 39,6% dos entrevistados declararam não conhecer as empresas de serviços receptivos, bem como 38,2% e 34,1% desconhecem as diversões noturnas e o comércio local, respectivamente.

Gráfico 3.11.8. O que mais agradou – Lençóis (%)



Fonte: Bahiatursa, 2002

Tabela 3.11.19. O que mais agradou – Lençóis (%)

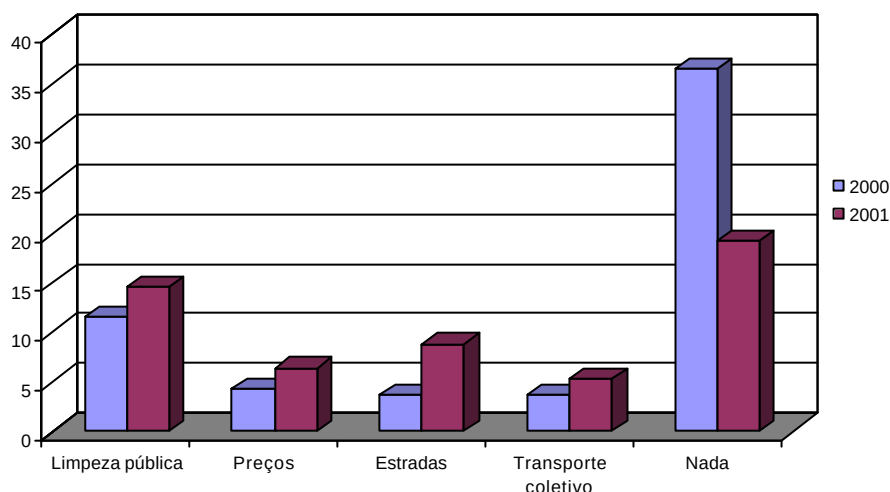
	2000	2001
Atrativos naturais	44,6	51,0
Hospitalidade	11,5	17,5
Patrimônio histórico/cultural	5,2	5,8
Arquitetura urbana	2,6	4,9
Tudo	2,2	6,8

Fonte: Bahiatursa, 2002

Os atrativos naturais de Lençóis constituem o fator de maior preferência para mais da metade dos turistas de Lençóis (51% em 2001). Evidenciam-se aqui, os pilares atuais do produto turístico de Lençóis – atrativos naturais de grande valor cênico e um povo hospitaleiro.

O valor do patrimônio histórico/cultural e a arquitetura urbana, identificados na região com os bens históricos materiais e imateriais, e bem caracterizados pelos casarões ainda preservados, é apontado como o fator que mais agradou a aproximadamente 10,7% dos turistas. Destaca-se aqui que a existência de atrativos complementares, como a arquitetura colonial de Lençóis, contribui para aumentar a permanência dos turistas no município, maximizando os impactos positivos da atividade turística na economia local.

Gráfico 3.11.19. O que menos agradou – Lençóis (%)



Fonte: Bahiatursa, 2002

Tabela 3.11.20. O que menos agradou – Lençóis (%)

	2000	2001
Limpeza pública	11,5	14,6
Preços	4,2	6,4
Estradas	3,7	8,8
Transporte coletivo	3,7	5,3
Nada	36,6	19,3

Fonte: Bahiatursa, 2002

Entre os fatores que menos agradaram aos turistas em Lençóis, está a limpeza pública. Conforme mencionado em tabelas anteriores, aproximadamente um terço dos turistas avaliaram a limpeza pública entre regular e péssimo. Destaca-se também a que as condições das estradas desagradaram 8,8% dos turistas em 2001.

Cabe salientar que a limpeza urbana e a acessibilidade são fatores de suma importância no desenvolvimento turístico de uma dada região. Destinos sujos e com acessos precários (neste caso, acessos terrestres) causam péssimas impressões nos visitantes. Estes por sua vez, após o regresso ao seu local de origem, tornam-se poderosos propagadores das impressões vivenciadas no destino turístico visitado.

Por fim, vale salientar que o maior percentual de respostas registrado nesta pergunta corresponde a “nada desagradou”, o que significa uma aceitação positiva do destino pelos turistas. No ano de 2000, este percentual foi de 36,6% e no ano seguinte de 19,3%.

3.11.11. Conclusão

Analisando-se a evolução do perfil do turista para o Pólo Turístico Chapada Diamantina, pode-se compreender que tal demanda deverá prosseguir em sua tendência para o aumento do número de visitantes nacionais – provenientes de outros estados – com destaque para São Paulo e Rio de Janeiro, e internacionais, com destaque para Alemanha, França e Itália (maiores detalhes sobre a demanda futura para a região objeto de estudo são abordados com maior profundidade no capítulo 3.14. Demanda Atual e Potencial).

O meio de transporte mais utilizado pelos turistas deverá continuar a ser o rodoviário, entretanto, espera-se um crescimento do fluxo de passageiros no Aeroporto de Lençóis.

O fluxo de visitantes continuará se alojando em equipamentos de hospedagem assemelhados em Lençóis e não classificados em Mucugê. O serviço de auxílio prestado por agências de receptivo ou operadoras de viagens tende a crescer (sobretudo em Lençóis), a medida em que novos produtos são formatados e novos passeios são oferecidos aos turistas.

Em geral, serão tanto homens quanto mulheres, com idade entre 18 e 50 anos e uma renda mensal entre US\$ 1.000,00 e US\$ 2.000,00. Terão como motivação principal as viagens a passeio relacionadas aos atrativos naturais como cachoeiras, grutas, piscinas naturais etc., permanecendo na área objeto de estudo em torno de uma semana.

Deve-se, portanto, preparar a região para o aumento na visitação e para a mudança no perfil do turista, que passará a ser paulatinamente mais exigente e seletivo em relação aos atrativos visitados e aos equipamentos e serviços utilizados. Desta forma, investimentos em infra-estrutura urbana como saneamento básico, limpeza urbana e sinalização turística, entre outros aspectos torna-se essencial para o desenvolvimento sustentável da atividade turística na Chapada Diamantina.

Cabe salientar também, a importância do estabelecimento de mecanismos de controle da visitação aos atrativos naturais da região para que a capacidade de suporte desses ambientes não seja superada. Uma visitação excessiva coloca em risco a sustentabilidade ambiental da oferta diferencial da região, sobretudo dentro dos limites do Parque Nacional da Chapada Diamantina, onde a visitação ocorre com maior intensidade.

3.12. Gastos Turísticos

Este capítulo do Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável da Chapada Diamantina tem como objetivo analisar o volume e a evolução do gasto total e diário por turista na região do pólo. Serão analisados aspectos relacionados ao comportamento dos gastos turísticos segundo os mercados emissores e sua distribuição entre os diferentes setores do *trade* turístico (hospedagem, alimentação, transportes, diversão etc). Ao final do capítulo, será apresentada uma conclusão sobre a magnitude dos gastos turísticos em relação aos outros setores da economia local.

Para a elaboração do presente capítulo utilizou-se como fonte de dados principal o estudo realizado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – FIPE/USP denominado “*Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil*”, publicado em Junho de 2002. Além desta e para um dimensionamento mais correto da realidade da área objeto de estudo, utilizaram-se as Pesquisas de Demanda Turística realizadas pela Bahiatursa no município de Lençóis, principal destino turístico da Chapada Diamantina.

Destaca-se que o estudo publicado pela FIPE objetivou, primeiramente, caracterizar e dimensionar o mercado de turismo doméstico no Brasil. Para tanto, buscou-se identificar os principais centros emissores, os principais motivos de viagem, a estrutura de gastos e o perfil socioeconômico dos turistas, entre outros aspectos. Tal pesquisa consistiu na coleta de dados primários por meio de entrevistas em domicílios, distribuídos por todo o país, de forma a maximizar a representatividade da população por estratos de renda e em termos regionais. A amostra estipulada foi de aproximadamente 15 mil domiciliares, admitindo um erro de estimativa de 0,8% para o total Brasil.

3.12.1. Volume e Procedência

Segundo os estudos realizados pela Empresa de Turismo da Bahia – Bahiatursa, o volume de gastos efetuado pelos turistas no município de Lençóis gerou uma receita turística de aproximadamente US\$ 10,7 milhões no ano de 2000 (para maiores detalhes vide item 3.14. Demanda Atual e Potencial). Ainda segundo a Bahiatursa, tal montante chegou aos US\$ 9,13 milhões em 2001 e estima-se que atinja US\$ 9,31 milhões em 2002.

A tabela apresentada a seguir é uma compilação de dados de pesquisas realizadas pela Bahiatursa nos anos de 2000 e 2001. A tabela mostra a participação dos principais mercados emissores no total de gastos efetuados pelos turistas no

município de Lençóis nos dois períodos. Os dados foram obtidos a partir de informações levantadas pelas Pesquisas de Demanda Turística sobre o gasto total das pessoas entrevistadas em cada ano, sendo que a amostra utilizada como referência para a pesquisa do ano 2000 foi de 197 pessoas e no ano de 2001 de 217. Apesar de não ser uma ferramenta analítica indicada, sobretudo pelo órgão responsável pela pesquisa, optou-se aqui por extrapolar o comportamento apresentado pelas amostras das pesquisas para todo o universo de turistas do município.

Considera-se que a identificação do nível de gastos dos principais mercados emissores de turistas para a região da Chapada Diamantina seja uma informação de extrema relevância no intuito de embasar o planejamento das ações de marketing turístico nos municípios do pólo. Tendo em vista, portanto, a função estratégica da informação e a natureza dos dados disponíveis atualmente, acredita-se que a utilização deste mecanismo estatístico seja a forma mais adequada para identificar a origem da receita gerada pelo turismo na área objeto de estudo.

Gráfico 3.12.1. Participação dos mercados emissores nos gastos turísticos – Lençóis (%)

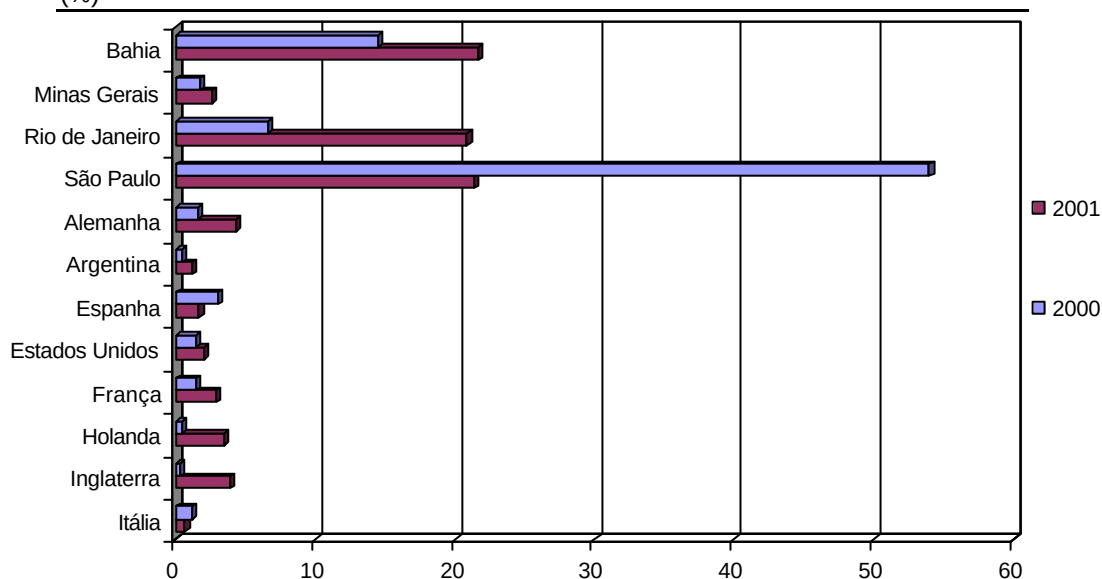


Tabela 3.12.1. Participação dos mercados emissores nos gastos turísticos – Lençóis (%)

Residência Permanente	2000	2001
Bahia	14,5	21,7
Minas Gerais	1,8	2,6
Rio de Janeiro	6,7	20,9
São Paulo	54,0	21,4
Total Brasil	88,7	76,4
Alemanha	1,6	4,3
Argentina	0,5	1,2

Residência Permanente	2000	2001
Espanha	3	1,7
Estados Unidos	1,5	2
França	1,5	2,9
Holanda	0,5	3,5
Inglaterra	0,3	3,9
Itália	1,2	0,7
Total demais países	11,3	23,6

Fonte: Bahiatursa, 2002

A demanda doméstica apresenta notável participação no turismo do município de Lençóis e, de forma geral, no Pólo Turístico Chapada Diamantina como um todo com o turismo interno sendo responsável pela maior parte da receita obtida através dos gastos turísticos no município. No ano de 2000, estima-se que a participação do mercado interno foi de aproximadamente 88,7% do total de gastos. Já em 2001, o percentual de gastos feitos por turistas estrangeiros que visitaram o município de Lençóis mais que dobrou, passando de 11,3% para 23,6%.

Os principais mercados emissores de turistas para o Pólo Turístico Chapada Diamantina são os estados da Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. Juntos, os três foram responsáveis por cerca de 75,2% do total de receitas turísticas na região no ano de 2000; em 2001 este percentual foi de aproximadamente 64%. Observa-se que, entre 2000 e 2001, ocorreu uma melhor distribuição da procedência dos gastos turísticos em Lençóis provenientes destes três estados, haja vista que em 2000, o Estado de São Paulo foi responsável por mais da metade dos gastos turísticos no município de Lençóis; em 2001 este percentual diminuiu aproximadamente 60%, ficando em cerca de 21,4% do total de gastos.

O Estado de São Paulo é o mercado que apresenta o maior poder de compra no município de Lençóis, destacando-se que apesar deste estar diminuindo sua participação em número de turistas entre 2000 e 2001 (queda de aproximadamente 30%), ainda foi responsável por cerca de 21,4 % da receita turística em Lençóis no ano de 2001 (para informações sobre a evolução da procedência dos turistas, ver capítulo 3.11 Perfil do Turista). O gasto médio diário individual dos paulistas caiu de US\$50,50 em 2000 para US\$18,30 em 2001 (queda de 64%). Destaca-se, todavia, que a redução do gasto médio em dólar é também reflexo do aumento da cotação da moeda no Brasil e não apenas da redução dos gastos em termos reais.

Já o Estado da Bahia, aumentou modestamente sua contribuição em número de turistas entre 2000 e 2001 (aumento de 4,3%). Houve, entretanto, um significativo aumento no nível de gasto dos turistas baianos no mesmo período, o que fez subir sua participação no total de gastos efetuados em Lençóis de 14,5% para 21,7%. O gasto médio diário individual dos baianos também subiu, passando de US\$ 11,40 para US\$ 18,60. Corroborando esta tendência de crescimento no nível de gastos deste mercado emissor, tem-se o fato de que os baianos diminuíram o tempo de sua permanência no município de Lençóis de 6,8 para 4,1 dias em média.

Outro mercado emissor que se destaca neste cenário é o do Rio de Janeiro. O número de turistas cariocas em Lençóis mais do que dobrou entre 2000 e 2001, o

que aumentou sua participação na receita turística do município em aproximadamente 200%. Entretanto, o gasto médio individual dos cariocas diminuiu de US\$32,70 para US\$27,10 diários (queda de 17%).

No ano de 2001 o fluxo de turistas estrangeiros na Chapada Diamantina foi de aproximadamente 22,6% do total, o que representa um crescimento de 32% em apenas um ano. A participação destes turistas no total de gastos efetuados em Lençóis também apresentou uma elevação entre 2000 e 2001, subindo de 11,3% para 23,6% (crescimento de aproximadamente 109%). Destaca-se que entre 1998 e 2000, o gasto médio dos turistas estrangeiros decresceu 38,9%, caiu de US\$26,69 para US\$16,31. Já em 2001, esse valor voltou a subir, chegando aos US\$ 19,10 diários (crescimento de 17,1% entre 2000 e 2001).

Gráfico 3.12.2. GMDI dos turistas segundo a residência permanente – Lençóis (US\$)

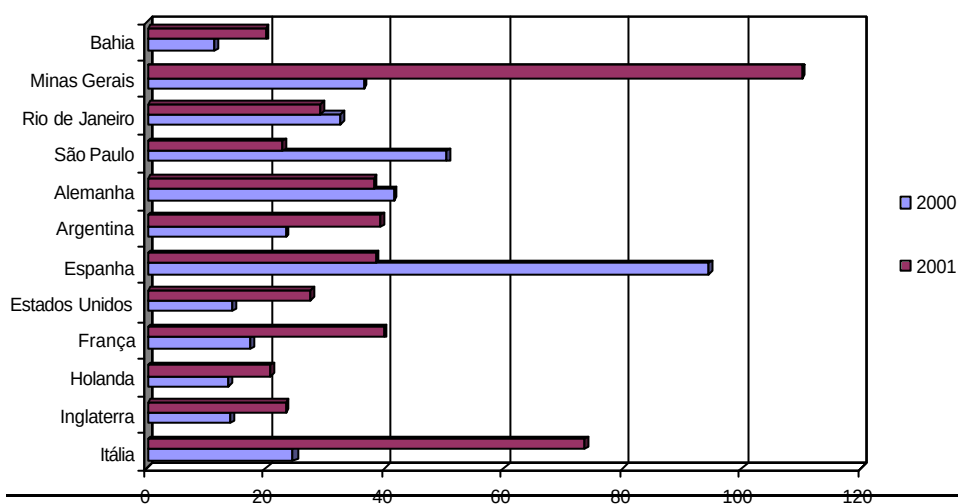


Tabela 3.12.2. GMDI dos turistas segundo a residência permanente – Lençóis (US\$)

Residência Permanente	2000	2001
Bahia	11,4	18,6
Minas Gerais	36,6	62,6
Rio de Janeiro	32,7	27,1
São Paulo	50,5	18,3
Total Brasil	28,2	21,8
Alemanha	41,6	22,7
Argentina	23,4	18,5
Espanha	94,5	23,1
Estados Unidos	14,4	27,6
França	17,5	29,6
Holanda	13,8	14,1
Inglaterra	14,1	13,9
Itália	24,6	15,3
Total demais países	16,3	19,1

Fonte: Bahiatursa, 2002

Nos últimos dois anos a França consolidou-se como o maior mercado emissor de turistas estrangeiros para a Chapada Diamantina. O gasto médio diário individual dos franceses aumentou de US\$ 17,50 em 2000 para US\$ 19,60 em 2001 (crescimento de 12%). Tal crescimento fez com que a demanda de turistas franceses na Chapada Diamantina fosse responsável por 2,9% do total de gastos turísticos em Lençóis no ano de 2001, um valor 93% maior do que o verificado no ano de 2000, que foi de cerca de 1,5%.

O segundo maior mercado emissor de turistas internacionais para Lençóis é o da Alemanha. O gasto médio individual dos alemães, entretanto, caiu 45% entre 2000 e 2001, passando de US\$41,60 para US\$22,70 diários. Observa-se que o volume de gastos efetuados pelos turistas alemães cresceu aproximadamente 269%, passando de 1,6% do total em 2000 para 4,3% em 2001. Cabe destacar que a permanência média dos alemães aumentou de 4 para 6,8 dias no mesmo período o que justifica este aumento no total de gastos. Destaca-se também, o crescimento do gasto médio dos turistas norte-americanos, que passou de US\$14,40 para US\$27,60 diários (crescimento de 92%).

Em relação aos turistas estrangeiros, salienta-se que ainda que possuam uma menor participação no fluxo total de turistas, a demanda internacional de pessoas que visitam a região da Chapada Diamantina possui grande importância para a economia do Estado da Bahia e do Brasil. O incremento deste fluxo turístico contribui sobremaneira com a balança comercial do país, tendo em vista que as receitas turísticas internacionais são contabilizadas como exportação e intensificam a tendência atual de reversão do saldo deficitário da Conta Turismo no Brasil, o que certamente contribui com a diminuição do déficit em conta corrente registrado no país nos últimos anos.

De acordo com dados do Banco Central do Brasil, o déficit registrado na Conta Turismo em 1998 foi da ordem de US\$4,2 bilhões. Já segundo a Embratur, o saldo foi de cerca de US\$ 2 bilhões negativos no mesmo período⁵¹. A diferença entre os dois valores deve-se ao fato de o Banco Central não reconhecer as conversões de divisas no mercado informal, que, sabidamente possuem importância no setor turístico.

Segundo os dados da FIPE, a tendência favorável em termos de queda do déficit na Conta Turismo no Brasil, registrada após a crise cambial de 1999, deve-se mais em função da redução de gastos dos brasileiros com viagens para o exterior do que em função do aumento efetivo das receitas provenientes de um aumento significativo da demanda internacional de turistas.

A tabela e o gráfico apresentados a seguir mostram a permanência média dos turistas segundo sua residência permanente. Destaca-se uma diminuição do tempo médio de permanência dos turistas no município de Lençóis entre 2000 e 2001, sobretudo nos principais mercados emissores (Bahia e São Paulo). Em alguns mercados houve um crescimento da permanência média, com o caso do Rio de Janeiro, França e Alemanha.

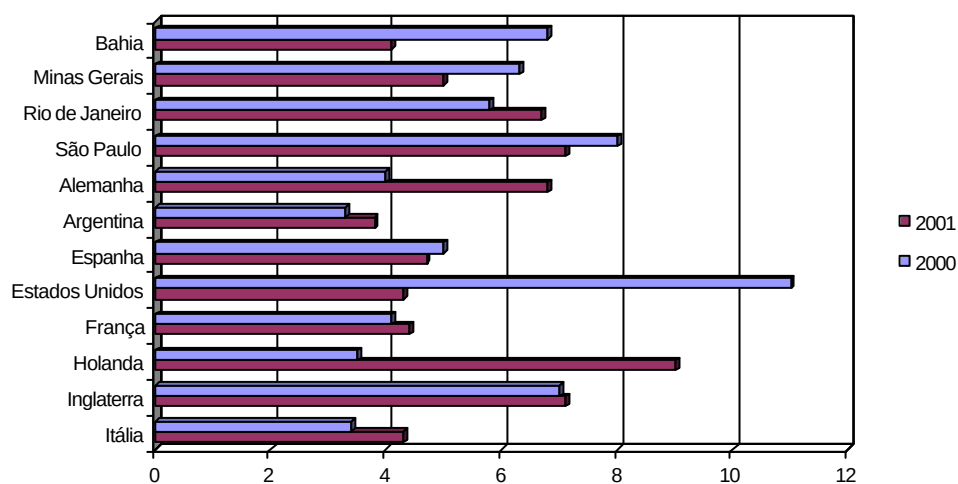
51 Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas – FIPE e Universidade de São Paulo – USP. “Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil”. Junho de 2002.

O mercado emissor que mais diminuiu o tempo de permanência média de seus turistas foi o do Estado da Bahia, passando de 6,8 para 4,1 dias (queda de 40%). Já os paulistas, que representam o mercado emissor nacional de maior poder de compra e o que permanece mais tempo em Lençóis, apresentaram uma ligeira redução na sua permanência média na Chapada Diamantina, passando a ficar em Lençóis cerca de uma semana (redução de 11% em relação a 2000, quando a média era de 8 dias). Os turistas mineiros reduziram sua estadia média de 6,3 para 5 dias (diminuição de 21%). Já os turistas provenientes do Rio de Janeiro passaram a ficar mais tempo em Lençóis. Em 2000 a permanência média dos cariocas era de 5,8 dias e em 2001 de 6,7 dias (crescimento de 16%). De forma geral, a permanência média dos turistas nacionais em Lençóis caiu de 6,8 para 5,2 dias em média, o que representa uma redução de 24% entre 2000 e 2001.

Entre os mercados emissores estrangeiros também houve uma diminuição do tempo médio de permanência no município de Lençóis, passando de 7,2 para 5,3 dias em média (redução de 26%). Os turistas provenientes da Alemanha, entretanto, aumentaram em 70% sua permanência média em Lençóis, passando a ficar cerca de 6,8 dias no município. Já os franceses, aumentaram de forma mais reduzida sua estadia média no município, passando a ficar em Lençóis cerca de 4,4 dias (aumento de 7%). Os turistas que permaneceram mais tempo no município foram os holandeses, que ficaram em média cerca de 9 dias na região (aumento de 157% entre 2000 e 2001). O mercado emissor que mais diminuiu seu tempo de permanência em Lençóis foi o dos turistas norte-americanos, que baixou de 11 para 4,3 dias (redução de 61%)

De acordo com os dados da série histórica de pesquisas de demanda turística realizadas pela Bahiatursa, entre 1997 e 2001 a permanência média dos turistas nacionais que viajaram para Lençóis aumentou 21,5%, passando de 4,3 para 5,2 dias. Já os turistas estrangeiros, diminuíram o tempo de sua estadia média em Lençóis de 5,8 para 5,3 dias, o que representa um decréscimo de 8,5%.

Gráfico 3.12.3. Permanência média segundo a procedência dos turistas – Lençóis 2001 (dias)



Fonte: Bahiatursa, 2002

Tabela 3.12.3. Permanência média por procedência dos turistas – Lençóis (dias)

Residência Permanente	2000	2001
Bahia	6,8	4,1
Minas Gerais	6,3	5
Rio de Janeiro	5,8	6,7
São Paulo	8	7,1
Total Brasil	6,8	5,2
Alemanha	4	6,8
Argentina	3,3	3,8
Espanha	5	4,7
Estados Unidos	11	4,3
França	4,1	4,4
Holanda	3,5	9
Inglaterra	7	7,1
Itália	3,4	4,3
Total demais países	7,2	5,3
Total Geral	6,8	5,2

Fonte: Bahiatursa, 2002

A partir do cruzamento dos dados fornecidos pela Bahiatursa, para o município de Lençóis, e pela FIPE por meio do estudo denominado “*Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil*”, acerca do gasto médio e da permanência média dos turistas no local de destino, pode-se concluir que o nível de gasto do turista brasileiro que viajou para a Chapada Diamantina correspondeu a mais que o dobro dos gastos gerais em turismo do turista brasileiro no ano de 2001. Tal afirmativa se comprova a partir dos cálculos contidos na tabela mostrada a seguir.

Tabela 3.12.4. Comparação do GMDI dos mercados de Lençóis e do Brasil (2001)

	Turista brasileiro	Turista brasileiro em Lençóis
Gasto médio com viagens	R\$ 253,50	R\$ 348,36
Permanência média	10,8 dias	6,8 dias
GMDI (R\$)	R\$ 23,47	R\$ 51,23
GMDI (US\$)*	US\$ 9,99	US\$21,80

* Taxa de câmbio médio para o ano de 2001 de R\$2,35 (Fonte: Banco Central do Brasil)

Fonte: Bahiatursa e FIPE

De fato, o turista brasileiro que viaja à Chapada Diamantina possui um nível de gasto significativamente superior ao gasto do turista médio brasileiro. Enquanto o gasto médio do turista brasileiro foi de aproximadamente US\$ 10,00 diários no ano de 2001, os turistas brasileiros que viajaram para a Chapada Diamantina registraram níveis de gastos superiores a US\$ 21,00 diários.

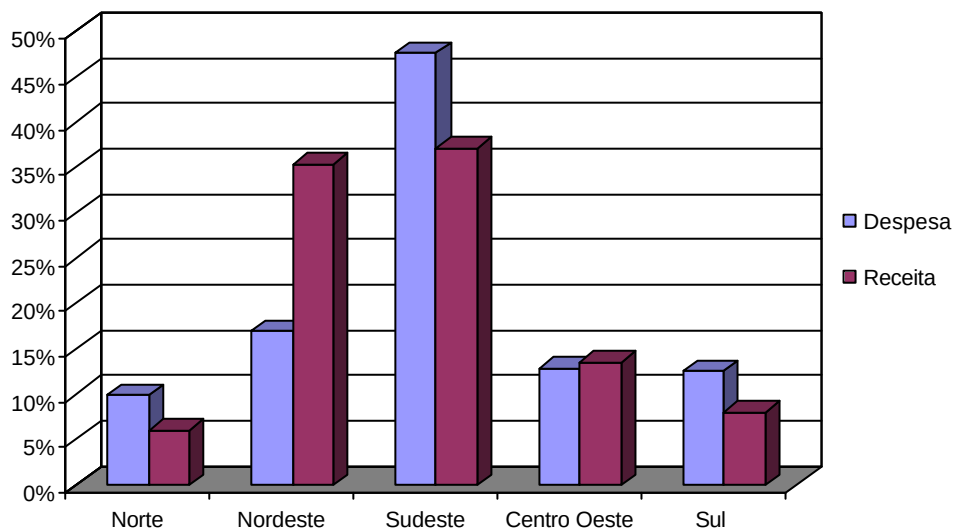
O volume de gastos com viagens do turista brasileiro foi de R\$253,50 anuais, enquanto que a demanda nacional que viajou para a região da Chapada gastou cerca de R\$348,36 (gasto realizado durante a viagem para a Chapada Diamantina apenas, não incluindo os gastos efetuados em outras viagens durante o ano).

De tal análise, denota-se que o perfil de demanda nacional no destino Chapada Diamantina possui um nível socioeconômico superior à média do resto do país, efetuando gastos turísticos mais elevados durante o ano.

A permanência média do turista nacional na Chapada Diamantina é de 68 dias, enquanto que, na média nacional, os brasileiros viajam cerca de 10,8 dias por ano. Cabe salientar, que os dados da FIPE para esta variável são obtidos a partir da soma de todas as viagens realizadas pela amostra durante o ano, o que de certa forma justifica o maior tempo gasto em viagens, pois contabiliza também as viagens curtas realizadas nos fins de semana. Destaca-se que o turismo de segunda residência possui grande importância no turismo interno brasileiro, sobretudo em função dos destinos litorâneos que se localizam próximo aos grandes centros urbanos.

A seguir, apresenta-se uma tabela com os percentuais de receitas e despesas turísticas das grandes regiões do Brasil. Apresenta-se também, a relação existente entre receita e despesa de uma mesma região.

Gráfico 3.12.4. Despesa e receita do turismo doméstico por região



Fonte: FIPE/USP, 2002

Tabela 3.12.5. Despesa e receita do turismo doméstico no Brasil por região

	Despesa	Receita	Receita/Despesa
Norte	9,9%	6%	0,61
Nordeste	17%	35,4%	2,08
Sudeste	47,6%	37,1%	0,78
Centro Oeste	12,9%	13,5%	1,05
Sul	12,6%	8%	0,63
Total	100%	100%	1,00

Fonte: FIPE/USP, 2002

Os dados mostrados na tabela anterior comprovam o elevado poder de compra da Região Sudeste do país como um todo. A despesa em turismo da região corresponde a mais de 47% das despesas totais com o turismo doméstico no Brasil e a receita corresponde a aproximadamente 37%. Confrontando-se os dados da Região Sudeste e da Região Nordeste, tem-se que o sudeste é responsável por cerca de 50% da receita turística nordestina, enquanto que o nordeste representa por 13 % da receita do sudeste, de acordo com o estudo realizado pela FIPE/USP.

Esta situação do mercado doméstico brasileiro permite caracterizar a região nordeste como exportadora de turismo, enquanto que o sudeste caracteriza-se como importador. O fluxo monetário entre as duas regiões resulta em uma situação onde, em termos absolutos, para cada unidade monetária que o nordeste envia ao sudeste, recebe de volta 3,7 unidades monetárias, o que permite uma melhor distribuição regional da renda no país. Destaca-se que este é um dos principais aspectos positivos do turismo, além de ser um importante gerador de empregos e de divisas para o país.

3.12.2. Distribuição dos Gastos

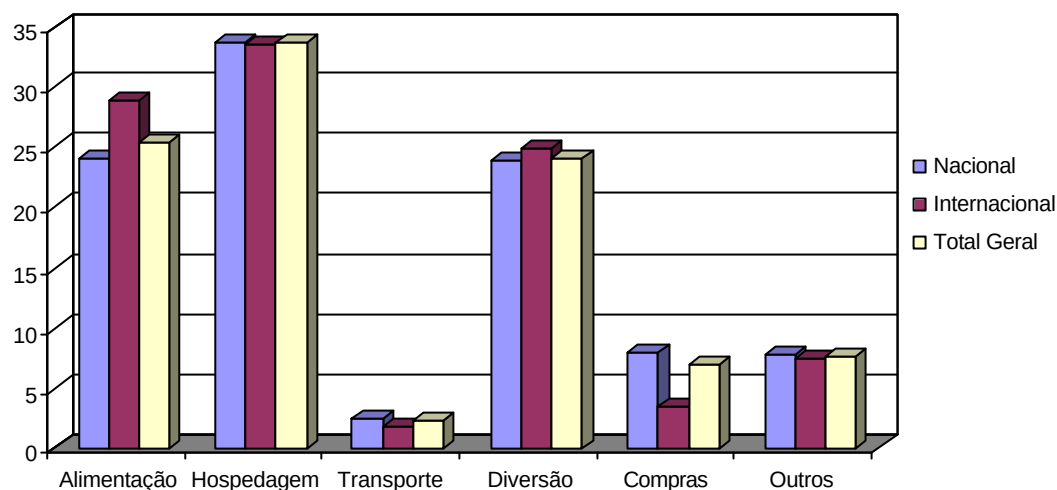
De forma geral, a distribuição dos gastos turísticos feitos por turistas brasileiros e estrangeiros no município de Lençóis apresenta certa similaridade. A partir dos dados da tabela anterior evidencia-se que os gastos dos turistas brasileiros e estrangeiros diferem de forma mais significativa apenas nos serviços relacionados à alimentação e compras.

O serviço de hospedagem corresponde à maior parcela dos gastos efetuados pelos turistas que visitam o município de Lençóis (cerca de 33,7% dos gastos turísticos são efetuados com serviços de hospedagem). Já nos gastos relativos à alimentação, há uma ligeira diferença entre o padrão de gasto dos turistas nacionais e estrangeiros. Os turistas brasileiros gastam pouco mais de 24% em alimentação, enquanto que os estrangeiros gastam quase 29% de seu gasto turístico total em serviços de restauração. Outra diferença existente entre os dois tipos de turistas ocorre no item relativo a compras; os brasileiros gastam mais em compras do que os estrangeiros (8% e 3,4% respectivamente).

O percentual de gasto dos turistas com transportes é relativamente baixo, haja vista que cerca de 71% da demanda de turistas que visitam Lençóis utiliza como meio de transporte o ônibus para deslocar-se até o município e apenas 11,1% utiliza o transporte aéreo (para maior detalhamento ver item 3.11.3. Meios de Transporte). Entre as razões para o baixo percentual de gastos relativos a transportes, cabe citar a grande sensibilidade do mercado doméstico aos preços dos transportes aéreos no país e o perfil do turista que viaja para a região do pólo, que em muitos casos acaba por preferir o transporte rodoviário por considerá-lo mais atraente do ponto de vista da experiência turística.

Salienta-se que os preços praticados pelas companhias aéreas ainda representam um fator negativo para que ocorra um maior incremento do mercado interno de turismo no Brasil.

Gráfico 3.12.5. Estrutura de gastos dos turistas – Lençóis 2001 (%)



Fonte: Bahiatursa, 2002

Tabela 3.12.6. Distribuição de gastos segundo procedência dos turistas – Lençóis 2001 (%)

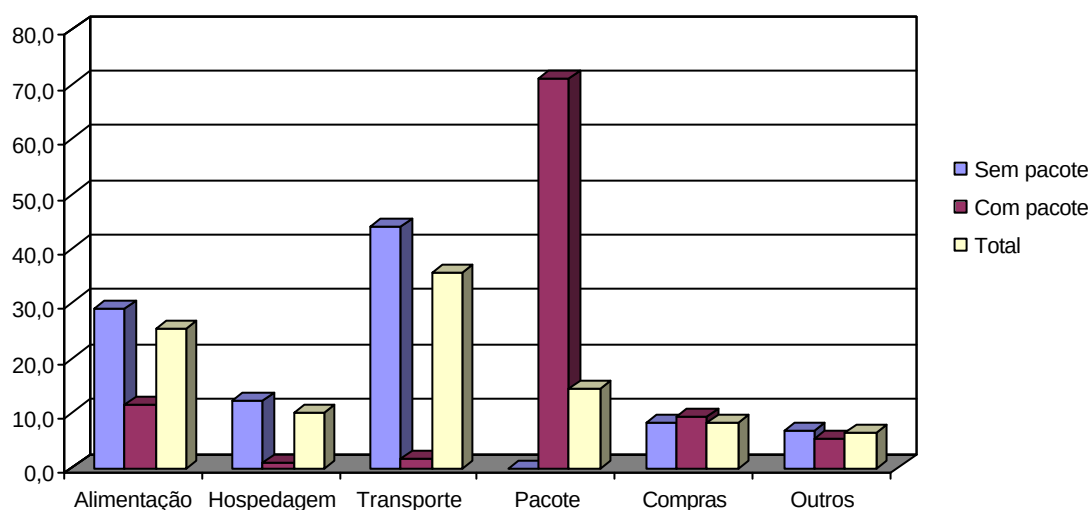
	Alimentação	Hospedagem	Transporte	Diversão	Compras	Outros
Bahia	23,8	31,3	1,6	27,5	7	8,8
Minas Gerais	26,7	30	0	23,3	3,7	13,3
Rio de Janeiro	21,7	36,8	3,4	20,4	6,4	11,3
São Paulo	22,1	35,5	2,2	24,7	10,9	4,6
Total Brasil	24,1	33,8	2,4	23,9	8	7,8
Alemanha	19,3	43,7	0	13,2	5,0	18,8
Argentina	24,2	45,8	2	23	0	5,0
Espanha	16,7	32	0	51	0	0
Estados Unidos	20,8	37,8	0	31,3	10,3	0
França	32,9	33,1	2,9	25,1	0,7	5,3
Holanda	25	30	0	38,8	5	1,3
Inglaterra	41,3	27,4	0	12,8	3,9	14,8
Itália	22	25,8	12,3	38,5	1,3	0
Total demais países	28,9	33,5	1,8	24,8	3,4	7,4
Total Geral	25,3	33,7	2,2	24,1	6,9	7,7

Fonte: Bahiatursa, 2002

Entre os turistas brasileiros, os que mais gastaram em serviços de alimentação no ano de 2001 são os provenientes do Estado de Minas Gerais (26,7% do total dos gastos turísticos). Já os cariocas, gastaram o menor percentual em alimentação (21,7%) e o maior percentual em serviços de hospedagem e transporte (36,8% e 3,4% respectivamente). Os turistas paulistas foram os que mais gastaram em compras no ano de 2001 (10,9%); em serviços de hospedagem os paulistas gastaram 35,5% do total de gastos efetuados em Lençóis no ano de 2001. Os turistas baianos gastaram cerca de 27,5% de sua despesa em diversão e 1,6% em transportes.

Entre a demanda internacional, o mercado emissor que efetuou os maiores gastos em serviços de alimentação foi o dos ingleses (41,3% do total do gastos), seguido dos franceses (32,9%) e dos holandeses (25%). Já os alemães, foram os turistas que efetuaram os menores gastos em alimentação (19,3%), seguidos dos italianos (22%). Parte significativa dos gastos dos turistas alemães foi dedicada à sua hospedagem no município (43,7%), assim como os turistas argentinos, que também destinaram grande parte de suas despesas em serviços de hospedagem (45,8%). Os italianos gastaram em transportes um percentual bastante superior ao gasto pelos turistas de outros locais de procedência (cerca de 12,3% do total de gastos turísticos).

Gráfico 3.12.6. Gastos do turista brasileiro por forma de organização da viagem 2002 (%)



Fonte: FIPE/USP, 2002

Tabela 3.12.7. Gastos do turista brasileiro por forma de organização da viagem - 2002

	Alimentação	Hospedagem	Transporte	Pacote	Compras	Outros
Sem pacote	28,9%	12,4%	43,9%	0%	8,2%	6,6%
Com pacote	11,6%	1%	1,7%	71,1%	9,2%	5,4%
Total	25,5%	10,1%	35,6%	14,3%	8,1%	6,4%

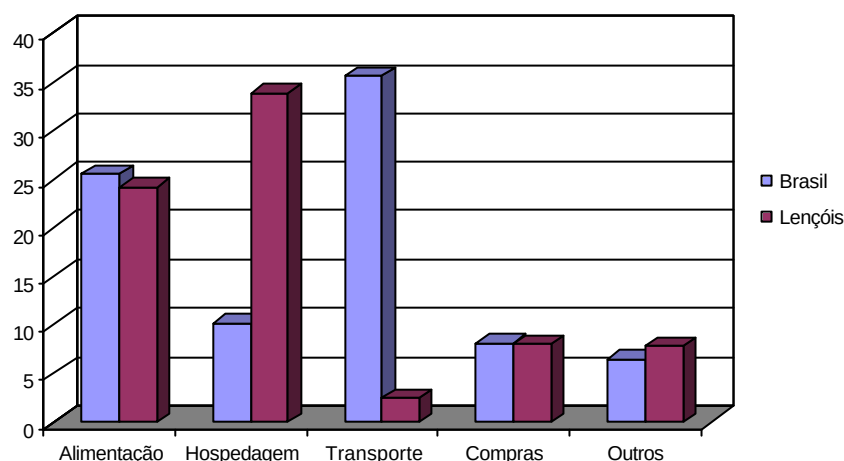
Fonte: FIPE/USP, 2002

De acordo com os dados obtidos pela pesquisa da FIPE, o item que apresenta o maior peso nos gastos turísticos dos brasileiros que não viajam com pacotes turísticos é o dos transportes (43,9%), seguido dos serviços de alimentação (28,9%). Os gastos referentes a compras representam aproximadamente 8% do total gasto pelos brasileiros durante suas viagens. Destaca-se que os turistas que viajam por meio de pacotes apresentam um gasto em compras ligeiramente superior ao dos turistas que viajam por conta própria (9,2% e 8,2%).

Ainda segundo o mesmo estudo, o percentual de utilização dos serviços de

pacotes turísticos pelo mercado doméstico brasileiro é de cerca de 11,5%. Entre os turistas que optam pela compra dos pacotes para viajar, este custo representa mais de 70% do total gasto com as viagens, o que naturalmente reduz de forma bem acentuada o gasto com hospedagem e transportes. Ainda que represente uma pequena parcela da demanda turística doméstica no Brasil, estima-se que as pessoas que utilizam os pacotes turísticos para viajar gastem em média 70% a mais do que as que viajam por conta própria. Entre os turistas que viajaram para Lençóis no ano de 2000, aproximadamente 22% utilizaram os pacotes turísticos para viajar (ver item 3.11.5. Forma de Organização da Viagem).

Gráfico 3.12.7. Comparação os gastos turísticos – Brasil e Lençóis (2001)



Fonte: FIPE/USP, 2002 e Bahiatursa2002

Comparando-se a distribuição dos gastos efetuados pelos turistas brasileiros no mercado doméstico com o comportamento apresentado pelos brasileiros que visitaram Lençóis em 2001 observa-se que o tipo de gasto efetuado diferiu bastante de um caso para o outro, sobretudo no tocante aos gastos com transporte e hospedagem.

Os turistas em Lençóis gastaram aproximadamente três vezes mais com hospedagem do que no restante do país. Já em relação ao custo dos transportes observa-se o oposto. O gasto com transportes para os turistas que visitaram Lençóis em 2001 representou apenas 7% do gasto despendido pelos turistas brasileiros de forma geral. O gasto com alimentação representou cerca de um quarto do gasto total dos turistas em ambos os casos e as despesas em compras atingiram patamares praticamente iguais (8%).

O elevado percentual de gastos com transportes e a reduzida parcela de gastos com hospedagem, observados no comportamento do mercado turístico doméstico brasileiro enfatizam a grande participação do turismo de segunda residência e a opção por alternativas de hospedagem em casa de amigos e parentes. De acordo com a FIPE, cerca de 66% dos turistas optam por esse tipo de hospedagem. Ainda que represente um alto percentual, a opção por esse tipo de hospedagem diminuiu significativamente desde 1998, época em que chegava a 73,2% do mercado.

3.12.3. Conclusão

O turismo possui uma importância fundamental na economia de Lençóis atualmente podendo ser comparada, em termos relativos, ao Ciclo Diamantífero ocorrido na região no século passado. Tal relação se estabelece a partir da dependência que o município apresentou em relação às lavras de diamante e ouro em tempos passados e possui hoje em relação à receita gerada pelo fluxo turístico. O turismo, portanto, representa uma alternativa econômica viável para os municípios do pólo, sobretudo em Lençóis, onde estão localizados grande parte dos atrativos e da oferta técnica existente na região objeto de estudo.

A representatividade do setor turístico no município de Lençóis possui magnitude tal, que comparando-se a riqueza gerada pelo setor, em termos de receita turística, com o valor da produção da agricultura, têm-se uma situação em que o turismo já suplantou em termos financeiros o setor primário. A receita gerada pela agricultura no ano de 2000, segundo estimativas realizadas pelo IBGE (aproximadamente US\$1.500.546,45), representou apenas 14% de toda a riqueza gerada pelo turismo no mesmo período.

Para avaliar-se o significado do turismo na economia municipal de Lençóis, utilizar-se-á no presente estudo o Modelo de Estimativa de Impactos Econômicos – MGM2 (Money Generation Model)⁵², desenvolvido na Michigan State University e utilizado com parâmetro de análise nas avaliações das intervenções do PRODETUR/NE I na região da Costa do Descobrimento – BA⁵³.

A execução do modelo MGM2 inicia-se com a determinação do volume total de gastos efetuados pelos turistas em um determinado ano. Adotou-se como referência para os cálculos o ano de 2001. Conhecendo-se a distribuição dos gastos turísticos entre os diversos setores do *trade*, desagregadas em turistas nacionais e estrangeiros, o gasto médio diário individual – GMDI e a permanência média dos turistas, calculou-se o total de gastos realizados por categoria no referido ano. A tabela apresentada a seguir demonstra os totais obtidos no cálculo.

Tabela 3.12.8. Total dos gastos turísticos por categoria – 2001 (em US\$1.000,00)

Categoria	Nacional	Estrangeiro	Total sem impostos	Total geral com impostos
Alimentação	1.938	449	1.847.019	2.388
Hospedagem	2.719	521	2.926.978	3.240
Transporte	193	30	172.170	223
Diversão	1.922	386	1.785.253	2.308
Compras	643	53	538.611	696
Outros	627	117	575.492	744
Total	8.043	1.555	7.845.523	9.598

Fonte: Bahiatursa, 2002 e cálculos próprios

52 Stynes, Daniel J., Propst, Dennis B., Chang, Wen-Huei and Sun, Ya Yen.

53 BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento. “Avaliação do Impacto Econômico do Desenvolvimento Turístico em Porto Seguro” Versão Preliminar 2. Fevereiro de 2001.

Destaca-se a grande participação das categorias hospedagem e alimentação no total de gastos efetuados. Salienta-se também, a maior participação do mercado nacional no montante total de gastos.

O cálculo do impacto fiscal gerado pelo turismo no ano de 2001 foi elaborado a partir da estimativa de alíquotas médias de impostos nos três níveis da administração pública. Para os impostos federais, conforme sugerido pelo estudo realizado pelo BID, atribuiu-se uma alíquota média de 4,65%; para os encargos estaduais, que em sua maior parte é recolhida por meio do ICMS, atribuiu-se para os setores de alimentação, transporte, diversão, compras e outros, uma taxa média de 13,5%, ficando o setor de hospedagem com alíquota zero. Os impostos municipais foram estimados em 4,5% para todos os setores, exceto o da hospedagem, que foi estipulado em 5%.

Efetuada-se os cálculos, tem-se um montante final de impostos arrecadados pelo setor como um todo de US\$ 1.752.893,00 no ano de 2001. O serviço que mais arrecadou impostos foi o de alimentação, seguido da categoria diversão.

Tabela 3.12.9. Impacto fiscal dos gastos turísticos por categoria – 2001 (em US\$1.000,00)

Categoria	Gastos	Alíquotas (%)			Impostos Arrecadados			Total (US\$1,00)
		Federal	Estadual	Local	Federal	Estadual	Local	
Alimentação	2.388	4,65	13,5	4,5	111	322	107	541
Hospedagem	3.240	4,65	0	5%	151	0	162	313
Transporte	223	4,65	13,5	4,5	10	30	10	50
Diversão	2.308	4,65	13,5	4,5	107	312	104	523
Compras	696	4,65	13,5	4,5	32	94	31	158
Outros	744	4,65	13,5	4,5	35	100	33	169
Total					446	858	448	1.753

Fonte: Bahiatursa, 2002 e cálculos próprios

As análises de impacto econômico do turismo na economia devem levar em consideração a parcela dos gastos efetuados que realmente ficam no município, sendo que, a esta ponderação dá-se o nome de Taxa de Captura. A base deste cálculo é o total de gastos efetuados por categoria de gasto e o percentual estimado para a produção local.

Tabela 3.12.10. Total dos gastos turísticos por categoria – 2001 (em US\$1.000,00)

Categoria	Gastos sem Impostos	Produção Local	Vendas Capturadas
Alimentação	1.847	20%	369
Hospedagem	2.927	100%	2.927
Transporte	172	20%	34
Diversão	1.785	100%	1.785
Compras	539	20%	108
Outros	575	20%	115
Total	7.846		5.339

Taxa de Captura sobre gastos sem impostos

68%

Fonte: Bahiatursa, 2002 e cálculos próprios

Da mesma forma que no trabalho realizado pelo BID na Costa do Descobrimento, entendeu-se como ideal para o Pólo Turístico Chapada Diamantina estipular-se que para os setores de hospedagem e diversão todo o montante gasto pelos turistas é de produção local, ficando na economia municipal em sua totalidade. Para as outras categorias (alimentação, transportes, compras e outros) estipulou-se que apenas um quinto dos gastos fica retida na economia local.

Assim, a categoria que capturou o maior volume de vendas foi a de hospedagem, com um montante de US\$2.927.000,00, seguido do setor de diversão com um volume de US\$1.785.000,00. Com isso, chega-se a uma taxa de captura de 68%.

Tabela 3.12.11. Síntese do impacto econômico dos gastos turísticos – 2001

	Efeitos Diretos	Multiplicador	Efeitos Totais
Vendas Capturadas (US\$1.000,00)	5.339	2,19	11.692
Total de Gastos Turísticos (US\$1.000,00)			9.598.416
Taxa de Captura			68%

Fonte: Bahiatursa, 2002 e cálculos próprios

Aplicando-se os multiplicadores propostos, calcula-se em US\$11.692.000,00 os efeitos totais gerados pelo setor turístico.

3.13. Investimentos Futuros do Setor Privado

O objetivo deste capítulo consiste em analisar: (i) os investimentos realizados pelo setor privado durante a etapa de PRODETUR/NE I, identificando seu valor, tipo de instalações, localização e emprego; e (ii) os investimentos na construção e projetos, levantando o tipo de projeto, o investimento, os empregos previstos, o período de maturação, as capacidades e singularidades dos projetos e a tipologia de segmentos turísticos a quem estavam dirigidos. Para a elaboração deste capítulo utilizaram-se dados e análises dos capítulos anteriores, principalmente daqueles relacionados com o setor privado.

No final da década de 1980, o ecoturismo ocupava 7% do mercado de viagens (OMT,1992:7) e, despontou no início da década de 1990 com um elevado índice de crescimento de 20% a.a. (Emantur,1992:17) devido, principalmente, à maior conscientização do Homem com os problemas do meio ambiente. Para Pires (1998: 42), tal segmento do mercado turístico diferenciou-se como uma proposta no espectro de alternativas ao turismo de massa, incorporando naturalmente em sua concepção todos aqueles princípios que conceberam o Turismo Alternativo, e adquirindo identificação própria ao buscar na natureza sua fonte maior de inspiração, afirmando-se como uma das mais importantes opções de turismo alternativo na atualidade.

Tal fato provocou uma maior atenção da sociedade para esta “nova” forma de relacionamento entre uma atividade humana e o meio ambiente, gerando investimentos dos setores público e privado. Portanto, em última instância, ambos são responsáveis pelo sucesso ou o fracasso de uma determinada destinação enquanto produto ecoturístico num nicho específico do mercado turístico.

Neste sentido, o PRODETUR/BA tem como propósito reforçar o potencial turístico do Estado, fornecendo a infra-estrutura básica para a instalação de novos projetos e a ampliação dos empreendimentos privados já existentes, de modo a proporcionar aos turistas serviços de padrão internacional. Segundo a Secretaria de Cultura e Turismo - SCT⁵⁴, os investimentos de infra-estrutura já realizados vêm despertando o interesse de empreendedores locais e também atraindo investidores de outros pontos do país e do exterior. Na Bahia, já foram instalados 19 projetos, em sua maioria hotéis e parques aquáticos, com investimentos de 194 milhões de dólares, localizados especialmente nos Pólos Turísticos Costa do Descobrimento e Costa do Cacau, mas de maneira geral surgidos nas várias regiões de vocação turística do Estado.

Ainda, mais 14 projetos se encontram em execução no Estado, entre hotéis, centro de convenções, marinas, complexos turísticos e condomínios fechados, cujos investimentos chegam a 1,4 bilhão de dólares. Dessa forma, até o ano de 2012

54 Secretaria de Cultura e Turismo da Bahia. **Prodetur: atendimento empresarial**. Disponível em: <<http://www.sct.ba.gov.br/prodetur9.htm>>. Acesso em: 30 jul. 2002.

nada menos que 4,7 bilhões de dólares serão investidos em empreendimentos privados instalados em todos os Pólos Turísticos da Bahia, segundo dados cadastrados na Superintendência de Desenvolvimento do Turismo da SCT.

Dentre as áreas que individualmente despertam maior interesse para novos investimentos, mantêm-se na liderança a Baía de Todos os Santos, incluindo Salvador e o Pólo Turístico Costa dos Coqueiros. Entretanto, a terceira colocada desde 1998 passou a ser o Pólo Turístico Chapada Diamantina, que anteriormente ocupava a quinta posição, acreditando-se ser reflexo dos investimentos públicos realizados naquela região, a exemplo do Aeroporto de Lençóis. No período de 1995/98, foi também significativo o número de pessoas que pretendiam investir no Estado, mas ainda não têm uma área definida.

Tabela 3.13.1. Tipo de empreendimento pretendido na Bahia

Tipo de Empreendimento	1995		1996		1997		1998		Total	
	Abs	(%)	Abs	(%)	Abs	(%)	Abs	(%)	Abs	(%)
Pretende Const. M. de Hosped	57	40%	68	49%	46	60%	49	77%	220	52%
Ampliar Meio de Hospedagem	16	11%	25	18%	7	9%	2	3%	50	12%
Solicit. De Agênc./Transportes	15	10%	18	13%	8	10%	3	5%	44	11%
Const./Ref./Adap. P/Turismo	50	35%	22	16%	13	17%	7	11%	92	22%
Turismo Náutico	5	3%	5	4%	3	4%	3	5%	16	4%
Total	143	100%	138	100%	77	100%	64	100%	426	100%

Fonte: SCT / Sudetur, 2002

Quanto ao tipo de empreendimento pretendido, até 1998, 52% dos empresários/potenciais investidores que consultavam a Superintendência de Desenvolvimento de Turismo – SUDETUR, tinham a intenção de construir meios de hospedagem, e 22% queriam construir, reformar ou adaptar algum imóvel para oferecer produtos turísticos como hotéis, pousadas ou restaurantes.

Destaca-se, por fim, que para a elaboração da análise do investimento do setor privado no Pólo Turístico Chapada Diamantina utilizou-se como indicadores os dados fornecidos no cadastro para investimentos turísticos da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, com ênfase no setor de hospedagem (para maior compreensão do setor privado na área objeto de estudo ver capítulo 3.7. Capacitação do Setor Privado envolvido com o Setor Turístico).

3.13.1. Investimentos Realizados

O Pólo Turístico Chapada Diamantina, como já citado no item 1.4. O setor Produtivo do Turismo do capítulo 3.2., Dinâmica Socioeconômica, recebeu cerca de US\$ 17 milhões em investimentos privados foi responsável, totalizando cerca de 2% do total de investimento realizado no Estado.

Tabela 3.13.2. Investimentos privados realizados no Pólo Chapada Diamantina (em US\$)

	1991/1994	1995/1996	1997/1998	1999/2001*	Total
Valor Investido	5.170.000	4.310.000	6.693.000	1.088.000	17.261.000
Número de UH's	334	148	239	99	820
Valor Investido por UH's	15.479	29.122	28.004	10.990	21.050

Fonte: SCT / Sudetur, 2002

* Em 2001, segundo a Sudetur, estavam em execução a construção de 20 UH's ao custo total de US\$ 200 mil e, neste caso, foram considerados como investimentos já concluídos.

Pode-se observar pela tabela acima, que o período compreendido entre os anos 1997 e 1998 recebeu o maior volume de investimento privado na Chapada Diamantina, com um total investido de cerca de US\$ 6,7 milhões em 239 UH's, ou seja, uma valor médio de US\$ 26 mil por UH. Percebe-se um grande decréscimo de reversões em dólares para 1999/2001 ocorrido, dentre outras, devido à desvalorização do Real frente à moeda americana e à própria crise econômica por que passou o país neste período.

Em relação ao número de UH's, o Pólo Turístico Chapada Diamantina teve um acréscimo de 820 UH's na década passada, grande parte tendo sido construída até 1996. É importante notar a sensível melhoria da qualidade dos serviços ofertados ocorrida entre os períodos 1991/1994 e 1995/1996, dado que os recursos despendidos por unidade habitacional (UH) foi significativamente maior no segundo período. O investimento por unidade habitacional, no período de 1991/1994, foi de US\$ 15.479 e nos períodos de 1995/1996 e 1997/1998, foi de US\$ 29.122 e US\$26.004 respectivamente, cerca de 1,8 vezes maior. Assim, observa-se que o investimento realizado por UH apresentou um crescimento de 78%, pouco menos que o dobro do valor identificado no início da década de 1990.

3.13.2. Investimentos Previstos

Quanto aos investimentos privados previstos para o Pólo Turístico Chapada Diamantina, pode-se identificar o elevado valor total bem como o crescimento do valor investido por UH, como apontado na tabela abaixo. Destaca-se, entretanto, que relativamente este valor não é representativo, haja vista que o investimento corresponde a apenas um projeto, o Parque de Lençóis.

Tabela 3.13.3. Investimentos privados previstos no Pólo Chapada Diamantina

	2002/2012
Valor Previsto (em US\$)	115.000.000
Número de UH's	150
Valor Investido por UH's (em US\$)	766.667

Fonte: SCT / Sudetur, 2002

Assim, espera-se que com este investimento de US\$ 115 milhões em 150 UH's, com um custo médio de US\$ 766 mil por UH, ocorra uma melhoria na qualidade da oferta técnica de hospedagem da área objeto de estudo. Este investimento é 36 vezes mais elevado do que a média apresentada na década de 1990.

3.13.3. Conclusão

Avaliando-se os investimentos privados já executados e os previstos para o Pólo Turístico Chapada Diamantina, percebe-se que desde o início do PRODETUR/NE a iniciativa privada investe de forma significativa na região tendo correspondido aos esforços do setor público no melhoramento da infra-estrutura turística local.

Ao mesmo tempo ressalta-se que o setor privado tem realizado investimentos, principalmente na implantação e expansão da rede hoteleira, aumentando a oferta receptiva da área objeto de estudo. Tal fato é facilmente constatado quando se identifica o montante de investimento total, somando-se os já realizados e os previstos, que é de US\$ 132.261.000,00, em 980 UH's ao custo médio de US\$134.960,20 mil por UH. É importante se destacar que tal valor total corresponde a 16 vezes o valor aplicado pelo PRODETUR/NE I na região, que foi de cerca de US\$ 8 milhões até 2001.

3.14. Demanda Atual e Potencial

O objetivo do presente capítulo consiste em analisar a demanda turística atual da Chapada Diamantina, indicando a potencialidade do destino perante seus principais mercados emissores, tanto os nacionais quanto os internacionais. Para a elaboração deste capítulo, serão utilizados alguns dados e análises dos itens anteriores.

3.14.1. Demanda Atual

Conforme dados apresentados no item 3.11. Perfil da Demanda, a visitação turística na região da Chapada Diamantina inicia-se por volta do ano de 1973, com o tombamento do patrimônio histórico-arquitetônico do município de Lençóis. À época, essa visitação ainda incipiente era formada por uma demanda de perfil bastante regional, conforme aponta Léda⁵⁵. Posteriormente, o município passa a ficar mais conhecido no Brasil em função de sua aparição na mídia televisiva, fato este que gerou um incremento na visitação turística ao município, em meados da década de 1980.

Já no ano de 1998, a construção do Aeroporto Coronel Horácio de Mattos e a conseqüente melhoria das condições de acesso à região, fizeram com que Lençóis experimentasse outra significativa mudança em seu perfil turístico, o que permitiu o desenvolvimento de novos produtos turísticos por parte das agências de viagens e turismo (operadoras).

Entre os anos de 1993 e 2002, o número de turistas que visitaram a Chapada Diamantina, tendo como portão de entrada o município de Lençóis, cresceu mais de 51,28%, passando de pouco mais de 49 mil turistas, em 1993, para quase 75 mil turistas no ano de 2002 (ver item 3.11.1). Durante esse período observou-se uma expansão das empresas de receptivo, um maior aprimoramento do produto turístico com maior número de guias treinados e ampliação do número de leitos em equipamentos de hospedagem. Durante o período, destacam-se os anos de 1996 e 1998, com crescimento anual de 21,2% e 10,4% respectivamente.

Juntamente com este aumento do fluxo de turistas observado na região de Lençóis, entre os anos de 1993 e 2000, observou-se também, que a receita total advinda do setor turístico cresceu proporcionalmente mais do que o número de

⁵⁵ Léda, Renato L. M. *A Sedução da Paisagem: A Chapada Diamantina e o Turismo Ecológico*. Dissertação de Mestrado apresentada à FFLCH da USP. São Paulo, 1995.

visitantes no mesmo período. Ou seja, entre 1993 e 2000, o fluxo de turistas na Chapada Diamantina cresceu aproximadamente 69%, enquanto que a receita total do setor turístico cresceu 110%, indicando que os turistas passaram a efetuar maiores gastos no município. Tal fenômeno ocorre, fundamentalmente, em função da melhoria dos equipamentos e serviços turísticos oferecidos ao turista, que por sua vez, tende a ser gradativamente mais exigente quanto aos produtos e serviços adquiridos.

Comparando-se os dados referentes ao município de Lençóis com o dados relativos ao Estado da Bahia, observa-se novamente o bom desempenho do turismo na região da Chapada Diamantina. Entre 1993 e 2000 o crescimento da receita turística total no Estado da Bahia cresceu aproximadamente 68%, um índice 61% menor o que o observado em Lençóis, que foi de 110% no mesmo período.

Adiante, a tabela 3.14.1 apresenta a evolução da receita turística total e seu crescimento percentual no município de Lençóis entre os anos de 1993 e 2002. Observa-se que o maior crescimento anual ocorreu em 1995, cuja receita turística chegou a US\$ 9,45 milhões. O pior crescimento foi registrado no de 1999 e 2001, com uma queda de 12,6% e 14,75 da receita total respectivamente. Curiosamente, neste mesmo ano houve um crescimento de aproximadamente 7,5% no total de turistas na região, o que indica que a visita não diminuiu durante a crise cambial pela qual o país atravessou nesse ano, decaindo apenas o gasto médio por turista no período.

Tabela 3.14.1. Evolução da receita turística em Lençóis (em US\$ milhões)

	Ano										Crescimento
	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002*	1993/2002
Receita Total	5,10	6,56	9,45	10,87	11,60	12,16	10,63	10,71	9,94	9,94	4,84
Crescimento (%)	-	28,72	44,07	15,05	6,73	4,79	-12,60	0,76	-7,18	0	95,04

Fonte: Bahiatursa, 2001

Em relação ao impacto do turismo na economia baiana, de acordo com estudos realizados pela Bahiatursa, estima-se que no ano de 2000 a receita total gerada pelo turismo, que foi da ordem de US\$ 856 milhões, causou um impacto de US\$1,66 bilhão no PIB estadual, reforçando a importante participação do turismo na maior economia da região nordeste.

No tocante à geração de empregos, ainda segundo dados da Bahiatursa, estima-se que no ano de 2000, o turismo foi responsável por 393.800 postos de trabalho no Estado, sendo 71.600 de forma direta e 322.200 de forma indireta.

Gráfico 3.14.1. Gasto médio diário Individual GMDI – Lençóis (em US\$ 1,00)

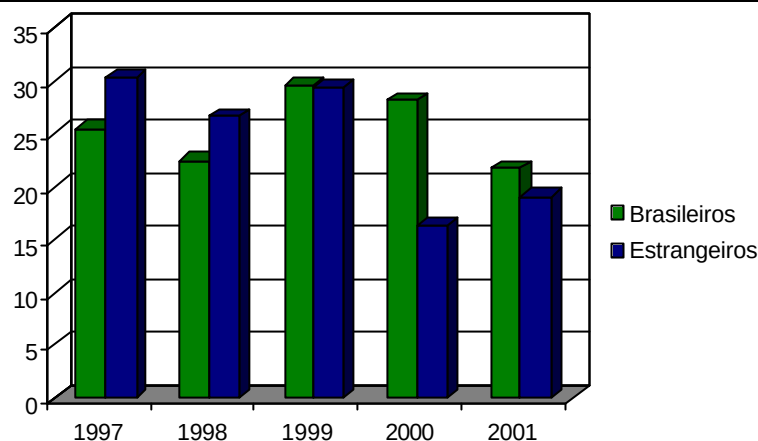


Tabela 3.14.2. Gasto médio diário individual (em US\$ 1,00)

	Lençóis		Salvador	
	Brasileiros	Estrangeiros	Brasileiros	Estrangeiros
1997	25,56	30,38	32,87	73,79
1998	22,5	26,69	31,45	62,69
1999	29,62	29,37	20,00	66,00
2000	28,2	16,31	17,52	54,09
2001	21,8	19,1	23,04	57,29

Fonte: Bahiatursa, 2002

Conforme a análise contida no item 3.11 Perfil do Turista, os turistas que visitam os municípios de Mucugê e Rio de Contas possuem um perfil de demanda regional, haja vista que em sua maioria são provenientes do próprio Estado da Bahia e apresentam um baixo gasto médio diário individual. Portanto, para efeito de comparação com o município de Salvador, utilizar-se-á apenas os dados referentes a Lençóis.

O gasto médio diário individual do turista estrangeiro que visita o município de Lençóis caiu significativamente entre 1997 e 2000, baixando de US\$30,38 para US\$19,10 em 2001 (redução de aproximadamente 37%). Da mesma forma, em Salvador também houve queda deste índice, ainda que de maneira menos acentuada (redução de 26,7%). Cabe destacar que o nível de gasto em Salvador, sobretudo o do turista estrangeiro, tende a ser maior devido à melhor qualidade dos meios de hospedagem existentes em Salvador. Quanto ao turista brasileiro, também houve decréscimo em seu gasto médio diário individual, tanto em Lençóis quanto em Salvador.

A diminuição do gasto médio diário individual ocorrida no município de Lençóis poderia indicar uma queda na receita turística total, o que de fato não ocorreu. A receita turística total, ao contrário, cresceu no mesmo período, conforme observado anteriormente. Entre as razões para este aumento da receita turística frente a uma diminuição no gasto médio individual, cabe citar o aumento da

permanência média, tanto de turistas estrangeiros como de turistas brasileiros.

Os turistas estrangeiros aumentaram sua permanência média em cerca de 23%, passando de 5,8 para 7,2 dias em média. Já os turistas brasileiros, aumentaram em 58% sua estadia média entre 1997 e 2000, passando de 4,3 para 6,8 dias em média na Chapada Diamantina.

Gráfico 3.14.2. Fluxo de passageiros no Aeroporto de Lençóis (pax)

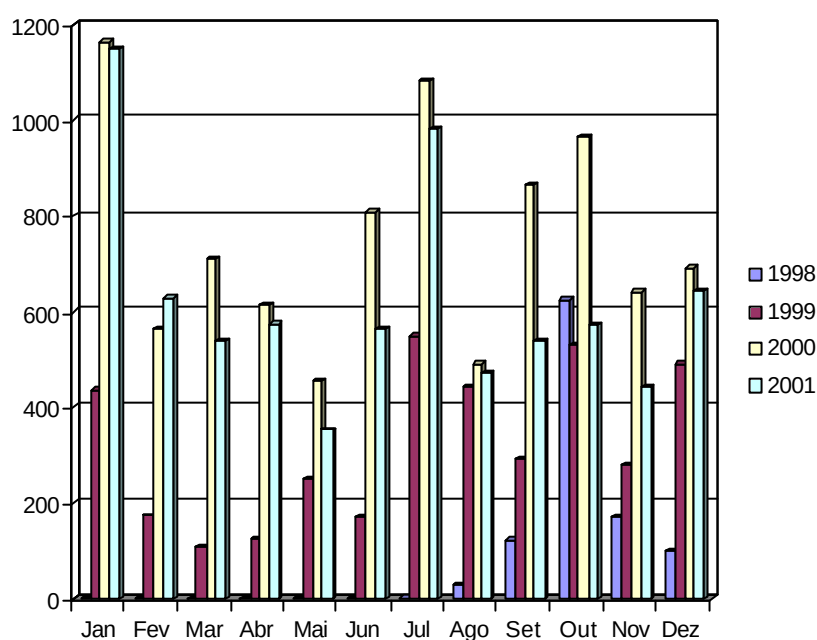


Tabela 3.14.3. Fluxo de passageiros no Aeroporto de Lençóis (pax)

	1998		1999		2000		2001		Sazonalidade 1998/2001
	Absoluto	(%)	Absoluto	(%)	Absoluto	(%)	Absoluto	(%)	
Jan	0	0	435	11	1.147	15	1.164	13	12,8%
Fev	0	0	173	4	629	8	564	6	6,4%
Mar	0	0	108	3	539	7	712	8	6,3%
Abr	0	0	126	3	575	8	613	7	6,1%
Mai	0	0	250	6	352	5	455	5	4,9%
Jun	0	0	172	4	564	8	809	9	7,2%
Jul	3	0	549	14	983	13	1.082	12	12,2%
Ago	31	3	443	12	471	6	490	5	6,7%
Set	123	12	294	8	540	7	866	10	8,5%
Out	625	59	530	14	573	8	964	11	12,6%
Nov	171	16	280	7	443	6	641	7	7,2%
Dez	100	9	490	13	643	9	692	8	9,0%
Total	1.053	100	3.850	100	7.459	100	9.052	100	21.414
Cresc.	-	-	2.797	265,6	-1.593	-17,6	5.202	135,1	187,1

Fonte: SINART, 2002

3.14.2. Demanda Potencial

Para se calcular a taxa de crescimento, utilizaram-se os métodos tradicionais de ajustamento de séries temporais, tais como ajustamento de tendências (*trends*), que se consistiu na definição, *a priori*, de quatro cenários ou hipóteses de trabalho, a partir das quais se projeta linearmente os dados a uma taxa de crescimento anual fixa para cada uma das hipóteses. As taxas de crescimento por período e cenário estão descritos no Capítulo 5. Quadros Prospectivos.

A faixa em que se situam essas taxas foi delimitada levando-se em conta: (i) a conjuntura econômica do país e do Estado; (ii) a perspectiva de crescimento do PIB brasileiro e baiano; (iii) o nível de competitividade do Estado em relação a outros destinos; (iv) o tempo e custo de viagem entre local emissor e destino turístico; (v) as políticas de desregulamentação dos transportes aeroportuários; (vi) as tendências dos fluxos turísticos mundiais de acordo com a OMT; e (vii) aspectos e fatos relativos ao âmbito estadual.

Nesse último caso, teve-se em consideração os aspectos e fatos que refletem um ambiente de negócios dinâmico e favorável à captação e realização de investimentos, públicos e/ou privados, nos diversos setores produtivos da economia baiana e, de modo particular, na infra-estrutura básica. Esta, na Chapada Diamantina, é tida como potencializadora de desenvolvimento econômico nos municípios e, por consequência, alavancadora de investimentos privados em equipamentos de hospedagem e entretenimento.

Já na análise do impacto da estacionalidade das taxas de crescimento do fluxo turístico a longo prazo, em conformidade com a análise anterior, admite-se um comportamento estável do padrão sazonal do turismo baiano ao longo da próxima década. Tal fato decorre da existência de um padrão sazonal das atividades profissionais nos mercados emissores, quer sejam nacionais ou internacionais, que não apresenta sinais de mudança significativa, além do que, o incremento que se projeta para o fluxo turístico está sendo acompanhado pela modernização e ampliação da capacidade de hospedagem do Estado, provocando um efeito de distribuição do fluxo e de diluição do nível de ocupação.

Alterações inesperadas e relevantes do mercado, a médio e longo prazos, que possam provocar mudanças no nível de ocupação e no tempo de permanência nos meios de hospedagem, estarão contempladas e serão absorvidas nos três patamares de estimação do fluxo turístico, levando a uma alteração de posicionamento no ano crítico da ocorrência de uma mudança conjuntural ou estrutural do mercado. Ou seja, ao invés de se caminhar horizontalmente dentro de um cenário (por exemplo o da taxa de 2% aa) passaria a se caminhar verticalmente, saltando, para o cenário da taxa de 4% aa ou mesmo para o da taxa de 6% aa, redefinindo-se as hipóteses de trabalho a partir do ano crítico.

As alterações de mercado poderão ocorrer também de modo intencional, pela deliberada e estratégica implementação de políticas e ações que visem atrair turistas detentores de elevado poder aquisitivo e que conformem nichos de mercado mais qualificados, seletivos e exigentes. Tais medidas poderão resultar

em efeitos positivos nas taxas de permanência e ocupação na Chapada Diamantina, levando-se a um melhor nível de remuneração dos trabalhadores vinculados à atividade turística. Assim, haverá um crescimento do número de postos de trabalho nessa e nas demais atividades componentes da cadeia produtiva, e do conjunto ou aglomerado econômico focado ou permeado pelo turismo, o lazer e a cultura - o chamado “cluster” do entretenimento.

Para que o maior poder aquisitivo dessa clientela mais qualificada se concretize na realização de um aumento no volume de gastos no destino turístico analisado, gerando um patamar mais elevado de receita, a taxas anuais crescentes, é indispensável a continuidade das diretrizes do Programa de Desenvolvimento do Turismo da Bahia. Priorizar-se-á, deste modo, atração, captação e realização de investimentos públicos e, especialmente privados, direcionados à qualificação de recursos humanos, serviços e produtos, com o objetivo de constituir a base do diferencial de competitividade do turismo baiano.

Tabela 3.14.4. Projeção da demanda turística em Lençóis (em mil pax/ano)

	Anos													
	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Fluxo global* (mil turistas)	79,41	82,59	85,89	89,33	92,90	96,61	100,48	104,50	108,68	113,03	117,55	122,25	127,14	132,22
Receita total* (US\$milhões)	10,14	10,54	10,97	11,40	11,95	12,53	13,13	13,76	14,42	15,21	16,05	16,93	17,86	18,84

Fonte: Bahiatursa, 2003

* Hipótese de crescimento médio (taxas segundo capítulo 5. Quadros Prospectivos.).

4. ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO



As estratégias de desenvolvimento turístico apresentadas neste capítulo são resultados de um abrangente processo de planejamento, participativo e estratégico. Ao longo deste processo houve subsídios tanto de fontes secundárias, por exemplo, diversos estudos elaborados pelo poder público estadual e federal, como de pesquisas *in loco*, com um extenso trabalho complementar de pesquisa de campo.

Deve-se destacar que as estratégias aqui propostas visam delimitar os parâmetros para o crescimento da atividade turística na Bahia, tendo como base conceitual a noção de **desenvolvimento sustentável**. Contemplam-se, desta forma, projetos e ações em diversas áreas, partindo do diagnóstico preparado e da análise SWOT (Potencialidades, Fragilidades, Oportunidades e Ameaças) para cada um dos temas e aspectos recomendados pelo BID no âmbito do PRODETUR/NE II.

Por meio do processo de planejamento participativo – com contribuições das políticas de governo (estadual e federal) e dos objetivos do PRODETUR/NE II – identificou-se uma série de valores, que definiram as vertentes, visão e missão do turismo na Bahia como um todo. Ressalta-se que tais diretrizes são comuns para o Estado da Bahia e que, portanto, devem ser seguidas em todos os Pólos Turísticos do Estado levando-se em consideração as especificidades regionais. Neste sentido, a análise SWOT possibilitou a indicação de uma série de diferenças e nuances relacionadas à esta caracterização regional, aspecto relevante e de suma importância para o sucesso deste PDITS.

Assim, visando a demonstração adequada das análises e informações coletadas e atendendo ao sugerido pelo Termo de Referência de elaboração dos PDITS do PRODETUR/NE II, entendeu-se como ideal dividir este capítulo em dois itens, sendo o primeiro focado na análise SWOT e o seguinte nas estratégias estaduais e regionais propriamente ditas.

4.1. Matriz SWOT

Conforme mencionado anteriormente, as estratégias de desenvolvimento turístico apresentadas neste capítulo são resultados de um abrangente processo de planejamento participativo, o que permitiu diagnosticar de forma bastante ampla e consistente as particularidades e nuances relativas ao desenvolvimento turístico no Pólo Chapada Diamantina. A partir de tais subsídios, presentes ao longo do capítulo 3 deste PDITS, foi elaborada uma Matriz SWOT, que são as iniciais, em inglês, de:

- **Pontos fortes** – são os elementos internos ao ambiente do sistema turístico, que propiciam vantagens a esse sistema e que são passíveis de intervenção direta pelos envolvidos;
- **Pontos fracos** – são os elementos internos ao ambiente do sistema turístico, que acarretam desvantagens a esse sistema e que são passíveis de intervenção direta pelos envolvidos;
- **Oportunidades** – são os elementos externos ao ambiente do sistema turístico, que podem ser utilizados para gerar vantagens a esse sistema desde que haja capacidade ou vontade de usufruir deles;
- **Ameaças** – são os elementos externos ao ambiente do sistema turístico, que podem diminuir ou eliminar vantagens existentes.

Nota-se que a matriz SWOT é uma ferramenta muito difundida entre profissionais de mercadologia para efetuar um diagnóstico estratégico de uma empresa. Entende-se que por meio deste instrumental analítico pode-se definir as relações existentes entre os fatores internos (pontos fortes e fracos) e os fatores externos (oportunidades e ameaças) do sistema de turismo o que resulta, em síntese, numa análise notadamente sucinta, objetiva e eficiente da área objeto de estudo.

Por fim, considerou-se coerente seguir a estrutura proposta pelo Termo de Referência utilizado para a realização deste PDITS, sendo analisados, desta forma, os diversos aspectos relativos ao turismo no Pólo propostos pelo referido Termo, acrescidos de algumas alterações consideradas oportunas pela equipe técnica.

Optou-se, também, pela elaboração das Matrizes SWOT tendo-se como objeto de análise o Pólo Turístico Chapada Diamantina de forma única, diferentemente dos capítulos anteriores em que foi utilizada a divisão da área em três circuitos distintos. Assim, acredita-se que a apresentação das matrizes SWOT para o Pólo todo atende de forma mais eficaz aos propósitos de síntese e inteligibilidade desta ferramenta analítica.

Os temas que serão objetos de análise das matrizes SWOT, bem como uma breve

descrição do significado de cada um destes aspectos, são os seguintes:

- **Áreas de Interesse Turístico** – compreende uma análise ampla e global dos principais obstáculos e potencialidades que o Pólo Turístico Chapada Diamantina apresenta atualmente;
- **Estruturas de Apoio Turístico** – serviços turísticos oferecidos nos municípios do Pólo, como por exemplo: hospedagem, agências de viagem, operadoras, locadoras de automóveis, transportadoras e equipamentos de animação e entretenimento;
- **Circuitos Turísticos e Produtos** – aspectos relacionados à composição dos produtos turísticos existentes e suas características mercadológicas, bem como a variedade e singularidade dos atrativos naturais e culturais;
- **Grau de Atratividade e/ou Conservação dos Atrativos** – capacidade dos atrativos turísticos em apreender demanda de turistas levando-se em conta seu estado de conservação e atratividade;
- **Qualidade da Gestão Pública** – avaliação qualitativa da Gestão Pública existente nos municípios do Pólo balizada, sobretudo, na verificação da existência ou não de instrumentos legais de gestão pública, recursos materiais adequados e qualificação dos recursos humanos envolvidos neste processo;
- **Preços Turísticos e Competitividade** – adequação dos preços praticados pelos prestadores de serviços turísticos face ao produto oferecido e sua competitividade perante outros produtos ecoturísticos concorrentes;
- **Promoção Turística** – análise das iniciativas de promoção turística implantadas pela iniciativa privada, prefeituras municipais e pelo Governo do Estado da Bahia;
- **Planejamento** – ações de planejamento da atividade promovidas pelo Poder Público no âmbito dos municípios e do Governo Estadual;
- **Organização e Capacidade Empresarial do Setor Turístico** – grau de conhecimento dos empresários do setor turístico quanto à sua atividade e qualificação técnica de seus funcionários. Existência e representatividade de entidades da sociedade civil que congreguem e articulem os representantes do setor turístico local;
- **Mercados Emergentes** – avaliação dos mercados emissores de demanda turística nacional e internacional em relação às suas tendências de crescimento e ao perfil dos turistas;
- **Gastronomia e Artesanato** – compreende uma análise das características dos restaurantes turísticos e da produção de artesanato nos municípios do Pólo;
- **Condições de Acessibilidade** – situação atual do sistema de transportes que serve a área objeto de estudo envolvendo notadamente os transportes rodoviário

e aéreo;

- **Condições de Saneamento Básico** – análise das condições de oferta dos serviços públicos de abastecimento de água, esgoto e coleta e disposição de resíduos sólidos;
- **Aspectos Ambientais** – análise dos aspectos ambientais da Chapada Diamantina como áreas de conservação, paisagem, bacias hidrográficas, relevo e clima, dentre outros;
- **Aspectos Sócio-Culturais** – compreende a análise das características sócio-culturais da área de estudo, abrangendo tanto os aspectos bio-sociais como o gênero e a educação, até os econômicos como as atividades extrativistas e o comércio;
- **Segurança Pública** – condição atual da segurança pública, serviços de salvatamento e de bombeiros nos municípios do Pólo como fator limitante ou incentivador da atividade turística.

Assim, para cada um dos temas foi feita uma matriz SWOT, conforme apresentado nas tabelas a seguir.

Tabela 4.1. Áreas de interesse turístico

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
➤ Presença de atrativos naturais e culturais com características singulares e de elevada potencialidade turística. ➤ Produtos turísticos já consolidados no mercado nacional e internacional, sobretudo no Circuito do Diamante. ➤ Municípios em estágios de desenvolvimento turístico bastante distintos entre si, o que permite a implementação de estratégias de desenvolvimento mais eficazes sob a ótica de complementaridade e de sustentabilidade.	➤ Os municípios que compõem o Pólo apresentam uma rede de infra-estrutura urbana insuficiente para atender satisfatoriamente à população local e aos turistas. ➤ Baixa articulação entre os empresários do setor privado e o Poder Público dos municípios. ➤ Baixa diversificação das economias municipais, observada sobretudo pela pouca representatividade que o setor de serviços possui. ➤ Número reduzido de serviços turísticos oferecidos de forma profissional, o que impede a formatação de produtos turísticos mais qualificados.	➤ O Ecoturismo é uma vertente do turismo em franca expansão nos mercados nacional e internacional. ➤ Com o incremento da receita turística nos municípios do Pólo outros setores da economia serão aquecidos e passarão a ter uma importância maior no contexto econômico regional. ➤ O Estado da Bahia paulatinamente se firma como um destino turístico consolidado e bastante competitivo, o que permite a prospecção de novos mercados para seus produtos.	➤ Suscetibilidade à degradação ambiental em decorrência do uso excessivo dos atrativos naturais sem a observância da capacidade de carga dos atrativos. ➤ As áreas de interesse turístico passarem a receber fluxos migratórios excessivos de pessoas buscando oportunidades de emprego e renda propiciadas pela atividade turística. ➤ Concorrência de destinos ecoturísticos semelhantes que disponham de produtos turísticos mais diversificados e melhor estruturados.

Tabela 4.2. Estruturas de apoio turístico

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
➤ Existência de meios de hospedagem e equipamentos turísticos adequados ao recebimento de turistas, com maior concentração no Circuito do Diamante. ➤ Apesar da pequena presença de agências de receptivo na região do Pólo, há indicações de que este número vem crescendo paulatinamente, sobretudo no Circuito do Diamante. ➤ Há a preocupação e interesse por parte dos empresários do Pólo em modernizar suas estruturas para melhor atender a demanda atual de turistas e, desta forma, adequar-se ao recebimento de uma demanda futura mais exigente e com menor sensibilidade a preços.	➤ Baixa qualificação técnica dos empreendedores, o que acarreta em uma administração feita com pouco profissionalismo e gerencialmente pouco eficaz. ➤ Pouca diversificação dos serviços turísticos prestados. ➤ Entre a maioria das estruturas de apoio turístico há um caráter familiar em demasia na prestação de serviços. ➤ Recursos humanos de áreas operacionais com baixa qualificação para o atendimento de uma demanda de turistas estrangeiros, sobretudo relacionado à reduzida proficiência em dois idiomas. ➤ Entre os prestadores de serviços turísticos como locadoras de automóveis e transportadoras há muita informalidade.	➤ Captar uma demanda de turistas que busca destinos ecoturísticos com serviços mais específicos e diversificados. ➤ Em decorrência do aumento da receita turística há a possibilidade das economias municipais adquirirem um maior dinamismo devido à diversificação e ao aumento da cadeia produtiva diretamente ligada ao setor turístico. ➤ Aumento da oferta de emprego nos municípios. ➤ A falta de serviços de agenciamento receptivo representa oportunidades de investimento para o setor privado.	➤ Falta de rentabilidade dos empreendimentos turísticos devido à sazonalidade e aos altos custos de mercadorias provenientes de fora da região. ➤ Migração excessiva de empreendedores provenientes de outras regiões, limitando a inclusão da comunidade local como mera mão de obra barata e não qualificada. ➤ Aumento excessivo do fluxo migratório de pessoas em busca de oportunidades de emprego e renda.

Tabela 4.3. Circuitos turísticos e produtos

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
➤ A complementaridade dos atrativos turísticos potenciais e efetivos do Pólo permite que sejam formatados produtos turísticos diferenciados entre si, de modo a atender às demandas de nichos de mercado mais específicos. ➤ A existência de diversas trilhas já consolidadas para caminhadas, ciclismo e etc., que permitem a integração entre os diversos circuitos. ➤ A possibilidade de diversificação da oferta de produtos contribui para uma melhor distribuição espacial da demanda turística, o que ajuda a atenuar os efeitos negativos decorrentes da atividade sobre o espaço geográfico de forma geral, garantindo uma visibilidade temporal maior aos atrativos. ➤ Muitos dos atrativos naturais da região encontram-se localizados dentro de Unidades de Conservação, o que garante a possibilidade de implementação de ferramentas de gestão com maior poder de ordenamento do uso destas áreas (como os Parques Nacionais ou das APAs). ➤ Presença de eventos culturais em todo o Pólo (Festas de São João, do Divino Espírito Santo, do Senhor dos Passos e o Festival de Inverno de Lençóis, entre outros).	➤ Pouca diversificação dos produtos turísticos, sobretudo quanto aos componentes relativos aos serviços turísticos oferecidos. ➤ Utilização dos atrativos turísticos restrita a algumas áreas, o que acaba por sobrecarregar os recursos naturais, sujeitando-os a sofrer impactos negativos decorrentes de uma visita excessiva. ➤ Municípios com infra-estrutura urbana insatisfatória para o atendimento da população local e dos turistas. ➤ Dificuldade de acessos rodoviários a muitos dos atrativos naturais existentes no Pólo. ➤ Excetuando-se o Circuito do Diamante, há poucas agências de receptivo nos municípios. ➤ Baixa qualificação dos prestadores de serviços turísticos para atender a uma demanda de turistas com padrões de exigências mais elevados. ➤ A baixa articulação entre os prestadores de serviços e gestores públicos dificulta a formatação de novos produtos turísticos.	➤ Dada a singularidade e grau de conservação de alguns dos atrativos existentes na Chapada Diamantina, há a possibilidade de se aumentar a demanda internacional de turistas para a região. ➤ O Estado da Bahia configura-se atualmente como o principal Cluster de entretenimento do país, o que pode gerar um aumento do fluxo de turistas para o Pólo no bojo da macro-estratégia estadual. ➤ Aumento do turismo doméstico em decorrência do aumento de preços dos destinos internacionais em um cenário econômico de desvalorização cambial. ➤ Captação de um maior fluxo de turistas internacionais em razão da sobrevalorização do Dólar frente o Real. ➤ O aumento da receita turística poderá possibilitar a diversificação do setor terciário da economia e agregar mais valor ao produto turístico.	➤ Concorrência de destinos turísticos com características semelhantes e estratégias de captação de turistas mais eficazes. ➤ A adoção de políticas de preços predatórias pelos prestadores de serviços turísticos como um reflexo da sazonalidade do fluxo de turistas. ➤ Diminuição da qualidade dos serviços turísticos em função de uma concorrência predatória entre os empresários locais. ➤ Mercantilização e banalização de manifestações culturais, processos produtivos artesanais e hábitos cotidianos da população autóctone e uma conseqüente perda de identidade destas comunidades.

Tabela 4.4. Grau de atratividade e/ou conservação dos atrativos

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
➤ De forma geral os atrativos naturais do Pólo encontram-se em bom estado de conservação. ➤ A presença de atrativos naturais com características singulares suficientes para atrair demanda internacional para o Pólo. ➤ Grande parte dos atrativos naturais do Pólo estão inseridos em Unidades de Conservação, o que garante a existência de instrumentos legais mais restritivos quanto ao uso destes locais pelo público. ➤ Há grande presença de atrativos turísticos potenciais nas áreas onde há poucos produtos turísticos formatados (sobretudo no Circuito do Ouro), o que permite uma maior dispersão da visitação e uma diminuição do impacto aos atrativos.	➤ Baixa incidência de estudos de capacidade de carga dos atrativos naturais do Pólo. ➤ Muitos dos atrativos identificados não possuem infra-estrutura adequada para receber turistas, o que em médio prazo pode gerar impactos significativos a estes ambientes. ➤ Em geral, os atrativos apresentam uma acessibilidade avaliada entre fraca e razoável, excetuando-se o Circuito do Diamante onde as condições de acesso encontram-se, no geral, em melhores condições. ➤ Com um número reduzido de produtos turísticos formatados e aptos a receber visitantes a pressão antrópica sobre estes ambientes tende a se intensificar.	➤ A manutenção dos atrativos naturais com baixo grau de alteração paisagística e/ou degradação ambiental representa uma vantagem competitiva do Pólo perante outras destinações turísticas que já não possuem tais características. ➤ O Parque Nacional da Chapada Diamantina já se constitui num destino ecoturístico conhecido e pode embasar ações de promoção turística nos mercados emissores. ➤ A interpretação ambiental é atualmente uma oportunidade de investimento da iniciativa privada, pois agrega valor ao produto turístico e contribui para diminuir os impactos negativos que a atividade turística provoca.	➤ Com a formatação de novos produtos turísticos e o investimento em promoção turística na região do Pólo poderão ocorrer alterações negativas no grau de conservação dos atrativos naturais em decorrência do aumento excessivo da visitação. ➤ A perda de qualidade ambiental e/ou paisagística dos atrativos poderá restringir o potencial de atratividade nos recursos naturais do Pólo devido ao mau uso tanto pelos visitantes atuais quanto pela exploração predatória por outras atividades como, por exemplo, mineração e agricultura.

Tabela 4.5. Qualidade da gestão pública

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
➤ Há no Poder Público de alguns municípios a consciência e a percepção de que a atividade turística deve ser alvo de uma atuação mais efetiva e com enfoque estratégico. ➤ Em alguns municípios do Pólo observa-se uma participação mais atuante da sociedade civil na condução das políticas públicas por meio dos Conselhos Municipais de Turismo.	➤ Baixa incidência de ferramentas de gestão nos municípios (Planos Diretores, Leis de Uso do Solo e Meio Ambiente). ➤ Estruturas administrativas municipais com baixo índice de informatização e dotadas de poucos instrumentos para a realização de uma fiscalização sistemática do interesse público. ➤ Baixa qualificação técnica dos recursos humanos municipais, sobretudo no tocante às questões relativas ao turismo. ➤ Elevada evasão fiscal dos tributos cobrados em âmbito municipal. ➤ Demasiada dependência financeira dos municípios em reação aos repasses estaduais e federais de receitas.	➤ Existência de programas no âmbito da administração federal, como o PMAT – Programa de Modernização da Administração Tributária e Gestão dos Setores Sociais Básicos, que visa à modernização tributária dos municípios brasileiros. ➤ A Lei de Responsabilidade Fiscal limita e normatiza o gasto das finanças públicas e prevê a prestação de contas dos mesmos (Lei Complementar no 101 de 4 de maio de 2000). ➤ A melhora gradativa da qualidade da gestão pública nos municípios do Pólo pode proporcionar maior competitividade aos produtos turísticos do Pólo em comparação aos destinos concorrentes.	➤ Em decorrência de alterações negativas no cenário macro-econômico nacional e de um possível aumento das restrições fiscais, os municípios poderão sofrer uma redução de repasses de receita provenientes dos governos estadual e federal. ➤ A má administração fiscal do município pode restringir o repasse de recursos financeiros, obedecendo as regras da Lei de Responsabilidade Fiscal.

Tabela 4.6. Preços turísticos e competitividade

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
➤ Demanda turística consciente de que o produto ecoturístico, devido às suas singularidades e especificidades, em geral, apresenta preços mais elevados do que os destinos vinculados a outros nichos de mercado. ➤ Produtos turísticos com elevada competitividade perante destinos ecoturísticos semelhantes, dada a singularidade dos atrativos existentes no Pólo e os preços praticados.	➤ Os produtos turísticos mais estruturados e com serviços mais específicos restringem-se a poucos atrativos já efetivos e “tradicionais” no Circuito do Diamante. ➤ Baixa diversificação do produto turístico, o que dificulta a captação de turistas provenientes de nichos de mercado mais específicos.	➤ Destino com oferta turística competitiva, apresentando uma relação de qualidade / preço adequada quando comparada à concorrência nacional. ➤ Valorização do produto turístico tendo-se como contrapartida a inserção de serviços turísticos mais especializados e diversificados. ➤ A diversificação e diferenciação do produto turístico Chapada Diamantina garantem maior competitividade ao destino e permite que os preços cobrados se elevem de forma não predatória, o que maximiza o efeito multiplicador do turismo nas economias municipais.	➤ Concorrência de destinos turísticos semelhantes e que apresentem características mais competitivas do que o produto Chapada Diamantina. ➤ Em decorrência de uma busca pela competitividade do produto Chapada Diamantina focada apenas no preço cobrado, corre-se o risco de haver uma diminuição do valor percebido pelo turista em relação à sua experiência no destino. ➤ Deterioração da situação financeira das empresas aéreas no Brasil e uma possível elevação dos preços de passagens aéreas, o que diminuiria a propensão de gasto com turismo no mercado doméstico.

Tabela 4.7. Promoção turística

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
➤ O produto Chapada Diamantina já possui uma identidade relacionada ao ecoturismo no mercado doméstico. ➤ A promoção turística sistemática da área de estudo nos principais mercados emissores, sobretudo na região Sudeste do país.	➤ Iniciativas de promoção turística no exterior inexistentes ou pouco eficazes, o que deixa de captar um maior fluxo de turistas estrangeiros para o Pólo. ➤ Trade turístico pouco conscientizado quanto à importância da definição e implementação de uma estratégia de promoção turística.	➤ O Estado da Bahia possui uma estratégia bem definida no tocante à promoção turística do <i>Cluster</i> de entretenimento do Estado, o que representa uma oportunidade de utilização dos mesmos mecanismos de comunicação para o Pólo Turístico Chapada Diamantina. ➤ Elaboração de Plano de Marketing com ações imediatas de promoção dos produtos já formatados. ➤ Plano de Marketing que também indique a formação de novos produtos para ampliação do mercado adequado à região.	➤ Neutralização das ações de promoção turística do Pólo Chapada Diamantina em função da adoção de estratégias de promoção de destinos ecoturísticos concorrentes mais eficazes. ➤ Promoção turística inexistente ou inadequada pode atrair público desconectado com os propósitos da região.

Tabela 4.8. Planejamento

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
➤ Caráter participativo que permeia o processo de planejamento do PDITS do PRODETUR/NE II. ➤ Objetivos do PRODETUR/NE II focado na melhoria da qualidade de vida da população residente nos municípios. ➤ Construção do Aeroporto de Lençóis durante a primeira fase do PRODETUR/NE I. ➤ Existência de pesquisas de demanda turística realizadas no âmbito do Pólo, o que permite a construção de séries históricas acerca da evolução de seus indicadores turísticos. ➤ Criação do Conselho de Turismo do Pólo, no âmbito do PRODETUR II.	➤ Implementação de apenas um projeto proposto pelo PRODETUR/NE I. ➤ Baixa incidência de Planos Diretores nos municípios do Pólo, o que prejudica a implementação de políticas públicas que visem ao ordenamento das questões relativas ao planejamento urbano com horizontes mais longos. ➤ Pouca consciência quanto à importância do processo de planejamento turístico em setores da sociedade civil e do Poder Público em alguns municípios do Pólo.	➤ Ampliação e aprofundamento do Programa de Desenvolvimento do turismo no Pólo com participação de instituições financeiras como o BID. ➤ Em função do amplo processo de planejamento com que a região está sendo contemplada espera-se que investimentos provenientes da iniciativa privada se efetivem na região. ➤ Aumento de linhas de financiamento bancário para empreendedores locais em decorrência do processo de planejamento.	➤ Diminuição do montante financeiro destinado ao financiamento das intervenções propostas pelo PRODETUR/NE II. ➤ Falta de tradição em Planejamento na maioria dos municípios do Pólo pode retardar o ingresso do Prodetur II.

Tabela 4.9. Organização e capacidade empresarial do setor turístico

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
➤ Há em Lençóis uma maior profissionalização das empresas do setor turístico e uma maior articulação em torno de associações setoriais. ➤ Detectou-se no setor empresarial do Pólo uma disposição em participar de cursos de qualificação e aperfeiçoamento. ➤ Consciência dos empresários do setor turístico quanto à questão ambiental, em maior grau no município de Lençóis.	➤ Poucas iniciativas de associativismo entre os empresários do setor turístico, sobretudo nos Circuitos Chapada Norte e do Ouro. ➤ Baixa qualificação técnica dos empresários do setor turístico em gestão administrativa de seus empreendimentos. ➤ Despreparo dos funcionários das empresas turísticas na prestação de serviços ao turista. ➤ Inexistência de sistemas de qualidade e controle na gestão dos empreendimentos turísticos. ➤ Pouca participação do setor empresarial em Conselhos municipais de Turismo.	➤ Qualificar os empresários do Pólo, sobretudo os dos Circuitos Chapada Norte e do Ouro, e garantir uma melhora qualitativa dos serviços prestados e uma maior diversificação e diferenciação do produto turístico. ➤ Aumentar a qualificação dos empresários efetivos e potenciais das comunidades para que se insiram na atividade turística de forma ativa e não apenas como mão de obra barata em áreas operacionais. ➤ Melhorar a gestão das empresas turísticas por meio de parcerias com empresas emissivas potenciais a fim de conseguir atrair um número maior de turistas para a região.	➤ Despreparo e desarticulação do setor empresarial local poderá gerar uma competição interna predatória e diminuir a qualidade do serviço prestado ao turista. ➤ Baixa qualificação dos empresários e funcionários pode restringir o desenvolvimento de novos produtos turísticos mais diferenciados. ➤ A falta de articulação interna do setor privado pode acarretar dificuldades no relacionamento entre o setor público e empresários, prejudicando a melhoria das condições de infra-estrutura nos municípios.

Tabela 4.10. Mercados emergentes

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
➤ Demanda crescente, tanto no mercado doméstico como no mercado internacional, por produtos ecoturísticos bem estruturados e com características singulares. ➤ Crescimento do percentual de turistas estrangeiros que visitam o Pólo observado nos últimos anos, sobretudo no Circuito do Diamante. ➤ Aumento da permanência média dos turistas, observado entre 1998 e 2001. ➤ Avaliação positiva dos turistas quanto à percepção do nível de preços cobrados pelos prestadores de serviços turísticos.	➤ Diminuição do GMDI – Gasto Médio Diário Individual dos turistas brasileiros e estrangeiros observada nos últimos anos. ➤ Decréscimo da renda média dos visitantes que visitaram Lençóis entre 2000 e 2001. ➤ Baixo estímulo ao aumento de gastos em função da escassez na oferta de serviços turísticos mais diferenciados. ➤ Grande parte da demanda turística corresponde a um fluxo intra-estadual que apresenta baixa propensão a gastos.	➤ Situação cambial do país é favorável ao aumento da demanda doméstica, em decorrência do encarecimento de destinos internacionais, e ao aumento da demanda internacional, em razão da valorização do Dólar frente o Real. ➤ O aumento do volume de gastos turísticos por meio da diversificação e diferenciação dos produtos turísticos, o que garantirá um crescimento da permanência média dos turistas que visitam o Pólo.	➤ Diminuição da permanência média dos turistas que visitam o Pólo Chapada Diamantina em decorrência da retração do setor turístico mundial. ➤ Tendência mundial de realização de viagens mais curtas. ➤ Fortalecimento de destinos concorrentes, aumentando o nível de competição (Nordeste, Centro-Oeste e Amazônia).

Tabela 4.11. Gastronomia e artesanato

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
➤ Presença de culinária regional típica em alguns estabelecimentos de alimentação e bebidas do Pólo. ➤ No município de Lençóis há a presença de restaurantes que oferecem uma gastronomia mais diferenciada, o que o destaca como o município do Pólo com os restaurantes mais sofisticados e melhor estruturados. ➤ Há uma grande variedade dos tipos de produtos artesanais produzidos no Pólo. ➤ Em praticamente todos os municípios do Pólo há a produção e/ou a comercialização de produtos artesanais. ➤ A maioria dos artesãos trabalha com materiais encontrados na região do Pólo. ➤ A Gastronomia da Chapada é bastante diferenciada das demais regiões da Bahia, o que diversifica o Produto Bahia; ➤ A produção da Cachaça da Chapada é certificada e está se tornando diferencial local.	➤ Restaurantes turísticos com instalações bastante simples e com caráter familiar em demasia. ➤ Em alguns estabelecimentos de alimentação há problemas relativos às condições sanitárias. ➤ Baixa qualificação formal dos recursos humanos do setor de alimentação no Pólo, sobretudo no tocante ao atendimento do cliente. ➤ A produção artesanal na maioria dos municípios não se mostra voltada ao turismo.	➤ O aumento da visitação e da receita turística incentivarão a diversificação e a melhoria dos serviços de alimentação e bebidas oferecidos nos municípios do Pólo. ➤ O desenvolvimento turístico focado no ecoturismo poderá valorizar e garantir a manutenção de características peculiares da gastronomia local. ➤ A produção de artesanato típico e sua comercialização como <i>souvenir</i> permite que uma maior parcela da comunidade participe diretamente da atividade turística. ➤ Incentivar a produção de <i>souvenirs</i> como parte de uma estratégia de divulgação do destino Chapada Diamantina.	➤ Em decorrência de um aumento excessivo da visitação turística e do aumento da demanda por produtos artesanais corre-se o risco da produção artesanal perder suas características singulares e adotar técnicas produtivas não artesanais. ➤ Escassez de linhas de financiamento acessíveis ao empreendedor local e uma dificuldade em adequar as estruturas de restauração aos padrões de exigência da demanda turística.

Tabela 4.12. Condições de acessibilidade

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
➤ Aeroporto de Lençóis localizado em uma posição estratégica, na área central do Pólo. ➤ A opção de formatação de pacotes turísticos com transporte rodoviário ou aéreo permite com que o produto turístico seja mais maleável às necessidade da demanda.	➤ Más condições de conservação das rodovias do Pólo. ➤ Condições precárias da sinalização rodoviária existente no Pólo. ➤ Ligação rodoviária entre os municípios do Pólo e entre as sedes municipais e as comunidades rurais em mal estado de conservação. ➤ Rede de transporte ferroviário praticamente inexistente na região do Pólo. ➤ Em alguns municípios do Pólo não há terminal de ônibus e o logradouro público é utilizado para o embarque e desembarque de passageiros. ➤ Oferta precária de transportes entre as localidades do Pólo.	➤ Implantação de terminais rodoviários nos municípios-âncora. ➤ Implantação de melhorias no sistema de acesso rodoviário regional financiado pelos recursos do PRODETUR/NE II. ➤ Melhorar a acessibilidade aos atrativos localizados nas áreas rurais dos municípios. ➤ Melhorar as condições das rodovias que fazem a interligação dos municípios-âncora do Pólo, visando a uma integração efetiva dos Circuitos, por meio da viabilização de produtos turísticos com elementos complementares em vários municípios. ➤ Criação de meios de transportes intra-regional como oportunidades de negócios para a população do Pólo.	➤ Agravamento da crise mundial da aviação civil comercial, iniciada com os ataques terroristas ocorridos nos Estados Unidos. ➤ Diminuição do número de vôos que chegam ao Aeroporto de Lençóis em decorrência das dificuldades financeiras que algumas companhias aéreas brasileiras atravessam. ➤ Falta de investimentos nos acessos nos acessos de circulação dentro do Pólo restringe atratividade regional.

Tabela 4.13. Condições de saneamento básico

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
➤ Sensível melhora da oferta de serviços de abastecimento de água em alguns municípios nos últimos anos. ➤ Existência de projetos de ampliação das redes de abastecimento de água e esgotamento sanitário no âmbito do Governo Estadual. ➤ Aumento do percentual de domicílios atendidos por coleta de lixo na última década.	➤ Insuficiência do serviço de abastecimento de água nos municípios do Pólo, sobretudo nas áreas rurais. ➤ Baixa cobertura das redes de esgotamento sanitário nas áreas urbana dos municípios. ➤ Predominância de esgotamento sanitário do tipo fossa rudimentar nos municípios. ➤ Municípios não possuem aterros sanitários para disposição final de resíduos sólidos. ➤ Ausência de coleta seletiva de lixo nas localidades ➤ Inexistência e/ou insuficiência de estações de tratamento de efluentes de esgotos nos municípios.	➤ Implementação de projetos de melhoria das condições de saneamento básico nos municípios com apoio de financiamentos externos (BID e Banco Mundial). ➤ Implantação de coleta seletiva de lixo nos municípios como parte de uma política pública de tratamento de resíduos sólidos e geração de renda. ➤ O Prodetur II pode financiar projetos de educação ambiental que garantem a atratividade turística no meio natural.	➤ Deterioração das condições sanitárias próximas aos atrativos turísticos e nas áreas periféricas dos municípios em decorrência do aumento excessivo de migração regional. ➤ Aumento excessivo da produção de lixo em decorrência do crescimento do número de turistas que visitam a região do Pólo, sem que exista o devido manejo dos resíduos sólidos.

Tabela 4.14. Aspectos ambientais

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
➤ Meio ambiente conservado com a presença de espécies endêmicas. ➤ Aspectos de relevo e de clima singulares, com formações geológicas ímpares que se constituem na maior atratividade diferencial de todo o Pólo. ➤ A presença de nascentes formadoras de bacias hidrográficas importantes para o Estado, como a do rio Paraguaçu. ➤ Consciência ambiental crescente entre a população, em geral, e entre a oferta técnica turística em especial. ➤ Presença de unidades de conservação significativas, como o Parque Nacional da Chapada Diamantina.	➤ Apesar do meio ambiente apresentar-se ainda conservado, há um crescimento nos vetores de pressão como atividades agrícolas, de mineração e até da visitação descontrolada que estão causando impactos negativos ao meio ambiente. ➤ Já ocorrem problemas relacionados à deterioração ambiental nas margens dos rios e das principais nascentes da região. ➤ Apesar do crescimento da consciência ambiental esta se apresenta ainda restrita, necessitando-se de um trabalho mais efetivo de educação ambiental tanto para a população fixa quanto para os visitantes. ➤ A presença das unidades de conservação não está garantindo a preservação ambiental de fato pois, em geral, enfrentam problemas estruturais que impede que seus objetivos sejam atingidos.	➤ Implementação de projetos de ampliação da área conservada com o apoio de financiamentos externos (BID e Banco Mundial). ➤ Valorização de ações de coleta seletiva de lixo nos municípios como parte de uma política pública de tratamento de resíduos sólidos e geração de renda. ➤ O Prodetur II pode financiar projetos de educação ambiental que garantem a atratividade turística no meio natural.	➤ Deterioração das condições sanitárias próximas aos atrativos turísticos e nas áreas periféricas dos municípios em decorrência do aumento excessivo de migração regional. ➤ Aumento excessivo da produção de lixo em decorrência do crescimento do número de turistas que visitam a região do Pólo, sem que exista o devido manejo dos resíduos sólidos.

Tabela 4.15. Aspectos Sócio-Culturais

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
➤ População apresenta traços culturais bastante fortes e marcantes, o que contribui com o conceito de hospitalidade. ➤ A população do Pólo Turístico Chapada Diamantina apresentou nas últimas duas décadas uma melhora de sua expectativa de vida, destacando-se também uma melhora de seu Índice de Desenvolvimento Humano.	➤ Os municípios do pólo apresentam indicadores sociais em relação ao Estado da Bahia e ao Brasil ainda inferiores, o que denota as baixas condições de vida da população local. ➤ As economias municipais apresentam baixa diversificação setorial, sendo caracterizadas pela predominância do setor primário. ➤ O setor de serviços das economias municipais ainda é pouco representativo e possui uma baixa qualificação técnica de recursos humanos.	➤ Com o incremento da atividade ecoturística, poderá ocorrer uma valorização da cultura local, surgindo novas oportunidades de emprego em renda, como por exemplo, na produção de artesanato e na valorização de práticas culturais autênticas. ➤ Implementação de projetos que visem à melhora dos indicadores sociais do pólo com recursos advindos de organismos como o Banco interamericano de Desenvolvimento e o Banco Mundial.	➤ As possibilidades de emprego geradas no Pólo Turístico Chapada Diamantina, com o aumento dos investimentos na região, podem acarretar uma migração regional de grande intensidade, o que pode causar uma descaracterização da identidade cultural da população local. ➤ Piora dos indicadores sociais dos municípios do pólo em decorrência da não efetivação dos investimentos públicos esperados para a região.

Tabela 4.146. Segurança pública

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
➤ De forma geral, os municípios do Pólo não apresentam problemas relacionados com criminalidade em níveis que representem obstáculos para o desenvolvimento do turismo na região.	➤ Inexistência de efetivo policial formado com treinamento específico para o atendimento dos turistas nos municípios do Pólo. ➤ Não há grupamentos específicos da Polícia Militar com treinamento adequado para atividades de salvatamento de acidentados na Chapada Diamantina. ➤ Insuficiência de equipes de bombeiros na região, tornando a problemática relacionada às queimadas num sério risco à conservação do meio ambiente.	➤ Implantar na Chapada Diamantina um policiamento preventivo e ostensivo e que também atue no atendimento ao turista, prestando informações e orientando os turistas sobre roteiros turísticos, assim como se verifica em outras áreas turísticas de grande fluxo de visitantes no Estado. ➤ Dotar o Pólo Chapada Diamantina de um serviço de salvatamento, haja vista a particularidade dos atrativos e o tipo de atividades desenvolvidas nos mesmos. ➤ Maior consciência da sociedade brasileira sobre questões ambientais o que, em última análise, facilita o investimento público em ações preventivas no combate ao desmatamento e ao incêndio florestal.	➤ Aumento de criminalidade em decorrência de um aumento excessivo da migração regional e uma diminuição da oferta de emprego e renda nos municípios do Pólo. ➤ O aumento dos fluxos turísticos pode acarretar crescimento do consumo de drogas e da prostituição, caso não se implementem ações preventivas na área de segurança pública.

4.2. Estratégias de Desenvolvimento Turístico

De acordo com os objetivos do PRODETUR/NE II e com a política de turismo a ser adotada pelo Estado da Bahia, foram identificadas três vertentes de desenvolvimento. As vertentes são a fonte de onde cada estratégia e objetivo do Plano brotam. Cada vertente funciona como um filtro, uma maneira de aferir a consistência de cada estratégia e sua consonância com os objetivos do PRODETUR e do Governo do Estado.

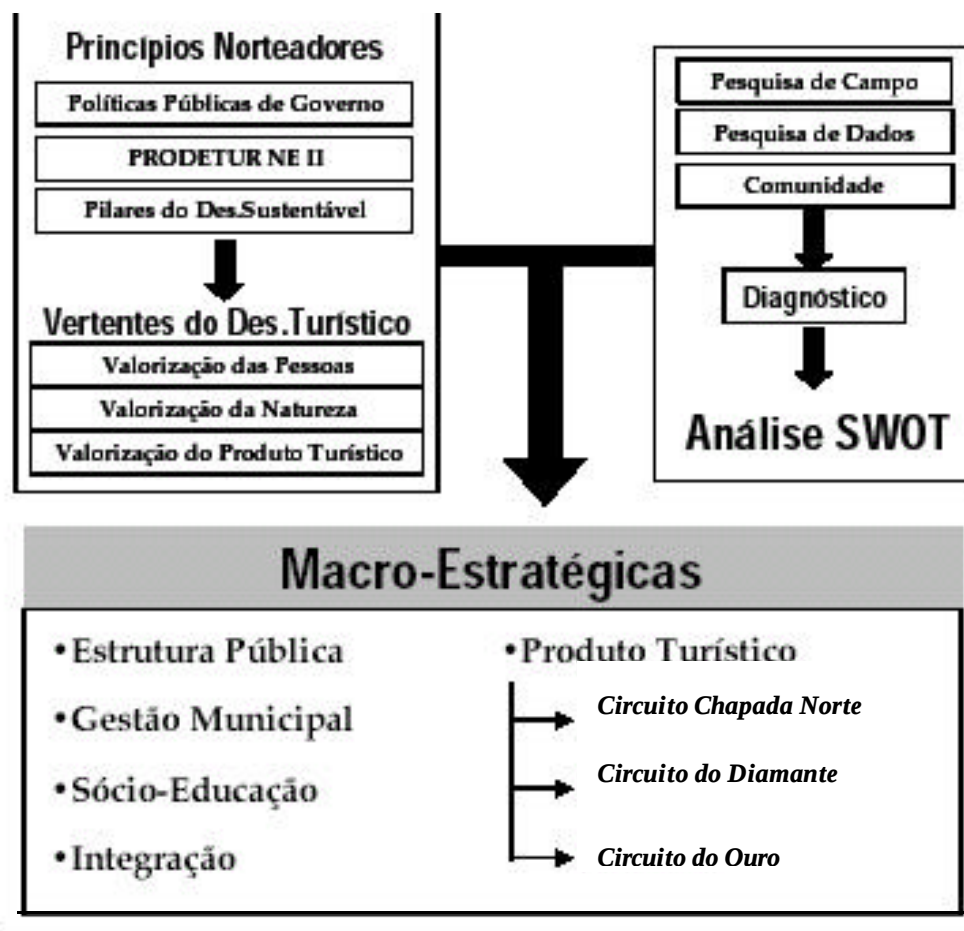
A partir das Vertentes, Visão e Missão ter-se-ão as diretrizes de desenvolvimento turístico para o Estado da Bahia e conseqüentemente para cada Zona Turística.

Portanto, as vertentes, a visão, a missão, e as Macro Estratégias são definidas, dentro da esfera estadual, remetendo a um encadeamento mais amplo e integrado com as demais políticas públicas em diversas áreas (infra-estrutura, educação, saúde, segurança etc.).

Também, além das diretrizes relacionadas ao contexto estadual, definiu-se, estratégias específicas para as características intrínsecas de cada um dos Pólos e Circuitos Turísticos. Nessa conjuntura, estabeleceu-se as Estratégias Sub-Regionais, uma definição sobre como essas regiões podem desenvolver a atividade turística considerando o direcionamento estadual e aproveitando seus diferenciais, contribuindo para o desenvolvimento do turismo no Estado de forma harmônica.

A figura apresentada a seguir mostra a estratégia de desenvolvimento para o Estado da Bahia e para o Pólo Turístico Chapada Diamantina, seus princípios e alicerces.

Figura 4.1. Princípios da estratégia de desenvolvimento do turismo no Pólo Chapada Diamantina

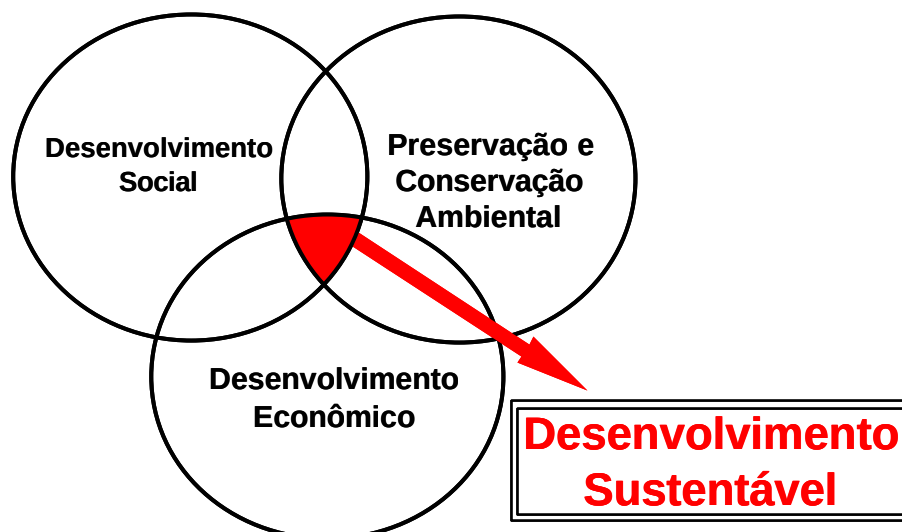


A seguir são apresentados os conceitos acima mencionados. A explanação se inicia com as vertentes, visão e missão do turismo na Bahia. Depois, são analisadas as Macro Estratégias. Por último, são apresentadas as estratégias sub-regionais, enfatizando os diferenciais de cada Circuito Turístico.

4.2.1. Vertentes, Visão e Missão

A identificação das vertentes teve como base a conceituação do desenvolvimento sustentável, que pressupõe uma integração entre as esferas do desenvolvimento econômico, desenvolvimento social e preservação ambiental, conforme a Figura 4.2.:

 Figura 4.2. Pilares do desenvolvimento sustentável



As vertentes de desenvolvimento para o turismo na Bahia, ou seja, as origens das ações e objetivos a serem perseguidos neste desenvolvimento são:

- **Valorização das Pessoas** (desenvolvimento sócio-cultural);
- **Valorização da Natureza** (preservação e conservação ambiental); e
- **Valorização do Produto Turístico** (desenvolvimento econômico)

Sobre esses princípios, foram elaboradas a missão e a visão do turismo no Estado da Bahia. Como subsídios para a visão e a missão foram também considerados os objetivos do PRODETUR/NE II, a política de turismo adotada pelo Estado da Bahia; as intervenções e sugestões da comunidade; e o trabalho desenvolvido pelo Monitor Group, “Criando o Cluster de Entretenimento no Estado da Bahia”.

4.2.1.1. Visão

“A Bahia será um modelo de desenvolvimento turístico, já que todos os envolvidos se beneficiarão efetivamente desta atividade. O turismo é um agente de integração entre as esferas econômica, sócio-cultural e ambiental e um importante indutor do desenvolvimento sustentável no Estado. O turismo apresenta e fortalece a identidade baiana, por se

4.2.1.2. Missão

fundamentar nos valores e diferenciais de seu povo e de sua terra.” será um vetor de grande importância na implementação e promoção do desenvolvimento sustentável no Estado da Bahia”

4.3. Macro-Estratégias

O planejamento estratégico aplicado a atividades turísticas busca, dentre outros objetivos, responder às incertezas existentes no mercado turístico, adequando a oferta de produtos às exigências da demanda. No caso deste PDITS da Chapada Diamantina almeja-se principalmente que a equação entre oferta e demanda alcance o equilíbrio da sustentabilidade, ou seja, que o turismo ajude na conservação ambiental e gere benefícios econômicos e sociais para as comunidades receptoras.

Assim, nesta etapa, determinou-se a formulação de ações estratégicas que baseadas no inventário e nas análises já realizadas anteriormente, deve gerar resultados estratégicos coerentes com as vertentes e as definições da visão e missão do PDITS.

Para tanto foram identificadas cinco Macro-estratégias Estaduais a serem trabalhadas em todos os Pólos Turísticos do Estado e, a partir destas, elaboraram-se as Estratégias Subregionais do Pólo Turístico Chapada Diamantina.

Destaca-se que o intuito dessa formulação estratégica é o de transformar os recursos e capacidades existentes na área de estudo em diferenciais efetivos, desenvolvendo o produto turístico de forma competitiva e operacionalmente eficaz, além de melhorar a qualidade de vida das populações locais.

4.3.1. Estratégia Estadual

As Macro-estratégias Estaduais são os grandes campos que necessitam de intervenções para garantir que as vertentes, a visão e a missão sejam efetivamente implementadas. A indicação dessas Macro-estratégias Estaduais, portanto, orientam os esforços de todos os envolvidos com a atividade turística em prol de um desenvolvimento integrado e sustentável. Traduzem uma avaliação da realidade turística do Estado da Bahia, identificando basicamente dois tipos de intervenções:

- **ações recuperadoras** – aquelas que são originadas das fraquezas detectadas durante o processo de planejamento participativo. Foram sugeridas pela própria comunidade, por órgãos públicos que atuam nas regiões e pela equipe técnica;
- **ações ofensivas** – são as ações que potencializam os pontos fortes ou permitem o fortalecimento ante as ameaças e oportunidades apontadas. Também foram sugeridas pela comunidade, órgãos públicos e equipe técnica.

As Macro-estratégias Estaduais para o desenvolvimento do turismo sustentável na Bahia são:

- Estrutura Pública;
- Gestão Municipal;
- Sócio-Educação;
- Integração; e
- Produto Turístico.

Cada uma destas Macro Estratégias supracitadas conta com diversas estratégias que estão elencadas e brevemente descritas a seguir. É importante notar-se que num primeiro momento serão apresentadas as estratégias no âmbito estadual e, numa segunda fase (ver capítulo 6. Plano de Ação), estão detalhadas as estratégias específicas do Pólo Turístico Chapada Diamantina e seus Circuitos, quais sejam: Chapada Norte, Circuito do Diamante e Circuito do Ouro.

Destaca-se, por fim, que como elemento integrante da Macro-estratégia *Produto Turístico*, estão as estratégias sub-regionais de cada Circuito Turístico do Pólo Chapada Diamantina. Assim, nesse item serão apresentados, com maior profundidade, as diretrizes e ênfases necessárias para o aumento da competitividade turística dessas sub-regiões.

4.3.1.1. Estrutura Pública

“Criar as condições necessárias para o desenvolvimento sustentável do turismo através de planejamento, infra-estrutura básica e acompanhamento”

O ponto de partida para o processo de planejamento que ora se desenvolve é o entendimento, por parte do Estado, da necessidade de coordenação do desenvolvimento do turismo, objetivando um crescimento sustentável da atividade na Bahia.

Assim sendo, o primeiro ponto a ser abordado diz respeito à **Estrutura Pública**, que são as atribuições e responsabilidades do Estado no planejamento e na coordenação da atividade turística, e no fornecimento de infra-estrutura básica.

Neste sentido, o grande papel do Estado no turismo é o de planejador, indutor e coordenador dos Pólos de Turismo na Bahia. Como forma de garantir a implementação dos rumos e estratégias definidas, este deve prover, entre outras atividades, a implantação da infra-estrutura de transportes; dos serviços básicos (distribuição de água, estrutura de esgotamento sanitário e estruturas de disposição final de resíduos sólidos); da sócio-educação para o turismo; da segurança; e da regulamentação da atividade.

Estratégias de Estrutura Pública

1. Ampliar e melhorar os sistemas viários utilizados para a integração e acesso às

áreas turísticas;

2. Articular a melhoria do sistema de saúde nas áreas de interesse turístico;
3. Coordenar o planejamento e a gestão estratégica dos Pólos Turísticos;
4. Fomentar a melhoria dos meios de transporte de acesso ao Pólo e de circulação regional e local;
5. Implantar e operar sistemas de saneamento básico nas áreas de interesse turístico;
6. Implantar e melhorar os sistemas de coleta e disposição final dos resíduos sólidos nas áreas de interesse turístico;
7. Implantar sistemas de segurança pública de padrão adequado às áreas turísticas;
8. Desenvolver e implantar um sistema integrado de informação e de indicadores estatísticos do turismo;
9. Otimizar as redes de Energia e Telefonia; e
10. Realizar a recuperação e o restauro do patrimônio histórico apoiando sua revitalização.

4.3.1.2. Gestão Municipal

“Promover a modernização técnico-administrativa para uma gestão municipal referenciada nos princípios do desenvolvimento sustentável do turismo”

A partir da identificação da importância da oferta de uma base estrutural para o desenvolvimento sustentável, a etapa seguinte é o ajuste das capacidades municipais para o gerenciamento do turismo. Entende-se, assim, que em última instância é no município que a atividade turística ocorre e onde, por consequência, os impactos diretos da atividade são mais significativos.

Deste modo, essa Macro-estratégia Estadual reúne as intervenções necessárias para que o poder público municipal execute suas atribuições adequadamente. As estratégias aqui apresentadas procuram encaminhar as prefeituras para uma administração eficiente da atividade turística, em consonância com as vertentes, visão e missão da atividade turística no Estado da Bahia.

O escopo das responsabilidades das prefeituras neste PDITS é estrategicamente importante, pois é quando delimita-se as responsabilidades dos municípios na elaboração e implementação das ferramentas de gestão⁵⁶; na implementação e operação dos Conselhos Municipais de Turismo e Meio Ambiente; na gestão e manutenção do Patrimônio Histórico; na operação dos sistemas de coleta e disposição final dos resíduos sólidos (a implantação é atribuição do poder público estadual); e na execução de intervenções de urbanização e paisagismo que melhorem a relação dos cidadãos e turistas com os centros urbanos.

⁵⁶ Vide capítulo 3.6. Capacidade Institucional – Municipal.

Compreende-se, também, que o fortalecimento da gestão municipal para a atividade turística acarreta em melhorias institucionais estruturais que impulsionam sobremaneira na melhoria da qualidade de vida da comunidade. Assim, esta Macroestratégia Estadual, assim como a anterior, resulta em impactos positivos diretos e indiretos para os cidadãos, tanto na área urbana como na rural.

Estratégias de Gestão Municipal

1. Modernizar a estrutura administrativa e fiscal dos municípios;
2. Desenvolver habilidades e competências nas equipes municipais para a gestão do turismo;
3. Apoiar de maneira pró-ativa os Conselhos Municipais de Turismo e de Meio Ambiente;
4. Incentivar, elaborar e garantir a implantação de ferramentas de gestão (PDM, Código de Obras, PDLU etc.);
5. Oferecer assistência para a operação regular dos sistemas de coleta e disposição final dos resíduos sólidos;
6. Gerir o patrimônio histórico, em conjunto com a comunidade, buscando sua revitalização;
7. Apoiar intervenções urbanísticas e paisagísticas necessárias para melhorar a relação do município com os turistas e cidadãos; e
8. Fortalecer os mecanismos que contribuam para a formação da identidade municipal.

4.3.1.3. Sócio-Educação

“Mobilizar as pessoas para a reconstrução permanente do processo sócio-educativo da comunidade, visando o aumento da qualidade da experiência turística”

O envolvimento da comunidade é o terceiro passo para o desenvolvimento sustentável do turismo na Bahia. Para tanto, a Macroestratégia Estadual denominada Sócio-educação remete às estratégias, ações e projetos que permitam o aumento da qualidade de vida da população e sua articulação com a atividade turística. Permite, assim, a melhoria da experiência turística em uma determinada região através do aprimoramento do papel do morador local no processo.

Tal melhoria se traduz na percepção da importância do turismo para a comunidade, no respeito e na valorização do patrimônio histórico, cultural e ambiental pelos moradores, além da sensibilização comunitária para a percepção de liberdades individuais inseridas no contexto social. Essa alteração de perspectiva se traduz na qualidade dos serviços prestados, na cortesia e na disposição da população local para o envolvimento em atividades relacionadas ao turismo.

O desafio de desenvolver essas características, na sociedade como um todo, passa pela compreensão das limitações sócio-educacionais e pelas dificuldades econômicas das regiões. Outrossim, o comportamento dos habitantes das áreas de estudo e a

percepção dos turistas sobre tais procedimentos influi sensivelmente na experiência turística pois, de uma forma geral, a atividade turística usufrui do mesmo espaço público e interage intensamente com a comunidade local.

Assim, como o turismo é uma atividade que se caracteriza, dentre outras, pelo seu elevado grau de intrusão social, gera um impacto significativo na comunidade, causando uma alteração com novos valores e desejos. Preparar a sociedade receptora para esse processo é garantir a integração e o respeito dos habitantes à atividade, além da satisfação dos turistas.

Estratégias de Sócio-educação

1. Promover eventos educacionais voltados para aprendizagens relativas ao papel de cidadão e de profissional que já trabalhem ou que pretendam trabalhar no turismo;
2. Envolver os empreendimentos turísticos num processo de educação organizacional;
3. Criar oportunidades para que a comunidade construa uma consciência coletiva sobre a importância da conservação e preservação do patrimônio cultural, histórico e ambiental;
4. Fomentar atividades que fortaleçam o reconhecimento do turismo como atividade geradora de benefícios sócio-econômicos, como trabalho e renda;
5. Mobilizar as lideranças municipais, formais e não formais, para fortalecer o papel educativo das cidades.

4.3.1.4. Integração

“Promover a integração entre os atores da atividade turística, visando a inserção de todos num projeto comum de desenvolvimento sustentável.”

A quarta etapa necessária para a formação da base de desenvolvimento sustentável é a integração entre todos os elementos em um projeto de desenvolvimento comum. Tal Macro-estratégia Estadual identifica, sobretudo, a necessidade de criação de mecanismos que permitam a inserção plena dos envolvidos no processo de desenvolvimento turístico, cada qual com sua contribuição, sem o que não haverá equilíbrio e distribuição justa dos benefícios.

Ao mesmo tempo, tais mecanismos servem não somente para a integração mas também para tornar o processo de desenvolvimento turístico mais dinâmico e maleável, de forma que se alcance o máximo de eficiência na busca de resultados positivos. Procura, desta forma, diminuir a distância entre os diversos atores da atividade turística, garantindo uma comunicação efetiva entre eles.

Percebe-se, por exemplo, dificuldades de comunicação da comunidade com a atividade turística e do setor privado com o setor público. Também, tanto o empresariado quanto as comunidades locais não são mobilizados e, portanto, não têm força de representação. Ainda, pode-se observar pouca coordenação de ações entre os municípios para a criação ou consolidação de roteiros e destinos turísticos integrados.

As ações em prol da integração são benéficas para todos os atores envolvidos: unidos, organizados e trabalhando por um objetivo comum. A integração pode, então, oferecer oportunidades de desenvolvimento aos municípios que não contam com atividade turística estruturada, integrando-os em um roteiro ou destino turístico onde haja municípios com maior projeção sobre o mercado. Da mesma maneira, as comunidades podem integrar-se ao turismo e aos benefícios que a atividade pode trazer.

Estratégias de Integração

1. Buscar a inserção da comunidade local no processo turístico através da valorização e respeito de sua cultura, seu espaço e suas decisões;
2. Fomentar o associativismo comunitário como forma de representação perante os governos locais e conselhos municipais e regionais;
3. Fomentar o associativismo empresarial como forma de representação do setor e dinamização de seu desenvolvimento;
4. Garantir que o desenvolvimento turístico seja integrado entre os municípios com a consolidação dos roteiros e zonas turísticas;
5. Estimular a formação da cadeia produtiva local do turismo, aumentando a contribuição desta atividade para o PIB regional e baiano;
6. Estimular e priorizar investimentos da comunidade local em receptivo turístico;
7. Intensificar a comunicação e a cooperação entre o setor público e o privado; e
8. Apoiar e fortalecer *clusters* regionais, aproveitando as características e diferenciais de cada zona.

4.3.1.5. Produto Turístico

“Estimular a formação de produtos turísticos que sejam competitivos em segmentos específicos de demanda, buscando a excelência nos serviços”

A etapa seguinte de intervenções necessárias objetiva o aprimoramento do produto turístico oferecido ao mercado, condição indispensável para a adequação mercadológica dos atrativos turísticos.

A Macro-estratégia Estadual de **Produto Turístico** relaciona as estratégias que visam melhorar constantemente a oferta de produtos turísticos do Estado. Tal resultado trará ao turista maior satisfação pelo serviço prestado e, ao Estado da Bahia, a opção pela seleção de um perfil de turista cada vez mais exigente e com maior poder de gasto nos destinos. Atende, assim, diretamente a necessidade de mais opções de emprego e renda.

O Estado da Bahia também entende que a simples existência de recursos naturais, humanos, organizacionais, culturais e históricos não é condição suficiente para a comercialização de produtos turísticos de maneira competitiva. Os recursos disponíveis devem ser integrados, gerando capacidades que possam ser valiosas e únicas.

Ao mesmo tempo, ao lado do papel de apoio que Estado e prefeitura oferecem, são necessários outros três passos para transformar recursos em vantagens competitivas: a adequada formatação de produtos; sua consistente operacionalização; e uma eficaz inserção mercadológica. Esses passos deverão ser dados em conjunto com o setor privado, com cada qual oferecendo sua contribuição.

Com o intuito de orientar os esforços coletivos e melhor aproveitar as características de cada sub-região, foram definidas ênfases para o desenvolvimento de seus diferenciais. Essas ênfases estão descritas abaixo, para cada um dos circuitos turísticos da Chapada Diamantina, indicando as melhores oportunidades de criação de produtos turísticos competitivos e diferenciados a partir dos recursos existentes.

Destaca-se que produtos turísticos competitivos e diferenciados são essenciais para a competitividade do destino na perspectiva econômica, permitindo o financiamento das ações que promovam a qualidade de vida e a conservação dos recursos naturais.

Assim, as estratégias apresentadas a seguir para essa área definem como será atingido esse objetivo:

Estratégias de Produto Turístico

1. Realizar o processo promocional e o marketing dos Pólos Turísticos, visando reconhecimento e apreciação nacional e internacional da marca Bahia;
2. Valorizar e apoiar produtos inovadores e criativos;
3. Estimular a busca pela excelência dos serviços e produtos turísticos;
4. Diversificar a oferta de produtos turísticos para atender segmentos de demanda adequados a cada circuito;
5. Estabelecer alternativas para diminuição da sazonalidade;
6. Criar postos de informação turística integrados;
7. Estimular a atividade turística a partir do fortalecimento de municípios com maior estrutura e atratividade turística, classificando-os em:

- **Âncoras**

Municípios com maior estrutura turística e maior atratividade captando fluxo para hospedagem (trazem o turista para a região). Cabe aqui destacar que já existem no Pólo Chapada Diamantina alguns municípios que contam com um fluxo turístico efetivo e têm a atividade turística de certa forma consolidada, como Jacobina e Morro do Chapéu (Circuito Chapada Norte), Lençóis (Circuito do Diamante) e Rio de Contas (Circuito do Ouro). Assim, tais municípios serão considerados âncoras.

- **Mini-Âncoras**

Municípios com menor estrutura turística, mas com atrativos relevantes para captar fluxo diário, num primeiro momento (mantêm o turista na região). Os demais municípios que não foram classificados como âncora não contam com estrutura adequada de receptivo e são relativamente desconhecidos em

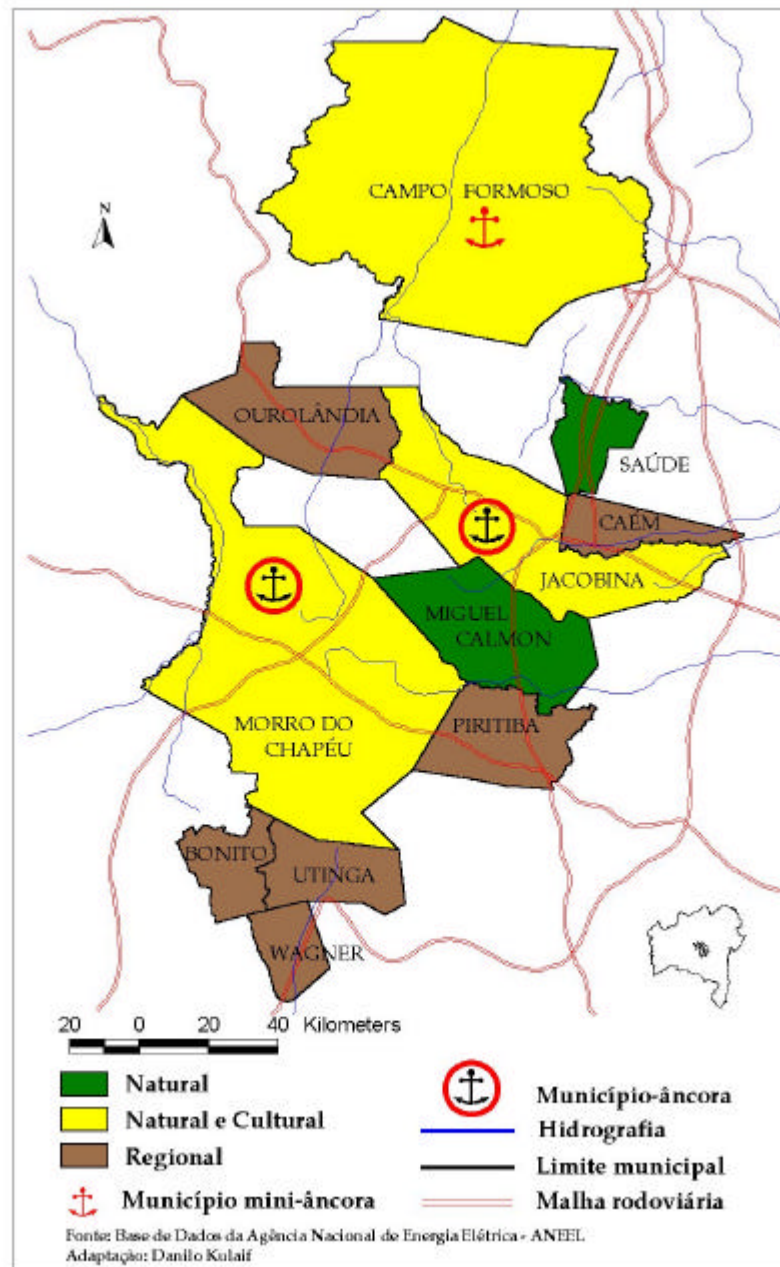
âmbito regional, nacional e internacional. Serão, assim, definidos como mini-âncoras.

As mini-âncoras serão, para os turistas, opções de passeio complementar. Ao invés de ficarem todo o período de férias fixados em um só local, poderão circular pelas diversas opções. Assim serão atingidos os seguintes objetivos: (a) possível aumento da permanência média do turista; (b) desconcentração do fluxo dos destinos consolidados, aumentando a capacidade de carga do pólo como um todo e (c) fluxo mais constante e mais efetivo nos destinos ainda desconhecidos por turistas.

A partir do aumento no fluxo das mini-âncoras, vão surgindo investimentos por parte do setor privado em receptivo e serviços turísticos, gerando um ciclo virtuoso da atividade. Os municípios denominados atualmente como mini-âncoras poderão, com o decorrer do tempo e a evolução e consolidação do Pólo, aprimorar sua capacidade técnica de receptivo e atingir o *status* de âncoras. A representação atual dos municípios-âncora e mini-âncora em cada circuito pode ser visualizada nos cartogramas 4.1, 4.2 e 4.3 a seguir.

8. Aumentar a competitividade do Circuito Chapada Norte, compreendido pelos municípios de Bonito, Caém, Campo Formoso, Jacobina, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Ourolândia, Piritiba, Saúde, Utinga e Wagner. Para tanto serão valorizados seus principais diferenciais, relacionados à:
 - Relevo e hidrografia – possibilitando a existência de diversos atrativos naturais como cachoeiras, grutas, mirantes etc.;
 - Meio ambiente em bom estado de conservação – com a presença da APA Gruta dos Brejões e Parque Estadual das Sete Passagens, dentre outros;
 - Ecossistemas frágeis em bom estado de conservação – como o estudo das estruturas geológicas em Morro do Chapéu;
 - Expressões Folclóricas;
 - Pinturas rupestres – principalmente na região de Morro do Chapéu.

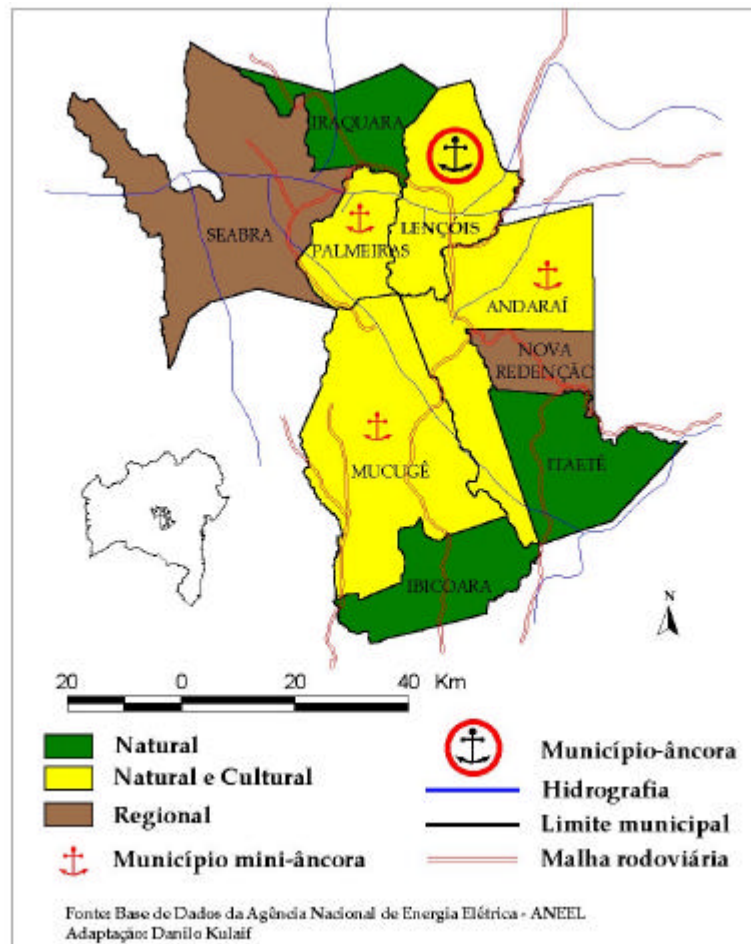
Cartograma 4.1. Categorias principais de turismo no Circuito Chapada Norte



A configuração de atrativos diferenciais do Circuito Chapada Norte sugere o desenvolvimento de duas categorias de turismo: a histórico-cultural e a relacionada aos aspectos naturais. Para melhor atender a esses propósitos, percebeu-se a necessidade de se enfatizar medidas fundamentais no desenvolvimento dos diferenciais que alavanquem essas categorias, quais sejam:

- **História**
 - o Preservar e adequar os Sítios Arqueológicos para a visitação pública;
 - o Revitalizar e utilizar o patrimônio histórico para as atividades turísticas; e
 - o Implantar programas de treinamento específico para guias, restauradores etc., gerando oportunidades para a comunidade local.
 - **Cultura**
 - o Aprofundar o apoio às manifestações culturais populares; e
 - o Integrar cultura e turismo, de forma a maximizar o benefício amplo das duas atividades conjuntamente.
 - **Natureza**
 - o Estender os programas de conservação e preservação ambiental;
 - o Manter os recursos naturais – base das atividades agroextrativistas de subsistência;
 - o Ordenar o fluxo turístico de forma adequada, de acordo com as fragilidades ambientais da região;
 - o Elaborar programas de educação ambiental, tanto para os turistas como para os moradores;
 - o Implantar centros turístico-ambientais que possibilitem a ordenação do uso da APA e do Parque Estadual com programas específicos de visitação. Ainda, formar centros de excelência em recuperação e desenvolvimento ambiental; e
 - o Complementar as ações de saneamento e infra-estrutura de forma a evitar impactos negativos ao meio ambiente.
9. Aumentar a competitividade do Circuito do Diamante, compreendido pelos municípios de Andaraí, Ibicoara, Iraquara, Itaetê, Lençóis, Mucugê, Nova Redenção, Palmeiras e Seabra. Os diferenciais que devem ser valorizados são:
- Relevo – possibilitando a existência de diversos atrativos naturais diferenciais, sobretudo relacionados à paisagem e às cachoeiras;
 - Meio ambiente em bom estado de conservação – com a presença do Parque Nacional da Chapada Diamantina e da APA Marimbus – Iraquara, com suas trilhas e atrativos;
 - Oferta turística consolidada - contando com agências, operadoras, meios de hospedagem, guias etc.;
 - História - passado próspero pelo Ciclos do Ouro e do Diamante e pelo período do Coronelismo;
 - Conjunto Arquitetônico raro e significativo – com diversos bens históricos como casas, igrejas etc. com potencial para o desenvolvimento de atividades turísticas; e

Cartograma 4.2. Categorias principais de turismo no Circuito do Diamante



A configuração de atrativos e diferenciais dos municípios do Circuito do Diamante indica a necessidade de desenvolvimento de duas categorias de turismo: a histórico-cultural e a relacionada aos aspectos naturais. Assim, da mesma forma que no Circuito Chapada Norte, enfatizou-se a execução de algumas medidas fundamentais nos diferenciais que podem alavancar essas categorias, quais sejam:

- **História**

- o Complementar as ações já iniciadas de recuperação do patrimônio histórico, principalmente em Lençóis;
- o Revitalizar e utilizar o patrimônio histórico dos demais municípios do Circuito para as atividades turísticas;
- o Implantar programas de treinamento específico para guias, restauradores etc., gerando oportunidades para a comunidade local; e
- o Formatar roteiros turísticos relacionando patrimônio cultural com natureza.

- **Cultura**

- o Aprofundar o apoio às manifestações culturais populares; e
- o Integrar cultura e turismo, de forma a maximizar o benefício amplo das duas atividades conjuntamente.

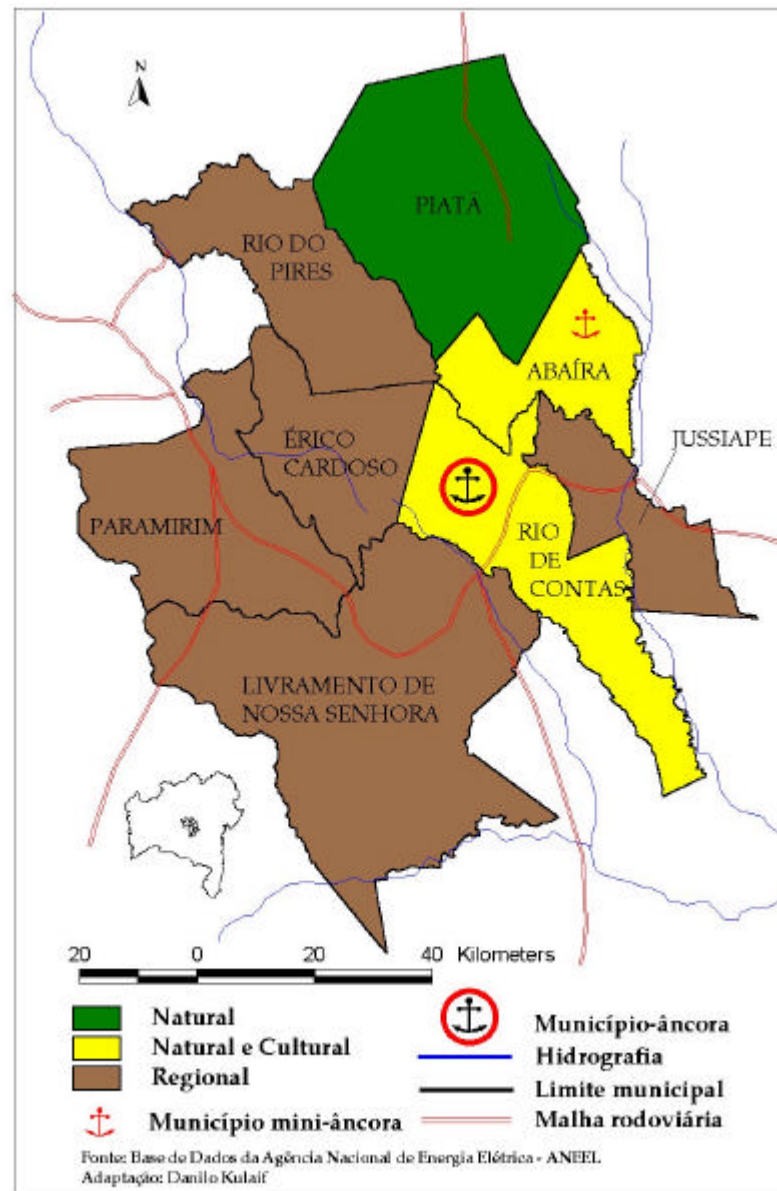
- **Natureza**

- o Estender os programas de conservação e preservação ambiental;
- o Manter os recursos naturais – base da atividades ecoturísticas locais;
- o Ordenar o fluxo turístico de forma adequada, de acordo com as fragilidades ambientais da região;
- o Elaborar programas de educação ambiental, tanto para os turistas como para os moradores;
- o Implantar centros turístico-ambientais que possibilitem a ordenação do uso da APA e do Parque Nacional com programas específicos de visitação; e
- o Complementar as ações de saneamento e infra-estrutura de forma a evitar impactos negativos ao meio ambiente.

10. Aumentar a competitividade do Circuito do Ouro, compreendido pelos municípios de Abaíra, Érico Cardoso, Jussiape, Livramento de Nossa Senhora, Paramirim, Piatã, Rio de Contas e Rio do Pires. Os diferenciais são:

- Relevo e hidrografia – com a existência das montanhas mais elevadas da região nordestina;
- Ecossistemas frágeis em bom estado de conservação – como o estudo das espécies endêmicas já desenvolvido na região da Serra do Barbado;
- Conjunto Arquitetônico raro e significativo – com diversos bens históricos como casas, igrejas etc. com potencial para o desenvolvimento de atividades turísticas;
- Expressões Folclóricas – diversas manifestações culturais que referenciam a diversidade sócio-cultural da área de estudo; e
- Artesanato típico, variado e autêntico – com a presença de simbologia e técnica próprias e diferenciais.

Cartograma 4.3. Categorias principais de turismo no Circuito do Ouro



Assim, a configuração de atrativos e diferenciais dos municípios do Circuito do Ouro indica a necessidade de desenvolvimento de duas categorias de turismo: a histórico-cultural e a relacionada aos aspectos naturais. Assim, da mesma forma que nos demais circuitos do Pólo Chapada Diamantina, enfatizou-se a execução de algumas medidas fundamentais nos diferenciais que podem alavancar essas categorias, quais sejam:

- **História**

- o Complementar as ações já iniciadas de recuperação do patrimônio histórico, principalmente em Rio de Contas;

- o Revitalizar e utilizar o patrimônio histórico dos demais municípios do Circuito para as atividades turísticas;
- o Implantar programas de treinamento específico para guias, restauradores etc., gerando oportunidades para a comunidade local; e
- o Formatar roteiros turísticos relacionando patrimônio cultural com natureza.

- **Cultura**

- o Aprofundar o apoio às manifestações culturais populares;
- o Integrar cultura e turismo, de forma a maximizar o benefício amplo das duas atividades conjuntamente; e
- o Fortalecer a produção de artesanato, com a realização de eventos e de oficinas de arte.

- **Natureza**

- o Estender os programas de conservação e preservação ambiental;
- o Manter os recursos naturais – base das atividades ecoturísticas locais;
- o Ordenar o fluxo turístico de forma adequada, de acordo com as fragilidades ambientais da região;
- o Elaborar programas de educação ambiental, tanto para os turistas como para os moradores;
- o Implantar centros turístico-ambientais que possibilitem a ordenação do uso da APA com programas específicos de visitação; e
- o Complementar as ações de saneamento e infra-estrutura de forma a evitar impactos negativos ao meio ambiente.

4.3.1.6. Conclusão

Analisando-se as cinco Macro Estratégias supracitadas pode-se perceber que cada uma delas está relacionada a um ator da atividade turística na região área de estudo, conforme pode-se visualizar na tabela abaixo:

Tabela 4.15. Áreas Estratégicas e Atores Executores

Áreas Estratégicas	Setor Privado	Poder Público		Comunidade
		Municipal	Estadual	
Integração	X	X	X	X
Produto Turístico	X			X
Gestão Municipal		X		X
Estrutura Pública			X	X
Sócio-Educação	X	X	X	X

Elaboração: FGV 2002

É importante notar que a comunidade está envolvida em todas as áreas estratégicas pois em cada uma delas, a sociedade local tem algum papel a exercer como, por exemplo, auxiliar na fiscalização do meio ambiente ou exigir responsabilidade das prefeituras.

Da mesma maneira, percebe-se que as Macro Estratégias de Integração e Sócio-Educação para o Turismo dependem de todos os envolvidos para seu desenvolvimento.

Por fim, é pertinente ressaltar-se que as Macro Estratégias determinadas acima possuem diferentes características e estágios de evolução nos diversos Pólos Turísticos do Estado da Bahia. Como citado anteriormente, as estratégias para cada uma dessas áreas devem ser distintas sendo que as do Pólo Chapada Diamantina apresentam os seguintes diferenciais:

Tabela 4.16. Principais diferenciais do Pólo Chapada Diamantina e respectivos Circuitos

Aspectos Diferenciais	Norte	Diamante	Ouro
Relevo e hidrografia – possibilitando a existência de diversos atrativos naturais como cachoeiras, grutas, mirantes etc.;	X	X	X
Meio ambiente em bom estado de conservação – com a presença do PARNA Chapada Diamantina e das APA's estaduais;	APA Gruta dos Brejões e Parque Estadual	PARNA Chap. Diam. e APAs Estaduais	APA da Serra do Barbado
Oferta turística consolidada – contando com agências, operadoras, meios de hospedagem, guias etc.		X	
Ecossistemas frágeis em bom estado de conservação – espécies endêmicas;	X		X
História – passado próspero pelos Ciclos do Ouro e do Diamante;		X	X
Conjunto Arquitetônico raro e significativo –casas, igrejas etc.;		X	X
Expressões Folclóricas – diversas manifestações culturais que referenciam a diversidade sócio-cultural da região	X	X	X
Artesanato típico variado e autêntico – simbologia e técnica;			X
Pinturas rupestres.	X		

Elaboração: FGV 2002

Como visualizado na tabela 4.16, pode-se destacar a existência de alguns aspectos diferenciais em todos os circuitos como, por exemplo, o relevo e a hidrografia, o bom estágio de conservação do meio ambiente em geral e a presença de expressões folclóricas singulares. Tal fato denota a importância de tais diferenciais no Pólo como um todo, sendo estes os responsáveis pelo elevado potencial de atração turística encontrado na região.

Identifica-se, também, alguns aspectos específicos de cada circuito, como a pintura rupestre no Circuito Chapada Norte, a oferta turística já consolidada no Circuito do Diamante e o artesanato típico no Circuito do Ouro. Estas são as características que diferenciam os circuitos entre si e são determinantes para que estes se tornem complementares entre si e para o fortalecimento do desejo de consumo pelo turista.

4.3.2. Ações e Projetos

Neste item são detalhadas as ações e os projetos coletados ao longo do processo de planejamento – estratégico e participativo (para maiores detalhes ver capítulo 7. Participação Pública e Validação do PDITS), e que em última análise deverão efetivamente implementar as estratégias propostas no item anterior. As ações descritas a seguir foram organizadas por Macro-estratégia e dentro de cada uma delas, por estratégia.

4.3.2.1. Estratégias de Estrutura Pública

1. Ampliar e melhorar os sistemas viários utilizados para a integração e acesso às áreas turísticas

- Recuperação Urbanística com novo acesso à cidade de Lençóis
- Urbanização da Vila de Catolés de Cima
- Melhoria do Acesso para a Gruta da Barriguda
- Melhoria do acesso à Gruta do Convento em Campo Formoso
- Melhoria do acesso da Estrada CF-Lajes em Campo Formoso
- Melhoria da Rodovia BA-131 - Trecho BR-324 / Saúde
- Melhoria da Rodovia BA-142 - Trecho Utinga / Tapiramutá
- Melhoria da rodovia BA 142 Trecho Entroncamento Andaraí/Mucugê-Itaetê-Marcionílio de Souza-Iaçu
- Melhoria do acesso para a Cachoeira Véu da Noiva em Jacobina
- Melhoria do acesso para a Gruta dos Brejões em Morro do Chapéu
- Melhoria da Rodovia Tanquinho de Lençóis à Andaraí (Via Lagoa Encantada)
- Melhoria do acesso à Igatu
- Melhoria do acesso para a Cachoeira do Buracão em Ibicoara
- Melhoria do acesso para a Serra do Ouro Fino em Abaíra
- Implantação da Rodovia Mucugê - Guiné e Palmeiras
- Implantação da ligação da Rodovia Abaíra - João Correia - Mucugê

- Melhoria do acesso à Serra do Barbado
- Melhoria do acesso Sítio Arqueológico da Tapera em Jussiape
- Melhoria do acesso à Serra do Tromba em Piatã
- Rodovia Abaíra - Jussiape
- Rodovia Jussiape - Rio de Contas
- Melhoria do acesso ao Pico das Almas
- Melhoria do acesso da rodovia Wagner / Cachoeira das Sete Quedas
- Melhoria do acesso para a Pedra do Chapéu

2. Articular a melhoria do sistema de saúde nas áreas de interesse turístico

- Melhorar os equipamentos e postos de saúde em Jacobina
- Melhorar os equipamentos e postos de saúde em Morro do Chapéu
- Melhorar os equipamentos e postos de saúde em Jacobina
- Equipar hospital e postos médicos em Bonito
- Equipar hospital e postos médicos em Ouroilândia
- Melhorar os equipamentos e postos de saúde em Andaraí
- Melhorar os equipamentos e postos de saúde em Lençóis
- Melhorar os equipamentos e postos de saúde em Mucugê
- Equipar hospital e postos médicos em Ibicoara
- Equipar hospital e postos médicos em Itaetê
- Equipar hospital e postos médicos em Nova Redenção
- Equipar hospital e postos médicos em Palmeiras
- Melhorar os equipamentos e postos de saúde em Livramento de Nossa Senhora
- Equipar hospital e postos médicos em Abaíra
- Equipar hospital e postos médicos em Érico Cardoso
- Equipar hospital e postos médicos em Rio de Contas

3. Coordenar o planejamento e gestão estratégica dos pólos turísticos

- Implantação do Parque Estadual das Sete Passagens em Miguel Calmon
- Implantação Parque Estadual de Morro do Chapéu
- Monumento Natural da Cachoeira do Ferro Doido em Morro do Chapéu
- Implantação do Monumento Natural e melhoria do acesso aos Sítios Arqueológicos do Matão / Serra Negra
- Implantação do Parque Virtual das Cachoeiras em Jacobina
- Estudo regional das cavernas e grutas de Iraquara
- Implantação da APA Marimbus/Iraquara
- Implantação da APA Gruta dos Brejões
- Recuperação das matas ciliares do Rio Paraguaçu em Itaetê
- Recuperação das matas ciliares do Rio Rio de Contas em Piatã
- Implantação da APA Serra do Barbado
- Sinalização Turística
- Implantação e manejo da ARIE Serra da Tromba em Abaíra
- Implantação do Parque Municipal Natural Serra das Almas em Rio de Contas
- Desenvolvimento de Programa de Multifuncionalidade Rural, relacionando ecologia, piscicultura, agricultura, pecuária e turismo em Abaíra
- Implantação do Centro Turístico-Ambiental na Lagoa Antonio Teixeira Sobrinho
- Implantação do Centro Turístico-Ambiental de Itaitu
- Plano de Manejo das Cavernas de Iraquara
- Ampliação do Centro Cultural em Iraquara

4. Fomentar a melhoria dos meios de transporte de acesso ao pólo e de circulação regional e local

- Construção de anel viário em Morro do Chapéu
- Terminal Rodoviário de Lençóis

- Terminal Rodoviário de Mucugê
- Construção de Terminal Rodoviário em Rio de Contas
- Estímulo ao transporte rodoviário de passageiros na região
- Incentivo à melhoria do transporte intermunicipal em Mucugê
- Construção do cais no Rio Paraguaçu
- Ampliação do Aeroporto de Campo Formoso
- Ampliação do Aeroporto de Moro do Chapéu

5. Implantar e operar sistemas de saneamento básico nas áreas de interesse turístico

- Sistema de Abastecimento de Água de Morro do Chapéu
- Sistema de Esgotamento Sanitário de Morro do Chapéu
- Sistema de Abastecimento de Água de Campo Formoso
- Sistema de Abastecimento de Utinga
- Sistema de Esgotamento Sanitário de Campo Formoso
- Sistema de Esgotamento Sanitário de Jacobina
- Sistema de Esgotamento Sanitário de Ouro-lândia
- Sistema de Esgotamento Sanitário de Miguel Calmon
- Sistema de Esgotamento Sanitário de Piritiba
- Sistema de Esgotamento Sanitário de Utinga
- Sistema de Esgotamento Sanitário de Wagner
- Sistema de Abastecimento de Água de Palmeiras
- Sistema de Abastecimento de Água de Andaraí
- Sistema de Abastecimento de Água de Igatu
- Sistema de Abastecimento de Água de Itaetê
- Sistema de Abastecimento de Água de Lençóis

- Sistema de Abastecimento de Água de Mucugê
- Sistema de Abastecimento de Água no Vale do Capão em Palmeiras
- Sistema de Abastecimento de Água em Campos de São João em Palmeiras
- Sistema de Esgotamento Sanitário de Andaraí
- Sistema de Esgotamento Sanitário de Igatu
- Sistema de Esgotamento Sanitário de Lençóis
- Sistema de Esgotamento Sanitário de Mucugê
- Sistema de Esgotamento Sanitário de Palmeiras
- Sistema de Esgotamento Sanitário de Seabra
- Sistema de Esgotamento Sanitário de Rio de Contas
- Sistema de Esgotamento Sanitário de Itaetê
- Sistema de Esgotamento Sanitário no Vale do Capão em Palmeiras
- Sistema de Esgotamento Sanitário em Campos de São João em Palmeiras
- Sistema de Esgotamento Sanitário em Iraquara
- Sistema de Esgotamento Sanitário em Ibicoara
- Sistema de Esgotamento Sanitário em Nova Redenção

6. Implantar e melhorar os sistemas de coleta e disposição final dos resíduos sólidos nas áreas de interesse turístico

- Avaliação Regional da Gestão de Resíduos Sólidos do Pólo Chapada Diamantina
- Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário em Morro do Chapéu
- Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário em Jacobina
- Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário em Andaraí
- Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário em Lençóis
- Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário em Rio de Contas
- Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário em Itaetê

- Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário em Piatã
- Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário em Palmeiras
- Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário em Miguel Calmon
- Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário em Campo Formoso

7. Implantar sistemas de segurança pública de padrão adequado a áreas turísticas

- Ampliação do efetivo de policiamento regular em Jacobina
- Ampliação do efetivo de policiamento regular em Andaraí
- Ampliação do efetivo de policiamento regular em Lençóis
- Ampliação do corpo técnico de fiscalização ambiental em Jacobina
- Ampliação do corpo técnico de fiscalização ambiental em Morro do Chapéu
- Ampliação do corpo técnico de fiscalização ambiental em Andaraí
- Ampliação do corpo técnico de fiscalização ambiental em Lençóis
- Ampliação do corpo técnico de fiscalização ambiental em Andaraí
- Ampliação do corpo técnico de fiscalização ambiental em Lençóis
- Ampliação do efetivo de policiamento regular em Rio de Contas
- Criação de efetivo de busca e resgate em Rio de Contas
- Ampliação do corpo técnico de fiscalização ambiental em Rio de Contas

8. Desenvolver e implantar um sistema integrado de informação e de indicadores estatísticos do turismo

- Criação e implantação do sistema de acompanhamento e supervisão da evolução do turismo no Pólo Chapada Diamantina

9. Otimização das redes de Energia e Telefonia

- Substituição da rede de energia tradicional pela subterrânea em Lençóis
- Melhoria Rede Iluminação Pública de Andaraí/Mucugê/Palmeiras

10. Realizar a recuperação e o restauro do patrimônio histórico apoiando sua revitalização

- Recuperação da Igreja de São Miguel das Figuras em Jacobina
- Recuperação e Estabilização do Sítio Histórico de Igatu em Andaraí
- Inventário e avaliação do Patrimônio Histórico e Cultural para tombamento em Abaíra
- Preservação das Ruínas da Igreja da Gameleira em Campo Formoso
- Inventário e avaliação do patrimônio arqueológico de Campo Formoso

4.3.2.2. Estratégias de Gestão Municipal**1. Modernizar a estrutura administrativa e fiscal dos municípios**

- Modernização Municipal

2. Desenvolver habilidades e competências nas equipes municipais para a gestão do turismo

- Projeto de Capacitação no Pólo Chapada Diamantina

3. Apoiar de maneira pró-ativa os conselhos municipais de turismo e meio ambiente

- Implantação efetiva dos Conselhos Municipais e Regionais
- Implantação do Centro Turístico-Ambiental na Lagoa Antonio Teixeira Sobrinho
- Implantação do Centro Turístico-Ambiental de Itaitu

4. Incentivar, elaborar e garantir a implantação de ferramentas de gestão (PDM, Código de Obras, PDLU etc)

- Avaliação Regional da Gestão de Resíduos Sólidos do Pólo Chapada Diamantina
- Implantação ou Complementação de Plano Diretor Municipal e Lei de Ordenamento de Uso do Solo
- Elaboração do Plano de Desenvolvimento de Turismo em Iraquara
- Plano de implantação do ecoturismo no Circuito do Ouro

5. Oferecer assistência para a operação regular dos sistemas de coleta e disposição final dos resíduos sólidos

- Avaliação Regional da Gestão de Resíduos Sólidos do Pólo Chapada Diamantina

6. Gerir o patrimônio histórico buscando sua revitalização e em conjunto com a comunidade

- Recuperação do Centro Histórico de Rio de Contas
- Recuperação da Igreja de Santana

7. Apoiar intervenções urbanísticas e paisagísticas necessárias para melhorar a relação do município com os turistas e cidadãos

- Sinalização Turística da Chapada Diamantina
- Urbanização da Praça da Missão em Jacobina
- Urbanização de Itaitu em Jacobina
- Recuperação Paisagística e Urbana com estacionamento no entorno do Poço Encantado
- Urbanização de Tanquinho de Lençóis
- Implantação do Centro Turístico-Ambiental do Mucugezinho em Lençóis
- Centro de Eventos Múltiplos Regional de Mucugê
- Urbanização da Praça da Missão em Jacobina
- Conclusão da Casa da Cultura com implantação do Memorial de Andaraí
- Substituição dos cabos aéreos elétricos e de telefonia para subterrâneo em Palmeiras
- Construção de rampa de saltos de vôo livre em Jacobina

- Urbanização da Vila do Mato Grosso
- Urbanização da Vila do Distrito do Arapiranga
- Infra-estrutura urbana do Bairro da Gameleira

8. Fortalecer os mecanismos que contribuam para a formação da identidade municipal

- Capacitação e qualificação dos prestadores de serviços turísticos
- Projeto de Capacitação Empresarial e Apoio ao Associativismo
- Projeto de Artesanato - Apoio à Geração de Emprego e Renda

4.3.2.3. Estratégias de Socioeducação

1. Promover eventos educacionais voltados para aprendizagens relativas ao papel de cidadão e de profissional que já trabalhem ou que pretendam trabalhar no turismo

- Capacitação e qualificação dos prestadores de serviços turísticos no Pólo Chapada Diamantina

2. Envolver os empreendimentos turísticos num processo de educação organizacional

- Capacitação e qualificação dos prestadores de serviços turísticos no Pólo Chapada Diamantina

3. Criar oportunidades para que a comunidade construa uma consciência coletiva sobre a importância da conservação e preservação do patrimônio cultural, histórico e ambiental

- Capacitação e qualificação dos prestadores de serviços turísticos no Pólo Chapada Diamantina

4. Fomentar atividades que fortaleçam o reconhecimento do turismo como atividade geradora de benefícios socioeconômicos, como trabalho e renda

- Projeto de Artesanato - Apoio à Geração de Emprego e Renda
- Valorização da lapidação de cristais em Abaíra

5. Mobilizar as lideranças municipais, formais e não formais, para fortalecer o papel educativo das cidades

- Capacitação e qualificação dos prestadores de serviços turísticos
- Projeto de Capacitação Empresarial e Apoio ao Associativismo

4.3.2.4. Estratégias de Integração

1. Buscar a inserção da comunidade local no processo turístico através da valorização e respeito de sua cultura, seu espaço e suas decisões

- Projeto de Artesanato - Apoio à Geração de Emprego e Renda
- Projeto de Capacitação Empresarial e Apoio ao Associativismo

2. Fomentar o associativismo comunitário como forma de representação do setor e dinamização de seu desenvolvimento

- Capacitação e qualificação dos prestadores de serviços turísticos no Pólo Chapada Diamantina

3. Fomentar o associativismo empresarial como forma de representação do setor e dinamização de seu desenvolvimento

- Capacitação e qualificação dos prestadores de serviços turísticos no Pólo Chapada Diamantina
- Projeto de Capacitação Empresarial e Apoio ao Associativismo

4. Garantir que o desenvolvimento turístico seja integrado entre os municípios com a consolidação dos roteiros e zonas turísticas;

- Projeto de Capacitação Empresarial e Apoio ao Associativismo

5. Estimular a formação da cadeia produtiva local do turismo, aumentando a contribuição desta atividade para o PIB regional e baiano

- Capacitação e qualificação dos prestadores de serviços turísticos
- Projeto de Capacitação Empresarial e Apoio ao Associativismo
- Projeto de Artesanato - Apoio à Geração de Emprego e Renda

6. Estimular e priorizar investimentos da comunidade local em receptivo turístico

- Capacitação e qualificação dos prestadores de serviços turísticos
- Projeto de Capacitação Empresarial e Apoio ao Associativismo

7. Intensificar a comunicação e a cooperação entre o setor público e o privado

- Implantação efetiva dos Conselhos Municipais e Regionais
- Capacitação e qualificação dos prestadores de serviços turísticos no Pólo Chapada Diamantina

8. Apoiar e fortalecer clusters regionais, aproveitando as características e diferenciais de cada zona

- Plano de Marketing e Ações Promocionais
- Projeto de Capacitação Empresarial e Apoio ao Associativismo

4.3.2.5. Estratégias de Produto Turístico

1. Realizar o processo promocional e o marketing dos Pólos Turísticos, visando reconhecimento e apreciação nacional e internacional da marca Bahia

- Plano de Marketing e Ações Promocionais

2. Valorizar e apoiar produtos inovadores e criativos

- Projeto de Artesanato - Apoio à Geração de Emprego e Renda

3. Estimular a busca pela excelência dos serviços e produtos turísticos

- Projeto de Capacitação Empresarial e Apoio ao Associativismo
- Capacitação e qualificação dos prestadores de serviços turísticos no Pólo Chapada Diamantina

4. Diversificar a oferta de produtos turísticos para atender segmentos de demanda adequados a cada zona

- Projeto de Capacitação Empresarial e Apoio ao Associativismo
- Projeto de Artesanato - Apoio à Geração de Emprego e Renda

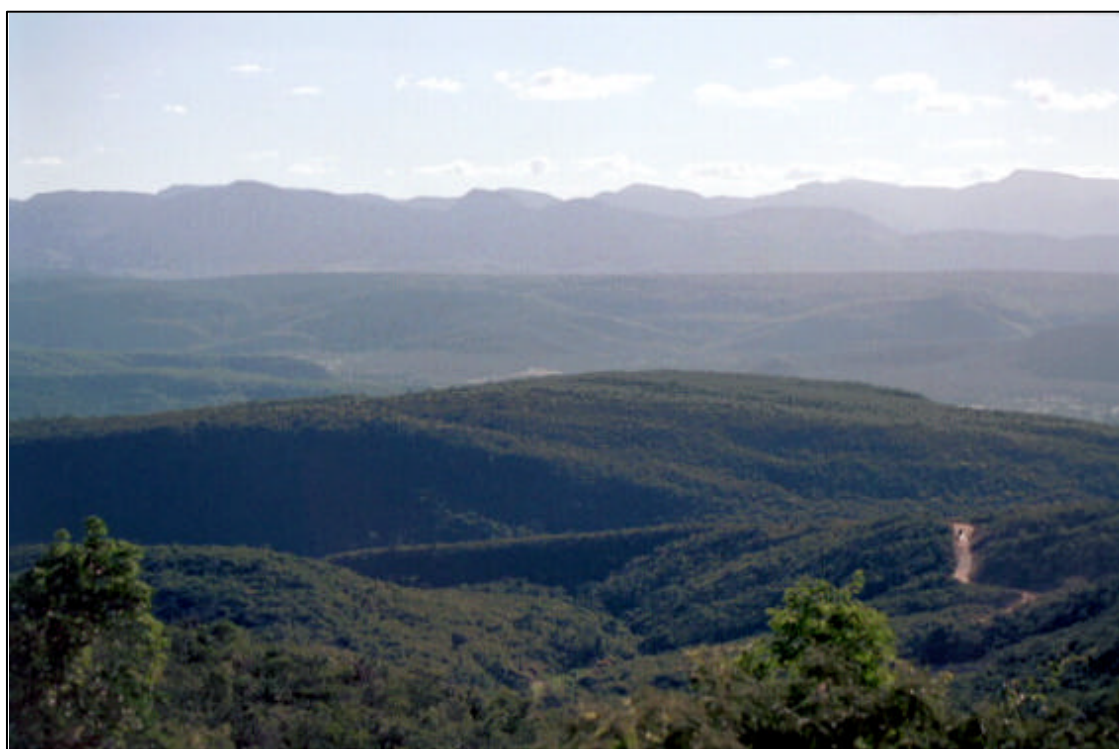
5. Estabelecer alternativas para diminuição da sazonalidade

- Plano de Marketing e Ações Promocionais

6. Criar postos de informação turística integrados

- Implantação do Centro Turístico-Ambiental na Lagoa Antonio Teixeira Sobrinho
- Implantação do Centro Turístico-Ambiental de Itaitu - Jacobina
- Implantação de Centro de Informação Turístico-Ambiental (Acesso às Grutas) em Iraquara

5. QUADROS PROSPECTIVOS



5. Quadros Prospectivos

O Conselho Mundial de Turismo e Viagens (WTTC, 2001) indica uma expectativa de crescimento de demanda para as próximas décadas, à qual estão associadas mudanças nos padrões demográficos e sócio-econômicos, sendo as mais relevantes: a maior participação da mulher na força de trabalho, empurrando uma parcela crescente das famílias para níveis de renda superiores; a queda da natalidade e a maior expectativa de vida na velhice, resultando em uma população idosa maior e mais saudável nos países desenvolvidos, com renda e tempo disponível para viagens; e o aumento do número de casais sem filhos, com maior nível de renda e disponibilidade para viajar. Ao mesmo tempo, observa-se uma redução na jornada de trabalho, em nível mundial, com maior número de feriados nacionais e internacionais, permitindo que as viagens de turismo e lazer assumam uma posição de prioridade essencial no estilo de vida moderna, imediatamente após aos gastos com alimentos e vestuário.

Assim, com tais tendências, é perceptível a noção de que o crescimento da atividade turística nos próximos anos resulta em impactos econômicos, sócio-culturais e ambientais na área de estudo. Portanto, o dimensionamento coerente das atividades futuras é parte essencial deste processo de planejamento turístico que deve indicar, de forma realista e adequada, perspectivas sobre o fluxo turístico para o Pólo Chapada Diamantina.

Em um primeiro momento são apresentadas as projeções e estimativas quantitativas, demonstrando-se com quadros-resumo, tabelas com as estimativas de fluxo, receita e impacto econômico os três cenários possíveis – um otimista, um moderado e um conservador. Nesses quadros-resumo são indicadas as seguintes informações:

- Crescimento do fluxo turístico interno e externo;
- Crescimento da receita turística derivada;
- Comportamento em relação à permanência média (PM) e gasto médio diário individual (GMDI);
- Renda derivada da receita e dos investimentos turísticos;
- Impacto fiscal da atividade;
- Cobertura de crédito pelo sistema fiscal; e
- Incremento de empregos pelo turismo.

Ainda, identificam-se as informações sobre as características dos visitantes, coma as metas para os segmentos de turistas prioritários, que deverão apresentar crescimento superior aos demais. Dentro dessa caracterização da demanda, avaliaram-se as possibilidades de diminuição da sazonalidade, com a determinação de metas para melhorar a distribuição do fluxo turístico ao longo dos meses. As informações básicas para a caracterização da demanda foram:

- Faixa etária;
- Renda familiar;
- Motivo da viagem;
- Motivação do passeio;
- Forma de viajar;
- Forma de organização da viagem; e
- Distribuição do fluxo através dos meses.

Cabe destacar-se que as projeções de fluxo através das diferentes características da demanda permitem uma estimativa da necessidade de hospedagem e a possível oferta futura de unidades habitacionais (UHs) decorrente. Também, conforme indicado no Termo de Referência do PRODETUR/NE II, informa-se a estimativa de crescimento populacional para a área de estudo, para que sejam identificadas, desta forma, possíveis pressões demográficas decorrentes do desenvolvimento turístico.

É importante notar-se que para a elaboração das estimativas e projeções foram utilizadas metodologias específicas, e que tanto os procedimentos quanto os conceitos foram superficialmente apresentados em cada item.

As conseqüências qualitativas do fluxo turístico previsto para a Chapada Diamantina, com os possíveis impactos do desenvolvimento turístico na área caso não sejam implementadas as devidas ações previstas para mitigar os impactos, são apontadas no 6.3. Diagnóstico do Impacto do Turismo com a Implementação do Turismo, conforme sugerido no Termo de Referência do PRODETUR/NE II.

5.1. Impacto Quantitativo

Para a avaliação do impacto quantitativo utilizou-se o fluxo e a receita total como base para as projeções e estimativas. Destaca-se que tanto o fluxo como a receita crescem a taxas diferentes, sendo o maior crescimento direcionado para a receita. Tal diferença entre as taxas são indicativos da priorização do aumento da receita em detrimento do fluxo como resultado de uma série de ações coordenadas apresentadas no capítulo 4. Estratégias de Desenvolvimento Turístico.

Como essa diferença decorre das ações coordenadas atendidas pelas Macro Estratégias, é previsto que ela se modifique durante o período analisado, à medida que ações forem implantadas e surtam efeito.

Assim, para 2002, há previsões de ligeira queda ou manutenção dos valores encontrados em 2001. No segundo período (2003-2005), enquanto são implementadas as ações do PRODETUR/NE-II, tanto o fluxo quanto a receita crescem a uma taxa semelhante e quando os efeitos das primeiras implementações surgirem (2006-2011), há uma variação, e a receita começa a crescer em um ritmo maior.

O terceiro período de análise (2012-2020), é o de consolidação das ações, quando a receita cresce a taxas ainda maiores.

A tabela a seguir apresenta as taxas previstas para os diferentes cenários e períodos:

Tabela 5.1. Taxas de crescimento anual para o fluxo e a receita turística – 2003/2020

Cenário	Indicador	2003-2005	2006-2010	2011-2015	2016-2020
Otimista	Fluxo	6,0%	6,0%	6,0%	6,0%
	Receita	6,0%	7,5%	9,0%	10,5%
Moderado	Fluxo	4,0%	4,0%	4,0%	4,0%
	Receita	4,0%	4,8%	5,5%	6,3%
Conservador	Fluxo	2,0%	2,0%	2,0%	2,0%
	Receita	2,0%	2,3%	2,6%	3,0%

Fonte: Bahiatursa

O quadro-resumo apresentado a seguir sintetiza as projeções de fluxo, receita e impactos econômicos para os anos de 2010, 2015 e 2020. Assim, são indicadas as estimativas para os três cenários trabalhados pela Bahiatursa, para os quais são aplicadas as taxas anuais de crescimento apresentadas na tabela acima.

Tabela 5.2. Quadro-Resumo do Pólo Chapada Diamantina

Indicadores	CENÁRIO OTIMISTA			CENÁRIO MODERADO			CENÁRIO CONSERVADOR		
	2010	2015	2020	2010	2015	2020	2010	2015	2020
Demanda (mil turistas)									
Nacional	100,7	133,0	173,4	84,8	101,8	120,7	71,1	77,5	83,4
Internacional	28,4	39,7	57,8	23,9	30,4	40,2	20,1	23,2	27,8
Total	129,1	172,8	231,2	108,7	132,2	160,9	91,2	100,7	111,1
Receita (US\$ mi)									
Nacional	15,10	23,02	37,09	12,36	16,02	21,56	10,16	11,47	13,08
Internacional	2,57	4,17	7,72	2,06	2,82	4,26	1,66	1,97	2,49
Total	17,68	27,20	44,80	14,42	18,84	25,82	11,82	13,44	15,58
Receita por turista (US\$)									
Nacional	150,00	173,07	213,89	145,80	157,37	178,66	142,89	147,93	156,95
Internacional	90,54	105,03	133,50	86,10	92,77	105,95	82,56	85,07	89,72
Total	136,92	157,42	193,80	132,66	142,51	160,48	129,62	133,47	140,15
GMDI (US\$)									
Nacional	29,78	31,99	35,57	29,36	30,51	32,51	29,07	29,58	30,47
Internacional	17,11	18,43	20,78	16,68	17,32	18,51	16,34	16,58	17,03
Total	27,17	29,14	32,33	26,75	27,72	29,42	26,44	26,83	27,49
PM (dias)									
Nacional	7,15	7,68	8,54	7,05	7,32	7,80	6,98	7,10	7,31
Internacional	7,52	8,10	9,13	7,33	7,61	8,14	7,18	7,29	7,49
Total	7,15	7,67	8,51	7,04	7,30	7,75	6,96	7,06	7,24
Investimentos PRODETUR II (US\$ mi)	113,5	14,5	14,5	113,5	14,5	14,5	113,5	14,5	14,5
Impacto no PIB (US\$ bi-Bahia)	2,63	4,00	6,15	2,15	2,79	3,64	1,76	1,99	2,27
Impacto fiscal (US\$ mi)	173,8	263,7	405,8	141,7	184,0	240,5	116,1	131,7	149,7
Cobertura empréstimo	65,3%	5,5%	3,6%	80,1%	7,9%	6,0%	97,8%	11,0%	9,7%
Empregos (Incremento total)	1.077	473	840	1.046	387	665	1.024	335	545
UHs (Incremento total)	860	378	671	836	309	531	818	267	436

Fonte: Desempenho do Turismo Baiano 1991/2001 - Bahiatursa; Elaboração: FGV

Esse incremento diferenciado de visitantes e da receita total, conseqüentemente, gera diferentes impactos fiscais, investimentos em empreendimentos turísticos e empregos. Por exemplo, o impacto fiscal e no PIB seguem proporcionais ao aumento da receita; já o incremento de UHs, por sua vez, apresenta uma variação no fluxo e na composição por segmentos que remete a diferentes necessidades de UHs.

Nota-se, também, que no cenário otimista o crescimento anual do fluxo e da receita, durante o período completo (2001-2020) resultou em um taxa anual da ordem de 5,8% para o número de turistas e 8,2% para a receita total. No cenário moderado o crescimento do fluxo e da receita, ao longo de todo o período, resultou em um taxa anual da ordem de 3,8% para o número de turistas e 5,1% para a receita total. E no cenário conservador o crescimento do fluxo e da receita é menos intenso com a taxa anual para o período 2001-2020 na ordem de 1,8% para o número de turistas e 2,4% para a receita total.

5.1.1. Caracterização da Demanda

Neste item analisam-se as metas e as expectativas para o turismo na Chapada Diamantina no que se refere às características do fluxo de visitantes. Assim, conforme sugerido no Termo de Referência, faz-se necessário definir metas para o crescimento de segmentos de mercado priorizados, indicando o desdobramento previsto para as estratégias e ações sub-regionais.

Vale destacar-se que a agregação de atividades e roteiros no entorno do Circuito do Diamante fortalece a motivação natural e histórico-cultural - principalmente no Circuito do Ouro, implicando em maior participação das motivações Manifestações Populares e Patrimônio Histórico-Cultural em Lençóis. Espera-se, desta forma, que o fluxo de turistas com esses tipos de motivações cresça a uma taxa maior que os demais, resultando em um incremento na participação de 30% para 35%.

A busca por mercados emissores com maior propensão a gasto, inicialmente apresentada no capítulo 12 (Gastos Turísticos), indica uma preferência pela participação de importantes mercados emissores da Região Sudeste, o fortalecimento da presença de emissores europeus e do norte-americano e o fomento ao turismo ecológico e ao histórico-cultural. Essa perspectiva trará duas conseqüências principais: um aumento na participação de turistas posicionados nas faixas de renda superiores (US\$ 1.500,00 ou mais); além de uma maior participação de estrangeiros no fluxo total (passando de 18% para 25%).

Sobre o aumento do fluxo internacional, vale ressaltar que ele se dá a taxas plausíveis (5,7% ao ano, no cenário moderado), respeitando as características de viagens de longa distância detectadas pela OMT⁵⁷, onde nota-se que em torno de 80% do fluxo turístico internacional é realizado através de percursos de curta

57 OMT. 2001. Tourism 2020 Vision.

distância. Dado que o potencial emissor dos países próximos ao Brasil é restrito e que o fluxo doméstico é extremamente representativo⁵⁸, o Pólo Chapada Diamantina deve atrair mais turistas estrangeiros que a média nacional, ainda que respeitando as limitações mercadológicas.

Tabela 5.3. Projeção de fluxo turístico por características – cenário moderado

Segmentos	2001		2010	2015	2020		Crescimento anual
	Turistas	(%)	Turistas	Turistas	Turistas	(%)	
Origem							
Nacional	65.275	82%	84.769	101.812	120.653	75%	3,3%
Internacional	14.135	18%	23.909	30.411	40.218	25%	5,7%
Renda Familiar (US\$)							
300-600	18.745	24%	21.736	22.478	24.131	15%	1,3%
600-1000	10.480	13%	13.041	14.545	16.087	10%	2,3%
1000-1500	11.218	14%	15.215	17.189	19.304	12%	2,9%
1500-2000	13.432	17%	22.822	30.411	40.218	25%	5,9%
Acima 2000	25.535	32%	35.864	47.600	61.131	38%	4,7%
Motivo da Viagem							
Passeio	60.828	77%	83.682	101.812	123.870	77%	3,8%
Visita parentes/amigos	6.035	8%	7.607	9.256	9.652	6%	2,5%
Congresso/eventos/convenção	0	0%	3.260	5.289	8.044	5%	-
Negócios	7.226	9%	9.781	10.578	12.870	8%	3,1%
Religião	0	0%	0	0	0	0%	-
Outros	5.320	7%	4.347	5.289	6.435	4%	1,0%
Motivação do Passeio							
Atrativos Naturais	49.075	62%	66.294	80.656	96.522	60%	3,6%
Manifestações populares	5.400	7%	8.694	11.900	16.087	10%	5,9%
Patrimônio histórico-cultural	18.105	23%	26.083	31.734	40.218	25%	4,3%
Compras	635	1%	1.087	1.322	1.609	1%	5,0%
Outros	6.194	8%	6.521	6.611	6.435	4%	0,2%
Forma de Viajar							
Sozinho	4.844	6%	5.434	6.611	8.044	5%	2,7%
Com família	28.667	36%	38.037	46.278	56.305	35%	3,6%
Com amigos	23.585	30%	32.603	39.667	48.261	30%	3,8%
Excursão	22.314	28%	32.603	39.667	48.261	30%	4,1%
Forma de Organização da Viagem							
Organizada por agência	18.105	23%	28.256	37.023	48.261	30%	5,3%
Não organizada por agência	61.305	77%	80.422	95.201	112.609	70%	3,3%

Fonte: Pesquisa de Demanda Turística, Desempenho do Turismo Baiano 1991-2000 (Bahiatursa); Elaboração: FGV

58 Segundo dados da EMBRATUR para 2001, o fluxo doméstico no Brasil representa algo como 90% do fluxo total, estimado em torno de 49 milhões.

Portanto, entende-se que o desenvolvimento do potencial turístico do Pólo Chapada Diamantina deverá continuar atraindo um maior número de turistas com motivo de viagem relacionado a passeios, com uma participação média de 77%.

Outra tendência a ser explorada é a maior organização e profissionalização do turismo, implicando em aumento na participação de viagens organizadas por agências de viagens e a maior participação de famílias e excursões. As viagens organizadas por agências (hoje representando algo como 22,8% do total) deverão ser responsáveis por 30% das viagens totais.

5.1.2. Distribuição do Fluxo por Períodos

Além da variação na participação dos diferentes elementos de cada segmento, há uma evidente preocupação com a suavização da sazonalidade do fluxo turístico atual.

Assim, elaborou-se as metas sazonais do fluxo turísticos ao longo dos meses para os anos de 2010, 2015 e 2020 e, como no item anterior, optou-se pelo estabelecimento de metas para os diferentes meses do ano, desta vez com a intenção de diminuir a sazonalidade característica do fluxo do Pólo Chapada Diamantina.

Os meses com menor visitação (marcados em vermelho) continuam com um menor fluxo, mas fica evidente o objetivo de diminuir a diferença entre esses e os meses com maior visitação (marcados em azul). Essas metas devem ser atingidas através de iniciativas, ao longo dos próximos anos, no sentido de diversificar o produto e melhorar a promoção.

Tabela 5.4. Projeção de fluxo turístico por meses – cenário moderado

Mês	2001		2010	2015	2020	
	Turistas	(%)	Turistas	Turistas	Turistas	(%)
Janeiro	9.926	12,5%	11.955	13.883	16.891	10,5%
Fevereiro	4.765	6,0%	7.064	9.256	12.065	7,5%
Março	6.353	8,0%	10.324	11.239	13.674	8,5%
Abril	5.559	7,0%	8.151	9.917	12.870	8,0%
Maio	3.971	5,0%	5.977	7.933	10.457	6,5%
Junho	7.147	9,0%	9.781	11.900	14.478	9,0%
Julho	9.529	12,0%	11.411	13.883	16.087	10,0%
Agosto	3.971	5,0%	6.521	8.595	10.457	6,5%
Setembro	7.941	10,0%	10.324	12.561	14.478	9,0%
Outubro	8.338	10,5%	10.324	12.561	14.478	9,0%
Novembro	5.559	7,0%	8.151	9.917	12.065	7,5%
Dezembro	6.353	8,0%	8.694	10.578	12.870	8,0%

Fonte: Desempenho do Turismo Baiano 1991-2000 (Bahiatursa); Elaboração: FGV

Para a avaliação do número máximo de turistas em um mesmo período, utilizou-se, como valor inicial, o fluxo do mês com maior número de visitantes. Com este, distribuiu-se o fluxo ao longo do mês, levando-se em consideração as estimativas de permanência média e o índice de rotatividade, que representa o número de vezes que essa permanência pode ocorrer em um mês.

Vale ressaltar, entretanto, que o cálculo não considera o período de carnaval ou de feriados festivos específicos, quando há uma aglomeração de visitantes acima da média, já que durante esse período é preparada uma estrutura especial de recepção.

Tabela 5.5. Projeção de turistas por período e necessidade de uhs – cenário moderado

Variável	2001	2010	2015	2020
Nº de turistas no mês com maior fluxo	9.926	11.955	13.883	16.891
Permanência média (dias)	6,8	7,0	7,3	7,7
Índice de rotatividade (30 dias/PM)	4,39	4,26	4,11	3,87
Máximo turistas em um mesmo período	2.264	2.807	3.378	4.361

Fonte: Desempenho do Turismo Baiano 1991-2000 (Bahiatursa); Elaboração: FGV

Cenário	Indicador ⁽¹⁾	2010	2015	2020
Otimista	Demanda por UHs	1.078	1.342	1.812
	Oferta Total	1.540	1.917	2.588
Moderado	Demanda por UHs	1.061	1.277	1.649
	Oferta Total	1.516	1.824	2.355
Conservador	Demanda por UHs	1.049	1.236	1.541
	Oferta Total	1.498	1.765	2.201

Fonte: FGV

(1) Considerando a demanda por UHs preenchendo 70% da ocupação total

A conjunção de fatores como aumento do fluxo e aumento da permanência média implicará em uma aumento da ordem de 93% (2001-2020) no número máximo de turistas previstos para um mesmo período, apesar da diminuição da sazonalidade. Com a implantação das ações sugeridas no Capítulo 4. Estratégias de Desenvolvimento Turístico, prevê-se uma melhor distribuição de visitantes pelos atrativos, além da diversificação da oferta entre os municípios beneficiados pelo PRODETUR/NE II. Neste sentido, deve-se destacar que serão necessários esforços no gerenciamento do fluxo, pois, com tal incremento, há a possibilidade de aumento dos impactos negativos da atividade turística (para maiores detalhes ver Item 6.3. Diagnóstico do Impacto do Turismo com a Implementação do PDITS).

5.1.3 Projeção Populacional

Neste item são apresentadas as projeções das taxas brutas de natalidade e mortalidade, resultando em taxas anuais de crescimento populacional. As estimativas apresentadas são elaboradas pela SEI, a partir de dados do IBGE.

A tabela a seguir indica a variação populacional até 2020:

Tabela 5.6. Projeção populacional (2000 – 2020) - Bahia

Ano	População (em 1 de julho)	Taxas Brutas		Taxas Crescimento Anual Médio (%)
		Natalidade (por mil)	Mortalidade (por mil)	
2000	13.093.243	22,19	6,81	1,019
2001	13.226.547	21,94	6,73	1,007
2002	13.359.797	21,75	6,69	0,998
2003	13.492.489	21,47	6,65	0,979
2004	13.623.763	21,17	6,61	0,958
2005	13.752.707	20,78	6,57	0,926
2006	13.877.765	20,27	6,53	0,884
2007	13.997.996	19,86	6,59	0,841
2008	14.113.363	19,48	6,66	0,800
2009	14.222.888	18,97	6,73	0,746
2010	14.325.684	18,50	6,81	0,695
2011	14.421.700	18,01	6,89	0,642
2012	14.511.034	17,59	6,97	0,594
2013	14.593.948	17,18	7,06	0,546
2014	14.670.425	16,79	7,16	0,499
2015	14.740.643	16,44	7,27	0,456
2016	14.805.156	16,16	7,39	0,418
2017	14.864.135	15,86	7,51	0,377
2018	14.917.489	15,60	7,65	0,339
2019	14.965.555	15,37	7,79	0,304
2020	15.008.744	15,19	7,93	0,272

Fonte: Projeção da População da Bahia por Sexo e Idade: 1991 - 2020 IBGE E SEI

As projeções populacionais apresentam taxas de crescimento pequenas e declinantes, notando-se que a principal razão para tal redução é a queda constante na natalidade.

Já as ações descentralizadoras de desenvolvimento econômico do Estado, descritas no Plano Plurianual 2003, indicam que há uma série de iniciativas que irão possibilitar a diminuição do êxodo populacional das cidades com menores perspectivas econômicas em direção à áreas mais prósperas.

5.2. Conclusão

A atividade turística deverá crescer substancialmente ao longo dos próximos anos, fruto da maior propensão mundial e nacional às viagens e dos esforços dos envolvidos com o turismo na Bahia. O crescimento mais substancial será na receita turística, através da priorização de segmentos de mercado com maior propensão a gasto, da diferenciação e da maior diversidade na oferta de produtos turísticos.

O aumento e a maior distribuição do fluxo turístico, entretanto, gera desafios na gestão da atividade, exigindo ações coordenadas específicas para aumentar a integração da comunidade no processo, para melhorar a distribuição dos benefícios e para minimizar os impactos negativos nos âmbitos sociais, econômicos e ambientais. Assim, o planejamento do turismo é uma etapa necessária e essencial, mas, ao propor ações de médio e longo prazo, deve ser acompanhado de um esforço contínuo e participativo de gestão e realinhamento.

6. PLANO DE AÇÃO



Neste capítulo descreve-se o plano de ação com os projetos e ações necessárias para a efetivação das estratégias. Espera-se que com esse conjunto de iniciativas o turismo no Estado da Bahia poderá se desenvolver dentro dos conceitos de sustentabilidade apresentados no decorrer deste relatório.

Assim, fornecer-se-á os projetos e ações que contemplam as Macro Estratégias e as Estratégias Sub-Regionais, destacando-se que este rol de atividades (ações sugeridas) é fruto de consultas à comunidade, ao poder público e ao setor privado, dentro da filosofia de planejamento participativo descrita no capítulo 7 – Participação Pública e Validação do PDITS.

É importante notar-se que os projetos e ações aqui apresentados seguem a formatação padrão exigida para os componentes do PRODETUR/NE II, definidos no marco lógico do BID. Dentro de cada componente, as ações foram distribuídas por grandes projetos, que apresentam objetivos comuns relacionados com as estratégias do capítulo 4.

Disponibilizou-se, ainda, como informação relevante a esse trabalho, as ações que não podem ser financiadas pelo programa, mas que contemplam os projetos elaborados para o desenvolvimento sustentável do turismo e que deverão, por isso, serem viabilizadas pelo Estado através de outras fontes de recursos.

Ao final do capítulo, conforme sugerido pelo Termo de Referência proposto para o PRODETUR/NE II, fez-se uma avaliação dos impactos decorrentes do desenvolvimento da atividade turística na área objeto de estudo. Neste sentido, sugeriram-se ações mitigadoras que deverão, no entanto, ser acompanhadas de um monitoramento adequado realizado através de indicadores de recuperação e de melhoria do meio ambiente da região da Chapada Diamantina.

6.1. Ações Propostas – PRODETUR/NE II

Conforme mencionado anteriormente, as ações propostas neste capítulo tomam como base o marco lógico do BID por meio do Regulamento Operacional do PRODETUR/NE II elaborado pelo Banco do Nordeste. De acordo com o documento, “o Programa inclui ações nos âmbitos municipal e estadual para assegurar o desenvolvimento turístico sustentável e responsável das áreas em que se financiem projetos com recursos do Empréstimo”⁵⁹, tendo como premissas os seguintes objetivos:

Objetivo geral: a melhoria da qualidade de vida da população residente nos pólos turísticos situados nos Estados participantes do Programa;

Objetivos específicos:

- a) o aumento das receitas provenientes da atividade turística;
- b) melhoria da capacidade de gestão por parte dos Estados e Municípios.

Desta forma, as propostas apresentadas a seguir estão agrupadas em três grandes grupos de componentes, quais sejam:

Componente 1 – Fortalecimento da Gestão Municipal para a Gestão do Turismo

O componente 1 do PRODETUR/NE II compreende ações com objetivos relacionados às atribuições e responsabilidades municipais. As atividades nesse componente são orientadas para garantir que o governo local e a população disponham de instrumentos adequados e desenvolvam a capacidade para manter e incrementar as atrações turísticas e os serviços locais necessários para o crescimento por longo prazo do turismo. Este componente prevê ações nas seguintes ações: (a) Gestão Administrativa e Fiscal dos Municípios; (b) Gestão Municipal do Turismo; (c) Gestão de Resíduos Sólidos; (d) Proteção e Conservação de Recursos Naturais; (e) Proteção e Conservação do Patrimônio Cultural (f); e Urbanização de Áreas Turísticas.

⁵⁹ Regulamento Operacional do Prodetur/NE II. Banco do Nordeste. 2002.

Componente 2 – Planejamento Estratégico, Treinamento e Infra-Estrutura para o Desenvolvimento Sustentável do Turismo

O componente 2 do PRODETUR/NE II compreende as ações com objetivos relacionados às atribuições e responsabilidades estaduais. Este componente está desenhado para assegurar que o Estado da Bahia tenha a capacidade de planejamento e funcionamento para realização das atividades turísticas a seu cargo, assim como possam dispor da infra-estrutura necessária ao desenvolvimento do setor turístico no estado. Este componente atuará nas seguintes áreas: (a) Planejamento Estratégico e Preparação de Projetos; (b) Campanhas de Conscientização; (c) Treinamento Profissional e Capacitação da População Local; (d) Água Potável e Saneamento; e (e) Obras de Infra-estrutura.

Componente 3 – Promoção de Investimentos do Setor Privado

O componente 3 do PRODETUR/NE II compreende as ações com objetivos relacionados ao apoio às atribuições e responsabilidades do setor privado. O objetivo deste componente é promover e ampliar a integração do setor privado como agente complementar do processo de financiamento do investimento público no desenvolvimento dos pólos de turismo. Este componente financiará: (a) seminários e cursos de treinamento para os pequenos e médios proprietários locais de agências de turismo, assim como organizações não governamentais - ONG líderes nas áreas de gerenciamento de turismo, controle de qualidade, certificação de qualidade profissional, promoção e marketing de turismo e (b) serviços de consultoria para preparação de planos e de promoção e comercialização turísticas e campanhas para captação de investimentos privados.

Ações Não Financiáveis

As ações não financiáveis são aquelas que, por suas características e objetivos, não fazem parte do escopo de financiamento do PRODETUR/NE II.

Como os recursos destinados ao Programa são limitados, os componentes considerados como prioritários foram estabelecidos, conforme já elucidado. No entanto, outras ações foram identificadas ao longo do processo de planejamento participativo, não relacionadas aos três componentes, mas de semelhante importância para que sejam atingidos os objetivos de desenvolvimento sustentável do turismo.

Sendo assim, as ações não financiáveis foram priorizadas de acordo com a mesma metodologia das demais e são apresentadas, podendo ser implementadas com outras fontes de recursos.

Para a priorização das ações propostas foram avaliadas três perspectivas diferentes: a perspectiva da comunidade, a técnica – elaborada pela FGV, e a análise de viabilidade sócio-econômica do projeto – elaborada pela SUDETUR.

A perspectiva da comunidade foi desenvolvida durante as reuniões participativas do processo de planejamento. Partindo dos pontos fracos levantados na primeira reunião, a comunidade sugeriu ações que solucionassem tais problemas. Na reunião subsequente, os participantes puderam priorizar as ações propostas em A e B, de acordo com a urgência e importância da ação.⁶⁰

O parecer técnico priorizou cada ação avaliando a eficácia dos resultados por ela almejados e previstos na colaboração para o desenvolvimento sustentável da atividade turística e para a solução das deficiências apontadas. Para essa priorização tomou-se como base os resultados do diagnóstico (Capítulo 3), e a pesquisa realizada em campo.

Por fim, a Avaliação de Viabilidade Sócio-Econômica fornece indicadores para comparação das ações entre si. Esses indicadores levam em conta variáveis do projeto como: investimento total, índice de cobertura, número de beneficiários, taxa interna de retorno, custo por habitante e etc. Em complementação a essa avaliação de viabilidade, o OEE (SUINVEST) considerou as avaliações elaboradas pela comunidade e pela FGV para fornecer o parecer final, decidindo a prioridade a ser aplicada a cada ação.

Esclarece-se que os projetos apresentados com prioridade A compreendem ações que devem ser concluídas até o ano de 2008, tendo em vista a urgência de execução de tais ações para que os objetivos almejados neste plano realmente se efetivem por meio da implementação das estratégias delineadas no Capítulo 4. Já os projetos com prioridade B apresentam uma urgência menor tendo como prazo limite de conclusão o ano de 2020.

6.1.1. Prioridade A

Neste item são apresentados os projetos e ações definidos através do processo de planejamento participativo e que foram considerados como financiáveis pelo PRODETUR/NE II. Primeiramente, são apresentadas as descrições dos projetos e ações a serem implementados, com ênfase na justificativa de sua relevância dentro do contexto do Programa. Também é apresentado o procedimento utilizado para a priorização das ações. Posteriormente, são apresentadas as tabelas resumo, indicando os investimentos previstos por prioridade, componente e município, assim como uma listagem dos projetos e ações financiáveis, classificados segundo os mesmos critérios.

⁶⁰ Para maiores informações sobre as reuniões participativas, metodologia aplicada e resultados alcançados, vide Capítulo 7 – Reuniões de Elaboração do PDITS.

Algumas ações e projetos descritos abaixo se referem ao Pólo Chapada Diamantina como um todo, sendo consideradas ações globais. Outras ações referem-se aos circuitos, mas não a todos e outras ainda somente aos municípios. Como muitas das ações possuem as mesmas características em todos os municípios, seu descritivo foi agrupado. Assim, o descritivo das ações não coincide em todos os casos com a lista de ações apresentadas nas tabelas resumo, onde cada projeto é listado separadamente com seu respectivo valor previsto.

6.1.1.1. Componente 1 – Fortalecimento da Capacidade Municipal para a Gestão do Município

A seguir são apresentados os projetos relativos ao Componente 1 do PRODETUR/NE II, que têm por objetivo incluir os municípios em um processo de modernização administrativa e fiscal, dotando-os de instrumentos legais e administrativos adequados para garantir uma administração pública mais eficaz do ponto de vista da gestão das atrações turísticas e do provimento de serviços públicos. Este Componente possui grande relevância, pois visa a garantia da capacidade de execução das incumbências que serão repassadas aos municípios e que são essenciais para a sustentabilidade do turismo no nível local.

➤ **Pólo Chapada Diamantina – Ações Globais e Agrupadas**

- *Avaliação Regional da Gestão de Resíduos Sólidos do Pólo Chapada Diamantina*

Os municípios do Pólo Chapada Diamantina possuem atualmente um percentual muito baixo de domicílios atendidos por coleta de lixo (cerca de 43% dos domicílios possuem coleta regular). A existência de coleta de lixo regular em qualquer localidade representa um importante fator para que a população melhore seus indicadores sociais e passe a desfrutar de melhores condições de vida. Neste mesmo sentido, um dos principais pontos negativos apontados por turistas estrangeiros quando em viagem pelo país é o acúmulo de lixo nas áreas urbanas. Especialmente, na Chapada Diamantina a questão ganha maior magnitude, haja vista que o ecoturismo dificilmente se desenvolverá em lugares onde a questão do lixo ainda representa um problema sem solução adequada. Desta forma, urge a necessidade de uma Avaliação Regional da Gestão de Resíduos Sólidos do Pólo Chapada Diamantina sendo esta uma condicionante para o desenvolvimento sustentável do turismo na região.

- *Implantação ou Complementação de Plano Diretor Municipal e Lei de Ordenamento de Uso do Solo*

Os Planos Diretores e as Leis de Ordenamento de Uso do Solo consistem na ferramenta de gestão mais apropriada para ordenar o desenvolvimento municipal. No Pólo Chapada Diamantina verifica-se uma baixa incidência destas ferramentas de gestão, o que evidencia uma reduzida capacidade de

planejamento das questões relativas ao desenvolvimento dos municípios. Tem-se, portanto, uma clara urgência na implantação ou complementação dos Planos Diretores nos municípios, bem como das leis de ordenamento e uso do solo haja vista, sobretudo, por configurar-se como um dos requisitos exigidos aos municípios para o recebimento dos recursos advindos do presente programa (PRODETUR/NE II).

- Modernização Municipal

O projeto de modernização municipal visa incluir os municípios do Pólo numa dinâmica administrativa e fiscal eficiente e que apoie a estruturação do turismo na região da Chapada Diamantina. É de extrema importância, dado que serve como base para a garantia da capacidade de execução das incumbências que serão repassadas aos municípios e que são essenciais para o desenvolvimento sustentável do turismo no nível local. O projeto pretende que o objetivo de modernização da administração seja alcançado através da implantação de planos, indicadores e sistemas de monitoramento setoriais; da capacitação de gestores e servidores; e da instituição de mecanismos de cooperação e integração.

➤ **Circuito Chapada Norte**

Campo Formoso

- Inventário e avaliação do patrimônio arqueológico de Campo Formoso

O município de Campo Formoso abriga um dos maiores acervos de pinturas rupestres e sítios arqueológicos do Estado da Bahia. Urgente se faz, portanto, que sejam realizados estudos sobre as possibilidades de aproveitamento turístico deste importante patrimônio cultural, de modo que a atividade turística contribua para sua manutenção.

Jacobina

- Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário

O município de Jacobina não conta com um PDLU e aterro sanitário para destinação final do lixo coletado. Conforme citado, o equacionamento adequado da problemática da destinação final do lixo na área do Pólo é condição fundamental para que a região possa desenvolver-se turisticamente de maneira sustentável. Desta forma, entende-se como urgente a elaboração de um PDLU e a implantação de um aterro sanitário em Jacobina, sobretudo pelo fato do município ser o mais populoso do Pólo.

- Urbanização de Itaitu

Itaitu possui uma grande atratividade para o desenvolvimento do ecoturismo. No entanto, ainda não conta com uma infra-estrutura receptiva adequada. Desta forma, entende-se que seja adequada a implantação de um projeto de urbanização do distrito, a partir de um amplo processo de planejamento, no qual a comunidade participe de forma

direta e deliberativa.

- Parque Virtual das Cachoeiras

O município de Jacobina possui entre seus atrativos turísticos algumas cachoeiras, que atualmente não possuem uma estrutura adequada para o recebimento de turistas, sobretudo pelos acessos em mal estado de conservação. Para que este potencial turístico seja melhor utilizado pela comunidade e pelos visitantes, entende-se que seja adequada a implantação do Parque Virtual da Cachoeiras no município.

Miguel Calmon

- Elaboração e implantação de PDLU e aterro sanitário

O município de Miguel Calmon atualmente não conta com um PDLU e aterro sanitário para destinação final do lixo coletado. Conforme citado anteriormente, o equacionamento adequado da problemática da destinação final do lixo na área do Pólo é condição fundamental para que a região possa desenvolver-se turisticamente de maneira sustentável. Desta forma, entende-se como urgente a elaboração de um PDLU e a implantação de uma aterro sanitário em Miguel Calmon.

Morro do Chapéu

- Implantação do Monumento Natural da Cachoeira do Ferro Doido

Localizado integralmente no município de Morro do Chapéu e com uma área de 400 ha, esta Unidade de Conservação, assim como o Parque Estadual de Morro do Chapéu, ainda não foi implantada. A categoria “Monumento Natural” é considerada pela legislação ambiental uma área de proteção integral, e tem como objetivo básico, preservar sítios naturais raros, singulares ou de grande beleza cênica. Desta forma, entende-se que a implantação desta Unidade de Conservação, com a elaboração de um Plano de Manejo adequado para a área, possui fundamental relevância para que a visitação pública nestes sítios não acarrete impactos ambientais negativos para a região e, também, possa maximizar os benefícios da atividade turística para a comunidade local.

- Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário

O município de Morro do Chapéu apesar de ser uma das áreas mais bonitas da Chapada Diamantina e de possuir uma oferta de atrativos singular, ainda não possui um adequado sistema de coleta e destinação dos resíduos sólidos. Neste sentido, entende-se que a elaboração e implantação do PDLU e do aterro sanitário, no estágio atual de desenvolvimento do turismo no município, representa uma vantagem competitiva da localidade perante outros destinos turísticos que já possuem um maior fluxo turístico e que ainda não equacionaram esta problemática ambiental. Portanto, considera-se essencial a implementação deste programa, tendo em vista o incremento do fluxo turístico na localidade, dada a elevada potencialidade

turística do município.

➤ **Circuito do Diamante**

- **Implantação da APA Marimbus / Iraquara no Circuito**

A APA de Marimbus/Iraquara já conta com um Plano de Manejo, elaborado em decorrência das intervenções propostas pelo PRODETUR/NE I. Assim, a implantação do Plano de Manejo da APA de Marimbus/Iraquara visa preparar a região da Chapada Diamantina para o incremento do ecoturismo, direcionando o fluxo de visitantes de uma forma coerente frente às exigências do desenvolvimento sustentável da atividade. Neste sentido, pretende-se, com a implantação da APA, reduzir os impactos negativos condizendo-os com a capacidade de carga local, bem como otimizar os efeitos positivos via investimentos que possibilitem a melhoria da qualidade de vida para a população com a conservação ambiental.

Andaraí

- **Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário**

Assim como todos os outros municípios do Circuito do Diamante, excetuando-se Mucugê, o manejo de resíduos sólidos em Andaraí não é feito de forma adequada. O município é uma das principais cidades do Pólo em relação ao fluxo turístico e, portanto, necessita urgentemente adequar seu manejo dos resíduos sólidos, para evitar que esta questão torne-se um grave problema ambiental e um entrave ao desenvolvimento do ecoturismo na localidade.

Iraquara

- **Implantação de Centro de Informação Turístico-Ambiental (Acesso às Grutas)**

Execução do receptivo turístico de Iraquara de acordo com o projeto Teórico elaborado pela prefeitura municipal de Iraquara no entroncamento da BA -122 com acesso às Grutas.

- **Estudo regional das cavernas e grutas de Iraquara**

Uma das principais atrações turísticas do município de Iraquara são suas grutas, um ambiente com características bastante peculiares e de alta suscetibilidade a impactos decorrentes de uma visitação não ordenada e excessiva. Por constituírem ambientes singulares, as cavernas freqüentemente são alvo de impactos negativos, como por exemplo, a retirada de espeleotemas e pixações. Desta forma, entende-se que seja adequada a elaboração de um Estudo Regional das Cavernas e Grutas da região, que tenha por finalidade, ordenar a visitação nestes atrativos e contribuir para que seu uso turístico não acarrete impactos naturais negativos a estes ambientes.

Lençóis

- Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário

Considerado o “portão de entrada” da Chapada Diamantina, o município de Lençóis atualmente apresenta uma situação bastante peculiar no tocante ao manejo de resíduos sólidos, um verdadeiro contraponto ao seu elevado fluxo de visitantes. Em Lençóis a coleta de lixo é realizada pela Prefeitura Municipal, que trabalha com caçamba, coletando diariamente o lixo lançando-o em depósito a céu aberto, localizado há cerca de 4 Km da entrada da cidade. Claramente, esta não é a forma mais adequada para tratar-se da problemática de resíduos sólidos em um município que almeja intensificar seu fluxo turístico, sobretudo em uma localidade que possui o ecoturismo como foco principal de sua atividade turística. Desta forma, considera-se essencial a elaboração e implantação do PDLU e do aterro sanitário em Lençóis, haja vista que com o incremento do fluxo turístico a produção de resíduos sólidos no município tende a aumentar à mesma proporção.

- Recuperação Urbanística com novo acesso à cidade de Lençóis

Algumas áreas do município de Lençóis já receberam intervenções de recuperação urbanística, sendo adequado, portanto, que toda a cidade seja recuperada, em conformidade com um projeto integrado de recuperação urbanística que concatene todas as intervenções dessa natureza no município. Ao mesmo tempo, o município possui um problema de circulação viária de grande importância. Tal situação decorre em razão do município contar com apenas um único acesso - realizado por uma ponte histórica sobre o rio Lençóis, o que faz com que circulem no centro histórico um tráfego pesado de caminhões e veículos de passeio, que não é desejável para uma área tão privilegiada. Entende-se, portanto, que seja urgente a adequação urbanística de um novo acesso ao município, de modo a desviar o trânsito de veículos para um ponto mais distante do centro histórico.

Palmeiras

- Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário

O município de Palmeiras atualmente não conta com um PDLU e aterro sanitário para destinação final do lixo coletado. Conforme citado anteriormente, o equacionamento adequado da problemática da destinação final do lixo na área do pólo é condição fundamental para que a região possa desenvolver-se turisticamente de maneira sustentável.

➤ Circuito do Ouro

- Implantação da APA da Serra do Barbado no Circuito

Da mesma forma que a APA de Marimbus/Iraquara, a APA da Serra do Barbado já possui um Plano de Manejo, também elaborado em decorrência das intervenções propostas pelo PRODETUR/NE I. Destaca-se que dentro dos limites da APA encontram-se muitos dos atrativos naturais da Chapada Diamantina, o que reforça a necessidade da implantação das diretrizes

constantes no Plano de Manejo desta Unidade de Conservação. Neste sentido, pretende-se, com a implantação da APA, reduzir os impactos negativos condizendo-os com a capacidade de carga local, bem como otimizar os efeitos positivos via investimentos que possibilitem a melhoria da qualidade de vida para a população local com a conservação ambiental.

- Plano e Implantação do ecoturismo no Circuito do Ouro

Há necessidade do desenvolvimento e implantação de um Plano de Ecoturismo específico no Circuito do Ouro que possibilite a implantação de um sistema de trilhas que integre todo o circuito.

Abaíra

- Urbanização da Vila de Catolés de Cima

A Vila de Catolés de Cima possui uma grande atratividade para o desenvolvimento do ecoturismo, entretanto, ainda não conta como uma infra-estrutura receptiva adequada. Destaca-se que a comunidade da vila demonstra interesse em fazer parte dos roteiros ecoturísticos da Chapada Diamantina. Desta forma, entende-se que seja adequada a implantação de um projeto de urbanização da Vila de Catolés de Cima, a partir de um amplo processo de planejamento, no qual a comunidade participe de forma direta e deliberativa.

Piatã

- Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário

O município de Piatã, juntamente com Abaíra, representa um dos pontos de elevada potencialidade turística em função do grande valor de sua oferta natural. Atualmente, o município não conta com um PDLU e um sistema de tratamento e destinação final do lixo, o que representa um empecilho para que a atividade turística se desenvolva de maneira sustentável na região. Desta forma, vislumbrando-se um aumento significativo da visitação turística no município, entende-se que a problemática da destinação final dos resíduos sólidos deve ser urgentemente equacionada para garantir o desenvolvimento sustentável do município e evitar que graves problemas ambientais ocorram em decorrência do aumento da visitação.

Rio de Contas

- Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário

O Circuito do Ouro, a despeito de ser uma das áreas mais belas da Chapada Diamantina e de possuir uma boa oferta de atrativos culturais, ainda possui um turismo relativamente insipiente, tendo Rio de Contas como seu "portão de entrada". Neste sentido, entende-se que a elaboração e implantação do PDLU e do aterro sanitário, no estágio atual de desenvolvimento do turismo no município, representa uma vantagem competitiva da localidade perante outros destinos turísticos que já possuem um maior fluxo turístico e

que ainda não equacionaram esta problemática ambiental. Portanto, considera-se essencial a implementação deste programa, tendo em vista o incremento do fluxo turístico na localidade, dada a elevada potencialidade turística do município.

- **Implantação do Parque Municipal Natural Serra das Almas**

As áreas naturais relevantes existentes na Serra das Almas no município de Rio de Contas deverão estar mais adequadamente protegidas se for criado um Parque Municipal Natural. O parque contribuirá na conservação e manejo de áreas como, por exemplo, o Pico das Almas e a Cachoeira do Fraga, locais em que já se verifica uma visitação turística regular.

- **Recuperação do Centro Histórico**

O município de Rio de Contas possui centenas de construções históricas, sendo boa parte delas localizadas no Largo do Rosário, como por exemplo o prédio da Prefeitura Municipal e o Teatro São Carlos. Muitas delas já encontram suas fachadas recuperadas necessitando, entretanto, da restauração de seu interior, como na Casa de Câmara e Cadeia. Nota-se que a recuperação deste patrimônio histórico deve agregar valor ao produto ecoturístico e aumentar a permanência média dos turistas que visitam o Circuito do Ouro.

- **Recuperação da Igreja de Santana**

Localizada no município de Rio de Contas, a Igreja de Santana representa um dos maiores monumentos históricos da Chapada Diamantina, sendo que se encontra atualmente em um estado de conservação precário, o que indica, portanto, a necessidade de sua recuperação.

6.1.1.2. Componente 2 – Planejamento Estratégico, Treinamento e Infra-estrutura para o Crescimento Turístico

A seguir são apresentados os projetos relativos ao Componente 2 do PRODETUR/NE II, que, conforme mencionado anteriormente, compreende as ações com objetivos relacionados às atribuições e responsabilidades do Governo do Estado da Bahia.

➤ **Pólo Chapada Diamantina – Ações Globais e Agrupadas**

- **Projeto de Capacitação**

O componente de capacitação profissional prevê o desenvolvimento de um processo de aprimoramento continuado dos trabalhadores envolvidos com a atividade turística, com base no compartilhamento de uma cultura de hospitalidade, criada e fomentada por empreendimentos turísticos

convertidos em organizações de aprendizagem. Os instrumentos para que seja prestado um serviço turístico de qualidade destacada na Bahia incluem um sistema de educação continuada, baseado na elaboração de planos individuais de desenvolvimento sócio-profissional e tutorias, além da certificação da qualidade profissional, que estimula as pessoas a procurarem seu contínuo aprimoramento.

- Sinalização Turística

A presença de sinalização é um pré-requisito para a consolidação de regiões turísticas, por isso, é necessária a adequação da comunicação visual indicativa dos atrativos turísticos do Pólo Chapada Diamantina. A sinalização urbana e rodoviária do Estado Bahia, voltada ao turista, deve ser clara e padronizada, para que aumente a segurança no momento de deslocamento e ajude a consolidar a marca dos pólos turísticos e destinos em geral.

- Sistema de Monitoramento e Evolução do Turismo

Entre as principais necessidades decorrentes dos investimentos em atividades de turismo no Pólo, está o monitoramento das consequências e impactos das ações. Para tanto, a Unidade Executora Estadual (UEE) deverá atuar apoiado por considerações técnicas, com base em um sistema de informações que ofereça indicadores sobre as principais áreas do turismo. Esse sistema deve oferecer um painel de controle sobre os rumos da atividade, permitindo que a UEE, o *trade* turístico, as prefeituras, o Conselho de Turismo do Pólo e demais órgãos do Estado possam avaliar o andamento das ações propostas e tomar medidas corretas para garantir a sustentabilidade da atividade turística.

➤ **Circuito Chapada Norte**

Campo Formoso

- Melhoria do Acesso para a Gruta da Barriguda - 90Km da Sede

A Gruta da Barriguda foi identificada como um dos atrativos diferenciais com maior índice de pontuação do capítulo 3.8. Produtos Turísticos. No entanto, como apontado, o acesso para a Gruta encontra-se em estado precário devendo, para viabilizar a visitação, ser melhorado. Pretende-se, desta forma, criar novas alternativas na estratégia de espacialização do fluxo turístico no Pólo Chapada Diamantina.

- Sistema de Esgotamento Sanitário

Campo Formoso não possui um SES operacional ou em execução, o que acaba por comprometer a qualidade de vida e a experiência turística. Assim, a implantação do SES deverá adequar o município para uma melhor recepção de visitantes, tornando-o mais sustentável a longo prazo.

Jacobina

- Sistema de Esgotamento Sanitário

Conforme mencionado no item 3.3 Infra-estrutura, entende-se que em relação ao saneamento básico – água e esgoto, diversos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina necessitam de investimentos visando, sobretudo, a sustentabilidade do turismo e a melhoria da qualidade de vida da população local. Dentre esses destacam-se os municípios-âncora e, no Circuito Chapada Norte o de Jacobina que já conta com uma estrutura receptiva e que deverá, num breve espaço de tempo, ter um incremento significativo no seu fluxo turístico.

Miguel Calmon

- Sistema de Abastecimento de Água

Miguel Calmon não conta com um sistema de abastecimento de água adequado ao fluxo esperado e potencial, sendo este um componente essencial da qualidade de vida de uma população, com impactos diretos na redução da mortalidade infantil e incidência de doenças transmitidas pela ingestão de água contaminada. Assim pretende-se corrigir as deficiências nos serviços de abastecimento de água do município, melhorando o atendimento aos moradores e turistas e estimulando os investimentos privados na região.

- Sistema de Esgotamento Sanitário

Miguel Calmon não disponibiliza de um SES operacional ou em execução, o que acaba por comprometer a qualidade de vida e a experiência turística. Assim, a implantação do SES deverá adequar o município para uma melhor recepção de visitantes, tornando-o mais sustentável a longo prazo.

Morro do Chapéu

- Ampliação do Sistema de Abastecimento de Água

Como mencionado anteriormente entende-se que em geral, o sistema de abastecimento de água do Pólo Chapada Diamantina como um todo deve ser objeto de investimentos que visem o aumento da qualidade de vida da população local. O município de Morro do Chapéu é um município-âncora e portanto já com um fluxo de visitantes consolidado que tenderá a aumentar nos próximos anos. Assim, urge a necessidade de ampliação do atual SAA para que tal crescimento não cause impactos negativos na região.

- Sistema de Esgotamento Sanitário

Dada a configuração geográfica de Morro do Chapéu, com diversos acidentes geográficos sendo, ainda, um dos mais importantes destinos turísticos potenciais da Chapada Diamantina, há a necessidade de ampliação do sistema de esgotamento sanitário existente pois o município já começa a sofrer os impactos iniciais da ausência deste tipo de infraestrutura. A importância desta ação é reforçada quando se considera que o produto turístico da região está baseado na existência de belezas naturais singulares.

Wagner

- Melhoria do acesso da rodovia Wagner / Cachoeira das Sete Quedas

A cachoeira das Sete Quedas é um atrativo turístico localizado a 40 km da sede. Neste trajeto encontram-se várias outras cachoeiras, como por exemplo as cachoeiras do Bonizar, da Pedra Furada e do Bonito de Cima, além de vários pontos para prática do *rapell*. A dificuldade de acesso dificulta a visitação a estes atrativos, sendo necessária portanto a adequação deste acesso.

➤ **Circuito do Diamante**

Andaraí

- Melhoria da Rodovia Tanquinho de Lençóis à Andaraí (Via Lagoa Encantada)

A melhoria da Rodovia Tanquinho de Lençóis à Andaraí (Via Lagoa Encantada) é uma das intervenções mais importantes a serem realizadas no Pólo Chapada Diamantina. Tal ação possibilitará a redução de um percurso de mais de 100 km que atualmente acaba por dificultar a ligação entre os municípios do Circuito do Diamante, sobretudo entre os situados na porção norte, como Lençóis, e os ao sul, como Andaraí.

- Melhoria do acesso à Igatu

O distrito de Igatu, em Andaraí, já é um destino consolidado no Pólo Chapada Diamantina sendo responsável por um fluxo contínuo de visitantes durante todo o ano. Atualmente o único acesso para tal atrativo é realizado pela estrada antiga, altamente turística, mas que acaba sendo altamente impactada pela passagem de veículos pesados como caminhão e ônibus, danificando-a e reduzindo sua atratividade. Portanto, deve-se melhorar o acesso secundário para que tais tipos de veículos possam acessar o destino.

- Sistema de Esgotamento Sanitário - Sede

A cidade de Andaraí é um dos maiores centros receptores de turistas do Pólo Chapada Diamantina, já contando, devido a um fluxo de visitantes, com uma oferta técnica consolidada formada por meios de hospedagem, agências e operadoras e etc. Também é um dos maiores núcleos urbanos da área de estudo, com um expressivo comércio de importância regional. No entanto, não dispõe de um sistema de esgotamento sanitário adequado que necessita de ampliação frente às demandas futuras que deverão ocorrer com o crescimento do turismo na região.

- Sistema de Abastecimento de Água - Sede

Da mesma forma que o esgotamento sanitário, o núcleo urbano não disponibiliza de um sistema de abastecimento de água adequado devendo, portanto, ser ampliado para a recepção apropriada de visitantes.

- Sistema de Esgotamento Sanitário em Igatu

O distrito de Xique-Xique do Igatu, em Andaraí, é uma das áreas mais utilizadas pelos turistas na Chapada Diamantina, com fluxo concentrado nas férias e nos feriados prolongados. Igatu é envolvida por uma área de ambientalmente sensível, composta de nascentes de rios e serras, e um sistema de esgotamento sanitário nesse distrito evitaria a contaminação do rio e do meio ambiente em geral, permitindo o desenvolvimento turístico sem degradação de alguns de seus principais atrativos.

- Sistema de Abastecimento de Água em Igatu

Semelhante ao supracitado sobre o sistema de esgotamento sanitário, há a necessidade de implantação de um sistema de abastecimento de água em Igatu adequado à demanda de visitantes já existente, bem como a futura.

Ibicoara

- Sistema de Esgotamento Sanitário

Conforme mencionado no item 3.3 Infra-estrutura, entende-se que em relação ao saneamento básico – água e esgoto, diversos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina necessitam de investimentos visando, sobretudo, a sustentabilidade do turismo e a melhoria da qualidade de vida da população local. Esta intervenção visa a sobretudo acabar com a poluição do Rio dos Macacos, que abastece a cidade e desemboca no Rio de Contas.

Iraquara

- Sistema de esgotamento sanitário e tratamento dos efluentes na sede do município de Iraquara

A sede do município de Iraquara não possui um Sistema de Esgotamento Sanitário, o que acaba por comprometer a qualidade de vida e a experiência turística. Assim, a implantação do SES deverá adequar o município para uma melhor recepção de visitantes, tornando-o mais sustentável em longo prazo.

Itaetê

- Sistema de esgotamento sanitário e tratamento, na sede do município de Itaetê

Itaetê não conta com um SES operacional ou em execução, o que acaba por comprometer a qualidade de vida e a experiência turística. Assim, a implantação do SES deverá adequar o município para uma melhor recepção de visitantes, tornando-o mais sustentável em longo prazo.

- Melhoria da rodovia BA 142 Trecho Entroncamento Andaraí/Mucugê-Itaetê-Marcionílio de Souza-Iaçu

Os acessos rodoviários para a região encontram-se em precário estado de tráfego, impossibilitando com isso a visitação ao maior ponto turístico do município que é o Poço Encantado, o que prejudica o desenvolvimento dos produtos turísticos do município. A melhoria da Rodovia Entroncamento Mucugê/Andaraí –Itaetê até Iaçu se adequa à essa situação, beneficiando

tanto os visitantes quanto o comércio regional onde serve de corredor para escoamento da produção agrícola de Mucugê e Ibicoara, sendo assim de grande importância regional.

Lençóis

- Terminal Rodoviário de Lençóis

No município de Lençóis não há terminal para ônibus, os passageiros têm acesso ao embarque e desembarque através dos logradouros públicos, sendo que, há um posto rodoviário de venda de passagens. Assim, entende-se que seja adequada a construção de um terminal rodoviário para melhor atender aos visitantes que utilizam este tipo de serviço, haja vista que boa parte da demanda turística para Lençóis utiliza como meio de transporte para chegar ao município o ônibus, conforme descrito no item 3.11. Perfil do Turista.

- Sistema de Abastecimento de Água

O núcleo urbano de Lençóis é o maior destino turístico do Pólo Chapada Diamantina e já dispõe de uma significativa rede de abastecimento de água. No entanto, o sistema atual necessita de ampliação para as áreas rurais próximas à sede municipal pois a existência de poços ou nascentes nas propriedades e a outras formas de abastecimento sem qualquer tipo de controle quanto a qualidade dessa águas acaba por afetar não só a população fixa mas também a flutuante formada por turistas.

- Sistema de Esgotamento Sanitário

Da mesma forma que o sistema de abastecimento de água, o sistema de esgotamento sanitário da sede municipal recebeu elevado volume de recursos para sua ampliação e melhoria. No entanto, como apontado no capítulo 3.3. Infra-estrutura, faz-se necessário o aumento da rede para a toda a área urbana às áreas rurais adjacentes devido ao incremento populacional que sofre a cidade por causa de seu apelo turístico. Deve-se destacar que sem a ampliação do sistema de saneamento o rio Lençóis acabou se transformando no esgoto do município, gerando grandes preocupações com o futuro dos negócios relacionados ao ecoturismo.

Mucugê

- Implantação da Rodovia Mucugê - Guiné - Palmeiras

O município de Mucugê possui diversos atrativos diferenciais e de elevada potencialidade que atraem um fluxo consolidado de visitantes mas que, devido à precariedade de acesso, se restringe a um pequeno volume de turistas alocêntricos. Assim, a implantação da Rodovia Mucugê - Guiné - Palmeiras visa possibilitar o desenvolvimento da localidade enquanto destinação turística.

- Terminal Rodoviário de Mucugê

Conforme mencionado no item 3.3 Infra-estrutura, no município de Mucugê não há terminal para ônibus, com os passageiros tendo acesso ao

embarque e desembarque através dos logradouros públicos. Ao mesmo tempo, a venda de passagens é de responsabilidade de casas comerciais. Desta forma, entende-se que seja adequada a construção de um terminal rodoviário para melhor atender aos visitantes que utilizam este tipo de serviço.

- Sistema de Abastecimento de Água

Os sistemas de abastecimento de água são um componente essencial da qualidade de vida de uma população, com impactos diretos na redução da mortalidade infantil e incidência de doenças transmitidas pela ingestão de água contaminada. Para que qualquer projeto de desenvolvimento do turismo seja implementado, é necessário que esses sistemas sejam implantados e mantidos por uma operação eficiente. Esta ação procura corrigir as deficiências nos serviços de abastecimento de água da região, melhorando o atendimento aos moradores e turistas e estimulando os investimentos privados na área de estudo.

- Sistema de Esgotamento Sanitário

A localidade de Mucugê não tem SES funcionando ou em execução o que acaba por comprometer a qualidade de vida e a experiência turística, sendo que cerca de 40% da população utiliza fossas rudimentares, ambientalmente inadequadas. Assim, a implantação do SES deverá adequar o município para uma melhor recepção de visitantes, tornando-o mais sustentável a longo prazo.

- Implantação da rodovia Mucugê – Abaíra

A implantação desta rodovia possui uma importante função estratégica de fazer a ligação entre o Circuito do Ouro e o Circuito do Diamante, obra fundamental para o turismo no pólo.

Nova Redenção

- Sistema de Esgotamento Sanitário

O município de Nova Redenção não possui um sistema de esgotamento sanitário em operação, o que acaba por comprometer a qualidade de vida e a experiência turística. Assim, a implantação do SES deverá adequar o município para uma melhor recepção de visitantes, tornando-o mais sustentável a longo prazo.

Palmeiras

- Implantação da Estrada-Parque Caeté-Açu / Palmeiras

O distrito de Caeté-Açu é um dos destinos turísticos com maior potencial e fluxo de visitantes, contando com diversos atrativos diferenciais de elevada qualificação como a Cachoeira da Fumaça e o Vale do Capão. Atualmente, o acesso à Caeté-Açu é realizado através de uma estrada de terra que na época das chuvas permanece em condições precárias. Propõe-se a implantação de um acesso rodoviário controlado, formalizado como uma Estrada-Parque – nos moldes da implantada na APA de Itacaré no Pólo Costa do Cacau. Tal medida justifica-se pela fragilidade ambiental presente nessa região repleta de ambientes frágeis.

- Sistema de Abastecimento de Água

O município de Palmeiras, como supracitado, está se configurando como um dos principais destinos do Pólo Chapada Diamantina. No entanto, não conta com um sistema de abastecimento de água adequado ao fluxo esperado e potencial, sendo este um componente essencial da qualidade de vida de uma população, com impactos diretos na redução da mortalidade infantil e incidência de doenças transmitidas pela ingestão de água contaminada. Assim pretende-se corrigir as deficiências nos serviços de abastecimento de água do município, melhorando o atendimento aos moradores e turistas e estimulando os investimentos privados na região.

- Sistema de Esgotamento Sanitário

Palmeiras não disponibiliza de um SES operacional ou em execução, o que acaba por comprometer a qualidade de vida e a experiência turística. Assim, a implantação do SES deverá adequar o município para uma melhor recepção de visitantes, tornando-o mais sustentável a longo prazo.

- Sistema de Esgotamento Sanitário do Vale do Capão

Assim como na sede do município de Palmeiras, a região do Vale do Capão não conta com um sistema de esgotamento sanitário, configurando-se este como um problema de urgente solução.

- Sistema de Abastecimento de Água do Vale do Capão

Semelhante ao supracitado sobre o sistema de esgotamento sanitário, há a necessidade de implantação de um sistema de abastecimento de água adequado no Vale do Capão.

Seabra

- Sistema de Esgotamento Sanitário

O município de Seabra é o grande centro comercial regional da Chapada Diamantina, sendo responsável pelo abastecimento de diversas cidades tanto do Circuito Chapada Norte quanto do Circuito do Diamante. No entanto, disponibiliza de um SES inadequado que compromete a qualidade de vida e a experiência turística na região. Assim, a implantação do SES

deverá adequar o município para uma melhor recepção de visitantes, preparando-o para um desenvolvimento ambiental mais coerente com um pólo de ecoturismo.

➤ **Circuito do Ouro**

Abaíra

- Melhoria do acesso a Serra do Barbado - 25 Km da sede

A Serra do Barbado caracteriza-se pela sua beleza singular e diferencial sendo, por isso, um atrativo de excelente qualificação. No entanto, o acesso para a região é considerado precário sendo que muitas vezes só pode ser realizado com veículo tracionado. Assim, a melhoria da estrada de acesso para a Serra do Barbado configura-se como uma intervenção de significativa relevância regional, beneficiando todo o Circuito do Ouro enquanto pólo de ecoturismo.

- Rodovia Abaíra / João Correa / Mucugê

A melhoria da Rodovia de Abaíra para Mucugê via João Correa visa facilitar a acessibilidade para uma melhoria não só do fluxo de visitantes como também do de mercadorias. Tal fato visa, de forma estratégica, uma melhor estruturação do Circuito como um todo.

Jussiape

- Rodovia Abaíra /Jussiape

Um dos maiores problemas diagnosticados no Pólo Chapada Diamantina é o acesso para os atrativos em geral e, em particular, entre os municípios no Circuito do Ouro. Neste sentido, a melhoria das rodovias passa a ser uma das intervenções mais estratégicas para a região, viabilizando um fluxo de visitantes inter e intra circuitos. A melhoria da Rodovia de Abaíra até Jussiape se adequa a essa situação, beneficiando tanto os visitantes quanto o comércio regional o que, em última análise, torna a formação do produto turístico mais eficiente e adequada ao conceito de sustentabilidade.

- Melhoria do acesso ao Sítio Arqueológico da Tapera - 8 Km da sede

Situado a cerca de 8 Km ou a 30 minutos da sede do município, trata-se de um conjunto de inscrições rupestres localizados num paredão com uma pequena gruta, na Serra do Tapera. Numa região de chácaras e pequenas propriedades rurais, relativamente preservada, o atrativo é um valioso patrimônio histórico-cultural, sendo um diferencial para o município. No entanto, a acessibilidade apresenta-se precária, apesar de estar próxima à cidade, com problemas na estrada de terra relacionados a buracos e pontos e erosão.

Rio de Contas

- Sistema de Esqotamento Sanitário

A sede do município de Rio de Contas conta com diversos bens históricos tombados e com uma configuração geográfica singular, com diversos acidentes geográficos. Assim, é um dos mais importantes destinos turísticos potenciais da Chapada Diamantina, sendo município-âncora do Circuito do Ouro. Portanto, há a necessidade de ampliação do sistema de esgotamento sanitário existente pois o município já começa a sofrer os impactos iniciais da ausência deste tipo de infra-estrutura. Considera-se que a importância desta ação é reforçada quando se considera que o produto turístico da região está baseado na existência de belezas naturais.

- Terminal Rodoviário em Rio de Contas

Conforme mencionado no item 3.3 Infra-estrutura, no município de Rio de Contas não há terminal para ônibus, os passageiros têm acesso ao embarque e desembarque através dos logradouros públicos a venda de passagens é de responsabilidade de casas comerciais. Desta forma, entende-se que seja adequada a construção de um terminal rodoviário para melhor atender aos visitantes que utilizam este tipo de serviço.

- Rodovia Jussiape / Rio de Contas

Entre os maiores problemas diagnosticados no Pólo Chapada Diamantina tem-se o acesso para os atrativos em geral e, em particular, entre os municípios no Circuito do Ouro. Assim, a melhoria das rodovias passa a ser uma das intervenções mais estratégicas para a região.

6.1.1.3. Componente 3 – Promoção de Investimentos do Setor Privado

O componente 3 do PRODETUR/NE II compreende as ações com objetivos relacionados ao apoio às atribuições e responsabilidades do setor privado, tendo como objetivo promover e ampliar a

integração do setor privado como agente complementar do processo de financiamento do investimento público no desenvolvimento do Pólo Turístico Chapada Diamantina.

➤ Pólo Chapada Diamantina – Ações Globais e Agrupadas

- Plano de Marketing e Ações Promocionais

O desenvolvimento da atividade turística depende de ações ordenadas de inserção mercadológicas das destinações, com a consolidação do produto, incremento dos canais de distribuição e elaboração de plano de promoção nacional e internacional. A promoção deve consolidar a imagem do destino de acordo com as determinações estratégicas e os nichos de mercado que se pretenda ampliar. A gestão da marca do destino está entre as atividades mais importantes para a manutenção e ampliação da demanda turística e o plano de marketing é a principal ferramenta para uma gestão eficaz. Dentro do plano de promoção, que será executado pela Bahiatursa, estão previstos a elaboração de material promocional (folheteria, vídeos, CDs etc.), a participação em eventos nacionais e internacionais, e campanhas promocionais para os destinos da Bahia. Nos eventos, o Governo promove

os destinos e a iniciativa privada também promove seus empreendimentos e serviços.

Neste sentido, o Pólo Chapada Diamantina apresenta uma série de atrativos histórico-culturais de grande importância, que devem ser utilizados para diversificar a oferta de produtos turísticos no Pólo. Desta forma, entende-se que a inserção destes atrativos nos roteiros turísticos do Pólo deve ocorrer de forma integrada, sendo acompanhada de ações de marketing que incentivem a manutenção e a divulgação deste patrimônio, contribuindo de forma efetiva para aumentar a permanência média dos turistas e conseqüentemente, elevar as receitas turísticas nos municípios.

- Projeto de Artesanato - Apoio à Geração de Emprego e Renda

O artesanato é uma das manifestações culturais de um povo e sua revitalização tem efeitos que vão muito além da criação de oportunidades econômicas aos membros da comunidade envolvidos com a produção e comercialização de peças artesanais. O desenvolvimento do artesanato local tem efeitos na auto-estima de uma sociedade e pode ser usado como complementação do produto turístico das destinações, já que há uma tendência dos turistas valorizarem peças originais e produzidas com técnicas locais. O projeto de artesanato do Pólo Chapada Diamantina tem como objetivos a condução de pesquisas sobre as potencialidades do artesanato local, o desenvolvimento das técnicas de produção e a organização de canais de comercialização dos produtos aos turistas, na forma de centros de artesanato em diversas localidades do pólo, consolidando a cadeia produtiva da atividade e potencializando seu papel como gerador de renda e emprego para a população. Diversos organismos já estão envolvidos em projetos de artesanato em localidades do pólo e as iniciativas já existentes serão consideradas dentro do contexto do Projeto de Artesanato, aprimorando-as e integrando-as aos objetivos gerais.

- Projeto de Capacitação Empresarial e Apoio ao Associativismo

O projeto tem como objetivo a dinamização da gestão dos empreendimentos turísticos, com base na análise sistêmica das empresas, seus conhecimentos e tecnologias. A implementação de inovações e melhorias depende de uma gestão capacitada, que utilize as ferramentas e recursos disponíveis para a diversificação e aprimoramento de seus produtos e serviços, maximizando a qualidade da experiência turística. Propõe-se ainda agregar estratégias de organizações de aprendizagem e envolver empresários no programa de capacitação profissional.

6.1.2. Prioridade B

6.1.2.1. Componente 1 – Fortalecimento da Capacidade Municipal para a Gestão do Município

➤ Circuito Chapada Norte

Campo Formoso

- Preservação das Ruínas da Igreja da Gameleira

A Igreja da Gameleira atualmente encontra-se em ruínas e é uma construção datada do ano de 1762, quando o padre Manoel Monteiro, construiu a ermida, sob a invocação de Nossa Senhora da Ponte do Aboboriz. Toda feita de pedra e argila, a igreja é cercada de lendas muito conhecidas na região, fazendo parte do acervo histórico e cultural de Campo Formoso. Seguindo a orientação de arquitetos, optou-se pela preservação das ruínas que por si só, contam a história de um passado distante.

- Urbanização do Bairro da Gameleira

Este projeto possui um caráter complementar ao projeto anterior (Preservação das Ruínas da Igreja da Gameleira), tendo por objetivo, alocar recursos para obras de urbanização, ou seja, intervenções como calçamento, praças, ajardinamento e recuperação da parte frontal das casas, proporcionando à população e visitantes, um novo aspecto visual que deverá integrar-se de forma harmoniosa ao atrativo cultural ali existente.

Jacobina

- Urbanização da Praça da Missão

A Praça da Missão no centro de Jacobina é um importante ponto de encontro da população de forma geral, sendo possível encontrar uma série de serviços de alimentação. O local necessita de um projeto de urbanização urbana por meio de medidas preventivas ou corretivas aos impactos que o desenvolvimento do turismo traz ou pode trazer à organização urbana.

- Implantação do Centro Turístico-Ambiental na Lagoa Antonio Teixeira Sobrinho

Conforme apontado no item 3.8. Produtos Turísticos e Atrativos, a Lagoa Antonio Teixeira Sobrinho no município de Jacobina, atualmente não conta com uma infra-estrutura adequada para o recebimento de turistas, entretanto, apresenta uma boa acessibilidade. Deve-se, portanto, haver uma intervenção no sentido de dotar a lagoa com uma infra-estrutura turística adequada, como parte de um projeto de revitalização do local.

- *Implantação do Centro Turístico-Ambiental em Itaitu*

Conforme apontado no item 3.8. Produtos Turísticos e Atrativos, o distrito de Itaitu possui uma série de atrativos relevantes e pertinentes ao desenvolvimento turístico da Chapada Diamantina. Deve-se, portanto, haver uma intervenção no sentido de dotar a área com uma infra-estrutura turística adequada, como parte de um projeto de revitalização do local.

- *Recuperação da Igreja de São Miguel das Figuras*

A Igreja de São Miguel das Figuras, acessada por Jacobina, é um atrativo importante no contexto histórico-regional e religioso da área de estudo. Assim, entende-se que sua recuperação poderá alterar a dinâmica local de descaso e abandono dos monumentos históricos relevantes.

Miguel Calmon

- *Implantação do Parque Estadual das Sete Passagens*

Criado em maio do ano de 2000, o Parque Estadual das Sete Passagens possui uma área de 2.821 ha e apresenta uma série de cachoeiras e saltos, além de uma rica fauna e flora, o que significa uma inexorável vocação para o desenvolvimento de atividades ligadas ao ecoturismo. Assim, entende-se que a implantação do Parque Estadual das Sete Passagens, promovendo atividades de educação e interpretação ambiental, possui grande importância para que atividade turística se desenvolva de forma sustentável no município de Miguel Calmon e na Chapada Diamantina de forma geral.

Morro do Chapéu

- *Implantação do Parque Estadual de Morro do Chapéu*

Criado em 1973, o Parque Estadual de Morro do Chapéu possui aproximadamente 6.000 ha e ainda não se encontra aberto à visitação pública. Devido à sua potencialidade turística e a possibilidade do desenvolvimento de atividades relacionadas à educação ambiental, entende-se que a implantação desta Unidade de Conservação representa uma importante intervenção, no intento de ordenar a visitação pública na área do Parque, corroborando o foco de desenvolvimento sustentável do turismo no Pólo Turístico Chapada Diamantina.

- *Implantação da APA Gruta dos Brejões*

A área da APA Gruta dos Brejões abrange diversos atrativos naturais do Pólo Chapada Diamantina, possuindo atualmente uma visitação regular. Com o intuito de ordenar a visitação e garantir uma maior sustentabilidade à atividade turística nestes locais, entende-se que seja necessária a implantação de do Plano de Manejo da APA Gruta dos Brejões. Ao mesmo tempo, as trilhas para os atrativos da APA atualmente encontram-se em um estado precário de conservação. Para melhorar a utilização turística destes atrativos, portanto, entende-se que seja necessária a adequação de suas trilhas de acesso.

- Ampliação do Centro Cultural

Este projeto tem por objetivo propiciar uma melhor estrutura para a realização de atividades culturais, beneficiando a população local e o setor turístico, à medida que representa um fator de estímulo às manifestações culturais tradicionais de Morro do Chapéu.

- Ampliação do aeroporto

A ampliação o aeroporto de Morro do Chapéu tem por objetivo integrar o Pólo Turístico Chapada Diamantina por meio do transporte aéreo e, desta forma, beneficiar não só o turismo, como toda cadeia produtiva.

➤ **Circuito do Diamante**

Andaraí

- Recuperação e Estabilização do Sítio Histórico de Igatu

O distrito de Igatu dista cerca de 15 Km da sede municipal e se destaca por ter sido uma das capitais do garimpo no século XIX, chegando a abrigar mais de 30.000 habitantes. Situada no alto da Serra do Sincorá, atualmente suas ruínas de pedras remetem ao seu passado glorioso, recordando o apogeu do garimpo do diamante. Como citado anteriormente, já possui serviços de hospedagem e de alimentação, sendo uma das principais destinações na Chapada relacionada aos aspectos histórico-culturais necessitando, no entanto, da recuperação e da estabilização de seu sítio histórico, para que mantenha suas características e originalidade.

- Recuperação da Casa da Cultura com implantação do Memorial de Andaraí.

Inexiste em Andaraí Casa da Cultura ou Museu e face ao significativo número de turistas que visitam o município, tal intervenção se faz necessária, com o intuito de ampliar as características do produto turístico oferecido, o que irá colaborar para aumentar a permanência média dos turistas na região.

Iraquara

- Elaboração do Plano de Desenvolvimento Turístico

Iraquara atualmente não possui um Plano de Desenvolvimento de Turismo para auxiliar e regulamentar o crescimento da atividade na localidade. Nota-se que neste município há diversos atrativos turísticos, como por exemplo as grutas e as cachoeiras, que apresentam problemas decorrentes da visitação excessiva e que demandam uma ação específica para ordenar a visitação pública nestes atrativos.

- Plano de Manejo das Cavernas de Iraquara

A elaboração de Plano de Manejo das Cavernas de Iraquara, além de ser

uma exigência legal do IBAMA/CECAV, contribuirá consideravelmente para a gestão sustentável destes atrativos turísticos.

Itaetê

- *Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário*

O município de Itaetê atualmente não conta com PDLU e aterro sanitário, sendo a destinação final dos resíduos sólidos inadequada. Ademais, o município apresenta o pior índice de lixo coletado do Circuito do Diamante. Dado o tamanho relativamente reduzido da população do município, entende-se que o problema seria solucionado com um estudo regional que viabilize um aterro sanitário compartilhado. Novamente ressalta-se a necessidade da correta gestão dos resíduos sólidos para o desenvolvimento sustentável do turismo.

- *Recuperação Paisagística e Urbana com estacionamento no entorno do Poço Encantado*

Situado a 20 Km ou 15 minutos da sede do município, o Poço Encantado é um dos atrativos mais conhecidos da Chapada Diamantina tratando-se de um poço grande com água azulada, dentro de uma gruta. Localizado numa região relativamente conservada, com ambiente e paisagem preservados, o Poço é um grande diferencial para o município de Itaetê. Com uma via de acesso razoável, a área já possui uma infra-estrutura receptiva como estacionamento e equipamentos de alimentação. Estes, no entanto, estão instalados de forma inadequada diante o potencial do atrativo sendo necessário, portanto, a realização de um estudo para sua revitalização.

- *Recuperação das matas ciliares do Rio Paraquacu*

Como citado no capítulo 3.5. Aspectos Sócio-Ambientais, na região do Circuito do Diamante a bacia hidrográfica mais significativa é a do rio Paraquacu que drena uma área aproximada de 55.000 Km². Nesta área, os principais usos da água são o de abastecimento doméstico, agricultura irrigada, atividade de mineração e contato primário. Neste sentido, nota-se a atividade de garimpagem rudimentar, principalmente após os períodos de chuva nas cavidades existentes em meio às rochas nos leitos dos riachos dos diversos municípios da região. Tais atividades acabaram provocando a perda da vegetação e da qualidade ambiental das matas ciliares do rio que, atualmente, necessita de um projeto de recuperação.

➤ **Circuito do Ouro**

Abaíra

- *Implantação e Plano de Manejo da ARIE Serra da Tromba*

Abaíra possui diversos atrativos naturais que ainda não são efetivos e que apresentam grande potencialidade para o ecoturismo, como por exemplo os atrativos da Serra da Tromba. Assim, entende-se que há a necessidade da

implantação e manejo da ARIE Serra da Tromba, para assegurar que o desenvolvimento do ecoturismo na região ocorra de forma sustentável.

- *Inventário do Patrimônio Histórico para Tombamento*

O município de Abaíra possui diversas construções históricas que ainda não foram tombadas pelo IPAC. Destaca-se que grande parte deste patrimônio é de propriedade particular e não há um inventário sobre a situação atual de conservação destes atrativos. Assim, com o objetivo de efetuar o tombamento e assim, contribuir para a preservação do patrimônio histórico e cultural remanescentes no município de Abaíra, entende-se que deva ser realizado um inventário de todo o patrimônio existente, sendo avaliada a situação legal, valor histórico e estado de conservação de cada estrutura de maneira individualizada.

Piatã

- *Recuperação das matas ciliares do Rio de Contas*

Na região do Circuito do Ouro a bacia hidrográfica mais significativa é a do Rio de Contas que tem sua nascente no município de Piatã, no interior da sinclinal da Serra da Tromba e estende-se até o Oceano Atlântico, tendo sua foz na cidade de Itacaré (zona turística da Costa do Cacau), percorrendo aproximadamente 450 Km. Ainda no município homônimo apresenta vazão de cerca de 1,76 m³/s, chegando a cerca de 100 m³/s próximo a foz. Tais dados, identificados no capítulo 3.5. Aspectos Sócio-Ambientais, diagnosticam a importância regional de tal curso de água que necessita, no entanto, de recuperar suas matas ciliares devido ao processo de ocupação de sua margens.

Rio de Contas

- *Urbanização da Vila do Mato Grosso*

Em razão do aumento esperado de demanda turística no município de Rio de Contas, entende-se que há necessidade do controle e ordenamento do uso do solo e melhoria da qualidade dos espaços públicos abertos na Vila de Mato Grosso.

- *Urbanização do Distrito de Arapiranga*

Assim como na Vila do Mato Grosso, entende-se que seja necessário o controle e o ordenamento do uso do solo para a melhoria da qualidade dos espaços públicos abertos no Distrito de Arapiranga.

6.1.2.2. Componente 2 – Planejamento Estratégico, Treinamento e Infra-estrutura para o Crescimento Turístico**➤ Circuito Chapada Norte****Campo Formoso**

- Melhoria do acesso à Gruta do Convento

A Gruta do Convento foi identificada como um atrativo diferencial. No entanto, como apontado, o acesso para a Gruta encontra-se em estado precário devendo, para viabilizar a visitação, ser melhorado. Pretende-se, desta forma, criar novas alternativas na estratégia de espacialização do fluxo turístico no Pólo Chapada Diamantina.

- Sistema de Abastecimento de Água

O município de Campo Formoso é conhecido pelos seus recursos minerais – sendo a mineração e o artesanato mineral atividades econômicas significativas para o município, bem como pelo seu singular patrimônio natural – notadamente as cavernas e grutas. No entanto, não conta com um sistema de abastecimento de água adequado ao fluxo esperado e potencial, sendo este um componente essencial da qualidade de vida de uma população, com impactos diretos na redução da mortalidade infantil e incidência de doenças transmitidas pela ingestão de água contaminada. Assim pretende-se corrigir as deficiências nos serviços de abastecimento de água do município, melhorando o atendimento aos moradores e turistas e estimulando os investimentos privados na região.

- Melhoria do Acesso da Estrada Campo Formoso – Lajes – Curral Velho

Essa rodovia deve ajudar no deslocamento de turistas e moradores entre essas duas regiões. Além de beneficiar a comunidade local e o acesso a serviços públicos, ajuda na prestação de serviços turísticos e no acesso à uma variedade de atrativos dispostos entre esses municípios.

- Ampliação do Aeroporto de Campo Formoso

O Aeroporto Municipal de Campo Formoso, dista 17 Km da sede e é freqüentemente utilizado por executivos da área governamental e empresários. Desta forma, entende-se que a ampliação deste aeroporto representa um importante fator de desenvolvimento para a região, contribuindo não apenas para o crescimento do turismo, mas de toda a cadeia produtiva do município e da região.

Jacobina

- Melhoria do acesso à Cachoeira Véu da Noiva - 23 Km da sede

Situada a 23 Km ou 30 minutos da sede municipal, a Cachoeira Véu da Noiva trata-se de uma queda d'água de beleza cênica singular. Com um grande volume de água, está apta para a prática de esportes de aventura, notadamente o canyoning. Ao mesmo tempo, a área está cercada por mata primária, complementando o atrativo e transformando-o num diferencial para a região. No entanto a acessibilidade é precária devendo ser melhorada para uma futura estruturação do atrativo.

- Construção de rampa de saltos para vôo livre

Esta ação objetiva dotar o município de infra-estrutura para atender à demanda turística que busca esportes radicais.

Morro do Chapéu

- Anel Viário de Morro do Chapéu

Atualmente, o município de Morro do Chapéu apresenta alguns problemas de circulação nos acesso ao município. A construção de um anel viário no município tem por objetivo melhorar o sistema de transporte rodoviário e a circulação no Circuito do Diamante e no Pólo Chapada Diamantina de uma forma geral.

- Melhoria do acesso para a Gruta dos Brejões

O acesso para a APA Gruta dos Brejões atualmente encontra-se em um estado precário de conservação devendo, portanto, ser melhorado para a utilização turística de seus atrativos.

Ourolândia

- Sistema de Esgotamento Sanitário

Ourolândia não disponibiliza de um SES operacional ou em execução, o que acaba por comprometer a qualidade de vida e a experiência turística. Assim, a implantação do SES deverá adequar o município para uma melhor recepção de visitantes, tornando-o mais sustentável a longo prazo.

Piritiba

- Sistema de Esgotamento Sanitário

Piritiba não disponibiliza de um SES operacional ou em execução, o que acaba por comprometer a qualidade de vida e a experiência turística. Assim, a implantação do SES deverá adequar o município para uma melhor recepção de visitantes, tornando-o mais sustentável a longo prazo.

Saúde

- Melhoria da Rodovia BA-131 - Trecho BR-324

O município de Saúde necessita de melhoria em sua acessibilidade para possibilitar uma melhoria não só do fluxo de visitantes como também do de mercadorias. Tal fato visa, de forma estratégica, uma melhor estruturação do Circuito como um todo.

Utinga

- Melhoria da Rodovia BA-142 - Trecho Utinga / Tapiramutá

Para que Utinga possa se desenvolver enquanto destinação turística deve melhorar sua acessibilidade para possibilitar crescimento tanto do fluxo de visitantes quanto do de mercadorias.

- Sistema de Abastecimento de Água

Utinga não conta com um sistema de abastecimento de água adequado ao fluxo esperado e potencial, sendo este um componente essencial da qualidade de vida de uma população, com impactos diretos na redução da mortalidade infantil e incidência de doenças transmitidas pela ingestão de água contaminada. Assim pretende-se corrigir as deficiências nos serviços de abastecimento de água do município, melhorando o atendimento aos moradores e turistas e estimulando os investimentos privados na região.

- Sistema de Esgotamento Sanitário

Utinga não disponibiliza de um SES operacional ou em execução, o que acaba por comprometer a qualidade de vida e a experiência turística. Assim, a implantação do SES deverá adequar o município para uma melhor recepção de visitantes, tornando-o mais sustentável a longo prazo.

Wagner

- Sistema de Esgotamento Sanitário

Wagner não possui um SES operacional ou em execução, o que acaba por comprometer a qualidade de vida e a experiência turística. Assim, a implantação do SES deverá adequar o município para uma melhor recepção de visitantes, tornando-o mais sustentável a longo prazo.

- Melhoria do acesso para a Pedra do Chapéu

Atualmente, o acesso para a Pedra do Chapéu encontra-se muito precário, o que torna necessário sua melhoria

➤ Circuito do Diamante

Ibicoara

- Melhoria do acesso a Cachoeira do Buracão - 30 Km da sede

Situada a cerca de 30 Km ou a 1 hora 30 minutos da sede do município, a Cachoeira do Buracão é uma queda com aproximadamente 80 metros de altura que forma um poço grande, envolto por uma formação geológica bastante interessante. Localizada numa área de campos de cerrado, a cachoeira faz parte de um lindo cenário, bem preservado e com paisagem singular que conta, ainda, com marcações de pinturas rupestres. Apresenta, no entanto, uma acessibilidade precária – tanto no trecho de estrada

carroçável quanto na trilha à pé, o que acaba por dificultar sua visitação.

Itaetê

- *Construção do cais no Rio Paraquacú*

O Rio Paraquacú, como já citado anteriormente, é um dos mais importantes da região da Chapada Diamantina sendo que em Itaetê ele se destaca pela sua beleza e utilidade, sobretudo para a população fixa. Assim, há a necessidade da construção de um cais no rio para melhorar sua forma de utilização tanto para os visitantes quanto para os moradores.

- *Ampliação do Sistema de Abastecimento de Água*

Itaetê não conta com um sistema de abastecimento de água adequado ao fluxo esperado e potencial, sendo este um componente essencial da qualidade de vida de uma população, com impactos diretos na redução da mortalidade infantil e incidência de doenças transmitidas pela ingestão de água contaminada. Assim pretende-se corrigir as deficiências nos serviços de abastecimento de água do município, melhorando o atendimento aos moradores e turistas e estimulando os investimentos privados na região.

Lençóis

- *Urbanização de Tanquinho de Lençóis*

O distrito de Tanquinho, em Lençóis, dispõe de um pequeno núcleo urbano que conta com uma praça e uma igreja, possuindo diversos atrativos. Atualmente, o aspecto visual da localidade encontra-se degradado, e a questão do uso do local pelos cidadãos e turistas encontra diversos problemas. Em função da concentração de atrativos turísticos e a posição estratégica da localidade, fazem-se necessárias intervenções de urbanização.

- *Implantação do Centro Turístico-Ambiental do Mucugezinho*

O distrito de Mucugezinho dista cerca de 20 Km da sede municipal, no interior do Parque Nacional da Chapada Diamantina, no Vale do Rio Mucugezinho estando escavado em arenitos eólicos e conglomerados o que acaba formando diversos poços profundos e cachoeiras, dentre os quais destacam-se os poços do Diabo e o dos Patos. Inserido numa região de beleza singular, o Mucugezinho é um dos atrativos naturais mais visitados na região da Chapada Diamantina e, por isso, um dos que mais sofre impactos ambientais negativos. Com fácil acessibilidade - pela BR 242, o local não conta com uma infra-estrutura adequada ao volume e ao tipo de visitação que recebe, o que acaba por sobrecarregar a precária estrutura instalada – por exemplo, com a destruição das trilhas, acarretando em danos ao meio ambiente. Assim, urge a implantação de Centro Turístico-Ambiental do Mucugezinho visando a adequação da visitação frente ao ambiente na qual está ocorrendo.

Mucugê

- Centro de Eventos Múltiplos Regional de Mucugê

O município de Mucugê é um dos destinos turísticos mais consolidados atualmente na região da Chapada Diamantina, contando com diversos atrativos diferenciais tanto naturais como culturais. Assim, sugere-se a implantação de um Centro de Eventos Múltiplos Regional de Mucugê que estimule o desenvolvimento deste setor na área de estudo.

Palmeiras

- Sistema de Esgotamento Sanitário em Campos de São João

Assim como na sede do município de Palmeiras, a região de Campos de São João não conta com um sistema de esgotamento sanitário, configurando-se este como um problema de urgente solução.

- Sistema de Abastecimento em Campos de São João

Semelhante ao supracitado sobre o sistema de esgotamento sanitário, há a necessidade de implantação de um sistema de abastecimento de água adequado na região de Campos de São João.

- Implantação do Monumento Natural e melhoria do acesso aos Sítios Arqueológicos do Matão / Serra Negra

Trata-se de um conjunto de 12 sítios arqueológicos, com inscrições rupestres diferenciados, que ainda não foram minuciosamente estudados. Na região existem pequenas propriedades rurais, relativamente preservadas, com atrativos de valioso patrimônio histórico-cultural e inspira cuidado especial, para que não haja degradação em todos os aspectos. Para isto seria necessário um plano de manejo para que se efetivasse os benefícios do turismo sustentável.

➤ **Circuito do Ouro**

Abaíra

- Melhoria do acesso a Serra do Ouro Fino

Situada na Área de Proteção Ambiental da Serra do Barbado (criada através do Decreto Estadual no. 2183, de 07/06/93, abrangendo uma área de 663,52km²), a Serra do Ouro Fino é um local com rara beleza, com diversos vales e cachoeiras, onde podem-se observar espécies singulares de sempre-vivas, orquídeas e bromélias. Distante da sede municipal, apresenta uma acessibilidade bem precária, sendo recomendado o uso de veículo tração 4x4. Assim, sugere-se a melhoria de seu acesso para que se estimule a visitação ao atrativo.

Piatã

- Melhoria do acesso a Serra do Tromba

Situada numa área ambientalmente conservada a Serra do Tromba é um

local com beleza singular, com diversos vales e cachoeiras, onde podem-se observar espécies endêmicas da região da Chapada Diamantina. Distante da sede municipal, apresenta uma acessibilidade bem precária, sendo sugerido, portanto, a melhoria de seu acesso para que se estimule a visitação ao atrativo.

Rio de Contas

- Melhoria do acesso ao Pico das Almas

O Pico das Almas, situado a 20 Km da sede do município de Rio de Contas, é um atrativo diferencial e altamente qualificado no Circuito do Ouro. Já contando com um fluxo consolidado, apesar de reduzido devido às dificuldades de acesso, tal atrativo possui um significativo potencial de atração. No entanto, para que tal possa ocorrer, deve ser realizada a melhoria da acessibilidade que atualmente é o maior empecilho para seu pleno desenvolvimento.

6.1.3. Ações por Componente e Prioridade

Nas tabelas a seguir relacionadas estão elencados os valores das intervenções supracitadas por componente e prioridade. Ressalta-se que eles seguem a mesma ordem do item anterior visando facilitar, desta forma, a leitura de importância da intervenção com o recurso financeiro sugerido para tal.

Tabela 6.1. Montante de Recursos por Componente			
	Prioridade A	Prioridade B	Total
Componente 1	9.833.000,00	7.140.000,00	16.973.000,00
Componente 2	101.360.000,00	21.853.000,00	123.213.000,00
Componente 3	2.350.000,00	-	2.350.000,00
Total	113.543.000,00	28.993.000,00	142.536.000,00

6.1.3.1. Prioridade A

Tabela 6.2. Prioridade A – Componente 1: Fortalecimento da Gestão Municipal para a Gestão do Turismo (US\$)

Ação Global	2.113.000,00
<i>1 Ação Global</i>	2.113.000,00
Avaliação Regional da Gestão de Resíduos Sólidos do Pólo Chapada Diamantina	70.000,00
Implantação ou Complementação de Plano Diretor Municipal e Lei de Ordenamento de Uso do Solo	923.000,00
Modernização Municipal	1.120.000,00
Chapada Norte	3.155.000,00
<i>Campo Formoso</i>	18.000,00
Inventário e avaliação do patrimônio arqueológico de Campo Formoso	18.000,00
<i>Jacobina</i>	2.087.000,00
Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário	515.000,00
Parque Virtual das Cachoeiras	1.500.000,00
Urbanização de Itaitu	72.000,00
<i>Miguel Calmon</i>	300.000,00
Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário	300.000,00
<i>Morro do Chapéu</i>	750.000,00
Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário	380.000,00
Implantação do Monumento Natural da Cachoeira do Ferro Doido	370.000,00
Diamante	1.430.000,00
<i>Andaraí</i>	75.000,00
Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário	75.000,00
<i>Diamante</i>	500.000,00
Implantação da APA Marimbus / Iraquara	500.000,00
<i>Iraquara</i>	280.000,00
Estudo regional das cavernas e grutas de Iraquara	200.000,00
Implantação de Centro de Informação Turístico-Ambiental (Acesso às Grutas)	80.000,00
<i>Lençóis</i>	475.000,00
Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário	75.000,00
Recuperação Urbanística com novo acesso à cidade de Lençóis	400.000,00
<i>Palmeiras</i>	100.000,00
Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário	100.000,00
Ouro	3.135.000,00
<i>Abaiara</i>	100.000,00
Urbanização da Vila de Catolés de Cima	100.000,00
<i>Ouro</i>	500.000,00
Implantação da APA da Serra do Barbado	400.000,00
Plano e Implantação do Ecoturismo no Circuito do Ouro	100.000,00
<i>Piatã</i>	75.000,00
Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário	75.000,00
<i>Rio de Contas</i>	2.460.000,00
Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário	100.000,00
Implantação do Parque Municipal Natural Serra das Almas	100.000,00
Recuperação da Igreja de Santana	135.000,00
Recuperação do Centro Histórico de Rio de Contas	2.125.000,00

Tabela 6.3. Prioridade A - Componente 2: Planejamento Estratégico, Treinamento e Infra-estrutura para o Crescimento Turístico (US\$)

Ação Global	2.930.000,00
1 Ação Global	2.930.000,00
Projeto de Capacitação	1.500.000,00
Sinalização Turística	1.130.000,00
Sistema de Monitoramento e Evolução do Turismo	300.000,00
Chapada Norte	19.974.000,00
Campo Formoso	4.300.000,00
Melhoria do Acesso para a Gruta da Barriguda e Sumidouro - 90Km da Sede	1.300.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário	3.000.000,00
Jacobina	11.700.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário	11.700.000,00
Miguel Calmon	1.870.000,00
Sistema de Abastecimento de Água	350.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário	1.520.000,00
Morro do Chapéu	1.904.000,00
Ampliação do Sistema de Abastecimento de Água	513.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário	1.391.000,00
Wagner	200.000,00
Melhoria do acesso da rodovia Wagner / Cachoeira das Sete Quedas	200.000,00
Diamante	54.296.000,00
Andaraí	5.154.000,00
Melhoria da Rodovia Tanquinho de Lençóis à Andaraí (Via Lagoa Encantada)	2.900.000,00
Melhoria do acesso à Igatu	260.000,00
Sistema de Abastecimento de Água - Sede	239.000,00
Sistema de Abastecimento de Água em Igatu	105.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário - Sede	1.290.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário em Igatu	360.000,00
Ibicoara	400.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário - Sede	400.000,00
Iraquara	1.800.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário - Sede	1.800.000,00
Itaetê	12.654.000,00
Melhoria da Rodovia BA-142 trecho entroncamento Andaraí/Mucugê - Itaetê-Marcionílio de Souza-Iaçú	12.000.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário	654.000,00
Lençóis	1.541.000,00
Sistema de Abastecimento de Água	461.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário	940.000,00
Terminal Rodoviário de Lençóis	140.000,00
Mucugê	25.120.000,00
Implantação da Rodovia Mucugê - Abaíra	12.000.000,00
Implantação da Rodovia Mucugê - Guiné - Palmeiras	12.000.000,00
Sistema de Abastecimento de Água	460.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário	520.000,00
Terminal Rodoviário de Mucugê	140.000,00
Nova Redenção	800.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário	800.000,00
Palmeiras	3.567.000,00
Implantação da Estrada-Parque Caeté-Açu / Palmeiras	1.880.000,00
Sistema de Abastecimento de Água - Sede	749.000,00
Sistema de Abastecimento de Água do Vale do Capão	190.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário - Sede	358.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário do Vale do Capão	390.000,00
Seabra	3.260.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário	3.260.000,00
Ouro	24.160.000,00
Abaíra	8.900.000,00
Melhoria do acesso a Serra do Barbado - 25 Km da sede	900.000,00
Rodovia Abaíra / João Correa / Mucugê	8.000.000,00
Jussiapé	5.720.000,00
Melhoria do acesso ao Sítio Arqueológico da Tapera - 8 Km da sede	400.000,00
Rodovia Abaíra /Jussiapé	5.320.000,00
Rio de Contas	9.540.000,00
Rodovia Jussiapé / Rio de Contas	8.400.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário	1.000.000,00
Terminal Rodoviário em Rio de Contas	140.000,00

Tabela 6.4. Prioridade A - Componente 3: Promoção de Investimentos do Setor Privado (US\$)

Ação Global	2.350.000,00
<i>1 Ação Global</i>	2.350.000,00
Plano de Marketing e Ações Promocionais	2.000.000,00
Projeto de Artesanato - Apoio à Geração de Emprego e Renda	150.000,00
Projeto de Capacitação Empresarial e Apoio ao Associativismo	200.000,00

6.1.3.2. Prioridade B

Tabela 6.5. Prioridade B – Componente 1: Fortalecimento da Gestão Municipal para a Gestão do Turismo (US\$)

Chapada Norte	4.664.000,00
<i>Campo Formoso</i>	250.000,00
Recuperação das Ruínas da Igreja da Gameleira	100.000,00
Urbanização do bairro da gameleira	150.000,00
<i>Jacobina</i>	1.517.000,00
Implantação do Centro Turístico-Ambiental de Itaitu	66.000,00
Implantação do Centro Turístico-Ambiental na Lagoa Antonio Teixeira Sobrinho	66.000,00
Recuperação da Igreja de São Miguel das Figuras	1.325.000,00
Urbanização da Praça da Missão	60.000,00
<i>Miguel Calmon</i>	204.000,00
Implantação do Parque Estadual das Sete Passagens	204.000,00
<i>Morro do Chapéu</i>	2.693.000,00
Ampliação do aeroporto de Morro do Chapéu	1.200.000,00
Ampliação do centro cultural	600.000,00
Implantação da APA Gruta dos Brejões	350.000,00
Implantação do Parque Estadual de Morro do Chapéu	543.000,00
Diamante	1.819.000,00
<i>Andaraí</i>	1.300.000,00
Recuperação da Casa de Cultura - 2ª etapa e Implantação do Memorial de Andaraí	100.000,00
Recuperação e Estabilização do Sítio Histórico de Igatu	1.200.000,00
<i>Iraquara</i>	175.000,00
Elaboração de Plano de Desenvolvimento Turístico	25.000,00
Elaboração de Plano de Manejo das Cavernas - CECAV	150.000,00
<i>Itaetê</i>	344.000,00
Elaboração e Implantação de PDLU e Aterro Sanitário	100.000,00
Recuperação das matas ciliares do Rio Paraguauçu	174.000,00
Recuperação Paisagística e Urbana com estacionamento no entorno do Poço Encantado	70.000,00
Ouro	657.000,00
<i>Abaíra</i>	283.000,00
Implantação e Plano de Manejo da ARIE Serra da Tromba	275.000,00
Inventário do Patrimônio Histórico para Tombamento	8.000,00
<i>Piatã</i>	174.000,00
Recuperação das matas ciliares do Rio de Contas	174.000,00
<i>Rio de Contas</i>	200.000,00
Urbanização da Vila de Mato Grosso	100.000,00
Urbanização do Distrito de Arapiranga	100.000,00

Tabela 6.6. Prioridade B - Componente 2: Planejamento Estratégico, Treinamento e Infra-estrutura para o Crescimento Turístico (US\$)

Chapada Norte	17.896.000,00
<i>Campo Formoso</i>	6.845.000,00
Ampliação do aeroporto de Campo Formoso	335.000,00
Melhoria do acesso à Gruta do Convento	160.000,00
Melhoria do acesso da Estrada Campo Formoso / Lajes - Curral Velho 247 km	6.000.000,00
Sistema de Abastecimento de Água	350.000,00
<i>Jacobina</i>	501.000,00
Construção de rampa de saltos para vôo livre	41.000,00
Melhoria do acesso à Cachoeira Véu da Noiva - 23 Km da sede	460.000,00
<i>Morro do Chapéu</i>	2.620.000,00
Anel Viário de Morro do Chapéu	1.720.000,00
Melhoria do acesso para a Gruta dos Brejões	900.000,00
<i>Ourolândia</i>	637.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário	637.000,00
<i>Piritiba</i>	1.156.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário	1.156.000,00
<i>Saúde</i>	1.200.000,00
Melhoria da Rodovia BA-131 - Trecho BR-324 / Saúde	1.200.000,00
<i>Utinga</i>	4.137.000,00
Melhoria da Rodovia BA-142 - Trecho Utinga / Tapiramutá	2.100.000,00
Sistema de Abastecimento de Água	450.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário	1.587.000,00
<i>Wagner</i>	800.000,00
Melhoria do acesso as Pedras do Chapéu	75.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário	725.000,00
Diamante	2.957.000,00
<i>Ibicoara</i>	780.000,00
Melhoria do acesso a Cachoeira do Buracão - 30 Km da sede	780.000,00
<i>Itaetê</i>	320.000,00
Ampliação do Sistema de Abastecimento de Água	250.000,00
Construção do cais no Rio Paraguaçu	70.000,00
<i>Lençóis</i>	482.000,00
Implantação do Centro Turístico-Ambiental do Mucugezinho	382.000,00
Urbanização de Tanquinho de Lençóis	100.000,00
<i>Mucugê</i>	405.000,00
Centro de Eventos Múltiplos Regional de Mucugê	405.000,00
<i>Palmeiras</i>	970.000,00
Implantação do Monumento Natural e melhoria do acesso aos sítios arqueológicos do Matão / Serra Negra	500.000,00
Sistema de Abastecimento de Água em Campos de São João	110.000,00
Sistema de Esgotamento Sanitário em Campos de São João	360.000,00
Ouro	1.000.000,00
<i>Abaíra</i>	340.000,00
Melhoria do acesso a Serra do Ouro Fino	340.000,00
<i>Piatã</i>	260.000,00
Melhoria do acesso a Serra do Tromba	260.000,00
<i>Rio de Contas</i>	400.000,00
Melhoria do acesso ao Pico das Almas - 20 Km da sede	400.000,00

Tabela 6.8. Montante de Recursos por Circuito (US\$)

	Prioridade A	Prioridade B	Total
Ações Globais	7.393.000,00	-	7.393.000,00
Circuito Chapada Norte	23.129.000,00	22.560.000,00	45.689.000,00
Circuito do Diamante	55.726.000,00	4.776.000,00	60.502.000,00
Circuito do Ouro	27.295.000,00	1.657.000,00	28.952.000,00
Total	113.543.000,00	28.993.000,00	142.536.000,00

6.2. Ações Não-Financiáveis

As ações relacionadas a seguir foram determinadas segundo a mesma metodologia das supracitadas, no entanto, em função de suas características como aspectos institucionais, objetivos etc., não são financiadas pelo PRODETUR/NE II. Assim, entende-se que deverão ser viabilizadas outras formas de financiamento, já que essas ações são igualmente importantes para o desenvolvimento sustentável do turismo na área de estudo.

- Melhorar os equipamentos e postos de saúde em Jacobina
- Melhorar os equipamentos e postos de saúde em Morro do Chapéu
- Melhorar os equipamentos e postos de saúde em Jacobina
- Equipar hospital e postos médicos em Bonito
- Equipar hospital e postos médicos em Ouro-lândia
- Melhorar os equipamentos e postos de saúde em Andaraí
- Melhorar os equipamentos e postos de saúde em Lençóis
- Melhorar os equipamentos e postos de saúde em Mucugê
- Equipar hospital e postos médicos em Ibicoara
- Equipar hospital e postos médicos em Itaetê
- Equipar hospital e postos médicos em Nova Redenção
- Equipar hospital e postos médicos em Palmeiras
- Melhorar os equipamentos e postos de saúde em Livramento de Nossa Senhora
- Equipar hospital e postos médicos em Abaíra
- Equipar hospital e postos médicos em Érico Cardoso
- Equipar hospital e postos médicos em Rio de Contas
- Desenvolvimento de Programa de Multifuncionalidade Rural, relacionando ecologia, piscicultura, agricultura, pecuária e turismo em Abaíra
- Estímulo ao transporte rodoviário de passageiros na região
- Incentivo à melhoria do transporte intermunicipal em Mucugê
- Ampliação do efetivo de policiamento regular em Jacobina

- Ampliação do efetivo de policiamento regular em Andaraí
- Ampliação do efetivo de policiamento regular em Lençóis
- Ampliação do corpo técnico de fiscalização ambiental em Jacobina
- Ampliação do corpo técnico de fiscalização ambiental em Morro do Chapéu
- Ampliação do corpo técnico de fiscalização ambiental em Andaraí
- Ampliação do corpo técnico de fiscalização ambiental em Lençóis
- Ampliação do corpo técnico de fiscalização ambiental em Andaraí
- Ampliação do corpo técnico de fiscalização ambiental em Lençóis
- Ampliação do efetivo de policiamento regular em Rio de Contas
- Criação de efetivo de busca e resgate em Rio de Contas
- Ampliação do corpo técnico de fiscalização ambiental em Rio de Contas
- Criação e implantação do sistema de acompanhamento e supervisão da evolução do turismo no Pólo Chapada Diamantina
- Substituição da rede de energia tradicional pela subterrânea em Lençóis
- Melhoria Rede Iluminação Pública de Andaraí/Mucugê/Palmeiras
- Valorização da lapidação de cristais em Abaíra
- Substituição dos cabos aéreos elétricos e de telefonia para subterrâneo em Palmeiras

7. PARTICIPAÇÃO PÚBLICA E VALIDAÇÃO DO PDITS



7. Participação Pública e Validação do PDITS

O objetivo deste capítulo é relatar os principais resultados das reuniões de trabalho que envolveram representantes do Poder Público dos municípios e do Governo do Estado da Bahia, representantes do setor privado e representantes das comunidades locais no Pólo Chapada Diamantina. A metodologia adotada neste plano para que o dimensionamento e a priorização das ações e investimentos proporcionados pelo PRODETUR/NE II atendessem efetivamente aos interesses e anseios locais também é detalhada no presente capítulo.

7.1. O Planejamento Participativo

A participação das comunidades na elaboração do PDITS oferece oportunidades aos moradores locais para que eles possam refletir e deliberar sobre o futuro de suas localidades. Também garante o comprometimento dos envolvidos com sua implementação e colabora para o fortalecimento da cidadania. Assim sendo, essa participação comunitária é uma das principais características desse plano. Pela importância dessa participação no resultado final, este capítulo descreve como se deu esse processo de interação.

Primeiramente, faz-se uma síntese sobre os diferentes momentos em que a comunidade foi consultada. Há uma breve descrição da sistemática das reuniões realizadas, esclarecendo as linhas gerais do processo participativo em cada uma das etapas. Em um segundo instante, é feita uma análise da representatividade atingida em cada reunião, a partir da quantidade de pessoas presentes e do setor a que pertencem os participantes. Finalizando o capítulo, há uma explicação sobre como foi a utilização dos dados fornecidos pela comunidade e, enfim, uma conclusão avaliando os resultados e metas atingidas neste processo participativo.

Este PDITS foi preparado pela equipe da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em um grande esforço de cooperação com a SUDETUR e demais órgãos da Secretaria de Cultura e Turismo da Bahia. As interações com a comunidade foram elaboradas para que o ponto de vista e as sugestões das comunidades envolvidas com o desenvolvimento turístico fossem consideradas e atendidas.

Dada a complexidade inerente a um processo de planejamento turístico sustentável, procurou-se utilizar a colaboração da comunidade ao longo da elaboração desse PDITS. Assim, julgou-se conveniente que as interações fossem pontuais, realizadas através de reuniões focais e distribuídas durante três momentos distintos:

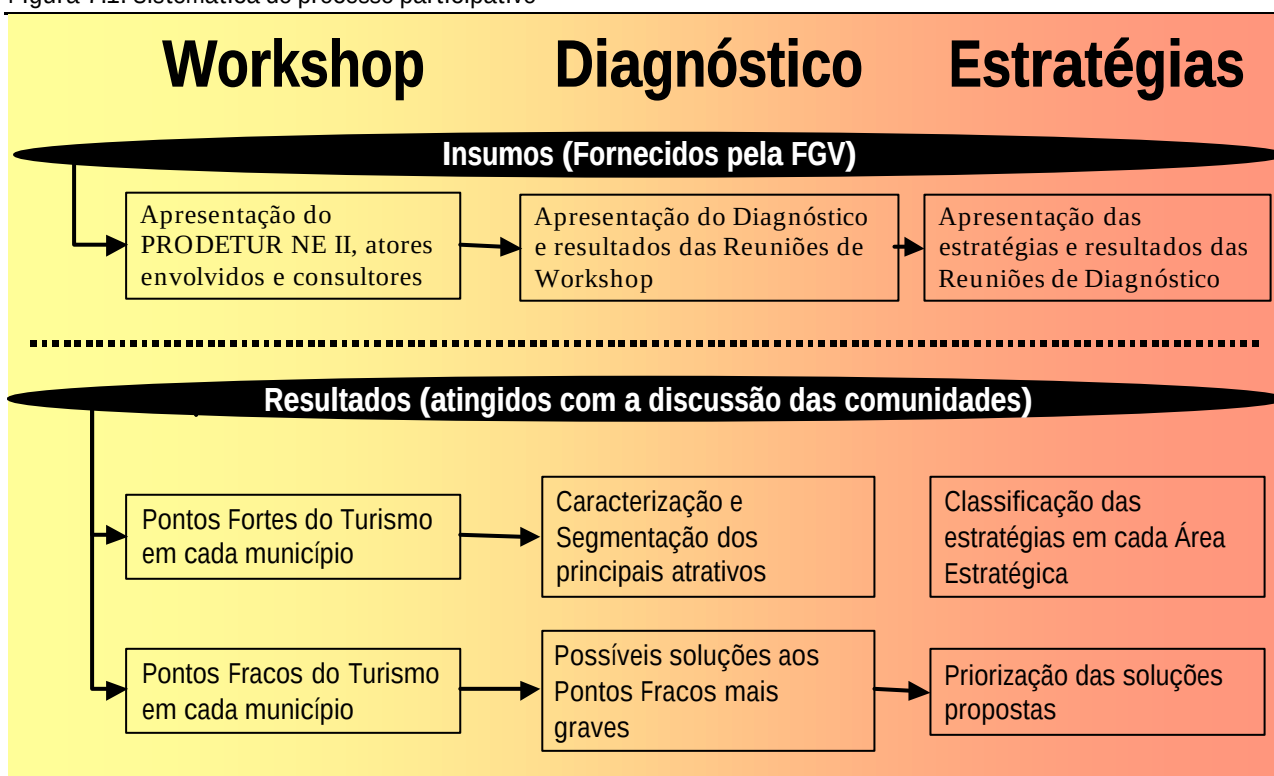
Workshop e Diagnóstico – apresentação do PRODETUR/NE II, da equipe e das etapas do trabalho. Aproveitou-se esse momento para identificação dos pontos fortes e fracos do turismo em cada município. Também foi solicitado apoio para a realização da pesquisa de campo que seria realizada a seguir. No caso do Pólo Chapada Diamantina realizou-se, também, a discussão sobre o diagnóstico, servindo para confirmar as informações já pesquisadas, aprofundar a análise dos pontos fortes e sugerir ações para mitigar os pontos fracos

Estratégias – após a consolidação do diagnóstico, a equipe responsável pelo PDITS identificou uma série de estratégias e ações para o desenvolvimento turístico, retornando à comunidade para consultá-la sobre sua relevância.

Validação – com as estratégias e ações priorizadas, finalizou-se o PDITS. Esta última reunião procurou avaliar o plano como um todo, solicitando ao Conselho Gestor do Pólo Turístico Chapada Diamantina a sua validação.

A figura abaixo ilustra os insumos e resultados das reuniões focais:

Figura 7.1. Sistemática do processo participativo



Elaboração: FGV 2002

As reuniões focais foram planejadas para atender às demandas das comunidades da área de planejamento. Para que a participação dos representantes dos municípios fosse possível e adequada utilizou-se duas estratégias:

- **Utilização de metodologias de planejamento participativo** - para que o grande número de pessoas presentes durante as reuniões pudesse expressar suas opiniões adequadamente; e
- **Repetição de cada reunião focal em mais de um município do Pólo** – para garantir que as dificuldades de locomoção não inibissem a presença de representantes, também permitindo que a divisão de grupos permitisse reuniões mais produtivas.

Essas reuniões foram distribuídas espacialmente de modo que facilitassem a presença de grupos de municípios. Para cada reunião, foram convocados representantes de municípios próximos ao local da realização. Para a primeira reunião focal, ocorreram cinco diferentes encontros para que todos os municípios estivessem representados.

As reuniões focais eram abertas à comunidade em geral. Identificou-se, entretanto, um especial interesse para a participação de pessoas com vínculo mais direto com a atividade turística, como funcionários públicos (municipais e estaduais), sociedade civil organizada (ONGs e lideranças comunitárias) e empresários do setor turístico. Por meio de solicitação da SUDETUR, a convocação desses indivíduos e instituições ficou a cargo das prefeituras de cada município.

7.2. Resultados das Reuniões

Após a realização das reuniões de trabalho nos municípios do Pólo Turístico Chapada Diamantina, os resultados obtidos foram tabulados em um banco de dados, de forma a incorporar as críticas e sugestões discutidas durante as reuniões.

A Tabela 7.1 apresenta um resumo das diversas reuniões realizadas, assim como os municípios presentes e ausentes em cada uma delas, o número de pessoas presentes e as respectivas datas.

Tabela 7.1. Reuniões com a comunidade – PDITS do Pólo Turístico Chapada Diamantina

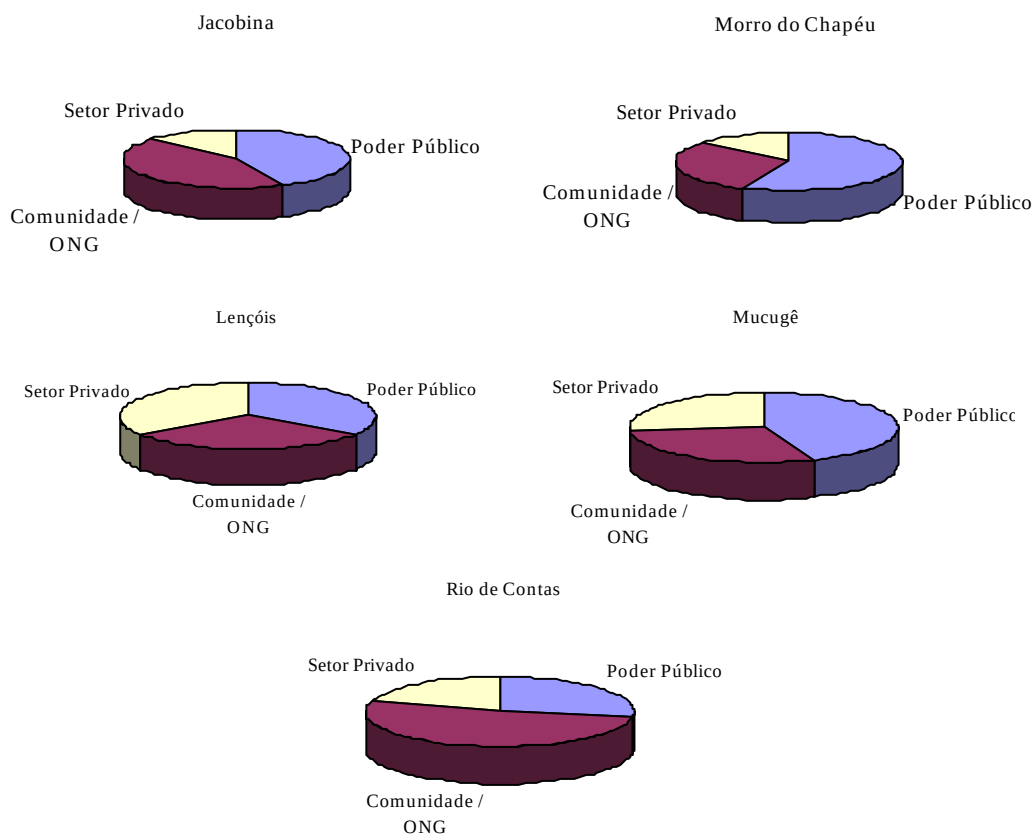
Reunião	Circuito	Local	Data	Municípios Presentes	Municípios Ausentes	Total
Workshop de Diagnóstico	Chapada Norte	Jacobina	14/01/02	Caém, Campo Formoso, Jacobina, Miguel Calmon, Ouro-lândia, Piritiba e Saúde	-	51
	Chapada Norte	Morro do Chapéu	15/01/02	Bonito, Morro do Chapéu, Utinga e Wagner	-	37
	Diamante	Lençóis	16/01/02	Iraquara, Lençóis, Palmeiras e Seabra	-	35
	Diamante	Mucugê	17/01/02	Andaraí, Ibicoara, Itaetê, Mucugê e Nova Redenção	-	62
	Ouro	Rio de Contas	18/01/02	Abaíra, Érico Cardoso, Livramento de Nossa Senhora e Rio de Contas	Jussiape, Paramirim, Piatã e Rio do Pires	40
	Total					225
Estratégias	Chapada Norte	Jacobina	08/10/02	Jacobina, Miguel Calmon, Morro do Chapéu e Saúde	Bonito, Caém, Ouro-lândia, Piritiba, Utinga e Wagner	27
	Diamante	Lençóis	09/10/02	Andaraí, Ibicoara, Iraquara, Itaetê, Lençóis, Mucugê, Palmeiras e Seabra	Nova Redenção	87
	Ouro	Rio de Contas	10/10/02	Abaíra, Érico Cardoso, Jussiape, Livramento de Nossa Senhora, Piatã e Rio de Contas	Paramirim e Rio do Pires	60
	Total					174
Validação						

7.2.1. Reuniões de Diagnóstico

Durante a primeira fase do processo de planejamento participativo no Pólo Turístico Chapada Diamantina, foram realizadas reuniões de trabalho em cinco municípios da região, que são: Jacobina, Morro do Chapéu, Lençóis, Mucugê e Rio de Contas. O total de pessoas envolvidas nesta fase dos trabalhos foi de 225 pessoas. Dos vinte e oito municípios do Pólo, apenas quatro não enviaram representantes para o *workshop*, quais sejam: Jussiape, Paramirim, Piatã e Rio do Pires.

As reuniões focadas nos municípios do Circuito Chapada Norte realizaram-se em dois municípios diferentes: Jacobina e Morro do Chapéu. As reuniões que envolviam as localidades pertencentes ao Circuito do Diamante ocorreram em Lençóis e Mucugê. Conforme mencionado anteriormente, optou-se por realizar os eventos em vários municípios para que um número maior de atores sociais pudesse participar dos trabalhos, haja vista que a distância de deslocamento entre os municípios representa uma dificuldade a mais para que ocorra uma maior participação dos atores sociais. A reunião no Circuito do Ouro ocorreu apenas no município de Rio de Contas.

Gráfico 7.1. Participantes das reuniões de diagnóstico por setor



Elaboração: FGV 2002

Em relação aos setores sociais envolvidos nas reuniões de diagnóstico, cabe salientar que o Poder Público foi o setor que teve maior número de representantes nas reuniões de trabalho, com 41,3% do total, seguido das comunidades locais com 37,3% e pelo setor privado, com 21,3%.

Observa-se que nas duas reuniões do Circuito do Diamante, ocorridas em Lençóis e Mucugê, o setor privado apresentou maior participação do que nos outros circuitos. Em Lençóis, 34,3% dos participantes da primeira reunião de trabalho foram do setor privado, o que reflete o maior interesse destes empresários para com as questões relativas ao turismo na Chapada Diamantina.

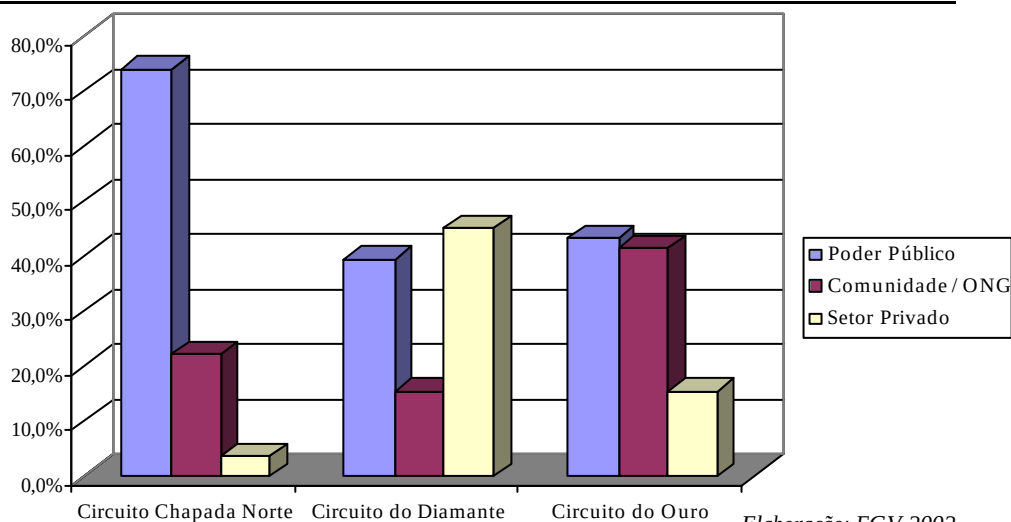
No Circuito Chapada Norte, observa-se que o setor privado teve um número reduzido de representantes, cerca de 13% nas duas reuniões do circuito, que ocorreram em Jacobina e Morro do Chapéu. Na reunião de Jacobina, o Poder Público e a comunidade local apresentaram o mesmo número de representantes, que foi de 22. Em Morro do Chapéu, mais da metade dos presentes à reunião fazia parte do Poder Público.

Já na reunião ocorrida no Circuito do Ouro, no município de Rio de Contas, a presença da comunidade local foi bastante representativa, mais da metade dos presentes representavam setores populares da região. Neste circuito, observou-se a menor participação do Poder Público na reunião.

7.2.2. Reuniões de Estratégia

O gráfico apresentado a seguir mostra a participação dos setores sociais envolvidos na segunda fase das reuniões de trabalho, durante as Reuniões de Estratégia.

Gráfico 7.2. Participantes das reuniões de estratégia por setor



As reuniões de apresentação das estratégias para o desenvolvimento do turismo no Pólo Turístico Chapada Diamantina ocorreram entre os dias 08 e 10 de outubro de 2002, nos três circuitos pertencentes ao Pólo, com a participação de representantes dos municípios, da comunidade e do *trade* turístico regional. Como expositores, havia dois representantes da Sudetur, um do Banco do Nordeste e três consultores da FGV.

Os principais objetivos destas reuniões foram: (i) apresentar as Estratégias de Turismo para a Bahia e para cada um dos Circuitos Turísticos da Chapada Diamantina (Chapada Norte, Circuito do Diamante e Circuito do Ouro); (ii) apresentar as ações recomendadas pela comunidade em reuniões anteriores e pelas equipes da Sudetur e da FGV para cada um dos municípios; (iii) identificar a priorização das ações recomendadas; e (iv) identificar novas ações bem como sua priorização pelos participantes dos municípios.

Para tanto, foram convidados os principais envolvidos com a atividade turística na região, fossem eles do setor público, do setor privado ou da sociedade civil interessada.

É importante notar-se que a participação de pessoas do município que sediou a reunião foi novamente mais representativa, tanto em número de pessoas quanto em diversidade de entidades e instituições. Ainda, destaca-se que diversos órgãos estaduais cujas áreas de atuação são influenciadas pelo turismo (CONDER, DERBA, ACAR, CRA e SCT), também enviaram representantes.

Durante as Reuniões de Estratégia, os circuitos do Pólo foram representados de forma bastante diferente pelos setores sociais dos municípios. Compareceram às reuniões de trabalho 169 representantes, sendo 78 do Poder Público dos municípios, 43 da comunidade local e 48 do *trade* turístico regional.

Na reunião do Circuito Chapada Norte, ocorrida em Jacobina, houve uma predominância de representantes do setor público, cerca de 74% do total. As comunidades locais obtiveram uma representatividade de cerca de 22%. Já o setor privado teve o menor número de representantes de todas as reuniões, cerca de apenas 4%.

Durante a reunião do Circuito do Diamante, ocorrida em Lençóis, observou-se uma grande participação do setor privado, de cerca de 45%. Observou-se também, que a participação empresarial aumentou na segunda reunião de trabalho, em relação à reunião anterior. Destaca-se que a participação das comunidades locais diminuiu em termos quantitativos da primeira para segunda reunião. O percentual de representantes do Poder Público na segunda reunião de Lençóis foi de 34,3%.

Já na reunião do Circuito do Ouro, ocorrida no município de Rio de Contas, registrou-se um equilíbrio numérico de representantes do Poder Público e das comunidades locais, tendo o setor privado uma menor participação.

7.3. Utilização das Informações da Comunidade

As reuniões foram realizadas e direcionadas para o desenvolvimento do processo de planejamento participativo, numa forma seqüencial em que os resultados de um encontro eram utilizados como subsídios para o próximo, e assim por diante.

Assim, é necessário se destacar que os municípios que estiveram ausentes na primeira reunião encontraram alguma dificuldade para alcançar o mesmo ponto de discussão e participação que os outros municípios no evento seguinte.

A sistemática de utilização das informações cedidas pelas comunidades seguiu basicamente duas vias: a dos pontos fortes do turismo em cada município e a dos pontos fracos, ambos levantados nas reuniões de diagnóstico.

Selecionaram-se, após a visita de campo, os pontos fortes (basicamente atrativos) mais votados pela comunidade e os mais relevantes segundo considerações dos consultores. Sobre estes atrativos selecionados, foi solicitado a caracterização e segmentação destes atrativos. Tendo como base esta caracterização e segmentação, os atrativos foram avaliados com notas e classificados.

Os pontos fracos foram mais extensamente trabalhados nas reuniões, resultando em um plano de ação concebido e priorizado pela comunidade. Depois de levantados nos *workshops*, os pontos fracos foram cadastrados em um banco de dados e classificados conforme suas respectivas votações. Na reunião de Diagnóstico, a comunidade pôde sugerir possíveis soluções à estes problemas, dando ênfase aos mais votados.

As soluções propostas pela comunidade foram cadastradas nesse mesmo banco de dados e extensamente analisadas. Percebeu-se nesta análise que algumas ações resolviam mais de um ponto fraco e que muitas delas se repetiram em vários municípios.

Finalmente, na reunião de Estratégias, as comunidades priorizaram as ações por elas propostas utilizando “A” para as mais urgentes/importantes e “B” para as secundárias. Além de priorizar as ações propostas na reunião de Diagnóstico, a comunidade classificou as estratégias dentro de cada Área Estratégica conforme sua importância.

7.4. Conclusão

As reuniões resultaram num plano de ação preparado pela comunidade e priorizado por ela. A este plano de ação foram acrescentados ações e programas sugeridos pelo Governo do Estado e pela equipe de consultoria.

Num segundo momento, este plano de ação foi classificado conforme os componentes do PRODETUR/NE II, podendo ser visto no capítulo 6. Planos de Ação.

Considerando a riqueza e qualidade das informações colhidas, pode-se concluir que o processo participativo adotado para a elaboração deste PDITS foi eficiente. Os resultados esperados no projeto participativo foram atingidos e foram levantadas as informações que garantem às comunidades poder legítimo de decisão.

A julgar pela participação dos diversos setores da sociedade local, a conclusão que se chega não é muito diferente. A continuidade de muitos dos participantes em todas as reuniões foi interessante por proporcionar dinâmica ao trabalho e, também, para a percepção de que existem muitos representantes (principalmente da sociedade civil) interessados no futuro de sua localidade e na participação nos processos decisórios.

Também é importante ressaltar que a metodologia de participação já era de conhecimento da comunidade, pois é semelhante às utilizadas nos processos de elaboração da Agenda 21 e do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT). Alguns temas já haviam sido trabalhados pela comunidade anteriormente, sendo as reuniões sobre o PRODETUR/NE II também um complemento às discussões comunitárias.

Apesar de contar com um bom número de participantes, as reuniões para elaboração do PDITS ainda podem ser mais bem aproveitadas. A cada modalidade de interação com a comunidade, e apesar de grande parte dos presentes estarem nas reuniões anteriores, havia uma certa carga de novidade no material apresentado. As discussões abertas em cada modalidade poderiam ser mais produtivas caso houvesse mobilização para organização de uma agenda comum ao município, identificando previamente as principais necessidades e soluções. Essa mobilização prévia à realização das reuniões poderia gerar um consenso interno, fortalecendo a posição dos municípios para o PDITS.

Ademais, a intervenção comunitária no processo de planejamento do Estado é um sinal de que há interesse e compromisso por parte da população em participar da construção de um turismo sustentável e promissor para todos. Tal interesse e compromisso são grandes aliados ao planejamento estadual que ora está se implantando.

ANEXOS